

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MARIA ROSA MYSTICA.

EXCELLENCIAS, PODERES, E MA-
ravilhas do seu Rosario,

COMPENDIADAS
EM TRINTA SERMOENS ASCETICOS,
& Panegyricos sobre os dous Evangelhos desta solemnidade
Novo, & Antigo:

OFFERECIDAS
A^o SOBERANA MAGESTADE DA MESMA

SENHORA

Pelo P. ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESU DA PROVINCIA
do Brasil, em comprimento de hum voto feito, & repetido em gran-
des perigos da vida, de que por sua immensa benignidade, &
poderosissima intercessão sempre sahio livre.

I. PARTE.



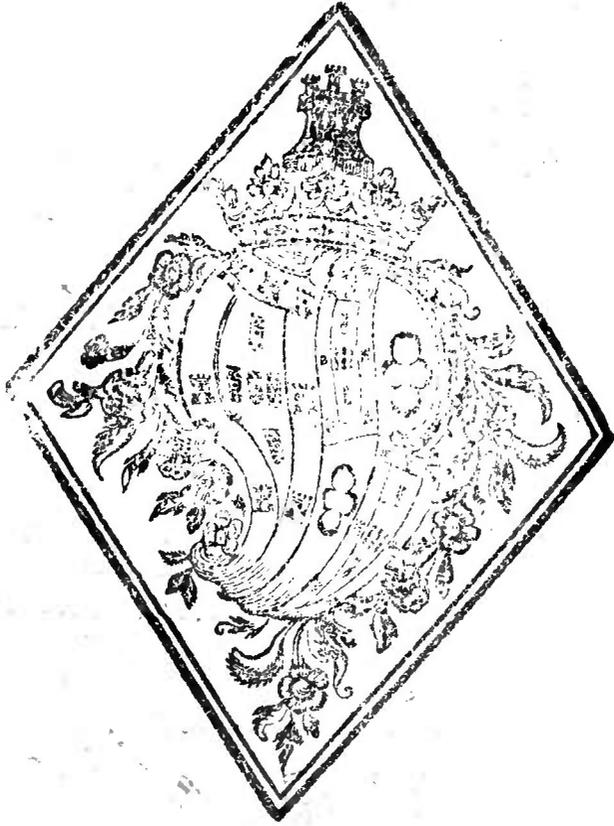
Antonio Vieira

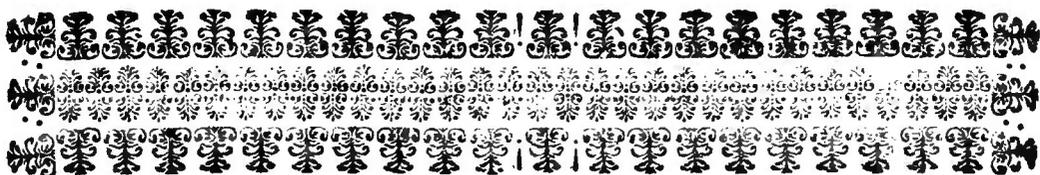
L I S B O A.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES, Na Rua da Figueyra.
A^o custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças, & Privilegio Real.





*Censura do M. R. P. M. Dom. Rafael Bluteau, Clerigo Regular
Theatino, Qualificador do Santo Officio.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de vossa Illustriſſima li eſte primeiro Tomo das excellencias do Roſario, intitulado, *Maria Roſa Myſtica*, compoſto pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jeſu, Prégador de Sua Mageſtade, & não achando nelle couſa alguma contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, a censura, que lhe dou, he, que todos (na minha opiniaõ) ſe poderãõ queixar deſte Livro: os Leitores, porq̃ terãõ tanto, que admirar, que lhe faltará tempo para ler; & os Eſcritores, porque terãõ tanto, que obſervar, que não lhe ficará lugar para eſcrever. No frontiſpicio deſte Livro, diz o Author, que o compoz em cumprimento de hum voto feito em grandes perigos da vida. Pouco receava os naufragios do corpo, quem com elles preparava triunfos ao ſeu engenho; nem ha para que nos laſtimemos de tormentas, que nos trouxeraõ com eſtas excellencias do Roſario, huma marè de Roſas. Deſmente poiſ eſta obra as obras da natureza, porque ſendo cada folha deſte Livro huma Roſa, não ha em todas eſtas Roſas hum eſpinho. Bem podêra o Author ter eſcrupulo de dar aos entendimentos tanto goſto; mas quero ſupor, que não ignora, que a piedade, com que ſe enſina, canoniza a elegancia, com que ſe eſcreve. Porém taõ fóra eſtou de o poder deſculpar, que he forçoſo, que o torne a arguir de dous crimes; da enveja, que do ſeu talento toda a Europa tem a Portugal, & da deſeſperaçaõ, em que mete os Oradores, de poder imitar o ſeu eſtylo. E ainda aſſim entendo que he juſto, que ſem deſcanço, & ſem limite corra, o parto de hum engenho, que tanto voa.

Este he o meu sentir; Vossa Senhoria Illustrissima ordenará o que lhe parecer mais conveniente. Lisboa no Convento de Nossa Senhora da Divina Providencia 4. de Dezembro de 1685.

Dom Rafael Bluteau.

Censura do M. R. P. M. Frey Thomè da Conceyção, da Sagrada Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.

I L L U S T R I S S I M O S E N H O R ,

LI por mandado de Vossa Illustrissima esta Primeira Parte de Sermões do Rosario, compostos pelo Padre Antonio Vieira, da Sagrada Religião da Companhia de Jesu, & meretissimo Prégador de Sua Magestade: não li nelles cousa alguma que encontre nosa Santa Fé, ou bons costumes; em cada hum dos Sermoens se vê com admiração a fineza do Engenho deste singular Prégador, & em todos juntos a fecundidade de seu discurso; pois sendo o assumpto hum só, nelle, & delle desentranhou materia para quinze Sermoens diversos, sem em algum delles repetir o que diz em cada hum; emfim he empenho, a que este grande talento (como diz no principio do Livro) se obrigou por hum voto, & por isso fae nelle com o melhor. Parece dignissimo da licença que se pede para se dar à estampa, para gloria da santa, & maior devação do Rosario. Lisboa no Convento do Carmo 5. de Janeyro de 1686.

Frey Thomè da Conceyção.

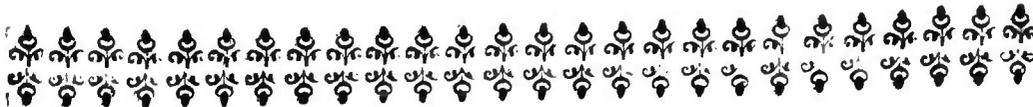
Censura do M. R. P. Doutor Bertholameu do Quintal, Preposito da Congregação do Oratorio.

S E N H O R

Vossa Magestade me mandou que visse a Primeira Parte dos Sermoens do Rosario, que compoz o Padre Antonio Viei-

ra da Sagrada Companhia de Jesu, Prêgador de Vossa Magestade, pondo nelles o meu parecer; & logo no primeiro Sermaõ topei com humas vozes taõ altas, & levantadas, que o primeiro, que me pareceo foi, que naõ podia chegar a perceber, & muito menos averiguar a altura dos pontos a que chegavaõ estas vozes; a mulher das Turbas levantou a voz: *Extollens vocem quædam mulier de turba*; & este Evangelico Prêgador, de quem podemos dizer o que o Grande Bautista de si, que era voz, *Ego vox*, assim levantou a sua, que parece chegou a ponto mais alto do que a mulher das turbas: o certo he que ambas estas vozes chegáraõ a ponto taõ alto, que naõ será facil achar Prêgador, q̄ chegue com a sua voz ao ponto destas vozes, nem mulheres das turbas, que saibaõ rezar por este Rosario com taes extremos; emfim Marcella era Santa, & nos louvores de Maria Santissima, & seu Bemditissimo Filho chegavaõ a muito altos pontos as vozes das Santas, ainda que sejaõ das turbas; mas obrigado do preceito de Vossa Magestade, digo que esta obra he dignissima de se imprimir, porque naõ soando em algum ponto contra o Reyno, feria grande magoa ficarem em silencio vozes taõ altas, & sonoras, que com a sua harmonia recreaõ os ouvidos, & com os seus clamores despertaõ o nosso descuido para a nossa reforma: persuadindonos para ella com razoes, & com exemplos hum meyo taõ efficaç como a devaçãõ do Rosario da Senhora, & ensinandonos ao rezar bem, unindo a oraçaõ vocal cõ a mental, as vozes exteriores cõ a consideraçãõ interior dos seus mysterios, porq̄ a oraçaõ mental he a alma da vocal, & assim como o corpo sem alma he cadaver, & naõ homem, a oraçaõ vocal sem a mental he só cadaver de oraçaõ, mas naõ oraçaõ viva, & efficaç. Vossa Magestade mandarà o que for servido. Lisboa, Congregaçaõ do Oratorio 12. de Fevreyro de 1686.

Bertholameu do Quintal.



L I C E N Ç A S

Da Religião.

EU Antonio de Oliveyra, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por especial commissão que tenho de nosso M. R. P. Carlos de Noyelle, Preposito Géral, dou licença, para que se possa imprimir este Livro, da Primeira Parte dos Sermoens do Rosario do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prégador de Sua Magestade, o qual foy revisto, examinado, & approvedo por Religiosos doutos della, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta assinada com meu final, & sellada com o Sello de meu Officio. Dada na Bahia aos 15. de Novembro de 1684.

Antonio de Oliveyra.

Do Santo Officio.

Vistas as informações, podemse imprimir os Sermoens de que nesta petição se faz menção, & depois de impressos tornarão para se conferir, & dar licença, que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 8. de Janeiro de 1686.

Feronymo Soares. João da Costa Pimenta.

Do Ordinario.

Podemse imprimir os Sermoens, de que a petição faz menção, & depois tornarão para se conferirem, & se dar licença para correr,

correr, & sem ella não correráõ. Lisboa 13. de Janeiro de 1686.

Serraõ.

Do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impresso tornará a esta Mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 15. de Fevereiro de 1686.

Marquez P. Lamprea. Marchaõ.

Visto constar do despacho atráz da primeira folha do P. M. Qualificador Fr. Thomè da Conceyção estar conforme com feu Original, pôde correr. Lisboa 9. de Novembro de 1686.

Ioão da Costa Pimenta. Fr. Vicente de Santo Thomàs.

POde correr. Lisboa 10. de Novembro de 1686.

Serraõ.

TAyxaõ este Livro em doze tostoens. Lisboa 12. de Novembro de 1686.

Roxas. Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeyre.



Erratas desta Primeira Parte do Rosario.

Paginas.	4.	Se na mental	& na mental.
	7.	Devoção	Devação.
	95.	Quando forem mais	altos. Quanto forem mais altos.
	110.	Só o podéra	Só o poderá.
	147.	Engazadas.	Engrazadas.
	151.	<i>Qued.</i>	<i>Quod.</i>
	162.	Vniversidade.	Vniversalidade.
	162.	Alcançaráõ.	Alcançariaõ.
	178.	De todos.	De todo.
	195.	A que.	A quem.
	358.	Mesma faõ.	A mesma faõ.
	390.	Religiosissimo.	Irreligiosissimo.
	472.	Que mais tem não) elles, se não os seus) filhos.	Que mais tem, que elles, os seus filhos.



SERMÃO

COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO
exposto.



Loquente Jefu ad turbas, extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ fuxisti. At ille dixit: Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Luc. 11.

I.



REGANDO
Christo Redemptor nos-

so a hũa grãde multidaõ de bons, & maos ouvintes, depois de ter convencido com força de evidentes razões a rebeldia dos maos, levantou a voz humã boa molher, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ fuxisti.* Bemaventurado o ventre, que trouxe dentro em sy tal Filho, &

bemaventurados os peitos, a que foy criado. Não negou o Senhor o que disse a devota molher, porque eraõ dignos louvores da bendicta entre todas as molheres; mas porque no rompimento daquellas vozes mostrava bem o inteiro juizo, que fizera do que tinha ouvido, respondeo o Mestre Divino: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* Antes, te digo, que bemaventurados são, como tu fizette, os que ouvem a pala-

A
vra

vra de Deos , & a guardaõ. Isto he pontualmente, & letra por letra,tudo o que nos refere o Evangelista S. Lucas no Texto que propuz , largo para thema,mas breve para Evangelho, & mais em dia de tão grande solemnidade.

2. O que nelle noto, & me admira muito,he que em tal tempo,& em tal concurso esta molher fallasse com Christo, & Christo lhe respondesse. Não he ponderação minha, senão do mesmo Evangelista: *Factum est autem, cum hæc diceret, extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi.* Aquelle termo, *Factum est autem*, he huma prefação, em que mostra o Evangelista, que passa a dizer hum caso raro,notavel, novo,que de nenhum modo se podia esperar, nem presumir.E assim foy. Que no meyo da prègação falle huma molher, não he novidade: mas que levante a voz: *Extollens vocem*; & que falle não com outrem, senão com o mesmo Prègador: *Dixit illi?* Caso foy muito notavel.Porèm que o Prègador,

sendo Christo, no meyo, & no fio da prègação: *Cum hæc diceret*: não só dê ouvidos à molher, mas lhe responda, & pelos mesmos termos: *Beatus venter, Beati qui audiunt?* Mayor caso, & mais notavel ainda.Mas assim havia de ser, & assim importava que fosse.Porque,ou para que? Para que os Prègadores,que nos mysterios,& solemnidades da Virgem Senhora nossa temos tanto trabalho em accõmodar os Evangelhos, tivessemos hum Evangelho muito proprio, muito proporcionado, muito natural, & muito facil, cõ que prègar do seu Rosario. E esta he a razaõ, porque a Igreja Catholica allumada pelo Espirito Santo, instituindo novo Officio, & nova Missa do Rosario, mandou cantar nella não outro, senão o Evangelho q̄ ouvistes, & eu referi todo. Assim que este Evangelho he o mais proprio, & accõmodado, & este, na sua mesma brevidade, o mais capaz de se poder prègar nelle a Devação santissima do Rosario, & se declarar em por elle a essencia,

& excellencias de tão soberana Oração.

3. S. João Chryfostomo, & S. Gregorio Niffeno, dous grandes Lumes da Igreja, & seus Interpretes, definirão a perfeita Oração desta maneira. S. Chryfostomo fallando da Oração em commum no livro primeiro, *De orando Deum*, diz que a perfeita Oração he hũ colloquio do homem com Deos: *Colloquium animæ cum Deo*. E S. Gregorio Niffeno commentando particularmente a Oração do Padre Nosso, que he a primeira, & principal do Rosário, diz que a Oração perfeita he hũa pratica, & conversação com Deos: *Est conversatio sermocinatioque cum Deo*. E que fundamento tiverão estes grandes Doutores, a quem segue Sãto Thomás, & todos os Theologos, para definir a Oração com o nome de colloquio, de conversação, & pratica com Deos? O fundamento, que ambos tiverão, foy, porque o colloquio, a pratica, & a conversação, não só he fallar, senão fallar, & ouvir: he dizer de huma

parte, & responder da outra; & nesta communicacão reciproca consiste a essencia, & excellencia da perfeita Oração. Na Oração menos perfeita falla o homem com Deos; na perfeita, & perfectissima falla o homem com Deos, & Deos com o homẽ. E isto he o que reciprocamente exercita o Rosário, como Oração perfectissima, nas duas partes, de que he composto. O Rosário compoemse de Oração Vocal, & Mental; Vocal nas Orações que reza, Mental nos mystérios que medita: em quanto rezamos, fallamos com Deos; em quanto meditamos, falla Deos conosco. O nosso rezar são vozes, o nosso meditar he silencio: mas neste silencio ouvimos melhor, do que fomos ouvidos nas vozes; porque nas vozes ouvimos Deos a nós, no silencio ouvimos nós a Deos.

4. Tal he o colloquio da Oração perfeita, tal a pratica do Rosário, & tal cõ toda a propriedade o dialogo do nosso Evangelho. A mulher fallou com Christo,

& Christo respondeo à mulher: a mulher disse da sua parte: *Dixit illi*; & Christo tambem disse da sua: *At ille dixit*: ella disse bem, porque disse: *Beatus venter*: o Senhor disse melhor, porque disse: *Quoniam beati*. E porque na parte Vocal ouve Deos, se na Mental ouve o homem; ella levantou a voz, para que o Senhor ouvisse as suas palavras: *Extollens vocem*: & o Senhor louvou os ouvidos, com q̄ ella tinha ouvido as palavras de Deos: *Qui audiunt verbum Dei*.

5. Supposto pois que no caso do presente Evangelho temos historiado o Rosario, & resumida com tanta propriedade a idéa de sua admiravel composição, assim como Deos primeiro formou o corpo de Adão, & depois lhe infundio a Alma; o mesmo farey eu. A parte Mental, que he a Alma do Rosario, ficará para outro discurso; neste tratarey só da Vocal, que he o corpo: queira Deos que me caiba nelle. O assumpto não ha de ser meu, senão de quem le-

vantou a voz: *Extollens vocem*. A mesma, que levantou a voz, levantou o assumpto. Assim que o que determino mostrar, & havemos de ver hoje, será: que a Oração Vocal do Rosario, em quanto Vocal, he a mais alta, & levantada de todas: *Extollens vocem*. Para que a Senhora nos assista com sua Graça, offereçamoslhe agora huma vez o que tantas repetimos no Rosario. *Ave Maria*.

II.

Extollens vocem.

6. **P**ara comprehender a excellencia, & alteza de qualquer Oração Vocal; nas mesmas vozes, ou palavras, de que he composta, se devem considerar tres respeito, ou tres partes essenciaes. O que se pede, a quem se pede, & por quem se pede: o que, aquem, & por quem. Esta mesma distincão observou a mulher do Evangelho. A sua Oração foy panegyrica, & laudatoria, & na voz, que levantou: *Extollens vocem*, tocou

os meſmos tres pontos, & os mais altos, a que podia chegar o mais levantado Eſpírito. O que louvou, foy o myſterio altiffimo da Encarnação; a quem louvou, foy a Pefſoa do meſmo Verbo encarnado; & por quem o louvou, foy pela Mãe, que o concebeo em ſuas entranhas, & o criou a ſeus peitos: *Beatus venter qui te portavit*. Não poderamos deſdejar, nem melhor Texto para dividir o noſſo diſcurſo, nê melhor guia para o ſeguir. A Oração Vocal do Rosario ſó ſe deſtingue deſta do Evangelho pelo fim: porque o fim deſta Oração, como panegyrica, foy louvar; & a do Rosario, como deprecatoria, he pedir. Aquella voz foy altiffima na conſideração do que louvou, a quem louvou, & por quem louvou: & do meſmo modo he altiffima a voz do Rosario na conſideração do que pede, a quem pede, & por quem pede. E eſtas ſeraõ as tres partes do noſſo diſcurſo. Alta, & altiffima a Oração Vocal do Rosario pela alteza das petições, que nella

fazemos: *Extollens vocem*: alta, & altiffima pela alteza da Mageſtade, a quem as preſentamos: *Extollens vocem*: & alta finalmente, & altiffima pela alteza da interceſſão, de que nos valemos: *Extollens vocem*. Oração agora com attenção os devotos do Rosario, & com inveja, & arrependimento, os que não o forem.

III.

7. **C** Onſiderando pois em primeiro lugar a alteza da Mageſtade, a que preſentamos noſſas petições, & começando (para mayor clareza) por onde começa o Rosario: qual he a ſua primeira voz? A primeira voz do Rosario he: *Pater noſter, qui es in caelis*: Padre noſſo, que eſtás em os Ceos. E voz, que chega da terra ao Ceo, & ao Ceo, onde eſtá Deos; vede ſe he alta, & altiffima: *Extollens vocem?*

8. Nós não reparamos neſta que parece vulgaridade; mas o mayor Meſtre de orar, que foy David, faz grande reparo nella: *Voce mea ad Do-*

minum clamavi, & exaudivit me de monte sancto suo.

David era grande contemplativo, mas nesta occasião (que foy quando fugia de feu filho) orou vocalmente. Isso quer dizer, *Voce mea*, Oração Vocal. E o que muito pondêra, he que esta sua voz faíndo do Valle de Cedron, por onde caminhava, fosse ouvida no Monte Tabôr da Gloria, onde Deos tẽ o trono de Sua Magestade.

D. A. aban. ib *De caelo, & sublimi throno gloriae suae:* commenta Santo Athanasio. O Ceo, onde Deos tem o trono de Sua Magestade, não he algũ dos Ceos, que vemos, senão outro Ceo sobre estes quasi infinitamente mais levantado, & sublime: por isso não dizemos, *Qui es in Caelo*, senão, *Qui es in Caelis*. Da mesma frase usou Christo, quando disse, que os Anjos, que assistem na terra em nossa guarda, sempre vem a Deos, que está; não no Ceo, senão nos Ceos: *Semper vident faciem Patris, qui in Caelis est.*

Mat. 18. 10 E combinando hum Texto com outro, he prerogativa verdadeiramente admiravel

que onde chegãõ os Anjos com a vista, cheguem os homens com a voz. A esfera da voz he sem comparaçãõ mais limitada que a da vista. Mas isto se entende da voz, com que fallamos, & não da voz, com que oramos. A voz, com que fallamos, mal se estende a toda esta Igreja, & a vista tem tanto mayor, & mais alta esfera, que chega ao Firmamento, onde vemos as Estrellas. Porém a voz, com que oramos, não só chega ao Firmamento, que vemos, que he o Ceo das Estrellas, mas ao mesmo Empyreo, que não vemos, que he o Ceo de Deos. O Ceo, que vemos, he o Ceo da terra, o Ceo, onde está Deos, he o Ceo do Ceo: *Caelum Caeli Domino*. E isto *Ps. 113.* he o que ponderava, & admirava David na voz da sua Oração: *Voce mea ad Dominum clamavi, & exaudivit me de monte sancto suo.*

9. Mas daqui mesmo se vê, que a alteza desta voz, ainda he mais maravilhosa nos que rezaõ o Rosario. David diz, que clamou, & bradou com a sua voz: *Voce*

mea!

mea ad Dominum clamavi;
 & no Rosário não he neces-
 sário clamar, nem ainda soar.
 Anna Mãe de Samuel foy
 hũa excellente figura dos q̄
 reza o Rosário. Della diz
 o Texto Sagrado, que mul-
 tiplicando as preces, sómen-
 te se lhe viaõ mover os bei-
 ços, mas a voz de nenhum
 modo se ouvia: *Cum multi-*
plicaret preces coram Domino,
tantum labia illius moveban-
tur, & vox penitus non audie-
batur. O mesmo passa cã pō-
 tualmente. Anna multipli-
 cava as suas preces; & quem
 reza o Rosário, também as
 multiplica, porque repete
 muitas vezes a mesma Ora-
 ção. A Anna só se lhe viaõ os
 movimentos da boca; po-
 rêm a voz não se ouvia: &
 vòs rezais o vòsso Rosário
 com hũa voz tão interior (&
 por isso mais devota) que
 nem os que estão muito per-
 to vos ouvem, nem vòs mes-
 mos vos ouvis. E quãdo vòs
 não ouvis a vòssa mesma
 voz, he ella tão alta, & sobe
 tão alto, *Extollens vocem,* q̄
 chega ao Ceo dos Ceos, on-
 de está Deos: *Qui es in Ca-*
elis.

1. Reg
 1. 12.
 15.

10. Não faltará porêm
 quem diga, que esta circun-
 stancia de orarmos a Deos,
 em quanto está no Ceo, pa-
 rece huma cerimonia super-
 flua, & não só não necessaria
 mas nem ainda convenien-
 te. Commentando Santo A-
 gostinho estas palavras, que
 em seu tẽpo ainda não eraõ
 do Rosário, mas eraõ as mes-
 mas; diz assim: *Non dicimus*
Pater noster, qui es ubique, cū
& hoc verum sit, sed Pater
noster, qui es in Cælis. Deos
 por sua immensidade está
 em toda a parte, & não só
 conosco, senão em nós em
 qua'quer lugar onde esti-
 vermos. Logo não he neces-
 sário invocar a Deos em
 quanto está no Ceo, pois tão-
 bem o temos na terra: quan-
 to mais que invocallo no
 Ceo, parece que he afastar-
 mos a Deos de nós, & orar
 de longe; quando fora mais
 conveniente, & mais con-
 forme ao affecto da devo-
 ção fazello de perto. Não
 he mais conveniente fallar-
 mos com Deos, onde elle es-
 tã, & nós estamos, que onde
 elle está, & nós não? O mes-
 mo David tão grande mes-
 tro

D. An
 g. de
 modo
 orandi
 Deum
 Epist.
 121.

tre desta arte pedia a Deos, que a sua Oração chegasse muito perto do seu Divino acatamento: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*. E o Rosario antes de as Ave Marias convertidas em rosas he darem este nome, chamavase o Psalterio da Virgem, porque o de David se compoem de cento & cincoenta Psalmos, & o da Senhora de outro tanto numero de Saudaçoes Angelicas. Pois se David no seu Psalterio pede a Deos, q̃ a sua Oração chegue muito perto delle: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*; como nós no Psalterio da Virgem nos pomos tão longe de Deos, ou a Deos tão longe de nós, quanto vay da terra ao Ceo: *Qui es in Caelis?*

II. Digo, que não he diferente o nosso ditame, senão o mesmo, que o de David. E porque? Porque quanto o que ora se poem mais longe de Deos, tanto a sua Oração chega mais perto del'e. Poemse a Oração, & o que ora diante de Deos, como em duas balanças: &

quanto o que ora mais se abate, & fica mais longe, tanto a Oração mais sóbe, & chega mais perto: elle mais longe por reverencia, & ella mais perto por aceitação. Foraõ dous homens ao Templo a orar, diz Christo, hum Fariseo, & outro Publicano. O Fariseo, como Religioso que era daquelle tempo, chegouse muito perto do Altar, & do Sancta Sanctorum, & alli representava a Deos suas boas obras. O Publicano pelo contrario pozse lá muito longe: *Stans à longe*; & sem se atrever a levantar os olhos ao Ceo, batia nos peitos, & pedia perdaõ dos seus peccados. Esta foy a differença dos oradores, & das oraçoens: & qual foy o successo? *Defcendit hic justificatus ab illo*. O que se chegou muito perto do Altar, & de Deos, ficou a sua Oração muito longe, porque foy reprovada: & o que se poz muito longe: *Stans à longe*: chegou a sua Oração muito perto de Deos, porque foy accita. Elle longe por respeito, & a sua Oração perto por agradô:

Luc. 18.13.

Def. Ib. 14.

do:

*Beda
in eum
locum.*

do: elle longe por reverencia, & ella perto por aceitação. *Non audebat appropinquare, ut Deus ad eum appropinquaret:* diz o Veneravel Beda. E isto he o que nós fazemos logo no principio do Rosario. Ainda que Deos está em toda a parte, não o invocamos de perto, em quanto assiste na terra por immensidade, senão de longe, & tão longe, em quanto preside no Ceo por Magestade: *Qui es in Caelis:* & quanto nós, como he razaõ, mais nos abatemos, tanto a voz da nossa Oraçaõ mais se levanta: *Extollens vocem.*

12. He verdade, como ponderava Santo Agostinho, que para a efficacia da nossa Oraçaõ bastava orar a Deos na terra, mas para a dignidade não. Porque Deos na terra está só por presença como immenso, no Ceo está por Magestade como Altissimo. Esta foy a differença, que cõsiderou, & distinguio o Prodigio na sua Oraçaõ: *Peccavi in Caelum, & coram te:* Pequey contra o Ceo, & na vossa presença. E porque fez aquelle moço, já bem

entendido, esta differença de lugar a lugar, & de Deos a Deos? Porque na terra reconhecia a sua presença, & no Ceo considerava a sua Magestade. No *Coram te*, confessava a presença offendida, no *Peccavi in Caelum*, a Magestade leza. E como Deos na terra está só por presença como immenso, & no Ceo por Magestade como Altissimo: *Tu solus Altissimus in omni terra:* por isto o Divino Autor desta Divina Oraçaõ, para que conhecêssemos o modo de orar altissimo, que nos ensinava, nos mandou que orássemos a Deos, não em quanto está por presença em todo lugar, mas em quanto está por Magestade no Ceo dos Ceos: *In Caelis.* O Publicano, que orou bem, mas a modo da Ley Velha, diz o Evangelista, que nem os olhos se atrevia a levantar ao Ceo: *Nolebat nec oculos ad Caelum levare:* porêm o Mestre Divino da Ley da Graça, não só quer, que levantemos os olhos, & as mãos ao Ceo, mas que logo no principio da nossa Oraçaõ a presente-

mos

*Luc.
15.18*

Pf. 82

19.

Luc. 18.

13.

mos no Ceo dos Ceos diante do Divino acatamento, & que onde Deos assiste por Magestade como Altissimo, lá entre confiadamênte a nossa Oraçaõ, & lá suba, & se levante a nossa voz: *Extolens vocem.*

IV

13. **E** Se esta voz, ou esta Oraçaõ Vocal do Rosario se levanta tão to, & he tão alta, quando dizemos: *Qui es in Caelis*: quem poderá bastantemente declarar a alteza, não só inacessivel, mas tremenda, aonde se levanta, & remonta a mesma voz, quando cõ ella se atreve a lingua mortal a pronunciar *Pater noster*? O grande S. Pedro Chryfologo, cujas palavras por antonomasia foraõ chamadas de ouro, subindo hú dia ao pulpito de Ravenna, onde como Arcebispo seu era visto frequentemente, começou desta maneira: *Hodie quod audituri estis, stupent Angeli, miratur Cælum, pavet terra, caron non fert, auditus non capit, non attingit*

*Petr.
Chryf.
sermon
72. in
Orati-
onem
Domini-
nicam.*

mens, tota non potest sustinere creatura, ego dicere non audeo, tacere non possum. O que trago hoje para prégar, & o que haveis de ouvir (diz Chryfologo) he hum caso, de que palmaõ os Anjos, de que se assombra o Ceo, de que tem medo a terra, de que se estremecem as carnes: he hum caso, que não cabe nos ouvidos, que não alcançaõ os entendimentos, que não tem hombros para o supportar toda a maquina das creaturas, & que eu me não atrevo a dizer, nem posso callar: *Dicere non audeo, tacere non possum.* Tende maõ, Demosthenes Divino. E que exórdio he este tão defusado? Que caso tão novo, tão inaudito: tão tremendo para a terra, tão espantoso para o Ceo, & para homens, & Anjos tão estupendo? Ainda he mayor do que tenho representado, & mayor que quanto se pôde encarecer, nem imaginar. E qual he? He (conclue o grande Theologo, & eloquentissimo Orador) he que se pôde atrever a lingua humana a dizer a Deos: *Pater noster.* Pois dizer

dizer a Deos, Padre nosso, esta voz tão breve, este nome tão amoroso, he aquelle trovao, que faz estremecer o Ceo, & a terra, o pasmo dos Anjos, o assombro dos homens, o horror de todas as creaturas? Sim. E se nós tivessemos entendimento para comprehender o mesmo, que dizemos, quando olhassemos para as alturas, aonde se levanta a nossa voz: *Extollens vocem*; antes haviamos de emudecer, que pronuncia-la, & dizer como Chrysologo: *Dicere non audeo*.

14. Ainda depois de Christo nos mada orar por estes termos, ainda depois de Sua Magestade nos dar esta licença, & seu amor esta confiança; vede o tento, a sumissão, o recato, & o sagrado horror, com que o faz a Igreja Catholica: *Præceptis salutaribus moniti, & divina institutione formati, audeamus dicere, Pater noster*. Obrigados, Senhor, do vosso preceito, amocitados da vossa doutrina, & instruidos na fórma da vossa Divina Instituição, ouzamos a

vos dizer: que? *Pater noster*. De sorte, q̄ invocar a Deos com o nome de nosso Pay, he huma cousa tão alta, tão sublime, tão superior a toda a capacidade humana, que ainda depois de instruidos, & amocitados, & obrigados com preceito a orar por estes termos, & a invocar a Deos com este nome, lhe chama a Igreja ouzadia: *Audemus dicere*. Tão grãde ouzadia, que senão fora preceito, era a mayor arrogancia; & se não fora fé, a mayor soberba. Assim o entendeo Santo Agostinho, quando disse: *Non ergo hic arrogantia est, sed fides; non superbia, sed devotio*. Invocarmos a Deos com o nome de Pay nosso, he graça, & doutrina de seu proprio Filho: logo não he arrogancia, senão fé: logo não he soberba, senão devação. Mas fé, & devação tão alta, que a soberba de Lucifer se precipitou do Ceo, só porque entendeo, q̄ havia de haver hum homem, que chamasse a Deos Pay. E esta altura, de que elle cahio, he a mesma, a que nós subimos; muito alta, quando
dize,

Aug.
citatus

dizemos: *Qui es in Calis*: mas immentia, & infinitamente mais alta, quando dizemos: *Pater noster*.

15. E porque? A differença he manifesta. Por que quando dizemos: *Qui es in Calis*: sóbe a nossa Oração no Ceo até o trono de Deos; mas quando dizemos: *Pater noster*: sóbe a mesma Oração em Deos até o seyo do Padre. O seyo do Padre he o lugar de seu Unigenito Filho: *Unigenitus qui es in sinu Patris*: & onde o Filho tem o assento por natureza, quis que nós tivéssemos o accesso por graça: & que ao mesmo Pay, de quem elle he Filho, dissessemos nós com verdade: *Pater noster*. Assim o ensina com toda esta especialidade, não menos que o Apostolo S. Paulo: *Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abba, Pater*. Exhortanos o Apostolo a que vivamos conforme a dignidade do nosso estado, não com espirito de temor, & servil, como os da

Ley Velha, mas com espirito de amor, & filial, como nascidos na Ley da Graça: advertindo (diz) que vos levantou Deos ao lugar de seu proprio Filho, adoptandovos por taes, como bem se mostra na confiança, com que as nossas vozes dizem; ou nós dizemos a vozes, Padre nosso: *In quo clamamus: Abba, Pater*. Primeiro que tudo notay o *Pater*, & o *Clamamus*: o *Clamamus*, que he proprio da Oração Vocal, & o *Pater*, que he a primeira voz do Rosario. Mas se Moysés, Josué, David, Elias, Eliseu, & os mais tambem oravaõ, & oravaõ ao mesmo Deos, que nós invocamos, em que consiste esta differença, ou excellencia da nossa Oração, que S. Paulo tanto encarece em comparação da sua? Consiste, como declara o mesmo Apostolo, em que na nossa Oração chamamos a Deos Pay: *In quo clamamus: Abba, Pater*. Na Ley Velha, nem em Deos era conhecido o nome de Padre, nem o Padre tinha communicado aos homens a adopção de filhos. Huma & outra

Joan. 1
18.

Rom.
8. 15.

outra coufa fez Christo. Deu a conhecer o nome do Padre: *Pater, ego manifestavi* *7can.*
 17. 1. *nomen tuum hominibus*: & deu aos homens a graça de poderem fer filhos do mesmo Padre: *Dedit eis potestatem filios Dei ferri*: & por isso os da Ley Velha, como *7can.*
 1. 12. *ypos*, oravaõ a Deos como Deos, & os da Ley da Graça, como filhos, oramos a Deos como Pay.

16. Grande Texto na mesma Pessoa do Filho, & com intelligenciã pouco observada, & por ventura não sabida. Quatro vezes orou Christo na sua Payxaõ, mas não pelos mesmos termos. Tres vezes orou a Deos como Pay, & huma vez como Deos. No Horto como Pay:

Matt.
 26. 39 *Pater, si possibile est*: quando o pregavaõ na Cruz, como Pay: *Pater, dimitte illis*: quan-

Luc.
 23 34 do finalmente elpirou, como Pay: *Pater, in manus*
 1b. 46. *tuas commendo spiritum meũ.*

Porẽm quando se lamentou de se ver desamparado, & deixado, não chamou a Deos Pay, senão Deos, & Deos repetidamente: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliqui-*

sti me? Pois se Christo, se o Filho do Eterno Padre em tantas outras occasiões o invocou com o nome de Pay, como agora lhe não chama Pay, senão Deos? Mayor duvida ainda, & mais nova. As outras oraçoens, em que Christo ufou do nome de Pay, todas refere o Texto Sagrado, assim Grego, como Latino, na mesma lingua vulgar; & só esta, em q̃ o Senhor ufou do nome de Deos, le o Evangelho na lingua Hebraica: *Eli, Eli, Lãmãsa, ibid. bathani.* Qual he logo a razão de hũa, & outra differença, ambas tão particulares, & tão notaveis? A primeira (torno a dizer) porque só nesta Oraçaõ chama Christo ao Padre Deos? A segunda, porque só esta Oraçaõ se escreve na lingua Hebraica? Direy. Christo Redemptor nosso na Cruz, como quem actualmente estava pagando pelos peccados de todo o genero humano, representava em sua Pessoa os dous Povos, de que o mesmo genero humano se compunha, o Judaico, & o Gentilico. E co-

Theo.
ph. ibi

mo Deos naquella hora deixava, & lançava de sy o Povo Judaico; por isso Christo em quanto representava o mesmo Povo, se lamentava de se ver deixado: *Ut quid dereliquisti me?* Assim expõem este Texto Theophilato, & creyo entenderão todos os Doutos, que he o sentido mais proprio, & mais literal delle: *Ut quid dereliquisti me, id est meum genus, meum populum, qui secundum carnem mihi cognati sunt.* E daqui ficão finalmente respondidas ambas as nossas questões. A de se referir só este Texto na lingua Hebraea; porque Christo naquella occasião representava o Povo Judaico deixado, & em seu nome se lamentava. E a de orar entãõ a Deos como Deos, & não como Pay; porque os do mesmo Povo, por mais santos, & favorecidos que fossem, não fallavaõ a Deos como Pay, senãõ como Deos. He pontualmente tudo o que dizia S. Paulo. Elles porque viviaõ á ley de servos: *In spiritu servitutis*, oravaõ a Deos como Deos; nõs que vive-

mos em foro de filhos: *In spiritu adoptionis filiorũ*, oramos a Deos como Pay: *In quo clamamus: Abba, Pater.* E notay outra vez a palavra *Clamamus*, que não só significa voz, senãõ voz muito alta, & levantada. Porque aquella grande altura, aonde nunca pudẽrãõ chegar as Orações, & vozes dos maiores Patriarcas, por essa começamos nõs hoje com a primeyra Oração, & a primeira voz do Rosario: *Extollens vocem.*

V

17
P Assando à segunda parte do nosso discurso; vejamos agora como a mesma voz, ou Oração Vocal do Rosario, não he menos alta, & altissima pela alteza das petições, que nella fazemos. As do Padre nosso, antes de chegar à Ave Maria (em que fazemos huma só) são sete; & as tres por onde começamos (para que as ponderemos por junto) muito notaveis. A primeira, *Sanctificetur nomẽ tuum*, em que pedimos a Deos a sanctificação de seu nome: a segunda, *Adveniat Regnum tuum*,

uum, em que pedimos a propagação universal do feu Reyno: a terceira: *Fiat voluntas tua, sicut in Celo, & in terra*, em que pedimos a execução da sua vontade tão inteiramente na terra, como no Ceo. Mas estas petições, se bem se consideraõ, parece que o não são. Quem pede a Deos (como bem argue aqui S. Gregorio Nisseno) ou pede o remedio de suas necessidades, ou o socorro de seus trabalhos, ou o augmento, & conservação de seus bens, ou outra cousa sua, & para sy. Mas nestas petições nada he nosso, nẽ nos pertence a nõs: tudo he do mesmo Deos, a quem pedimos: *Nomen tuum*, o teu nome: *Regnum tuum*, o teu Reyno: *Voluntas tua*, a tua vontade. Pois se tudo isto he feu, & não nosso, se tudo pertence a Deos, & não a nõs; porque lho pedimos a elle? Porque esta he a alteza altissima da Oraçã Vocal do Rosario: *Extollens vocem*. O mais alto ponto, a q̃ se pòde levantar, & subir a oraçã humana, não he pedir a Deos para nõs, he pe-

Greg.
Nissen
de Or.
Dom.

dir a Deos para Deos:

18. Quando Christo Senhor nosso ajuntou ao numero dos Apóstolos o dos setenta & dous Discipulos, disse-lhes assim: *Messis quidem multa, operarii autem pauci: rogare ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*. A seara, q̃ vos mando cultivar, he muita; mas os operarios, ou lavradores são poucos: pelo que rogay ao Senhor da seara, q̃ mande mais operarios á tua seara, ou à seara sua: *In messem suam*. Este *Suam*, & a quelle *Ergo*, parece que não fazem boa consequencia. Se Christo he o Senhor da seara: *Dominum messis*: se a seara he sua: *In messem suam*, como nos manda á nõs, que lhe roguemos, & peçamos a elle, que mande operarios. Não he o mesmo Senhor aquelle vigilante Pay de familias, que madrugou muito cedo, & em todas as horas do dia sahio em pessoa á praça a chamar, & alugar operarios para a vinha, não por outra razão, senão porque era sua: *Ite & vos in vineam meam?* Pois se a cultura,

Luc. 10.

Mat. 20. 4.

ra,

ra, & a colheita da sua seara está á conta da sua providência, & do seu cuidado, porque a encomenda às nossas Orações: *Rogate Dominum messis?* Se a seara fora nossa, então nos incumbia a nós rogar, & pedir a Deos nos desse os meyos para ella: mas que sendo a seara de Deos, nós hajamos de rogar ao mesmo Deos, que se lembra da cultura da sua seara: *Ut mittat operarios in messem suam?* Bem se mostra, que o mesmo Autor do Padre nosso he o Mestre desta doutrina. Manda, que sendo a seara de Deos, & não nossa, sejamos nós os que roguemos por ella: porque a Oração perfeita, & perfectissima, não he pedirmos nós para nós, he pedirmos a Deos para Deos. Pedirmos nós para nós, he procurar os nossos interesses; pedirmos a Deos para Deos, he sollicitar a sua gloria. E isto he o que fazemos nas primeiras tres petições do Rosario. Se dizemos: *Sanctificetur*; para gloria de Deos, *Nomen tuum*: se dizemos *Adveniat*; para gloria de Deos outra

vez, *Regnum tuum*: se dizemos *Fiat*; para gloria de Deos do mesmo modo: *Voluntas tua*.

19. Hum Rey houve no mundo tão soberbo, & tão louco, que tudo isto quis para sy. Quis a exaltação de seu nome, fazendo-se chamar Deos; quis a dilatação de seu Reyno, tratando de o estender por todo o mundo, quis a execução universal da sua vontade, mandando que ella só, & nenhũa outra fosse obedecida. Já sabeis q̃ fallo de Nabucodonozor, mais que bruto quando entrou neste pensamento, que quando pastava no campo. Tinha cercado a Cidade de Bethulia, mais apertada já da sede, que do mesmo sitio; orou Judith a Deos; mas como orou? Lastima he que o não fizesse com hum Rosari nas mãos. Mas por isso disse S. Paulo, que tudo o que se fazia na Ley Velha, era figura da Nova: *Omnia in figura contingebant illis*. A Oração, que fez depois de allegar as maravilhas de Deos em favor, & defenſa do seu Povo, foy nesta fórma:

1 Cor.
10.11

Judith ma: *Erige brachium tuum si-*
 9.11. *cut ab initio, & allide virtu-*
tem illorum in virtute tua,
cadat virtus eorum in iracū-
dia tua. Levantay, Senhor,
 vosso omnipotente braço
 como antigamente, quebrá-
 tay o poder de nossos inimi-
 gos com a força do vosso, &
 finta a soberba, & violencia
 dos seus exercitos o justo ri-
 gor da vossa ira. Isto he o q̄
 pede a Oração de Judith,
 agora se seguem os motivos,
 que allega a Deos: *Qui pro-*
mittunt se violare sancta tua.

Ibid.

& polluere tabernaculum no-
minis tui, & dicere gladio
suo cornu altaris tui. Porque
 vem promettendo, & amea-
 çando, que haõ de violar o
 sagrado de vosso Santuario,
 que haõ de profanar o Ta-
 bernaculo de vosso Santissi-
 mo nome, & que com o fer-
 ro das suas armas haõ de de-
 struir, & arrazar os vossos
 Altares. Pois, Senhora, isto
 he o que só allegais a Deos?
 Muito mais he o que pro-
 mette, muito mais o que
 ameaça o inimigo, de que
 está cercada, & taõ aperta-
 da Bethulia. Ameaça, que ha
 de assaltar a Cidade, & le-

valla à viva força; ameaça,
 que a quantos a quizerem
 defender não ha de percoar
 a vida, mas ferem passados
 todos ao fio da espada: amea-
 ça, que o faco, & despojos
 haõ de ser a rica preza de
 seus soldados, em que a vos-
 sa casa terá mais que roubar:
 ameaça, que os poucos, que
 escaparem da primeira furia
 grandes, pequenos, homens,
 molheres, meninos, haõ de fi-
 car cattivos (ou não haõ de
 ficar) porque todos serãõ le-
 vados em cadeas ao desterro
 remotissimo da terra dos Af-
 syrios. Pois se isto, & muito
 mais he o que ameaça o ex-
 ercito de Olofernes, & a fa-
 ma, & terror de seu nome,
 como vòs só allegais a Deos
 os sacrilegios do seu Santua-
 rio, as injurias do seu Ta-
 bernaculo, a dessolação de
 seus Altares? Eis aqui por-
 que na Oração de Judith, &
 nestas tres allegações, que
 faz a Deos, se representãõ
 as tres petições do Rosa-
 rio. Nada teme, & nada pe-
 de a Deos para sy, tudo te-
 me, & tudo pede a Deos pa-
 ra Deos. Assim como nós di-
 zemos: *Nomen tuum, Regnũ*

tuum, voluntas tua: assim Judith não diz, nem representa outra cousa a Deos, senão: *Sancta tua, tabernaculum nominis tui, cornu altaris tui.*

20. E se alguém me differ, que fomos humanos, & não divinos; de carne, & não espiritos; que padecemos trabalhos, necessidades, miserias; & que assim como pedimos a Deos para Deos, devemos também pedir a Deos para nós: Respondo, que assim he verdade, & que nem por isso devemos perder a devoção ao Rosario, nem a piedade ao Padre nosso. Deixada a quarta petição para melhor lugar, assim como nas tres primeiras só pedimos para Deos, assim nas tres ultimas só pedimos para nós. Nas tres primeiras

D *Thi* tudo para Deos: *Nomen tuum, Regnum tuum, voluntas tuam*: nas tres ultimas tudo para nós: *Dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos.* Mas em que se vê a ordem, & differença de hūas a outras petições, dignissima da Sabe-doria de feu Divino Author? Ve-se (co.no bem notáráo

Santo Thomás, & S. Boaventura) ve-se em que as que nos pertencem a nós, vão em segundo lugar, & as que pertencem a Deos, no primeiro. Oh se guardassemos esta ordem, como seriaõ aceitas nossas Orações! Mas muitos rêzaõ o Rosario, & o Padre nosso às aveças: E queira Deos que não haja alguns, que todo feu emprego ponhaõ na quarta petição mal interpretada, & só tratem do *Panem nostrum*, quando não seja do alheyo. Deixados porêm estes; os que rêzaõ o Padre nosso às aveças, saõ os que poem em primeiro lugar o que lhes toca a elles, & no ultimo o que pertence a Deos. Na mesma Bethulia, & sem fair das linhas do sitio, temos o exemplo. Já ouvimos a Oração de Judith, ouçamos agora a dos outros cercados, & não só guiados pelo feu ditame, senão pelo dos mesmos Sacerdotes, que he o que mais me escandaliza. Cubriraõ os Sacerdotes os Altares de luto, & de cilicio, & fizeraõ a sua Oração desta maneira: *Clamaverūt ad* *Judith* *4 10.*

Do.

Dominum unanimiter, ne darentur in prædam infantes eorum, & uxores eorum in divisionem. & civitates eorum in exterminium, & sancta eorum in pollutionem. Vede por onde acabaõ, & por onde começáraõ. Clamáraõ a Deos, diz o Texto, pedindo que seus filhos não ficassem cattivos, que suas mulheres não fossem divididas delles, & desterradas, q̃ suas Cidades, & casas não fossem destruidas, & que as cousas sagradas não fossem profanadas. Pois agora? Sim: agora. O Sagrado, & o de Deos no ultimo lugar, nós, & o nosso no primeiro. Oraõ os homens, como vivem. Os interesses, & conveniencias temporaes diante de tudo, como se faz na vida; o de Deos, o da consciencia, o da Alma lá para o fim, como se faz na morte. E esta ordem, ou desordem taõ encontrada com a disposiçaõ das petições de Christo, não he de quem reza quinze vezes no Rosário a Oraçaõ do Padre nosso, né de quem sabe o que pede, ou como o ha de pedir.

VI.

21. **M**As vamos às tres ultimas petições tambem por junto, porque não soffre outra coufa a brevidade: & veremos, que ainda que em todas ellas tratamos de nós, nem por isso a voz de cada hume he menos alta, & levantada: *Extollens vocem.* A primeira he altissima na confiança, a segunda altissima na generosidade, a terceira altissima no juizo, & todas tres altissimas na importancia. *Dimitte nobis* (diza a primeira) *sicut & nos dimittimus debitoribus nostris*: perdoaynos as nossas dividas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Quem ha de dizer que falla com Deos quem assim falla? Ha tal modo de pedir? Ha tal resoluçaõ? Ha tal confiança? Isto he pormo-nos nós a Deos por exemplo, isto he dizermos a Deos, que nos imite a nós, & que faça o q̃ nós fazemos. Assim o nota em proprios termos S. Gregorio Nisseno: *Ut Deus facta nostra imitetur; ut dicas,*

Nissen. ibidem

Bij

ego

ego feci, Domine fac; solvi, solve: dimisi, dimitte. Não se poderá arguir, nem encarecer melhor. Mas não diz isto o Santo, & doutíssimo Padre para estranhar a cõfiança da petição, senão para declarar a alteza, a que Deos nos levãta, mandando nos orar em tal fórma. Quando Christo nos manda, que lhe peçamos perdão, allegando juntamēte, que nós tambem temos perdoado; cuidava eu que era o mesmo que fazer a petição com folha corrida. Porém os Santos, que o entendem melhor, não querem que seja tão pouco.

Chryf. serm. 67.

22. S. Pedro Chryfologo escrevêdo sobre esta mesma petição, diz, que quando perdoamos as offensas, que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das offensas, que temos feito a Deos: *Homo, intellige, quia remittendo alii, tu tibi veniam dedisti.* Com razão disse o Santo: *Homo intellige:* Homem, entende; porque isto parece, que se não pôde entender. Dar perdão de peccados he jurisdicção, ou regalia lómente de

Deos: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Logo ^{Luc. 5 21!} como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus peccados? *Tu tibi veniam dedisti?* Funda-se esta lentēça naquella promessa de Christo: *Dimittite, & dimittemini.* ^{Luc. 6 37.} perdoay, & fereis perdoados. E como esta promessa he condicional, & a condiçãõ depende de mim; quando eu cumpro a condiçãõ, eu sou o que me perdooy. Deos não me pôde perdoar as suas offensas, sem q̄ eu perdoe as minhas: & se eu perdooy as minhas, não pôde Deos deixar de me perdoar as suas. Daqui vem, que o perdão mais depende de mim, que de Deos; porque Deos está obrigado á sua promessa, & eu não estou obrigado á condiçãõ. Deos não pôde faltar ao perdão, ainda q̄ quizesse, & eu posso não perdoar, se quizer. Tanto assim, que não duvidou Hugo Cardenal de proferir huma proposiçãõ, que não sey como coube no juizo de hum Theologo tão douto, & tão insigne.

Hugo Cardinalis in expositione hujus.

23. Diz que ao homem, *petit,* que

que perdoa, o faz Deos seu Senhor. As palavras são estas: *Jubet remittere, ut conscientiam purget: promittit veniam, ut statuat in spe: & te facit Dominum suum.* Manda-te Deos perdoar, para te purgar a consciencia: promettete o perdão, para te confirmar na esperança? *Et te facit Dominum suum: & te faz Deos seu Senhor.* Mas como se pôde entender, ou defender, q̄ Deos neste caso faça ao homem seu Senhor? A razão, ou subtileza deste pensamento he: que como Deos se poz a sy mesmo aquella ley de perdoar a quem perdoa; o homem fica livre, & Deos obrigado; o homem fica Senhor da ley, & Deos sujeito a ella. E quando o homem he Senhor da ley, & Deos não; fica o homem por este modo Senhor do mesmo Deos: *Te facit Dominū suum.* Explica Hugo o seu ditto, acrescentando em nome de Deos: *Sicut decreveris de eo, & ego de te decernam:* assim como tu julgares de quem te offendeo, assim julgarey eu de ti. Parece-se este privilegio com

o das chaves de S. Pedro: mas S. Pedro ju gava como Vigario, & o que perdoa, como Senhor, & como Senhor neste caso, não de outrem, senão do mesmo Deos: *Te facit Dominum suum.* Isto he, em huma palavra, fazello Deos Senhor do seu poder, o qual se não deslingue delle. E como os que rezaõ o Rosario, dizendo tantas vezes: *Sicut & nos dimittimus;* demittem de sy o Senhorio, q̄ tem sobre aquella ley, & por esse modo sobre o mesmo Deos. Vede, se he alto, & altissimo, o ponto, a que sobe, & se levanta a voz de esta petição: *Extollens vocem?*

VII.

E Se esta he altissima pela 24. confiança do que diz, & do que suppoem pedindo; a que se segue não he menos alta pela generosidade do que pede, & do que não pede. *Et ne nos inducas in tentationem:* & não nos deixes cair em tentação. Notay o que pedimos, & o que não pedimos. Não pedimos a Deos, que nos tire,

ou nos livre das tentações , pedimos que nos não deixe cair nellas. Nenhũa Verfão traduzio melhor o *Ne nos inducas* , que a nossa Portugueza. Cair dizemos, & não derrubar; porque o derrubar he força, & impulso alheyo, o cair, fraqueza , ou descuido proprio. Quem diz, não nos deixes cair, de sy se teme mais, que do inimigo, contra sy pede o soccorro, que pede para sy. Mas se na tentação está o perigo, não seria mais conveniente, & mais seguro pedirmos a Deos que nos livrasse de ser tentados? Não. O mal não está em ser tentado, está em ser vencido. Se fora melhor não ser tentado, como bem discorre Cassiano, não permittira Deos as tentações: mas quer que haja batalhas , porque nos te n aparelhada a coroa. O soldado generoso estima a guerra, porque dezêja a vittoria; & não recusa o cõbate, porque aspira ao triũfo. Por isso diz Santiago (& he a primeira cousa que diz) que não havemos de receber as tentações com horror; & tristeza, senão com

Cassian
Collat.
24.º.
25.

alvoroço, & alegria: *Omne gaudium existimate cum in tentationes varias incideritis:*

O cavallo generoso (como se descreve no Livro de Job. *Job. 39* com mayor elegancia do q̄ *19.* o podera pintar Homero) em ouvindo o final da guerra, fita as orelhas, quebra as foltas, bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espiritos pelas ventas, treme todo de fogo, & de coragem com o alvoroço, & brios de fair á batalha. Este he o instinto da generosidade, ainda onde falta a razão: & esta he a razão, que nós temos para pedir a Deos, não que nos não deixe tentar, mas que nos não deixe cair.

25. Se Deos nos deixãra tentar, mais do que podem as nossas forças, então tinhamos justa causa de recusar as tentações: ouvi porém o seguro, que nos dà S. Paulo: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tētari supra id quod potestis:* Deos he fiel, o qual não consentirà já mais, que sejais tentados sobre o que podeis resistir. E diz nomeadamente o Apóstolo

1. Cor.
10.13.

toló

tolo neste caso, que Deos he fiel: *Fidelis Deus est*; porque o contrario seria especie de engano, & meternos Deos na sillada para cairmos nella. He verdade, como nota o mesmo S. Paulo, q̄ a nossa luta nas tentações não he de homem a homem, senão de homens de carne, & sangue contra o poder, & astucia dos espiritos das trevas: *Nō est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinem, sed adversus Principes, & Potestates tenebrarū harū contra spiritualia nequitiae*. Mas para que possamos fair vencedores em hũa luta tão desigual, vede como iguala Deos os partidos, & lhe modera a elles o excessso das forças, & as

Eph. 6
12.

Origenes
sibi.

26. Lutou com Jacob aquelle Anjo, o qual Origenes, & outros querem que fosse Anjo mau; mas pelo que toca às tentações, tanto importa ser Anjo, como Demonio, porque não são os mais feyos os que mais tentão. O que faz ao nosso caso he, que sendo Jacob homem, & o Anjo, com quem lutava, espirito; como po-

de ser, que lhe podesse resistir, & prevalecer contra elle. Muitos mil homens não temparelha nas forças com hum só Anjo, como se vio no exercito dos Assirios, em que hum só Anjo em huma noite matou mais de cento & oitenta mil homens. Pois se as forças de Jacob eraõ tão inferiores às do Anjo, como lutou com elle tão forte, & porfiadamente, & o apertou de tal sorte, que finalmente o venceo. A razão he, porque não permitio Deos ao Anjo, que usasse de todas as forças naturaes, que tinha, mas sómente em tal medida, & proporção, que Jacob com as suas lhe podesse resistir, & prevalecer. Isto mesmo he o que diz S. Paulo: *Non patietur vos tentari, supra id quod potestis*. E isto, & pelo mesmo modo he o que Deos faz em todas as tentações, não permitindo já mais que sejaõ tão fortes, & poderosas, que as nossas forças ajudadas da sua graça (com que nunca falta) as não possaõ resistir, & fair com victoria. E como desta parte estamos seguros; não quer

quer Deos que lhe peçamos nos livre das tetações como timidos, & fracos, fenaõ sómente que nos não deixe cair uellas: & que como valentes, & generosos Soldados, nos ponhamos em câpo por feu serviço, em defenfa de fua Ley, & para gloria de feu nome. Aos homens, ou os teta Deos para os provar, ou os tenta o Demonio para os perder, ou os tetaõ os outros homens para os opprimir. Se Deos não tentára a Abrahaõ, como feria a fua obediencia taõ celebrada? Se o Demonio não tentára a Job, como feria a fua paciencia taõ gloriosa? Se Saul não tentára a David, como feria a fua caridade taõ heroica, & a fua humildade taõ exaltada: Por iffo não pedimos a Deos, né Christo quer que lhe peçamos, que nos livre de tetações, fenaõ sómente que nos não deixe cair: reconhecendo porêm, & confessando a noffa fraqueza; para que sobre o baixo deste fundamento fuba mais seguramente ao alto a voz de noffa Oração: *Extollens vocem:*

27 **F**inalmente a terceira, & ultima petição he altissima no juizo. E porque? Porque entendemos, julgamos, & declaramos, que todo o mal he o peccado, & que entre todos os que vulgarmente se chamaõ males, só o peccado verdadeiramente he mal: & deste mal pedimos a Deos, que nos livre, quando dizemos: *Sed libera nos à malo.* Oh se os homens acabassem de se persuadir, & penetrassem inteiramente, ou se deixassem penetrar desta grande verdade! Com quaõ diferente affectõ fariaõ a Deos esta petição, & dezejariaõ o que nella se pede! Todas as infelicidades do mundo, dõde cuidais que tem a fua primeira raiz? Todas nascem da equivocação de dous nomes: todas nascem daquelle engano, & erro gèral, com que anda equivocado em todas as linguas o nome do mal, & o do bem. Por iffo se lamentava, & bradava Ifaias: *Vae qui dicitis malum bonum, & bonum malum: Ay de vos os* 20. que

que chamais bem ao mal, & mal ao bem! Não ha outro bem neste mundo, que seja verdadeiramente bem, senão a graça de Deos; nem outro mal, que seja verdadeiramente mal, senão o peccado. Por estes dous artigos de Fê se ata o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria. Como começa a Ave Maria: *Ave gratia plena Dominus tecum.* Pois, Anjo tão bem entendido como bemaventurado, não tendes outro titulo mais alto, não tendes outro nome de maior magestade, com que faldar a vossa Rainha? Não. Porque na graça, de que está cheia, se inclue todo o bem, assim como no peccado, a q nunca esteve fogueita, foy livre de todo mal. A graça não pôde estar junta com o peccado, & como Maria desde o instante de sua conceição sempre foy cheia de graça; nesta graça, & nesta izenção de peccado consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda mayor qué a de ser Mãe de Deos, que eu lhe venho annunciar. Tão grande bem he a graça, tão

Luc.
1. 28.

grande mal he o peccado.

28. E para que ninguem duvide, que este mal, de que pedimos a Deos nos livre, he todo o mal, & não ha outro; ouçamos ao mesmo Mestre, que assim nos ensinou a pedir, & cerrou todas as outras petições com esta, como a chave, & mais importante de todas. Naquella mysterosa Oração, que Christo fez a seu Eterno Padre sobre a ultima Cea, recommendando muito debaixo de sua divina protecção os Discipulos, de quem se apartava, a clausula, com que rematou a recommendação, foy esta: *Non rogo, ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos à malo.* Não vos peço, Pay meu, que os tireis do mundo, para cuja conversão são necessarios mas o que muito vos rogo, he que os guardeis, & livreis de mal. Esta foy a Oração, & parece verdadeiramente, que não foy ouvida. Que pobreza, que fomes, que sedes: que perseguições, que carceres, que desterros: que affrontas, que desprezos, que ignominias: que calumnias, que accusações, que

Joan.
17. 15.

que

que injustiças: que açoutes, que tormentos, que martyrios, não padecerão aquelles mefmos Apóstolos em todas as partes do mundo, & em todos os dias, & horas da vida, até finalmente a perderem cruel, & affrontosamente, huns crucificados, como Pedro, outros aspados, como André, outros esfolados, como Bartholomeu, & todos sem exceção de hum só, tão barbara, & deshumanamente atormentados, quanta era a impiedade, & odio infernal dos tyrannos? Pois se todos os trabalhos, miserias, desgraças, afflicções, penas, deshonras; em fim se todos os males do mundo se unirão, & conjuráráo contra estes homens, & se empregáráo, & apuráráo nelles, sem que Deos o impedisse, nem os livrasse, deixando-os padecer, & morrer, como se comprio (pois não podia deixar de ser ouvida) a verdade da Oração de Christo: *Ut serves eos à malo?* Elles padecerão todos os males, & o Padre livrou-os de todo o mal? Sim. Porque confirmando-os em graça, livrou-

os do peccado, & todos os que o mundo chama males, não são males, só o peccado he mal. *Non dicit, ut serves eos à tribulationibus, ab odiis, à persecutionibus, sed à malo, hoc est, à peccato, quod simpliciter est malum:* diz o Cardinal Caietano: & não era necessario, que nem elle, né outro algum o dissesse.

Caiet.
ibid.

29. Este he o mal, de que pedimos a Deos nos livre, & esta a coroa, em que Christo rematou a sua Oração, para que dissesse o fim cõ o principio. No principio disse: *Pater noster:* no fim diz: *Sed libera nos à malo:* & este foy unicamente o mal, de que o Eterno Padre, como Pay, livrou unicamente a feu Filho. Não o livrou das po-brezas, nem dos trabalhos, nem das perseguições, nem dos desterros; nem dos odios, nem das injurias, nem dos açoutes, nem da morte, & morte de Cruz; o de que só o livrou, foy o peccado, dando a Humanidade de Christo a uniaõ hypostatica, cõ que a fez impeccavel. E como o altissimo juizo desta ultima petição mete debaixo dos pés

pes todo aquelle mundo de horrores, a que o mesmo mundo chama males, & dizendo: *Libera nos á malo*: fô reconhece por mal o peccado, por ser offêsa de Deos; nem na terra, nem no Ceo, nem dentro do mesmo Deos pôde haver conceito mais levantado, que o deste juizo, nem voz mais alta, que a desta petição: *Extollens vocem.*

IX.

30. **V**oltando agora atraz, & pondo-nos na quarta petição, que para este lugar reservámos; que ella diz, he o que senão podia entender, quando se disse. O que se entendeu então, foy que o Senhor fallava fô do pão ordinario, & usual, com que se sustenta o corpo; mas depois que o tomou em suas sagradas mãos, & o consagrou, então se manifestou, que fallava principalmente de seu proprio corpo, o qual nos deu debaixo das especies de pão para sustento da Alma. Por isso S. Lucas lhe chamou pão quotidiano com o nome

commum, & S. Mattheus cõ vocabulo novo, & proprio daquelle mysterio, Pão supersubstancial: *Panem nostrũ Matt. supersubstantialem da nobis.* 6. 11. Chama-lhe sobresubstancial, & nosso, sendo que não cae, nem diz bem o nome de nosso na mesma petição, em que o pedimos. Mas por essa mesma razão he nosso, porque he sobresubstancial. He pão sobresubstancial; porq̃ os accidentes, que vemos, são de pão; mas a substancia não he de pão. senão do Corpo de Christo, q̃ he substancia sobre toda a substancia. E porque esse pão he Christo, por essa mesma razão he pão nosso; porque o mesmo Christo já era nosso antes q̃ fosse pão. Foy pão depois do Sacramento, & já dantes era nosso desde o Nascimento: *Parvulus natus est nobis, & Filius datus est nobis.* *Is. 9. 6.*

31. Mas este mesmo pão sobresubstancial, & nosso, q̃ pedimos, porque razão o poz Christo na quarta petição, ou com que proporção, & mysterio lhe deu este lugar, quando parece que por todos os titulos lhe era devido

Hugo
Card.
ibidem

vido o primeiro? Hugo Cardeal nesta observação mais que nunca eminentissimo, notou, que entre as sete petições do Padre nosso a quarta he a do meyo, & diz com singular pensamento, que sinalou o Senhor este lugar áquelle sagrado Paõ, para que posto no meyo como na raya, & horizonte de dous hemisferios, os alumiasse a ambos, & confinando por este modo ássim com as petições, que vão dirigidas ao Ceo, & a Deos, como com as que pertencem a esta vida, & a nós em humas, & outras nos confortasse igualmente com sua divina vontade: *Media petitio, scilicet panem nostrum da nobis, est communis. & quasi confinium utrarumque confortans, & dirigens transeuntem de vita temporali ad æternam.* Nas tres primeiras petições só tratamos do Ceo, & de Deos, pedindo a santificação de feu nome, a dilatação de feu Reyno, & a execução de sua vontade: nas tres segundas, ou ultimas, tratamos desta vida, & de nós, pedindo que nos perdoe nossas

dividas, que nos não deixem cair nas tentações, & que nos livre do peccado: & para tudo isto nos fortalece, posto em meyo, o Divinissimo Sacramento: *Hic panis datur de Cælo. & comeditur in terra.* Este Paõ (continua o mesmo Autor) dá-se do Ceo, & come-se na terra. Em quanto se dá do Ceo, e leva nos a Deos; em quanto se come na terra, conforta-nos a nós; a Deos, para que sobre tudo procuremos sua glória: a nós, para que contra tudo evitemos suas offensas. E este he o unico, & duplicado fim, porque pedimos o Santissimo Sacramento no quarto lugar, & no meyo de hũa petições, & das outras.

32. Vejamos com os olhos a admiravel proporção de ser este lugar entre sete o quarto. Criou Deos o Sol, & não o poz no primeiro, né no segundo, ou terceiro, senão no quarto Ceo. Pois o Sol Rey dos Planetas, pay, & fonte de toda a luz, no quarto lugar? Sim: diz excellentemente Philo, como quem trouxe a Filosofia no nome: *Cum Planetarũ quisque plus splen-*

Philo

Hebr.

splendoris habeant, lucidissimos ad terram usque mittunt radios, sed præcipuè Sol eorum medius. Nec male conijcere mihi videtur, qui Soli medium locum tribuunt, tres supra eum, totidem infra locando. Os Planetas, como todos sabem, são sette; & por isso (diz Philo) poz o Author da natureza o Sol no quarto lugar, & no quarto Ceo, para que ficado lhe tres Planetas acima, & tres abaixo, & elle no meyo, dalli os alumiasse melhor a todos, & lhe communicasse igualmente os effectos, & influencias da sua luz. Nem mais, nem menos Christo nas sette petições do Padre nosso. Poz no quarto lugar, & no meyo dellas a petição do Santissimo Sacramento: *Panem nostrum substantialem da nobis*: para que dalli alumiasse igualmente a todas, & lhe influisse a virtude de sua luz; & tanto as tres acima, como as tres abaixo: *Tres supra eum & totidem infra.* As tres petições acima são as primeiras, que sobem a Deos: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum: Fiat*

voluntas tua: as tres debaixo são as ultimas, que descem a nós: *Dimitte nobis debita nostra: Ne nos inducas in tentationem: Libera nos à malo;* & assim como para as primeiras nos eleva como pão sobrestancial, assim para as ultimas nos conforta como pão nosso. Ainda tem mais semelhança com o Sol no quarto Ceo. Porque do mesmo modo que o Sol alumia huns, & outros Planetas, não só de dia, senão de noite; nem só quando está descoberto a nós: senão quando eclipsado, & cuberto de nuvens; assim Christo no Divino Sacramento eclipsado, & encuberto debaixo da nuvem das accidentes, & na noite deste mundo, & escuridade da Fé, tanto nos fortalece os affectos, no que pedimos a Deos para Deos; como nos comunica, & estabelece os effectos no que pedimos a Deos para nós.

33. Esta foy a primeira imagem deste mysterio, que Deos pintou no Ceo, que he o feu Templo; & esta foy tambem a segunda, que collocou no dezenho da sua

Igreja, que he o noſſo. No Templo de Salomão, & antes delle no Tabernaculo de Moyſès, mandou fabricar Deos aquelle famoso Candelabro, que defronte dos pães da propoſição alumia-va o Sancta Sanctorum. A materia era de ouro puriſſimo, a fôrma como de huma arvore artificial, de cujo tronco em igual proporção ſahiaõ de hũa, & outra parte tres ramos meyo arqueados, no remate dos quaes como tambem no do tronco, que era direito ardiaõ ſette lumes. Eſte Candelabro pois, diz S. Proſpero, q̄ ſignificava o Santiffimo Sacramento, & o meſmo ſentido & argumẽto ſeguiu, & eſtendeo modernamente com ſumma crudição Theophilo Raynau-do. Nota porẽm eſte diligentiſſimo Author, que ſendo miudiffima a Eſcritura em deſcrever todo o artificio, & partes do Candelabro & ainda os instrumentos exteriores, que a elle pertenciaõ, fô da baze não faz menção: *Præterit Scriptura baſim Candelabri, ita ut tametſi adeo ſolicitè reliquas Candelabri*

D.
Proſp.
lib. 2.
de pro-
miſſion
cap. 2.

Theop.
Rayn
de Eu-
char.
ſect. 1.
cap. 6.

*partes quaſi diſſimilares ex-
preſſerit, baſis tamen nuſquam
meminerit.* Pois ſe eſta famo-
ſa obra da arquitetura divi-
na traçada, & mandada la-
vrar pelo meſmo Deos, ſe deſcreve parte por parte taõ
exacta, & accuradamente;
da baze porque ſe não faz
menção, ſendo muitos os
lugares da Hiſtoria Sagra-
da, & não menos de vinte, os
que fallaõ neste Candelabro?
Tornielo, Saliario, Corne-
lio, & os demais ſuppoem
que o Candelabro tinha ba-
ze, cançando-ſe muito em
adivinhar a figura de q̄ era
formada. E eu não poſſo
deixar de eſtranhâr, & ainda
de me doer de que Theo-
philo faça o meſmo, privan-
do-ſe de hũa grande prova,
& da mais elegante confir-
mação do ſeu argumento.

Torn.
Salian
Corbel

34. Digo pois, que a Eſ-
critura não faz menção da
baze do Candelabro, porque
o Candelabro não tinha ba-
ze: & digo que a não tinha,
aſſim como Melquiſedech
não teve pay, nem mãy. De
Melquiſedech diz S. Paulo,
que não teve pay, nem mãy,
não porque os não tivesse,
mas

Hebr.
or. 7. 3.

mas porque a Escriitura não faz menção delles. E porque não faz a Escriitura menção do pay, & mãy de Melquisedech? Porque Melquisedech era figura de Christo, o qual no Ceo não tem Mãy, & na terra não tem Pay. Da mesma maneira no nosso caso. O Candelabro tinha baze, mas não faz menção della a Escriitura, como se a não tivera. Porque? Porque o Candelabro era figura do Sacramento. E como no Sacramento estarem os accidentes se fogeito he a mesma maravilha, que sustentarse o Candelabro sem baze; por isso calla a Escriitura, & não faz menção da baze do Candelabro, como se a não tivera; para q̃ a figura se parecesse com o figurado.

35. Provada pois esta excellente figura, & a grande semelhança daquelle soberano mysterio do Altar com o Candelabro do Templo, quem não ve nos sette lumes del e o que o Divino Sacramento obra nas sette petições do Padre nosso. Assim como no Candelabro os tres lumes de hũa parte, & os tres

lumes da outra, todos sahão do mesmo trôco, onde estava o lume do meyo; assim as tres primeiras petições do Padre nosso, para serem aceitas a Deos, & as tres ultimas, para que sejaõ proveitosas a nós, toda a sua luz, & calor, todo o seu valor, & efficacia: recebẽ do paõ sobrestancial, que pedimos no meyo dellas. As primeiras, em que pedimos para Deos, nascem daquelle Sacrosanto mysterio, em quanto Sacrificio, cujo fim he o culto Divino; & as ultimas, em que pedimos para nós, nascem do mesmo mysterio, em quanto Sacramento, cujo fim he o nosso remedio.

36. E para que não faltasse à mesma figura a mais particular, & não imaginada propriedade, assim o trôco, como os ramos do Candelabro, em que se sustentavaõ os lumes, qual vos parece, que seria o lavor, de q̃ estavaõ ornados? Era hum lavor torneado em Contas, & esculpido em rosas: *Sphaerulae per singulos, & lilia.* Em lugar de *Lilia* Vilhalpando, & Lipomano lem *Rosas*: &

Exod.
15.34

em

em lugar de *Spherula* vertem outros com mayor expressão, *Globuli*: que he o proprio nome das Contas, por onde rezamos. Para que na mesma figura do Candelabro nem as Contas, nem as rosas faltassem à primeira, & principal Oração do Rosario, como nem o numero mysterioso de suas petições à proporção, & consonancia altissima de suas vozes: *Extollens vocem.*

X.

37. **R** Esta a terceira, & ultima parte do nosso discurso, a que sinto muito chegar tão tarde: mas a minha brevidade, & a vossa devoção, farão toleravel este defeito. Prometti provar neste ultimo pôto, quaõ alta, & altissima he a Oração Vocal do Rosario pela alteza da intercessão, de q̃ nos valemos: & esta valia, & intercessão, he a da Virgẽ Santissima Senhora nossa, cujo poderosissimo patrocínio tantas vezes imploramos, quantas são as Ave Marias do Rosario, repetindo no

mesmo dia cento & cincoenta vezes: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus.* O Tribunal, diante do qual intercede a Rainha dos Anjos, he o supremo Consistorio da mesma Magestade Divina, a quem presentamos nossas petições, & a quem na primeira palavra do Rosario invocamos com o nome de Pay, como proprio da piedade, & misericordia, em que como peccadores temos posta toda a confiança. Os titulos finalmente, em que se funda a efficacia da intercessão, que pedimos, como se vê da mesma supplica, são tres: Santa Maria Mãy de Deos, roga por nós; que rogue por nós como Santa, q̃ rogue por nós como Maria, que rogue por nós como Mãy de Deos. Todos estes titulos declarou o Anjo na sua embaixada com a mesma distincção, & pela mesma ordem: primeiro o de Santa; *Gratia plena*: depois o de Maria: *Ne timeas Maria* ultimamente o de Mãy de Deos: *Paries Filium, & Filius Altissimi vocabitur.* E nas mesmas tres palayras, se bem

notar.

notardes, se inclue inteiramente toda a Oração da Ave Maria, resumida cada clausula a huma só palavra: porque ao *Ave Maria* responde Maria: ao *Gratia plena* responde Santa: & ao *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus vētris tui*, responde Mãy de Deos.

38. Com razão dizemos logo, que a Oração Vocal do Rosario, tambem por esta intercessão, de que nos valemos, he alta, & altissima: *Extollens vocem*; porque sendo altissimo na Senhora o titulo de Santa, altissimo o de Maria, & altissimo o de Mãy de Deos, todos juntos, & huns sobre os outros, que altura faraõ. Agora tomára eu tempo para os combinar, & comparar entre sy, & excitar sobre elles outras tantas questões: Se he mais forte para interceder o titulo de Santa, ou o de Maria? Se he mais suave para obrigar, o nome de Maria, ou o de Mãy de Deos? Se he mais poderoso para cõseguir, o respeito de Mãy de Deos, ou o de Santa? Mas seja resolução o que

Tom. 5.

podera ser disputa. E digo, que cada titulo em seu genero comprehende em grao altissimo as perfeições de todos. O de Santa, porque a santidade de Maria depois da santidade de Deos, he a mayor santidade: O de Maria; porque o nome de Maria depois do nome de Deos, he o mayor nome: O de Mãy de Deos; porque a dignidade de Maria depois da dignidade de Deos he a mayor dignidade. Intercedendo pois por nõs, posto que peccadores, a mayor santidade, o mayor nome, & a mayor dignidade, como poderá resistir a Divina Justiça, nem negarse sua misericordia a hũa taõ forte, taõ suave, & taõ poderosa intercessão?

39. A intercessão, como o significa o mesmo nome, he hum meyo entre dous extremos: & para ser poderosa, & efficaz, ha de tocar a ambos: àquelle, com quem intercede, que neste caso he Deos, & àquelles por quem intercede, que sãõ os peccadores. E a Senhora posta entre Deos, & os peccadores,

C

quão

quão chegada he a hum, & outro extremo? He tão chegada a Deos, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deos; & tão chegada aos peccadores, por quem intercede, que só lhe falta o peccado. S. Mattheus tecendo a genealogia da Virgem Maria, fello com tal artificio, que poz a Senhora entre Deos, & os peccadores, fazendo-a filha de peccadores, & Mãy de Deos, como verdadeiramente he. He filha de peccadores por natureza, & Mãy de Deos por graça; mas por tal modo de graça, que a mesma natureza, que recebeo dos peccadores para ser sua filha, foy a segunda natureza, que deu a Deos para ser sua Mãy. E sendo intercessora, & medianeira entre Deos, de quem he Mãy, & entre os peccadores, de quem he filha, vede, que graça se poderá negar a hũa intercessão tão estreita por natureza? Essa foy a ventura de hum Ladrão, & a desgraça do outro no Calvario. Christo estava no meyo de ambos: mas em meyo da Cruz de Christo, & da Cruz

do Bom Ladrão estava a Senhora; em meyo da mesma Cruz de Christo, & da Cruz do Mau Ladrão, não estava. E onde entre o peccador, & Deos mediou a Mãy de Deos, salvou-se o peccador; onde não mediou, não se salvou. E esta he a força da mediação, de que nos valem, esta a intercessão altissima, que pedimos, quando dizemos: *Sancta Maria Mater Dei ora pro nobis peccatoribus.*

40. Não posso porém deixar de reparar muito, que neste caso invoquemos a intercessão, & patrocínio da Senhora com nome de Mãy de Deos, & não de Mãy nossa. Assim como já atámos o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria; atemos agora o fim da Ave Maria com o principio do Padre nosso. Se quando invocamos a Deos, dizemos: *Pater noster*: quando invocamos a Senhora, porque não dizemos tambem, *Mater nostra*, senão, *Mater Dei*? Temos oufadia, como dissemos, para chamar a Deos nosso Pay, & não temos confiança para chamar a Senhora, nossa

nossa Mãe? Sim temos. Não he falta de confiança, he firmeza de saber allegar, & pedir. Muito mais adiantamos; & encarecemos a intercessão, que pedimos, invocando a Senhora como Mãe de Deos, que como Mãe nossa. Porque se intercedera por nós como Mãe nossa, empenhara-se por nós como por filhos seus: mas intercedendo por nós como Mãe de Deos, empenha-se por nós como por filhos de seu Filho, que he muito mais. Quando nós dizemos, *Pater noster*, quem he nosso Pai, & de quem somos filhos? Somos filhos do mesmo Deos, de quem a Senhora he Mãe: logo muito mayor empenho he o do seu amor intercedendo por nós, em quanto filhos de seu Filho, que em quanto filhos seus.

41. Quando Jacob lançou a benção a todos seus filhos, applicou a benção de cada hum à pessoa do mesmo filho: a de Ruben, à pessoa de Ruben, a de Simeão, à pessoa de Simeão; a de Levi, à pessoa de Levi, & assim nos demais; mas quando chegou a

Joseph, não lhe applicou a benção a elle, senão aos filhos do mesmo Joseph, Manassés, & Efraim. Pois se aos outros os abençoou em sy mesmo, em Joseph porque mudou de estylo, & em vez de lhe applicar, & dar a benção a elle, a dá, & applica a seus filhos? Porque a Joseph amava mais que a todos os outros: & mayor empenho, & demonstração foy do seu amor, o dar a benção a Manassés, & Efraim, que eraõ filhos de seu filho, do que se a dera ao mesmo Joseph, que era filho seu. Dando a benção a Joseph, satisfazia só ao seu amor; mas dandoa aos filhos de Joseph, satisfazia ao seu amor, & mais ao amor do mesmo Joseph; porque não só mostrava amar muito ao filho, senão aos filhos do filho. No nosso caso ainda he mayor a razão, & infinitamente mayor. A Senhora, ainda que como Mãe nossa nos ama muito, como Mãe de Deos ama infinitamente muito mais a Deos: logo muito mais segura fica a sua intercessão, & muito mais poderosa, & efficaz, in-

intercedendo por nós como filhos de seu Filho, que como filhos seus; porque não só intercede por nós com o grande amor, com que nos ama a nós, senão com todo o amor, cõ que ama a Deos.

42. Sendo isto verdadeiramente assim, & da parte da mesma Mãe de Deos, & Mãe nossa com mayor certeza, & affecto, do que se pôde encarecer, nem imaginar; o que só resta, he que todos nos valhamos do altissimo, & poderosissimo patrocínio de tão soberana intercessora, com aquella confiança, que nos assegura a grandeza de sua piedade, & com aquella efficacia, & instantia, que requiere a grandeza da nossa pertençaõ. O que em summa pertendemos em tantas, & tão varias petições, he o Reyno do Ceo: *Adveniat Regnum tuum*. De conseguir, ou não conseguir esta pertençaõ, não he menos o que depende, que a felicidade, ou infelicidade eterna. Vede se he grande a importancia, & qual deve ser o nosso cuidado. E posto que o Supremo

Senhor, diante de quem requeremos, seja Pay, & invocado como Pay: *Pater noster, qui es in Cælis*: se nos faltar a intercessãõ da Mãe, muito podemos temer, que nos não valha, nem baste o nome de filhos. Dous filhos tinha David pertensores ambos ao mesmo Reyno, Adonias, & Salamaõ: & qual levou a Coroa: Adonias, que tinha de sua parte a prerogativa de Primogenito, perdeu-a: & Salamaõ foy o herdeiro do Reyno, não com outra razão de preferencia, mais q̃ a intercessãõ de sua Mãe: *Egredimini filie Sion, & videte Regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum mater sua*. Assim o deixou escrito, para eterna memoria do caso, o mesmo Salamaõ: Sahi, filhas de Jerusalem, & vede a El Rey Salamaõ triunfante com a Coroa, com que o coroou sua mãe. Lea-se a Historia dos Reys de Israel, & achar se ha, que o mesmo David pay de Salamaõ foy o que o nomeou por Rey, & o mandou coroar. Pois se consta da Escritura, que o pay coroou a

Sala-

Salamaõ , como diz o meſmo Salamaõ, que o coroou a mãy? Porque ſe não fora a interceſſão da mãy, não havia elle de herdar o Reyno. E entendo Salamaõ, como taõ ſabio; que mais devia a coroa à interceſſão da mãy, que à graça, & nomeação do pay. E que foy tudo iſto, ſe não húa representaçãõ no theatro da terra, do que paſ-

ſa, & nos ha de acontecer no Reyno do Ceo? He verdade, como creè, & confiſſa a noſſa Fè, q̃ o Reyno do Ceo, que pedimos, não ſe alcança ſe não por graça de Deos, q̃ he o Pay; mas quer o meſmo Deos, que entendamos, que ſó por interceſſão de ſua Mãy ſe alcança eſſa Graça nesta vida, & a Coroa da Gloria na outra.



SERMAM II.

Extollens vocem quædam mulier. Luc. II.

I.

43



Em temia eu (como logo disse) que as primeiras excellencias do Rosario, ou o alto, & altissimo delle; em quãto Oraçaõ Vocal, me não havia de caber em hum só discurso. Mas nem por isso a faz menos nobre a-necessidade de outro. O não caber he argumento da grandeza das coufas: assim succede ás notavelmente grandes. Aquella Maquina Grega portento da industria do nosso Ulysses, porque não cabia pelas portas de Troya, foy necessario que se lhe rompessem os muros. O mesmo Christo quando entrou pelo Ceo, como homem, coube pelas

portas: *Attollite portas, Principes vestras*; mas quando desceo, como Deos, foy necessario que os Ceos se rompessem: *Utinam dirumperes Cælos, & descenderes.* Coube pelas portas em quanto homem, em quanto Deos não coube. Não fora a Arca do Testamento figura da Máy de Deos, se coubera no Tabernaculo de Moysés; por isso acrelcentou Deos á primeira idéa a segunda, & mādou edificar o Templo de Salamaõ. Acolà estava estreitada a sua grandeza, aqui dignamente ostentofa a Sua Magestade.

44. Mas se ambas as idéas eraõ de Deos, porque foy necessario acrescentar a segunda sobre a primeira? Porque atè o entendimento, & a mão divina o faz assim nas grandes.

Gen. grandes obras suas. Mostrou
37.5. Deos a Joseph as grandes
9. fortunas, para que o tinha
destinado, & não em hum só
dezenho, senão em dous: hū
na cyra, outro no firmamen-
to. A primeira vez adorado
nas paveyas, que elle atava
com os Irmãos, a segunda no
Sol, na Lua, & nas Estrellas,
que igualmente o adoravão.

Dan. A grandeza do Imperio de
2.29. feu filho mostrad já sobre a

Dan. Estatua dos quatro metaes,
7.3. tambem a tornou a mostrar

Deos segūda vez nas quatro
Feras, ou Monstros, que re-
presentavão as quatro Mo-
narquias do mundo? Pois se
o mesmo mundo o criou
Deos, & fez de hūa vez: ef-
toutes obras suas, porq̃ as
não mostra em hūa só vizaõ,
ou figura, senão em duas?
Porque no fazer obra Deos
segundo as medidas da sua
Omnipotencia; no mostrar;
& dar a conhecer, segundo a
capacidade da nossa vista.
Porque nōs não somos capa-
zes de ver tudo de hūa vez,
supre Deos na segunda idēa
o que faltou na primeira. Na
primeira adoraçāo de Jo-
seph mostrou a baixa condi-

çāo dos adoradores, na segū-
da a alteza & o lustre do ado-
rado. No primeiro abatimē-
to dos quatro metaes da Est-
atua mostrou a riqueza de
hūas Monarquias, & a forta-
leza das outras; no segundo
dos quatro Monstros, não
mortos como os metaes, se-
nāo vivos, & feros; na vida
mostroulhe a duraçāo, & na
fereza a tyrannia.

45. Parece, Senhores,
que me tenho declarado. Pa-
ra não caberem as excellen-
cias do Rosário Vocal em
hum só discurso, battava a
insufficiencia do Prégador:
mas não foy essa a principal
causa, senão a eminencia da
materia, & sua grandeza.
Quando o Principe dos Prē-
gadores S. Paulo, debaixo do
nome do Deos desconheci-
do, que os Athenienses ado-
ravão, lhes deu a conhecer
a Divindade, & Humanida-
de do Deos verdadeiro; dif-
ferão no Areopágo aquelles,
que erāo reputados pelos
mais sabios homens do mun-
do: *Audiemus te de hoc ite-*
rum: outra vez vos ouvire-
mos sobre isto mesmo. E co-
mo as cousas com excessõ
Ciiij gran-

A87.

17.32

grandes, nem em Athenas se podem ouvir bastantemente de hũa só vez; outra vez também me haveis de ouvir sobre o mesmo ponto; que não será em tudo dessemelhante ao de S. Paulo. Aquella devoção dos Athenienses era tão commua, & tão vulgar, que o mesmo Apostolo lhes disse, que passando por huma rua da sua Cidade, vira o Altar do Deos desconhecido com o titulo por sima: *Ignoto Deo*. Tão commua, & tão vulgar he entre nós o Rosario. Mas hoje acabaremos de ver, que não está ainda bem conhecido na nossa Athenas: & que lhe quadra em grande parte (posto que seja tão divino) o titulo de *Ignoto Ave Maria*.

II.

Extollens vocem.

46. **N**A Oração Vocal do Rosario, ou no Rosario em quanto Oração Vocal, consideraremos, se bem nos lembra, a alteza de sua perfeição, já

por parte das petições, que nella fazemos, já por parte das Magestades, a que as presentamos, já por parte da intercessão, de que nos valem, & nestas tres considerações, em que toda se comprehende, a mostramos, não só alta, senão altissimamente levantada: *Extollens vocem*. E esta alteza altissima pôde-se ainda altear, & tem mais para onde subir? Sim. Porque no discurso passado ponderámos só o que diz o Rosario; hoje havemos de examinar o modo, com que o diz: *Consummata sapientia est; quid quo insequaris modo*. A labedoria perfeita, & consummada (diz Santo Agostinho) não só consiste nas cousas, que se dizem, senão no modo com que se dizem: não só no *quid*, senão no *quomodo*. Este foy hum dos maiores privilegios (se não foy o mayor) que Christo concedeo aos seus Apostolos. Quão fordes levados a juizo diante dos Principes, & Tribunaes do mundo em defesa da minha Fè. & da vossa doutrina; não vos canseis, diz o Senhor, em meditar.

Aug. epist. ad D. meria dem

ditar, nem estudar o que ha-
veis de dizer, nem o modo
com que o haveis de dizer,
porque naquella hora vos
Matt.
10.19 será dado: *Nollite cogitare*
quomodo, aut quid loquamini,
dabitur enim vobis in illa ho-
ra. Notay o *quid*, & o *quomo-*
do, & primeiro o *quomodo*,
que o *quid*. Pois não battava
que Deos infundisse. naquel-
la hora aos Apostolos a sci-
encia das cousas, que haviaõ
de dizer, senão tambem do
modo com que as havião de
dizer? Não bastava. Porque
não só a intelligencia, senão
a mesma grandêza, & ener-
gia das cousas, que se dizem,
depende muito do modo, cõ
que se dizem. A razão deu
em outro lugar o mesmo
Santo Agostinho taõ douta,
& bem assentada como
sua: *Parum, & nimium duo*
funt inter se contraria; parum
est quod minus est quam oport-
et: nimium est quod plus est
quam oportet: horum in me-
dio modus est. Quer dizer: o
defeito, & o excessõ no dizer
são dous contrarios. O defei-
to diz menos do que con-
vem, o excessõ diz mais do
que convem: & no meyo

Aug.
in Ps.
118.
conc. 4

deites dous extremos está o
Modo, o qual emenda o de-
feito, para que não diga me-
nos, & modera o excessõ, pa-
ra q não diga mais.

47. Sendo esta pois a in-
teireza, & perfeiçãõ do Mo-
do, não ha duas cousas, em
que o mesmo Modo seja
mais difficultoso de se guar-
dar, & em que tenha mayor
perigo de se perder, ou per-
verter, que no louvar, & no
pedir. No louvar, por me-
nos, porque de nenhũa cou-
sa são mais avarentos os ho-
mens, que do louvor: & no
pedir, por mais; porque de
nenhuma são mais prodigos,
que do dezejo de receber. E
como os dous fins, & inten-
tos do Rosario Vocal são
louvar a Deos, & á Mãe de
Deos, & pedir mercês a am-
bos; este he o segundo pon-
to, que pede novo discurso,
& novo exame. No primeiro
ponderamos a alteza das vo-
zes do Rosario no que di-
zem; agora examinaremos o
fino, ou afinado dellas no
modo com que o dizem. A
muitos parecerá que em parte
dizem mais, & em parte
menos, que são os dous ex-
tremos,

tremos, entre os quaes confite o Modo, & a Sylla, & Caribdes, em que he difficil acertar com o meyo: & a todos fatisfaremos. Christo Senhor nosso para dizer mais do q̄ disse, ou exclamou Oradora do Evangelho, replicou sobre o que ella tinha ditto, acrescentando ao *Beatus venter o quinimo Beati*: & o mesmo farey eu. Sobre todas as tres considerações do discurso passado arguirey, & replicarey o que parece digno de reparo tanto por parte do defeito, como do excessso: & assim como já vimos a alteza da Oração Vocal do Rosario, no que dizem as suas vozes, assim a veremos agora, no modo com que o dizem. No que dizem, alta, & altissima sobre todas: no modo com que o dizem, alta, & altissima sobre sy mesma. Em fūma, que a mesma voz do Evangelho, que já ouvimos, he a que tornaremos hoje a ouvir, mas em diverso tom, porque será hum ponto mais levantada: *Extollens vocem*.

III.

48. **C**omeçando pois pela Magestade, a que presétamos nossas petições (que foy a primeira consideração do discurso passado) a primeira cousa tambem. em que se pòde reparar, he o modo taõ nũ, & secco, com que no Rosario invocamos a Deos, dizendo sómente: *Pater noster*: sem outra prefação, nẽ apparatus de exordio. No exordio das outras Orações sêpre algreja costuma allegar a Deos, ou os seus attributos, ou os seus beneficios; ou as nossas necessidades, ou tal vez o nosso merecimento. Mas orar a Deos, & pedirhe mercês sem da sua, nem da nossa parte allegar motivo algum, com que conciliemos a sua benevolencia, & façamos propicia a sua graça? Bem mostra nisto a primeira Oração do Rosario ser ditada pelo Filho de Deos, & idêa soberana de seu entêdimento. Quando nos ensina a invocar a Deos, calla o nome de Deos, & o de Senhor † que he o principio ordinario das outras

tras Orações) calla os attributos da misericordia, & da bondade, calla os titulos de Creator, Redemptor, Justificador, & tantos outros, de que nos poderamos valer, & só quer que lhe chamemos Pay. Porque? Porque esta allegação tão breve, tão simples, & ao parecer tão nua, & desarmada, he a que mais significa, a que mais move, a que mais enternece o coração de Deos, e a que não pôde resistir todo seu poder. Todas as outras allegações juntas não chegaõ a comprehender, nem exprimir o que diz esta palavra, Pay.

49. Desenganado o Prodigio, & cansado de servir o Mundo com o pago, que elle costuma dar, o que disse dentro em sy, depois que tornou em ty, foy; *Surgam, & ibo ad Patrem meum*: tempo he ja de me levantar da miseria, em que estou cahido, querome ir para meu Pay. Para meu Pay? Toma-lhe a palavra da boca de S. Pedro

Chryf. de fil. Prod. & frug. ferm. 2 Chryfologo, & argue contra elle assim: *Ad Patrem meum? Qua spe? Qua fiducia? Qua confidentia?* A teu

Pay, dizes, filho ingrato, delcomedido, perdido? A teu Pay, dizes, a quem quizeste herdar antes da morte? A teu Pay, a quem deixaste, & de quem fugiste, como se fora inimigo? A teu Pay, a quem affrontaste cõ tâtas vilezas tão indignas da nobreza de teu nascimento? *Qua spe*: como esperas que te ha de reconhecer? *Qua fiducia*: como cres que te ha de admittir? *Qua confidentia*: como confias que te não ha de lançar de sy? *Ea qua Pater est*: responde o Santo. A esperança com que isto espera, a fé com que isto cre, a confiança com que isto confia, não he outra, senão o ser Pay: *Ea qua Pater est*. He Pay? Pois ainda que o Prodigio não traga semelhança do que dantes era, ha-o de reconhecer: He Pay? Pois ainda q̃ seja indigno de entrar em sua casa, ha-o de recolher: He Pay? Pois ainda que tenha faltado às obrigações do nascimento, & do sangue, ha-o de meter nas entranhas: He Pay? Pois ainda que tenha deixado de ser filho, elle não ha de dei-

xar de ser Pay : *Ego perdidit quod erat filii, tu quod Patris est, non amisisti.* E hũa causa tão contingente, tão improvavel, tão desesperada, quem a hã de vencer? Hum Avogado (diz Chryfologo) não estranho, nem de fóra, senão tão natural, & tão de dentro, que o mesmo Pay o tem no peito: *Apud Patrem non intercedit extraneus, intus est in Patris pectore ipse, qui intervenit, & exorat affectus.* He hum Avogado mudo, mas mais eloquente que Tullio, nem Demosthenes: hum Avogado, que sem fallar, ora; que sem arrezoar, persuade; que sem allegar, convence; que sem interceder, consegue; que sem rogar, manda; que sem julgar, sentença, & sempre absolve. E quem he, ou como se chama este Avogado? Amor de Pay: *Intus, intus est in Patris pectore ipse, qui intervenit, & exorat affectus.*

50. Mas donde concebeo aquelle moço esta fé, & donde fundou em materia tão duvidosa huma tão firme esperança? Fundou-a nas experiencias passadas do mes-

mo amor, o qual em quem he Pay, não passa, nem se muda, nem enfraquece, sempre he o mesmo. Pedira elle ao Pay, que o herdasse em sua vida, & lhe desse a parte dos bens, que lhe pertencia, ou havia de pertencer. E que fez o Pay? Deu'he o que verdadeiramente não devia, & fez, segundo parece, o que não devera. Porque a hũ moço tão inimigo da fogueira; tão appetitoso da liberdade, & de tão pouco juizo, & tão verde, que não levando em paciencia a larga vida do Pay, não soube dissimular a impiedade deste desejo, & porque não lhe podia apressar a morte, quis anticipar a herança; que outra cousa era meter'he nas mãos a fazenda, senão armallo contra a virtude, & contra a honra, dar'he poder, & materia para os vicios, & pollo na carreira da perdição? Pois se todas estas razões tinha o Pay para lhe negar o que pedia, porque lhe fez a vontade em tudo? Porque era Pay, diz o mesmo Santo: *Patris est non negare.* O amor não sabe negar. E porque o amor

amor de Pay he o mayor amor, nem soube, nem pode, nem teve coração para negar ao filho o que lhe peço. E como elle tinha experimentado no amor do Pay, que não bastarão tantas razões, para lhe negar o que então pedira, por isso tambem agora teve confiança, que não seriaõ necessarias razões para lhe cõceder o que esperava. Quem tendo razões para negar, não negou; para não negar, & conceder, não ha mister razões. Como se differa o moço, já sizudo, & entendido: Muita razão tem meu Pay para me não admittir em sua casa, muita razão tem para me não ver, nem consentir em sua presença, muita razão tem para me não conhecer, antes para me negar de filho: razão pelas minhas ingratições, razão pelas minhas locuras, razão pelas minhas vilezas, razão pelas minhas intemperanças; mas sobre todas estas razões está a razão de Pay. Contra esta razão não ha razão. E esta he a que me anima, esta a que me dá confiança: *Ibo, ibo ad Patrem meum.*

51. Agora nos digaõ todos os Padres, & Expositores, este Pay, & este filho que são. O Pay he Deos, o filho fomos nós. E para que nós entendessemos, que a mais alra prefação, & o mais sublime exordio, com que podemos invocar a Deos, & o mais efficaz motivo, q̄ lhe podemos propor, & a mais poderosa razão, que lhe podemos allegar, & o mais amoroso titulo, com que lhe podemos conciliar a graça, & render o coração, he o titulo, o motivo, & a razão de Pay: por isso na primeira palavra do Rosário o invocamos com o nome de Pay, & não como nas outras Orações com os soberanos titulos de Deos, ou Senhor. Deos como Deos he misericordioso, & justo; mas como Pay he misericordioso sem justiça: Deos como Senhor he poderoso para perdoar, & para castigar; mas como Pay, poderoso para o perdaõ, & não para o castigo: como Deos, & como Senhor em fim, pôde negar, & pôde cõceder; mas como Pay só sabe conceder, não sabe negar:

Patris

Patris est non negare. Sendo pois tantas, & tão grandes as petições, que no Rosario presentamos ao Consistorio Divino, acertado, & acertadissimo he o modo, com que as fazemos, não debaixo dos titulos da Magestade, senão do nome do amor, não como a Deos, & Senhor, senão como a Pay: *Pater noster*: E para que saibamos a confiança, com que devemos pedir a este soberano Pay, & o desejo, que elle tem de lhe pedirmos, ouçamos ao mesmo Pay a mayor cousa, que se pôde imaginar nesta materia.

52. Falla Deos com seu proprio Filho o Verbo Eterno feito Homem, & diz assim: *Filius meus es tu ego hodie genui te: postula à me & dabo tibi gentes hereditatem tuam*: Sois meu Filho, porque vos gerey hoje: pedime a vossa herança, que são todas as gentes do mundo, & eu vo la darey. Tres cousas quando menos dignas de grande reparo contém estas profundas palavras. Se Deos gerou seu Filho ab eterno, como diz que o gerou ho-

je: *Ego hodie genui te?* Se diz que a herança he sua: *Hereditatem tuam*; como quer que elle lha peça: *Postula à me?* E se diz que lha dará: *Et dabo tibi*; porque lha não dá sem a pedir? Tudo são demonstrações de quanto Deos, como Pay, dezeja dar. Muito dezeja dar quem pede que lhe peçaõ. Nós somos requerêtes de Deos, para que nos dê, & Deos he requerente nosso, para que lhe peçaamos. Mas isto só o faz como Pay a filhos. O Filho, que o Padre gerou ab eterno, era Filho, a quem não podia dar, nem elle podia pedir, porque era Deos. Mas fez, que esse Filho se fizesse Homem: Para que? Para ter hum Filho, que como Homem lhe podesse pedir, & a quem elle como Pay podesse dar. A elle deulhe a herança como a Primogenito, & a nós tambem no la quer dar como a filhos segundos, mas com a mesma condição de que a peçaamos. E não fora mayor liberalidade dar sem esta condição, & sem esperar que pedissemos primeiro? Não. Porque quer dar

dar de tal modo, que não lo satisfaga a sua vontade, senão também o nosso desejo. Quem me dà o que não peço, mede a ddiva pela sua vontade: quem me dà o que peço, mede-a pela minha. Mais faz Deos. Mede pela minha vontade a sua, que he medida sem medida, porque quer, & se obriga a querer quãto eu pedir. Por isso quis o soberano Pay que pedissemos, & por isso nos ensinou o Filho este modo de pedir a seu Pay.

53. El Rey Assuero offerreco à Rainha Esther, que pedisse o que quizesse, mas esta largueza, ou de liberalidade, ou de amor, quando cuidou que a estendia, entãõ a limitou, porque dizendo:

Quid vis: crescentour: Etiam si dimidiam partem Regni petieris, dabitur tibi: q̃ ainda que pedisse ametade do seu Reyno, lho daria. Pouco dá, & pouco quer quem do que tem, & do que pôde, offerreco só ametade. Não assim o Pay a quem pedimos, porque hũa só partida do q̃ quer que lhe peça nos nesta mesma Oração do Padre nosso,

naõ he ametade do seu Reyno, senão todo: *Adveniat Regnum tuum.* Assuero era Rey, & esposo; em quanto Rey, fallou nelle a liberalidade, em quanto esposo o amor: & he tanto mayor em Deos a liberalidade, & amor de Pay, que quando a liberalidade de Rey, & o amor de esposo naõ chega mais que a prometter ametade do Reyno, a liberalidade, & amor deste soberano Pay naõ dá menos que todo. E notay, que quando lhe pedimos o Reyno, naõ dizemos, q̃ nos dé o seu Reyno, senão que o seu Reyno venha a nõs. Porq̃? Porque pedimos como filhos a Pay, & o Reyno do Pay vem aos filhos. Esta he a razão porque diz o Pay, que dará a sua herança ao Filho: *Dabo tibi hereditatem tuam.* A herança vem aos filhos, naõ lha dão os Pays: pois porque diz este Pay, que dará ao Filho a sua herança? Porque he Pay immortal. Quãdo os pays são mortaes, a herança he pura herança, & vem por morte dos pays aos filhos. Mas quando o Pay he immortal como Deos, a herança

Matth.
6. 10.

Esth.
5. 3.

rança

rança dos filhos he herança com propriedade de doação *inter vivos*, & a doação do Pay he doação com propriedade de herança. Com propriedade de herança, porque de Direito vem aos filhos, & cõ propriedade de doação, porque verdadeiramente a dà o Pay: *Dabo tibi hereditatem tuam.*

54. Só resta dentro no mesmo Padre nosso hũu objecção, que, parece, desfaz claramente o que atègora dissemos. Dissemos, que não allegamos a Deos outro titulo, nem outro motivo, nem outra razão da sua, ou da nossa parte, senão sómente o ser Pay: & na mesma Oração do Padre nosso pedimos a Deos, que nos perdoe, assim como nós pe doamos: logo ainda que da parte de Deos só lhe representamos o ser Pay, da nossa parte allegamos o perdão dos inimigos, que não he pequeno, nem facil merecimento. Taõ fóra está isto de ser objecção, que antes he mayor confirmação do que digo. Suppor o perdão dos inimigos, não he allegação, he justificação.

Ora vede. Para pedir aos Principes da terra, não he necessario justificar primeiro o que na petição se allega? Sim. Pois do mesmo modo para pedir a Deos, a quem só allegamos o ser Pay, he necessario justificar tambem que elle verdadeiramente he Pay nosso, & nós filhos seus.

E esta justificação só se prova com o perdão, & amor dos inimigos. O mesmo Christo o disse: *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos; ut sitis filii Patris vestri, qui in Cælis est:*

Amay a vossos inimigos, & fazey bem aos que vos querem mal, para que sejais filhos de vosso Pay, que está no Ceo. De vosso Pay, que está nos Ceos, diz, assim como nós dizemos: *Pater noster qui es in Cælis.* E esta he a

razão porque em toda a Oração do Padre nosso, & em todo o Rosario nenhũu outra couza, ou acção nossa deduzimos, ou suppomos, senão o perdão dos inimigos sómente: *Sicut & nos dimittimus debitoribus nostris;* porque o nosso intento não he allegar algum titulo de mereci-

Matth. 5.44. 45.

Matth. 69.

1b. 12.

recimento da nossa parte, se não só justificar que Deos, a quem invocamos como Pay, verdadeiramente he Pay nosso: para que as petições, que debaixo deste nome se seguem, fiquem correntes, & não sayão escusadas. Oh que boa advertencia esta para todos os que rezaõ o Rosario! Quando começaõ, dizendo: *Pater noster*; supponhaõ que o primeiro despacho he, Justifique: & se justificarem com o perdaõ, & amor dos inimigos, que estão em estado de filhos, então esperem confiadamente, que o Pay do Ceo, que invocação, lhes concederá tudo o q̄ pedem.

IV.

55 **E** Sta he a primeira parte do modo, com que presentamos nossas petições à Magestade Divina, não como a Deos, nem como a Senhor, senão como a Pay. A segunda parte, & não menos excellente, he que lhas não presentamos só como a Pay, senão como Pay nosso: *Pater noster*. O

Tom. 5.

em que aqui reparo, he em dizermos, nosso, & não meu. Funda-se a duvida não menos que nas palavras do mesmo Christo, quando ensinou o Padre nosso, que são estas: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito, & Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi*. Tu quando oraes, entra no apozento mais secreto da tua casa, & com a porta fechada ora a teu Padre, & teu Padre, para cuja vista não ha lugar occulto, nem escondido, te dará o que lhe pedires. Pois se o mesmo Christo huma, & outra vez chama ao Padre, não nosso, senão meu: *Patrem tuum, & Pater tuus*; porque razão continuando o mesmo Texto, & dando o modo, & a fórma, com que havemos de orar, diz que oremos, dizendo: Padre nosso: *Sic ergo vos orabitis: Pater noster, qui es in Cælis*? Deos he Pay nosso, & de todos, porque he Pay de cada hum: pois se he Pay de cada hum; porque não dirá cada hum quando ora, Pay meu, senão

Matt.
6. 6.

D Pay

Pay nosso? Que digamos Pay nosso, quando oramos em commum, assim pede a mesma communidade que seja; mas quando ora hum só em particular, porque não ha de dizer, Pay meu? Porque Deos, que assim o mandou, quer que oremos deste modo. Quer que em commum, & em particular digamos sempre, Pay nosso; para que em commum, & em particular nos lembremos sempre, que todos somos filhos do mesmo Pay.

Hugo
ibi.

Ut nemo applaudat sibi de nobilitate generis; omnes enim filii Dei sumus: comenta Hugo Cardeal. Quer, & manda Christo, que nos lembremos, quando oramos, que somos filhos do mesmo Pay Deos, porque não haja algum tão ignorante, ou tão desvanecido, que pela chamada nobreza de sua geração cuide que he melhor, ou mais honrado que os outros. Oh que altissimo ponto este, & mais para os vossos pontos! Dizeyme, Senhores, os que vos tendes por taes; quando tomais o Rosario na mão, & trazeis en-

tre os dedos esta primeira Conta, dizendo, Padre nosso, fazeis a cõta, que Deos quer, que façais sem differença de vòs a qualquer outro homem?

56. Dirmeheis, que Deos não vos manda desconhecer a vossa qualidade, nem negar a vossa nobreza: & que se todos fomos iguaes em ter a Deos por Pay, vòs tendes de mais a nobreza dos pays, de que nascestes, & que esta vos distingue, & desigua dos outros homens, & vos faz de melhor, & muito superior condiçãõ. A resposta he muito propria do vosso entendimento, mas não muito digna da nossa Fè. E esses pays, ainda que fossem Reys, & Emperadores, podem entrar em consideração para fazer differença, com quem tem a Deos por Pay? Quizerá chamar a isto Gentilidade, mas nem a resposta merece tão pequena censurá, nem os Gentios tamanha afronta. Gentio era Alexandre Magno, & soberbo com os successos daquella sua grãde fortuna, querendo fer tido, & adorado por Deos:

Que

Que fez? Intitulou-se Filho de Jupiter, & mandou que ninguem dalli por diante o nomeasse por filho de Filippe. E este Filippe quem era? Não só era Rey de Macedonia, mas o mais insigne Rey, que os Macedonios nunca haviam tido: grande amplificador do seu Imperio, famoso Conquistador de muitos Reynos, & Provincias, & tão celebrado por seus heroicos feitos em armas, que o mesmo Alexandre invejava suas vitórias, & as festejava com lagrymas. Pois de hum Rey tão grande, tão poderoso, tão temido, & respeitado na Grecia, tão famoso, & celebrado em todo o mundo, se despreza Alexandre de ser filho, & não quer ser conhecido, nem nomeado por tal? Sim. E obrára muito contra a razão, se assim o não fizera, quando se intitulava Filho de Jupiter. Quem se chama Filho de Jupiter, & tem a Jupiter por Pay, todos os outros titulos, que por qualquer via lhe compitaõ, por mayores, & mais Reacs que sejaõ, mais são para o desprezo, que pa-

ra a estimaçãõ, mais para o esquecimento, que para a memoria, mais para o silencio, que para a jaçtancia: Até entre os Genticos, & no Genticio mais soberbo, quem tem a Deos por Pay, não toma na boca outros pays. E se isto era conforme à razaõ, onde o Deos Pay, era tão falso Pay, como falso Deos; que será onde o verdadeiro Deos he o verdadeiro Pay? Não só he falta de Fé, senão de entendimento, & juizo.

57. Mas vamos á Fé, & ouçamos o que ensina sobre este ponto o mesmo Mestre Divino, Author do Padre nosso, & Commentador delie: *Patrem nolite vocare vobis super terrã: unus est enim Pater vester, qui in Cælis est.* Não queirais (diz Christo) chamar pays aos da terra, porque só tendes hum Pay, que he o que està no Ceo. Grande, & admiravel sentença, & que, parece, diz mais do que diz, dizendo muito mais do que parece. Christo, que isto ensina, não he o mesmo Deos, que nos manda honrar os pays? Sim: pois se os manda honrar, co-

Matt.
23.9.

mo diz que lhe não chame-
mos pays? Havemos de lhe
dar a honra, & tirarlhe o
nome? Assim o mostra a ra-
zaõ, que o mesmo Senhor
acrescenta: *Unus est enim Pa-
ter vester, qui in Cælis est:*
não chameis pays aos da ter-
ra, porque só o do Ceo he
vosso Pay. Logo se só o do
Ceo he nosso Pay a elle só
devemos dar o nome de Pay
& a nenhum outro. E fenaõ,
pergunto: Muitos, que po-
derão ser pays, & o deze-
jaõ ser, porque o não são?
Porque Deos, como respon-
deo Jacob a Raquel, he o
que dá os filhos: & tambem
para que esses mesmos, que
não são pays, conheçaõ, que
o ser, que tem, o não devem
a seus pays, fenaõ a Deos.
Que vem logo a ser os que
chamamos pays, pois não
são elles, fenaõ Deos, o que
nos dà o ser? Vem a ser hũa
estrada gèral ordenada pelo
mesmo Author da natureza,
por onde passa o ser, que elle
nos dà. Profunda, & elegan-
tomentẽ S. Joaõ Chryfosto-
mo: *Non initium vitæ habe-
mus a parentibus. sed transitus
vitæ per eos accipimus.* O

D. Ch.
Crisostomus
Ab.
Hu
one
lig.

principio do ser, que temos,
não fac, nem vem dos pays,
porque todo o recebemos de
Deos, passado sómentẽ por
elles: *Sed transitus vitæ per
eos accipimus.* Vem a ser pro-
priamente o nosso ser, como
as aguas, que enchem, & fa-
zem os Rios. O Nilo, ou o
Tejo não devem as suas cor-
rêtes às terras, por onde pas-
saõ, senão à fonte, dõde nas-
cêraõ. Assim nõs entramos
neste mundo passados pelos
pays da terra, ou pela terra
dos pays: a fonte porẽm dõ-
de trazemos o ser, he só o
Pay do Ceo: *Unus est enim
Pater vester, qui in Cælis est.*
Oh que alto nascimento, &
que grande obrigação, mas
que mal guardada! Por isso
em vez de sabermos á fonte,
sabemos à terra.

58. Ainda fondou este
pègo, & lhe achou mayor
fundo o Profeta Isaias. Falla
em nome do Povo de Israel,
& pede a Deos, que use com
elle de suas antigas miseri-
cordias, de que, parece, esta-
va esquecido; & allega def-
ta maneira: *Tu enim Pater* 11. 63
noster, & Abraham nescivit 16.
nos, & Israel ignoravit nos.

Por

Porque vós, Senhor, sois nosso Pay, & Abrahaõ, & Jacob não nos conheceraõ. Todo aquelle Povo de nenhuma cousa mais se prezava, que de serem filhos de Abrahaõ, & Jacob: pois como agora dizem, que só Deos he seu Pay, & não Abrahaõ, nem Jacob: & a razão, com que o provaõ, he que nem Abrahaõ, nem Jacob os conheceraõ: *Abraham rescivit nos, & Israel ignoravit nos?* Fallou Ifaias altissimamente, & allegou a maior, & mais interior differença, que ha entre o Pay Deos, & os pays homens. Deos conhece aquelles, a quem dá o ser, os homens, ainda que lho dessem, não os conhecem. Conhecem os filhos depois de nascidos, mas antes de gerados não, & quem me faz o beneficio sem me conhecer, não mo faz a mim: pouco lhe devo: não foy eleição, foy caso. Tanto assim, que por isso nascem a muitos pays taes filhos, que antes tomaraõ q̄ não fossem seus. E como Abrahaõ, & Jacob não conheciaõ os filhos, que dellés nasceraõ, & Deos sim:

Tom. 5.

essa he a differença altissima porque allega Ifaias, que só Deos he o seu Pay, & não Abrahaõ, nem Jacob. Logo do mesmo modo tãbem nós só devemos reconhecer por pay ao Pay do Ceo, que nos deu o ser, & nos conheceo, & não chamar pays aos da terra, que nem no lo deraõ, nem nos conheceraõ; & isto he o que soaõ as palavras de Christo: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in Cælis est.*

59. Por isso eu disse, q̄ esta sentença parecia, q̄ diz mais do que diz, dizendo mais do que parece, como agora veremos. Não diz Christo Senhor nosso, nem quer dizer, que neguemos aos que nos geraraõ, o nome de pays: só diz, & só quer dizer, que esses pays não os tragamos sempre na boca, como muitos fazem, prezando-se, & jactando-se dellés, & cuidando q̄ por este accidente, que não he da natureza, senaõ da fortuna, são melhores, & mais honrados que os outros homens. A demonstração, cõ que o Senhor

D iij con-

convence a vaidade deste pensamento, he manifesta : *Unus est enim Pater vester, qui in Cælis est.* Naõ vos jateis dos pays da terra, porque o vosso Pay do Ceo he hum só. São tres razões em tres palavras. Por ser Pay, por ser do Ceo, por ser hũ. Se he Pay, que verdadeiramente vos deu o ser, porque vos haveis de prezar dos q̄ chamaes pays, & vo lo naõ deiraõ? Se he do Ceo, & he Deos, porque vos naõ haveis de gloriar mais de ser seus filhos, q̄ dos pays da terra, que saõ homens? E se he hum só Pay de todos, porque vos naõ haveis de estimar, & honrar todos com amor, & igualdade de irmãos? Esta ultima he a principal consequencia, que o Senhor pretendendo persuadir; porque a inferio tendo ditto: *Omnes autem vos fratres estis.* Pois se todos somos irmãos, & filhos do mesmo Pay, & tal Pay, que fundamento tem, ou pôde ter a soberba para hum Christaõ desprezar a outro Christaõ, & se reputar, ou inchar de mais bem nascido? Responde a mesma soberba,

Matt.
23.8.

que se o Pay do Ceo he hum, os pays da terra saõ muitos, & de muy differentes fortunas: como se Christo, que disse: *Unus est Pater vester,* naõ foubera esta distincão. Mas nenhum caso fez deila, porque todas essas fortunas, nem por altas, nem por baixas, pòdem acrescentar, ou diminuir nobreza em quem he filho de Deos. Ponde em hũa balança de hũa parte a Deos só, & da outra a Deos, & todo o mundo; & perguntay a Santo Thomàs qual peza mais? Tanto peza hũa, como outra; porque todo o mundo, & mil mundos juntos a Deos, em respeito de Deos só, nem acrescentaõ pezo, nem fazem mayoria. O mesmo passa no nosso caso. Tanta nobreza he ser filho de Deos sómente, como ser filho de Deos, & do mayor Monarca do mundo. Taõ nobre he Joaõ filho de Deos, & de hum pescador, como o Emperador Arcadio filho de Deos, & de Constatino Magno. Cuidar alguem o contrario, naõ só he ignorancia, & locura, mas falta, ou desprezo da Fè.

Quisãõ

60. Oução a S. Pasca-
 fio estes idoiatras da vaidade:
Pasch. de: Si vera fide hæc paterni-
in exp. tas veneraretur, & amaretur,
Orat. nunquam fraternitas carnis
Domin amplius valeret apud aliquos,
sed præferrent nobilitatem ex
Deo, darentque operam, ne de-
generes existerent. Et tanto pa-
rente indigni propter vetusta-
tem carnis. De os Chriitãos
 creraõ com verdadeira fé,
 & estimáráõ, como devem, o
 que he ter a Deos por Pay,
 de nenhum modo despreza-
 rião aos que por este sobera-
 no parentesco são seus ir-
 mãos: mas porque muitos se
 prezaõ mais da geraçãõ dos
 pays da terra, por isso são, &
 se fazem indignos de ser fi-
 lhos do Pay do Ceo. De sor-
 te, que deffes, que vòs des-
 prezais, he Deos Pay, & vòs
 porque os desprezais, dei-
 xais de ser filhos. He Pay
 feu, mas não he Pay voffo.
 Entãõ ouvir a estes rezado-
 res cegos com o Rosario na
 mão: *Pater noster, qui es in*
Cælis: desprezando elles no
 mesmo tempo aos filhos do
 mesmo Pay? Isto não he re-
 zar o Padre nosso, he bra-
 zonar os Padres voffos. He

offender, he injuriarlhe atrõ-
 tar o Pay do Ceo, pois vos
 prezais mais dos pays da ter-
 ra. Se o fim, porque Christo
 nos ensinou a dizer, *Pater*
noster, foy para que todos
 como filhos do mesmo Pay,
 nos estimassemos, & honras-
 semos como irmãos; os que
 os não tratão, nem estimão
 como taes, como põdem
 dizer Padre nosso? Não
 põdem. E vede se o provo.
 Morto Jacob, vierão a Jo-
 seph seus irmãos, & disserão-
 lhe desta maneira: *Pater Gen. 50*
tuus præcepit nobis, antequam 16. 17.
moreretur, ut hæc tibi verbis
illius diceremus: obsecro, ut
obliviscaris sceleris fratrum
tuorum, & peccati, atque ma-
litiae, quam exercuerunt in te.
 Voffo pay antes de m rrer
 nos mandou vos disseffemos
 em seu nome, que elle vos
 rogava muito vos não lem-
 brasseis do mal que vos ti-
 nhaõ tratado vossos irmãos,
 & lhes perdoasseis. Reparay,
 se já não tendes reparado,
 na palavra, *Pater tuus*, voffo
 Pay. Jacob igualmente era
 pay de Joseph, & de todos
 os outros irmãos, que lhe
 davaõ o recado em seu no-

mê: pois se era pay de Joseph, & tambem pay seu delles, porqué não dizem nosso pay, senão vosso pay: *Pater tuus*? Porq̃ estes mesmos irmãos tinhaõ tratado a Joseph tão indignamente, como sabemos: & irmãos, que não estimaõ, nem honraõ a seus irmãos, como devem; ainda que sejam filhos do mesmo pay, não podem chamar a esse pay Pay nosso. Por isso não disseraõ, *Pater noster*, senão, *Pater tuus*.

61. Oh soberba! Oh pouca Christandade! Oh falta grande de fé! Oh ignorancia intolleravel da Ley, & verdade, que professamos! Os grandes, que se estimaõ por mais nobres que os pequenos, os Senhores, que se tem por mais honrados que os seus escravos, os mesmos Reys, que cuidaõ que são melhores que o menor de seus vassallos, guardem-se de dizer a Deos, Padre nosso. Se querem que Deos se não offenda, & os ouça, desçaõ-se primeiro desse pensamento, que na mayor Alteza he altivo, reconheçaõ a todos por irmãos, & por seus iguaes na

nobreza como filhos do mesmo Pay; porque este he o foro; em que Christo nos igualou a todos, quando a todos sem differença nos mandou dizer: *Pater noster*. E porque não pareça, que ao menos os Reys pela soberania do seu estado podem ser exceção desta regra; ouçaõ o que prégava S. Joaõ Chrysostomo aos Emperadores em Constantinopla explicadolhes o Padre nosso; & ensinãdo-os como o haviaõ de rezar: *Unam Regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit; cunctis enim unam, atque eandem nobilitatem donavit Deus, cum dignatus est Pater omnium vocari*. Quando Deos nos concedeo a todos, que igualmente o invocassemos com o nome de Pay nosso, juntamente nos deu tal igualdade de honra, & de nobreza a todos, sem differença algũa, que tão nobre, & tão honrado he o pobre, que pede esmola pelas portas, como o Rey, que está assentado no throno, & com a coroa na cabeça: *Unam Regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit: unam, eandem-*

D. Ch.
in ex-
posit.
Orat.
Dem.

dem.

demque nobilitatem cunctis donavit. Para q̄ finalment e se veja se foy altissimo modo de orar o com que Christo ajuntou o *noſter* ao *Pater*, pois sem abater a Alteza dos Principes Soberanos, a que o mundo chama baixeza, levantou, & sublimou a mesma baixeza á igualdade dos mesmos Principes, & tudo isto com hũa só palavra, *Noſter: Extollens vocem.*

V.

62. **P**Assando à segunda consideração, que he das petições, que fazemos a Deos; nellas mais claramente ainda parece que excedemos o equilibrio, ou o meyo porporcionado, & justo, em que consiste o modo: porque em humas pedimos muito mais, & em outras muito menos do que devemos pedir.

63. Quanto ás primeiras, seja exemplo aquella, q̄ comprehende a todas, na qual pedimos a Deos, que seja feita a sua vontade, assim na terra, como no Ceo: & este modo de pedir quẽ não vê, que he fora de todo o

modo? Se differamos sómente: *Fiat voluntas tua: & pararamos allí; entenderse-hia que dezejavamos, & pediamos a Deos, que se fizesse a sua vontade na terra, segundo a fraqueza da terra, de q̄ somos compostos, & segundo o estado da terra, em que vivemos, ou em que lutamos dentro, & fóra de nós, com as misérias da mesma vida: porẽm dizer, & acrescentar que seja feita a vontade de Deos, *Sicut in Cælo, Matth 9.10. & in terra,* assim na terra, como no Ceo; he pedir o que se não pôde pedir, nem se pôde dezejar, nem pôde ser. O Ceo não só he incapaz de peccado, mas nem ainda da menor imperfeição: todos là fazem a vontade de Deos perfeitissimamente, vendo ao mesmo Deos, & revendo-se na mesma vontade: & esta he a melhor parte da sua mesma Bê-aventurança. Pelo contrario na terra, nem ainda os maiores Santos, & confirmados em Graça, estão livres de imperfeições, & de algũs peccados leves proprios da fragilidade humana, por onde*

de disse S. João, sendo elle o que mais amou, & o mais amado de Christo: *Si diximus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est.* A razão desta differença he, porque Deos no Ceo he amado por vista, na terra he amado por Fé: & a vista necessita a vontade, a Fé deixa livre o alvedrio. Logo, se na terra, nem se faz, nem se pôde fazer a vontade de Deos, como no Ceo, pedir que se faça na terra, como no Ceo, he pedir o impossivel.

64. A esta objecção só pôde satisfazer o mesmo Mestre Divino, que nos ensinou a dizer: *Sicut in Cælo, & in terra:* & responderá a hum *Sicut* com outro *Sicut*. Exhortado-nos Christo Senhor nosso à perfeição, que dezeja nos observadores da sua Ley, diz que sejamos perfeitos assim como o Padre Celestial he perfeito: *Estote ergo perfecti, sicut & Pater vester cælestis perfectus est.* Já vedes, como hum *Sicut* responde ao outro. Mas se a perfeição do Eterno Padre he infinita, & immensa, & a nossa, ainda

que fôssemos Anjos, por mais alta, & excellente que seja, sempre he de creaturas, & por isso finita, & limitada; como nos propoem o Senhor por exemplar de nossas acções não outra perfeição menor, senão a do mesmo Padre, & diz que sejamos perfeitos, como elle he perfeito? Por ventura houve ja mais, ou he possivel haver creatura, que possa chegar, nem de muito longe, não digo à igualdade, mas nã ainda à semelhança de tão inaccessivel perfeição? Claro está que he impossivel: mas propoem-nos Christo hum exemplar impossivel, quando nos exhorta á imitação delle, para que aspirando ao impossivel, venhamos a conseguir o possivel. Bem sabe o soberano Artifice, que nos fez, o que podemos com sua Graça, & por isso nos exhorta ao que não podemos, para que cheguemos ao que podemos. Este isto tem lugar na comparação do homem a Deos: *Sicut Pater vester:* quanto mais na comparação da terra ao Ceo: *Sicut in Cælo, & in terra?* O que importa

porta, he que nós digamos de veras: *Fiat voluntas tua.*

65. Não falta porém quem argua esta petição ao menos de superflua, & ociosa. Deos assim no Ceo, como na terra sempre fez, & faz, & ha de fazer o que quer:

Psal. Omnia quaecūque voluit Dominus, fecit in Caelo, & in terra: logo superflua cousa he, inutil, & ociosa, pedir a Deos que faça a sua vontade, pois elle a ha de fazer sempre, ainda que nós não queiramos, nem lhe peçamos que a faça. Muito me admira, q̃ tenha grandes Autores esta replica, & tão grandes, que por sua authoridade os não nomeyo. Nós não pedimos a Deos que faça a sua vontade, pedimos-lhe que seja feita: *Fiat voluntas tua.* E que mais tem ser feita a vontade de Deos, que fazer Deos a sua vontade? Muito mais. Porque o que não pôde fazer a vontade de Deos fazendo, faz sendo feita. He pensamento profundissimo de São

D. Ber Bernardo; & o provo com a *n. sermo* criação, & bemaventurança *6. in* dos Anjos: *Voluntas Domini, quae prius Angelos crea-*

vit, faciens eosdem postmodum in eis facta beavit. A vontade de Deos, que fazendo os Anjos, os fez Anjos, sendo feita nelles, os fez Bemaventurados. De sorte, que a vontade de Deos fazendo, pode fazer Anjos, mas fazellos Bemaventurados, não o pode fazer fazendo, senão sendo feita: *Faciens creavit Angelos facta beavit.* A razão he: porque para hũa creatura racional ser, he necessario que a vontade de Deos a faça; mas para ser bemaventurada, he necessario que ella faça a vontade de Deos. Criou Deos no Ceo a Lucifer, & criou a Miguel, que forão as duas obras da mão divina as mais nobres, as mais excellêtes, as mais parecidas com seu proprio Artifice, & as mais enriquecidas de todos os dotes, & graças da natureza, que no theatro das Jerarquias se estremarão sobre todas. Isto fez a vontade de Deos fazendo. E sendo feita, ou não feita, que fez? Não sendo feita, fez que Lucifer, que havia de ser Bemaventurado, fosse o mayor Demonio: & sendo feita, fez que Miguel,

quel, que também poderá ser Demonio, foſſe o mayor Bemaventurado. Por iſſo pedimos a Deos, não que faça a ſua vontade, ſenaõ que ſeja feita: *Fiat voluntas tua.*

66. E em que ha de ſer feita, ou em que pedimos q̄ ſeja feita a vontade de Deos? Eſte he o ponto mais ſubido deſta altiffima petição. Pedimos, que ſeja feita a vôtade de Deos em tudo quãto Deos quer, ou pòde querer, ſe exceição, ſem limite, ſe replica. No particular, & no commum; no proprio, & no alheyo; no proſpero, & no adverſo; no presente, & no futuro; no temporal, & no eterno. S. Paulo deſtingue na vontade de Deos tres vontades, hũa boa, outra melhor, outra perfeita: *Quæ ſit voluntas Dei, bona, & beneplacens, & perfecta.* Com a vontade boa quer Deos o que manda, com a vontade melhor quer o que aconselha, com a vôtade perfeita quer o que nem aconselha, nem manda, mas ou o executa por ſy, ou o permite por outros: & a todas eſtas vontades ſe ſogeita, & com todas

ſe conforma quem diz: *Fiat voluntas tua.*

67. Na Ley Velha só hum homem achou Deos, que fiſſe todas as ſuas vontades, que ſoy David: *Inveni virum* Act. *ſecundum cor meum, qui faciet* 13.22 *omnes voluntates meas.* Na

Ley da Graça quer Deos que todas as ſuas vontades as façamos todos. Todos, & todas por arduas, por difficultoſas, por encontradas que ſejaõ. Huma vez quer Deos o goſto, outra o deſgoſto: hũa vez quer a riqueza, outra a pobreza: hũa vez a honra, outra a afronta: hũa vez o applauſo, outra a perſeguição: hũa vez a bonança, outra a tempeſtade: hũa vez a fortuna, outra a fome: hũa vez a faude, outra a doença: hũa vez a vida, outra a morte. E aſſim como todos eſtes encontros ſe conciliaõ na vontade de Deos, donde ſaem; aſſim quer ſe recebaõ ſem repugnancia na noſſa, onde todos ſe aceitaõ. Se ſois pay, & quer Deos tirarvos o filho mais amado, como Iſaac a Abrahaõ: *Fiat voluntas tua.* Se ſois Eſpoſo, & vos quer Deos levar a cõpanhia

panhia mais estimada, & a prenda mais querida, como Rachel a Jacob: *Fiat voluntas tua*: Se fois Rey, & vos quer Deos privar da propria coroa, & pelo instrumento mais injusto, & mais ingrato, como a David por Abfalaõ: *Fiat voluntas tua*: Se fois valente, & famoso nas armas, antes o milagre da valentia, & vos quer Deos entregar fraco, maniatado, & afrontado nas mãos de vossos inimigos, como a Saõfaõ: *Fiat voluntas tua*: Se fois finalmente homem, & muito grande no mundo, & não ío vos quer Deos tirar o poder, a grandeza, & a magestade, senaõ a mesma figura humana, & ufo della, & que pasteis entre os bruros, como Nabucodonozor: *Fiat voluntas tua*.

68. Pòde Deos ainda querer mais? Sim pòde. Pòde querer, que todos effes trabalhos, todas effas penas, todas effas dores, que divididas atormentariaõ mortalmente muitos homens, se ajuntem todas em vòs: & padecendo effa vida peyor que a morte, ou vivendo effa

morte bastante a tirar mil vidas, que haveis de fazer, ou dizer: *Fiat voluntas tua*. Outros creyo se contentariaõ com isto, & parariaõ aqui; mas para mim ainda entre as vontades de Deos ha hũa, que mais fere, & mais penetra o coração, mais rigorosa, & mais aspera de sofrer, & de mais difficultosa conformidade. E qual he? A que Judas Machabèõ antepoz à vida, & julgou por mais dura de tolerar que a morte: *Melius est nos mori* ^{1. Ma} *in bello, quam videre mala gē-* ^{ch. 3.} *tis nostræ*: Melhor he, disse aos companheiros, morrer na guerra, que viver, & ter vida, nem vista para ver os males, & calamidades da Patria, & as afrontas, & abatimentos da nossa Naçaõ. Oh animo verdadeiramente leal, fiel, generoso, heroyco! Mas se succeder, & Deos quizer, que a Patria se abraze, como Troya, que se confunda, como Babilonia, que se foverta, como Ninive, que não fique nella pedra sobre pedra, como Jerusaleem, & que se sepulte hũa, duas, & tres vezes debaixo de suas ruinas,

como

como Roma? Ainda no tal caso, responde o generoso Machabèo, não desmayará, nem cahirá o meu coração, porque ficará em pé a vontade divina: *Sicut autem fuerit voluntas in Cælo sic fiat.*

69. Tanto como isto quer dizer, & tanto como isto dizemos no Padre nosso, quando dizemos: *Fiat voluntas tua.* Mas ainda não chegámos mais que à ametade da petição. E bastará, que todos estes males, todas estas calamidades particulares, & publicas, nossas, & de todos, as levemos com paciencia, as soframmos com constancia, as accitemos com conformidade na vontade de Deos? Não basta: porque ainda quer, & diz mais o mesmo Deos: *Sicut in Cælo, & in terra;* a minha vontade ha se de fazer, ou ser feita na terra, assim como se faz, & he feita no Ceo. Como se vem desde o Ceo, & como se recebem, & aceitaõ lá todas estas calamidades do mundo? Não só com perfectissima conformidade, senão com summa alegria. Rebellou-se

Lucifer no Ceo, & levou consigo ao inferno toda a sua parcialidade dos Espiritos Apostatas. E que sentimento causou nos outros Anjos a infelicidade de tão estranha, & universal ruina? Todas as tres Jerarquias ficaramão desfeitas, & todos os nove Coros diminuidos, não menos que na terceira parte: mas na gloria, & alegria dos Anjos obedientes á vontade divina, nenhũa diminuição, nê mudança houve: tão gloriosos, & tão alegres continuáraõ a cantar os louvores de Deos, como agora o fazem, & faraõ eternamente. Como Eva, peccou Adaõ, & foraõ ambos lançados do Paraíso da terra creado para restauração das cadeiras do Ceo: & os Anjos da guarda particularmente do mesmo Adaõ, & da mesma Eva, que demonstração fizeraõ por aquella desgraça? Se elles não foraõ os mesmos Querubins, que com montantes de fogos lhes prohibiaõ a entrada do Paraíso, tanta foy a alegria, em que perseveráraõ na perda dos seus recomendados, como se elles se tiveraõ con-

fervado ns felicidade , em q
 lhe foraõ entregues. Todos
 os Reynos, & Imperios, co-
 mo consta do Profeta Da-
 niel; tem seus Anjos tutela-
 res, que os assistem, gover-
 naõ, & defendem. Passou
 pois o Imperio dos Assyrios
 aos Persas, & que fez o An-
 jo tutelar dos Assyrios? Pas-
 sou o Imperio dos Persas aos
 Gregos , & que fez o Anjo
 dos Persas? Passou o Impe-
 rio dos Gregos aos Roma-
 nos, & que fez o Anjo dos
 Gregos? Passa finalmente o
 Imperio dos Romanos, (que
 ainda se não sabe para onde)
 não apparecendo já delle
 mais que a sombra, nem se
 ouvindo mais que o nome:
 & que fez o Anjo dos Ro-
 manos? Todos se alegrão
 igualmente nestas ruinas,
 como se alegravão no mayor
 auge de suas felicidades,
 porque na vontade de Deos,
 a quem estaõ vendo, vem tã-
 bem todo o motivo da sua
 perpetua alegria. Mayor ca-
 so ainda. Todas as especies
 de creaturas, que nascem, ou
 vivem, ou se movem, ou se
 não movem na terra, tem
 seus Anjos particulares, a

quem incumbe o cuidado de
 sua conservaçaõ. Mandou
 Deos sobre o mundo o dilu-
 vio universal, em que todos
 os homens perecêraõ, & to-
 das essas criaturas se destrui-
 raõ: & quando parece que
 só os Anjos da guarda de
 Noè, & seus filhos, haviaõ
 de ficar triunfantes, & aleg-
 res, & todos os mais des-
 consolados, & tristes; taõ
 universal foy a alegria em
 todos os Anjos, como o cas-
 tigo em todos os homens.
 Não vos parece muito tudo
 isto, & mais que muito? Pois
 nada tenho dito atégora.
 Padece Christo os mayores
 tormentos, & afrontas, mor-
 re finalmente pregado em
 huma Cruz; & posto que o
 Ceo por esta parte inferior
 se cubrio de luto, eclipsan-
 do-se o Sol, na parte de si-
 ma, que he a do Empyreo,
 que sentimento fizeraõ os
 Anjos, vendo morrer a seu
 Deos? Oh affombro! Oh
 prodigio nunca imaginado
 da conformidade com a vô-
 tade divina! Morre Deos, &
 sendo os Anjos as creaturas,
 que melhor entendem, &
 mais o amaõ, nem por hum

fô momento cessáraõ entã as festas, & cantares dos mesmos Anjos, tão alegres na morte do seu Creador, como no seu nascimento, tão alegres no seu enterro, como na sua Resurreiçãõ.

70. Isto he, nem mais, nem menos, o que significa no Padre nosso sobre a primeira parte da petiçãõ: *Fiat voluntas tua*, a segunda, & mais sublime, *Sicut in Cælo, & in terra.* Se tudo quanto acontece, ou pôde acontecer no mundo, por adverso, por terrivel, por lastimoso, & triste que seja, nenhum abalo faz no Ceo, & não só se aceita lá sem dor, senão com igual, & constante alegria; o mesmo professamos nós; & para o mesmo nos offerecemos a Deos, se com verdade lhe dizemos, que seja feita a sua vontade, assim na terra, como no Ceo. Tanto assim, diz S. Joã Chrysostomo, que por força destas palavras nos mãda Christo que antes de irmos ao

D.Ch. Ceo tragamos o Ceo a nós, homil. & façamos da terra Ceo: 20. in *Antequam ad Cælum perveniat, ipsam terrã jussit fe-*

ri Cælum, per hoc quod dicitur Fiat voluntas tua, sicut in Cælo, & in terra. E porque não pareça este pensamento demasiadamente encarecido; ainda tenho em prova d'elle outro melhor Author, & outro melhor Joã, que Chrysostomo. S. Joã Evangelista no seu Apocalypse diz, que vio hum Ceo novo, & hũa terra nova, & que a Cidade do Ceo descia à terra: *Vidi Cælum novum, & terrã novam, & Sanctam Civitatem Jerusalem novam descendentem de Cælo.* Mas como pôde isto ser? Ha Deos de mudar a architectura, & fabrica do Ceo, & da terra, & trocarlhe os lugares? Não dizem todos os Expositores, & o podêrão provar do mesmo Texto; porque quando S. Joã vio descer o Ceo à terra, não lhe chama Ceo, senão Cidade: *Vidi Civitatem:* para mostrar, que havia de descer, não localmente, senão civilmente. Não localmente; porque o Ceo não havia de mudar de lugar passando á terra: mas civilmente; porque a terra havia de mudar de costumes, vivendose

Apoe.
21.1.
2.

do-se na terra, como no Ceo. E esta semelhança civil da terra com o Ceo em que cõsiste? O mesmo Evangelista o declarou: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Nesta Cidade descida do Ceo à terra, ainda que haja trabalhos, miserias, enfermidades, mortes, haverse-hão com tudo nella os homens, como se nada disto lhes tocãra, porque não haverá dor, nem queixa, nem tristeza, nãe lagrymas. E terra, onde todas as causas de dor se recebem sem dor, & todas as causas de tristeza com alegria; já não he terra como terra, senão terra como Ceo: *Sicut in Cælo, & in terra.* Tanta he a virtude da vontade de Deos, quando a nossa se confórma com a sua. *Fiat voluntas tua.*

71. Agora perguntára eu aos devotos do Rosário, ou aos que cuidão que o são como rezão o Padre nosso, & como dizem a Deos: *Fiat voluntas tua, sicut in Cælo, & in terra?* Primeiramente se

dizem isto, os que não fazem a vôtade de Deos, nem guardaõ sua Ley; he falsidade, he hipocresia, he mentira. Taõ longe estaõ de fazer a vôtade de Deos, como se faz no Ceo, que nem a fazem, como se faz no inferno. No inferno tambem se faz a vôtade de Deos, não por vontade, mas por força. E quantos ha, que nem por vontade, nem por força fazem a vontade de Deos na terra? Estes se fallãrão verdade, haviaõ de dizer a Deos: *Faça-se a minha vontade, & não a vossa.* Mas ainda aos timoratos, & que vivem Christãmente fizera eu a mesma pergunta. Vòs os que fazeis na terra a vontade de Deos, como a fazeis? Como a fazeis, digo, porque o que Christo principalmente nos ensinou no Padre nosso, não he só o fazer a sua vontade, senão o modo de a fazer: *Sicut.* Se a fazeis por temor da pena, & por não ir ao inferno, isso não he fazer a vontade de Deos: *Sicut in Cælo, & in terra;* porque no Ceo não ha temor do inferno. Se a fazeis pela esperan-

ça do premio : tambem não he fazer a vontade de Deos : *Sicut Caelo , & in terra ;* porque no Ceo não se espera o premio , já se possui. Se a fazeis finalmente só por ver a Deos, que parece acto mais puro : nem esse chega a fazer a vontade de Deos , como se faz no Ceo ; porque lá todos vem a Deos, & com segurança de o ver eternamente. Pois como havemos de fazer a vontade de Deos , para que seja feita, assim na terra, como no Ceo ? Ave-mola de fazer , assim como diz David que a fazem os

P. 102 Anjos : *Benedicite Domino*
20- *omnes Angeli ejus , potentes*
virtute , facientes verbum il-
lius ad audiendam vocem ser-
monum ejus. Os Anjos no Ceo fazem a vontade de Deos só por fazer a vontade de Deos: sem outro fim , sem outro motivo , sem outro interesse. E porque este modo de fazer a vōtade divina não he impossivel à vōtade humana perfeitamente deliberada ; por isso o mesmo David pedia a Deos o ensinasse a fazer a sua vontade deste modo : *Doce me*

P. 142
10.

facere voluntatem tuam, quia Deus meus es: Ensinayme , Senhor, a fazer a vossa vontade , só porque vós sois Deos meu; & porque a vossa vontade he vossa. E este he o modo altissimo , com que Christo nos ensinou a dizer : *Fiat voluntas tua. sicut in Caelo, & in terra ,* não pedindo mais do que devemos pedir, mas levantando a voz da nossa Oração ao ponto mais subido , onde pòde chegar : *Extollens vocem.*

VI.

72. **D** Esta maneira contém as petições, que fazemos a Deos no Rosario , dentro dos limites do modo , sem o exceder por pedir mais. Agora vejamos como tambem se não desviaõ d'elle em o não igualar por pedir menos. A petição , que logo se segue , he: *Panem nostrum quotidianum* Luc.
11.3- *da nobis hodie:* O pão nosso de cada dia nos dà hoje. Mas assim da parte de Deos, a quem pedimos , como da nossa , para quem pedimos , ninguém haverá , que não julgue

julgue que diz esta petição muito menos do que devêra. Pedir a Deos o pão de hũ só dia, & no mesmo dia, antes parece que he afrontar a sua liberalidade, que acudir à nossa necessidade. A hum Deos tão grande, tão poderoso, tão magnifico; a hum Deos, que se chama Deos, porq̃ a sua natureza he dar; não he presumir indignamente de sua liberalidade, & grandeza, pedirhe tão pouco? Assim pede hum mendigo às portas de hum lavrador: mas tão baixa, & tão escassa petição já mais a fez a feu Rey o vassallo mais pobre. Se a nossa necessidade, como supponos, & dizemos, he de cada dia, & por isso chamamos quotidiano ao pão, que pedimos: que remedio, ou que soccorro he o q̃ lhe procuramos, pedindo só para hoje, & não para mais dias? Anoitecer hoje sem pão, porque se acabou o pedido, & amanhecer à manhã sem pão, porque se ha de tornar a pedir, mais he viver da necessidade, que sustententar a vida. Até à ordem da caridade parece que fal-

tamos nestas, & nas outras petições do Padre nosso. A caridade bem ordenada começa de sy mesmo, & em tudo quanto pedimos, ninguém pede para sy, senão para todos: *Panem nostrum debita nostra, da nobis, dimitte nobis, ne nos induca libera nos.* Isto he enervar a efficacia da Oração, porque quem pretêde para sy, procura cõ o affecto, com que se ama a sy: & a ninguém lhe doe tanto a dor de todos, como a sua. Finalmête para ver quanto menos pedimos, do que deveramos, consultemos as petições sem numero, de que estaõ importunados os altares, os tribunaes, os Principes, & todos os que podem dar; das quaes todas no Padre nosso não se diz, nem se houve hũ a só palavra. Logo he coufa evidente, & sem duvida, que muito menos pedimos a Deos nesta sua Oração, do que fóra della havemos mister, & solicitamos por outras vias.

73. Com tudo he sentença commua de todos os Doutores, & Santos Padres, que nenhũa coufa ha, que se

E ij possa

Matth
6. II.
&c.

possa pedir, nem dezejar, a qual se não contenha nas petições do Padre nosso. *Sapientissimè in ea oratione collecta sunt omnia, quæ petenda, & appetenda sunt:* diz Abulense, aquelle doutíssimo, & eminentíssimo Expositor das Escrituras, em cujos immensos escritos se não acha já mais exageração, senão o sentido proprio, & literal dos Textos Sagrados. O mesmo dizem Santo Thomàs, & S. Boaventura, laureados ambos com o caracter de Doutores da Igreja: & o mesmo differaõ multos seculos antes delles S. Gregorio Nissenno, S. Cypriano, S. Pedro Chrysologo, Santo Agostinho, & antes do mesmo Agostinho com toda a severidade do seu juizo, o grande Tertulliano. Mas perguntára eu a estes Doutores (que por isso alleguey tantos, & todos da primeira Jerarquia) se nas petições do Padre nosso se contém tudo o que se pôde pedir, & appetecer: onde estão no mesmo Padre nosso todas as outras cousas, que os homens com tanto ardor appetecem, com

tanto desvelo sollicitaõ, & com tanta instancia, & importunação pedem a Deos, & aos homens? Não appetecem honras? Não appetecem riquezas? Não appetecem dignidades, Seculares, & Ecclesiasticas? Não appetecem a faude, a vida, a successão, a posteridade, & tudo o que faz a vida delectosa, & a morte toleravel? E para alcançarem estas cousas, ou as que só pôde dar Deos, ou as que pôdem dar Deos, & os homens, não metem por intercessores os Santos, que ajudem as Orações, com que as pedem, & os mesmos Sacrificios do Corpo de Christo, que a esse fim offerecem? Em que parte logo do Padre nosso se contém as petições destas cousas, que são as que mais oradores, & mais devotos têm em todo o mundo?

74. Quem mais agudamente que todos apertou, & resolveo este ponto, foy Santo Agostinho, o qual responde, que se oramos, ou rezamos, como convém, todas estas cousas, que tanto appetecemos, & pedimos, pertencem

Abul. in Ma. ub. o. 11.

D. Th. D. Boavent.

Nissen Cypr. Chryf. Aug. Tert.

Aug. ad Probã. Orat. Ep. 121.

cem

cem à ultima petição do Padre nosso: *Sed libera nos à malo.* Onde pedimos a Deos, que nos livre de todo o mal, alli oramos a Deos por todas estas coufas. Ouçamos ao Lume do Igreja por suas proprias palavras: *Qui dicit in oratione. Domine, multiplica divitias meas, aut da mihi tantas, quãtas illi, aut illi dedisti, aut honores meos auge, & fac me in hoc seculo præpotentem, atque clarètem, &c. puto eum non invenire in Oratione Dominica, quò possit hæc vota coaptare:* Aquelle, que pede na Oraçõ riquezas, honras, dignidades, mandos, & outras semelhantes vaidades, q̃ o mundo estima, & tem por lustrosas, entendendo, diz Santo Agostinho, que em toda a Oraçõ do Padre nosso não acharà lugar, em que possa accõmodar, & introduzir estes seus dezejos, & petições; mas eu lho darey, diz o Santo. *E qual he? Quam ob rem pudeat saltem petere quæ non pudet cupere: aut si hoc pudet, & cupiditate vincit, quantò melius hoc petitur, ut etiam ab hoc cupiditatis malo liberet, cui dicimus Li-*

Tom, 5.

bera nos à malo. A primeira coufa, q̃ a conselho, diz Agostinho, aos que taes coufas pedem, he que pois se não envergonhão de as dezejar, ao menos se envergonhem de as pedir. Mas se vencidos da cubiça, & ambiçãõ as querẽ pedir com tudo; applicuem às suas mesmas petições a ultima do Padre nosso, *Sed libera nos à malo,* & peçaõ a Deos que os livre desse mal.

75. Oh que mal conhecem os homens o mal, & quaõ erradamente o entendem! Pedem honras: & a honra foy a que enganou, & destruiu o primeiro homem, *psal.* & nelle a todos: *Homo cum* 48.2^o *in honore esset, non intellexit, comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* Pedem riquezas: & quẽ perdeo ao Filho Prodigio pela prodigalidade, & ao Rico Avarento pela avareza, & a todos pelo abuso dellas? Por isso de todos, sem exceçãõ, disse Christo: *Væ vobis divitibus:* Ay de vòs Ricos. *Luc. 6.* Pedem dignidade *24.* Seculares, & Ecclesiasticas, das quaes só pelas pedir saõ indignos. E quem foraõ os que

E iij con;

condenaraõ, & crucificaraõ ao mesmo Christo, senão os que tinhaõ as duas mayores dignidades Ecclesiasticas de Jeruſalem, Annàs, & Caifás; & as duas mayores Seculares, Herodes, & Pilatos? Pedem faude, ſem advertirem, que a chamada faude he a mais perigofa enfermidade: & não ſabem, que o remedio, com que Deos a cura, ſão as doenças, ſegundo o aforiſmo do mesmo Medico Divino declarado na receita

Sap. 2. 21. 22. re á fornicatione ſua: ecce mittam eam in lectum. Pedem vida, ſem reparar em que a felicidade da vida não eſtá em ſer larga ſenão em ſer boa, & que a vida he, & não a morte, a que leva os homens ao inferno: devendo entender, que a morte anticipada he final da predeſtinação, & que coſtuma Deos encurtar aos que ama, a vida temporal, porque lhe quer ſegurar a

Sap. 4. 1. 14. Raptus eſt, ne malitia mutaret intellectum ejus: placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit aducere illum de medio iniquitatum. Pedem finalmente

filhos, & ſucceſſão: & não ſe lembraõ, que o primeiro filho de Adaõ foy Caim, & o primeiro de Jacob Ruben, & ambos a primeira cauſa de ſeus mayores deſgoſtos. E para que vejaõ quaõ mal ſigura deixoã a poſteridade neſtes refens; Abſalão, & Roboã foraõ os dous mayores inimigos, q̄ tiveraõ ſeus pays; porque hum tirou a coroa a David, & outro deſtruio a caſa de Salamão.

76. Affim que ſe não vem admirar os que rezão o Roſario, de que Deos muitas vezes lhe não concede o que pedem; porque cuidando que pedem bem, pedem mal. He ſentença expreſſa de Fé, enſinada, & publicada ao mundo pelo Apoſtolo Santiago: *Petit, & Jacob. non accipitis, eo quod male petitis.* Sabeis porque não alcançais o que pedis a Deos, porq̄ vòs pedis mal, & Deos não vos quer dar ſenão bem. E eſta he a razão, porque o mesmo Senhor no Padre noſſo nos não enſinou a pedir nenhũa deſſas couſas, que vòs appetiteis, & pedis. Ainda que muitas dellas ſejaõ

indifferentes ; pedidas porém com o fim para que ordinariamente se pedem, verdadeiramente são mal : & não era razão , que pedissemos a Deos o mal ; & muito menos na mesma Oração , em que lhe pedimos nos livre do mal. Por isso nos concede o que pedimos na sua Oração , & nos nega o que pedimos nas nossas. Se no Padre nosso pedimos , que nos livre do mal , & fóra do Padre nosso pedimos o que verdadeiramente he mal , & nos está mal , quem podia duvidar , que como Pay nos ha de conceder o que pedimos por seu conselho, & não o que pedimos por nosso appetite. Peçamos pois o que elle nos manda pedir sómente : & não cuide ninguem , que pede menos do que deve pedir , pois pede o que só lhe convem.

VII.

77. **E**M pedir o pão de hoje sómente, posto que seja, ou pareça tão pouco, tambem não pedimos menos do que requiere a

necessidade de quem o ha mister, nem a grandeza, & liberalidade de quem o ha de dar. Isto he pedirmos os como filhos, & a Deos como Pay. Ao sustento do filho pertence o presente, à Providencia do Pay o futuro. Mais nos dá Deos no pão de cada dia, que se no lo dera para muitos dias: porque dando-nos o sustento de hoje, nos livra do cuidado de á manhã. Não he pensamento meu, senão advertencia q̄ nos fez o mesmo Christo : *Nolite solliciti esse in crastinũ* : Se vos mando pedir só o pão de hoje, não vos dè cuidado o de á manhã, porque esse corre por minha conta. O pão, & o cuidado são duas cousas muito encontradas. O pão sustenta a vida: os cuidados a affligem, a diminuem, a tiraõ. E que partido pòde estar melhor ao bonẽ, q̄ darlhe Deos a elle o pão, & tomar para sy o cuidado ?

Facta super Dominum curã Ps. 54 tuam, & ipse te enutriet. Quer 23,

Deos, que o pão nos sayba a pão; porque o que se come com cuidados, tem outro sabor, & causa muito differẽ-

Enc.
8.7.

tes humores. Na parábola do Semeador compára Christo os espinhos aos cuidados, & diz, que os espinhos, que nasceraõ juntamente com o trigo, o affogáraõ: *Et simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* O que acont ecco aqui ao trigo, lhe succede tambem depois que he paõ; porque a terra, & o homem ambos saõ terra. O paõ cria fãgue, & os espinhos tiraõ-no; & o peyor he, que o naõ deixaõ criar. Assim como ao paõ semeado o affogaõ os espinhos, assim ao paõ comido o naõ deixaõ digerir os cuidados. Por isso nos tira Christo o cuidado, quando nos dá o paõ, naõ só para que o comamos, senaõ tambem para q̃ nos preste. A causa natural de se nutrirem melhor, & terem menos doenças os animaes, he porque comem sem cuidado. Assim o notou Plinio: o qual diz no mesmo Capitulo, que he cousa ridicula cuidarem os homens, que sendo Deos summamente superior,

Plinius
hist. na
lib. 1
cap. 7
Irridendum verò ageretur. I
re curam rerum humanarum
illud quidquid est summum.

Fallou como Gentio sem Fé. Mas em nós, que a temos, & cremos o contrario, quem naõ terá por verdadeiramente ridiculo o cuidado, com que fiamos mais do nosso, que do de Deos? O Sol nasce cada dia, & ninguem desconfiou de que a sua luz se acabe hoje, porque sabe, que ha de tornar á manhã. Pois assim como nos deitamos seguros á noite, sem que nos tire o sono este cuidado, assim no lo naõ deve tirar o anoitecer sem paõ; porque o mesmo Deos, q̃ cada dia nos dá o Sol, nos darà o paõ cada dia.

78. Eu naõ nego, que o mesmo nome de cada dia mais parece significar dieta, que fartura. Mas quando os fogeitos saõ tão enfermos como nós; naõ seria tão Divina a Providencia, que nos dá o paõ, se no lo naõ medira, ou receitara cõ tal regra, que juntamente fosse alimêto, & mais medicamento. Quando choveo o Manã-do-Ceo, mãdou Deos por Moyses a todo o Povo, que ninguem o recolheffe senaõ para aquelle dia sómente, nem o dei-

Exod. o deixasse para o outro: *Nul-*
 16.19 *lus relinquat ex eo in mane.*

Parece que he propriedade do pão do Ceo, ser pão de hoje. Houve com tudo algũs desobedientes, q̃ o guardã-
 raõ para o dia seguinte, & diz o Texto Sagrado, que todo o guardado se corrompeo logo, & se converteo em

16.20. bichos: *Dimiserunt quidam*
ex eis usque manè, & scatere
cæpit vermibu, atque compu-
truit. O Manà de sua natu-

reza não era corruptivel, ao menos tão depressa. Provasc do que guardou o mesmo Moysês na Arca do Testamento, o qual durou muitos seculos, & não se sabe se dura, & persevera ainda com a mesma Arca. Pois porque ordenou Deos, que o Manà contra sua propria natureza se corrompesse milagrosamente, & não durasse mais q̃ doze horas, nem se podesse guardar de hum dia para o outro? Porque a gente, a quẽ se dava, era incredula, avarenta, & ingrata: & todos estes vicios quis Deos curar nella com lhes dar o pão para hum só dia. Se fois incredulos, crede, que quem vos

deu o pão hoje, tambem vò-lo dará à minhã. Se fois avarentos, & vos parece pouco, & quereis mais do que podeis comer, contentay vos com o que basta. E se fois ingratos, & não reconheceis a maõ, do que recebeis o beneficio; a mesma necessidade, & dependencia vos obrigarà a q̃ a bejeis muitas vezes, & por força, ou por vontade vos mostreis agradecidos.

79. Daqui tirou Santo Ambrosio hum excellentẽ documento para os Principes, que prezando-se de liberaes desprezaõ a sua mesma liberalidade, impossibilitando-se com ella para a continuar: *Modus liberalitatis tenendus est, ut quod benefacis, quotidie facere possis, ne subtrahas necessitati, quod indulseris effusioni.* Não haõ de dar Os Reys tão prodigamente hoje, que lhes não fique que dar à manhã. Como ha de dar todos os dias, quem dà tudo em hum dia? Cuydão que dando tudo, ganhaõ a muitos, & perdem a todos: porque não ha fé sem esperança, nem firmeza sem depen-

D. Am
br. l. 2.
officior.
c. 16.

pendencia, nem ainda amor tão cego, que não abra os olhos para o futuro. Por isso Deos, que he Senhor de tudo, dá com reserva, & para freio da nossa fugeição nos poem a taxa na boca. Dános o necessario, & não o superfluo, porque nos quer bem mantidos, mas não enfastiados. Atè o Demonio nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome, que no fastio. A fome he dezejo, o fastio desprezo: & isto compra com o superfluo quem dá mais do necessario. He bem verdade, que não dando Deos no Maná mais que o necessario para cada dia, os que o comião com tudo se enfastiãrão del-

Num. 21.5. Nauseat anima nostra super cibo isto. Mas aquelle fastio não foy da natureza, foy da enfermidade. O doente atè do necessario se enfastia. E em prova de ser doença, & doença mortal; de tres milhões de homens, que sahiraõ do Egypto, & comerãõ o Maná, só tres chegãrão vivos à terra de Promissão.

80. Oh se os homens me-

dissem o pão com a vida, como he certo, que lhes não pareceria pouco o pão de hoje: Seneca tem por infelices os que não medem a sua fome com o seu estamago: *Infelices qui non intelligitis vos maiorem famem habere, quam ventrem.* E mais infelices são ainda, & menos entendidos, os que não medem o seu pão com a sua vida. O pão de hoje prometteu Deos a todos os que lho pedirem, a vida de hoje a ninguem a prometteo. *De mane usque ad vesperam finies me.* dizia El-Rey Ezechias. E se as vidas mais bem guardadas, & mais bem mantidas, podem acabar antes da noite, tambem do pão de hoje lhe pode foberjar o da Cea. Esta foy a ignorancia daquelle nescio, q̄ porque se achava com muitos moyos de pão, os meda com muitos annos de vida: *Anima mea, habes multa bona in annos plurimos: comede, bibe, epulare.* O pão seria para muitos annos, mas a vida era para tão poucos dias, que da noite, em que isto sonhava, não chegou a ver a manhã: *Stulte, hac nocte repetunt animam* 16.20,

mam tuam à te. Disse S. Gregorio Nissen com tão discreta fraze, como profundo juizo, que este nescio metera no mesmo celeiro o pão, & mais os annos: *Longos an-*

Greg. Nissen. in horreis simul concludens. Se os annos, os dias, as horas não estão no palacio do Sol, fennão nos thesouros de Deos; *Dom. Orat.* que importa, que nos celeiros do homẽ se guarde mais

paõ que o de hoje? Não de balde, fennão cõ grande mysterio, este mesmo instituto, de que fallamos, se chama Rosário. Toda a vida, ou idade da rosa não he mais que hum dia: *Quam longa*

Virgil. in Roma. A Aurora lhe dá o berço, nascida, & fresca; a noite a sepultura, murcha, & seca. De sorte, que quando no Padre nosso repetidamente, & por partes pedimos o paõ de hoje; todo o Rosário nos está prégando, que de hoje à manhã se pôde acabar a vida. Logo para a vida, que he de hoje, e esse hoje ainda incerto, bem lhe basta o paõ de hoje.

81. Altissimamente ex-

hortava S. Paulo aos Christãos primitivos, q̃ se aproveitassẽ da vida, em quanto t̃nhão o sobrenome de hoje: *Donec hodie cognominatur, ut non obduretur quis*

ex vobis. E porque chamou S. Paulo ao hoje sobrenome do homem: *Donec hodie cognominatur?* Porque o nome do homem he mortal, & nenhum mortal, quando vive, pôde ter outro sobrenome. O sobrenome de Dias atê no Cyde foy improprio, porque contra a morte não ha valor. Todos os outros apellidos são falsos, só o de hoje he verdadeiro. Hoje somos, á manhã pôde ser que não. *Sera dies nimis est crastina, vive hodie:* disse mais

Christãmente do que nós o entendemos, o Poeta Gentio. Ha homens de hoje, homens de à manhã, & homens de nunca. E quaes são os de nunca? Os de á manhã? He subtilissima advertencia de Santo Agostinho. Porque quando chega o dia de á manhã, ja não he à manhã, he hoje. E se os que somos, ou nos prezamos de ser homẽs, devemos ser homẽs de hoje;

Heb. 3
13.

Mar-
tialis!

August

por-

porque nos não contentaremos com o paõ de hoje: & porque cuidaremos, que pedimos menos, do que devemos pedir, quando dizemos a Deos: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie?*

82. Mas esta petição (dirão os Ricos) he só para os pobres, & não para nós, que temos paõ para muitos dias, & para todos: & não só para hũa vida, senão para muitas, para a nossa, & para as de nossos descendentes. Sè lhes falta dizer, que Christo não advertio nisto, quando ensinou a todos o pedir o paõ de hoje. Esse mesmo paõ, que tendes, ou cuidais que tendes, se Deos vo lo não der hoje, não o tereis. Em hum dia perdeu Dario a Monarquia dos Persas: em huma noite perdeu Balthasar a dos Assyrios: & em huma hora perdeu Job os gados, os escravos, as searas, a casa, os filhos: & sendo o mais rico entre todos os do Oriente, ficou tão pobre, não como outro, senão como o mesmo Job, exemplo não só da maior pobreza, mas da ultima miseria. E se Deos em cada

hora deste mesmo dia vos pòde tirar quanto tendes, justiça tem para vos mandar, que lhe peçaes o paõ de hoje. Por isso lhe pedimos, que nos dê o paõ nosso: *Panem nostrũ*. Pois se he nosso, & elle no lo deu já, porque lho havemos de tornar a pedir? Porque não só o paõ, q̃ não tendes, senão o que tendes, não o tereis, nem será voffo, se elle vo lo não der hoje. Assim como Deos em todos os momentos nos está dando o ser, assim em todos nos está dando o comer: & he excessõ de favor, & liberalidade, contentar-se que lhe peçaemos para todo o dia, o que elle nos está dando, & nós lhe devemos pedir todos os momentos. Não pedimos logo menos do que deviamos, senão muito mais do que devemos.

83. Só resta a objecção de pedirmos para todos, & não cada hum para sy. Mas este he o mais sublime modo de pedir, & o mais certo de alcançar. Ninguem pede melhor para sy, que quem pede para todos. Entrou o Sacerdote Zacharias no Templo a orar,

a orar, & offerecer o incenso à hora costumada, quando lhe appareceo à mão direita do Altar o Anjo Gabriel, & lhe disse da parte de Deos que a sua Oração fora ouvida, & lhe nalceria hum filho, que foy o Bautista: *Ex-
Luc. 1 13. audita est deprecatio tua. & uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* Não ha Santo antigo, nem Expositor moderno, que não repare na coherencia deste Texto. A Oração, que naquella hora fez Zacharias, não era particular, senão publica pelo bem commum de todo o Povo, o qual tambem acompanhava a mesma Oração cõ as suas: *16. 60. Et omnis multitudo populi erat orans foris.* Pois se Zacharias nesta Oração não orava por sy, senão por todos, & não pedia para sy filho, senão para todo o Povo o bem universal d'elle, como lhe diz o Anjo, que fora ouvida a sua petição, promettêdo-lhe aquillo, que não tinha pedido? Respondem graves Autores, que posto que Zacharias, quando agora orou, não pediu a Deos successão (da qual pela sua velhice, & pela

esterilidade de sua mulher estava tão desesperado, que ainda depois de promettida ficou incredulo, & em pena da incredulidade mudo;) com tudo que antigamente quando ambos estavaõ em idade de ter filhos, entãõ o pedira a Deos, & esta antiga Oração he a que agora foy ouvida. Mas se esta mesma Oração, (torna a duvida com maior força) se esta mesma Oração não foy ouvida, nem despachada entãõ; porque foy ouvida, & otorgada agora? Porque agora orava Zacharias para todos, entãõ orava para sy: & o q̃ não cõseguiu, nem mereceo, quando orava para sy, agora o mereceo, & alcançou, porque pedia para todos. Onde se deve notar, & reparar mui to, que o que agora alcançou, não o pediu agora. De forte, que quando orava para sy, não mereceo alcançar o que pedia, & quando orava para todos, mereceo alcançar o q̃ não pedia: porque entãõ pedia filho, & agora não. Tanto melhor, & mais efficaç Ozração he, como Christo nos ensina, o pedirmos para

para todos, que cada hum para sy.

84. Mais digo. Monta tanto diante de Deos o pedir para todos, que ainda quando Deos nos nega o que pedimos para todos, nos concede o que não pedimos para nós. Pede Abrahaõ a Deos, não com hũa, nem com duas, senão com muitas, & importunas instancias, que perdoe às cinco Cidades de Sodomã, & Gomorra, mas não o conseguiu. Chove fogo do Ceo, abrazaõ se as Cidades, & que fizeraõ os Anjos executores desta justiça? Tomã pela mão a Loth sobrinho de Abrahaõ, & assim a elle, como a toda a sua familia, o livrãraõ do incêdio. E Abrahaõ por ventura tinha orado por Loth? Não se le tal Oraçaõ na Escritura, referindo-se miudissimamente todas as outras. Pois se Deos não livra as Cidades, pelas quaes intercedeo, & orou Abrahaõ; porque livra o sobrinho de Abrahaõ, pelo qual não orou, nem intercedeo? Porq̃ ainda quando Deos nos nega, o que pedimos para todos, nos con-

cede no mesmo caso o que não pedimos para nós. Advertidamente Oleastro: *Non Oleast. legimus Abraham pro nepote in cap Geni9 orasse, & legimus Deum ejus gratiã illum ab incendio liberasse.* Foy tão agradavel, & tao aceita a Deos a Oraçaõ, que Abrahaõ fez por todos, que ainda quando negou à sua Oraçaõ, o que pediu para todos, lhe concedeo sem Oraçaõ o que não pediu para sy. Altissimo he logo, assim nesta petiçaõ, como nas outras, este modo de pedir, & altissima em todas as do Rosario a voz, com que sempre assim pedimos: *Extollens vocem.*

VIII.

85. **S**empre chego tarde á terceira, & ultima consideraçãõ do discurso. Mas como a materia he tão grande, mais queixoza a imagino do muito que deixey de dizer, & podêra, que da largueza do que disse, poupando sempre palavras, quanto me foy possível. Considera esta terceira parte a intercessãõ, de que nos

nos valem, q̄ he a da Virgem Senhora nossa, cujo poderosissimo patrocínio tantas vezes imploramos, quãtas repetimos no Rosário, Ave Maria. Mas se na Oração do Padre nosso pareceo que excedemos o modo de pedir, ou pedindo mais, ou menos do que deviamos; na da Ave Maria, que he tão diversa, quem não dirã, que totalmente perdemos, ou encontramos o mesmo modo, pois nenhuma cousa pedimos? O que só dizemos na Ave Maria à Mãy de Deos, he que rogue por nós: *Sancta Maria Mater Dei ora pro nobis.* Pedimos-lhe q̄ peça, mas não dizemos o que ha de pedir: logo não pedimos nada.

86. Primeiramente respondendo, que não ha mais nobre, nem mais alto modo de pedir, que não pedindo. Martha, & Maria amavaõ muito a Lazaro, & dezejavaõ muito de o tornar a ver vivo, & criaõ que Christo o podia ressuscitar: pois porque não pediraõ ao Senhor que o ressuscitasse? Porque sabiaõ como nobres, & illuf-

tres que eraõ, que o mais cortez modo de pedir he não pedindo. Assim respõde por ellas S. Bernardo, depois de as arguir. *Si fratrem vestrum amatis, cur ejus misericordiam non flagitatis de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potestis? Respondent: Sic melius tanquam non orantes oramus.* Se amais a vosso irmaõ, & não podeis duvidar do poder, nem desconfiar do amor de Christo, porque não pedis por elle? Mas a isto respondem (diz o Santo) que assim pedem, & pelo melhor modo: porque pedir não pedindo he o melhor modo de pedir: *Sic melius, tanquam non orantes, oramus.* Assim orãraõ entãõ as duas mais bem ensinadas discipulas de Christo: & assim oramos nõs tambem no Rosário, que a escola de sua Mãy he a mesma. Repetindo tantas vezes a Ave Maria, nenhũa cousa representamos à Virgem Santissima, nem de necessidade, nem de remedio, nem de favor, ou que nõs peçamos, ou que a mesma Senhora haja de pedir por nõs: mas quãdo assim oramos sem pedir, entãõ

*D. Bernard.
de gradib.
humil.*

taõ oramos melhor , porque não pedimos: *Sic melius, tanquam non orantes, oramus.*

87 A razaõ he, p rque orando assim, oramos à Mãe de Deos, pelo mesmo modo com que devemos orar a Deos. A Deos (dizia o Oraculo da Filosofia Socrates) não se ha de pedir cousa alguma determinadamente; porque elle sabe melhor o que ha de dar, do que nõs o que devemos pedir: *Te totum caelestium arbitrio permitte, quia qui tribuere bona ex facili solent, etiam eligere aptissime possunt.* Não só ha de ser de Deos o dar , senão tambem o eleger. Em esperar delle a mercê , supponmos a sua liberalidade; em a deixar na sua eleição, honramos a sua sabedoria. E assim fazemos, quando oramos á Mãe de Deos. Pedimos que peça, mas não dizemos o que ha de pedir, para que assim como a intercessãõ ha de ser sua, seja tambem sua a eleição. Dezejava entrar na Ordem de S. Domingos Reginaldo, Deão da Cathedral de Orlens, & famoso Cathedratico da Universidade de

Paris, quando cahio mortalmente enfermo. Não cessava porẽm o Santo Patriarca, & toda a Ordem de rezar o Rosario por esta tençaõ: quando na ultima desconfiança da enfermidade appareceo a Soberana Rainha dos Anjos no mesmo apozento do enfermo , & disse a Reginaldo, que pedisse o que quizesse, porque alli estava em Pessoa , & tudo lhe seria concedido. Suspendo, tanto da vilaõ, como da promessa, ficou atalhado o grande Doutor, não se sabendo resolver no que pediria: porẽm Santa Cecilia, & Santa Catharina, que de hũ, & outro lado acompanhavaõ a Senhora; aconselharaõ ao enfermo, q̃ nenhũa cousa pedisse, & q̃ todo se pozesse em suas mãos. Fello assim Reginaldo, dizendo: Soberana Rainha do Ceo, o que Vossa Magestade for servida de mim, isso he o que só quero, & nas mãos de vossa bondade, & clemencia cõ toda a reverencia, & humildade me ponho todo. Entaõ as duas Virgens, que não só como as prudentes do Evangelho

gelho deraõ o cõselho, senão tãbem o oleo, presẽtãrãõ de joelhos à Senhora duas redomas, em q̃ o trazião, & a piedosissima Mãy de Deos ungiendo o enfermo cõ as mesmas mãos, em q̃ elle se tinha posto, não só o livrou da morte, q̃ aguardava por instantes, mas no mesmo momẽto o restituiu à inteira saude & forças, q̃ he o que naquelle estado podẽra dezejar, & pedir, mas não pedira. Não foy excellente modo este de pedir não pedindo? Pois isto he o que tantas vezes fazemos no Rosario em cada Ave Maria que rezamos.

88. Pedir por este primoroso modo, não só he pedir se pedir, mas he pedir, & jũtamente dar. He pedir; porq̃ pedimos a intercessãõ: & he dar; porque damos a eleição. Na intercessãõ, que pedimos, reconhecemos na Mãy de Deos a sua dignidade, na eleição que dimittimos de nõs, renunciãmos na mesma Senhora a nossa vontade. No Padre nosso pedimos a Deos, o que elle quer que peçamos, na Ave Maria pedimos à Mãy de Deos, o

Tom. 5.

que ella quizer pedir. E este he o mayor primor, a mayor cortezia, & a mayor delicadeza, & perfeiçãõ do orãr. E porque? Ensinou-o maravilhosamente meu Santo Patriarca Ignacio naquella sua famosa Epistola aos Portuguezes, que em genero de Espirito he hũa das mayores cousas, que se tem escrito na Igreja. A razãõ he (diz o Santo) porque quem pede o que quer, prefere-se por hũa parte, ainda que se fogeita por outra. Em pedir, fogeita-se; porque o pedir he acto de fogação; mas em declarar o que quer, prefere-se; porque o proprio querer he acto de liberdade, & de preferencia. Tanto assim, (diz profudamente S. Bernardo allegando pelo mesmo Santo) que quando o subdito consegue do Prelado o que quer, não he o subdito o que obedece ao Prelado, senão o Prelado o que obedece ao subdito: *D.*

Nec enim in ea re ipse Prælati. Beern.
to sed magis ei Prælati obedit. Em pedir, fogeita-se elle ao Prelado, mas em pedir o que quer, quer que o Prelado se fogeite a elle, & assim o

consegue. De forte, que o mesmo pedir por tal modo, he pedir, & mandar juntamente. Daqui se entenderá a propriedade, com que falla a Escritura, quando diz que obedeceo Deos á voz de Josué: *Obediente Domino voci hominis*. Obediencia supponem mandado de huma parte, & fogueiã da outra: pois como podia ser que Deos obedeceffe a hum homem? Porque Josué, como consta do Texto, pediu, & mandou juntamente: *Loquutus est Josué Domino, dixitque: Sol contra Gabaon ne movearis*. E como Josué pediu mandando: em quanto pediu, concedeo lhe Deos o que pediu, em quanto mandou, obedeceo ao que mandava. Isto he o que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Logo para pedir com a mayor corteziã, com o mayor primor, & com a mayor perfeiçã, não se ha de declarar em nada a propria vontade, mas fogueitar-se em tudo, & por tudo a quem pede, & à sua disposiçã, & arbitrio, como nós fazemos ao da Mãe de Deos.

Josué
10.14

16.12

89. Excelente lugar de David: *Subditus esto Domino, & ora eum*: Fazeyvos subdito de Deos &, entã oray. Pois quem ora, & pede a Deos, não se fogeita a elle? Distinguo. Se pede o q̄ quer, fogeita-se em parte, & no tal caso não he perfeito subdito, porque usa da sua liberdade: porẽm se pede, & não diz o que quer, entã se fogeita inteiramente, & se faz perfeito subdito de Deos, porque renuncia nelle a sua vôtade. O mesmo Texto o declara com bem advertido reparo de Hugo Victorino: *Propterea non dixit tibi: Ora eum hoc, vel illud, sed tantum ora eum*. Notay o que diz, & o que não diz o Profeta. Não diz que oremos, & peçamos a Deos isto, ou aquillo; mas só diz que oremos, & que peçamos; porque este he só o modo de orar, & pedir como subdito: *Subditus esto Domino, & ora eum*. E que mais? A consequencia he digna de taõ grande Autor, & em proprios termos a nosa: *Cum ergo oras, quem petas potius, quàm quid petas cogitare tibi dulce sit*. Logo todo o nosso

Hugo
Victor

in an-

not.

ejusd.

Psal.

o nosso cuidado quando oramos ha de ser pór os olhos em a quẽ pedimos, & não no que pedimos: *Quem petas potius, quàm quid petas.* E isto he o que faz a nossa Oração todas as vezes que repete no Rosario: *Mater Dei ora pro nobis.* Olha só para a soberana intercessora, a quẽ pede; mas não tem olhos para ver o que ha de pedir, porque seria grande desprimor nosso, & menos reverencia da Suprema Magestade da Mãy de Deos, não deixar tudo á sua Providencia, & ao seu arbitrio. Por isso pedimos, que peça por nós, & não o que ha de pedir.

90. Mas em dizermos que peça, parece que tambem trocamos hum modo por outro, & deixamos o de mayor dignidade pelo menos digno. A dignidade da Mãy de Deos he tão soberana, que ainda em respeito do mesmo Deos, como Mãy a Filho, não só pòde alcançar quanto pedir, senão mandar o que quizer. Assim o pronunciaõ expressamente muitos dos Santos Padres,

& he já tão vulgar esta grande supposição entre os Doutores, que não necessita de authoridades a prova della. Pois se a soberania da Mãy de Deos he tão poderosa, q̃ pòde mandar, porque lhe não pedimos, que mande, senão que peça, & rogue: Roga por nós? Tambem esta circumstancia de orar he novo modo de primor, com que mais nos empenhamos a estimar toda a mercè, & favor, que por intercessão da mesma Senhora alcançarmos. Toda a mercè pedida por quem a pòde dar, ainda que tenha igual preço dada, merece mayor estimação por pedida. Já vimos o primeiro primor de Martha, & Maria em não quererem pedir a resurreição de Lazaro. Acrescentou porém Martha, que ella sabia muito bem, que tudo o que Christo pedisse a Deos, lho havia de conceder: *Et nunc scio, quia* ^{Joan.} *quacunque poposceris à Deo,* ^{11.22} *dabit tibi Deus* E como o Senhor replicasse, que elle era a vida, & a resurreição, & lhe perguntasse se o cria assim: *Credis hoc?* Respondeo

Martha, que tempo havia, que tinha crido q̄ o mesmo Christo era Filho de Deos :

ib. 27. *Utique Domine, ego credidi, quia tu es Christus Filius Dei vivi.* Pois se Martha sabia, que Christo era Deos, & como Deos podia dar a vida a feu irmão, porque não allega, que lha podia dar como Deos, senão que a podia pedir a Deos como homem? Porque era muito mayor favor neste caso, o pedir, que o dar: & ficava muito mais autorizada a mesma resurreição como pedida, que como dada. Assim o fez o Senhor. Primeiro orou publicamente (o que não tinha feito nas outras resurreições) & depois resuscitou a Lazaro: porque como o amava tanto, que lhe tinha custado lagrymas, quiz que fosse dobradamente autorizada a sua resurreição não só como dada por elle, mas como pedida. *In speciem precantis compositus rebus ipsis auctoritatem manifestat:* diz S. Basilio de Seleucia.

S. Bas.
Seleuc.
Orat.
32.

91. Esta he a primeira razão, porque no Rosario pedimos à Mãe de Deos, não

que dê, senão que peça, & não que mande, senão que rogue, para lhe devermos mais a estimação desta circumstancia. A segunda ainda he muito mais alta, & de mayor fundo. Pedimos á Senhora, que rogue, quando lhe chamamos Mãe de Deos: Santa Maria Mãe de Deos, roga por nós; porque se Maria gerando a Christo deu a Deos o ser humano; rogando-o. dálhe o divino, quanto pôde dar a criatura. Ora notay. Se ha cousa, que de algũ modo possa dar Divindade, não he outra, senão o rogar. Quiz Nabucodonozor ser Deos de todo o mundo, & que não ouvesse outro Deos senão elle, & o meyo, que tomou para estabelecer a sua Divindade, foy mandar por hum decreto universal, que só a elle podessem rogar os homens, & a nenhum outro: *Nunquid non constituisti, ut omnis homo, qui rogaret quæquam de Diis, & hominibus, nisi te, Rex, mitteretur in lacû leonum?* Assim o mandou aquelle potente Rey, & assim lho aconselharaõ os mayores Sabios de sua Monarquia:

enten

entendendo huns, & outros, que só o ser rogado lhe podia cõciliar o ser Deos. Querria ser Deos, & só: para ser Deos, roguem-no todos; para ser só, ninguem rogue a outro: *Ut non rogaret quemquam, nisi te, Rex.* Este foy o pensamento, (& pôde ser que tomado daqui) com que disse discretamente o Poeta, que os Deofes não os faz quem lhe fabrica as imagens, ou lhe levanta os altares, senão quem os roga: *Non facit Ille Deos, qui rogat ille facit.* Os Deofes dos Gentios eraõ de pao, ou pedra, ou de metal, obras das mãos dos homẽs, como diz o Profeta, & quem os fazia Deofes? Não os faziaõ Deofes os Escultores, senão os Rogadores. Quando esculpidos, quando lavrados, quando formados, ainda eraõ paos, & pedras; mas quando rogados, entãõ começavaõ a ser Deofes: *Deos qui rogat ille facit.*

92. Grande lugar de Minucio Feliz: naquella famosa Apologia sua em nome de Octavio: *Ecce funditur fabricatur, sculpitur; non*

Minucius in Octavio

Tom. 5.

dum Deus est, ecce plumbatur: construitur, erigitur: nec adhuc Deus est. Ecce ornatur, consecratur, oratur: tunc postremò Deus est. Toma o Escultor o metal nas mãos, derrete-o, funde-o, lança-o nos moldes, dàlhe fórma: he já Deos? Ainda não *Non dum Deus est.* Tira-o fóra já formado, compoem-lhe os mēbros, distingue-lhe as feições com toda a arte: & limado, & polido, & chumbado, para que se tenha em pè, erguido, & direito: he já Deos? Nem ainda agora: *Nec adhuc Deus est.* Orna-o, confagra-o, faz-lhe Oração; he já Deos? Agora sim. *Oratur: tunc postremò Deus est.* Quando he orado, & rogado, entãõ he Deos. Dayme licença, Virgem Santissima do Rosario, para que destas Estatuas sem ser, vos forme, & levante hũa. Posto que vosso Benditissimo Filho sempre foy Deos verdadeiro: em todos os mysterios do Rosario pôde parecer só homem; mas quando vòs chegais a lhe rogar por nós, ninguem pôde negar, que he Deos. Humanado Christo,

F iij

nas

nascido, apresentado, perdido, & achado no Templo; poderá dizer quem o não conhece: *Non dum Deusest*: Suando fangue, atado á coluna, coroadado de espinhos, carregado com a Cruz, & pregado nella; & tambem resuscitado, & subido ao Ceo, ainda poderá persistir no mesmo: *Nec adhuc Deus est*: porèm vendo que vòs, Senhora, sendo que n'hois o rogais; assim como atègora lhe confessava o ser humano, já lhe não pòde negar o Divino. Fallo com toda a Corte do Ceo.

93. Acclamava a Christo toda a Corte do Ceo, Anjos, & Santos, em figura de Cordeiro: & ouviu S. João no seu Apocalypse, que todos a huma voz dizião assim.

Apoc. 5
12. *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem*: Digno he o Cordeiro, que se sacrificou pelo genero humano, de receber o poder, & a Divindade. Parece, que não concorda esta Theologia do Ceo com a nossa. Christo, que he o Cordeiro desde o

instante de sua Encarnação, recebo a Divindade; porque sempre foy Deos: nem então se pòde dizer que foy digno de receber a mesma Divindade; porque a uniaõ da humanidade ao Verbo, nem a mereceo, nem a pode merecer. Pois se já tinha, & sempre teve a Divindade, & sem merecimento proprio; porque diz agora a huma voz todo o Ceo, que he digno de a receber: *Dignus est Agnus accipere Divinitatem?* E se a recebo outra vez depois de já recebida, que novo modo de receber a Divindade foy este? Respondem todos os Theologos, & Expositores, que o modo de a receber outra vez, foy o reconhecimento, o conceito, & a voz universal de todos os homens, & Anjos, que com aquelles applausos o confessavaõ. Logo muito mais, & muito melhor recebe Christo a Divindade, sendo rogado só de sua Mãe, que sendo reconhecido, & acclamado de toda a Corte do Ceo. He consequencia manifesta. Porque a mayor
Ma-

Magestade, & a mayor Soberania, que ha no Ceo, & na terra, abaixo de Deos, he a Pessoa de Maria : Logo aquelle, a quem Maria roga, não pôde fer fenaõ Deos. E se o fer Christo reconhecido, & acclamado como Deos pelos obsequios, & applausos de toda a Corte do Ceo, he novo modo de receber a Divindade: *Accipere Divinitatem* : muito mais alta, & magestosamente recebe Christo a mesma Divindade, quando he rogado por Maria; porque Maria, & a sua authoridade, excede muito a de toda a Corte do Ceo. E daqui se fica concluindo com a mesma evidencia o que eu dizia: que se gerado Christo por Maria recebeo della, em quanto Mãy sua, a humanidade; tambem rogado por Maria recebe della, em quãte intercessora nossa, a Divindade. Em quanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque o roga. Vede agora, & julguem todos, se he alto, & mais que altissimo este modo de pedir: & quanto se levanta

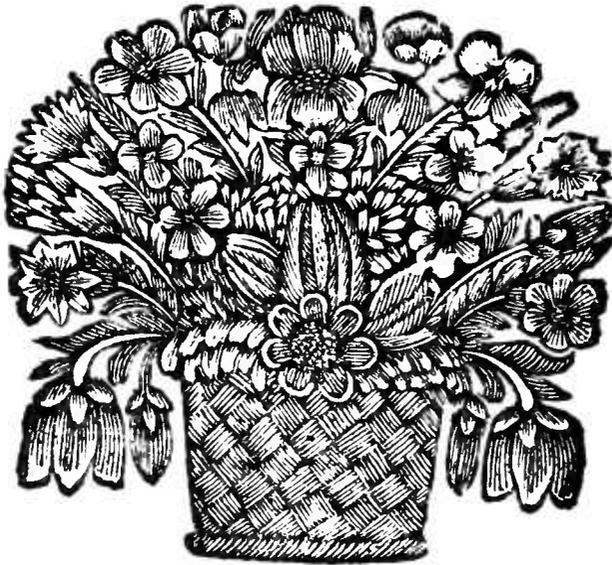
neste ponto sobre sy mesma a voz altissima do Rosario : *Extollens vocem.*

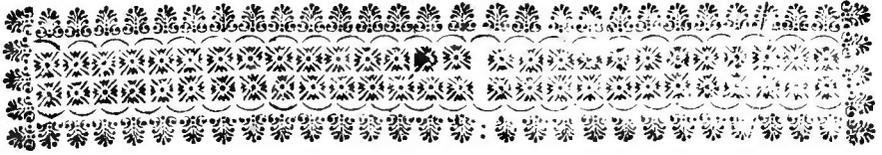
IX.

94. **T**Enho acabado o meu discurso, & por ultima recommendação do que fica ditto, só peço aos devotos da Senhora do Rosario, não deixem de advertir nelle quão necessaria nos he a todos a intercessão da mesma Senhora. Basta, que nos seja tão necessaria como o pão para a boca? Pois advertirão, que ainda he mayor a necessidade, que della temos: & nós mesmos o confessamos em hũa, & outra Oração do Rosario, por ventura sem o advertir. No Padre nosso pedimos o pão para cada dia : *Panem nostrum quotidianum* na Ave Maria pedimos a intercessão da Senhora para cada hora, & para cada instante: *Nunc, & in hora mortis nostræ.* O *nunc* significa instante, a hora da morte he, & pôde ser cada hora. E se o pão o pedimos para cada dia, & a intercessão da

Senhora para cada hora, & para cada instante; não haja hora, nem instante no dia, em que não digamos de todo coração á poderosíssi-

ma Mãy de Deos, & nossa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc. & in hora mortis nostræ. Amen.*





SERMAM III.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

*Quinimo , Beati qui audiunt verbum Dei.
Luc. 11.*

I.

95.  Uanta he a
differença,
q̄ tem (pos-
to que es-
tejaõ taõ juntos) na rosa o
cheiro , & a virtude: na ar-
vore a folha , & o fruto : no
mar a concha , & a perola :
no Ceo a Aurora , & o dia :
no homem o corpo , & a Al-
ma : & para que o digamos
por seus proprios termos ;
quanta he a ventagem , que
faz o entendimento à voz ,
tanta he a que tem (posto
que irmãs entre sy) a Ora-
ção Mental sobre a Vocal. A
Vocal he o exterior da Ora-

ção , a Mental o interior: a
Vocal he a parte sensível , a
Mental , a que não se sente:
a Vocal he hum corpo for-
mado no ar , a Mental o es-
pirito, que o informa, & lhe
dá vida. A Vocal recita pre-
ces, a Mental contempla my-
sterios: a Vocal falla, a Men-
tal medita: a Vocal lê , a
Mental imprime: a Vocal
pede, a Mental convence. A
Vocal pòde ser forçada , a
Mental sempre he volonta-
ria: a Vocal pòde não sair do
coração, a Mental entra nel-
le, & o penetra; & se he du-
ro, o abranda. A Vocal exer-
cita a memoria , a Mental
discorre com o entendimen-
to ,

to, & move a vontade: a Vocal caminha pela estrada aberta, a Mental cava no campo, & não só cultiva a terra, mas descobre thesouros.

96. No Templo de Salomão havia dous Altares, hũ interior junto ao Sancta Sanctorum, em que se queimavaõ timiamas, outro exterior no Atrio, em que se mata-vão rezes. Os q̄ oraõ mentalmente, diz Origenes, sacrificação no Altar de dentro: os que oraõ com vozes, no de fóra: *Cum corde oravero, ad altare interius ingredior; cum autem quis clara voce, & verbis cum sono prolatis; offerre videtur hostiam in altari, quod foris est.* Apenas ha figura no Testamento Velho, em que se não veja retratada esta grande differença, A Oração Vocal he a voz do Precursor no deserto, a Mental he o conceito da mesma voz, que reconhece o Messias, & lhe manda seguir os passos: a Vocal he a boca do Leão de Sampsaõ, a Mental são as abelhas, que nella fabricaõ os favos, mais doces pelo mysterio, que pelo mel: a Vocal he o esta-

lo da funda de David, a Mental he a pedra, que rompeo a testa ao Gigante, & porque lhe penetrou o cerebro, o deitou em terra: a Vocal são as trombetas de Jericò, que batem os muros, a Mental he a espada de Josué, que degola os inimigos, & sacrificca os despojos: a Vocal he o pregaõ de Saul, a Mental he a guerra apregoada: a que debella os Amonitas, que liberta Jabès, & descativa os cercados. Emfim da Vocal fobem ao Ceo vapores, da Mental se acendem là relápagos, & descem rayos, que allumiaõ os olhos, que ferem os peitos, que amortecem as paixões, & desfazem em cinza os vicios.

97. Estes são os effeitos da Oração do Rosario, que não só devemos celebrar, mas distinguir em quanto Vocal, & Mental. Em quanto Vocal, he mayor no numero, em quanto Mental, no pezo: em quanto Vocal, reza muitas vezes duas Orações; em quanto Mental, contempla, & medita quinze mysterios: em quãto Vocal, falla, & sollicita o cuida-
do

do de Christo com Martha , em quanto Mental está sem nenhum outro cuidado aos pés de Christo, & ouve com Maria. Hũa orava com a boca, & outra orava com os ouvidos. E isto he o que determino dizer, & declarar hoje. Já vimos quaõ alta he a Oraçãõ Vocal do Rosario, hoje veremos quaõ profûda he a Mental. Marcella disse: *Beatus venter*: Christo respondeo: *Beati qui audiunt*: Marcella levantou a voz, para que Christo a ouvisse, & o Senhor abriolhe os ouvidos, para que ella aprendesse. Aquelle notavel *Quimimo* bem mostrou que a liçãõ era nova, & mais subida: & assim o ferá tambem a do nosso discurso. No passado vimos, como se reza o Rosario cõ a boca: *Extollens vocem*: neste veremos, como se ha de rezar o mesmo Rosario pelos ouvidos: *Beati qui audiunt*. Para que nos ouça a Virgem Santissima (cuja he a obra, & o invento) & nos assista com sua Graça, digamos: *Ave Maria*.

II.

Beati qui audiunt verbum Dei.

98. **R**ezar o Rosario pelos ouvidos, como prometti, he o assûpto deste Sermaõ, mais novo pelo defuso, ou abuso, que pela novidade da materia. Este foy o fim principal para que se instituiu a devoçãõ do Rosario, de poucos bem rezado, & de quasi todos mal entendido. Naõ foy instituido só para nõs fallarmos cõ Deos, & Deos nos ouvir a nõs, senaõ para que Deos falle comnoico, & nõs ouçamos o que nos diz Deos: *Qui audiunt verbum Dei*. Para restituir pois o Rosario à sua primitiva perfeiçãõ, ou para persuadir esta novidade aos que a tiverem por tal; & para fallar em materia de sy naõ muito clara com toda a clareza, dividirey o discurso em tres partes. Na primeira mostrarey, que o Rosario se pòde rezar pelos ouvidos: na segunda, que se deve rezar pelos ouvidos; na terceira, como se ha de rezar

zar pelos ouvidos: *Beati qui audiunt.*

99. Começando pela possibilidade, no primeiro mysterio do mesmo Rosario, & na soberana Instituidora delly temos o mayor, & mais perfeito exemplar da grande parte, que nesta altissima obra tẽ os ouvidos. De dous modos concebeo a Virgem Maria o Verbo Divino, que tambem de dous modos he palavra de Deos: *Verbum Dei.* Concebeo-o no ventre, & cõcebeo-o na mente. Concebeo o no ventre sacratissimo com privilegio singular a nenhũa outra creatura cõcedido: *Beatus venter, qui te portavit:* & concebeo-o na mente com aquella eminentissima pertença, a que nenhũa outra Alma pòde chegar, nem aspirar, posto que todas sejaõ capazes de conceber o mesmo Verbo mentalmente. E para que vejamos quanta parte tiveraõ os ouvidos em hũa, & outra cõceição, ouçamos a S. Bernardo: *Missus est coluber tortuosus à Diabolo ut venenum de Pen per aures mulieris in ejus mentem transfunderet:* no prin-

D. Bernard.
1.erm. 2.
de Pen
tecost.

cipio do mundo foy mandada a serpente pelo Demonio, para que pelos ouvidos da mulher lhe infundisse na mente o veneno. E depois? (Vede a elegancia da contraposição) *Missus est Gabriel Angelus à Deo, ut Verbũ Patris per aurem Virginis in ventrem, & mêtẽ ipsius eructaret:* E depois foy mandado o Anjo Gabriel por Deos, para que pelos ouvidos da Virgem, assim no ventre, como na mente se introduzisse o Verbo do Padre. E a razão, proporção, & correspondencia, porque a Divina Sabedoria o traçou, & dispoz affim, foy: *Ut eadem via & antidotũ intraret, qua venenum intraverat:* para que pelo mesmo sentido do ouvir, por onde entrara a peçonha, entrasse tambem a triaga. Eva ouviu, Maria ouviu: Eva ao Demonio, Maria ao Anjo: Eva recebeu na mente o engano, & no ventre o fruto maldito: Maria concebeo na mente a verdade, & no ventre o fruto bendito: *Benedictus fructus ventris tui:* & com esta admiravel contraposição de Demonio a Anjo,

Anjo, de molher a Virgem, de fruto a fruto, de corpo a corpo, & de mente a mente; assim como pelos ouvidos da primeira molher entrou no mundo o veneno, & a morte; assim pelos ouvidos da segunda (& sem segunda) veyo ao mesmo mundo o remedio, & avida.

100. E se àlem da proporção, & correspondencia quizermos especular, & apurar mais, com que propriedade, & energia ordenou Deos que os ouvidos da Senhora tivessem tanta parte neste primeiro mysterio, dõde manãraõ todos os outros do Rosario; da natureza, & officio do mesmo sentido de ouvir, tirou a resposta S. Bruno, filosofando excellentemente, & fallando com a Virgem desta maneira: *Suscipe Verbum in corde, & in utero, ò Virgo, quia per aurem de An- gntiat. tatur ex te. Verbum enim est, & via verbi auris est.* Ouvi, ò Virgem, o Anjo; recebey o que vos diz, & annuncia, na mente, & nas entranhas; & não duvideis, que o Filho, que ha de nascer de vòs, ha-

jã de entrar pelos ouvidos em vòs. Porque? Porque esse Filho, que ha de ser voffo, he a Palavra do Padre, & a porta, & o caminho, por onde entra a palavra, são os ouvidos: *Verbum enim est, & via verbi auris est.*

101. Deste modo rezão o Rosario pelos ouvidos, aquelles que o exercitão todo, & não de meyas: isto he, aquelles, que não se contentão só com repetir de boca as Orações vocaes; mas cõsideraõ, & meditaõ attentamente os mysterios, & ouvẽ com a mesma attençaõ o que nelles lhes inspira, & falla Deos. A Senhora primeiro considerou o mysterio: *Cogitabat qualis esset ista salu- Luc. 4. 29. tatio: & depois pelos ouvidos concebeo o Verbo: Fiat mi- 1b. 38. hi secundum verbum tuum: & nõs da mesma maneira considerando primeiro mentalmente aquelle mysterio, & os outros do Rosario, concebemos pelos ouvidos o mesmo, & não outro Verbo, porque ouvimos o que por meyo da meditaçaõ dos mesmos mysterios falla Deos comnosco.*

102. Succede na nossa meditação, em admiravel prova do que dizemos, o mesmo que ao Eterno Padre na producção do Verbo Divino. O Verbo Divino, que he a Eterna Palavra de Deos, de que modo vos parece que sae da boca do Padre: *Ego ex ore Altissimi prodivi?* Não pôde haver semelhança, nem propriedade mais propria. Contempla o Eterno Padre dentro em sy mesmo a essencia, os attributos, as perfeições, & todos os outros mysterios da Divindade, que só elle comprehende, & desta contemplação comprehensiva, com que Deos cuida em sy, & se conhece, & vê a sy, nasce o Verbo Divino, que he a Palavra de Deos, & todo o seu dizer. *Dicere Deo est cogitando intueri, in quantum, scilicet, intuitu cogitationis Divinae concipitur Verbum Dei:* diz Santo Thomás. Pois assim como da comprehensão, com que Deos contempla intuitivamente os mysterios da Divindade se produz, & nasce o Verbo, assim da meditação, com que nós na parte Mental do Ro-

lario contemplamos os mysterios da Humanidade, unida à mesma Divindade, nasce o Verbo, & a Palavra de Deos, com que interiormente nos falla, & nós interiormente concebemos, & mentalmente ouvimos: *Qui audiunt verbum Dei.*

103. Altamente está ditto: mas quem nos confirmará esta tão sublime verdade? Seja o mayor, & mais experimentado Espirito em hũa, & outra Oração. *Auditam Psalm. fac mihi manè misericordiam tuam.* 142.8 Fazey, Senhor, (diz David) que eu de manhã ouça a vossa misericórdia. Dous grãdes reparos encerraõ estas quatro palavras. Todos, quando oraõ, pedem a Deos, que por sua misericórdia os ouça: porèm David não diz, que a misericórdia de Deos o ouça a elle, senão que elle ouça a misericórdia de Deos: *Auditam fac mihi misericordiam tuam.* Fazey que a vossa misericórdia seja ouvida de mim. De forte, que a misericórdia de Deos, he a que ha de fallar, & David o que ha de ouvir. A razão deste extraordinario

rio modo de pedir, ou dizer, depende do segundo reparo.

Auditam fac mihi manè: Fazey que eu ouça a vossa misericordia pela manhã. E q̄ mais tem para este requerimento a hora da manhã, que as outras? David orava pela

Pf. 54. 18. manhã, ao meyo dia, & à tarde: *Vesperè, & manè, & meridie narrabo.* David orava sete vezes no dia: *Septies in die laudem dixi tibi.* Pois se

Pf. 118. 164. David orava tantas vezes, & em taõ diferentes horas do dia, porque não pede r̄ nem requiere, ou porque não presume, nem espera, que Deos lhe falle a elle, & elle ouça a Deos, senão na hora de pela manhã: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam?* O mesmo David o disse, & com tanta razão como nós o temos ditto. Este Santo Rey orava de varios modos, já vocalmente rezando Psalmos, já mentalmente meditando: & a hora, que particularmente tinha dedicado á meditação, era a hora da manhã: *In matutinis meditationibus tabor in te:* & como pela manhã he que meditava, pela manhã he que esperava que

Deos lhe havia de fallar a elle, & elle havia de ouvir a Deos: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam.* Tão certo he, q̄ com os que meditação falla Deos, & porque meditaõ, & quando meditação, o ouvem.

III.

104. **D** Aqui se segue, q̄ quanto forem mais altos os mysterios, que meditarem, tanto mais altas seraõ tambem as illustrações, com que Deos lhes fallará aos ouvidos. Qual era a materia das meditações de David naquelle tempo? *Me- Psalm. 142. 5*
ditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar. Meditava nas obras universaes da Omnipotencia, com q̄ Deos criara, & sustentava o mundo, & nas particulares da Providencia, com que escolhera, defendia, & conservava o seu Povo, que era o que Deos atè entãõ mais maravilhosamente tinha obrado. E se a meditação destas obras, posto que grandes, taõ inferiores, merecia q̄ o mes-

mo Deos respondesse a ella , & fosse ouvido de quem as meditava; que juizo se deve fazer das inspirações, dos impulsos, & das fallas interiores, com que Deos penetrará os corações, & baterá suavemente os ouvidos dos que attentamente meditaré os altíffimos mysterios da Encarnação, do Nascimento, da Vida, da Morte, da Ressurreição do Filho de Deos, que são os de que se compoem o Rosario? Se as obras da Criação, que só custára a Deos hũa palavra, fallavaõ, & eraõ com tanta admiração ouvidas de quem as meditava; as obras da Redempção, que custáraõ á mesma Palavra de Deos o sangue, do qual sangue, diz S. Paulo, que falla melhor q̄ o de Abel: *Melius loquentem quàm Abel*: que vozes se raõ as suas na attenta, & profunda meditação dellas, & quanto mais se faraõ ouvir? O mesmo Profeta, que antevia os futuros, que não chegou a ver, o disse: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, & salutare tuum da nobis: audiam quid loquatur in me Do-*

minus Deus. Acabay, Senhor, de mostrar aos homens até onde chegaõ os extremos de vossa misericordia: acabay de nos dar, & mandar ao mundo o nõsso, ou o vosso Salvador, pois he vosso Filho: *Salutare tuum da nobis.* E entãõ quando elle vier (se vier David em vossos dias) & nascer, & morrer, & obrar todos os outros mysterios da Redempção, que he o que esperais da sua vinda, & da vista, & consideração desses mesmos mysterios? O que principalmente espero, & sobre tudo dezejo, he o que hey de ouvir interiormente, quando elle dentro em mim me fallar: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus.* Notay o que diz David, & o que não diz. Não diz, que suspirava com tantas ancias pela vinda do Messias, para ouvir o que elle havia de prègar exteriormente ouvido; senãõ para ouvir o que lhe havia de fallar interiormente meditado: *Audiam quid loquatur in me.* Como se dissera: não me alvorõça o que ha de dizer a todos, senãõ o que me ha de dizer a mim:

Hebr.
12.24

Ps 84.
8.9.

mim: nem tanto o que me ha de dizer a mim, quanto o que me ha de dizer em mim:

In me. A Moysès falloulhe Deos da Çarça, a Job falloulhe de huma nuvem, ao Sũmo Sacerdote fallavalhe do Propiciatorio: ao que medita não lhe falla Deos de outra parte, nem de fóra, senão dentro nelle: *In me:* porque dentro d'elle está a meditação, por meyo di qual lhe falla. Combinay o *Loquatur in me* com o *Meditabor in te:* eu meditarey nelle, & elle fallará em mim: eu com o silencio, & elle com a voz: eu callando, & elle fallando: elle dizendo, & eu ouvindo: *Audiam quid loquatur in me.*

105. Isto he o que considerava aquelle tão grande Rey, como Profeta: o qual porem não chegou a ter a ventura de ver, & ouvir o porque tanto suspirava. Por isso aos Apostolos, que a tiveram, disse o Senhor: *Dico*

Luc. 20.24 *vobis, quod multi Prophetæ, & Reges voluerunt videre quæ vos videtis, & non viderunt; & audire quæ auditis, & non audierunt.* Para que

Tom. 5.

conheçais, & estimeis o bem de que gozais, vos digo, que muitos Profetas, & Reys dezejáraõ ver o que vòs vees, & não o viraõ; & ouvir o q̃ vòs ouvis, & não o ouviraõ. Hum destes Reys, & hum destes Profetas, & o principal de todos elles foy David, de quẽ o mesmo Christo era, & se chamou Filho: & esta ventura, que tanto dezejou, & não alcançou o Rey mais mimoso, & o Profeta mais alumiado de Deos, he a que gozaõ os Professores da devoção do Rosario, se se applicaõ a ella tão inteiramente como devẽ. David dezejava ver os mysterios de Christo, & ouvir o q̃ interiormente lhe dizia: *Audiam quid loquatur in me:* & todos os que attentamente meditaõ os mysterios do Rosario, por meyo da mesma meditação vem a Christo, & ouvem a Christo. Vem a Christo, porque meditando seus mysterios, o fazem presente: & ouvẽ a Christo, porq̃ os mesmos mysterios meditados fallaõ: & se alguem não ouve o que o Senhor lhe diz por elles, he q̃ os não medita.

G Dirã

106. Dirá porêem algum dos que se tem por exercitados nesta meditação, que elle medita,mas não ouve. E para esfeuzar este silencio,ou falta de ouvir, dirá tambem que os mysterios do Rosario todos são obras de Christo, & não palavras, & que a meditação pôde representar, e ver o que elle fez,mas não pôde representar, nem ouvir o que elle não disse. A este argumento, que não parece totalmête fustico responde Santo Agostinho, & com tanta agudeza como sua. Quem he Christo? He o Verbo de Deos, & a Palavra do Padre: logo ninguem pôde considerar suas obras, nem meditar seus mysterios que o não ouça. E porque? Porque a palavra não pôde obrar senão fallando, & como todas as obras da palavra fallaõ, todas se ouvem: *Quia ipse Christus Verbum Dei est; etiam factum verbi verbum nobis est.* Porque Christo he palavra de Deos, tambem as obras dessa palavra são palavras, porque a palavra não pôde obrar senão fallado. E se estas obra, q

Aug.
tract.
24. in
Joan.

são palavras, alguem as não ouve, he porque lhe não entende a lingua: *Habent enim, si intelligantur, linguam suam* Reparay na exceição de Agostinho, com que ficaõ excluidos os que dizem que meditaõ, & não ouvem. Estas obras, & esses mysterios de Christo: *Si intelligantur: sô se entendem, fallão: se se não entendem, são mudos.* As palavras que sómête são palavras, podem-se ouvir, ainda que senão entendaõ: as obras, que são palavras, se não se entendem, não se ouvem. Por isso vós não ouvis, porque não entendeis; & a causa porque não entendeis, he porque não meditais. Meditay, & observay bem o que se vos representa em cada mysterio, & logo ouvireis. A mesma Palavra Divina o diz assim: *Beatus homo qui audit me:* Bemaventurado o homem que me ouve. E que ha de fazer o homem, Palavra Divina, para vos ouvir? Duas cousas: Vigiar, & observar às minhas portas: *Qui vigiliat ad fores meas, & observat ad postes ostii mei.* A palavra tem duas portas, hũa por

Prov:
8.34:

Ibid.

por onde fae, & outra por onde entra: a porta, por onde fae, he a boca, & no nosso caso o myfterio: a porta, por onde entra, he o ouvido, & no nosso caso a meditação. Se vòs não meditais, como quereis ouvir? Meditay, & observay vigilante, & attentamente o myfterio, & logo entenderéis, & ouvireis o q̃ Deos vos diz nelle: *Qui vigilat: qui observat: qui audit.* E ouvindo desta maneira fereis dobradamente bemaventurado por testemunho de ambas as Escripturas: *Beatus homo qui audit me: Beati qui audiunt verbum Dei.*

IV.

107. **T**emos declarado a theorica do Rosario rezado pelos ouvidos. Mas antes que passemos à praxe, para que a recebamos, & aceitemos melhor, ferà bem que vejamos as razões, porque deve ser praticado por este mesmo modo, não só vocal, senão mentalmente; não só rezando, senão meditando; nem só fallando, senão ouvindo,

Digo pois que se deve rezar o Rosario pelos ouvidos, não só por ser mais conveniente, & mais util, mas por ser totalmente necessar o. Mais conveniente da parte de Deos; porque assim lhe he mais agradavel: mais util da parte nossa; porque assim nos he mais proveitoso: & totalmente necessario da parte do Rosario, porque fallando só, & não ouvindo, não ferà Rosario.

108. Prova esta ultima proposição (pela qual he bem começemos, como fundamento das demais) aquelle antiquissimo Filosofo Sophar, hum dos tres amigos de Job, & distingue, & aperta o ponto com tal energia, que ninguem em toda a Escriptura o fez melhor: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet? Aut vir verbosus justificabitur? Utinam Deus loqueretur tecum, & aperiret labia sua tibi!* He possível, que tu, que fallas muito, não queres ouvir? E cuidas, que o teu muito fallar te ha de fazer justo? Oh se Deos abriera a boca, & fallàra contigo! Cada palavra

lavra desta sentença he hũa declarada censura contra o abuso geral, com que se reza o Rosario. O Instituto Santissimo, & prudentissimo desta soberana devoção dividio-a em Orações, & mysterios, para que nós como compostos de corpo, & alma, ora fallassemos vocalmente com Deos, ora o ouvissimos mentalmente. E seria bem fallarmos nós tudo, & não ouvirmos nada: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet*: Pois isto he o que fazem, ou desfazem, os que só fallaõ, & não meditaõ, os que só rezão com a bocca, & não pelos ouvidos. Toda a Oração, como já a definimos com S. Gregorio Nisseno, he hum colloquio, & conversação do homem com Deos: & a Ley da boa, & cortez conversação he fallar, & ouvir. E se a personagem, que nos admite à pratica, for muito superior, que ensina a cortezia, & a reverencia? Fallar pouco, & ouvir muito. Notavel cousa he, que goste Deos de conversar com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus*:

Prov.
3.32.

Não he muito mais aprazível a conversação dos doutos, dos eruditos, dos discretos? Para Deos, não: Effes fallaõ muito, & ouvem pouco; os simples fallaõ pouco, & ouvẽ muito. Effes ouvem-se a sy, & Deos quer quem o ouça a elle. Por isso gosta da conversação dos simples.

109. O homem, que mais cortezmente soube fallar cõ Deos, foy Abrahão: *Loquar Gen. ad Dominum, cum sim pulvis, & cinis*: & vede, como fallava, & como ouvia. A primeira vez que Deos appareceo a Abrahão, foy em Haran; & diz o Texto: *Dixit autem Dominus ad Abram*: disse o Senhor a Abrahão. A següda vez appareceolhe em Sichẽ, & diz o Texto: *Apparuit autem Dominus Abram, & dixit ei*: Appareceo o Senhor a Abrahão, & disselhe. Aterceira vez appareceolhe em Canaan, & diz o Texto: *Dixitq; Dominus ad Abram*: & disse o Senhor a Abrahão. A quarta vez appareceo lhe na mesma terra, & diz o Texto: *Factus est sermo Dñi ad Abram, dicens: dixitq; Al rã*:
Domine

18.27

Gen.
12.1

Gen.

13.14

Gen. 15

1.2

Domine Deus : Disse Deos a Abrahaõ, & Abrahaõ disse a Deos. Não sey, se reparais nestas quatro aparições, & se achais nellas alguma differença? Eu confesso, que tenho lido estes Textos algũas vezes, & nunca adverti o q̄ advertio Caietano, & pede a todos que advirtaõ: *Confidera, prudens Lector, quod in præteritis tribus visionibus semper Abraham fuit auditor tantum, in hac autem quarta, & audit, & respondet.* Confidere o prudente Leitor, diz Caietano, que Abrahaõ nas primeiras tres aparições de Deos, ouviu, & não fallou palavra, & só nesta quarta ouviu, & fallou. Pois se fallou nesta, porque não fallou também nas outras? Porque fallava com Deos. Quem falla com Deos, ha de ouvir muito, & fallar pouco: para fallar huma vez, ha de ouvir quatro. E quem tanto ouve, & taõ pouco falla, merece q̄ Deos lhe appareça muitas vezes. Ide agora, & fallay o Rosário inteiro sem pausa, sem aguardar compasso, sem dar lugar a Deos, a que também elle vos diga algũa cou-

Caietanus
ibi.

sa: & se vòs fallais tudo, & Deos não falla, como o haveis de ouvir?

110. Vay por diante Sophar. *Aut vir verbosus justificabitur?* Por vêtura cuidais que essa verbosidade, & esse muito fallar vos ha de fazer justo? Naõ. O justo naõ o faz, o muito que falla; senão o fallar o muito que medita: *Os justi meditabitur sapientiam, & lingua ejus loquetur judicium.* Encontrada cousa parece attribuir a meditação à boca, & o juizo à lingua: o juizo he o que medita, a boca, & a lingua a que falla. Mas o justo de tal maneira ajunta a Meditação com a Oração, & o Mental do juizo com o Vocal das palavras, que ainda com a boca, & com a lingua medita, & não porque falla muito, senão porque medita muito, he justo. Não justo, porque falla muito: *Nunquid vir verbosus justificabitur*: mas justo, porque medita muito: *Os justi meditabitur sapientiam.* Mas para que he ir buscar a prova nas Escrituras, se a temos mais perto na experiencia. Contay os que re-

Psal.
363o.

zão o Rosario, & contay os justos. São tantos os justos, como os que rezão o Rosario? He certo (ainda mal) que por cada cento que rezão o Rosario, me não dareis hum justo. E donde vem esta desigualdade tão grande, tão enorme, & tão indigna? He porque *Vir verbosus non justificabitur*. Rezão, & não meditaõ, & o rezar sem meditar, não he orar, he fallar: em vez de ser Oraçãõ, he verbosidade. O que se reza sem meditaçãõ, fae da boca, o que primeiro se medita, fae do coração, & ainda que seja hũa só palavra, he offerta, que se pôde dedicar a Deos: *Eructavit cor meum verbum bonum, ego dico opera mea Regi*. Entãõ cuidaõ os q̄ isto fazem, que a devoçãõ do Rosario ettã em o rezar, ou fallar todo inteiro. Os q̄ assim o rezão sem meditar, falsamente se atrogaõ o nome de devotos da Senhora, & do seu Rosario. O Rosario, que a Senhora instituiu, não he esse: logo não são devotos do Rosario. Pois que são? Quando muito são rezadores, & por isso, ou cegos, ou

mercieiros; mas justos não. Lembrem-se daquella sentença: *Cum oratis, nolite multum loqui*: Quando orais, não falleis muito. E de quem he esta sentença? He do mesmo Christo, que diz: *Oportet semper orare*: Importa orar sempre: & o mesmo Senhor, que nos manda orar sempre, manda que quando oramos, não fallemos muito, porque o fallar não he orar. Por isso, nem elle nos ouve, nem nós o ouvimos.

III. Oh se ouvimos alguma vez a Deos! Isto he o que dezejava, & exclamava Sophar: *Utinam Deus loqueretur tecum, & aperiret labia sua tibi!* Oh se Deos abriera hũa vez a boca, & fallára cõtigo! E qual era a razão deste seu dezejo? Porque fallava com os que fallaõ muito, & não querem ouvir: & sabia, que tanto que ouvissem a Deos, mais haviaõ de querer ouvir que fallar. Com ser Deos Autor da natureza, no fallar, & no ouvir tem muy differentes effeitos. Todo o mudo naturalmente he surdo, & todo o que ouve a Deos, naturalmente emmudece,

Mat.
th.
6.7.

Luc.
18.1.

Psal.
44.1

Eructavit cor meum verbum bonum, ego dico opera mea Regi. Entãõ cuidaõ os q̄ isto fazem, que a devoçãõ do Rosario ettã em o rezar, ou fallar todo inteiro. Os q̄ assim o rezão sem meditar, falsamente se atrogaõ o nome de devotos da Senhora, & do seu Rosario. O Rosario, que a Senhora instituiu, não he esse: logo não são devotos do Rosario. Pois que são? Quando muito são rezadores, & por isso, ou cegos, ou

dece,

dece. A natureza aos que privou do fallar, tiralhes o ouvir, & Deos aos q̄ concede o ouvir, tiralhes o fallar. Quando Deos appareceo a Moyfès na çarça, & o mandou com a embaixada a Farad, escuzou se Moyfès, cõ que não sabia fallar: *Non sũ eloquens ab heri, & nudius tertius.* Mas contra isto està o q̄ se refere nos Actos dos Apostolos, que Moyfès tinha estudado todas as sciencias dos Egypcios, & era nellas, & na sua lingua poderosamente eloquente: *Et eruditus est Moyses omni sapientia Egyptiorum, & erat potens in verbis* Pois se Moyfès era tão sabiamente eloquente, & tão eloquentemente sabio, como diz agora que não sabe fallar. Elle mesmo deu a razão: *Ex quo loquutus es ad servum tuum, impeditioris & tardioris lingue sum.* He verdade, Senhor, que eu antes deste dia fallava expeditamente: mas depois que vòs vos dignastes de me fallar, & eu vos ouvi, no mesmo ponto se me tolheo a fallar, & atou a lingua. E porque Sophar sabia os segredos

dessa Filosofia, por isso dezejava que fallasse Deos hũa vez aos que só fallão, & não ouvem: *Nunquid qui multa loquitur, non audit? Utinam Deus loqueretur tecũ!* A Virgem Senhora nossa não instituiu o seu Rosario, só para fallarmos rezando, senão para ouvirmos meditando: & o Rosario, que he só de boca, & não de ouvidos, he tão diminuto, & imperfeito, que não merece o nome de Rosario, porque não meditando os mysterios, falta a parte principal, & essencial delle. Antes quero a terça parte do teu Rosario meditado, disse a Senhora a hum seu devoto, & ainda menos da terceira parte, que todo elle inteiro sem meditação. E este conselho não só devem tomar todos mas he necessario que o tomem, sobpena de o seu Rosario não ser Rosario.

112. Podem-me dizer cõ tudo alguns dos que rezaõ, & não meditaõ, que rezando o Rosario sem meditar os Mysterios, sentem com tudo grandes affectos em seu espirito, assim de compunção para com Deos, como de

piedade, & confiança para
 com sua Santíssima Mãe. Oh
 como vos enganais com vos-
 co mesmos, mas venturosa-
 mente! Pergunto: E esse cui-
 dar em Deos, & na Virgem
 Maria, não he parte de me-
 ditação, posto que breve?
 Assim o prova, & convence
 a Santa Madre Thereza con-
 tra os mesmos, que em seu
 tempo rezavão vocalmente,
 & tinhaõ medo da Oração
 Mental. Os affectos de de-
 voção, & piedade, que sentem,
 quando assim rezão, tam-
 bém são effectos da me-
 ditação, posto que imperfei-
 ta, & vozes, ou sonidos bre-
 ves, & subtilissimos, com que
 Deos então lhes falla, ou pas-
 sa pelos ouvidos. Por isso no
 Livro de Job se chamaõ es-
 tas fallas de Deos, não vo-
 zes, senão sussurros, & esses,
 que se ouvem furtivamente:
*Et quasi furtivè suscepit au-
 ris mea venas susurri ejus.*
 Assim q̄ quando sentis esses
 affectos, já, sem o entender,
 começais a rezar pelos ouvi-
 dos: que por isso diz: *Suf-
 cepit auris mea:* & são huns
 como furtos, que faz a Ora-
 ção Vocal à Mental, faindo-

se da sua esfera: que por isso
 diz: *Quasi furtivè?* & são as
 veas do Ionido, que ainda
 não chegão a ser voz de ar-
 ticulada: que por isso diz:
Venas susurri ejus. Mas dahi
 mesmo se colhe, que se tão
 doce he o que se chupa nas
 veas, que será o beber na
 fonte? E se tanto obraõ na
 Alma só os sussurros, as vo-
 zes declaradas, que farão,
 Necessario he logo à essen-
 cia do Rosario, que perfeita,
 & inteiramente se reze pelos
 ouvidos, para ser verdadei-
 ro Rosario.

V.

113. **E** Se da parte do
 Rosario he to-
 talmente necessario rezar-se
 pelos ouvidos, da parte de
 Deos não he menos conveni-
 niente, porq̄ só rezado assim
 lhe agrada, & he aceito. Ne-
 nhũa cousa Christo Senhor
 nosso mais dezeja de nós,
 q̄ a justa estimação, & pon-
 deração do muito que fez,
 & padeceo por nós: *Utinam Job. 61*
appenderentur peccata mea, 32.
quibus iram merui, & cala-
mitas, quam patior in statêra.
Quasi

*Quasi arena maris hæc gra-
vior appareret.* Oh quem me
derá, que as penas que pade-
ço, & os peccados porque
padeço, se puzeraõ em fiel
balança! E se veria clara-
mente, que excede tanto o
pezo das penas ao dos pec-
cados, quantas faõ as areas
do mar! Isto disse Job em
nome de Christo, ou Chri-
sto por boca de Job; porque
fó em Christo se verifica, &
em Job de nenhum modo.
Em Job não; porque qual-
quer mal de culpa, ainda
que seja venial, excede sem
comparaçãõ a todo o mal de
pena, quanto he possível. E
em Christo sim; porque a
minima acçãõ de Christo,
por ser de preço infinito, ex-
cede infinitamente a todos
os peccados do mundo, pe-
los quaes padeceo, & pagou.
E como bastando a minima
acçãõ de Christo para remir
mil mundos, foy tal o seu
amor para com os homens,
que quiz nascer, morrer, &
obrar todos os outros myste-
rios de humildade, pacien-
cia, & charidade, que no Ro-
sario se representãõ, & cõsi-
deraõ, a meditaçãõ attenta,

& a justa ponderaçãõ de to-
dos elles, he o que mais de-
zeja de nõs o Soberano Re-
demptor, & para isso nos pe-
de os peze mos em fiel ba-
lança: *Utinam appenderentur
in statêra!*

114. Mas que parte tem,
ou pòdem ter nesta balança
os ouvidos? Muito grande.
Assim o declaraõ as mefmas
palavras, na lingua em que
fallou Job: & he huma Filo-
sofia taõ admiravel, como
natural. Onde a nossa Ver-
saõ lê *In statêra*, o Texto ori-
ginal tem: *In bilancibus, In
auribus.* Bilances, saõ os dous
escudos da balança, em que
as cousas se pezaõ: *Aures*
saõ as orelhas, instrumentos
dos ouvidos. E porque se
comparaõ, ou declaraõ os
dous ouvidos pelos dous es-
cudos da balança? Porque
este he o officio que lhes deu
a natureza, & a fórma, & o
lugar, em que os collocou.
Como a natureza poz a ra-
zãõ, & o juizo, que he o fiel
da balança, na cabeça, poz-
lhe tambem de hũa, & da ou-
tra parte os ouvidos como
dous escudos da mefma ba-
lança, & como dous asseffo-

*Pined.
In hunc
loquum.*

res do mesmo juizo. Mas antes que fechemos o passo, ouçamos o grande Cômentador de Job o doutíssimo P nêda: *Cum trutinam requirit, certe æquum auditorẽ, & incorruptu aurum judicium requirit: est enim inter aures veluti inter duas lances media trutina rationis & judicii, quod in capite residet. Ergo duæ aures, ut quæ audiuntur, diligenti mentis trutinã expẽdenda sint, homini cõcessæ sũt.* Quer dizer: Deu o Autor da natureza ao homem dous ouvidos, & pollos de hũa, & outra parte da cabeça; porque na cabeça tem seu assento a razaõ, & o juizo; & assim o juizo, posto no meyo, & os ouvidos de huma, & outra parte, vem a fazer hũa balança natural, em que as cousas se pezaõ fielmente. Esta he pois a razaõ porque o benigníssimo Redemptor, que tomou sobre sy a fatisfação de nossos peccados, & pagou tanto mais do que devia, & padeceo tanto mais do que era necessario, & obrou em todos os mysterios de nossa Redempção tantos excessos, quantos só podia inventar o

seu amor para mais obrigar o nosso: esta he a razaõ, porque tanto dezeja, que na attempta meditação os pezemos, & porque cõ o nome de balanças nos pede os ouvidos, para que como em justas balanças põderemos os mesmos mysterios, & como por attentos ouvidos ouçamos o que elles nos dizem: *Utinam appenderentur in bilancibus, in auribus.*

115. E para que vejamos em proprios termos, quanto Christo Senhor nosso mais dezeja, & estima no Rosario esta ponderação dos ouvidos, que a reza sómente vocal do mesmo Rosario; assim como já ouvimos por boca de Job o seu dezejo, ouçamolo agora por boca de Salamão. Trata altamente Salamão esta differença no primeiro Capitulo dos Cantares: & como as suas comparações alli são taõ extraordinarias; a que vos parece que compararia hũa Alma devota do Rosario, das que só o rezão vocalmente? Comparou-a a hũa rola com o Rosario ao pescoço: *Gene Cant. 1 9: tuæ sicut turturis: Eis-ahi a rola:*

rola: *Collum tuum sicut monilia*: Eis ahi o Rosario. E porque não pareça, que dar nome de Rosario ao que alli se chama collar, he interpretação alhea do Texto; o original Hebrêo, em que escreveo Salamaõ, diz que era feito de perolas furadas, & enfiadas. *Margaritas perforatas, & filo copulatas*: treflada Sanctes Pagnino, douttissimo naquella lingua. Assim que nem o Rosario podia ser mais proprio, nem mais precioso. Era tambem rezado com grande piedade, & devoção; que por isso quem o trazia ao pescoço, he comparada à rola, cujos arrulhos são piedosos, & mais gemidos, que vozes: *Sicut turturis*.

116. Isto he o que disse o Esposo, que he Christo, à Esposa, que he a Alma; mas o que logo se segue, & acrescentou o mesmo Esposo, he digno de grande consideração, & reparo: *Murenuas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*. O que agora vos hey de fazer, Esposa minha, são hūas arrecadas para as orelhas, & essas haõ de ser

de ouro, esmaltadas de prata. Não reparo em Christo sobrepratear o ouro, como nós sobredouramos a prata, posto que isto tenha o mysterio, que logo veremos. Mas o que primeiro faz ao nosso caso, he a consequencia destas palavras, sobre as que acabamos de referir. Se o Esposo acaba de louvar as perolas do collar, & os gemidos da rola: se o collar he o Rosario, & os gemidos a Oração Vocal, piedosa, & devota, como explicaõ S. Gregorio, S. Basilio, Theodoro, & todos os Padres communmente; porque se não dá por satisfeito disto o Esposo, & querendo ornar, & enriquecer a Esposa com novas joyas, as que trata de lhe fazer, não são outras, senão as arrecadas? Porque as arrecadas, diz S. Bernardo, são joyas, & ornato dos ouvidos. E como pelos ouvidos entraõ á Alma as fallas interiores de Deos na meditação: ainda que o Rosario, que a Esposa traz ao pescoço, seja de perolas, & a voz com que o reza, de rola piedosa, & enternecida, não se satisfaz o Senhor inteiramente,

Pagninus.

Gregor.
Basil.
Theodor.
ret.

Ibidem
10.

D. Bernard.
serm.
4. in
Cant.

mête, de que o reze só de boca, senão também pelos ouvidos. De boca sim repetindo devotamente as Orações Vocaes, em que a Alma falla com Deos; mas muito mais pelos ouvidos, meditando attentamente os mysterios, em que Deos falla com a Alma, & ella ouve o que lhe diz.

117. E para que se veja, que estes mysterios não são outros, senão os do Rosario, todos de Deos em quanto Homem; por isso as arrecadas eraõ de ouro sobreprateado: *Aureas vermiculatas argento*. O ouro he a Divindade, a prata a Humanidade: & está o ouro debaixo da prata, porque debaixo da Humanidade de Christo está encuberta a Divindade. Mas porque a mesma Divindade, em quanto o Senhor viveo neste mundo, de tal maneira andava encuberta debaixo da Humanidade, q̃ não deixava de reluzir nas obras da Omnipotencia: effa he também a propriedade, & elegancia, com que o prateado não era todo continuo, senão aberto a partes

a modo só de esmalte, ou filigrana, que isso quer dizer *Vermiculatas*. Mayor advertencia ainda, & mayor propriedade. Onde a vulgata lê *Vermiculatas*, diz a Versão chamada *Quinta Editio, Cum distinctionibus argenti*: Com distincções de prata. De sorte, que nas joyas, com que de novo se ornaraõ os ouvidos da Esposa, havia distincções: & essas distincções estavaõ na prata, & não no ouro. Porque? Excellentemente. Porque na Divindade, que he substancia simplicissima, não ha distincção, & na Humanidade; & seus mysterios sim; & mais nos do Rosario de que propriamente fallava: huns Gozofos, outros Dolorosos, outros Gloriosos, & em cada huma destas distincções outros cinco mysterios também distintos: *Cum distinctionibus argenti*. Em summa: que assim como em todos estes mysterios por meyo da meditação falla Deos distintamente á Alma; assim para todos, & cada hū delles lhe quer ter bem dispostos, & preparados os ouvidos; & não só ornados,

mas

mas sobornados: *Murenu-
las aureas faciemus tibi.* Atè-
qui o Esposo.

Cãt. 5.
2. 118. Agora falla a Es-
posa; & diga ella tambem o
que o Esposo lhe diz, quan-
do lhe falla aos ouvidos: *Vox
dilecti mei pulsantis: Aperi
mibi soror mea, amica mea, co-
lumba mea, immaculata mea.*
Falla a voz de Christo, &
bate às portas da Alma, que
são os ouvidos: *Vox dilecti
mei pulsantis:* o que lhe pe-
de, he que lhe abra: *Aperi
mibi:* & os motivos, ou titu-
los, que lhe allega para a per-
suadir, he chamarlhe irmã:
Soror mea: Amiga: *Amica
mea:* pomba, & immacula-
da: *Columba mea, immacula-
ta mea.* E porque allega
Christo estes titulos, & não
outros, quando bate com a
voz aos ouvidos da Alma?
He cousa verdadeiramente
maravilhosa. Allegalhe estes
titulos, & não outros, porq̃
nelles se contém distinta, &
nomeadamente todos os my-
sterios do Rosario: no pri-
meiro titulo os Gozofos, no
segundo os Dolorosos, no
terceiro os Gloriosos. Assim
o notou muito antes de ha-

ver Rosario, Justo Orgelita-
no, & o declarou taõ succin-
ta, como elegantemente: *Soror,
quia de sanguine ejus: amica,
quia per mortẽ ejus re-
conciliata: colũba, quia de Spi-
ritu Sancto immaculata.* Cha-
malhe irmã; porque na En-
carnação unindo a sy o Ver-
bo a nossa humanidade, se
fez irmão nosso: *Soror, quia
de sanguine ejus.* E estes são
os primeiros mysterios do
Rosario. Chamalhe amiga;
porque por meyo da Morte,
& Paixão de Christo se
reconciliou a natureza hu-
mana com Deos: *Amica,
quia per mortem ejus reconci-
liata.* E estes são os segundos
mysterios. Chamalhe final-
mente pomba, & immacula-
da; porque por meyo da
viada, & graça do Espirito
Santo se lhe tiráraõ as man-
chas do peccado: *Columba,
quia de Spiritu Sancto imma-
culata.* E estes são os tercei-
ros mysterios. Com estes ti-
tulos, & motivos de seu amor
batee o Esposo às portas da
Alma, para que lhas abrisse;
& com estes sómente, &
 nenhuns outros; porque não
tem Christo outra maquina,
nem

*Justus
Orgeli-
tanus
ibi.*

nem outra bateria mais forte para render nossas Almas, que os mysterios do Rosario. Os nossos ouvidos são os batidos, & a sua voz he a que bate: *Vox dilecti mei pulsantis.*

119. Mas porque a Esposa nesta occasião se mostrou menos diligente em acudir à voz do Esposo, & lhe abrir as portas: que faria o Amante Divino, para profeguir, & conseguir a empresa, em que tão empenhado estava o seu amor? Caso sobre todo o encarecimento notavel, & no mesmo Deos estupendo! Torna o Senhor a instar no mesmo requerimento, & os motivos, que de novo allega, não são outros, senão os mesmos mysterios do Rosario mais vivamente representados: *Quia caput meum plenum est rore, & cincinni mei guttis nocturnis.* Compa-deceivos de mim, (diz) Esposa minha, porque trago a cabeça cuberta de orvalho, & me estão correndo pelos cabellos em fio as gotas das noites. E que orvalho, & que gotas, não da noite, senão das noites, são estas? O orvalho,

diz Philo Carpacio, he o da madrugada gloriosa, em que Christo resuscitou: *Caput Christi plenum est rore in Resurrectione, quæ mane facta est cum ros in terrã descendit.*

As gotas das noites não hão mister Commentador, porque bem se está vendo, que são as gotas das lagrymas na noite do Nascimento, & as gotas do sangue na noite do Horto: *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.* De maneira, que nas lagrymas do Presépio acompanhadas de muscas de Anjos, lhe allegou os mysterios Gozofos: nas gotas do sangue espremidas da dor, da afflicção, & da agonia no Horto, os mysterios Dolorosos; & no orvalho da madrugada da Resurreição alegre, & triunfante, os Gloriosos. E não allegou, nem disse mais o Esposo; porque para penetrar os nossos ouvidos, & render os nossos corações, em chegando a nos representar, & repetir hũa, & outra vez os mysterios do Rosario, não tem Christo mais que allegar, nem mais q̄ dizer. Ainda

*Philo
Carpac
in hñc
locum.*

*Luc.
22.44*

*Cant.
5.2.*

da desta segunda vez se encuzou com tudo a Esposa, & não abriu; mas tanto que considerou, & meditou o que tinha ouvido, não só abriu a porta, mas saindo de casa, & como fóra de sy, pelas ruas, sendo de noite, & pelas portas da Cidade, estando cercadas de guardas, roubada, & sobre roubada ferida, assim foy buscar o Esposo, até que o achou. E se tanto caso faz Deos, & tanto consegue de nós pelos mysterios do Rosário ouvidos, & meditados; que muito he q̄ estime mais, & lhe seja mais aceito o Rosário por este modo, que rezado só vocalmente.

VI.

120. **F**inalmente, que da nossa parte nos seja mais util esta mesma meditação dos mysterios, & ouvir o que Deos nos diz por ella; só o poderá duvidar, quem ignore o que todos sabem, que por falta de consideração se perde o mundo. Já diffemos, ou já nos disse David, que na sua meditação lhe fallava Deos.

E se lhe perguntarmos quaes eraõ os effectos, que experimentava neste meditar, & neste ouvir; elle mesmo no lo dirá, & não sem grande confusão dos que rezaõ o Rosário, & o perdem, por *Psal.* que o não meditaõ: *Conca-* 38. 4.
luit cor meum intra me, & in meditatione mea exardescet ignis. Meditey (diz David) & por meyo da meditação se me acendeo no peito tal fogo, q̄ o meu coração dentro em mim ardia. Nota aqui advertidamente o Cardeal Hugo, & repara muito, em dizer David que o seu coração ardia dentro nelle: *Cor meum intra me*: O meu coração dentro em mim: Pois onde havia de estar o vosso coração, David, senão dentro em vós? Podia estar là, por onde elle andou noutro tempo, quando eu não meditava: podia estar là, por onde andão tambem os corações de muitos, que rezaõ o Rosário sem meditação, no mesmo tempo em que o rezaõ: *Multi enim sunt, qui non habent cor intra se sed extra, Hugo ad temporalia, & mundana Cardinalis. quæcumque, nec possunt cale-* *bit.*
fieri,

feri. Diz David; que o seu coração, quando meditava, ardia dentro nelle: porque muitos não tem o seu coração dentro em sy, fenaõ fóra de sy, & muito longe. Fora de sy; porque não cuidaõ em sy: & muito longe de sy, porque todos seus cuidados andaõ só attentos, & applicados às cousas temporaes, & mundanas, que amão. Dõde vem, que assim divertidos, & esquecidos do que só importa, não pòdem conceber o fogo divino, que de frios os aquece, de duros os abrande, & de cegos os alumie: que são os dous effeitos da meditação. O primeiro, tirar, & trazer o coração de là por onde anda distraído, & perdido, & metello dentro em nòs: *Cor meum intra me:* o segundo, de frio, duro, & cego, pegar nelle o fogo do Amor Divino, alumiallo, acendello, & abraçallo: *Et in meditatione mea exardescet ignis.*

121. Isto he o que faz a meditação, & nenhũa mais propria, & efficazmente, que a dos mysterios do Rosario. Nos primeiros, & Gozofos

da Infancia de Christo, como não se acenderá o fogo nas palhas do Presépio? Nos segundos, & Dolorosos da Payxaõ, como não se ateará com muito mais força nos espinhos, & lenhos da Cruz? Nos terceiros, & Gloriosos da Resurreição, & Ascensão, como não subirão as chamas até o Céu, donde desçaõ por reflexaõ, como desceraõ em linguas de fogo? Couisa digna de grande reparo he, que descendo o Espirito Santo, viesse em fórma de fogo, & em figura de linguas. Mas assim havia de ser para obrar o a q̄ vinha. Em fogo; porque vinha acender os nossos corações: & em linguas; porque para acender os corações, ha de entrar pelos ouvidos. Onde porém acharey eu algum meyo, que convença a verdade desta conclusaõ, & a persuada efficazmente a todos os que rezão o Rosario?

122. Muito ha, Senhor, que parece me esqueço, de que estais presente, pois não recorro aos auxilios de vossa Divina Sabedoria, para dar a mayor authoridade a quanto tem

tem ditto o meu discurso. Mas advertidamente me fuy dilatando até este ponto, q̄ he mais particularmente voffo. Encarnado, e Sacramento, sempre fois Verbo, & posto que no silencio desse Sancta Sanctorum parece q̄ não fallais, tambem ahí que-reis ser ouvido. E como o intento de voffo amor nessa esfera de fogo; posto que cuberta de neve, he acender nossos corações; dayme licença, para que prêgue a este auditorio, que mais que-reis ser ouvido, que commungado. Se mais vos agrada o Rosario dos ouvidos, que o da boca, porque não direy eu o mesmo desse Sacramento? Assim o digo, Fieis, & assim o provo, ou assim vos explico, & declaro, o que taõ provado está em nós, quanto não devera: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut accendatur.* Diz Christo que veyo lançar fogo à terra, & que nenhuma outra cousa quer, senão que se accenda. Pois se este fogo divino está todo naquella Çarça, & multiplicado em todas as partes da ter-

ra, como se não accende a terra? *Nunquid potest homo Prov. abscondere ignem in sinu ut 6.27. vestimēta illius non ardeant?* Por ventura, diz o Espírito Santo, pôde hum homem esconder o fogo no seyo, sem que se lhe abraz in as vestiduras? Porque como recebemos nós tantas vezes, & metemos dentro no peito aquelle fogo, sem q̄ o mesmo peito se abraze? Arazaõ desse lastimoso milagre he porque não ouvimos aquem commungamos. Commungamos a Christo, mas não ouvimos a Christo; & Christo para accender corações, mais efficacia tem ouvido, que commungado. Vede-o claramente.

123. Caminhava Christo para Emaüs tambem disfarçado como alli está, até que os dous Discipulos fizeram alto para passar a noite. Deixou se o Senhor convidar, assentou se á mesa, con-sagrou o paõ, partio o entre ambos, & conhecido desapareceo. Tudo isto encerra grandes mysterios; mas o q̄ eu considero, ainda espera pela segunda parte da histo-

Luc.
12.19.

Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut accendatur. Diz Christo que veyo lançar fogo à terra, & que nenhuma outra cousa quer, senão que se accenda. Pois se este fogo divino está todo naquella Çarça, & multiplicado em todas as partes da ter-

Luce.
24.32

ria. Voltaõ os dous Discipulos para Jerufalem, já não tristes, mas cheyos de alegria, & alvoroço, já não fracos na esperança, mas confirmados na Fè, & conferindo o q̄ lhe tinha succedido, diziaõ entre sy: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis dum loqueretur in via?* Não vistes, como nos ardia o coração, quando nos fallava pelo caminho? Tende mão: aqui reparo, & arguo os mesmos Discipulos. Duas cousas tinha Christo feito, huma no caminho, outra na mesa, & esta ainda mayor, porque no caminho praticava com elles, na mesa deulhe seu proprio Corpo sacramentado. Pois se dizem que lhe ardia o coração, quando o Senhor lhes fallava; porque não dizem, que lhe ardia, quando commungáraõ seu Corpo? Quando commungáraõ, estava Christo mais perto do seu coração, quando lhes fallava, estava mais longe: quando cõmungáraõ, estava dentro nelles, quando lhes fallava, hia sómente cõ elles: *Ibat cum illis.* Pois se lhe não ardia o coração, quã-

26.15.

do commungáraõ, porque lhe ardia, quando sómente o ouviaõ? Por isso mesmo: porque o ouviaõ. E para accender, & abraçar corações, parece, tem mais efficacia Christo ouvido, que Christo commungado. Commungado desce ao peito, ouvido accende o coração. E se ouvido em hum só mysterio do Rosario, que era o da sua Resurreiçãõ, causa taõ prodigiosos effeitos, que ferà em todos os mysterios? Ouçamos a Christo no Rosario, & ouçamolo no Sacramento; & para ouvirmos o que nos diz, meditemos aquelles mysterios, & meditemos este, que ainda que parece mudo, todo he vozes.

124. Ouvi agora o que muitas vezes ouvistes, & reparay no que nunca reparastes. He o Psalmo vinte & oito: *Afferte Domino Filii Dei afferte Domino filios arietum. Afferte Domino gloria, & honorem, afferte Domino gloriam nomini ejus, adorete Dominũ in atrio sancto ejus.* Offerecey ao Senhor, filhos de Deos, offerecey ao Senhor cordeiros, offerecey lhe honra,

honra, & gloria, & adoray-o no seu santo Templo. Dizem commummente os Expositores, que exhortava aqui o Profeta a frequencia dos sacrificios do seu tempo. Mas eu digo, que nem fallava com os homens do seu tempo, nem dos Sacrificios do seu tempo, senão do nosso, & provo huma, & outra cousa. Não fallava com os homens do seu tempo, porque lhe chama filhos de Deos: *Afferte Domino, filii Dei*: & o ser filhos de Deos, he proprio dos Christãos, & da Ley da Graça, como diz S. João: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*. Nem fallava dos Sacrificios da Ley Velha; porque faz menção de hum só Sacrificio, & esse de cordeiro, que he o de que também disse o outro S. João: *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*. E não encontra a propriedade desta significação o fallar em plural; porque essa he huma das maravilhas deste Sacrificio, & deste Cordeiro, ser hum só, & estar multiplicado em toda a parte, como se foraõ muitos. Isto posto, lede ago.

Joan. 1
12.

ib. 29.

ra o resto de todo o Psalmos, & vereis, que em todo elle não faz outra cousa o mesmo Profeta, que encarecer-nos a voz, & as muitas vozes do Senhor; *Vox Domini Ps. 28 super aquas: vox Domini in 3. & d. virtute: vox Domini in magnificentia: vox Domini confringentis cedros: vox Domini intercidentis flammã gnis: vox Domini concutientis desertum: vox Domini præparantis cervos*. Pois se o thema, & o assumpto do Profeta, he o Sacrificio, & Sacramento do Altar, como todo o seu discurso, nem he da verdade, & realidade do mysterio, nem do amor, nem da fineza, nem das maravilhas, & infinitos milagres, q̃ nelle se encerraõ, senão das suas vozes, & mais vozes, sette vezes repetidas? Que tem que ver o Sacramento com as vozes, ou as vozes com o Sacramento? Esta mesma admiração mostra bẽ o mal, que entendemos no Divinissimo Sacramento, o que primeiro que tudo, & mais que tudo deveramos entender. Cuydamos, que Christo no Sacramento està

H ij mudo,

mudo, & sua presença ali toda he vozes. Cuidamos, q̄ satisfazemos à nossa obrigação com sacrificar, com adorar, com commuogar, sem tratarmos de ouvir, & isto he o que o Senhor mais dezeja, & espera de nós. Por isso o Profeta, deixando tudo o mais, que pudera dizer de suas excellencias, só nos préza, & apregoa as tuas vozes, como eu tambem faço agora, porque esta he a doutrina, & o avizo mais importante à nossa defatêção, & o espartador mais necessario aos nossos ouvidos. Muito estima Christo no Sacramêto o ser adorado, o ser venerado; o ser servido, & festejado, & sobre tudo o ser cômungado mas o ser ouvido, muito mais

125. Mais que isto parece que dizem outras palavras do mesmo David; mas não dizem mais que isto; &

Psal
39-7. *Sacrificium & oblationem noluit, aures autem perfecisti mihi.* Vós Senhor (diz David) não quizeis oblações, nem sacrificios; mas aperfeiçoastes-me os ouvidos. Quando Deos em fraze da

Escritura diz, que quer hũa coufa, & não quer outra, não quer dizer, que não quer totalmente esta segunda, senão que antes quer, & mais quer a primeira. Assim diz: *Misericordiam volo, & non sacrificium*: não porque Deos não queira o sacrificio; mas porque quer mais que o sacrificio a misericordia. E do mesmo modo se ha de entender a sentença proposta de David: *Sacrificium, & oblationem noluit, aures autem perfecisti mihi.* Quer dizer: Vós, Senhor, mais quizeis a perfeição dos meus ouvidos, que a oblação dos vossos sacrificios. De forte, q̄ sendo o sacrificio, & Sacramêto do Altar a mayor coufa, q̄ Deos pôde receber de nós, em quanto sacrificio, & a mayor q̄ nós podemos receber de Deos, em quanto Sacramêto, diz cõ tudo Deos, q̄ mais quer os nossos ouvidos, & q̄ por isso no los aperfeiçoa: *Aures autem perfecisti mihi.* Ve de, se tive eu. tũdamêto para dizer, q̄ mais quer Christo de nós o ser ouvido, que o ser cômungado. Mas qual he, ou pôde ser a razão? Cômungar

Matt
9.13.

gar

gar a Christo, he receber o q̄ Christo he; ouvir a Christo, he perceber o que Christo diz. Como pôde logo ser melhor ouvir o que diz, que receber o que he? A instancia he forte; mas a solução facil, & verdadeira está nas mesmas palavras: *Aures autem perfecisti mihi.* He ouvir com ouvidos perfectos, & ouvir com ouvidos imperfectos: ouvir com ouvidos imperfectos, he ouvir sómente sem obrar; ouvir com ouvidos perfectos, he ouvir, & effectuar o que se ouve. E quando se ouve desta maneira; melhor he ouvir a Christo, que commungar, & receber a Christo. O mesmo Christo o disse. A mulher do Evangelho louvou a Senhora por trazer dentro em sy a Christo: *Beatus venter qui te portavit:* & o Senhor lhe replicou, dizendo: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud:* Que melhor era ouvir a palavra de Deos, & guardala. Logo melhor he ouvir a Christo, guardando o q̄ diz, q̄ commungar a Christo, recebendo em sy o que elle he.

Tom. 5.

126. E daqui ficaõ convencidos todos os que rezão o Rosario, quanto mais util, & importante lhes he rezalo pelos ouvidos. Que comparação tem o Rosario sómente rezado com a boca, com o mesmo Christo, & todo Christo, naõ só tomado na boca, mas passado ao peito, & recebido, & entranhado dentro em nós? Pois se Christo no Sacramento antes quer ser ouvido, que commungado, como não quererá, & estimará, mais no Rosario o ser ouvido, que ouvir o rezar? E se a razão desta differença he ter mais efficacia Christo ouvido para penetrar, & accender nossos corações: que coração haverá tão frio, tão duro, & tão cego, q̄ não queira receber pelos ouvidos este divino incendio? O que importa logo a todos os que rezão o Rosario, he applicar os ouvidos meditando, & aperfeiçoalos executando o que ouvirem: *Aures autem perfecisti mihi;* porque deste modo se farão dignos de ouvir da boca de Christo: *Beati qui audiunt verbum Dei.*

Hij

Pa

VII.

127. **P**arece-me, que supposta a evidencia destes tres motivos : da parte nossa, cujo proveito devemos procurar, tão util: da parte de Deos, a que queremos agradar, tão conveniente; & da parte do mesmo Rosario, cuja devoção professamos, tão necessario; nenhum entendimento haverá, que se não deixe vencer, & nenhuma vôtade, que não esteja affeiçãoada ao inteiro, & perfeito exercicio do mesmo Rosario, não só rezando as Orações, mas meditando os mysterios; nem só fallando vocalmente com Deos, mas ouvindo mentalmente o que elle nos diz.

128. Vindo pois á praxe desta grande obra (grande, mas nem por isso difficilissima) quem melhor, & mais claramente a praticou, foy o Profeta Habacuc, o qual no Capitulo segundo, & no Texto original diz desta maneira: *Super speculam meam stabo & figam gradum super gyrum, & contemplanbor, ut videam quid dicatur mihi, &*

quid respondeam ad arguētē me. Subirey (diz o Profeta) à minha atalaya: assim chama ao lugar da Oração; porque ella he alta, & esta vida milicia: & como da vigilancia da sentinella depende a segurança da Cidade, sem Oração, & vigilante Oração, não está a Alma segura: *Super speculam meam stabo.* A palavra *Speculam*, donde tomou o nome a especulação, declara o genero da Oração, de que falla, & que não falla da Oração Vocal, senão da Mental, cujo officio he especular, considerar, meditar. Suppoem que esta atalaya da Oração, a que sobe, he formada em hum circulo (como se tratára propriamente do Rosario) & diz, que não ha de rodear, & correr o circulo, senão parar, & fixar o pé nelle: *Figam gradum super gyrum*; porque os que rezaõ só vocalmente, vão dando volta ao circulo do Rosario sem parar; porém os que meditaõ, & especulaõ, páraõ com a consideração a cada mysterio. Assim parado pois, diz que ha de cõtemplar, *Contemplanbor;*

&

& q̄ o fim de toda a sua contemplação será ouvir o que Deos lhe falla: *Ut videam quid loquatur mihi*: & saber o que ha de responder, quando o mesmo Deos o arguir: *Et quid respondeam ad arguentem me.*

129. Isto he o que diz, & o que fazia o Profeta, & isto o que, sem dizer, nem fallar, ha de fazer quem medita os mysterios do Rosario. Parar a cada hum, meditando-o, & ouvir o q̄ Deos lhe diz, & o que lhe argue: *& loquatur mihi*: *& arguentem me.* Ponhamos o exemplo desta praxe nos primeiros mysterios. No mysterio da Encarnação diz me Deos, que se fez homem por amor de mim, & para me fazer filho de Deos. E de que me argue? De que fazendo por mim, o que não fez pelos Anjos, & devendo eu como filho de Deos, viver hũa vida divina, nem vivo como filho de Deos, nem vivo como Anjo, nem vivo como homem, senão tal vez como bruto. No mysterio da Visitação o que me diz, he que no mesmo instante, em que

le vio feito homem, partio logo às montanhas a santificar o Bautista, & livralo do peccado original. E de que me argue? De que indo elle antes de nascer a tirar do peccado hum homem, q̄ ainda não era nascido; eu tenho tão pouco horror ao peccado, não alheio, senão proprio; não original, senão actual; & o que he peor ainda, habitual: que me deixa estar, & continuar nelles, sem temor, sem cuidado, sem pena; antes alegre, & contente, como se alegrou o Bautista. No mysterio do Nascimento o que me diz, he que nasceo em hum portal por não ter casa, & esteve reclinado em huma mangedoura por não ter berço. E de que me argue? De que eu me não contente com a commodidade natural, & com o necessario para a vida, senão com a superfluidade, com o luxo, com os excessos, esquecido de que nasci para a Alma morar no Ceo, & o corpo na sepultura: não fallando na ambição dos que edificação palacios soberbos, nem na inveja dos q̄ os não

pòdem edificar. No myſterio da Preſentação no Templo diz-me que obedeceo á Ley ſem ſer obrigado a ella, & que aos quarenta dias de nalcido ſe conſagrou todo a Deos. E de que me argue? De que comparados aquelles quarenta dias com os meus quarenta annos, & cõ os meus cincoenta, & ainda mais; eu me lembre taõ pouco do que prometti quando me diſſeraõ: *Ingredero in Sãctam Eccleſiam*: & que havendo renunciado a Satanãs, & a todas ſuas pompas, eſſas ſão as que mais proteſto: não ſe ſabendo em que ley, vivo, ou ſe tenho algũ ley, & ſe o Templo, & Altar que adoro, he o de Deos, ou do idolo. No myſterio emfim do Menino bem perdido, & melhor achado, o que me diz, he que deixou ſua propria Mãe (& tal Mãe) por tratar ſó de Deos, & defender ſua cauſa. E de que me argue? De que quem o perdido ſem culpa, o buſcaſſe com tanta dor, & que não tenha eu dor de o ter perdido tantas vezes, & por taõ graves culpas, & taõ repeti-

das: que o perca por muito meu goſto, & podendo-o achar taõ facilmente, o não buſque: & ſobre tudo, que ame tanto minha propria perdição, que buſcando-me elle por tantas vias, eu me não deixe achar.

130. E ſe taõ ſentidamente falla, & taõ penetrantemente argue a infancia de hum Deos menino, que ſó neste ultimo myſterio fallou, & nos primeiros ainda não tinha lingua para fallar, que ſerá nos outros myſterios, em que bradaõ as prições, os açoutes, os eſpinhos, os cravos, a Cruz, o ſangue! E que vozes levantarão até o Cco as chagas conſervadas no Corpo glorioſo, & levadas ao Emphyreo, para de là tornarem a apparecer no dia do Juizo? O paſmo q̃ todas eſtas couſas cauſão em quem profundamente as medita, & o horror com que eſtes eſpãtoſos brados ſe ſentẽ tinir nos ouvido. *Ut tinniant ambæ aures ejus*; ſó o meſmo Profeta o loube declarar dignamente, & o faz no Capitulo ſe-

4 Reg.
21.12.

131. A este capitulo, q̄ he singularmente notavel, (& para que todos o notafsem) com estylo nunca usado, nem do mesmo, nem de ouero Profeta, poz elle por titulo, *Oratio*, Oração: & diz assim. *Domine audivi auditionem tuam, & timui: consideravi opera tua, & expavi.* Senhor, eu ouvi a vossa audição (digamolo assim, pois a nossa lingua não tem outra palavra com que explicar a do Profeta.) Senhor, eu ouvi a vossa audição, & tem: considerey as vossas obras, & fiquei mudo de pavor, & de pasmo. Elle pasmou, & o Texto de todo o capitulo he muito para nós palmares. Primeiramente se o Profeta lhe tinha posto por titulo Oração, porque não diz, que Deos o ouviu a elle, senão q̄ elle ouviu a Deos? Porque não diz: Senhor, vds ouvistes a minha Oração, senão: Senhor, eu ouvi a vossa audição: *Audivi auditionem tuam?* Aqui vereis, como o mesmo Profeta, que pouco antes disse que contemplava, o seu modo de orar era pelos ouvidos. Orava sy, mas

naõ fallava: Deos era o que fallava, & elle sómente ouvia: & por isso a sua Oração era audição: *Audivi auditionem tuam, & timui.*

132. Mas se o seu temor, & o seu horror era causado do q̄ ouvia a Deos; & o que Deos lhe dizia, era tirado do que elle meditava, & o que meditava, eraõ as obras de Deos: *Consideravi opera tua, & expavi:* que obras craõ estas tão temerosas, & espantosas, que o assombravaõ, & enchiaõ de horror? Por ventura criar o Ceo, & a terra, & tudo quanto nella vemos, cõ huma palavra: & lançar do Paraíso ao primeiro homem, & todos seus descendentes pelo furto só de huma maçã? Por vêtura atagar o mesmo mundo com o diluvio universal, matando tudo quanto nelle vivia, & salvallo todo dentro em hũa arca? Por ventura abrir o mar vermelho com o golpe de hũa vara, para que o seu Povo o passasse a pé enxuto, & afogar nelle todo o poder dos exercitos de Faraõ, & seus carros? Nenhũa destas cousas, nem infinitas cousas que Deos

Deos obrou do mesmo genero, e são as que assombrarão o Profeta. Pois quaes e são? Se elle o não differa, ninguém o poderá entender nem ainda imaginar. E são sómente as obras de Deos, de que se compoem o Rosario, & meditamos nos seus mysterios.

133. E são os mysterios da Encarnação, em que Deos para reparar o homem, não só se fez homem, mas menino, & criança, que foy infinitamente mais que criar com hũa palavra o mundo: *In medio annorum notum facies: in medio duorum animalium cognosceris.* Deos nascido, & reclinado nas palhas em meyo de dous animaes, & ahi reconhecido de Anjos, de Pastores, de Reys. E são os mysterios da Payxão, & da Cruz, em que destruhio o peccado, a morte, & o Demonio; & salvou o genero humano: que foy mais que affogar o mundo com o diluvio, & salvou em hũa arca: *Cornua in manibus ejus,* *Ib. 4. 5* *ibi ascõdita est fortitudo ejus. Ante faciem ejus ibit mors, & egredietur Diabolus ante pe-*

des ejus. Deos com os braços pregados em hum madeiro, mas alli com a morte, & o Demonio maniatados, & postrados a seus pès. E são os mysterios da Resurreição, em que, como Deos, sahio da sepultura vivo, immortal & glorioso, & como triunfador do inferno; rico de despojos: que foy muito mais que abrir o mar vermelho, sepultar nelle os carros de Faraó, & levar tantos milhares de cativos libertados no seu triunfo: *Suscitans suscitabis arcum tuum, juramẽta tribubus quæ locutus es: ascendens super equos tuos, & quadrigæ tuæ salvatio.* Deos resuscitado a sua humanidade, que foy o arco, com que pelejou, & resuscitando-a como tinha promettido ás mesmas Tribus, que o crucificarão, & trazendo apoz sy em carroças triumphaes os que tinha libertado dos carceres do Limbo.

134. Estas e são as obras mais maravilhosas de Deos, estes os mysterios do mesmo Deos feito homem gozosos, dolorosos; & gloriosos, que o Profeta contemplava,

plava, & meditava, palmando, & mudo: estas eraõ as vozes que ouvia, nascidas da consideraçã dos mesmos mysterios (que sã todos os do Rosario) & a este modo de meditar, & ouvir, chamou elle por excellencia Oraçã, *Oratio*; porque o mais excellente modo de orar nã he vocalmente, & com a boca, senão mentalmente, & pelos ouvidos: *Audiui auditionem tuam.*

VIII.

135. **A**gora parece q se seguia exortar a esta mesma praxe de rezar o Rosario nã sã rezando, senão meditando, & ouvindo. Mas porque eu nã quero defacreditar, nem a devoçã, nem o juizo dos que atẽgora nã exercitarão assim, os quã supponho persuadidos; sãmente satisfarey a duas difficuldades (quando nã se jã tentações do Demonio) que sã as que sã se pãtem offerecer para impedir tão sãnto, & tão importante exercicio. Quem as

aponta nã he menos que o Espirito Santo por boca do mesmo Profeta que acabamos de allegar, & no mesmo capitulo. Jã disse que este capitulo tinha por titulo, *Oratio*, Oraçã. E d z mais alguma cousa? Duas, & ambas notaveis. Hã no Texto Latino: *Oratio pro ignorantibus*; Oraçã para as ignorancias: & outra no Texto Hebreo: *Oratio pro occupationibus*; Oraçã para as occupações. Pois esta Oraçã em que se reza o Rosario pelos ouvidos, & este titulo extraordinario que lhe poz em cima o Profeta, sã traz o sobredito para as ignorancias, & para as occupações, & sã para ellas foy particularmente composto? Sy. Porque estas sã as duas escuzas, porque os mysterios do Rosario se nã meditaõ. Huns dizem, que nã meditaõ, porque nã sabem meditar: *Pro ignorantibus*: outros dizem que nã meditaõ, porque tem muitas occupações, & nã pãdem: *Pro occupationibus*: & eu são quero outra peroraçã, senão mostrar a estes ignorantes, & a estes

estes occupados, que huns, & outros se enganão, & se mentem a sy mesmos.

136. Enganaõ-se os que dizem que não meditaõ, porque não sabem: *Pro ignorantibus*; & he engano, ou illusão manifesta. Meditar não he outra couza que cuidar hum homem no que lhe importa, ou dezeja, & nenhum ha que não medite. O pleiteante medita na sua demanda, o requerente medita no seu despacho, o mercador medita nos seus commercios; o estudante medita nos seus estudos, o pay de familias medita no sustento de sua casa, o official, o marinheiro, o lavrador, o soldado, todos meditaõ. De forte, que para meditar não he necessario ser Anacoreta, nem Santo. Os muito viciosos tambem meditaõ nos seus mesmos vicios: os vãos meditaõ na vaidade: *Meditati sunt inania* :

Pf. 2. 1 os falsos meditaõ nos enga-

Pf. 37. 13 nos: *Dolos tota die meditantur* : o inimigo medita

Prov. 17. 19 nos odios, *Meditatur discor-*

Prov. 24. 2. dias : o ladraõ medita nos roubos: *Rapinas meditantur* :

& todo o mau de qualquer

genero medita na sua maldade: *Iniquitatem meditatus est Psal. in cubili suo.* Taõ facil como 35. 5.

isto he meditar os mysterios do Rosario. Cuiday, & consideray nelles, & meditastes. Nem importa, ou faz differença que aquelles mysterios sejaõ obras, & acções de Christo, & não vossas; porque todas as fez nossas o seu amor : & quando fossen alheas, nem por isso difficultariaõ a meditaçaõ. Não discorreis vòs, & ajuizais sobre as acções do Rey, do General, do Prelado, do Ministro, do Prêgador, & sobre todas quantas vedes no vosso visinho? Pois olhay do mesmo modo para as acçoens de Christo, consideray com attençaõ quem he, o que faz, o que diz, o que padece, & por amor de quem: & os sentimentos, & affectos que esta mesma consideraçaõ vos excitar no entendimento, ou na vontade, estas saõ as vozes interiores com q̄ Deos vos falla, & se vòs as ouvis, como deveis, fizestes huma perfeita meditaçaõ:

137. Assim que não só he engano dizerdes que não sabeis

beis meditar, mas antes vos digo, que muitas vezes meditaes sem o saber. Dizeime: quando pelo Natal visitais hum Presépio, não vos enternece aquella pobreza, aquella humildade, aquella desamparo? Quando pela Quaresma vedes hũa procissão dos Passos, aquella temerosa, & lastimosa figura de Christo com a Cruz às costas não vos move a piedade, & compunção? E quando no dia da Ascensão assistis á hora, a subida daquelle Senhor ao Ceo não vos faz faudades, & desejos de outra hora, em que vades tambem estar com elle? Pois tudo isto he meditar, & em todas as tres differenças dos mysterios do Rosario. Mas succede-vos o mesmo que a Samuel nos seus principios. Tres vezes fallou Deos a Samuel chamando-o por seu nome, & elle cuidou, que era Heli, & não Deos; porque ainda lhe não conhecia a falla, diz o Texto Sagrado. *Porrò Samuel nec dum sciebat Dominum neque revelatus fuerat ei sermo Domini.* Assim vos falla Deos, & o ou-

vis, & meditando cuidais q̃ não sabeis meditar, porque tendes metido no conceito que a meditação, & a Oração Mental he huma cousa muito difficultosa. Fazey isto mesmo sempre, & com mais vagar, & mayor attenção em todos os mysterios, & quando tomares o Rosario na mão, dizey sómente a Deos o que Heli ensinou a Samuel, que disseste: *Loquere Domine, quia audit servus tuus:* Fallay Senhor, porque vossò servo ouve. Ib. 10.

138. A escuza das occupaçoens: *Pro occupationibus:* ainda tem menos fundamento, & de que se ha de dar mais estreita conta a Deos. Lembrame a este proposito, que no dia da famosa batalha de Vitemberga, em que perdeu a liberdade, & o vaõ nome de Emperador o Eleytor de Saxonia, tendo durado o conflicto nove horas, correo fama que o Sol estivera parado por algum espaço: & perguntando El-Rey de França ao Duque de Alva, que fora o General do exercito Cesareo, se era verdade o que se dizia do Sol,

Sol, respondeo: Sire, eu neste dia tive tanto que fazer na terra, que me não ficou lugar de olhar para o Ceo. Assim o cuidaõ (posto que o não digaõ taõ discretamente) os que se escuzão de não meditar por muito occupados. E certo que as occupações que impedem o olhar para o Ceo, não devem de ser muito accommodadas para ir ao Ceo. A Josuè que governou mayores exercitos que quem isto disse; & que ganhou mais vitorias q̄ seu amo Carlos, & de quem se não duvida que fez parar o Sol; o que Deos lhe encomendou sobre tudo, foy que de dia, & de noite meditasse na sua Ley: *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus.* Ea razão que o mesmo Deos lhe deu, he muito para ser advertida dos que tem grandes occupações: *Ut intelligas cuncta quæ agis:* para que entendas tudo o q̄ ouveres de fazer. Por isso não he de maravilhar que se vejjão tâtas couzas feitas sem entendimento, & contra todo o entendimento, pois os

que se occupaõ, ou são occupados nellas, não meditaõ no que devem. E se Josuè q̄ conquistou trinta & tres Reynos na terra de Promissaõ, & a repartio a seiscentas mil famílias dos doze Tribus, no meyo de tantas, & taõ graves occupações militares, politicas, & economicas tinha tempo de dia, & tempo de noite para meditar, bem se deixa ver quaõ falso, & quaõ affectado he o pretexto dos que se escuzão da meditação com a occupaõ.

139. Examinem-se as occupações dos mais occupados, & acharse-ha que deixaõ tempo para o jogo, & tempo para a comedia, & tempo para a conversação, & tempo para outros divertimentos, que levaõ mais o cuidado, & só para a meditação dos mysterios, & da vida do Filho de Deos, & de sua Mãy com que reformar a nossa, não deixão tempo. Se no meyo das mayores occupações sobrevem a doença, não se trata da cura? Se no meyo das mayores occupações bate o inimigo às portas

Josuè
1.8.

1b.7.

portas, não se tomaõ as armas? Sendo pois a meditação o remedio mais efficaz de todas as enfermidades do espirito, & a arma mais de prova contra todos os combates com que nos faz guerra o Demonio; quem ferã taõ inimigo de sy mesmo, q̄ deixe a meditação pela occupação? A hora de comer, & as horas de dormir, nenhũa occupação as impede; & qual he o sustento, & sono da Alma, senão a meditação interior, & quieta das cousas divinas? Nas mesmas occupações temporaes, se cõcorrem muitas juntas, não se deixaõ as que menos importaõ, para acudir à de mayor importancia? Porque haõ logo de impedir as occupações do mundo a que não importa menos que a propria salvação? Será bem, diz Tertuliano, que viva só para os outros, quem ha de morrer para sy? *Nemo aliis*

lib. de nascitur moriturus sibi. A maior occupação que ha, nem

põde haver no mundo, he a do Pastor universal de toda a Igreja. E vede o que escreve S. Bernardo ao Papa

Eugenio nos livros da confideração: *En quo trahere te habent occupationes, ista maledicta, si tamen pergis ita dare te totum illis, nihil tui tibi relinquens.* Se Vossa Santidade de continua a te dar todo às occupações, sem deixar nada de sy para sy, essas malditas occupações o levarão aonde vaõ os malditos. E se este nome merecem as occupações do governo Ecclesiastico, fante, & fantissimo, quando por demasiada applicação a ellas chegaõ a impedir a meditação, & consideração do que toca à Alma propria, escuzayvos là de meditar com as vossas occupações em tudo temporaes, & do mundo?

140. Supposto pois que nem a occupação, nem a ignorancia pôdem servir de escuza para não meditar, importa que todos os devotos do Rosario se occupem, & empreguem na meditação, & consideração de seus soberanos mysterios, & que em tudo sigaõ o exemplo, & praxe do Profeta, que dizia: *Contemplabor ut videam quid dicatur mihi: Meditarey, &*

Habac. 2. 1.
con-

contemplarey para ver, & ouvir com evidencia o que Deos me diz. E para que ninguem cuide que só com rezar as orações, satisfaz à obrigação do Rosario, oução todos o que na mesma Missa agora instituida para a solemnidade propria do Rosario diz, & pede a Deos a Igreja. Na primeira Oração publica diz assim: *Ita ipsius Rosarii sacra mysteria contēplemur in terris, ut post hujus vite cursum eorū fructus percipere mereamur.* E na ultima tambem publica: *Concede per hæc sancta Rosarii Genitricis tuæ mysteria, ut cōtinuè eadem contemplantes, perpetuè nobis fiant causa lætitiæ.* E na Oração secreta: *Sanctissimæ Matris tuæ Rosarii solemnia recolentes, interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica.* De sorte, que em toda a Missa do Rosario, não fazendo mēção algũa a Igreja das orações vocaes, & exteriores, só pede graça, & favor a Deos para a meditação interior, & contemplação dos mysterios: *Mysteria contemplantes: interiori Spiritus*

Sancti invocatione sanctifica. Porque na meditação, consideração, & contemplação dos mysterios do Rosario consiste a parte principal; substancial, & essencial desta soberana devoção; & esta parte mental, & interior he a que dá vigor, & efficacia à parte exterior, & vocal, como a Alma ao corpo. A razão he; porque Deos não costuma ouvir senão a quem o ouve. Assim o mostrou o milagroso Crucifixo que despregando as mãos, tapou os ouvidos, dizendo ao que lhe pedia perdão, & não tinha perdoado: *Non audiam te, quia non audisti me.* E como nós na parte mental meditando, ouvimos a Deos, tambem Deos nos ouve a nós na vocal. Tanto depende a impetração das Orações do Rosario da meditação dos mysterios, ou tanto depende o Rosario rezado pela boca, do Rosario rezado pelos ouvidos.

IX.

141. **O** Que só resta, he que abramos os

os ouvidos, & os applique-
mos com grande attenção, &
devoção ao que Christo Sen-
hor nosso nos diz em to-
dos os quinze mysterios do
Rosario, que são os princi-
paes passos de sua Vida,
Morte, & Resurreição glo-
riosa. E posto que em alguns
delles, assim antes, como de-
pois de nascido, parece que
o Senhor está mudo, & não
falla, todos os mesmos pas-
sos fallão, & todos tem voz,
& nos dão vozes. Depois de
peccarem os primeiros Pays,
diz o Texto Sagrado, que
ouviraõ a voz de Deos que
passeava pelo Paraiso: *Cum*
Gen. 3. 8. audissent vocem Dei deambu-
lantis in Paradiso: qual fosse
esta voz, não o declara o
Texto: mas a exposição mais
literal he que era o som dos
mesmos passos com que o
Senhor em figura humana
vinha buscar o homem per-
dido: esta foy a voz que el-
les ouviraõ, & os obrigou a
se esconderem. Em nenhum
passo esteve Christo mais
mudo, q̄ no do Nascimento,
& por isso os Anjos disseraõ
aos Pastores, que acharião no
Presepio hum menino, que

naõ fallava: *Invenietis infan-*
tem Mas neste mesmo passo, *Luc. 2*
ou Mysterio do Rosario, ve-
de como o infante que não
fallava, fallou, & de quanta
importancia foy o que disse.

142. Offereceraõ os Reys
os tres diferentes dões, em
que eraõ significados os
mysterios do Rosario, no ou-
ro os gozofos na myrrha os
dolorofos, no incenso os glo-
riofos. E que he o que ouvi-
raõ, & a quem? *Responso ac-*
cepto in somnis; ne redirent ad
2. 12. Herodem, per aliam viam re-
versi sunt in Regionem suam.
Aquem ouviraõ (como no-
ta S. Jeronymo) foy ao mes-
mo Christo, que mudo no
exterior lhes fallou interior-
mente aos ouvidos da Alma,
& por isso. *In somnis*, na ma-
yor abstracção, & silencio de
todos os sentidos do corpo.
E o que ouviraõ foy que
não tornassem a Herodes, de
cuja tyrania se podiaõ justa-
mente temer, & que por ou-
tro caminho voltassem se-
guros para a sua Patria, como
fizeraõ: *Per aliam viam re-*
versi sunt in Regionem suam.
Isto he o que ouviraõ na
meditação de hum só myste-
rio

rio do Rosario aquelles tres Reys sabios. E digo na meditação; porque não lemos no Evangelho, que fallassem alli vocalmente hũa só palavra, & só lemos as que ouviraõ. Ouviraõ o que lhe importava á vida, & ouviraõ o que lhe importava à Alma. Vieraõ Gentios, adoraraõ Fieis, & tornaraõ Santos. Oh quantas vezes tem obrado a meditação do Rosario esta mesma maravilha! Quantos que andavaõ muito desviados do caminho do Ceo, que he a nossa Patria, depois que meditaraõ aquelles sagrados mysterios, conhecerã a differença, & erro de seus caminhos, & tomaraõ a verdadeira estrada da salvação! O fim para que o Filho de Deos

veyo ao mundo, foy para nos ensinar o caminho do Ceo: & isto he o que nos ensinão todos os passos de sua vida. Não ouçamos as vozes destes passos de Deos para fugir, & nos esconder, como fez Adaõ, que por isto perdeu o Paraíso. Ouçamos para imitar, & seguir os mesmos passos, & emendar os nossos, como fazia David: *Cogitavi vias meas, Ps. 118. & converti pedes meos in testimonia tua:* porque este he só o caminho certo, & seguro por onde se consegue a bemaventurança, que o mesmo Senhor só promette aos que ouvem, & observaõ suas palavras: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*



SERMAM IV.

*Extollens vocem quædam mulier de turba ,
dixit illi : Beatus venter, qui te portavit, &
ubera, quæ suxisti. Luc. 11.*

I.



143.

Não basta que as
coisas que se di-
zem sejaõ gran-
des, se quem as
diz não he grande. Por isso
os dittos que allegamos se
chamaõ authoridades, por-
que o Autor he o que lhe dá
o credito, & lhe concilia o
respeito. As proposições fi-
losoficas para serem Axio-
mas, haõ de ser de Aristote-
los: as Medicas para serem
Aforismos, haõ de ser de
Hypocrates: as Geometricas
para serem Theoremas haõ
de ser de Euclides. Tanto
depende o que se diz da au-
thoridade de quem o diz.

Dizer-se que a pintura he de
Apelles, ou a estatua de Fi-
dias, basta para q̃ a estatua fe-
ja immortal, & a pintura não
tenha preço. Mas esse valor,
& essa immortalidade a que
se deve? Mais ao nome que
ao pincel de Apelles; mais à
fama, que à lima de Fideas.
E o mesmo que succede ao
pincel, & à lima, he o que
experimentaõ igualmente a
voz, & a penna. Se o que diz
he Demosthenes, tudo he
eloquencia: se o que escreve
he Tacito, tudo he politica:
se o que discorre he Seneca,
tudo he sentença. Tal vez
acertou a dizer o rustico, o
que tinha ditto Salamaõ;
mas no rustico não merece

I ij ouvi-

ouvidos, em Salamão he oraculo. De forte, como dizia, que não basta que as coufas que se dizem sejaõ grandes, se quem as diz he pequeno. Ellas haõ de ser grandes, & o Author tambem grande. E isto he o que temos no Evangelho com hũa, & outra differença, ambas notaveis,

144. O mais alto pregação com que se publicaraõ ja mais os louvores de Christo, & sua Mãy, foy aquella animosa sentença: *Beatus venter qui te portavit, & ubera que suxisti*. E he cousa digna de admiração o muito caso, & o pouco caso que entaõ, & depois, se fez destas mesmas palavras. Ouviraõ nas os Escribas, & Fariseos, de quem o Senhor estava cercado: & nem como emulos se indignaraõ, nem como inimigos as reprehenderaõ, nem como zeladores da ley as castigaraõ. Pois assim se soffre às portas de Jerusalem, & diante dos mesmos ministros Ecclesiasticos, que hũa mulherinha canonize publicamente hum homem, & hum homem criminado naquella mesma ac-

ção, de que tinha trato com o Demonio? Sim, & por isso mesmo. Porque era hũa mulherinha sem nome a que isto disse: *Mulier quedam*. Se fora Nicodemus, ou Gamaliel o que dissesse o mesmo, ou muito menos, entaõ se puxaria logo pela proposição; mas como a proferente era hum fogeito taõ humilde, nenhum caso se fez daquella voz. Quanto a voz se levantou no que disse, tanto se abateo na boca de quem o disse. Era muito pequena boca para palavras tao grandes.

145. Pelo contrario fez tanto caso dellas o Evangelista S. Lucas, que não só as notou, & escreveu com as mesmas clausulas; mas como parte gloriosa do seu Evangelho as consagrou à eternidade nelle. E a Igreja Catholica as celebra com tanto applauso, que com ellas não hũa só vez, senaõ repetidamente nas mayores solemnidades da Mãy de Deos nos ensina a levatar do mesmo modo a voz, & cantar ao mesmo compasso o inefayel de deus louvores, Mais fez

fez a Igreja. Porque comen-
tando; & declarando o mes-
mo Texto, o torna a cantar,
& inculcar comentado; &
seguinte com o seu contra-
ponto os assentos da mesma
voz, entoa em outra mais al-
ta: *Beata viscera Mariæ Vir-
ginis, quæ portaverunt eter-
ni Patris Filium, & beata
ubera quæ lactaverunt Chri-
stum Dominum.* Pois se estas
palavras foraõ dittas por
huma mulher sem nome, ou
com o nome só de mulher,
que ainda he menos: *Mulier
quædam:* se o fogeito, que
pronunciou tal sentença, era
taõ humilde, & rasteiro, &
de taõ pouca, ou nenhũa au-
thoridade; como a Igreja,
Mestra da Fè, & da doutrina
Christã: como os Evan-
gelhos, que saõ os livros sa-
grados por onde ella nos en-
fina a mesma doutrina: co-
mo fazem tanto caso, & esti-
mação, & veneraõ, & reve-
renceaõ tanto este mesmo
ditto? Porque nem o Evan-
gelista, nem a Igreja olhá-
raõ nelle para quem as disse.
Quem as pronunciou, foy
hũa mulher sem nome; quem
as ditou a essa mulher, & as

vuisse por sua boca, foy o Es-
pirito Santo. He o que ti-
nha promettido Christo aos
defensores de sua Fè para
semelhantes conflicto: *Non*
enim vos estis qui loquimini,
sed Spiritus Patris vestri, qui
loquitur in vobis. De manei-
ra, que na boca da mesma
mulher q̄ levantou aquella
voz, a voz era hũa, & as fal-
las eraõ duas: hũa que falla-
va nella, q̄ era a do Espírito
Santo, & outra com que el-
la fallava, que era a sua. A sua
de pouca, ou nenhũa autho-
ridade, & por isso despreza-
da dos ministros da Synago-
ga: a do Espírito Santo de
súma, & de infinita autho-
ridade, & por isso taõ estima-
da, & venerada dos Evange-
listas, & da Igreja. Assim q̄ a
grandeza das cousas que se
dizem, ou cresce, ou dimi-
nue, segundo a dignidade de
quem as diz.

146. Isto supposto; qual
vos parece, Senhores, que se-
rá a dignidade do Rosario,
do qual atègora falley sem o
nomear? Muitas vezes, &
por muitos modos tenho
mostrado nas orações de que
se compoem o Rosario, quaõ

grandes são as cousas que nellas se dizem. Hoje veremos que se são grandes pelo que dizem, ainda são mayores por quem as disse: & não mayores de qualquer modo, senão infinitamente mayores. Taõ grande, & taõ alto como isto he o assũpto: *Extollens vocem.* Para que a mesma Senhora do Rosario me ajude com sua graça ao saber declarar, digamos: *Ave Maria,*

II.

Salvi.
an l. I
ad Ec.
cles.

147- **S** Alviano, aquelle forte, & zelosissimo espirito, taõ grande defensor da Christandade, como perseguidor dos abusos introduzidos nella, queixava-se em seu tempo, de que tinhaõ chegado a tal corrupção os juizos dos homẽs, ou que os homens de tal modo tinhaõ perdido o juizo, que na lição dos livros importantes á salvação, em vez de considerarem o que liaõ, só consideravão cujo era o que liaõ: *Tam imbecilla sunt iudicia hujus temporis, & pene jam nulla, ut hi, qui legunt*

non tam consideret quid legat, sed cujus legant. E sendo a lição, & oração duas irmãs, & companheiras inseparaveis, a mayor queixa pelo côtrario q̃ eu tenho dos juizos do nosso tempo, he, que na eleyção das oraçoens com que se encomendão a Deos, não considerem, nem attendão a cujas são: & nas que ensinou, & ditou o mesmo Deos, não lhe valha o serem suas, para que as não deixem por outras. Este he o abuso, ou ignorancia, que no presente discurso determino convencer. E se Deos me ajudar em hum ponto taõ importante, espero que do verdadeiro conhecimento d'elle resulte hoje huma tal mudança nas devoções, & orações, que cada hum costuma rezar, (não por obrigação, mas por eleição propria), que todas se troquem, & se convertão em Rosarios.

III.

148- **P**ara intelligencia desta verdade, & fundamento de tudo o que hey de dizer, se deve sup:

suppor como certo, & de Fê, que o Author das orações de que se compoem o Rosario, he Deos. Deos he o Author do Padre nosso, & Deos o Author da Ave Maria. E como a obra era taõ grande (posto que aos ignorantes o não pareça) de tal maneira se empenhou nella todo Deos, que todas as PESSOAS da Santissima Trindade a repartiraõ entre sy. A Pessoa do Filho fez inteiramente o Padre nosso pronunciado por sua propria boca: a Pessoa do Padre começou a Ave Maria pronunciada por boca do Anjo; & a Pessoa do Espirito Santo a continuou por boca de Santa Isabel, & acabou por boca da Igreja. Assim foy, & assim havia de ser, para que não fossem menos privilegiadas nesta parte as orações que se rezaõ no Rosario, que os mysterios q̄ nelle se meditaõ. Os mysterios que se meditaõ no Rosario, todos pertencem á Vida, Morte, & Resurreiçaõ de Christo: & com tudo os gozosos particularmente se attribuem ao Padre, que pela Encarnaçaõ nos deu a seu

Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret:* os gloriosos ^{Joan. 3} 16. principalmête se attribuem ao Filho, que pela Payxaõ nos deu seu sangue, & com elle nos remio: *Et tradidit semetipsum pro nobis:* & os gloriosos particularmête se attribuem ao Espirito São, que para nossa justificaçaõ se nos deu a sy mesmo, descendo do Ceo: *Spiritu Sancto* ^{1. Pet.} ^{1. 12.} *misso de Cælo.* E como em todas as obras da Providencia, & Sabedoria Divina, o que mais resplandece, & manifesta a soberania de seu Author, he a admiravel proporçaõ com que se correspondem; justo era, & não ío conveniente, mas ainda necessario, que assim como toda a Trindade se tinha empenhado na parte mental do Rosario, assim se empregasse tambem toda na parte vocal.

149. Daqui se entenderãõ duas notaveis revelações ou visões, huma da mesma Santissima Trindade, outra de Christo, ambas a Santa Getrudes. Em dia da Assumpçaõ da Virgem Senhora

nossa foy levada ao Ceo S. Getrudes, para ver como lá se celebrava aquella grande solemnidade: & que vio? Vio que toda a Corte do Ceo, os Anjos, & os Santos, prostrados diante do throno da sua Rainha, cantavão aquelle responfario tirado das palavras do nosso Thema: *Beata es, Virgo Maria, quæ omnium portasti creatorem*: & logo que toda a Santissima Trindade a tres vo-

zes unidas em huma, dizia à mesma Senhora: *Ave Maria gratia plena Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus*. Pòde haver, ou imaginarse cousa mais digna de assombro, & pasmo? Não pòde. Mas assim se lê no livro quarto das revelações da mesma Santa, capitulo quarenta & nove, para que ninguém duvide de tão irrefragavel testemunho. De forte, que assim como a Santissima Trindade foy a Autora das orações do Rosario; assim as repete no Ceo como obra sua, louvando Deos a sua Mãy huma, & muitas vezes com ellas. E se me perguntais porque repetio a

Santissima Trindade estas palavras sòmente, & não as demais? A razão he muito clara, porque as outras foram feitas sòmente para nós, & não tem lugar em Deos. Havia de dizer a Santissima Trindade: *Ora pro nobis peccatoribus*? Havia de dizer: *Dimitte nobis debita nostra*? Havia de dizer: *Panem nostrum quotidianum da nobis*, ou *Libera nos à malo*? As palavras em que pedimos, são só para nós, as que louvão a Virgem Senhora nossa, são para nós, & tambem para Deos, que como Filho louva a sua Mãy com ellas. E por isso deixou tambem as que pertencem ao mesmo Filho. Vede agora quanto se comprazerà de q̃ nós o acompanhemos nos mesmos louvores, & q̃ responde o coro dos devotos do Rosario ao que canta no Ceo a mesma Trindade.

150. A vizaõ de Christo foy, que appareceo de gala com hum collar de pedras de inestimavel valor, dizendo que nunca já mais o apartaria do peito por ser prenda do amor de Getrudes.

des: *In signū amoris, quo sponsam meam Getrudem sequor, continuo hoc monile gestabo.* E qual era o officio deste collar? *Monile hoc erat triangulum instar trifolii:* era de fôrma triangular cõposto de Rosas de tres folhas. Não se podera. melhor pintar, ou entalhar o Rosario, nẽ escrever, ou esculpir melhor o nome de seu Author. Era composto de Rosas de tres folhas engazadas, ou encadeadas entre sy, porque o Rosario consta de tres partes, como de tres folhas, cada hũa de diferentes pedras, & diferentes cores, correspondentes aos tres mysterios: os gozofos de esmeraldas, os dolorosos de rubis, os gloriosos de diamantes. E toda a fôrma era triangular: *Magnifici.* *monile hoc erat triangulū;* porq̃ era obra, não de outro officio, senão de mesma Trindade.

151. Notaõ todos os Theologos com S. Dionisio Arcopagita, & Santo Agostinho, que assim como os famosos artifices em todas as suas obras escrevẽ o seu nome, assim Deos em todas as

suas imprimio o caracter da sua Trindade. Da mayor obra de Deos, que foy o composto ineffavel de Christo, diz S. Joã que o mesmo Deos o sigillou com o seu caracter: *Hunc enim Pater signavit Deus.* Este caracter, como altamente notou S. Bernardo, he o Corpo, a Alma, & a Divindade do mesmo composto, com que Deos o fez trino, & uno: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus singulare inter omnia, & super omnia opera sua: Verbū enim, Anima, & Caro in unam convenere Personam: & hæc tria unum, & hoc unum tria.* O mesmo caracter da Trindade imprimio Deos nos Anjos, distinguindo-os em tres jerarquias, & cada jerarquia em tres cõros. O mesmo na Alma do homem com as tres potencias de Memoria, Entendimento, e Vontade; & por isso feito á sua imagem, & semelhança. O mesmo em todos os viventes do mundo, huns vegetativos, outros sensitivos, outros racionaes. Finalmente a todas as creaturas, ou a todos os entes.

(sem

(sem exceção de algum) marcou Deos com a mesma diviza nas tres propriedades universaes de *Unum, verum, bonum*, que são unidade, verdade, & bondade, respondendo, como diz Santo Agostinho, a unidade ao Padre, a verdade ao Filho, & a bondade ao Espirito Santo. E até na mesma bondade, ou no mesmo bem, que se divide em honesto, util, & delectavel, não faltou a expressão do mesmo caracter. E como a figura da Trindade he a firma, & sello real, com que Deos affinala por suas todas as suas obras; para que ninguém podesse pôr duvida a ser obra sua o collar do Rosario, com que Christo appareceo, & prometteo trazer sempre sobre o peito; por isso estava formado em figura triangular: *Monile hoc erat triangulum*. Em summa: que as Rosas que o compuz: haõ, eraõ de tres folhas: *Instar trifolii*: para denotar o Rosario, & seus mysterios; & a forma era triangular, *Triangulum*; para declarar que o Author da obra, como caracter particular de to-

das as suas, era a mesma Trindade.

IV

152. **T**Endo pois o Rosario por Autor a Deos, & a todo Deos em todas as Pessoas Divinas, que o ditaraõ; que devoção, que fê, ou que entendimento Christaõ haverà de taõ errado juizo, q̃ anteponha quaesquer outras orações ás do Rosario, por mais approvadas, & qualificadas q̃ pareçaõ debayxo de qualquer outro nome? Os Autores de effoutras orações todas, & todos (que a nenhuma exceptuo) não nego que seriaõ, & foraõ muito pios, & muito santos; mas que comparação tem, ou pode ter o que elles ensinaraõ com o que ensinou o mesmo Deos? Ouvi a mais admiravel cousa q̃ disse Christo: *Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me*: A minha doutrina não he minha, senão do Eterno Padre que me mandou ao mundo. Senhor, reparay no que dizeis: (& perdoayme) reparay no que dizeis, & a quem o dizeis. A os homens que tanto crem,

crem, veneraõ, & adoraõ a vossa doutrina, dizeis vòs que não he vossa? A vossa doutrina não he a mais alta, a mais pura, a mais verdadeira, a mais santa? Não a tendes confirmado, & confirmais cada dia com a fave de dos enfermos, com a falla dos mudos, com a vista dos cegos, com a resurreiçã dos mortos, com o terror, & obediencia dos Demonios, & infinitos outros milagres? Pois porque dizeis que essa doutrina tão qualificada não

D. Cyril. in eum locum. he vossa, senão do Padre: *Sed ejus qui misit me?* Porque Christo (responde mais literalmente que todos S. Cyrillo) naquelle tempo ainda não estava conhecido por Deos, senão por homem santo fõmente: & por mais santos, por mais milagrosos, por mais canonizados que sejaõ os homens, vay tanto do que elles ensinaõ ao que ensina Deos, quanto vay de Deos aos mesmos homens. A authoridade dos homens por mayor que seja, sempre he humana, & limitada: a de Deos he divina, & de dignidade infinita: & porque esta

na opiniaõ do mundo ainda faltava á doutrina de Christo, por isso o Senhor a nega de sua, & diz que he do Padre: *Non est mea, sed ejus qui misit me.* Coufa maravilhosah e, que para Christo acreditar a sua doutrina, diga que não he sua: sendo que bastava ser sua, ainda que não fora Deos, para exceder com dignidade incomparavel a de todos os homens, & de todos os Anjos. Mas a differença de ser ditada, & ensinada por Deos levantava a tal excesso de authoridade infinita essa mesma doutrina, que com tanto que fosse de Deos, ganhava infinito credito em não ser sua. Tanto importa à dignidade do que se diz ser Deos o que o diz.

153. E agora entendereis quanto he mais o que hoje digo, de quanto tenho ditto atêgora. Tenho ditto que as orações do Rosário, pelos louvores que nellas damos a Deos, & a sua Mãe, são as mais altas: tenho ditto, que pela exaltação, & gloria que nellas dezejamos ao mesmo Deos, são as mais santas: tenho

nho ditto, que pelos bens, ou temporaes, ou eternos, q̄ nellas pedimos para nós, são as mais espirituaes, & mais puras: tenho ditto, que pelas extraordinarias, & portentosas merces sobre todas as Leys da Natureza, & da Graça, que por seu meyo alcançamos, são as mais milagrosas. Mas toda esta alteza, toda esta santidade, toda esta pureza, & perfeição, & todos estes effeitos tão prodigiosos, & estupendos, comparados com o Author das mesmas orações, ou com as mesmas orações em quanto obra sua, são de tão inferior, & desigual dignidade, quanto vay do ser a não ser, como *Doctrina mea non est mea*: & isto he o que hoje digo. Oh se os homens nestas mesmas palavras sacrosantas, q̄ tão indignamēte trocã por outras, conhecessem o immenso da authoridade, & o infinito do valor que lhe cresce só pela Divina origem de seu nascimento? Como he certo, que não só se arrependeriaõ da indignidade de tal eleição, mas infinitamente se envergonha-

riaõ de ter apparecido diante de Deos com outras petições, & lhe ter fallado com outra linguagem! Se todos os Profetas em seus oraculos para lhe conciliar authoridade lhe cortã o fio, & os interrompem a cada passo com repetir: *Dicit Dominus, dicit Dominus*: isto diz Deos, isto diz Deos: & se o mesmo Deos em quanto homem, & não conhecido por Deos, para credito de sua doutrina, dizia que não era sua, senão do Padre: *Non est mea, sed ejus qui misit me*: que orações pòde haver ditas de qualquer outro entendimento, & debayxo de qualquer outro nome, que possaõ, não digo antepor-se, nem comparar-se, mas escrever-se, nem ouvir-se onde estáõ, & se pronunciaõ as do Rosario, feitas em cada hũa de suas partes por alguma Pessoa Divina, & em todas por toda a Trindade?

V.

154. **D**igo que nem escrever-se, nem ouvir-se, & vede se o provo.
Conta

Conta o Evangelista S. Lucas que faindo Christo hum dia da Oraçãõ, lhe peditãõ os Discipulos que os ensinasse a orar, dizendo; *Do-
Luc. 11. 1. mine, doce nos orare, sicut docuit & Joãnes discipulos suos.* Senhor, ensinaynos a orar como tambem o Bautista ensinou a orar a seus discipulos. Satisfez o Divino Mestre a este piedoso dezejo, posto que parecia mais nascido da emulaçãõ das escolas, que de verdadeiro espirito de devoçãõ: & a Oraçãõ que lhes ensinou, foy o Padre nosso, accrescentando que o haviaõ de rezar não só hũa, senãõ muitas vezes. Mas o que na relaçãõ deste caso fez reparar muito, & com muita razãõ a Tertulliano, he que o mesmo S. Lucas, & tambem S. Matheus escreverãõ muito por extenso a Oraçãõ que ensinou Christo; & nenhum delles, nem algum outro Evangelista, ou memoria sagrada dá noticia de qual fosse a Oraçãõ, ou modo de orar, que o Bautista ensinava. Pois se a Oraçãõ do Bautista foy a que deu occasiãõ aos Dis-

cipulos de Christo a que a allegassem a seu Mestre, & lhe pedissem outra semelhante postilla: & a Oraçãõ que Christo ensinou a referem os Evangelistas huma, & outra vez tão acuradamente, & com todas as suas clausulas; a do Bautista porque a callãõ, & passãõ totalmente em silencio? Para se conhecer a differença de hum, & outro modo de orar, era necessario que se escrevesse huma, & outra Oraçãõ. Pois porque se escreve só a de Christo, & a do Bautista não? Porque a Oraçãõ de Christo era feita, & ensinada por Deos: & onde há Oraçãõ feita por Deos, nenhũa outra he digna de se escrever, ainda q̃ a fizesse hum Santo tão grande, como S. João Bautista. Altamente como sempre o mesmo Tertulliano: *Ideo nec extat in* Tert. l. *que verba docuerit Joannes* 6. de *orare, quod terrena caelestibus* Orat. *cesserint.* Sabeis porque se calla; & passa em silencio a Oraçãõ que ensinou o Bautista a seus discipulos, quando se escreve a que ensinou Christo aos seus? A razãõ he,

he, porque a Oração de Christo era divina, a do Bautista humana: a de Christo era do Ceo, a do Bautista da terra; & era justo que a Oração da terra cedesse, & não tivesse lugar onde se escrevia a do Ceo: *Quòd terrena caelestibus cesserint.*

155. Isto he o que responde aquelle grande Autor, & o prova com hũ Texto do mesmo Bautista: *Qui est de terra, de terra est, & de terra loquitur: qui de Caelo venit, super omnes est: & quod vidit, & audivit, hoc testatur.* Sentiaõ muito os discipulos do Bautista, que a fama de Christo crescesse, & a de seu Mestre diminuisse: & como lhe significassem este seu sentimento, que respondeo o grande Bautista? Não fora grande, senão respondera ingenuamente o que era. Como Mestre q̃ estimava mais a verdade da doutrina, que a opiniaõ de quem o ensinava, respondeo: que elle era da terra, & fallava como quem era da terra: *Qui est de terra, de terra est, & de terra loquitur:* porẽm Christo que viera do Ceo, era sobre to-

dos, & por isso fallava do Ceo, como quem de lá viera: *Qui de Caelo venit, super omnes est, & quod vidit, & audivit, hoc testatur.* Logo justo he (conciue Tertulliano com o testemunho da mesma parte) que quando se escreve a Oração de Christo, que he do Ceo, se calle, & se sepulte em silencio a Oração do Bautista, que he da terra: *Nec extat in quæ verba docuerit Joannes orare quòd terrena caelestibus cesserint.*

156. Eis-aqui quanto excedem Padre nossos, & Ave Marias, & as Orações do Rosario a quaesquer outras Oraçoens, & de quem quer que sejaõ. Quanto vay do Ceo á terra, & do celestial ao terreno. Mas porque não cuide alguem, que dissimulo a replica que pòde ter esta supposiçaõ; eu mesmo quero instar contra ella. A Oração do Bautista era como de seu Author, & o seu Author era mandado do Ceo por Deos: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes:* logo a Oração do Bautista tambem era do Ceo, & tudo

tudo o que nella dizia, era celestial? Assim he. Quanto dizia a Oração que ensinava o Bautista, qualquer que ella fosse, não ha duvida que era celestial, & santo. E com tudo o mesmo Bautista não só diz que elle era da terra, senão que tambem era da terra quanto dizia: *Qui est de terra, de terra est. & de terra loquitur.* Pois se tudo o q̄ ensinava o Bautista era celestial, & do Ceo; como afirma, & ensina elle mesmo que tudo era da terra? Porque fallava de sy em comparação de Christo: & quanto dizem os filhos de Adão comparado com o que diz o Filho de Deos, por mais santo, & mais alto, & mais celestial que seja, tudo he terra, & da terra: *Qui de terra est, de terra loquitur.*

157. Sendo pois nesta comparação, o q̄ ensinava a orar o Bautista, Oração da terra, & de terra; bem fizeraõ os Evangelistas em a sepultar, & lhe lançar terra em cima, para que não apparecesse, nem se lesse, quando escreviaõ a que ensinou Christo. E senão levantemos ao mes-

mo Bautista da terra, & ponhamolo no Ceo. Assim como o Bautista na terra era o Precursor de Christo, assim no Ceo era o luzeiro do Sol que fae diante delle. E assim como o luzeiro he mayor que todas as Estrellas, assim o Bautista he mayor que todos os nascidos. Mas assim como a luz do luzeiro em apparecendo a luz do Sol desaparece, & se esconde; assim os Evangelistas esconderão a Oração do Bautista, & não quizeraõ que apparecesse, porque escreviaõ, & fahiaõ a luz com a Oração de Christo. E se à vista da Oração de Christo não tem lugar a do mayor de todos os Santos; como o teraõ as de outros por pias, & devotas que sejaõ, em comparação das Orações do Rosario ditadas pelo mesmo Filho de Deos, & pelo Padre, & pelo Espirito Santo? Eu não condeno, nem posso condenar os que isto fazem; mas não pôde deixar de me parecer melhor Christandade a que segue o exemplo dos Evangelistas.

VI.

158. **O**S Evangelistas julgãrão que se não deviaõ escrever outras Orações: vejamos agora (como dizia) os que entende-rão que senão devem ouvir. E de silencio a silencio este segundo por todas suas cir-cunstancias he mais admira-vel. Os Serafins que entre todas as Jerarquias, & Cò-ros dos Anjos excedem aos que mais sabem, & são os que mais amaõ, & tem o su-premo lugar junto ao Thro-no da Magestade Divina, o que fazem continuamente, he estar louvando a Deos, cantando, & repetindo sem já mais cessar: *Sanctus, San-*

Isai. 6. 3. *ctus, Sanctus.* Assim os vio, & ouviu Isaias, assim Ezequiel, & assim S. Joã no seu Apo-calypte; onde conta huma cousa muito particular, & de não facil intelligencia. Diz que esta musica dos Serafins parou, & fez pauza, ficando todo o Cco em silencio por espaço de mea hora: *Et fa-*

Apoc. 8. 1. *ctū est silentiū in Cælo quasi media hora;* & que neste tempo appareceo hum Anjo, o

qual trazia nas mãos hum thuribulo de ouro, & lhe fo-raõ dados muitos incensos, para que das Orações dos Santos offerecesse no Altar que está diante do Throno de Deos, & assim se fez. *Et*

16. 3. *alius Angelus venit habens thuribulum aureum, & data sunt illi incensa multa, ut da-ret de orationibus Sanctorum omnium super altare aureum, quod est ante thronum Dei. Et ascendit fumus incenso-rum, &c* Atèqui a visaõ, em que ha muito que reparar.

159. Primeiramente, por-que cessãõ as musicas dos Serafins quando se offere-cem as Orações dos homens? Não se podiaõ ouvir hũas, em quanto se offereciaõ as outras, principalmente of-ferecendo-se em turibulo, & em exalações de fumo, & in-censo? O que pede a Igreja por grande favor a Deos, he que as nossas Orações sejaõ admittidas entre as vozes dos Anjos: *Cum quibus & nostras voces, ut admitti ju-beas, deprecamur.* Qual he lo-gõ a razãõ porque cessãõ as vozes dos Anjos quando as nossas Orações se offerecem a Deos

a Deos? Respondem muitos Expositores, principalmente modernos, que são tão agradaveis a Deos as orações que os homens lhe fazem na terra, que para as ouvir só a ellas, manda callar a musica do Ceo. Boa resposta, & de grande consolação para os devotos; mas por ser muito géral, não satisfaz a todas as circunstancias do Texto. O Texto não falla géralmente de todas as orações, senão de algúas: isso quer dizer: *Ut daret de orationibus*. E se este favor, & privilegio se concede não a todas as orações, senão a algúas sómente, que orações são estas? Digo que são as orações do Rosario, & o pro-vo do mesmo Texto, & de suas circunstancias. Primeira, porque são orações multiplicadas, & da mesma especie: *Incensa multa*; o que só nas do Rosario se acha. Segunda, porque o silencio do Ceo foy de mea hora: *Silentium quasi media hora*: & esse he o tempo, que communmente se gasta no Rosario: donde se segue que se não pôde entender de ou-

Tom, 5.

tras orações mais dilatadas, nem das mais breves. Terceira, & mayor de todas, porque hum respeito, & reverencia tão notavel só a podem guardar os Serafins às orações do Rosario, por serem feitas pela Santissima Trindade.

160. Tudo o que cantão os Serafins no Ceo, he em louvor unicamente da Santissima Trindade, que por isso sem mudar, ou alterar a letra, repetem sempre, & tres vezes: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Assim o confes-
D. Aug.
Sant.
D.
 são concordemête ambas as Igrejas, a Latina com Agostinho, & a Grega com Nazianzeno. Mas como as orações do Rosario são obra, & composição da mesma Trindade, com muita razão emudecem as vozes dos Anjos, quando no Ceo se ouvem às do Rosario: entendendo os Espiritos Seraficos, que muito mais louvaõ a mesma Trindade emudecendo, que cantando: porque? Porque o que dizem cantando, he feu; & o que ouvem emudecendo, he de Deos: & com o mesmo humilde, & reverente

K

rente silencio, assim como adoraõ a alteza infinita das palavras divinas, assim reconhecem a desigualdade das suas. E se quando se escrevem, ou se ouvem as vozes do Rosario: no Ceo emudecem as dos Serafins, & na terra as do Bautista; a que outras orações não porão silencio estes dous tão notáveis silêncios? Se as outras orações de qualquer Espírito, & de qualquer Santidade que sejam, querem agradecer, & louvar a Deos; louvem-no emudecendo, & convertendo-se em Rosarios.

161. Eu bem sey, que os que são afeiçoados a outras orações, ou cuidão que ha nellas mayor energia de palavras, ou mayor expressão de affectos, ou mayor empenho de offerecimentos, & finezas com Deos; sendo mais ordinario, & mais certo nestas eleições que o appetite da novidade, o fastio de repetir muitas vezes o mesmo, & a imaginação de que fallando pouco, não podem dizer muito, he o que desafeiçoa do Rosario aos que querem fer, ou parecer

mais devotos. Mas com que se convence, & pôde emendar este engano? Com o mesmo que temos ditto, & nada mais. Considerem que o Author do Rosario he Deos, & logo conhecerão seu engano. Pergunto: sobre o que disse, & ensinou Deos, pôde alguém accrescentar, & dizer melhor? Claro está que não pôde. E porque razão? Huma, & outra cousa disse Tertulliano forte, & doutamente: *Porro non amplius invenire licet quàm quod à Deo discitur; quod autem à Deo discitur totum est.* Onde o q̄ ensina he Deos, ninguem pôde invêtar, ou dizer mais: porque quando Deos ensina, diz tudo. Notay muito aquelle *Totum*, & aquelle *Invenire*. Por mais que os homens queiraõ inventar sobre o que Deos ensinou, não podem: & a razão he, porque quando Deos ensina, diz tudo, & sobre o tudo não ha nada. Depois q̄ Deos inventou o Padre nosso, & a Ave Maria, inventem novas oraçens os Ambrosios, os Anselmos, os Boaventuras, as Birgidas, & quaesquer ou-

tros:

Tert.
de ani-
ma c. 2.

ros Santos, & Santas, que por mais pias, & devotas que sejaõ, não pòdem os inventos, ou invenções humanas ter semelhança com as divinas. Vede se aconselha David o que eu prègo: *Confitemini Domino, & invocate nomen ejus: notas facite in populis adinventiones ejus:* louvay a Deos, & invocay seu nome na Oração; & prègay ao povo as invençoens de Deos. Pois quando David exorta a que oremos a Deos, manda juntamente que prèguemos as suas invençoens? Sim: porque ha orações que são inventadas pelos homens, & orações que são inventadas por Deos; & estas são as que se hão de prègar.

VII.

162; **E** Para que a prègação não seja esteril, & sem fruto; de tudo o que fica ditto tiro duas consequencias. Fica ditto q as oraçoens do Rosario por serem inventadas, & ensinadas por Deos, tem infinita dignidade sobre todas as dos

homens, & Anjos. E daqui se seguem dous privilegios singulares, & proprios das mesmas orações, os quaes se não achão, nem pòde achar em alguma outra. E que privilegios são estes? O primeiro, que nem os que rezaõ o Rosario pòdem errar no que pedem a Deos: o segundo, que nem Deos lhes pòde negar o que pedem. Ora reparay bem em huma, & outra parte desta conclusão; & se qualquer dellas for verdadeira, & muito mais ambas, ninguem haverá, se espera em Deos, & espera delle, que se queira privar de hũa graça, que dous tão grandes bens encerra em si. Mas vamos á prova.

163. S. Paulo, cujas palavras são de Fè, diz absolutamente, q nenhum homem quando ora sabe o que lhe convem pedir a Deos: *Quid oremus, sicut oportet, nescimus* ^{Rom 8: 26.} He sentença notavel; mas como bem advertio sobre ella Santo Agostinho, o que he util ao doente, melhor o sabe o medico, que o enfermo: *Quid enim infirmo utile sit, magis novit medicus, quã* ^{Aug. in sent. sent. 212.}

egrotus. E como os homens não sabem o que lhes convem pedir quando oraõ, daqui vem que oraõ, & erraõ. Assim erraõ os filhos de Israel no deserto, quando pediraõ carne, & no povoado, quando pediraõ Rey: & Deos os castigou com lhes dar o que pediaõ. A razão fundamental deste erro he a essencia da mesma oraçaõ, a

Dam. de fide orthod. no: *Est petitio decentium à Deo:* que he petiçaõ feita a

6.18. Deos de cousas decentes. Oh se ouvíssemos as orações q̄ assim homens, como molheres fazem a Deos em secreto; quantas indecencias ouviriãmos? Discorrey por todos os estados, & por todos os dezejõs, & não he necessario que eu o diga, porque tambem feria indecência. Atè os Gentios, sendo tão falsas as suas orações como os seus Deoses, conhecerãõ este erro.

Relat. á Sen. l. 1. ep. 10. Atenodoro dizia: *Tunc scito esse te omnibus cupiditatibus solatum, cum eò perveneri, ut nihil Deum roges, nisi quod rogare possis palam.* Entã entendey que tendes compostos, & bem ordena-

dos vossos dezejõs, quando chegares a não pedir a Deos em secreto, senãõ o que podereis pedir em publico. Na mesma Ceyta de Epicuro, que era o menos espiritual, ou o mais carnal de todos os Filozofos, havia preceito q̄ ninguẽ podesse orar a Deos senãõ em voz alta, E porque, ou para que? Para que os professores della, como refere Clemente Alexandrino, pedissem a Deos taes cousas, que nenhũ se envergonhasse de se saber o que pedia. E daqui tirou Seneca aquella sua famosa sentença: *Sic vive cum hominibus, tanquam Deus videat: sic loquere cum Deo, tanquam homines audiant:* de tal maneira vivey cõ os homens, como se vos vira Deos, & de tal maneira fallay com Deos como se vos ouviraõ os homens. Taõ certo he, ainda sem lume da Fè, & só por razaõ natural, que a oraçaõ que se faz a Deos, só deve ser de cousas decentes: *petitio decentium.*

164. Mas porque esta decencia, ou se pòde considerar da parte de Deos ou da nossa; digo que ha de ser de ambas,

Salm.
tom 7.
tract.
45.

ambas. Assim o resolve o doutissimo Salmeirão commentando a mesma definição de Damasceno: *Est autem orare, ut Damascenus ait, petere à Deo quæ illum decet dare, & nos accipere*: orar he pedir taes coulas a Deos, q̄ a elle seja decente o dallas, & a nós o recebellas. Ouvi hum exemplo que excellentemente declara estas duas decencias. A ElRey Antigonno pediu hum Filosofo Cynico q̄ lhe fizesse merce de lhe mandar dar hum talento, que da nossa moeda são dous mil cruzados: respondeo o Rey, que a hum Filosofo que professava pobreza, não era decente ter tanto. Pois, Senhor, replicou o Filosofo, mandeme Vossa Magestade dar hum dinheiro, que são dous reales de prata: & respondeo outra vez Antigonno: A hum Rey não he decente dar tão pouco. Assim refere todo o caso ainda com mais breves palavras Seneca: *Ab Antigonno Cynicus petiit talentum. Respondit plus esse quàm Cynicus petere deberet. Repulfus petit denarium. Respondit minus esse*

Senec.
lib. 1.
Epist.
10.

Tom. 5.

quàm Regem deceret dare. De maneira, que o Filosofo hũa vez pediu muito, & outra vez pediu pouco, & n mo muito, nem o pouco alcançou do Rey, porque nem ao Filosofo era decente receber tanto, nem ao Rey dar tão pouco. Huma vez perdeu o que pedia, porque pediu mais, outra vez porque pediu menos, & ambas indecentemente. O mesmo nos succede com Deos no que lhe pedimos, & ainda mais na indecencia das materias, que das quantidades. Erramos no que devemos pedir, & por isso não alcançamos o que pedimos.

165. Pediraõ os filhos do Zebedeo as duas cadeiras do Reyno a Christo; & porque lhas não concedeo o Senhor, sendo os mais parentes, & os mais validos? Porque de huma, & de outra parte, assim da sua, como da de Christo, era a petição indecente. Que mayor indecencia da parte d'elles, que pedirem dous pescadores as primeiras cadeiras do Reyno? E que mayor indecencia da parte de Christo, que ha-

ver de dar cadeiras tempo-
raes a dous Apostolos, a quẽ
tinha prometido as do Rey-
no eterno? Nem a Christo
era decente o dar, nem a el-
les era decente o receber o q̃
pediaõ; & por isso a negati-
va da petiçaõ a fundou o
Senhor nelles, & mais em

Matt. *fy: nelles: Nescitis quid petatis:* em *fy: Non est meum dare vobis.* E porque errãraõ

tanto estes dous Discipulos
no que pediraõ, sendo elles,
de tres que eraõ os mais sa-
bios, os dous? Porque não
pediraõ o que o Mestre Di-
vino lhe tinha ensinado a pe-
dir. Quando toda a escola
de Christo lhe pedio que os
ensinasse a orar; respondeo
o Senhor: *Sic ergo orabitis:*
Pater noster, qui es in Caelis:
o modo com que haveis de
orar, he dizer a Deos: Padre
nosso, que estais em o Ceo,
&c. & nas sette petições do
Padre nosso ha algũ, em que
se peçaõ cadeiras, em que se
peçaõ dignidades, & man-
dos, em que se peçaõ pom-
pas, grandezas, & ambições
do mundo, ou algũa tempo-
ralidade mais que o susten-
to necessario à vida? Não.

Matt.
6.9.

Pois porque elles pediraõ
fóra do Padre nosso, errãraõ
como nescios; & por isso nẽ
fouberaõ pedir, nem alcan-
çãraõ o que pediraõ. A pro-
va que agora darey desta
verdade, nem pôde ser mais
natural, nem mais fina; mas
o pensamento não he meu,
senão de Santo Agostinho.

166. Repara o doutissi-
mo, & agudissimo Padre em
dizer S. Paulo, como já refe-
rimos, que nenhum homem
quando ora a Deos sabe pe-
dir o que lhe convem, me-
tendo-se o mesmo Apostolo
nesta conta: *Quid oremus si-* *Aug.*
cut oportet, nescimus; & argue *ad Pro-*
assim Agostinho: *Adhuc* *bam 6.*
quæras cur Apostolus dixerit: *121.*
quid enim oremus sicut oportet, *de orã-*
nescimus: neque enim ullo *do Deũ*
modo credendum est, vel ipsũ *cap. 3.*
vel quibus ista dicebat Domi-
nicam nescisse orationẽ. Nem
de S. Paulo, nem daquelles a
quem elle escrevia, que eraõ
os Christãos de Roma, se pô-
de crer, ou imaginar que não
foubessẽ a Oraçaõ do Pa-
dre nosso: pois se na Oraçaõ
do Padre nosso nos ensina o
mesmo Deos o que nos con-
vem, & lhe devemos pedir;
como

como diz S. Paulo que nem elle, nem nós sabemos o que nos convem pedir a Deos? Responde o grande Padre que fallou S. Paulo de todos como de sy: & que se meteu na conta dos que ignorão o que hão de pedir a Deos como convem, porque elle tambem cahio nesta ig-

2. Cor. norancia: *Ab hac ignorantia*
 12. 7. *nec se ipsum Apostolus ostendit alienum.* E quando cahio nesta ignorancia o Apostolo, onde consta? Consta das tres vezes que pedio a Christo que o livrasse das molestias do Demonio, o que o Senhor lhe não quiz conceder, porque era mais conveniente à sua perfeição que as padecesse, como elle mesmo lhe revelou. E porque então pedio o Apostolo o que cuidava que lhe convinha, sendo verdadeiramente o contrario; este foy o caso (conclue Agostinho) em que a sua oração errou, & elle não soube o que pedia: *Uti que sicut oportet, nesciens quid oraret.* He verdade que por outra via bem sabia S. Paulo na Oração do Padre nosso o que lhe convinha pedir: mas

como esta vez orou fóra della, & pedio por seu parecer outra coisa; por isso, sendo S. Paulo, errou no que pedio, & sendo a S. Paulo, lhe negou Deos o que pedia.

167. E poderá succeder o mesmo aos que rezaõ o Rosario? De nenhum modo. Porque estes são os dous privilegios singulares concedidos unicamente ás suas orações, & a nenhũa outra. Nem podem errar no que pedem, porque pedem o que lhe ensinou Deos, nem Deos lhe pôde negar o que pedirem, porque pedem o que o mesmo Deos lhe prometteo. Pedi, & recebereis, diz Christo, empenhando nesta promessa não só sua palavra, mas sua pessoa: *Est ego dico vobis: petite, &*

accipietis. E entendendo a ^{Luc. 11.9.} mesma promessa universalmente a todos, accrescenta o mesmo Senhor: *Omnis enim qui petit, accipit;* porque todos os que pedem, recebem. Mas com muita razão parece se pôde aqui instar; & dizer, que as palavras são mais largas, & a promessa mais clara que a experiencia

porque muitos pedem a Deos muitas cousas, & muitas vezes, & experimentão que não recebem o que pediraõ. Pois se pedem, & não recebem; como promete Christo, que se pedirem, receberão: *Petite, & accipietis*: & como afirma (o que he mais) que todos os que pedem, recebem: *Omnis enim qui petit, accipit*? O reparo desta que parece cõtradição, não he totalmente novo: mas o que muito me admira, he que ninguem a desfizesse atègora com a limitação literal que traz comsigo a universidade do mesmo Texto. Lea-se todo o Texto (que he do capitulo onze de S. Lucas) & ver-se-ha claramente que Christo Senhor Nosso não fez esta promessa a toda a oração, & petições, que se lhe fizessẽ, senão àquella oração, & àquellas petições de que actualmẽte fallava. E quaes eraõ estas? Tinha acabado o Senhor de ensinar a oração do Padre nosso, & de exortar a frequẽcia della com varios exemplos: & aos que pedissem o que se pede na Oração do

Padre nosso, & o pedissem não só huma vez, senão muitas, & como importunando a Deos (que he o que se faz no Rolario) a esses prometteo sómente que receberiaõ o que pedissem. Tinha ditto com particular advertencia: *Sic autem orabitis*; orareis assim; & aos que oraõ assim, & não de outra maneira, a esses prometteo sómente, q̄ alcançarão sem duvida o q̄ pedissem, & não a outros. Que muito logo que o que se pede em outras orações se não alcance: se á do Padre nosso sómente foy concedido este privilegio? Logo assim como não pôde errar quem pede nella, porque pede o que Deos ensinou, assim Deos lhe não pôde negar o que pedir, porque pede o q̄ Deos lhe prometteo. He consequencia do mesmo Santo Agostinho em outro lugar: *Si enim id postulat quod Deus præcepit, & promittit; fiet omnino quod postulat*: quem pede o que Deos manda, & o que Deos promette, impossivel he que não alcance o que pede.

Aug.
in sent.
sent.

212.

Mas

VIII.

168. **M**As quando Deos não tivera empenhado sua palavra, & não se tivera obrigado a nos conceder o que lhe pedissemos; nós o obrigariamos a isso infallivelmente, só com lhe fazermos as nossas petições pelas mesmas palavras que elle nos ditou por sua propria boca, & com que elle nos fez o memorial. Pergunto, se requerendo diante de hum Rey, & pedindo-lhe merces, elle mesmo nos ditasse, & fizesse a petição com tudo o que haviamos de allegar, & pedir, podia deixar o Rey de nos despachar? Claro está que de nenhum modo. Pois isso he o que fez o Filho de Deos, quando nos ensinou a Oração do Padre nosso, & isso he o que fez o Padre, & o Espirito Santo, quando nos ensinaraõ a da Ave Maria. Pelo contrario (voltay agora) & se esse que pede merces ao Rey, fosse tão ignorante, & descomedido, que lendo a petição, que o mesmo Rey lhe tinha ditado, se

não contentasse della, & se fosse ter com hum letrado, para que lhe fizesse outra mais larga, & ao seu parecer mais elegante com outras allegações, & outro Pede, quando o Rey a lesse, & visse que não era a sua, parece-vos que a despacharia bem? Vós o julgay. Pois isso he o q̄ succede, & succederá aos que deixaõ de fazer a Deos as orações que elle mesmo nos fez, & lhe fallaõ, & o querem persuadir com outras que fizeram os homens por mais sabios, por mais pios, & por mais fantos que sejaõ.

169. E se esta razão tão natural, & tão evidẽte não basta para que todas as outras orações, & devoções se convertaõ em Rosarios, como eu prometti, porque assim o esperava; ouçamos a resolução da mesma Senhora do Rosario sobre esta mesma questão, & neste mesmo caso. Prêgava em Roma o grãde Patriarea S. Domingos, sendo o principal assumpto dos seus Sermões em qualquer dia que fosse (que assim prêgaõ os Santos) a devoção do Rosario. E posto que

que não só no Povo, & Nobreza, mas tambem nos Principes Ecclesiasticos, & Seculares fosse recebida cõ igual piedade, & applauso; houve com tudo hũa Matrona Romana de vida exemplar, taõ empenhada em outras, que nunca o Santo a pode persuadir a que se afeiçãoasse a esta. Atẽ nas materias da virtude ha espiritos teimosos, que não querem ir ao Ceo senão pelo seu caminho, nem fazer a vontade de Deos, senão pelos dictames, ou appetites da sua. E como esta Senhora era de tanta authoridade, que podia fazer opiniaõ entre as da sua esfera: desconsolado o Santo de a não poder reduzir ao seu partido, a quem se iria queixar? Postrouse por terra diante de huma Imagem da Virgem, & banhado em lagrymas lhe disse desta maneira. *Emfim, Virgem Santissima, que já o vosso Rosario he tido em pouca conta. A culpa he toda minha, pois não tenho alento, nem efficacia para o saber persuadir: nem podia succeder menos, pois escolhestes por Ministro, &*

Prègador delle hum fogueito de taõ pouco espirito. Pezame muito de vos servir taõ mal, & taõ inutilmente no que me mandastes; vòs Senhora o remediay, que só podeis. Assim orou Domingos desconsolado, mas não tardou muito a consolação, & o remedio. Sahio a dizer Missa o Santo, depois de ter prègado, & no mesmo tempo a Matrona Romana, que se achava presente, arrebatada, & fóra de sy, foy levada a juizo ante o Tribunal Divino. Vio-a Deos com aspecto irado, & tremendo: reprehendeo-a severamente da sua indevoção, & contumacia, & mandou aos Demonios que logo a castigassem como merecia.

170. Verdadciramente, que senão podera reccar taõ rigurosa sentença a hũa mulher, não só de boa vida, mas taõ exemplar como já disse, & agora veremos. As razões, ou pretextos com que ella se escuzava de rezar o Rosario, era dizer, que jejuava muitos dias, que vestia lá á raiz da carne, & andava cingida de cadeas de ferro, que

visi-

vizitava frequentemente as sete Igrejas, & corria as Estações para ganhar as indulgencias, & que as orações muitas, & largas que rezava, posto que fossem outras, também eraõ pijs, devotas, & fãtas, com que lhe parecia que não agradava menos a Deos. Vejão agora lá os que não rezão o Rosario, se terão semelhantes escuzas com que se desculpar. Mas se esta Matrona, sendo grãde Senhora, era tão alhea de todas as vaidades, & regalos do mundo, tão penitente, tão austera, & tão dada a todas as obras de piedade, & devoção, como no juizo Divino he reprehendida tão asperamente, & entregue aos mesmos Demonios, para que a castiguem? Porque o Demônio não só tenta com os vicios, senão também com as virtudes: & talvez não he menor tentação deixar o bẽ pelo mal, que por não deixar o bom, desprezar o melhor. Por isso dizia S. Paulo;

Emulamini charismata meliora. Boas eraõ todas aquellas penitencias, & todas aquellas devoções, mas

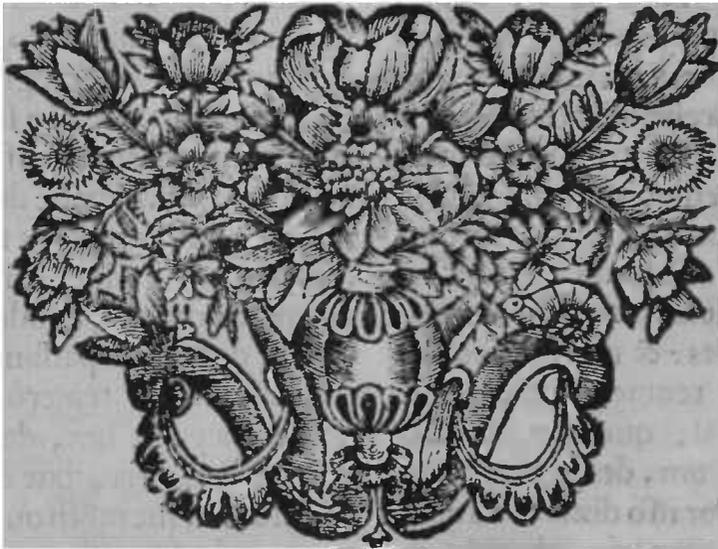
era cõtumacia digna de grave reprehensão, & de grave castigo antepolado ao Rosario, & deixallo por ellas.

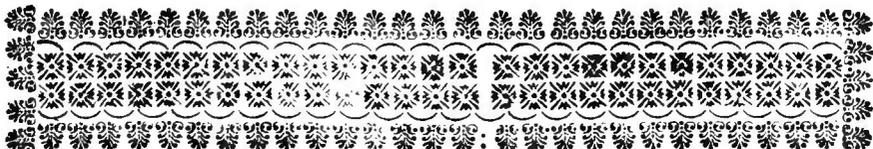
171. Vendo-se em tão grande aperto a pobre molher, & não menos que entregue aos Demonios para a castigarem, desengañada já, & reconhecida de seu erro, deu hum grande grito, dizendo: Valeyme, Virgem do Rosario! Suspenderaõ-se os Demonios ouvindo o soberano Nome: & a Senhora, como Mãe de misericordia, que faria? Posto que tão offendida, appareceo logo no mesmo juizo com rosto, não de rigor, mas de benignidade, & agrado: & não só lhe alcançou perdão do castigo, mas para que acabasse de conhecer a differença que faz o Rosario meditado, & rezado como convem, a todas as outras devoções; passando-a daquelle lugar temeroso a outro cheyo de luz, de alegria, & de gloria, que era o Paraíso; alli lhe mostrou douros coros de Almas bemaventuradas, q̃ coroadas de rosas com alegres, & suavissimas vozes estavaõ cantando o

Ro-

Rosario. Pasmada pois a boa mulher do que via, & nunca imaginara, & muito mais mudada, & arrependida que dantes, entao lhe disse a Senhora estas palavras. Ves, filha, todos estes que com coroas de tanta fermosura, & gloria estaõ cantando louvores á Santissima Trindade, a meu Filho, & a mim? Pois estes saõ os que na vida foraõ devotos do meu Rosario. E para que acabes de entender o merecimento q̃

tiveraõ na terra, & o lugar q̃ tem no Ceo; sabe que assim como eu na gloria excedo a todos os Sãtos, assim a devoção do meu Rosario excede a todas. Disse a Senhora: & eu tambem tenho ditto. Levay nos ouvidos, & no coração estas palavras da Rainha dos Anjo, pois nenhuma pode haver, nem de mayor consolação para os devotos do Rosario, nem de melhor exhortação para os que o naõ forem.





SERMAM V.

Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Luc. 11.

I.



172.

Quelle supremo Senhor, q̄ quando poz o homẽ no Paraizo, poz ao homem o preceito; esse mesmo nos diz hoje que se guardarmos seus preceitos, nos dará a bemaventurança do Paraizo. O fim para que Deos poz a Adão no Paraizo, foy para que o guardasse: *Ut operaretur, & custodiret illum.* E porque o não guardou Adão? Não guardou o Paraizo, porque não guardou o preceito. Essa foy a astucia da Serpente: *Cur praecepit vobis Deus?* Fez o tiro ao preceito; para abrir a brecha no Paraizo. Se o pre-

Gen. 2. 15.
Gen. 3. 1.

ceito, que era o muro do Paraizo; se não rompera; nem o Démonio entrára; né Adão sahira. Mas porque elle não guardou o preceito, nem se guardou de o quebrar o mesmo foy quebrar o preceito, que perder o Paraizo. Grande, & lastimosa desgraça em hum homem tão venturoso, & não fey se mayor ainda em tantos homens, que antes de ter fer, tiveraõ parte na mesma desgraça, & nella continuãrão quatro mil annos. Hoje porẽm, depois que a segunda Heva com o bendito fruto de seu ventre desfez a maldição daquelle primeiro fruto: *Beatus venter, qui te portavit* as mesmas portas do Paraizo que

que fechou a justiça á culpa, abriu a misericordia á graça; mas debayxo das mesmas condições, & da mesma Ley. Se Adão perdeu o Paraizo da terra, porque ouviu a Serpente, & não guardou o preceito de Deos, Eu, diz Christo, vos prometto o Paraizo, & bemaventurança do Ceo, se ouvires as palavras de Deos, & guardares seus preceitos: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

173. Esta foy a segunda Ley, & Ley da Graça com que a benignidade, & misericordia Divina reparou as desgraças daquella primeira, & as quebras della. Mas não sey se he menos perigosa, & difficultosa hoje, & tão mais arriscada a se quebrar muitas vezes, quantos mais são os preceitos, & mais os homens? Se o primeiro homem criado em justiça original, & com os appetites logeitos ao imperio da razão, não guardou hum só preceito; como guardaremos nós tantos, & tão repugnantes à natureza corrupta que delle herdámos tão viciada? Se Adão cahio

no Paraizo, em hum mundo tão cheyo de laços, de occasiões, de tropeços, quem se sustentará em pé? Se elle não resistio a huma tentação tão leve; como resistiremos nós a tantas, & tão peizadas? Se o Demonio ainda bizo-nho o venceo no primeiro combate; depois de tão exercitado na guerra, quem escapará de suas astucias? Se na mayor abundancia de tudo não pode soffrer hum homem que lhe fosse vedada hũa fruta; quem haverá que respeite a prohibição das leys na falta de tudo, contra a durissima ley da necessidade? Se onde não havia meu, & teu, & ambos eraõ meeyros nos mesmos bens, sem pleito, sem emulação, sem discordia, ambos se privarão delles; quem se poderá conservar na sua fortuna contra a inveja, contra o poder, contra a injustiça? E se de todos estes males foy causa o amor & amor licito; que fará o illicito, o profano, o cego: ou o odio, a ira, a impaciencia, a vingança? Se a companhia que Deos deu ao homem para o ajudar, o ajudou

dou a perder; das que são o mayor incentivo da perdição, quem vivirá seguro? Se ella o ensinou a quebrar o preceito, & não obedecer a Deos a quem viaõ, & com quem fallavaõ; nõs que não vemos a Deos, & só temos diante dos olhos os exemplos dos homens tão perniciosos como infinitos; qual se não deixará levar do impeto da multidão, correndo com os demais ao precipicio? Finalmente no estado da natureza corrupta, de q̃ nos não izentou a Ley da Graça, sendo fracos, miseraveis, inconstantes, & combatidos de dentro com a rebeldia das proprias paixões; como poderemos guardar tantos preceitos, & em toda a vida, quando Adão em tão poucas horas não teve forças, nem valor para guardar hum só?

174. Taes são as difficuldades muitas, & grandes que poderosamente encontram em nõs a observancia dos preceitos divinos. E posto que outros Prêgadores trabalhaõ em vaõ, ou pelas dissimular sendo tão mani-

festas, ou pelas enfraquecer sendo tão fortes: eu porèm as supponho, confesso, & concedo facilmente, porque vos venho inculcar o prõpto remedio dellas. Tudo o que fez, ou desfez Heva, restituiu, & refez a sempre Virgem Maria Mãy de Deos, & Senhora nossa. *Mater generis nostri pœnam intulit mundo, genitrix Domini nostri salutem attulit mundo. Autrix peccati Heva, autrix meriti Maria: Heva occidẽdo obfuit, Maria vivificando profuit: illa percussit, ista sanavit; pro inobedientia enim obedientia commutatur.* A mãy do genero humano meteo no mundo a pena, & o peccado, a Mãy do Redemptor do mundo trouxe a elle o merecimento, & a graça. Heva ferio Maria farou: Heva foy causa da enfermidade, Maria da faude: Eva da morte, Maria da vida. E a razãõ total desta differença he, diz Santo Agostinho, porque Heva inventou a desobediencia dos preceitos divinos, & Maria ensinou a obediencia: *Pro inobedientia enim obedientia commutatur.* Que fez Eva pela

Aug.
serm. 2
de an-
nuntia-
tione.

de:

desobediencia? Fez que a terra maldita produziſſe eſpinhos: & que fez Maria pela obediencia? Fez que deſſes meſmos eſpinhos naſceſſem Roſas. Taes ſão, & provados com muitos exemplos os myſterios da Vida, Morte, & Refurreiçãõ do Filho de Deos, que ſe eſſes eſpinhos não foraõ, não ſeria Filho de Maria. Deſtas Roſas pois, como flor ſempre medicinal, inventou a Senhora hũa compoziçãõ de tal virtude para fortalecer a noſſa, que aſſim como Adãõ ſem eſte remedio, ou não pode, ou não ſoube guardar hum ſó preceito de Deos, aſſim os filhos de Adãõ por meyo delle cobraõ taes forças, que pòdem ſuſtentar todo o pezo de ſua Ley, & guardar todos ſeus preceitos

175. Eſte he (devotos, & não devotos deſta ſolenidade) o novo argumento, que pretendo provar hoje, & não ſó hũ dos mais illuſtres eſſeitos do Roſario, ſenaõ o mais importante de todos. Chriſto Senhor noſſo diz: Serã bemaventurado quem guardar os preceitos de Deos

& a Mãy do meſmo Chriſto accreſcenta: Guardarã os preceitos de Deos quem rezar o meu Roſario. De ſorte, que a devoçãõ do Roſario he o meyo mais efficaç para guardarmos os preceitos de Deos, & para conſeguirmos a bemaventurança prometida aos que os guardão: *Beati qui audiunt verbũ Dei, & cuſtodiunt illud.* Sõ quem não dezejã fer bemaventurado, não ouvirã com grande alvorço, & atençaõ os fundamentos deſta propoſta: A meſma Senhora, cuja he, peçamos a graça. *Ave Maria,*

II.

176. **B**ene novit vivere, qui bene novit orare. He proverbio naſcido na lingua de S. Chryſoſtomo, & confirmado na penna de Santo Agoſtinho, a lingua, & a penna ambas de ouro. Quer dizer: Quem ſabe bem orar, ſabe bem viver. Nem poderã viver bem, quem não orar bem. E qual he a razão de huma ſentença tão univerſal, & tão abſoluta

A razão, & a razão da razão tudo deu David, a quem com mayor propriedade podemos chamar o Profeta Orador, que o Profeta Rey. Falla pois David da Oração, como commumente o entendem os Santos Padres, & diz assim: *Os meum aperui, & attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam*: abri a boca para tomar respiração, porque dezeje guardar os mandamentos de Deos. Notavel consequencia! Primeiramente compara a Oração á respiração: & porque? Porque assim como ninguem pôde viver sem respirar, assim não pôde viver bem sem orar. A vida, & a boa vida ambas dependem do espirito que se attrahe pela boca: a vida, respirando: a boa vida, orando. Esta he a razão. E a razão da razão qual he? *Quia mandata tua desiderabam* porque dezeje guardar os mandamentos de Deos. Pois porq̃ David dezeja guardar os mandamentos de Deos, por isso julga que lhe he tão necessaria a Oração, como a respiração? Sim. Porque o viver bem consiste em guardar

os mandamentos de Deos; logo se para viver bem he tão necessario o orar, como para viver o respirar: ninguem pôde guardar os mandamentos de Deos, em que consiste o viver bem, senão por meyo da Oração. A Oração he a respiração do viver bem: logo tão impossivel ferà guardar os mandamentos de Deos sem orar, como viver sem respirar. Esta he a consequencia formalissima com que David dá por causa da sua frequente Oração o dezejo que tinha de guardar os mandamentos de Deos: *Os meum aperui, & attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam*.

177. A fonte donde David bebo profeticamente esta doutrina, foy a Divindade de Christo, como o mesmo Senhor declarou depois por boca da sua sagrada Humanidade. *Oportet semper orare, & non deficere*: he necessario orar sempre, & não faltar. Sempre, & não faltar? Parece apertado preceito. Mas não he muito que pareça apertado hum preceito, do qual depende a ob-

servancia de todos. He necessario orar sempre: *Oportet semper orare*; porque assim como para viver sempre, he necessario respirar sempre; assim para viver bem sempre, he necessario orar sempre. E he necessario não faltar: *Et non deficere*; porque assim como faltando a respiração, não pôde continuar a vida; assim faltando a Oração, não pôde perseverar a boa vida. Não quero o Cômêto de S. Chrylostomo, nem de Santo Agostinho; porque tenho o de S. Paulo: *Sine intermissio-*

ne orate; oray sem intermissi-
 1. Thej
 17. *al 5.* laõ. Declara o Apostolo, &
 chama ao orar sempre, orar
 sem intermissiãõ; porque o
 orar com intermissiãõ, ou a
 oraçãõ intermittente, he co-
 mo a respiraçãõ intermittê-
 te. Vede o em Lazaro. Em
 quanto Lazaro respirava, vi-
 via; quando tornou a res-
 pirar, tornou a viver, porq̃
 resuscitou. E em quanto a
 respiraçãõ esteve intermit-
 tente, como esteve Lazaro?
 Esteve morto. Pois assim co-
 mo a vida não admite inter-
 missiãõ no respirar assim a
 boa vida não consente inter-

missiãõ no orar. E este he o
 porque da doutrina de Chri-
 sto em nos mandar que ore-
 mos sempre. E o porque des-
 te porque qual he? He por-
 que a boa vida, ou o viver
 bem, como diziamos, consis-
 te em guardar os mandamê-
 tos de Deos: & como os
 mandamentos de Deos obri-
 gãõ sempre; para guardar os
 mandamentos de Deos sem-
 pre, he necessario orar sem-
 pre: *Oportet semper orare*.
 Tanta he a connexãõ que
 tem entre sy a Oração, & os
 mandamentos; & tanta he a
 dependencia que tem a guar-
 da dos mandamentos, do ex-
 ercicio da Oração.

178. E se quem ouver
 de guardar os mandamentos
 de Deos, ha de orar, & orar
 sempre; quem não orar sem-
 pre, ou nunca orar, que lhe
 acontecerá com os manda-
 mentos? O que lhe aconte-
 ceo a Adaõ, para que o veja-
 mos, não em outro, senãõ no
 mesmo exemplo. Estupendo
 caso he, que hum homem
 criado no Paraizo, taõ entẽ-
 dido, taõ sabio, & taõ obriga-
 do, não guardasse hum só
 preceito que Deos lhe poz?

E qual foy naquelle entendimento, & naquella vontade o defeito original de huma desgraça tão cega? Não fey fe o tendes já advertido: mas verdadeiramente he notavel, & tão digno de admiração, como de temor. Nenhum homem ouve que mais occasiões tivesse, nem mais apertados, & urgêtes de orar a Deos, que Adão. E com tudo em toda a sua historia, & em tantos casos tão notaveis della, nê huma só vez fe lè; que fizesse algum modo de Oração. Criou-o Deos, & formou-o com suas proprias mãos, deulhe o dominio dos animaes, & o imperio do mundo deulhe a companhia de Heva, que era o que só lhe faltava, & o que elle estimou sobre tudo; mas por tantos, & tão repetidos, & tão portentosos beneficios; nunca lhe occorreo a Adão dar graças a Deos. Peccou, & não se compungio, nem bateo nos peitos: estranhou-lhe Deos pessoalmête o peccado, & não se lançou a seus pès, nem lhe pediu perdaõ: sentenceou-o: executou-o, lançou-o do Paraizo; & em

tantos actos lastimosos, em que se podera valer como Reo, & como infelice, da sua propria misericordia, não foubẽ entrepor hũa supplica, nê appellar da Divina Justiça para sua Misericordia. E homem tão alheyo de todos os modos de orar a Deos, como havia de guardar o preceito de Deos? Em o não guardar, fez como quem era, & em não orar, nem antes, nem depois, nem em hum, nem em outro estado, mostrou o que era. Era hum homẽ totalmente sem oração, & por isso já entãõ semelhante aos brutos, sem uzo de razão; nê entendimẽto: *Homo cum in honore esset,* ^{*Psalm.*} 48. 21. (eis-aqui o já entãõ) *non intellexit: comparatus est jumentis, & similis factus est illis.* E hum bruto, que não sabia orar, como havia de saber viver? Por isso ouvio a palavra de Deos, & não a guardou: & porque a ouvio, & a não guardou, por isso perdeo a felicidade de que só gozaõ os que a ouvem, & a guardaõ: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

III.

179. **E**sta foy sempre a virtude universal da oração, provada cõ todas as Escrituras, inculcada por todos os Santos, & confirmada com infinitos exemplos. Porém depois que a Virgem Santissima no Instituto, & fórma do seu Rosario lhe ajuntou todas as outras propriedades especiaes, de que se compoem a oração perfectissima; então foy muito mayor a efficacia, energia, & proporção conatural que tẽ a mesma oração para influir, & conservar nos corações, & acções humanas o respeito, o temor, a obediencia, & a perfeita, & inviolavel guarda dos preceitos divinos. Este he o nosso ponto, & esta a mais gloriosa excellencia do Rosario. Para inteiro, & radical entendimento della, havemos de suppor não só como Theologia certa, mas como principio de Fè definido em muitos Concilios, que para guardar qualquer preceito divino grave, (& muito mais todos) são necessa-

rios dous concursos, hum da parte de Deos, outro da parte do homem: da parte de Deos o concurso, & influxo de sua graça, & da parte do homem o concurso, & consentimento do nosso livre alvedrio. De sorte, que nem a graça de Deos em nõs sem o nosso alvedrio, nem o nosso alvedrio sem a graça de Deos he poderoso, ainda que quizeffemos, para guardar os seus preceitos. Ovi o que dizia David fallando com Deos: *Justificationes tuas cotidiam non me dere'inquas usquequaque*: Eu, Senhor, quero guardar os vossos mandamentos, & o que vos peço para o poder fazer he que vòs me não deixeis por nenhum modo. Fallou como Mestre de Santo Agostinho, & de Santo Thomàs. Porque se Deos de qualquer modo nos deixar, & nos não assistir com sua graça, ainda que nõs quizeffemos guardar seus mandamentos, de nenhum modo os poderemos guardar. E a razão he, porque a guarda dos mandamentos de Deos, & meritória da vida eterna he obra so-

Psalm.
118.8.

sobrenatural. E ainda que o alvedrio concorra com todas as forças da natureza, he necessario que a sobrenaturalidade venha de cima, & lha dê a graça.

180. Agora entenderéis a propriedade cõ que Christo Senhor nosso chamou à sua Ley Jugo: *Jugum meum suave est*: diz que he suave, *Matt.* mas jugo. Porém se esta ley *11.30* a ha de tomar cada hum de nós sobre sy, & cada hum ha de guardar os preceitos, & mandamentos della, como pôde ser jugo? O jugo chama-se assim, porque o levão dous juntamente: pois se eu só levo a ley, como pôde ser jugo para comigo? Porque ajunta Deos em mim a sua graça com o meu alvedrio, & o alvedrio, & a graça juntos são os que levão o jugo da ley. O melhor exemplo que nenhum Theologo já mais achou para declarar esta Theologia, fez huma famosa representação cõ que a Virgem Senhora nossa não só a ensinou, mas a fez visível. Cantava-se em Roma aquella Epistola, em que se contém a historia do A-

Tom. 5.

postolo S. Philippe, quando converteu o Eunucho a Rainha Candaces, & assistia à Missa cõtro Philippe, que depois foy também Apostolico, & hoje se chama S. Philippe Benjfi. Chegando pois a historia àquellas palavras q̃ o Anjo disse ao Apostolo: *Accede, & adjuuge te ad cur-* *Act. 8.*
rum istum: Philippe, chega, *126.* & ajuntate a esta carroça; (q̃ era a em que caminhava o Eunucho) arrebatado em espirito o segundo Philippe, vio a Virgem Senhora nossa como triunfante em hũa carroça dourada, pela qual tiravão hũa Ovelha, & hum Leão: *In aureo curru, quem ovis, & leo trahabant, sanctissimam Dei gentricem insidentem vidit.* O intento, & significado da visão era que Philippe se fizesse servo da Senhora na Religião daquelle mesma Igreja, que se intitula dos Servos da Virgem Maria.

181. Mas a circumstancia que faz mais admiravel, & mysterioso o aparato da representação, são os tiradores da carroça triunfante da Mãe de Deos. Admiravel

L iij por

por serem só dous, admiravel por serem de diferente especie, & mais admiravel por ser huma ovelha, & hum leão. *Ovis, & leo*. Ao menos não seria a ovelha cordeiro, ou o leão leoa, para que a semelhança do sexo os fogueitasse mais facilmente, & os unisse ao jugo? Não. A carroça em que Deos, & a Mãe de Deos triunfaõ dos homens, & os fogueitão a fer servos seus (como naquella caso) he a obediencia de seus preceitos, & os que tiraõ por esta carroça, & a levão, não são mais que dous, & esses de diferente especie: a ovelha, que he a graça, & o leão, que he o alvedrio humano. O leão mais soberbo, mais fero, mais indomito, & mais imperioso, criado, & coroadado entre os monstros da Libya, he o alvedrio do homem: tão soberbo, & tão senhor, que até ao mesmo Deos, como Faraõ, pôde dizer, não quero: mas esta soberba que a humilha, esta fereza quem a domestica, este senhorio quem o fogueita? A companhia da graça. A graça, como ovelha mansa, lhe tempêra

a furia; a graça, como ovelha humilde lhe modêra os brios; a graça, como ovelha fogueita lhe abate os espiritos; a graça, como ovelha obediente, o faz obedecer, & tomar o jugo. Que era Saulo, senão hum leão desatado, colerico, furioso, que só com o seu bramido metia terror a todo o rebanho de Christo: *Saulus adhuc spirans minarum in Discipulos Domini?* ^{At. 9. 1.} E este soberbissimo leão quem o rendeo, quem o fogueitou, quem lhe quebrantou a furia, quem o trocou, & fez tão outro, & o atou ao jugo, quando tanto resistia, & recalcitrava? Elle mesmo o diz: *Non ego, sed gratia Dei mecum:* ^{1. Cor. 16. 19} não eu só, senão a graça de Deos comigo. E tanto que a efficacia da graça se ajuntou com a liberdade do alvedrio, logo se domou o indomito, logo se fogueitou o rebelde, & da ovelha, & do leão se fez hũa parelha tão igual, qual a podia escolher a Mãe de Deos para ella, & seu Filho triunfarem dos homens.

182. Tomay agora o Rosario na mão, ou olhay para

para elle, & dizey me a que se vos afigura? David dizia a Deos: *In camo, & freno maxilas eorum constringe qui non approximant ad te:* *Psalm. 31. 9.* aquelles, Senhor, que se affastaõ de vòs, & não querem tomar o jugo de vossa ley, meteylhe hum freyo na boca, & apertaylhe as redeas, que por mais que sejam rebeldes, & de dura cerviz, logo a dobrarãõ. E quem faz este effeito, senão o Rosario? O mesmo Deos o diz por boca de Isaias: *Laude mea infrænabo te, ne intereas:* vejo que o teu alvedrio livre, rebelde, & furioso, mais co no leaõ, que como cavallo desbocado, te vay precipitando à perdição; mas eu te meterey hum freyo na boca, para que te não despenhes, nem pereças; & este não serà outro, senão o de meus louvores: *Laude mea infrænabo te.* Verás o que fiz por ti, conhecerás as obrigações que me deves, louvarme-his hũ, & muitas vezes por taõ soberanos, & divinos beneficios; & como trouxeres na boca estes meus louvores (que he o que fazemos no Rosario)

elles te refrearãõ, para que me não offendas, & para que encaminhes todos teus passos pela carreira de meus mandamentos: *Frænium legis, & religionis meæ tibi injiciam, cogã que te ad mei cultum, ut more solito me laudes:* commenta Santo Thomàs. Assim que os louvores divinos entoados no Rosario são os que suave, & fortemente dominaõ a liberdade, & domaõ a fereza do alvedrio, & a fogeitaõ à ley de Deos.

183. E a graça, sem a qual elle não pôde caminhar direito, nem soffrer o jugo, donde lhe ha de vir? Do mesmo Rosario. Chama-se a Virgem Senhora nossa nos Cantares: *Putens aquarum viventium;* poço das aguas vivas, que são as da graça. Mas este poço he muito alto, & muito profundo, & nõs (dirà alguem) que não temos com que tirar a agua, como dizia a Samaritana a Christo: *Neque in quo haurias habes, & putens altus est.* Assim disse ella em quanto não conhecia com quem fallava, & em parte disse bem; porque o Rosario atè entãõ

*D. Tho
mas ibi
apud
Cornel.*

*Cant. 4
15.*

*Joan. 4
11.*

ainda era curto, & não tinha mais que o primeiro Terço; porém depois que o mesmo Christo obrou todos os outros mysterios, & a Senhora compoz, & aperfeiçoou de todos o seu Rosario, (vede se he muito propria a figura) o mesmo Rosario assim com ides dando volta ás cōtas, & dizendo *Ave gratia plena*, ellas são os alcatruzes com que do poço altissimo se vay tirando acima a agua da graça. No Egypto se conserva ainda hoje hũa fonte, a qual se chama a Fonte de Jesu, porque della bebiaõ, quando lá estiveraõ desterrados, o Menino Jesu, a Senhora, & S. Joseph; & diz Adricomio com outros Au-

*A dri-
shom.
verbo
Engad.*

thores desta tradiçãõ, que por estar a agua muito funda, se tira com huma roda: *Aquam extrahunt per rotam.* O mesmo fazemos nõs por meyo do Rosario: com que elle vem a ser hum instrumento artificiosissimo de dous usos os mais importantes: para domar o alvedrio, freyo; & para attrahir a graça roda.

184. **T**Ornando pois ao fundamento do que significaõ, ou declaraõ estas duas semelhanças exteriores; como para os homẽs se fogueitarem a Deos, & a seu serviço, & á observancia de seus mandamentos, são precisamente necessarios aquelles dous concursos, que diziamos, da parte de Deos o da graça divina, & da parte do homem o do alvedrio humano; este foy o altissimo, & sapientissimo conselho com que a Virgem Senhora nossa ordenou que a oraçãõ do seu Rosario fosse vocal, & mental, & não só oraçãõ de qualquer modo; senãõ oraçãõ, & meditaçãõ juntamente; para que orando, & pedindo, impetrassemos de Deos a graça, & meditando, & considerando, nos persuadissemos, & convencessemos a nõs, & conseguissemos de nõs mesmos a fogueiçãõ do nosso proprio alvedrio: Os Hereges, como em nossos tempos o impio Calvino, porque não querem guardar

os mandamentos de Deos, dizem que são impossiveis. Mas já antigamente os convenceo Santo Agostinho cõ as mesmas palavras com que depois os anathematizou o

Aug. Concilio Tridentino: Deus impossibilia non jubet, sed jubendo monet. & facere quod possis, & petere quod non possis. Deos em seus preceitos não manda cousas impossiveis; mas quando manda as que são, ou parecem difficultosas, tambem nos ensina os meynos com que as havemos de facilitar, & guardar. E quaes são? *Et facere quod possis, & petere quod non possis*: fazer o que podeis, & pedir o que não podeis. Fazer o que podeis, obrando com as forças naturaes, q̄ são as do alvedrio: & pedindo o que não podeis, solicitando as forças sobrenaturaes, q̄ são as da graça. E estes são os dous meynos efficacissimos: que a Virgem Senhora nosfa unio no seu Rosario, ajudando às preces da oração vocal as meditações da mental.

185. A materia das meditações do Rosario com-

poem-se de quinze mysterios. E porque razão de quinze, nem mais, nem menos? Porque os medio a Senhora pelo numero dos mandamentos, a cuja observancia se ordenaõ. David fallando com os justos, que são os q̄ guardaõ os mandamentos, exhorta-os a q̄ louvem a Deos; & que o modo de o louvar seja cantando, seus louvores ao som do Psalterio de dez cordas: *Exultate justi in Domino, rectos decet collaudatio: 32. 1. in Psalterio decem chordarum psallite illi.* Já dissemos que o Rosario chamado desde seu principio Psalterio da Virgem, foy composto á semelhança do Psalterio de David. Pois se David fez o seu Psalterio de dez cordas, a Senhora porque acrescentou ao seu mais cinco, & fez o seu Psalterio de quinze? Porque assim o de David, como o da Senhora foraõ ordenados à guarda dos mandamentos: & os mandamentos no tempo de David eraõ só dez, no tempo em que a Virgem instituiu o Rosario, já eraõ quinze. Eraõ dez do Decalogo, que são

faõ os dez mandamentos da Ley de Deos, & eraõ cinco do Quincalogo, que faõ os cinco mandamentos da Santa Madre Igreja. E como os mandamentos hoje faõ quinze; por isso a Senhora proporcionando o numero com o numero, & os mysterios com os mandamentos, compoz o seu Rosario em tal fórma, que a cada mandamento coõrespondesse hum mysterio. E para que? Para que em cada hum dos mesmos mysterios, como em hum espelho clarissimo, se visse o homem a sy, & visse as suas obrigações, & nenhum ouvesse taõ cego, taõ ingrato, & taõ atrevido, que ouzasse quebrantar os mandamẽtos contrarios.

186. Não he o pensamẽto meu, senão do mesmo David, fallando do seu tempo, como santo, & do futuro, como Profeta: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis: vòs, Senhor; mandastes que os vossos mandamentos se jaõ guardados com grande pontualidade, & taõ grande, & taõ exacta que pareça nimia: Utinam dirigantur viæ*

meæ ad custodiendas justifications tuas? Oh que ditoso seria eu, & quaõ singular merce receberia de vossa divina mãõ, se todas as minhas intenções; & acções fossem dirigidas à perfeita guarda de todos vossos mandamentos. Porém o meyo efficaz com que isto se ha de conseguir, não he para agora, está reservado para outro tempo *Tunc non cõfundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.* Eu agora (diz David) dezejo guardar vossos mandamentos; mas muitas vezes tenho occasiãõ de me confundir, porque os não guardo. Porém quando vier aquelle ditoso tempo, *Tunc*, em que todos os vossos mandamentos tenhaõ diante, & defronte de sy outros tantos espelhos, em que se veja quẽ os ouver de guardar: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis:* entãõ cessarã essa cõfusão: *Tunc non confundar;* porque ninguem haverã taõ descomedido, taõ precipitado, taõ cego, que olhando para aquelles espelhos, & vendo-se em cada hum a sy, & em todos a todos os vossos man-

mandamentos; se atreva a quebrar o menor delles. E em que fundou David a esperança desta grande promessa, não menos difficultosa de executar que de entender? Fundou a na efficacia de hũa proposta que elle mesmo tinha feito a Deos não sey se bem advertida, mas muito digna de se notar: *Exurge Domine in præcepto, quod mandasti, & synagoga populorum circumdabit te:* levantayvos, Senhor, do throno de Vossa Magestade, onde estais assentado desde o principio do mundo, & resolveyvos a fazer, & executar por vossa propria pessoa os preceitos que impondes aos homens: *Exurge in præcepto quod mandasti:* & logo os mesmos homens à vista deste exemplo não terãõ que replicar à prompta obediencia de todos vossos mandamentos; antes todos de tropel, & à porfia vos seguirãõ, & acompanharãõ nelles: *Et synagoga populorum circumdabit te.*

187: Isto he o que David profetizando representava a Deos: isto he o q̃ Deos

executou fazẽdo se homem, & obedecendo a todos os preceitos divinos: & isto he o que a Mãe do mesmo Deos reduzio à pratica na fórma, & disposição com que ordenou o seu Rosario. Antes de Deos se fazer homem, mandando sómente, & não obedecendo, quasi dava occasiãõ aos homens de murmurarem dentro em sy, & dizerem: Deos manda tu doo que lhe parece: & posto que tudo seja justo, & muito bem mandado, mandar là do Ceo, onde elle estã, he muito facil. Elle estã em perpetuo descanzo, & manda que nós trabalhemos: elle he impassivel, & quer que nós padecemos; elle sobeja-lhe tudo, & quer que nos abstenhamos na falta do que havemos mister: elle estã ouvindo musicas de Anjos, & quer que nós soframõs as injurias que nos dizem, & fazem os homens: elle em fim escreve preceitos cõ o dedo, & quer que nós os executemos com todo o corpo, & com toda a Alma. E porque isto he taõ difficultoso, quanto vay de mandar a ser mandado; & de

de não fazer a fazer; por isso tem tão poucos que guardem seus mandamentos. Assim diziaõ , ou podiaõ dizer os homens antigamente; porém depois que Deos se fez homem, & se fogueitou a padecer trabalhos, pobreza, injurias, & nenhũa cousa das que tinha mandado antes, ou das que mandou depois, deixou elle de obedecer, & executar por sua propria Pessoa; nem a razão, nem a sem razão humana tem pretexto algum de se não fogueitar a todos os mandamentos de Deos. E isto he o que a Mãe do mesmo Deos nos poem diante dos olhos em tantos mysterios, quantos são os mandamentos, & em tantos espelhos quantos são os mysterios: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis.*

188. No Monte Sinay escreveu Deos as taboas da Ley, & no mesmo monte delineou o modello, & exemplar do Tabernaculo: *Fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est.* Mas q̄ successo teve hũa, & outra obra? O exemplar delineado no monte executouse, as leis

escriptas no monte quebráraõse. Para lavrar, & accommodar madeiros que não têm sentimento, nem alvedrio, bastaõ exemplares mortos pintados no monte: mas para a moldar, & compor homens que tem entendimento, & liberdade, não basta que as leys se pintem, & se escrevaõ no monte; he necessario que o Legislador desça do monte, & que os exemplares do que manda fazer sejaõ vivos, & animados cõ as suas proprias acções. Assim o fez Deos. E porque experimentou que tem pouca força as leys para a obediencia, onde faltaõ os exemplos para a imitação, por isso desceo do monte onde tinha dado as leys: por isso desceo do Ceo á terra, como em socorro dos seus mandamentos: para que obrando o mesmo que tinha mandado, assim como nos exemplos fosse imitado, fosse tambem nos mandamentos obedecido. Põdo pois o Rosario os exemplos de Deos à vista dos mandamentos do mesmo Deos, não ja como Senhor que os manda, senão como subdito,

to, & companheiro que os obedece; que alvedrio haverá tão livre, tão irracional, & tão rebelde, que meditando nelles, em Deos, & em sy, se não fogeite voluntario, & agradecido à obediencia dos mesmos mandamentos?

V

189. **M** As porque não basta que o alvedrio convencido pela meditação esteja rendido, se a graça sobrenaturalmente o não elevar aonde elle com as forças naturaes não pôde subir; aqui entra o *Petere quod non possis*. E para pedir, & impetrar de Deos a mesma graça, se ordenaõ as orações tão repetidas, & multiplicadas, de que igualmente se compoem o Rosário. Digo tão repetidas, & multiplicadas; porque assim como a Senhora a cada mandamento contrapõs hũ mysterio, assim parece que bastava ajuntar a cada mysterio hũ oração. Mas a cada mysterio, & a cada mandamento hum Padre nosso, & sobre

elle hũa decada. ou hum decalogo de Ave Marias? Reparo he este, em que já no tempo de Lactancio ha mais de mil & quatro centos annos topáraõ os Gentios, chamandolhe superstições dos Christãos: porque ou o seu Deos os ouve, ou não: se os ouve, basta que digaõ huma vez o que pedem: & se os não ouve, superflua, & ociosa cousa he repetirem tantas vezes o mesmo. Quem isto cuida não sabe que o vigor da oração he a perseverança, & que gosta Deos de que lhe peçaõ muitas vezes, porque quer dar muito. Pedir, & tornar a pedir huma vez, & muitas, chama-se enre os homens importunação: mas he proprio da liberalidade de Deos, sendo liberalissimo, querer-se importunado.

190. Pediraõ os Discipulos a Christo, que os ensinasse a orar, & lleo o Senhor com huma notavel parabola. Veyo, diz, hum homem à meya noite bater à porta de hum seu amigo, & pediolhe que lhe emprestasse tres pães, porque áquella hora lhe tinha chegado a casa

casa hum hospede, & não tinha com que o agasalhar. O amigo parece que era mais amigo do seu descanso, & da sua comodidade: & respondeo que estava já recolhido com toda a sua familia, que não eraõ aquillo horas de inquietar, que se fosse embora. Bstante occasião era esta, para que o que pedia os pães desconfiasse, & se fosse, & se acabasse tambem a amizade; mas não o fez assim; final de que eraõ verdadeiramente amigos. Tornou a bater, & instar hũa, & outra vez; até que o de dentro, diz Christo, não tanto por amigo, quanto por importunado, lhe deu o que pedia: & assim haveis de fazer vós quando orardes, & pedirdes o que vos for necessario a Deos: *Et ego dico vobis: petite, & dabitur vobis: quærite, & invenietis: pulsate, & aperietur vobis.* Se esta parabolã não fora da Sabedoria Divina, haviamos de dizer, que não era accõmodada. Para Deos não ha noite: *Sicut tenebræ ejus, ita, & lumen ejus:* Deos não dorme: *Non dormitabit, neque*

Lnc.
 11. 9.

Psalms.
 138.
 12.

Psalms.
 120. 4

dormiet qui custodit Israel: as portas de Deos sempre estão abertas: *Aperientur portæ tuæ jugiter: die ac nocte non claudentur:* na casa de Deos não pôde haver inquietação: *Factus est in pace locus ejus, & habitatio ejus.* Pois te todas as difficuldades que se suppoem nesta parabolã não tem lugar em Deos, & Deos he o amigo que nella se introduz, a quem se pedio o soccorro; como diz o mesmo Christo, que finalmente o veyo a dar depois de tanto bater, depois de tanto pedir, depois de tanto instar, & que ainda entãõ o não fez tanto por amigo, quanto por importunado: *Si non dabit illi surgens eo quòd amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget, & dabit?* *Lnc.* 11. 8.
 Aqui vereis como Deos gosta de ser importunado, & quaõ bem lhe sabia a condição quem instituhio o Rosario, como quem o tinha criado a seus peitos. Põde haver mayor importunação, que pedir a mesma cousa, & pelas mesmas palavras todos os dias, & cento & cinquenta vezes no dia? Pois isso

isso he o que fazemos no Rosário, isso he o que nos mandou fazer a Mãe de Deos, & isso he o de que sobre tudo gosta seu Filho, não por pouco liberal, senão por muito dezejoso de não dar pouco.

191. Este he o sentido literal da parabola, como a entendem todos os Padres: falle por todos S. Jeronymo:

D. *Hujus amici ostium incessanter pulsare debemus, & horis in hunc locum. eum inquietare nocturnis, & usque adeo molesti esse, ut importuni etiam videamur. A este amigo, que he Deos, devemos-lhe bater ás portas se cessar; & inquietallo a todas as horas, não de dia só, senão também de noite, & fer-lhe por este modo tão molestos, que cheguemos a ser julgados por importunos: Sed non hujus importunitatis vereamur offensam, quia hæc apud Dominum importunitas opportuna est: não receemos porém, que nesta nossa importunação Deos se haja de offender, porque o que entre os homens se chama importunação, para com Deos he oportunidade. Oppor-*

tunidade de pedir, oportunidade de alcançar, oportunidade de ser melhor, & mais gratamente ouvido. E a razão porque Deos se agrada tanto de ser assim importunado, he porque a importunação no pedir, he perseverança no orar; & na Oração como em todas as outras virtudes nenhũa cousa mais agrada a Deos que a perseverança. E se não vede-o (diz S. Jeronymo) nesta mesma parabola; em q̄ a perseverança foy mais amiga q̄ o amigo: porque o que a amizade não alcançou, a perseverança o conseguiu: & o que o amigo não deu por amigo, deu por importunado: *Magna perseverantia, que quandiu importuna est, plus amica est quam amicus. Ecce enim quod amico negatur, perseverantia promeretur.* E daqui se segue (infern o Santo) que se deve continuar, & repetir muitas vezes a mesma Oração, como nós fazemos no Rosário. Porque? Porque a Oração que vay diãte tem a sua perseverança na Oração que se segue atraz: & se esta se não seguir, nem se fizer, perde

perde todo o seu preço, & valor a que já está feita: *Semper igitur petendum est, ne pre-tatio ante acta nihil proffit, si non ad finem eodem, quo cepit tenore pervenerit.*

192. Altíssimo pensamêto! De maneira, que a segunda Ave Maria he a que dà o valor à primeira, & a terceira à segunda, & assim as demais successivamente; porque ainda que qualquer dellas por sy mesma seja oração não por sy só, senão pela que se segue depois, he oração perseverante. São as contas do Rosario como as cifras, que as que vão adiante, acrescentaõ o valor das que ficam atraz: ou são as Ave Marias que por ellas se rezaõ como as ondas do mar, que o pezo das que vem atraz cresceta mayor impulso às que vão adiante. E este foy o divino conselho com que a Senhora ordenou que as mesmas orações se repetissem tantas vezes no seu Rosario: & que sendo quinze os mysterios, o numero das oraçoens fosse dez, & onze vezes quinze. Para que na multiplicação das mesmas orações hũas so-

bre outras se segurasse a perseverança dellas, & Deos tantas vezes importunado nos não podesse negar o concurso, & assistencia de sua graça tão necessaria á guarda dos seus mandamentos.

193. Tambem isto disse David, & o cõmentou com os mesmos termos S. Gregorio Papa: *Clamavi ad te sal. Ps. 118 vum me fac, ut custodiã mã- 146. data tua:* Eu, Senhor, clamey a vòs, diz David, & pedivos que me deis vossa graça para guardar vossos mandamentos: *Notandum quòd D. Gregon ait, clamo, sed clamavi, gor. ibi* Notay (diz S. Gregorio) que não diz o Profeta, eu clamo, senão eu clamey; nem diz, eu peço, senão eu pedi. Pois se David actualmente estava clamando, & pedindo, porque não allega o clamor, & oração presente, senão os clamores, & orações passadas? Porque sabia que a oração para ser effcaz ha de ser perseverante, & que Deos para conceder o que se lhe pede, quer ser importunado: & como a perseverança, & a importunação não consiste em hum só clamor, & huma

VI.

fô oração, senão em muitas humas sobre outras; por isso quando pede, allega que tem pedido; & quando clama, allega que tem clamado: *Clamavi ad te.* Em proprios termos o grande Pontifice: *Habes in hoc perseverantiae documentum, ut ab oratione non deficias, sed precibus, & clamori insistas. Vult enim Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci.* Consistindo pois a perseverança da oração em se repetirê muitas vezes as mesmas preces, & consistindo o importunar a Deos em se lhe tornar a pedir muitas vezes, o que já se lhe tem pedido; bem se segue, que sendo as orações, que fazemos no Rosario, tão perseverantes por multiplicadas, & tão importunas por repetidas; não poderá Deos negar aos que o rezão, o que David lhe pedia, & elles lhe pedem, que he a graça necessaria para guardar seus mandamentos; *Clamavi ad te, ut custodiam mandata tua: Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

194.

Pareceme que tenho mostrão do com o testemunho das Escrituras, com a doutrina dos Santos, & com a evidencia das razões, quão propria, & singular virtude he a da devoção do Rosario para conseguirmos nesta vida a guarda, & observancia dos preceitos divinos, da qual precisamente depende a bẽaventurança da outra, para que fomos criados todos, & tantos perdem por sua culpa. Mas a prova mais legal, & demonstrativa deste glorioso argumento não quiz a Virgem Santissima, que ficasse ao discurso dos Prêgadores, nem à piedade dos seus devotos, nem à cortesia, ou fê dos que o não fossem, senão que a mesma Senhora, como Autora, & fundadora de hum instituto tão propriamente seu, a tomou por sua conta. E em quem mostrou a Providencia soberana da Mãe de Deos a verdade, & efficacia destes poderosos effectos do seu Rosario? He a prova tão

M unj.

*Omnia
hac
exēpla
habent
in
apud
Alonf.
Fernã-
des in
sua hy
storia
Rosa-
rii.*

universal, & tão particular, que só poderà ter sua. Mostrou esta virtude do seu Rosario nas pessoas que o rezão, mostrou a nas familias, mostrou-a nas communidades, & mostrou a finalmente no mundo todo reformado, emendado, & fogueito à obediencia, & observancia das leys divinas por esta milagrosissima devoção. Começemos pelo mundo, para que acabemos por nós.

195. Fazendo oração S. Domingos na Igreja de S. Pedro em Roma, vio a Christo em throno de estranha, & temerosa Magestade, q̃ com semblante severo, & irado; & com tres lanças de fogo, que tinha na mão direita, queria fulminar o mundo, & abrazallo. Tambem entendeu o Santo quaes eraõ as causas; & claro està que haviaõ de ser aquelles tres vicios entre os capitaes capitalissimos, soberba, cobiça, sensualidade: *Ut uno eorum superbos, avaros altero; tertio libidinosos deleteret.* Já antigamente parece que tinha Deos enlayado este castigo em **Absalaõ**. tão soberbo, que

tirou a coroa da cabeça a seu pay; tão cobiçoso, que lhe roubou o Reyno; & tão sensual, que lhe não perdoou ao talamo, & por isso morto por mão de J. ab, & traspassado pelo coração com tres lanças. Mas quem acodiria, & intercederia pelo mundo, & quem poria embargos a hũa tão terrivel sentença, se não aquella poderosissima Senhora, por cujo respeito o mesmo mundo foy criado, & por cujas orações se conserva, & se sustenta? Não quero allegar para isto Santos, ou Authores Catholicos, que assim o dizem, senão a tradição dos Rabinos antes de o Messias vir ao mundo. Ouvi a Rabbi Onkelos: *Non solum amore Virginis conditus est mundus, sed etiam sustentatur. Ob scelera enim innumera, quae mundani committunt nullo pacto consistere possent, nisi ipsum gloriosa Virgo cum sua misericordia, & clementia pro nobis orando sustineret.*

*Rabbi.
Onke-
los
apud
Galat.*

196. Prostrada pois a Mãe de misericordia diante da Magestade justissimamente irada de seu bendito Filho: para

para que revogasse a sentença, lhe representou sómente dous motivos. O primeiro, & mais enternecido, foy o do sangue, que de suas entranhas tinha recebido, como se differa: *Projice tela manu sanguis meus.* O segundo, que se as causas de tão merecido castigo eraõ os peccados, & maldades do mundo, & a offensa, & desprezo das leys divinas, que a mesma Senhora tomava por sua conta a reforma, & emenda do mesmo mundo, porque tinha hum servo fidelissimo (apontando para S. Domingos) o qual com huma nova devoção que lhe ensinaria do seu Rosário, de tão vicioso, & depravado como estava o mundo, o faria Christão; & Religioso, de soberbo humilde, de cobiçoso esmoler, de libidinoso casto, & de rebelde, & desobediente aos preceitos, & mandamentos de Deos, temeroso, fogeito, & muito observante de todos. Acabou a Senhora de dizer. E não he necessario que nõs digamos qual foy a resposta do benignissimo Filho, sendo aquelle bom Se-

nhor, que ainda quãdo mais irado, & offendido: *Non vult mortem peccatoris, sed ut magis convertatur, & vivat.* Diz S. Paulo, que Christo e-nhor nosso assentado à dextra do Padre está purgando o mundo de seus peccados: *Purgationem peccatorum faciens sedet ad dexteram maiestatis in excelsis.* Quando pois Christo purga o mundo com castigos, purga-o como a prata com fogo: *Argentum igne examinatum purgatum septuplum;* & assim o queria agora purgar com os raios daquellas tres lanças. Mas como a sua inclinação he de perdoar, quando elle queria purgar o mundo com fogo, vede se gostaria muito de que sua Mãe o purgasse com rosas? Accitou de muito boa vontade o partido, & no effeito foy tão conforme, & tão igual á promessa, como a mesma Virgem Maria o referio.

197. Foy descaindo cõ o tempo, como acontece a todas as cousas boas, a devoção do Rosário, & tomando a Senhora por restaurador, & reformador della ao São

Frey Alano de Rupe , depois de lhe lançar ao pescoço hum Rosario de pedras preciosas, & lhe fazer outros mayores favores , disselhe desta maneira. Quando meu servo Domingos começou a prègar o meu Rosario em Italia, França, Espanha , & outras partes, foy tal a mudança do mundo , que parecia haverem-se trocado os homens de carne em espiritos Angelicos , ou que os Anjos tinham descido do Ceo a morar na terra. Os Hereges se convertiaõ a milhares : os Catholicos dezejavão ardentissimamente o martyrio em defença da fè: os grandes peccadores confessavaõ cõ publica detestação suas culpas, & com intranhavel dor, & infinitas lagrymas se reduziaõ à vida reformada, & santa: atè os meninos, & donzelas de tenra idade faziaõ rigorosissimas penitencias. Desprezava-se a riqueza, o regallo, a liberdade, & povoavaõ-se as Religiões : faziaõ-se muitas esmolas, levantavaõ-se Templos, edificavaõ-se Hospitales. Aguarda da Ley de Deos, a autho-

ridade do Pontifice, a justiça dos Principes, a paz dos Povos, o honesto trato das familias, tudo florescia com taes exemplos de virtude, & Christandade, que se não pôde encarecer o ponto em q̄ esteve , não se tendo por Christão, quem em reverencia minha, e culto de meu sagrado Filho não rezasse devotamente o Rosario, nẽ havendo lavrador, que pegasse no arado, nem official, que puzesse a mão no trabalho de que sustentavaõ a vida, antes de me offerecer este tributo, & a Deos este sacrificio, a sua Divina Magestade tão agradável.

198. Isto, & muito mais he o que referio a mesma Virgem Maria ao novo, & grande restaurador de seu Rosario Alano, como o mesmo Santo deixou escrito, & firmado de sua mão. Mas ainda o mesmo Autor, & outros muitos contaõ outra maravilha, que eu reputo por mayor, & creyo q̄ tambem a teraõ por tal todos os que foubarem o que são Cõmunidades. Huma Communidade de Religiosas (das quaes

quaes só se diz que eraõ claustraes, sem se nomear a Religião) estava tão relaxada, & esquecida de seus institutos, que por nenhum meyo, nem suave, nem violento poderaõ acabar os Prelados que admittissem reformação. Vio porém hum delles, que de hũa das cellas no mesmo Convento sahiaõ grandes resplandores, dos quaes fugiaõ muitos Demõnios, & sem resistencia entravão pelas outras. Morava nesta cella huma Freira de poucos annos, a quem as demais chamavaõ hypocrita, & como tal a desprezavão, & perseguiãõ: & as suas hypocreſias eraõ rezar todos os dias o Rosario da Virgem Santissima com muita devoção, & conservar quanto lhe era possível a obſervancia do instituto. Informado pois o Prelado da causa dos resplandores que vira, mandou vir grande quantid de Rosarios curiosamente guarnecidos, meteo-os na manga, & estando junta a Communidade, disse a todas as Religioſas, que elle com consulta & conselho dos Pa-

tres da Provincia, tinha resoluto de não tratar mais da reforma daquelle Convento, pois ellas tanto a repugnavão: & que sómente em lugar dos antigos institutos da Ordem, a que se não queriaõ fogueitar, lhes rogava quizessem aceitar come por concerto hũa penſaõ tão leve, como rezar todos os dias o Rosario d. Senhora. Aceitaraõ ellas facilmente a condição, muito satisfeitas de se verem aliviadas para sempre das instanciaõs, ou perseguição da reforma: & entaõ tirou o Prelado os Rosarios, que pela curiosidade do afeyo, mais que pela devoção foraõ muito bem vistos, & repartidos entre todas se despedio. Mas, ò potencia, ò virtude, ò graça do santissimo Rosario, mais admiravel no que aqui succedeo, que na converſaõ de todo o mundo! Poucos mezes havia que se rezava o Rosario no Convento, quando todas as Freiras, já verdadeiramente Religioſas de commum sentimento, sem haver algũa que discrepasse, com grande sumiſſaõ, & humildade man-

dáraõ pedir ao Prelado que logo logo quizesse vir fazer a reforma; porque todas estavam, não só dispostas, senão muito dezesas de se conformar com o primitivo espirito da Ordem, & observar pontualmente todas suas Regras, & Institutos.

199. Assim se fez com grande edificação, & applauso. E eu torno a dizer, que foy mayor maravilha do Rosario a reforma desta Comunidade; que a do mundo taõ perdido. Porque da perdição à conversão, como afirma S. Gregorio, não he muito difficultosa a passagem; porém da relaxação à perfeição, he totalmente desesperada, & quasi impossivel: *Frigus ante teporem sub spe est: tepor autem post frigus in desperatione.* Allude o grãde Pontifice ao recado, que Christo Senhor nosso no Apocalypse mandou ao Bispo de Laodicèa, dizendo-lhe, que porque não era frio, nem quente, senão tibio, o lançaria ou vomitaria de sy: *Utinam frigidus esses, aut calidus, sed quia tepidus es, incipiam te vomere.* Nesta sen-

tença da summa Verdade he mais facil topar com a experiencia, que achar a razão. Porque estando o tibio mais perto do quente, & o frio mais longe, parece que passar do tibio ao quente ha de ser mais facil que do frio. E com tudo na virtude mostra a experiencia o contrario; porque mais facilmente se passa de hũ extremo ao outro, que do meyo ao extremo. He o meyo nas materias da perfeição, como nas da politica, em que as resoluções meyas são as peores, porque não atão, nem defatão. Tambem a neutralidade he meyo, & peor he a profissão de neutral, que a de inimigo declarado, como disse o mesmo Christo: *Qui Luc. non est mecum, contra me est.* 11.23 Tal vem a ser o estado da Religião relaxada, que nem totalmente he mundo, nem totalmente Religião, & professando o serviço de Deos, & o desprezo do mundo, mais he do mundo, que de Deos. Ouçamos a Cassiano o ma- *Cassian.* yor, & mais experimentado *an. col.* Mestre dos bens, & males das *lat 4.* Religiões: *Frequenter vide* *cap. 19*

D.
Greg.
3.º.
Pastor.
admon
35.

Apoc.
3. 15.
16.

imus de secularibus ac pagania, ad spiritualem pervenire fervorē, de tepidis atque animalibus omnino non videmus; frequentemente vemos que homens seculares, & ainda Gentios passão a ser perfectos Religiosos, mas que Religiosos tibios, & imperfectos passem a ser perfectos, nunca tal vimos: logo mayor milagre foy do Rosario reformar hũa Communidade relaxada; que converter, & emendar o mundo, quando estava tão perdido.

200. Na reformação das familias, reduzindo a economia dellas á observancia da Ley de Deos, não mostra menos seus grandes poderes a devoção do Rosario. Em França onde os animos são tão orgulhosos, & bravos (& por isto parece que quiz a Senhora, que nascesse o seu Rosario naquella terra) havia duas familias das mais principaes, cujas cabeças se perseguiaõ, & infestavaõ cõ immortaes odios, sendo gravissimos os danos que se tinhamo feito, & mayor ainda o perigo dos que se temiaõ. Por esta causa trabalhou

muito a caridade de S. Domingos por reconciliar estes dous inimigos; mas como eraõ illustres, poderosos, & offendidos, nunca houve remedio. Finalmente determinouse o Santo aos render por força, recorrendo às suas armas, & sem fallar a hum no outro, nem trazer à memoria a queixaõ, affeçoou, & persuadio a cada hum em particular, que fossem devotos do Rosario.

201. Nos odios de Esau com Jacob, como Esau era mais poderoso, diz o Texto Sagrado, que Jacob dividio o seu poder, & a sua gente em tres terços. Porém S. Domingos, como os dous inimigos, que queria logeitar cõ as suas armas, eraõ igualmente fortes, & ambos resistiaõ tão obstinadamete, que nenhum se queria render, contra ambos ordenou tambem; & dispoz os seus terços, que eraõ os do Rosario, & não pouco parecidos aos de Jacob. No primeiro hia Bala, & Zelpha, hũa, & outra escrava, & representava o primeiro terço do Rosario, que he o dos mysterios da

Encarnação, em que a Senhora concebeo o Verbo eterno, dizendo: *Ecce ancilla Domini*. No segundo seguia-se Lia, singular na fecundidade, & representava o segundo terço do Rosario, que he o dos mysterios da Payxão, em que a Senhora ao pé da Cruz, debayxo do nome de João, foy constituida Mãe de todo o genero humano: *Mulier, ecce filius tuus*.

Joan. 19.26. O terceiro por fim rematava-se na fermosa, & sobre todas amada Raquel; & representava o terceiro terço do Rosario, que he o dos mysterios da Resurreiçãõ, & da gloria, em que a Senhora foy preferida na graça; & no amor com excessõ infinito a todas as creaturas; & como tal colocada junto à Pessoa do mesmo Christo, como Raquel á de Jacob: *Astitit Regina à dextris tuis*. Estes eraõ os terços, com que de hũa, & outra parte invisivelmente, & sem entender o q̄ faziaõ, nem o pretender fazer, se combatiãõ com armas iguaes os dous inimigos, observando o fim da batalha só quem os tinha metido em

Psal. 44.10.

taõ nova, & occulta guerra. E qual foy o successo? A batalha era occulta, mas o successo foy muito publico, & caso verdadeiramente prodigioso.

202. Depois que hum, & outro inimigo continuãõ em rezar o Rosario, succedeo que vindo de partes oppostas, se encõtrãõ ambos em huma rua, & quando os que os viraõ, & conheciãõ, tiverãõ por certo, que naquelle encontro se acabavaõ de destruir, & matar; eis que ambos levados do mesmo impulso interior, naõ cõ as espadas nas mãos, fenaõ com os braços abertos se foraõ hũ para o outro, & se abraçãõ estreitissimamente, mais como irmãos, que como amigos, & se deraõ, & imprimiraõ no rosto os mais amerosos sinaes da paz: bem assim como Esau a Jacob, de quem diz a Escritura: *Currens itaque Esau obviam fratri suo amplexatus est eum, & osculans flevit*. As palavras formaes, com que S. Domingos os tinha exhortado a rezar o Rosario, foraõ, que aquella

tão

taõ facil devoção, & que taõ pouco tempo occupava, lhes aproveitaria grãdemẽte para cumprir com as leys de Deos, & de cavalheiros Christãos. E esta foy a razaõ que elles meismos se deraõ, dizendo que era bem se acabassem entre ambos os odios pois a Ley de Christo mandava, que se amassem os inimigos. Logo não ló se perdoáraõ de parte a parte os aggravos, mas sem pleito, nem controversia se restituiraõ os danos de hũa, & outra familia: nas quaes se perpetuou igualmente a amizade, & a devoção a que a deviaõ.

203. Nas pessoas particulares, assim como são mais frequentes as quebras dos preceitos divinos, assim o são tambem os efeitos maravilhosos do Rosario na emenda, & mudança das vidas. Hum só exemplo referirey succedido não muito longe da nossa terra. Havia na Cidade de Çaragoça hũ fidalgo poderoso, chamado D. Pedro, de costumes taõ escandalosamente depravados, como o costumaõ ser

aquelles, em que o vicio se ajunta com o poder. Ainda não tinha perdido a Fè, porque cria, que havia Inferno: nem tinha perdido o entendimento; porque conhecia o estado de sua vida: mas totalmente tinha perdido a esperança; porque estava resolutõ, & tinha assentado comsigo, que sem duvida se havia de condenar, & por isso em quanto não vinha a morte, era daquelles, que dizem a seus appetites: *Consonemus nos rosas antequam marcescant*. Mas contra estas rosas, que verdadeiramente são espinhos, tem Deos outros espinhos, que produzem rosas. Entrou Dom Pedro em hũa Igreja, levado, não da devoção, mas da curiosidade, pela fama com que alli prégava S. Domingos. Tratava o Santo actualmẽte, & ponderava com grãde energia, & força de espirito aquelle Texto do Evangelho: *Qui facit peccatum, servus est peccati*: quem commette o peccado, he escravo do peccado: & como eraõ tantos os peccados deste novo ouvinte, outras tantas foraõ

Co-Sap. 2
ronemus nos rosas antequam 8.

marcescant.

Joan. 8
34.

raão as cadeas com que o Santo em feissima figura o vio atado, tiradas todas por Demonios, que em grande multidão o cercavaõ. Succedeo isto duas vezes; & para que o miseravel homem se conhecesse, & os demais cobrassem horror ao peccado, pedio o zelosissimo Prêgador a Deos, que vissem todos, o que elle via.

204. Oh se succedesse o mesmo neste auditorio, quantos escravos; & escravas do peccado, quantas cadeas forjadas no Inferno, & quantos Demonios se veriaõ? Foy tal o affombro, a confusão, o tumulto com a vista daquelle horrendo espectaculo, que todos, não cabendo pelas portas, fugiaõ da Igreja, dando gritos. Fugiaõ do miseravel os estranhos, fugiaõ os amigos, fugiaõ os criados, & atè a triste molher, que tambem se achava presente, fugio. Sò elle que não se via, atonito, & pasmado, quizera tambem fugir de sy mesmo, mas queria Deos, que entrasse em sy, & para isso lhe mandou S. Domingos por seu companheiro hum

Rosario, com o qual lançado ao pescoço se foy lançar aos pès do Santo, chorando, & confessando seus peccados com a dor, contrição, & lagrymas, que pedia o caso. Consultada a Virgem Senhora nossa sobre a penitencia, que se lhe havia de dar, ordenou, que rezasse o Rosario por toda sua vida, & que para satisfazer ao escandalo publico, fizesse na mesma Igreja outras penitencias tambem publicas, as quaes elle aceitou, & executou cõ grande submissão, & humildade, pedindo perdaõ a toda a Cidade do mau exemplo, que lhe tinha dado. Continuou a rezar, & meditar todos os dias o Rosario com grande attenção, & devoção: & foy tal a mudança de sua vida com esta nova cadea, a que se atou, & tal o fervor de espirito, & perfeição de santidade, que a Senhora lhe communicou por meyo della, que aquelle mesmo Dom Pedro, que tão grande peccador tinha sido, obrava depois cousas milagrosas. E em testemunho da graça a que Deos o tinha sublimado,

naquelle mesma Igreja, em que o tinhaõ visto prezo pelos Demonios, estando em Oração hum dia solemne; vio todo o mesmo Povo, que desciaõ Anjos do Ceo, & lhe punhaõ hũa coroa de rosas, sobre a cabeça. Taes saõ, Virgem Santissima, as mudanças, que faz, ainda nos maiores desprezadores das leys divinas, a devoção, & virtude do vosso santissimo Rosario.

VII.

205.

A Mesma mudança, Christãos, (se queremos acabar de offer) obrará em nõs este soberano remedio tão poderoso, & tão provado. Prometteo o Profeta Samuel a Saul, que o espirito de Deos entraria nelle, & elle seria mudado em outro homem:

1. Reg. *Infiliet in te spiritus Domini,*

19. 6. *& mutaberis in virum alium.*

Não pôde haver mayor mudança, que aquella em que o mesmo homem he mudado, & trocado em outro. E quando, ou porque meyo havia de succeder a Saul, &

em Saul esta tão prodigiosa mudança? O mesmo Profeta o diz, & não saõ menos prodigiosas para o nosso caso as circumstancias cõ que elle o refere; & os sinaes que lhe dá para isso: *Venies in collem Dei, obvium habebis gregem Prophetarum descendentium de excelso, & ante eos psalterium, & tympanum, & tibiam, & citharam, ipsosque prophetantes. Et insiliet in te spiritus Domini, & mutaberis in virum alium.* Ireis ao monte de Deos, encontrareis os Profetas, que vem de fazer Oração no mesmo monte, cantando ao som do Psalterio, que traraõ diante de sy, acompanhado de hũa cithara, de hum tambor, & de huma frauta: & entaõ entrará em vós o espirito do Senhor, & fereis trocado em outro homem. Que môte de Deos, que Oração, que Profetas, que Psalterio, & que tres instrumentos saõ estes de que se compoem a sua armonia, & com que se ha de seguir em Saul hũa tão notavel mudança? Caso raro! O monte de Deos, como declara o Chaldeo, era naquelle tem-

po o lugar onde estava, & era venerada a Arca do Testamento, bem conhecida Imagem da Virgem Senhora nossa: *In collem, in quo erat Arca Domini.* Os Profetas eraõ os Religiosos do mesmo tempo, em que foraõ significados os da Ley da Graça, & particularmente os do espirito Dominicano, que este he o que se prometteo a Saul: *Infiliet in te spiritus Domini:* a Oração, q̄ tinhõ feito, & vinhaõ continuando, bem se segue, que era o Rosario da Senhora, que desde seu principio se chamou Psalterio da Virgem: *& ante eos Psalterium:* os tres instrumentos, que acompanhavaõ, & compunhaõ a harmonia, eraõ as tres differenças dos mysterios do Rosario: os Gozolos significados na suavidade da cithara, os Dolorosos nos golpes; & bater do tympano, & os Gloriosos na tibia, que he hum tambora frautada, dizendo David: *Ascendit Deus in jubilatione, & Dominus in voce tubæ.* E finalmente a razão porq̄ se seguiu em Saul hũa tão notavel mudança, o

Ps. 46.
6.

mesmo Texto o diz expressamente; & não foy outra a razão, ou a causa, senaõ porque Saul se ajuntou a rezar, ou cantar com os demais a mesma devoção, & Orações, que elles vinhaõ cantando: *1. Reg. Infiluit super eum spiritus Domini, & prophetavit in medio eorum.* 10.10

206. Sabeis, Senhores, porque se experimenta tão pouca mudança nas vidas; & se vé entre os Catholicos tão pouca observancia da Ley, & Mandamentos de Deos, he porque falta a devoção do Rosario. A mesma Senhora (para que ninguem duvide desta conclusão) se dignou de o manifestar assim, acudindo pelo credito de hum instituto tão propriamente seu. Quando o Rosario se começou a propagar pelo mundo com tanta fama, & honra de seus milagrosos effectos, como vimos; ouve com tudo hũa molher, (que sempre as Evas foraõ instrumentos do Demonio) a qual sendo afeiçoada a outras devoções, não só não recebia, nem estimava esta, antes lhe fazia publica guerra, persuadindo como

como Dogmatista, o mesmo erro a outras de tão leve juizo como o seu. Castigou a a Virgem Santissima com hũa larga, & perigosa enfermidade, mas como este açoute não bastasse para desistir, ou sarar de tamanha loucura, a Senhora como Mãe de misericordia, depois de lhe mostrar em huma visão a gloria q̄ gozaõ no Ceo os devotos do Rosário, & os males em que encoerrem nesta vida os que o não são; para mais a desenganar, & confundir com a propria experiencia, discorrendo pelos mandamentos, lhe foy mostrando particularmente todos os peccados que tinha commettido por não rezar o Rosário. Tão certa he a virtude desta soberana devoção, & tão propria a efficacia que Deos lhe deu para a guarda de sua divina Ley, & observancia de seus mandamentos.

207. Quando Moysês recebeu a Ley de Deos no Monte Sinay, deteve-se alli quarenta dias. E porque razão tão largo tempo, sendo a ley tão breve? S. Methodio suppoem como cousa certa;

recebida, ou por tradição, ou por revelação, que a causa de tão larga detença foy, porque naquelles dias esteve Deos declarando a Moysês as figuras difficultosas de entender, que pertenciaõ à Virgem Maria: *Non ne Moyses ille magnus propter figuras intellectu difficiles, quæ te, Virgo, tangebant, diutius in monte commoratus?* A principal figura pois, que consta da Escritura foy revelada a Moysês naquelle monte. he a Arca do Testamento, chamada assim, porque nella se guardáraõ as taboas da ley. E como nesta Arca se encerravaõ todos os mysterios, & nesta figura todas as figuras da vida da Mãe de Deos, & de seu Filho feito homem; por isso Deos se deteve tantos dias em declarar as mesmas figuras a Moysês. E chamaõ-se estas figuras, que pertenciaõ á Virgem, difficultosas de entender: *Figuras intellectu difficiles*; porque taes eraõ em commum, & em particular. Em commum, porque aquellas figuras representavaõ os mysterios da Encarnação, Vida, Morte,

D. Me
thod.

Refurreição, & Ascensão do Filho de Deos, que feito homem havia de vir remir o mundo, & de huma Virgem, que havia de ser sua Mãe, (que são os mesmos mysterios do Rosario) todos altísimos, profundísimos, & nunca até aquelle tẽpo imaginados dos homens. E em particular; porque o q̃ Deos particularmente fazia no Monte Sinay, era dar leys aos homens, & dezenhar a traça da Arca, em q̃ as mesmas leys se haviaõ de guardar com summa veneração. E posto que facilmente se entendia como as leys materiaes se podiaõ guardar em hũa Arca; era porẽm muito difficultoso de entender, q̃ as figuras dos mysterios, representados na mesma Arca, ouvessem de ter virtude, para que moralmente se guardassem as mesmas leys. Isto foy pois o que Deos declarou a Moysès no monte, & não sò com palavras, senão com a experiencia, & com o successo das mesmas leys, & da mesma Arca. As leys fellas Deos, & escreveo as duas vezes por sua propria mão

naquelle mesmo lugar: & que successo tiveraõ hũas, & outras tambem em figura? As primeiras quebrou-as Moysès: as segundas confervou-as a Arca. E entãõ se acabou de entender a virtude, que tinha a Arca, & os mysterios nella figurados, para por meyo della, & delles se guardarem as leys de Deos, & seus mandamentos.

208. Sò resta contra tudo o que fica ditto huma duvida, & não pequena. A experiencia mostra, que muitos rãõ o Rosario, & nem por isso guardaõ as leys de Deos, antes vemos, que assim como todos os dias o rãõ, assim todos os dias as quebraõ, & muito gravemente: logo não tem o Rosario a virtude, que delle prégamos? Sim tem. E quem nos ha de responder a este argumento não he menos Autor, que a mesma Virgem Santissima, que melhor que todos conhece a virtude do seu Rosario, & os defeitos dos que o rãõ. Quando a Senhora referio ao Santo Frey Alano a grande reformação.

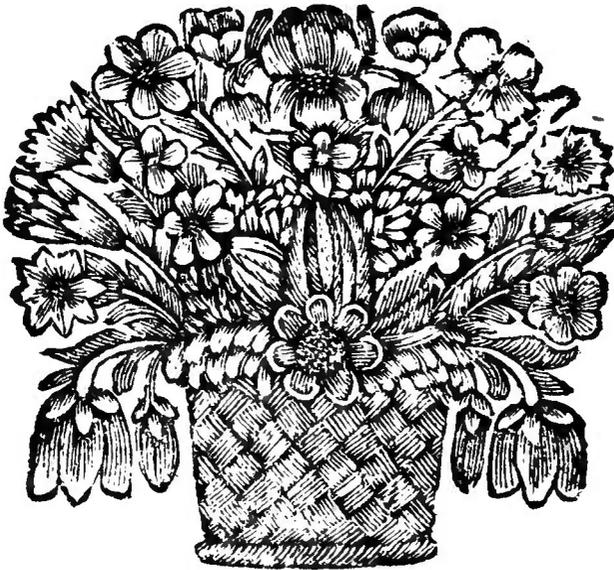
mação, que tinha feito no mundo a devoção do Rosario, acrefcetou, que eraõ taõ reformados na vida, & costumes todos os que o rezavaõ, que se acalo se via algũ Catholico menos observante das obrigações de Christaõ, & desfrabido em vicios, logo se dizia como em proverbio: aquelle, ou naõ reza o Rosario, ou o naõ reza com a atençaõ, que deve. Rezar o Rosario naõ he passar contas he orar com atençaõ aos mysterios, q̃ nelle se consideraõ, & com advertencia ao que se diz, & com affecto ao q̃ se pede a Deos, & a sua Mãy. Hum Religioso Cartuxo rezava o Rosario muito apressadamẽte, & muito divertido, porque tinha hum officio de grande occupaçaõ, & ouviu huma voz do Ceo, que dizia: Estas rosas saõ muito secas, & murchas, naõ se accitaõ cà. E se a pouca advertencia de hum Monje, occupado por obediencia, impedia o fructo do Rosario, que seraõ os divertimentos vãos, os pensamentos ociosos, & os cuidados, affectos, & intenções,

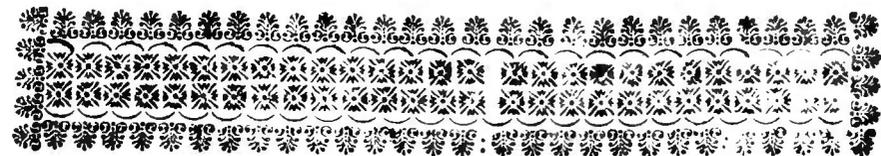
naõ só diferentes, & alheyos da graça de Deos, que se pede, senão totalmente contrarios?

209. Não mostrámos no primeiro fundamẽto deste discurso, que os mysterios do Rosario foraõ instituidos para nos vermos nelles como em espelhos, & com a consideraçaõ de taõ altos, & poderosos exemplos: moderarmos nossas payxões, & refrearmos a rebeldia do alvedrio livre, & depravado? Não mostrámos, que as orações vocaes, com que se acompaña a meditaçaõ dos mysterios, taõ multiplicadas, & repetidas, saõ para pedir, rogar, & importunar a Deos, q̃ por intercessaõ de sua Santissima Mãy nos conceda a graça, sem a qual não podemos guardar seus mandamentos? Pois se os mysterios se não meditaõ, & nas orações não oramos, nem ainda fallamos, porque o pensamento, & o affecto está noutra parte: se a chamada devoçaõ da Senhora naõ he devoçaõ, nem o Rosario Rosario: & se os mandamentos de Deos, que por meyo d'elle havia-

havíamos de guardar , nòs mesmos, (& muitas vezes no mesmo tempo, em que passamos as côtas) estamos cuidando o modo com que os havemos de quebrar ; como queremos que faça o Rosário em nòs os effectos , que nòs mesmos estamos encontrando , & não querendo ? Reze-se o Rosário como a Virgem Santissima ordenou que se rezasse : & se somos peccadores , seja com dezejo de o não ser, pedindo com verdadeira confusão

de nossa miséria, & detestação dos mesmos peccados , que Deos nos livre delles como de todo o mal, & nos dê forças, & espirito para resistir às tentações: & deste modo sendo o Rosário Rosário, os seus effectos feraõ tambem os seus; & se verà em nòs tal mudança de vida, que por meyo da observácia dos preceitos de Deos gozemos a bemaventurança prometida aos que os guardaõ : *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*





SERMAM VI.

*Beatus venter, qui te portavit: Quinimo beati
qui audiunt verbum Dei, & custodiunt
illud. Luc. 11.*

I.

210.



Uma das cousas
mais notaveis ,
antes a mais no-
tavel de quantas

Pfal.
70.14

disse David, são aquellas pa-
lavras do Psalmo setenta :
*Adjiciam super omnem lau-
dem tuam.* Quer dizer: Eu ,
Senhor, vos louvarey de tal
maneira, que sobre todo o
vosso louvor, ainda hey de
acrescentar mais. Chamey
a esta Proposiçãõ notavel, &
deveralhe chamar contradi-
toria, & impossivel. Deos he
todo poderoso: & pergun-
taõ os Filósofos, se pòde
Deos fazer tudo quanto pò-

de? Huns negaõ, outros af-
firmaõ, & huns, & outros se
implicaõ. Porque depois de
Deos fazer tudo o que pò-
de, ou pòde fazer mais al-
guma coula, ou naõ? Se naõ
pòde; deixou de ser Deos,
porque naõ ha Deos sem
omnipotencia. E se pòde; se-
gue se que aquillo que fez,
naõ era tudo. O mesmo se
infere desta Proposiçãõ de
David, em que diz, que ha
de acrescentar sobre todo o
louvor de Deos. Porque, ou
David ha de acrescentar;
ou naõ? Se naõ acrescenta:
he falla a sua Proposiçãõ: &
se acrescenta; segue-se, que
o louvor de Deos, sobre o

Tom. 5.

N qual

qual accrescentou, não era todo: porque sobre o que he tudo não pôde haver mais.

211. Assim he com evidencia. E se me perguntais, que fim começo hoje com hum tal exordio? Digo, Senhores, que para me retratar do que disse no Sermão passado, & para confessar, que o que lhe aconteceu a David cõ os louvores de Deos, me succedeo tambem a mim com os do Rosario. No Sermão passado cuidey que tinha prégado a mayor de todas as excellencias desta soberana devoção da Virgem Senhora nossa. Porém estudan lo mais em seus milagres, & examinando melhor as maravilhas sobre todo o excessõ grandes, & estupendas, que por meyo do seu Rosario tem obrado a mesma Senhora; por cima da que julguey, que era a mayor das mayores, achey ainda outra mayor. E esta he a que hey de prègar hoje. Aos que louvaõ o Santissimo Sacramento, diz Santo Thomàs, que não tenhaõ medo de dizer muito, & que se atrevão quanto poderem;

porque aquelle Senhor Sacramento he mayor que todo o louvor: *Quia maior omni laude, nec laudare sufficis.* E quem prèga de hum Affumpto, que he mayor q̃ todo o louvor, quando cuida que tem dito tudo, ainda acha, como David, que pôde dizer mais: *Adjiciam super omnem laudem tuam.*

212. O que disse, & provey ultimamente, se bem vos lembra, foy, que o meyo mais efficaz para guardar os Mandamentos de Deos, he a devoção do Rosario. E como a guarda dos Mandamentos de Deos he o meyo necessario, & unico para alcançar a Bemaventurança, & não ha, nem pôde haver mayor bem, que a mesma Bemaventurança; pareccome, que esta excellencia do Rosario era tambem a mayor, que delle se pôde dizer. Mas se o não he, como suppoem a minha retratação; que excellencia pôde haver, nem imaginar-se, que seja mayor que esta? Se vos occorre alguma, folgaria eu muito de a ouvir. Mas porque vos não quero cansar o discurso, nẽ

fuf.

suspender a admiração; pergunto: Se fer o Rosario o meyo mais efficaz para guardar os Mandamentos de Deos, he fazer Bemaventurados os que os guardaõ: não seria mayor a sua efficacia, & mais admiravel a sua virtude, se não sò fizesse Bemaventurados os que guardaõ os Mandamentos, senão tambem os que os não guardaõ? Claro està que sim. Pois isto he o que de novo digo, & o que, se Deos me ajuda, hey de provar. A regra gèral de Christo he, que os que guardarem os Mandamentos de Deos alcançarão a Bemavenurança: porèm esta regra gèral tem huma exceção, que diz: se a Virgem do Rosario não ordenar o contrario; porq̃ no tal caso atè os que não guardarão os Mádamentos, serão Bemaventurados. Isto posto, com licença do benditissimo Filho da mesma Virgem, assim como o Senhor replicou ao *Beatus venter*, dizendo: *Quinimo Beati*: assim eu me atreverey a replicar tambem por parte da Senhora, & a trocar o lugar ao

mesmo *Quinimo*. Christo disse com regra gèral por parte de Deos: *Beati qui audiunt verbum Dei & custodiunt illud*: & eu digo com exceção particular por parte da Mãe de Deos: *Quinimo Beatus venter qui te portavit*. Para declarar este altissimo privilegio, que todo he graça, peçamos a da mesma Senhora. *Ave Maria*.

II.

Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Quinimo, Beatus venter qui te portavit.

213. **E**Ntão he mayor a misericordia, quando? Quando as acções da misericordia se parecem cõ as da injustiça. A misericordia, & a justiça não são virtudes encontradas. Deos infinitamente justo, & infinitamente misericordioso, tão misericordioso he como justo. Mas quanto a misericordia tem menos de justiça, & quanto se parece mais com a injustiça, tanto tem mais de misericordia.

214. Quando Christo Senhor, & Legislador supremo promulgou a sua Ley, (q̄ foy em outro monte como Moyfês) a todas as virtudes prometeo por premio a bēaventurança, como aquelle que só a podia dar, & fazer bemaventurados: *Beati pauperes, Beati mites, Beati qui lugent*: & assim das demais. He porē n muito digno de reparo; que só aos misericordiosos, & esmoleres prometteo a bemaventurança com nome de misericordia. Aos pobres de espirito prometteo a bemaventurança com nome de Reyno; aos que choraō feus peccados, com nome de consolação: aos que tem fome, & sede, com nome de fartura: aos limpos de coração, cō nome de vista de Deos: & só aos misericordiosos com nome de misericordia: *Beati misericordis quoniam ipsi misericordiam consequentur*. Pois se a bemaventurança, que a nenhum homem he devida, em todos he misericordia, porque só se chama misericordia, quando se dà aos misericordiosos, & esmoleres?

Matib
5-3.

Ibid. 7

Porque só nelles he misericordia de tal genero, que totalmente parece injustiça. Ouçamos a sentença do dia do Juizo: *Venete benedicti Patris mei, possidete Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere*: Vinde benditos de meu Padre para o Reyno do Ceo, porque tive fome, & me dêstes de comer, tive sede, & me dêstes de beber. Assim ha de dizer o Supremo Juiz aos da mão direita: & voltando-se para os da esquerda, dirà tambem do mesmo modo: *Discedite à me maledicti in ignem æternum: esurivi enim, & non dedistis mihi manducare, sitivi, & non dedistis mihi potum*: ide malditos para o fogo do inferno; porque tive fome, & não me dêstes de comer, tive sede, & não me dêstes de beber. De forte, que toda a sentença do dia do Juizo, assim de huma, como de outra parte, se vem a resolver em *Dedistis mihi*, ou *Non dedistis mihi*. Se dêstes, absoltos se não dêstes, condenados. E não he isto o que costumão fazer os Juizes injustos, &

Matib
25. 34
35.

Ib. 41.

D.
Chryf.
in
Matt.
25.

subornados? Assim he, & tanto assim, que não duvidou dizer S. João Chrysoftomo: *Judex noster per pauperes corrumptur*: que o nosso Juiz Christo se deixa subornar, & corromper, & que os canos por onde recebe os subornos, são os pobres, a quem se dá a esmola. E porque a misericordia com que Deos dá a bemaventurança aos esmoleres, se parece tanto cõ a injustiça; por isso esta misericordia como singular, & não sò grande, mas superior a todas, se chama por excellencia misericordia: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequuntur*.

215. Mas ainda este exemplo, sendo tão grande, & tão universal, he curto. Vamos ao mayor de todos, & que sò podia caber na immensidade do coração de Deos. A mayor acção da misericordia divina (& que ainda depois de obrada, sò a pôde crer a Fè, & a razão não pôde provar, q̄ era possível) foy a da redempção do genero humano por meyo da Encarnação, & Morte de seu proprio Filho. E que

circunstancias concorreraõ nesta prodigiosa resolução da misericordia, que não pareçaõ manifestas injustiças? Vender o Filho, para resgatar o escravo? Condenar o innocente, para absolver o culpado? Matar o justo, para que vivesse o peccador? Se esta acção não fora de Deos, & a fizera o pay, ou o Rey mais Santo, quem haveria que a não julgasse por injustissima? Sem fahir do mesmo caso: porque foy injusto Caifaz? Porque foy injusto Herodes? Porque foy injusto mais que todos Pilatos, senão porque executou como sua esta mesma sentença? Se Pilatos em condenar a Christo, & absolver a Barrabàs cõmetteu a mayor injustiça, que menos fez o Eterno Padre, condenando a seu Filho, para libertar os filhos de Adão do peccado de seu Pay, & dos seus? Mais digo. Pilatos lavou as mãos; mas o Eterno Padre não as pode lavar. Porque Pilatos obrou forçado, & o Eterno Padre muito por sua vontade: Pilatos confessou a innocencia

Matt. de Christo: *Innocens ego sum*
 27.24 à *sanguine justii hujus*, & o
 Eterno Padre poz em Chris-
 to, & sobre Christo os pec-
 cados, & maldades de todos
 os homens: *Posuit in eo ini-*
quitatem omnium nostrum.

Isai.
 53,6.

Pois isto quer, isto resolve,
 isto manda, isto executa hum
 Deos, que he a mesma justi-
 ça, cõ tantas circumstancias,
 ou apparencias de injustiça?
 Sim; porque assim era ne-
 cessario para sublimar, &
 exaltar Deos a soberania da
 sua misericordia sobre a mes-
 ma justiça. A misericordia,
 que não excede, & encontra
 as leys da justiça, he miseri-
 cordia vulgar, & quasi in-
 digna da piedade infinita de
 Deos. Qual hê logo a miseri-
 cordia digna do seu cora-
 ção, ou como lhe chama Za-
 charias, das suas entranhas:

Luc. I Per viscera misericordie Dei
 78. nostri? He hũa misericordia,
 que verdadeiramente pare-
 ça injustiça: & quanto mais
 semelhança tiver de injusta,
 tanto mais terá de divina.

Drogo. 216. Assim o entendeu
Holti- altamente Drogo Hostiense,
ensis de & o declarou por boca do
Passion Bom Ladrão como testemu-
Don.

nha de vista. Em que fun-
 dou o Bom Ladrão a espe-
 rança, de que sendo Ladrão,
 & malfeitor, havia de ser
 Christo: tão misericordioso
 com elle, que lhe dèsse o seu
 Reyno? Fundou-a não só na
 misericordia de Christo, mas
 no genero de injustiça com
 que considerou, que a sua
 mesma misericordia o con-
 denara: *Video in te magnam,*
& tuam, hoc est competentem
tibi misericordiam, quæ tibi
ad mei consimilem condes-
cendere fecit miseriam. Ego
digna factis recipio, tu autem
quid fecisti? Video te mihi in-
pæna similem, quem actu vi-
deo tam dissimilem. Vejo em
 vós, Senhor, (diz o Ladrão)
 vejo em vós, a quem já re-
 conheço por Deos, huma mi-
 sericordia tão grande, tão
 divina, tão vossa, q̃ só ella pô-
 de ser digna de quẽ vós sois,
 pois vos fez meu cõpanhei-
 ro na mesma miseria. A mim
 pozme a justiça em huma
 Cruz, & justamente, porque
 sou culpado: a vós pozvos
 a misericordia em outra
 Cruz: mas injustamente,
 porque sois a mesma inno-
 cencia: & quando eu vejo,
 que

que a vossa misericordia foy tão injusta com vosco, que sendo innocente vos fez semelhante a mim na pena; por isso espero tambem que será tão injusta comigo, que sendo eu culpado, me faça semelhante a vòs na gloria. Assim o considerou subtilmente o Ladrão. & assim lhe succedeo. De maneira, que a semelhança de injustiça, que o Ladrão considerou na misericordia que condeinou a Christo, esta foy a que lhe deu esperança de que a mesma misericordia o salvaria a elle: *Video te mihi in pœna similem, quem actu video tam dissimilem.* E esta misericordia q̄ tâtas circũstancias teve, ou tantas apparencias de injusta; esta mesma, & por isso mesmo foy a mayor misericordia, a mais alta, a mais divina, & a mais digna de quem Deos he, que todas as suas: *Video in te magnam, & tuam hoc est, competentem tibi misericordiam.* E se aquella misericordia, que tanto se parece com a injustiça, he a misericordia propria das entranhas de Deos: *Per viscera misericordie Dei*

nostri: não será muito que pareça tambem hoje injusta a misericordia da que trouxe a Deos em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.*

III.

217. **P**ara que vejamos estas que parecem injustiças da Virgem Senhora nossa nas misericordias do seu Rosario; infinitos são os exemplos, q̄ me offerenciaõ as historias Ecclesiasticas, assim nas Chronicas geraes, & particulares da Sagrada Religiaõ de S. Domingos, como em outros muitos Authores, de que só os da nossa são mais de vinte. Deixados pois outros casos do mesmo genero, só referirey hum q̄ por Real deve preferir aos demais. Houve hum grande Rey, diz o Beato Alano, & calla o nome da Pessoa, & do Reyno por reverencia da dignidade, a que o mesmo que se coroava com ella nenhum respeito, nem decõro guardava. Era mão, & vicioso de todos os quatro costados, que são as quatro obri-

B. Alano
lib. I.
c. 10.

gações de que se compoem a dignidade Real, ou o Rey digno. A primeira para com Deos, a segunda para com os estranhos, a terceira para com os vassallos, a quarta para comfigo. Mas todos estes quatro elemētos estavaõ corr iptos naquelle indigno Principe, com que vinha a fer a peste da sua Republica. Para com Deos era impio, & blasfemo: para com os estranhos ambicioso, & soberbo; para com os vassallos avarento, & cruel: & para comfigo todo entregue às demasias da gula, & às outras intemperanças que desta se seguem. Assim viveo este monstro coroado alguns annos, & assim (que assim havia de fer) veyo a morrer sem emenda. Em quanto se celebravaõ as exequias do corpo presente, foy presentada a infelice. Alma ante o Tribunal Divino, chorando os dous Anjos de sua guarda, & triunfando com taõ grande preza a caterva dos Demonios, que a cercavaõ. Assistia ao pè do Throno S. Miguel com a balança: & foy cousa maravilhosa, jou

laltimosa, que pondo-se de huma parte infinitas mãs obras, da outra não ouve hũa só boa com que se contrapezassem. Condenado pois o miseravel Rey pelos peccados de Rey, que eraõ os mayores, & pelos de homem, que eraõ gravissimos, quando já os ministros infernaes lhe hiaõ arrebatando a Alma, para a levar, & sepultar no Inferno, eis que apparece cercada de resplandores a gloriosissima Máy de Deos com hum Rosario na mão. E que Rosario era este? Couza estranha, & não imaginada, & de que no juizo se não tinha feito caso. Se algum signal de Christandade havia dado o Rey em sua vida, era trazer sempre pendente do cinto hum Rosario de contas grossas, as quaes porèm nunca rezava. Assim o nota, & pondèra o Santo Historiador, advertindo juntamente, que á imitação do Rey todos ufavaõ tambem trazer publicamente o Rosario, & não sò por gala, ou cerimonia como elle, porque todos o rezavaõ, & o offerenciaõ á Senhora. Este Ro-

sario

fario pois não rezado, mas occasião sòmente de que outros o rezassem, poz a Mãe de misericordia por sua propria mão na outra parte da balança, & foy tal o pezo, que da mesma mão soberana tinha recebido, que logo a inclinou, & levou abaixo, subindo a das más obras, como se foraõ muito leves. Aqui se acabou de entender entãõ a verdade, & propriedade com que tinha ditto o *Jacob.* Apostolo Santiago: *Misericordia superexaltat judicium.* *2.13.*

218. O sentido deste texto todos os Padres, & Expositores entenderãõ sempre que queria dizer, que a misericordia prevalece, & he superior á justiça; mas as palavras do mesmo texto parece que se não accommodãõ a este sentido; porque ellas dizem, que a misericordia exalta, & levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium.* logo se a justiça he à exaltada, & levantada, ella he a que fica superior, & não a misericordia. Por esta difficuldade são infinitas as exposições, & ain-

da versões, que se tem inventado para declarar o mesmo texto; mas todas violentas, & improprias. A propria, & verdadeira, he a que se mostra na balança. Porque na balança, a parte que sobe he a vécida, & que fica debaixo, & a q̄ desce a q̄ prevalece, & fica de cima. E este he o modo com que a misericordia levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium* *Caiet. ibi re-*
latius à
Cornel
Si aliquo depressa elevat alterã,
& adversam ita misericordia elevat judicium: diz o Cardeal Caietano. E não he maravilha, que entre todos os Expositores, elle desse unicamente neste pensamento, como Doutor da Familia do Rosario; o qual Rosario no nosso caso o mostrou, & confirmou com tão milagrosa experiencia.

219. Mas que fariaõ os Demonios à vista desta subita mudança tão contraria á vittoria, & ao despojo com que já triunfavaõ? Duas cousas refere a historia, ambas notaveis: huma he, que furiosos arremeterãõ à balança, que tinhaõ carregado cõ

as más obras do Rey, trabalhando com toda a força pela fazer descer, & que pezasse mais que o Rosario: a outra, que não aproveitando nada com todas as suas forças, atrevidos, & blasfemos clamaraõ contra a Senhora, dizendo a grandes vozes: *Maria injuste fecisti, fecisti inæqualitatem*: Maria, fizestes huma grande injustiça, ilto não he razaõ, nem igualdade. Mas assim como Deos permite aos Demonios, que o blasfemem, sem por isso lhe dar novo castigo assim a Mãe de Deos, não fazendo caso daquellas blasfemias, & voltando-se para a Alma do Rey já livre da condenação, lhe disse, que se tornasse a unir ao corpo, & que a vida que dalli por diante se lhe concedia, a empregasse em taes obras, que satisfizessem a culpa, & escandalo das primeiras. Assim se fez: & com assombro de toda a Nobreza do Reyno, que assistia aos officios funeraes, se levantou do tumulo o Rey defunto vivo, dizendo em alta voz & com as mãos levantadas ao Ceo: *O bene-*

dictum sit Rosarium Virginis Mariæ, per quod sum liberatus à damnatione gehennæ: ò bendito seja o Rosario da Virgem, pelo qual fuy livrado da condenação do Inferno,

220. Este foy o prodigioso caso, de cujas circunstancias sò pede o nosso assumpto, que examinemos, & ponderemos a allegação dos Demonios, a qual, posto que atrevida, & blasfema, parece que foy posta em razaõ, & justificada. E a justiça, & a razão, nem ao Demonio se ha de negar. Em outro caso semelhante de hum Ecclesiastico, por nome Baslo, cuja Alma patrocinava a Virgem depois de morto, allegaraõ os Demonios á mesma Senhora, que sendo Mãe da verdade, & da eterna justiça, lhe não podia tirar das mãos aquelle homem, que era seu. E como em prova de que era seu, o accusassem de hum peccado grave, que nunca tinha confessado; diz São Pedro Damiaõ (que he o Author da historia) que reconhecendo a Senhora ser assim, parára hum

hum pouco, & não replicá-
ra, como em reverencia da
verdade, posto que affirma-
da pelos pays da mentira:
*Quod peccatum cum Beata
Virgo licet ab authoribus mē-*
Petrus dicit veraciter recognovisset,
Dam. modeste paulisper obticuit, &
quodammodo veritati reve-
rentiam præbuit. Assim que
sem offensa da Mãe de Deos,
posto que os Demonios fo-
raõ os que disseraõ: *Maria*
injuste f. cisti; nem por isso
havemos de deixar sem exa-
me as apparencias de razaõ
que tiveraõ: antes serã, naõ
só licito, mas conveniente,
argumentar, & instar pela
mesma parte; para que as
misericordias da Senhora, &
do seu Rosario, quanto mais
parecer que envolvem de in-
justiça, tanto mais gloriosa-
mente nos manifestem qua-
to tem de excellente miseri-
cordia.

IV.

221. **C**onsideradas pois
todas as circun-
stancias da misericordiosa
salvaçaõ, que referimos do
Rey morto, condemnado, ab-

solto, resuscitado, & finalmē-
te salvo; por todas ellas pa-
rece que foy a sentença in-
justa. Injusta por parte das
Leys, injusta por parte do
Reo, injusta por parte do
Juiz, & mais injusta por par-
te da Advogada, & do moti-
vo, que foy a Senhora, & o
seu Rosario.

222. Começando pelas
leys, basta por todas as do
nosso Evangelho: *Beati qui*
audiunt verbum Dei, & cus-
todiunt illud. A ley universal
de Christo he, que se salvem
só os que guardarem os mã-
damentos de Deos, & que
sejaõ condenados para sem-
pre, & vaõ penar eternamen-
te no Inferno os que os naõ
guardarem. Isto mesmo re-
petem a cada regra todas as
Escrituras, & he artigo de
Fè. Pois se aquelle Rey em
toda a vida naõ guardou as
leys de Deos, desprezando
taõ impia, taõ insolente, &
taõ escandalosamente naõ só
hũa (que bastava) senaõ to-
das, & assim perseverou obsti-
tinado atè a hora da morte
sem emenda, nem arrendi-
mêto, como se naõ executou
nelle a pena das mesmas
leys?

leys? Isto he o que os Demonios chamáráo injustiça : *Maria injustè fecisti;* & o mesmo parece que tinhaõ razaõ de dizer, & clamar todos os condenados do inferno. Que Deos nos condenasse , porque vivemos , & morremos desobedientes a seus mandamentos , he muito justo :

Ps. Justus es Domine, & rectum

118. *judicium tuum;* porém que

137. não haja de padecer a mesma

pena quem commetto as

mesmas, & mayores culpas ;

que justiça he esta? Atè os

Bemaventurados do Ceo pò-

dem fazer a mesma queixa,

Naquelles operarios da pa-

rabola de Christo chama-

dos à vinha a diferentes ho-

ras, são significados todos

os que se salvão , & haõ de

salvar ; porque todos rece-

berão o Denario , o qual se

chama assim, porque he a sa-

tisfaçaõ, & premio, com que

Deos paga a observancia dos

dez mandamentos. E com

tudo diz o texto, que depois

de receberem esta paga , al-

gũs delles murmuravaõ cõ-

tra o Pay de familias , que he

Deos: *Accipientes murmura-*

bant adversus Patrem fami-

lias. Mas se estes , que já tin-

haõ recebido a paga (como

bem replica S João Chryso-

tomo) se estes que já tinhaõ

recebido a paga, já estavaõ

no Ceo, & já eraõ Bemaven-

turados, & o Pay de fami-

lias he Deos, como murmu-

rãraõ contra o Pay de fami-

lias? No Ceo ha murmuracão

ou pòdem os Bemaven-

turados murmurar contra

Deos? He certo , que nem

murmuraõ, nem pòdem, mas

declara a parabola com a

sem razão deste nome, a ra-

zaõ verdadeiramente appa-

rente com que parece se po-

diãõ queixar da differença ,

& desigualdade , que Deos

usou entre huns, & outros:

Hi novissimi una hora fece-

runt, & pares illos nobis fecif-

ti, qui portavimus pòdus diei,

& estus: Estes vieraõ na ul-

tima hora , nõs soportámos

todo o pezo do dia , & da

calma , & no cabo fazeylos

iguaes conosco? Que di-

riaõ , se fallassem do nosso

caso estes mesmos Bemaven-

turados? Se chamaõ desi-

gualdade a levarem o mes-

mo premio os que trabalhã-

rão todo o dia na vinha , &

os que vieraõ a ella na ultima hora ; que haviaõ de dizer comparados com o mau Rey, que nem na ultima hora veyo, antes todos os dias da sua vida tinha empregado todo feu poder em arrancar, decipar, & destruir a vinha? Vede se tinhaõ apparente, & mais que apparente occasiã para se queixar, & murmurar da Mãe como do Pay, & dizer pelos mesmos termos à Senhora : *Fecisti inaequalitatem.*

223. Mas taes como estas saõ as que parecem injustiças da misericordia de Deos, & da Virgem do Rosario. O que respondeo o Pay de familias a hum dos murmuradores em nome de

Matth todos, foy: *Amice, non facio*
20. 13 *tibi injuriam: non ne ex de-*

14. 15 *nario convenisti mecum? Tolle*
quod tuum est, & vade. Volo
autem & huic novissimo dare
sicut & tibi: aut non licet mi-
hi quod volo, facere? Amigo,
eu não te faço injuria, pois
te paguey o que prometti, &
ajustey comtigo. E se pago
igualmente a este que não
trabalhou tanto, o que lhe
dou demais a elle, não o tiro

a ti. Contenta-te com o que
he teu, & do meu deixame
fazer o q̄ quero, pois me he
licito. Esta foy a resposta do
Senhor da vinha, tão senho-
ril, como justificada, & vem
a dizer em summa: que a li-
beralidade não he divida, &
que quando Deos usa de
mayor graça, & de mayor
misericordia com huns, nem
por isso faz aggravo, ou in-
juria aos outros, porque a
graça não he injuria, nem a
misericordia injustiça. Mas
se assim he, como he; porque
razão Christo Senhor nosso
(que foy o sapientissimo ar-
tifice da parabola, & a podia
formar como quizesse) por-
que razão onde não havia
injuria, introduzio a queixa,
& onde não havia injustiça,
a murmuração? Por isso
mesmo, dizem S. Jeronymo, *D. Hi-*
& S. Gregorio. Porque que-
ria o Senhor encarecer a mes-
ma graça, & a mesma miseri-
cordia sua; que era o fim de
toda a parabola: & a graça
que pôde parecer injuria, he
mayor graça, a misericordia
que pôde parecer injustiça,
he mayor misericordia. Taes
saõ, como dizia, as graças, &

misericórdias de Deos, & principalmente quando o Senhor as concede por mão de sua Santíssima Mãe, & procuradas (como no nosso caso) pela mesma Senhora. He novo, & não menor reparo na mesma parábola.

224. Quem sahio a chamar, & conduzir os operarios para a vinha, & quem fez o concerto com elles, foy o mesmo Pay de familias: *Qui exiit primo mane* *Matth* *70.1.* *conducere operarios in vineam suam*: porèm as pagas, que occasionárao a murmuração, mandando as fazer pelo seu Procurador: *Dixit procuratori suo*. Pois se o Pay de familias fez os pactos por sua propria Pessoa, as pagas porque as não fez tambem elle por sua mão? Porque erao pagas desiguales, humas de justiça, outras de graça, & de tão excessiva graça, que derao occasião á queixa, E posto que o fazer os pactos, & as leys pertença privativamente a Deos, que he o Pay de familias; quando estas leys se hão de exceder em parte, ou dispensar em todo, estas dispensações, &

graças extraordinarias não as costuma Deos fazer immediatamente por sy mesmo, senão por mão do seu Procurador, ou da nossa Procuradora, que he a Virgem Santíssima. Assim o dizem, & apregoão expressa, & encarecidamente S. Bernardo, S. Anselmo, S. Epifanio, S. Boaventura, & todos os Santos em todos seus escritos. *Bern.* *Ansel.* *Epiph.* *Bonav.* Bastem pelo testemunho de todos as palavras de S. Germano Arcebispo de Cõstantinopla, que verdadeiramente são germaníssimas, fallando com a mesma Senhora: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu? Nullus enim est qui salvus fiat, ò sanctíssima, nisi per te: nemo est qui liberetur à malis, nisi per te: nemo est, cujus misereatur gratia, nisi per te.* *Germ. de zona & fal. 611 vir. gimis.* Quem ha depois de vosso Filho, ò Virgem Santíssima, que assim procure o bem do genero humano, como vòs? Porque ninguem se salva, senão por vòs; ninguem se livra dos males, senão por vòs; ninguem alcança misericórdia, ou graça, senão por vòs. De sorte que todas

todas as graças, & misericordias, que excedem as leys da justiça; & ainda parece que a encontraõ, não as faz Deos immediatamente por sy mesmo, senão por mão de sua Santissima Mãy, Mãy tambem, & Procuradora nossa, como o fez o Pay de familias por mão do seu Procurador: *Dixit procuratori suo.* Isto quer dizer, & encarecer aquelle *Nisi per te. nisi per te, nisi per te.*, tantas vezes repetido. Mas porque neste curar de nós, & procurar de nós, dá o Santo o segundo lugar à Senhora, & o primeiro a seu Filho: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu;* pareciam-me a mim; que no nosso caso se devem trocar estes lugares. No caso da parabolá o Procurador só fez o que lhe mandou o Senhor da vinha: porém no nosso caso a nossa soberana Procuradora não só excedeo o que o mesmo Senhor manda; mas procurou que se fizesse, & conseguisse tudo o contrario. Comparemos em hum, & outro caso o que fez o

Pay das misericordias, que he o Pay das familias, com o que fez a Mãy de misericordia, que he a Mãy do mesmo Pay. O Pay de familias no caso da parabolá excedeo o justo, a Virgem Maria no nosso caso excedeo o injusto. Ora notay. O Pay de familias aos que chamou em segundo lugar, & dahi por diante não lhe prometteo o jornal de todo dia por inteiro, senão o que fosse justo: *Quod justum fuerit, dabo vobis.* E como aos que só servirão poucas horas, ou huma só hora, deu inteiramente o jornal de todo dia, bem se vê que excedeo o justo. Porém a Senhora no nosso caso, indo por fóra de todos os exemplos da parabolá, & fazendo q̃ o mesmo jornal, & a mesma paga (que he o denario da bemaventurança) se desse não só a quem não tinha servido, mas a quem tanto tinha deffervido, & offendido a Deos, como aquelle máo Rey, manifestamente excedeo o injusto. O dar a quem não servio, he liberalidade; mas o pagar a quem não servio, he injustiça; porque a paga

Matt.
20-4-

a paga suppoem serviço, assim como o premio suppoem merecimento. E se pagar a quem não servio, he huma injustiça; pagar a quem deservio, & offendo, são duas, & não só he fazer, senão exceder o injusto. Isto pois que não mandou o Pay de familias, nem fez o seu Procurador, procurou a Senhora do Rosario, & fez que se executasse contra todas as leys geraes do que Deos manda. E quem haverá á vista deste excesso de misericordia, que trocando a blasfemia dos Demonios em louvor digno de o cantarem os Anjos, se não atreva a dizer confiadamente á sua Rainha, & nossa: *Maria injuste fecisti.*

V.

226. **O** Que só se pôde responder, he, que a Senhora mandou ao Rey; que depois de resuscitado emendasse na segunda vida os erros da primeira. Mas isto mesmo foy quebrar outra ley. A ley universal de Deos he, que os homens não tenham mais que huma vida,

VI.

& huma morte: *Statutum est Heb. 9. hominibus semel mori.* Tanto assim, que até o mesmo Rosario se não atreva a pedir á mesma Mãe de Deos outra couza: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostrae.* Pedimos á Mãe de Deos, que rogue por nós peccadores, agora, que he esta vida, & mais na hora da morte; porém depois da morte não pede tal couza o Rosario. Mas não fora a Senhora do mesmo Rosario tão misericordiosa, & tão poderosa como he, se nos não concedera o que pedimos, & o que não pedimos tambem. Por ventura Martha, & Maria pedirão a Christo, que resuscitasse seu irmão? Nem tal pedirão, nem tal lhes passou pelo pensamento. O que só dezerão (& não pedirão) foy que o Senhor lhe acudisse antes de morrer, & o sarasse da enfermidade. Assim o significava ^{Joan.} o recado: *Ecce quem amas, 11.3. infirmatur:* & assim o disse raõ depois huma, & outra: *Domine, si fuisses hic, frater ibid. meus non fuisset mortuus.* Cõ 21. tudo,

tudo sem as irmãs se atreverem a pedir, nem ainda esperar a resurreição de seu irmão, o Senhor movido de sua própria misericórdia o resuscitou: porque? Bem creyo, que nem a vós vos vem ao pensamento a razão. Mas a razão foy; porque nesta resurreição quiz fazer hū ensayo particular, & dar hum testemunho publico das q̄ depois havia de obrar em graça de sua Santissima Mãe.

227. Antes de Christo nesta hora entrar em Bethania, parou, & mandou por Martha, que alli o foy receber, que fosse chamar a sua irmã Maria: *Magister adest,*

26.28. *& vocat te.* Mas de as duas irmãs tinhaõ repartido entre si as suas ceremonias daquelle acto, Martha a da cortesia, faindo a receber o Senhor, & Maria a do nojo, & sentimento, ficado encerrada em casa; porque a mandou o Senhor chamar, & quiz que viêsse primeiro?

D. Excellentemente S. Pedro Chryf Chryfologo: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria, nec fugari mors pote-*

rat, nec vita poterat reparari. Veniat Maria; veniat materni nominis bajula; ut videat homo Christū virginalis terri habitasse secretū: quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeant de sepulchris.

Excellentemente outra vez. Mandou o Senhor chamar a Maria, porque como Lazaro estava morto, & se lhe havia de restituir a vida, rē sem Maria se podia lançar fora a morte, nem a vida se podia restaurar sem Maria.

Quia sine Maria nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari. Notay muito aquelle *Nec poterat* duas vezes repetido. Não porq̄ Christo Soberano Senhor da morte, & da vida não podesse absolutamente dar agora vida a este morto, como no fim do mundo a ha de dar a todos; mas porque estes mesmos poderes os tem communicado a sua Mãe com taõ irrevogavel delegaçõ, que assim como a Senhora não pôde dispor da morte, & da vida sem o concurso superior de seu Filho, assim o Senhor o não faz já mais sem companhia de sua Mãe. De-

forte, que esta resurreição (diz Chryfologo) não se fez em graça de Maria irmã de Lazaro, senão por graça, & privilegio de Maria Mãe de Deos: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula*. E para que? Que o porque já está ditto: *Ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum, quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris*. Agora acabou de dizer o Santo o que fò faltava para a inteira propriedade do nosso caso. Para que entendão os homens, que o fim porque Deos se fez homem no Sacrario virginal do ventre de Maria, foy para que as Almas dos mortos subaõ do inferno, & os corpos sayã vivos das sepulturas: *Quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris*.

228. Isto he o que a Senhora do Rosario obrou no nosso caso com mayor privilegio, & mayor milagre, que o da resurreição de Lazaro. Porque sendo Lazaro morto, & o Rey tambem morto, iguaes na resurreição o inferno de que o Senhor

livrou a Alma de Lazaro, era o Limbo; porèm o de que a Senhora livrou a Alma do Rey, era propriamente o inferno dos condenados, a que já estava tambem condenado por sentença do Supremo Juiz: *Quatenus ab inferis prodeant mortui*. Duas vidas deveu Lazaro a Christo; a primeira de que morreu enfermo, a segunda de que morreu martyr, em ambas Santo. Mas as duas vidas que o Rey deveu á Senhora, tem muito mais de misericordia, porque não tiverão nada de justiça. A hũ homem que viveu, & morreu justo, justamente se lhe torna a dar vida, mas a hum Rey, o qual tem mayores obrigações que as de homem depois de viver, & morrer em tantas; & tão enormes maldades, sem nenhum arrependimento dellas, com que justiça se lhe pòde perdoar huma vida, & conceder outra? Mas estes são os excessos de misericordia com que a Senhora qualifica as do seu Rosario. Vede com quanta razaõ podia dizer este Rey como Rey David:

• *Melior*

*Psalm Melior est misericordia tua
62. 4. super vitas: labia mea lauda-*

*partes vulpium erunt: Rex
verò letabitur in Deo.*

VI.

229. **A** Segunda circum-
stancia, que pa-
rece faz injusta esta miseri-
cordia, he a consideração do
Reo. Já vimos quaõ escan-
dalosa era a vida daquelle
mão Rey, & quaõ estragada
em todo o genero de vicios,
sem outra apparencia de pie-
dade Christã, mais que tra-
zer o Rosario no cinto. Mas
esta mesma apparencia de
piedade o fazia mais impio ;
& mais Reo: *Reatus impi est
pium nomen* disse sentencio-
samente S. Salviano. E dà a
razaõ muito propria do nos-
so caso: *Magis damnabilis est
malitia, quã titulus bonitatis
accusat.* Os peccados que
commettia o Rey não se ac-
cusavão hũs aos outros, mas
aquella especie de bondade
estava sempre accusando as
suas maldades, & as mesmas
contas do Rosario com que
as queria dissimular, eraõ
cento & cincoenta testemu-
nhas contestes, que o con-
denavaõ. Pois se por isto

O ij mes-

16 10.
11. 12 *quæsierunt animam meam,
introibunt in inferiora terræ:*

mesmo era mais digno de condenação: *Magis damnabilis*; como foy ella mesma a causa de não ser condemnado? Absolver pela mesma razão de condenar, como pôde ser justiça? Apertemos bẽ este ponto, & passemos-lhe o Rosario do cinto ao pescoço, que o cinto, & o Rosario ambos podem ser laço.

230. O Rosario trazido, & rezado he devoção, mas não rezado, & trazido, he hypocrisia: *Omnis hypocrita palliat sanctitatem in veste, quam non habet in mente*: o hypocrita, diz S. Bernardo, traz a santidade no vestido, porque a não tem no espirito. E tal era a hypocrisia deste Rey. Vestia o Rosario, mas não o rezava. Que importa trazer os mysterios nas contas, se as cõtas não se rezaõ, nem os mysterios se meditaõ? Eraõ os quinze mysterios deste Rosario, como o mysterio, que trazia escrito na testa aquella mã mulher do Apocalypse vestida de purpura, chamada por S. Joaõ a mãy de todas as torpezas, & maldades, cõ que pôdera ser bẽ

caçado este Rey. E se ella foy condenada justissimamente, como pode elle ser absolto com justiça? Chamou hum Anjo a S. Joaõ, para que fosse ver a condenação daquella mã mulher: *Veni ostendam tibi damnationem meretricis magnæ*. E do mesmo modo nos chama a nõs a Rainha dos Anjos, para que venhamos ver a absolvição deste mão homem. Posto pois o absolto à vista da condemnada, & fendo as culpas de ambos tão semelhantes, que juizo se pôde fazer de hũa, & outta sentença? Se a condenação executada em hum dos Reos foy tão justificada, a absolvição concedida a outro, como pode ser justa, não havêdo de differença mais que hum Rosario não rezado?

231. Accrescento, que ainda que fora rezado, & bem rezado, fendo o Rey tão mão como era, aquelle acto de Religião sõmente exterior, não podia ser grato a Deos. A historia sò diz, que o Rosario era grande; mas não diz de que materia fosse: *Portabat illud, & quidem*

Apoc.
17.1.

demo

*dem magnum in zona sua quod tamen non recitabat: & eu digo, que ainda que o rezasse, & o Rosariõ fosse de calambuco, ou de ambar; não podia cheirar bem a Deos, Do sacrificio que offerecõ Noè depois do Diluvio, diz a Escriitura que subio a Deos hum cheiro muito suave: *Odoratus est**

Gen. 8 *Dominus odorem suavitatis.*

21. E pelo contrario, dos sacrificios, que se offerenciaõ a Deos no Templo em tempo de Isaias, diz o mesmo Isaias,

Isai. 1. *13.* que o incenso era abominavel a Deos; *Ne offeratis ultra sacrificium frustra; incensum abominatio est mihi.* Os sacrificios antigos, ou na Ley da Natureza, como o de Noè, ou na Ley Escrita, como os do Templo, não eraõ outra cousa, que hũas rezes lançadas no fogo, & queimadas. Pois o cheiro das rezes queimadas era suave a Deos, & o cheiro do incenso abominavel? Sim. Porque o olfacto de Deos he muito diverso do nosso. Noè era Santo, os Sacerdotes do Templo eraõ sacrilegos: & tudo o que offercem os bons, ain-

da que seja carne queimada, cheira bem a Deos: pelo contrario, tudo o que offercem os máos, ainda que sejaõ incensos, & thimiamas, cheira-lhe muito mal. Omesmo passa no Rosario. Ainda que as contas sejaõ calambucos, & o que se reza por ellas sejaõ rosas, se o que se reza he mào, não podem cheirar bẽ, nem ser gratas a Deos.

232. A razão não he outra, senaõ a que diziamos. Bons interiores com mào interior saõ hypocrisias: & este he o peccado, que Deos mais aborrece, mais abomina, menos perdoa, & mais condena. Seis vezes repete Christo no Evangelho: *Vae vobis hypocrite, vae vobis hypocrite:* *Mate. 23. 15* o que não diz de algum outro vicio, nem de todos juntos. E porque razão? Porque aquelle *Vae* na boca do Supremo Juiz he a sentença de condenação abreviada em hum Ay, que depois ferá estendida por toda a eternidade; & os hypocritas, como os que não tem fê, antes da condenação já estaõ condenados: *Qui non credit, jam* *Joan. 3. 18.*

judicatus est. Tanto assim, que no foro judicial do Tribunal Divino, hypocrita quer dizer condenado, & cõdenado quer dizer hypocrita. Segundo este formulario fallou Iſaias, que he o mais curial de todos os Profetas:

Iſai. Possedit tremor hypocritas: 33-14 quis poterit habitare de vobis cum igne devorante: quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis? E o que mais he, o melino Juiz Christo, fallando da condemnação do

Matt. 24.51 mão servo: *Dividet eum, partemque ejus ponet cum hypocritis: illic erit fletus, et stridor dentium.* Pois se esta he a justiça do Filho por tantos, & tão temerosos modos ratificada, como pôde fazer o contrario justamente a misericordia da Mãe? Aquelle Rosario, que foy todo o fundamento, ou motivo da absolvição do Reo, não fõera hypocrisia, senão dobrada hypocrisia. Huma vez hypocrita dos outros vicios, porque sendo o Rey impio, & blasfemo, o ostentava devoto: & hypocrita de si mesmo; porque sendo fõmente ostentado, & não rezado,

fingia-se Rosario sem ser Rosario. E sendo aquella falsa ostentação dobrada hypocrisia, & por isso dobrada causa de justa condemnação: com que justiça podia ser absolto o Reo, & absolto depois de já condenado? Assim o diz declaradamente a historia: *Cum contra eum daretur sententia condemnatio- nis.* Eu não nego, que a Virgem Senhora nossa he a unica esperança de todos os peccadores, mas tambem he certo, que se tira por excei- ção a esperança dos hypocri- tas, como está escrito no li- vro de Job: *Spes hypocrite peribit.*

VII.

233. **T**Odas estas ap- parencias de in- justa teve no nosso caso a mi- sericordia da Senhora do Rosario considerada da par- te do Reo. E se por isso foy maior misericordia, sendo o Reo tão digno de condena- ção, nem por isso foy menos justificada: porque? Porque ainda que era Reo, era Rey. Bem vejo que vos admira a
 resposta;

reposta : mas a razão della he , porque tem grande pezo diante de Deos os bons exteriores dos Reys, ainda quando lhe falta o interior da virtude. Mandou Deos pelo Profeta Elias notificar a El-Rey Achab a pena de Taliaõ em castigo da injusta morte que tinha dado ao innocente Nabot com tantas circumstancias de tyrannia: & como Achab rasgasse a purpura, & se vestisse de sacco , & cobrisse a cabeça de cinza bastou esta demonstração para Deos suspender a sentença. Agora pergunto. Está demonstração de penitencia em Achab foy verdadeira penitencia? Não: que assim o mostráráõ logo os effectos. E a verdadeira penitencia não consiste em rasgar, & mudar os vestidos, senão em mudar, & rasgar o coração :

Joel. 2.

13.

Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra. Pois se não foy verdadeira penitencia , porque suspendeo Deos o castigo? Porque Achab era Rey, & ainda que no interior não estava penitente, os exteriores eraõ de penitencia. Assim o disse Deos ao

mesmo Elias : *Nonne vidisti* 3. Reg. 21. 28 *humiliatum Achab?* Não viste humilhado a Achab? Humilhado disse, & não humilde: porque a humildade he o interior da humiliação, assim como a humiliação he o exterior da humildade. E bastou q̃ o Rey se mostrasse penitente neste exterior, ainda que o interior lhe faltasse. para que Deos suspendesse a sentença.

234. E se nos he licito entrar nos arcanos dos conselhos divinos, & inquirir que motivos tenha Deos para usar desta razão de estado com os Reys. O mesmo Deos a declarou naquella palavra *Vidisti : nonne vidisti humiliatum Achab?* Não viste humilhado a Achab? Do que os subditos vem no Rey, tira Deos grandes consequencias, & tem grandes utilidades. E taes foraõ as que a Senhora considerou , & estimou no Rosario do nosso Rey. Porque ainda que não era Rosario rezado, era Rosario visto. Taõ poderosos são os bons exteriores dos Reys, & taõ effcaz he nos vassallos a vista só dos

mesmos exteriores. São os Reys como a Serpente de Moysês levantada no meyo do Povo, que bastava porrêm os olhos nella, & fer vista, para dar faude a quantos a viaõ: *Pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum.* São os Reys como os Prototypos, & exemplares; que sòmente vistos, & sem obrar dirigem as acções do artifice, & aperfeiçoã as obras:

Num.
21. 8.

Exod.
3. 6. 20

1. Reg.
8. 6. 20

psl. 18
24.

D. Am
br. ib.

Inspice; & fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est. Por isso os Hebreos sendo governados por Deos, pediraõ Rey, que fosse diante delles: *Da nobis Regem, & egredietur ante nos:* porque Deos era Rey invisivel, & queriaõ Rey que podessem ver. E por isso El Rey David pedindo a Deos merces extraordinarias, o que allegava era que o veriaõ: *Videbunt me & letabuntur quia in verba tua supersperavi.* Donde infere elegantemente Santo Ambrosio: *Quam pulchrum erit, si videaris, ut prosis?* Por que não pôde haver cousa mais gloriosa, que aproveitar a muitos sò com ser visto

Isto era o que fazia aquella Rey com o Rosario que trazia publicamente á vista de todos, bastando só que fosse visto, posto que não rezado, para que os demais o rezassem, como não sò refere, mas pondera o mesmo Historiador: *Videntes universi Regem suum Rosarium portare, fecerunt & ipsi similiter; & quod magis est, illud orabant.*

235. Notay muito estas ultimas palavras: Porque o Rey trazia o Rosario, todos o traziaõ; & posto que elle o não rezava, todos o rezavaõ. Quando Moysês vio o fogo na Çarça; & que a Çarça não se queimava, disse: *Vadam. & videbo visionem hanc magnam,* quero ir ver esta grande visaõ. Ide embora Moysês, & vede bẽ, que essa visaõ ainda tem mais que ver. Dizeis que he grande visaõ, mas ainda he mayor. E porque era aquella visaõ mayor que grande? Era grande, porque estando o fogo na Çarça, não queimava a Çarça: & era mayor, porq̃ onde estava não queimava; & onde não estava, santificava. Não queimava a Çarça,

Exod. Carça, & santificava a terra: *Locus enim in quo stas, terra Sancta est.* Tal era o Rosário que o Rey trazia no cinto: a elle que o não rezava, não fazia devoto, mas fazia devotos aos vassallos q̄ o vião, & o rezavaõ: a elle não fazia santo, porque continuava nos vicios, & à sua terra, & ao seu Reyno santificava, porque rezando o Rosário, viviaõ Christãmente: *Locus in quo stas, terra sancta est.* Vede o que faz hũ Rosário trasido no cinto do Rey, & visto nelle, posto que não rezado.

236. Fallando o Profeta Rey com outro Rey mayor que elle, disse-lhe que cingisse a espada, porque só a vista de lha verem cingida feria tão poderosa, que renderia tudo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime: specie tua, & pulchritudine tua, intende, prospere procede, & regna.* Porém S. João no seu Apocalypse vendo este mesmo Rey (que era o Rey dos Reys) vio que trazia a espada na boca, & que era espada de dous fios: *Et de ore ejus gla-*

dus utraq̄ue parte acutus exibat. E q̄ espada he esta, q̄ não se traz na mão, senaõ na boca, ou na cinta? Outros lhe daõ varios sentidos todos allegoricos, mas nas circunstancias do nosso discurso nenhum lhe quadra melhor que ser o Rosário. He o Rosário espada de dous fios; porque como muitas vezes dissemos, por huma parte he oraçaõ vocal, & por outra oraçaõ mental: & porque por ambas as partes he oraçaõ, por ambas he espada. Se esta espada se traz na boca, he o Rosário rezado: se se traz cingida, he o Rosário no cinto, como o trazia este Rey. Mas basta que se traga no cinto, para ser, não só poderoso, mas poderosissimo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime:* basta que se traga no cinto, para que só com a sua vista consiga o Rey felizmente todos seus intentos: *Specie tua, & pulchritudine tua intende, prospere procede, & regna.*

237. Os intentos pois do nosso Rey, em tudo o mais nada pio, eraõ, como diz a sua lenda, de promover, & cul-

cultivar a devoção do Rosario: *Volens familiam suam inducere ad orandum Beatæ Mariæ Virginis Rosarium.* O meyo que tomou para esta pia cultura, & lavoura do Ceo na terra foy semear o mesmo Rosario nos olhos dos seus vassallos. Lâ diz a Escritura, que o semear nas lagrymas, tem muito certa, & abundante a colheita: *Qui seminant in lacrymis, in exultatione metent.* Mas o Rey, com invento novo, semeava o Rosario nos olhos, que por isso o trazia sempre à vista, e de côtas muito grandes, para que todos as vissem. E cõ esta vista só: *Specie tua;* conseguio taõ felizmente o seu intento: *Intende prosperè,* que primeiro no seu mesmo Palacio (que he a terra mais esteril) & depois em toda a Corte, & ultimamente em todo o Reyno nasceo, cresceo, & se dilatou a devoção do Rosario, não só visto, mas rezado: porê m rezado nos vassallos, porque visto no Rey.

238. Mas como podia ser, que hum Rosario não rezado produzisse Rosarios

rezados? A duvida he vossa, & minha: a resposta he de Christo. Pondrou Christo Senhor nosso, que o graõ de trigo morto dà muito fructo: *Si mortuũ fuerit, multum fructum affert:* & neste caso imitou a graça a natureza. O Rosario que trazia o Rey, era morto, porque o não rezava; semeado porê m nos olhos dos vassallos, produzia frutos vivos, & muitos. Nem podia deixar de ser, sendo o lavrador soberano. Quando os antigos Consules de Roma depois de levarem diante de si as varas, & as segures, tornavaõ a cultivar o seu câpo, diz Plinio, q̃ vendo-se a terra lavrar com arados laureados, respondia com mais copiosas novidades. O mesmo acontecia ao nosso lavrador coroadado na cultura das suas terras. Com cada conta (que na lingua Latina se chamaõ Grana) hia semeando Rosarios: & assim como no anno de mil & quinhentos, & setenta & cinco nasceo em Hibernia huma arvore, que dava Rosarios inteiros, & enfiados por fructo; assim foraõ infinitos

os que daquelle Rosario do Rey nascerão, & se multiplicarão em todo o seu Reyno. De cada conta nascia hũa arvore, de cada Rosario Rosarios sem conto.

239. E daqui se fica bem entendendo a razão de justiça, & igualdade, ou quando menos de equidade, que teve da parte da Senhora aquelle excesso de misericordia, que os Demonios accusavaõ de injusta; & iniqua: *Fecisti injuste, fecisti inaequalitatem.* Verdadeiramente parecia grande desigualdade; que posto hum sò Rosario na balança, & esse não rezado, pezasse tanto como todas as maldades do Rey. Mas não era assim: porque aquelle Rosario não era hum sò Rosario, senão hum numero grandissimo de Rosarios, quantos eraõ os vassallos do Rey, que à sua imitação o traziaõ. E não era hum sò Rosario não rezado, senão muitos, & rezados, porque todos suppondo, pelo que vião no exterior, que o Rey o rezava, elles tambem o rezavaõ. E finalmente não era hum sò Rosario junto cõ

más obras, senão hũa grande multidão de Rosarios juntos nos que devotamente o rezavaõ, com muito boas obras a que a virtude do mesmo Rosario os excitava. E como estes effeitos de piedade, & religião eraõ consequencias do Rosario que o Rey trazia publicamente a fim de promover em todo o seu Reyno a devoção da Senhora, sendo o mesmo exemplo do Rey hum pregaõ mais poderoso o que qualquer outro preceito, ou ley com que efficazmente obrigava os vassallos, & o mesmo Rosario hum Prêgador mudo, mais efficaz que toda a eloquencia. com que todos os dias os excitava, ensinava, & persuadia a fer o que elle não era; não ha duvida, que esta demonstração tão continuada em hum Rey, posto que não chegasse a fer merecimento, era com tudo hũa disposição muito relevante diante de Deos, & de sua Mãe, para vir a conseguir ultimamente a grande misericordia, que alcançou.

240. Não rezava o Rosario, he verdade, mas confidero

dero eu, que por este modo rezava o *Miserere*, se bem cõ a ordem trocada. Para David alcançar perdõ de seus peccados, não fõ pedia a Deos a sua misericordia grande, senão a multidaõ de suas misericordias : *Miserere mei* Ps. 50
3. *Deus secundum magnam misericordiam tuam: & secundum multitudinẽ miserationũ tuarum dele iniquitatẽ meam.* E que he o que offerecia, & promettia a Deos este Rey peccador, quando tanto lhe pedia? Offerecia, & promettia a Deos, que em agradecimento, ou recompensa de tamanhas misericordias, ensinaria os mãos a ser bons & os impios a ser pios : *Do-* Tb. 14. *cebo iniquos vias tuas, & impij ad te cõvertẽtur.* Por aqui acabou David aquella sua petição, & por aqui começou o nosso Rey a sua. Com o exemplo do seu Rosario prégava todos os dias a devoção do Rosario a seus vassallos; & por meyo do mesmo Rosario ensinava-os a conhecer os erros dos caminhos de suas vidas: *Docebo iniquos vias tuas: & que tendo sido impios, se con-*

verteffem a Deos: *Et impij ad te convertentur.* E como este Rey fazia o que o Rey David promettia a Deos; injustamente he acusada a Senhora, de que por aquelle grande Rosario lhe alcãçasse a misericordia grande : *Miserere mei secundum magnam misericordiam tuam: & que por aquella multidaõ de Rosarios lhe alcãçasse a multidaõ de misericordias : Et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.*

VIII

241. **A** Terceira circun- stancia, que será tambem a ultima, (porque as outras duas que propuz, vaõ insertas nestas tres) he da parte do Juiz. E nesta parte tanto mais apparencias tẽ de injusta a sentença, & absolvição do Rey, quanto o Juiz que primeiro o condenou, & depois o absolveo, não fõ he justo, senão a mesma justiça. Ameaçando David aos Reys, & avizandolos, que vejaõ como vivem; & como satisfazem a suas obri-

Pfal. 2 obrigações: *Et nunc Reges intelligite: erudimini qui iudicatis terram.* ó que principalmente, lhe poem diante dos olhos, he que a vara do Juiz que os ha de julgar, he de ferro: *Reges eos in virga ferrea.* De ferros; porque he vara, que se não dobra: & de ferro; porque elles são vasos de barro, & os pôde quebrar facilmente: *Et tanquam vas figuli confringes eos.* Pois se a vara do Supremo Juiz he tão recta, que se não dobra, & tão forte; que ninguem a pôde dobrar; como se dobrou tão de repente no nosso caso? E se os Reys como mais poderosos são aquelles a quem principalmente ameaça a justiça desta vara; como essa mesma justiça se trocou de tal forte em tudo, que tendo condemnado hum Rey morto; segundo o merecimento de seus delitos, condemnado, o absolueo do Inferno, & morto o restitubio á vida. A primeira sentença não ha duvida, que foy justa, & justissima. E se foy justa, & justissima a primeira, como pode não ser injusta a segunda? Per-

doar-lhe depois de condemnado, não foy absolver o Reo, foy condenar a condemnação; & já não cae a segunda condemnação sobre o julgado, senão sobre o Juiz, & sobre a sentença.

242. O tempo, & lugar em que foy revogada, ainda se oppoem mais ás leys da justiça; porque foy em tempo em que já não tem lugar a misericordia. Pede misericordia a Igreja ao justo Juiz, mas quando ou para quando lha pede? *Iuste Judex ultionis, donum fac remissionis ante diē rationis.* Antes do dia da conta, se pôde alcançar perdão do justo Juiz: mas depois de tomada a conta, examinada a causa, & pronunciada a sentença em juizo donde não ha appellação, instando, & clamando a parte, & pedindo justiça, como se lhe pôde negar justamente? O Rosario que appareceo depois, nenhum merecimento accrescentou á causa, nem fez variedade nella; porque ainda que foy novo para os accusadores, não foy novo para o Juiz, de quem nada se esconde. Pois se o pro-

processo, & os autos na primeira, & na segunda sentença eraõ os mesmos, como podiaõ ser ambas justas, sendo taõ contrarias?

243. E senaõ, consideremos ao mesmo Juiz como Juiz, & como julgado. Assim o considera Santo Agostinho elegantemente: *Sedebit Judex qui stetit sub iudice, & damnabit reos qui falso damnatus est Reus.* No juizo universal, em que Christo ha de julgar a todos, & no particular, em que julga a cada hum, estarã assentado como Juiz, o que já esteve em pé diante do Juiz; & condenarã justamente os reos, o que injustamente foy condenado por Reo. Mas em que consistio esta injustiça, que Pilatos usou com Christo? Todos dizem, que em condenar o innocente conhecido por tal: & assim foy na execução. Porém no ditame do juizo, em que propriamente consiste a justica, ou injustiça, ainda foy mais injusto Juiz Pilatos. E porque? Porque julgou, que pelos mesmos autos podia condenar, ou absolver a Christo: *Nescis*

(lhe disse) *quia potestatem habeo crucifigere te, & potestatem habeo dimittere te?* Não sabes que tenho poder para te crucificar, & que tenho poder para te absolver? Não Pilatos: não sabe isso Christo, ainda que sabe tanto como Deos. O Juiz sô pôde condenar o culpado, sendo culpado, & absolver o innocente, sendo innocente; mas cõdenar, ou absolver o mesmo homem pelos mesmos autos isso não pôde ser em nenhum juizo. E isto que não pôde ser, he o que temos no nosso caso. O mesmo Rey, & pelos mesmos autos cõdenado, & o mesmo Rey, & pelos mesmos autos absolto. E que isto fizesse não outro, senão aquelle mesmo Juiz de quem cantaõ as Escrituras: *Cum Sancto Sanctus eris, & cum viro innocente innocens eris, & cum electo electus eris, & cum perverso perverseris.* Se cada hũ na sua boa, ou mã vida leva comsigo a sua boa, ou mã sentença ao juizo de Deos; como no mesmo juizo de Deos hũ Rey de taõ mã vida levou primeiro a mã sentença, & logo a boa? Tu

IX.

244. **T**udo o que atè-
qui arguimos
contra a justiça do Filho, fo-
raão encarecimentos da mi-
sericordia da Mãy , & dos
poderes do seu Rosario. E
tudo no mesmo Rosario, na
mesma Mãy , & no mesmo
Filho tão justificado , como
agora veremos, por mais que
as vozes do Inferno clamem
blasfemamente : *Injustè fe-
cisti*. Respondendo pois , &
co meçãdo pelo ultimo Tex-
to, que ainda nos atroa os
ouvidos , como tão famoso;
confesso que no sentido em
que o alleguey , tem por si
todos os Doutores. Mas pa-
ra que eu o interprete diffe-
rentemente , bastame o mes-
mo exemplo em que esta-
mos, como acção do pro-
prio Legislador , que he o
melhor interprete das suas
leys. Que quer dizer : *Cum
Sancto Sanctus eris, &c. &
cum perverso perverteris* ?
Quer dizer (dizem todos)
que como cada hum se ou-
ver com Deos, assim o expe-
rimentará consigo: se for
bom , será Deos para com

elle bom : *Cum Sancto San-
ctus eris*. & se for máo , será
Deos para com elle máo ,
(isto he, rigoroso) *Cum per-
verso perverteris*. Eu não di-
go assim. Digo que quer di-
zer o Profeta , que he Deos
tão justo , & tão misericor-
diofo com todos ; que para
os bons será bom, que isso he
ser justo: & para os máos tã-
bem será bom, que isso he ser
misericordiofo. Não diz
Christo allegãdo-nos o exê-
plo de seu Padre : *Qui solem*
suum oriri facit super bonos
& malos? Pois o mesmo digo
eu no nosso exemplo , & o
provo com as mesmas pala-
vras do Texto : *Cum per-
verso perverteris* : diz que
Deos no juizo com o per-
verso perverterá: & quando
perverte o Juiz no juizo ?
Quando julga conforme a
ley ? Não. Quando julga
contra ella , entãõ he que
perverte, porque perverte a
ley , perverte a ordem, per-
verte a regra com que se de-
vera conformar. Isto he pois
o que diz o Texto : & isto
he o que fez Christó no nos-
so caso , dispensando como
Juiz, & Legislador Supremo

na sua mefma ley. O Rey era mão, & Christo foy para com elle bom: o Rey era perverso, & Christo tambem perverteo: *Cum perverso perverteris.*

245. Mas notay q̃ o Texto não diz fõmente que perverterà, senão propria, & nomeadamente, que ferà perverso. Isto he *perverteris*. E assim succedeo no nosso caso. Porque se Christo perverteo a ley, sua Mãy o perverteo a elle, ou o obrigou a que a perversesse. Mas nem por isso injustamente. Antes daqui se segue, que entrando nesta mudança a authoridade, & patrocínio da Mãy de Deos, o que parece perversão não foy perversão; mas razão: *Perversio, quam putas, ratio est*: disse em outro pleito Tertulliano. E a razão de ser razão huma, & outra sentença; sendo tão diversas, qual he? Porque na primeira julgou Christo como justo, na segunda como misericordioso. Chama se Deos nas Escrituras, Deos dos castigos, & Pay das misericordias: *Deus ultionum, Pater misericordiarum*. E porq̃ dos cas-

tigos Deos, & das misericordias Pay? Porque as misericordias nascem delle: os castigos não nascem delle, nascem de nós. He o que tambem disse o mefmo Tertulliano profundamente: *Deus de suo optimus de nostro justus* lib. de Resur. carnis cap. 14 o ser bom; & o fazer bem, tem no Deos de sy; o ser justo, ou o fazer justiça, vem-lhe de nós. E essas foraõ as duas razões, ambas justificadas de hũa, & outra sentença. Na primeira condenou o Rey, como Deos justo, por suas culpas; na segunda absolvo-o sem merecimentos seus, como Pay das misericordias. Mas de tal modo como Pay, que a misericordia neste caso foy filha de Pay, & de Mãy. De Mãy; porque a Mãy das misericordias a pedio: de Pay; porque o Pay das misericordias a concedeo.

246. Com tudo parece que ainda está em pè aquelle primeiro Texto da vara de ferro: *Reges eos in virga ferrea*. Se a vara de Christo Juiz se chama de ferro, porque se não dobra, nem ha quem a possa dobrar; como se dobrou

brou taõ facilmente ? Não dobrou. A misericordia não he contraria á justiça, nem a justiça à misericordia. Foraõ dous golpes da mesma vara, mas ambos rectos. Moysès com a sua vara bateo duas vezes a pederneira, & do segundo golpe sahiraõ fontes:

Num.
20.11

Percutiens virgâ bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ. Se do segundo golpe, que foy o milagroso, sahiraõ fontes, do primeiro que foy natural, sendo pederneira, porque não sahiraõ faiscas? Porque a vara de Moysès não era de ferro. Porém a de Christo que era de ferro: *In virga ferrea:* obrou conforme a natureza da vara, & conforme a da mão que a movia. No primeiro golpe, que foy natural, tirou faiscas, & condenou o Rey ao fogo do inferno: & no segundo, que foy o milagroso, tirou fontes com que apagou o mesmo fogo, de que o absolveo, & livrou. Nem faz em contrario o que accrescenta o mesmo Texto: *Et tanquam vas figuli con-*

fringes eos: antes accrescenta mayor primor, & nova pro-

priedade à comparação. Diz que desfará com a vara de ferro os mãos Reys, não como quaesquer vasos de barro, se não como aquelles que ainda estaõ nas mãos, ou na officina do oleiro: *Tanquam vas figuli.* E que differença ha de hum barro a outro barro, & de huns vasos a outros? Muito grande. O barro que está na mão do official, ou na officina, & ainda não foy ao fogo, pô de-se reformar; porém depois que foy ao fogo, já não tem remedio. Não he a semelhança, & a differença menos que do mesmo Deos.

247. Mádou Deos ao Profeta Jeremias, q̄ fosse à officina de hum oleiro, porq̄ allí lhe queria fallar. Foy o Profeta, & como viffe, que hum vaso que o oleiro estava lavrando, se lhe descompoz, & quebrou entre as mãos, & elle amassando outra vez o barro, o tornàra a reformar entãõ lhe fallou Deos, & lhe disse desta maneira. Assim como vifte o barro nas mãos daquelle official, assim está o Povo, & Reyno de Judà nas minhas: já descomposto, já

quebrado, & sem a fôrma que eu lhe dey; mas capaz ainda de emenda, & reforma; se a quizer aceitar: & assim lhe prêgaràs de minha parte. Porém se elle perseverar na obstinaçãõ com que me offende; para isso pediràs aos Sacerdotes outro vaso de barro já cozido: *Lagunculam figuli testeam*: & quebrando-o às portas de Jerusaleem, diràs em alta voz a todos tambem em meu nome: assim como este vaso depois de endurecido no fogo. & quebrado senão pôde restaurar, nem tem remedio, assim o não terá este Povo:

Jerem 19. 1. *Sic conteram populum istum, sicut cõteritur vas figuli quod non potest ultra instaurari. Se o Rey condemnado por suas culpas estivera já no fogo do inferno nenhum remedio tinha, porque *In inferno nulla est redemptio*: mas por isso a Senhora do Rosario chegou ao mesmo ponto, em que os Demonios lhe querião arrebatãr a Alma, para que tornando à vida, a reformasse, & emendasse como emendou; & por este modo de vaso que era de*

ira, se trocasse, como trocou em vaso de misericordia. Fallo por boca de S. Paulo, o qual diz, que do mesmo barro de Adaõ fez Deos l.ús homens para vaso de ira, que são os que se condenaõ: *In Rom. vasa iræ, apta in interitum*. & 9 22. outros para vasos de misericordia, que são os que se salvaõ: *In vasa misericordie, quæ præparavit in gloriam*. E com que poder, & com que justiça faz isto Deos? Com aquelle poder, & cõ aquelle justiça (responde o mesmo S. Paulo) com que o official que tem o barro nas mãos pôde fazer delle huns vasos para o fogo, & outros para o Altar: *Aliud quidem vas in honorem, aliud verò in contumeliam*. Oh força da Providençã, & Predestinaçãõ Divina! Oh poderes da Mãe de Deos, & do seu Rosario: O Rey cõ mettendo tantas maldades se descompoz, & dispoz para o fogo como vaso de ira, & a Mãe de Deos, pôdo nelle as rosas do seu Rosario, o cõpoz, & dispoz para o Altar como vaso de misericordia. Por isso resuscitou, exclamãdo: *Ob benedictio*

*Benedictum Rosarium Virginis
 Mariae; per quem sum libera-
 tus à damnatione gehennæ.*

X.

248. **T**emos respondi-
do, & justifica-
do a causa com a declara-
ção dos Textos. Resta por-
fim satisfazer às razões, ou
apparencias em contrario;
que se o juizo não fora de tal
Juiz, poderão ser mais que
apparencias. Era a primeira,
que depois de dada a senten-
ça, condemnado o Reo, & de-
cretado o castigo: já não ha-
via tempo, nem lugar para
ser revogado Mas quem isto
diz, nem conhece a sobera-
na authoridade da Virgem
Maria, nem quaõ superiores
são a toda a outra razaõ as
que Deos tem de não negar
couza alguma à sua inter-
cessão, & aos merecimentos
do seu Rosario. Tinha El-
Rey Assuero sentenciado á
morte todos os Hebreos de
seus Reynos: estavaõ já pas-
fados os decretos, & firma-
dos com o anel, ou sello
Real, & publicado o dia da
execução, de que aos mes-

mos condemnados não era li-
cito appellar, (como tam-
bem não appellou o nesso
Reo) mas apparecendo a
Rainha Esther diante do
Rey; só com a declaração da
sua vontade se revogáõ os
decretos, & ficáraõ absol-
tos os condemnados, Isto he o
que refere a historia Sagra-
da; mas não he esta mudan-
ça, com ser taõ notavel, o q̃
mais se deve notar, & pon-
derar nella. Era ley inviola-
vel dos Perlas, & Medos, que
depois de o Rey passar algũ
decreto, nem elle mesmo o
podia revogar. Assim se lê
no livro de Daniel, & essa
foy a causa; porque o mes-
mo Rey o não pode livrar
do lago dos leões: *Scito Rex, Dan:*
quia lex Medorum atque Per- 15. 6
sarum est, ut omne decretum
quod constituerit Rex, non li-
ceat immutari. Pois se os de-
cretos do Rey hũa vez pas-
fados, & firmados por elle,
eraõ taõ severamẽte irrevoga-
veis naquelle Imperio, co-
mo os fez revogar Esther,
& taõ facilmente?

249. Razaõ que justifi-
que a Assuero, & o livre de
pouco observante das leys

que tinha jurado¹, ninguém ha que a dê cabal na historia, mas na allegoria, & no que a mesma historia representava, todos. Santo Thomás, S. Gregorio Nicomedense, S. João Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardino, & todos commumente dizem, que Assuero, o mayor Monarca do mundo naquelle tempo, representava a Deos, & a Rainha Esther a Rainha dos Anjos, não por hũa, senão por muitas prerogativas. Esther quer dizer: *Pulchra ut luna*: & esse he o titulo de Maria só inferior ao Sol. De Esther diz o Texto: *Invenit gratiã in conspectu illius*: a Maria disse o Anjo: *Invenisti gratiam apud Deum*: de Esther o Texto: *Adamavit eam Rex plusquam omnes mulieres*: a Maria o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus*. Esther coroada por Rainha dos Persas, & Medos, Maria com a coroa do universo: Esther Redemptora do seu Povo, Maria Corredemptora do genero humano; em fim a Esther disse o Rey, que aquella ley feita para todos

não se entendia nella: *Non pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est*: & sendo Maria a exceiçãõ sobre humana das leys geraes de Deos; não he muito que o mesmo Deos quebre decretos, revogue sentenças, & absolva condemnados por sua intercessãõ, & a seu respeito. Só se podia desejar que entrassem nos motivos de tão extraordinaria dispensaçãõ os merecimentos do seu Rosario: mas tambem nesta circumstancia não faltou a historia. Nota o mesmo Texto que Esther para mais agradar ao Rey em negocio tão difficuloso, entrou à sua presença com a fermosura, de que tão singularmente era dotada, revestida de cor de rosas: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa & gratis ac nitentibus oculis*. E a que fim faz este reparo o Texto, sendo que em toda a Escritura só esta unica vez se acha tal palavra? Sem duvida para que a propriedade da historia não faltasse nella parte a huma tão particular circumstancia da allegoria. E para que entendessemos que aquella cor de rosas

Cam.
6.9.

Esther
2.9.

Luc. 1.
30.

Esther
2.7.

Luc. 1.
28.

Esther
15.8.

rosas

rosas em tão manifesta significação do Rosário, fora hum novo, & não côrado-titulo, senão legitimo, de se revogar o decreto, & absolver o condenado: & cõ que mais agradou, & obrigou ao soberano Juiz a soberana intercessora: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa & gratis, ac nitentibus oculis.* Assim que aquella tão extraordinaria graça não sò a alcançou a Virgem Maria como Rainha, como Esposa, & como Mãe, senão como Senhora do Rosário: *Roseo colore perfusa.*

250. Mas que diremos àquella fortissima instancia da condemnação, & absolvição pelos mesmos autos? Digo que não he novo em Deos dos mesmos motivos tirar contrarias resoluções, primeiro em quanto justo para castigar, depois em quanto misericordioso para absolver. Mas no tal caso (de que sò temos hũ nas Escrituras) tambem tem a sua parte a Virgem do Rosário. O mayor castigo que Deos executou neste mundo, foy aquelle em que affogou o

mesmo mundo na inundação universal do diluvio. E que motivo teve Deos para hum tão notavel castigo? O mesmo Deos o disse & mandou escrever por Moysès: *Videns Deus quòd cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum: delebo, inquit, hominem à facie terræ:* vendo Deos que todos os pensamentos do coração humano, eraõ inclinados, & applicados ao mal, resolveo de acabar com o homem, & tiralo da face da terra. Esta foy a primeira resolução de Deos. E depois della executada, resolveo mais algũa cousa? Resolveo: mas tudo contrario; porque decretou que não ouvesse mais outro diluvio. E porque motivos? Aqui está o ponto da admiração. Pelos mesmos motivos sem differença alguma, porque tinha resolluto o primeiro diluvio. Ouvi as palavras: que totalmente são as mesmas: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines: sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt.* Não quero (diz Deos) que haja outro dilu-

vio, que inunde a terra, & afogue os homens ; porque todos os pensamentos do coração humano são inclinados, & applicados ao mal. Pois se cite foy o motivo, porque Deos destruhio o mundo com o diluvio, como toma agora o mesmo motivo para resolver firmemente, que não haverá outro diluvio? Se o motivo foy outro para hũa resolução tão encontrada ; isso pôde fazer a razão, & a conveniencia : mas duas resoluções totalmente oppostas, ambas pelo mesmo motivo ? Sim ; porque as mesmas causas, q̄ são justo motivo à justiça de Deos para castigar, podem ser motivo também justo à sua misericordia para absolver. No tempo de Noè condenados os homens ao diluvio, porque os seus corações eraõ inclinados ao mal: *Quod cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum.* & depois, livres para sempre os mesmos homens do diluvio, porque os seus corações são inclinados ao mal: *Sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt.*

251. Deste modo, persistindo os mesmos motivos assim naquelle caso, como no nosso, usou Deos primeiro de sua justiça, & depois de sua misericordia. E para que vejamos a parte que nella teve a Senhora do Rosario, ouçamos ao mesmo Deos.

Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram: Gen. 9. 13.
 porey (diz Deos) o meu Arco nas nuvens, & este será o sinal entre mim, & o mundo da promessa, & merce que lhe fiz de o livrar para sempre de outro diluvio. E que Arco he este de q̄ Deos falla, & chama seu ? Historicamente he a Iris de tres cores, que por reflexão dos rayos do Sol apparece nas nuvens. Allegoricamente he a Virgem Maria, que concebeo em si ao Sol Divino, & de quem reccebeo toda a graça. Assim o dizem S. Efre^m, S. Ant. Santo Antonino, S. Bernardi^{no} de Sena. E mais especialmente he a mesma Virgem em quanto Senhora do Rosario, cujos mysterios se representam nas tres cores da Iris: na verde os gozosos, na
 ver;

vermelha os dolorosos, na azul os gloriosos. Esta imagem pois da Senhora do Rosario pinta Deos nas nuvens todas as vezes q̄ ellas se orvalhiõ para comecar a chover em sinal daquella grande misericordia que u sou cõ o mundo, quando tendo somente motivos para o castigar, & os mesmos motivos porque já huma vez o tinha castigado, lhe perdoou com tudo o mesmo castigo, & mudou a sua sentença. Quando os homens vissem toldar o Cêo de nuvens, podiaõ temer que perseverado nelles os mesmos motivos porque Deos tinha alagado o mundo, assim como se tinha arrependido da primeira execução, assim se arrependesse outra vez de não executar a segunda. E para os livrar deste justo temor, deulhes por fiadora a Virgem do Rosario, dizendo que no tal caso poria os olhos nella, cõ

Gen. 9.
4.15
16. que estariaõ seguros: *Cum-que obduxero nubibus Cælum, apparebit Arcus meus in nubibus; & videbo illum; & recordabor fœderis mei vobiscũ.* Taes são os poderes da Vir-

gem Maria; & tal a valia para com Deos do seu Rosario, que nelles se pôdem segurar os ho nens de que as mesmas mãs obras porque huma vez foraõ condenados, não sejaõ outra vez impedimento para serem absolto. Assim succedeo no caso do diluvio, & assim no nosso. A primeira vez condenado o Reo & excluido da Bemaventurança por não guardar os preceitos divinos conforme a ley universal de Christo: *Beati qui audiunt verbũ Dei, & custodiunt illud.* a segunda vez absolto, & admittido à mesma Bemaventurança conforme o privilegio particular da Mãy do mesmo Christo: *Quinimo Beatus venter qui te portavit.*

XI.

252. **P** Areceme que tenho provado o que prometti; mas com que utilidade? Que se pôde colher de tal vida, de tal morte, & de tal salvaçãõ? Nem a vida he boa para o exemplo, nem a morte para o desengano, nem a salvaçãõ para

a esperança. Que utilidade podem logo tirar de hum caso tão estupendo os devotos da Virgem Santissima? Por ventura q̄ se descuidem de a imitar em ser Santos, & se deixem viver, & ainda morrer em peccado, fiados na virtude do seu Rosario? Nem da fê, nem do entendimento dos que me ouvirão, nem ainda da má consciência de algum presumo tal erro. Semelhantes prodigios da misericordia mais são para a admiração, & ainda para o temor, que para a imitação, & confiança. São para dar o parabem à Mãe de Deos de tão soberano poder, & para dar as graças a seu Bendito Filho de tão immensa bond. de. Mas porque não fique este Panegyrico de ambos sem algũa doutrina propria do mesmo discurso: havendo sido o venturoso fogeito de todo elle hum Rey devoto do Rosario, & nem bem devoto, nem bom Rey, concluamos com dous documentos, hum para os Reis, & outro para os devotos.

253. O que considera

por parte dos Reys, & se não pôde considerar sem grande dor, he o muito que perde Deos, & o mundo por falta de bons intentos nos que tudo podem; Se não sabem ser bons Reys, saibão ao menos fazer bons vassallos. Santifiquem as vontades, & vidas alheas, se não se atrevem, nê tem valor para mortificar os appetites propios. He circumstancia digna de toda a admiração, & reparo, que querendo a Senhora introduzir, & estender em todo aquelle Reyno a devoção do seu Rosario, não escolheffe por instrumento para esta obra, nem algum Santo que fizeffe milagres, nem algum Bispo, ou Prelado de grande zelo, nem algum Pregador famoso de grãde eloquencia, & espirito, senão hum Rey, & de não boa vida. Mas a razão conhecida, & experimentada, & digna da eleição de tão soberana Rainha, foy, porque para promover o serviço de Deos, & culto divino, posto que os Reys sejaõ seculares, são mais aptos & mais porporcionados instrumentos, que os Ecclesiasticos,

nicos. A fabrica do Tabernaculo não a encomendou Deos a Araão, que era o Summo Sacerdote, senão a Moysés, que era o Supremo Governador do Povo. O Templo não o edificou o Summo Sacerdote Sadoc, senão El-Rey Salamaão. Os Officios Divinos, o Canto Ecclesiastico, o ministerio Levitico pertencente ao Altar, & aos sacrificios não o ordenou o Summo Sacerdote Abiathar, senão El-Rey David. E não obraõ isto melhor, & mais efficaçmente os Reys por mais zelosos, ou mais pios; senão por mais poderosos, por mais obedecidos, & tambem por mais adulados: que tanto importaõ atè a Deos as dependencias humanas. Esta foy pois a razão divinamente politica, porque a Senhora quiz fundar, & propagar naquelle Reyno o seu Rosario por meyo do Rey, sem fazer caso de que nelle não concorressem outros exemplos de piedade, fiando que bastaria sò o respeito, & agrado Real para plantar em todos a devoção a que elle se mos-

trava tão inclinado. Oh como he certo com experiencias luttimosas de cada dia, que por falta de semelhantes demonstrações se perdẽ infinitos augmentos da Religião, & Christandade, os quaes poderaõ conseguir, & promover os Principes com mais leves diligencias ainda que a de trazer hum Rosario pendente do cinto.

254. E para que os devotos do Rosario se confirmem mais na sua devoção, & os que o não forem; de hoje por diãte a anteponhaõ a todas as outras; considerem, que se por hum Rosario publico, sòmente exterior, & não rezado, a piedosissima Virgẽ resuscita mortos, revoga sentenças, absolve condenados, confunde o inferno, & reduzio ao caminho certo da salvação huma Alma tão desesperada della, & lhe alcançou o perdão de tantos, & tão enormes delictos diante do Tribunal severissimo da Divina Justiça, que fará a mesma Senhora por qualquer outro peccador, que rezando, & meditando o mesmo Rosario cõ

dor,

dor, & detestação de ter of-
fendido a Deos, invocar seu
poderosissimo patrocínio ?
Diz S. Boaventura que no
patrocínio das causas se vê a
excellencia do Advogado,
em tres circumstancias: Se o
Juiz he justo, & sabio, o ad-
versario sagaz, & astuto, & a
causa desesperada: *Sapientia,*

festatur in tribus, primo scilicet, quod obtineat apud justū, & sapientem judicem: secundo, contra adversarium astutum, & sagacem: tertio, quod in causa desperata. Et das estas circumstancias foraõ as mesmas do nosso caso. O Juiz tão justo, & sabio como o mesmo Christo: o adversario tão sagaz, & astuto como o Demonio; & a causa tão desesperada como aquella que já estava sentenciada a final castigo. *Sed Maria* (continua o mesmo Santo, como se concluirea comigo este Sermão) *obtinuit apud sapientissimum, & justū Judicem Deum, contra astutissimum adversariū diabolū,*

& in causa desperatissima inter Deum, & hominem. E se a sabedoria, a eloquencia, & o poder da soberana Advogada dos devotos do Rosario, com o Rosario retuta o Demonio, com o Rosario convence a Deos, & com o Rosario na causa mais desesperada, a peccadores já sentenciados, & condenados livra do inferno; nenhum haja tão desconfiado de sua falvação, q̃ a não espere firmemente do patrocínio, & intercessão da mesma Senhora, & dos poderes do seu Rosario: porque na falta da observância dos divinos preceitos, a que o Filho promete á Bemaventurança: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud;* suprirá com a dor de os não termos guardado, o merecimento, & graça da Mãe, até nos levar, como tantas vezes lhe pedimos, onde com as vozes de todos os Bemaventurados lhe cantemos eternamente: *Beatus venter, qui te portavit.*

SERMAM VII.

Salmon autem genuit Booz de Rahab.

Matth. I.

I.

255.



Alvarêse os Prêgadores, & perderêse os ouvintes; ou salvarem-se os ouvintes, & perderêse os Prêgadores, casos são, & desigualdades, que pôdem ter acontecido muitas vezes no mundo. Mas assim como perderemse os Prêgadores, & os ouvintes seria a mayor desgraça; salvaremse huns, & outros não será a mayor felicidade que se pôde dezejar? Claro está que sim. Pois tal he a que por meyo do seu Rosario nos promete neste Sermão a Virgem Senhora nossa. Queira a mi-

sericordia, & bondade de seu bendito Filho que não falte por parte do Prêgador. Mandando Deos ao Profeta Ezequiel, que fosse prêgar ao seu Povo, disselhe cõ eleição, & nome notavel, que o tinha feito sentinella da Republica de Israel: *Fili hominis speculatorem dedi te domui Israel.* E porque são; ou devem ser sentinellas os Prêgadores? Porque tem as mesmas obrigações, & os mesmos encargos. A sentinella está vigiando do alto para toda a parte, & se vé vir os inimigos, dá rebate, toca a arma, & aviza a Cidade a grandes brados. Esta he a sua obrigação. E os encargos
quacs

Ezech
3. 37.

quaes são? Os que logo declarou o mesmo Deus ao Profeta. Se vires o perigo, & o não aviares à Cidade; perecerá a Cidade, & tu também perecerás; porque te hey de pedir conta della, & de todos seus moradores. Porém se tu aviares como devés, & a Cidade se não armar, nem defender, ella se perderá por sua culpa, & tu porque anaõ tiveste, ficarás livre. Taõ perigoso como isto he o officio de Prêgador, & tanto igualmente o perigo dos ouvintes; se não se aproveitarem do que elle lhes prégar. E pôde haver álem destes, outro terceiro caso? Sim pôde, & felicissimo, o qual tambem apontou o mesmo Deus. Mas se tu, diz o Senhor, fizeres tua obrigação bradando, & a Cidade, & seus moradores fizerem a sua, crendo o que lhe differes, armando se, resistindo, & vencendo; neste caso tu, & mais elles todos serão salvos. Isto he o que Deus principalmente pertêde, & este o fim, & officio dos Prêgadores. Os Prêgadores são as sentinellas da

Igreja, os Templos as suas fortalezas, as guaritas destas fortalezas os pulpitos, & as prêgações de verdadeira, zelosa, & importante doutrina os rebates com que avisaõ, & admoestaõ aos ouvintes do estado perigoso de sua salvaçaõ. Assim o determino fazer hoje, com tanta esperança de se aproveitarem muitas Almas, como no principio disse, & não sem novo, & grande exemplo no mesmo thema, que propuz. Chegado Josué à vista da terra de Promissaõ, mandou duas sentinellas, que occultamente fossem explorar a Cidade de Jericó, que era a primeira q̄ havia de ser conquistada. Entráraõ na casa de Rahab, que estava pegada aos muros, avisaraõ-na do seu perigo, & de toda a Cidade: & foy com taõ felice successo de ambas as partes, que as sentinellas sendo vistas, & bulcadas, escaparaõ das mãos dos inimigos, & Rahab, sendo destruida, & abrazada a Cidade, só ella com toda a sua familia se livrou do incendio. Dizem agora os Expositores, que as sentinellas de

de Jofuê são os Prégadores de Jefu, & Rahab, & fua familia os ouvintes que fazem o que elles dizem. Mas o que faz mais admiravel o calo, he, que affim os Prégadores, como os ouvintes; todos forão salvos pelo mefmo inftrumêto. Este nos dirá o difcurfo, que foy o Rosario.
Ave Maria.

II.

Matt. Salmon autem genuit Booz de Rahab.
1.5.

256. **E** Stamos com o Evangelho em Jericò remota, mas original Pátria da Virgem Maria, & na qual profetizou a mefma Senhora as exaltações do feu Rosario: *Exaltata sum quasi plantatio Rose in Jericò.* E porque razaõ mais em Jericò, que em outra terra fertil tambem de Rosas? Porque entre todas as Rosas do mundo, fõas de Jericò (de que já outra vez citey os Autores) nafcem vestidas de cento & cincoenta folhas. Affim que a terra de Jericò, onde chamamos, nas Rosas nos

dá o nome do Rosario, & nas folhas o numero; ou as contast delle. Os effeitos maravilhosos veremos agora.

257. *Salmon autem genuit Booz de Rahab.* Esta Rahab, de quem diz o Evangelista, que Salmon Principe do Tribu Real de Judá gerou a Booz, não fõ era Gentia de nação Cananea, mas publicamente de ruim vida. E affim este exemplo, como outros tres que se lem no mefmo Evangelho, o de Thamar, o de Ruth, & o de Berfabè, deraõ jufto motivo aos Santos Padres para inquirir a cauza porque na Genealogia de Christo, & de fua Santiffima Mãy, se nomeem declaradamente estas quatro mulheres todas notadas de acções culpaveis, & afrontofas, calládo-se muitas outras conhecidamente santas, & de vida louvavel. Se se nomea Rahab mãy de Booz; porque fenaõ nomea Sara mãy de Ifaac? Se se nomea Ruth mãy de Obed; porque fenaõ nomea Rebecca mãy de Jacob? Se se nomea Thamar mãy de Farez; & de Zaráõ; porque fenaõ

nomeaõ Lia, & Raquel, mãys das cabeças mais nobres dos doze Tribus? E se tambem de Bersabê se faz mençaõ ; porque senaõ faria de outras mulheres mais leaes a seus maridos : do que ella foy a Urias? Póde-se responder, & com razãõ, que onde na arvore da geraçaõ de Christo, & nõ cume mais alto della se vê com o Filho de Deos

Matt. nos braços de Maria: *De qua*
1.16. *natus est Jesus:* toda a outra santidade por grande que seja desapparece, & se occulta; & tudo o que apparece, & se descobre, mais he vicio q̃ virtude. A vista da bondade de Deos ninguem he bom ;

Luc.
18.19 *Nemo bonus nisi solus Deus :* à vista de sua infinita pureza até a dos Anjos parece culpa: *In Angelis suis reperit*

Job. 4. *pravitatem:* & o mesmo que se diz de Deos absolutamente, com a devida proporçaõ se pôde tambem dizer de sua Mãe. O que eu digo confiadamente, he, que á vista da mesma Senhora todas as mulheres santas se occultaõ ; porque a santidade de Maria se escurece: & sãõ apparecem, & sãõ vistas as pecca-

doras, porque o seu resplandor as allumia. Quando a primeira vez foy vista no mundo a Virgem Maria, o que disseraõ admirados, & lhe cantaraõ a dous córos o Ceo, & a terra, foy, que era fermosa como a Lua, & escolhida como o Sol: *Pulchra ut Luna, electa ut Sol.* E porque he comparada a mesma Senhora a taõ differêtes Planetas, hum que preside ao dia, & outro que preside á noite? Porque o Sol escurece as Estrellas, a Lua allumia as trevas. E isto he o que faz neste fermoso Anfithatro, ou neste Emisferio do Evangelho, quando se pronuncia no fim delle o nome de Maria. Naõ apparece Sara, Rebecca, Raquel, nem Lia, que eraõ as Estrellas da virtude: porque Maria como Sol as escurece: & sãõ apparecem, & sãõ vistas; Rahab, Thamar, Ruth, & Bersabê, que foraõ as trevas dos vicios, porque Maria como Lua as allumia. As escurecidas pelo que sãõ: as allumiadas, pelo que foraõ, & todas melhoradas, & honradas pelo resplandor de Maria.

Isto

III.

258. **I**sto he o que eu dis-

sera. Porém a ra-

zaõ, ou resposta commua

dos Doutores com S. Jerony-

mo, Santo Ambrosio, S. Joã

Chrysofomo, & outros Pa-

dres, he, que se não contaõ

na Genealogia de Christo al-

gũas mulheres santas, senãõ

sõmente as de vida em outro

tempo culpavel; para que

no feu mesmo nascimento

mostrasse o Filho de Deos,

que pois se dignava nascer

de peccadores, vinha a livrar

a todos de seus peccados. As

palavras de S. Jeronymo sãõ

estas: *Notandum in Genealo-**gia Salvatoris nullam Sãctar-**um assummi mulierum, sed**eas quas scriptura reprehedit;**ut qui propter peccatores ve-**nerat de peccatoribus nascẽs,**hominũ peccata deleret. Acei-**tada pois, & reverenciada,**como devo, esta razaõ; não**posso deixar de admirar, &**ponderar nella duas cousas**em que muito reparo Os de-**feitos de que foraõ notadas,**ou infamadas: estas quatro**mulheres, todos pertencẽm à**honestidade. Ruth, que foy a*

menos murmurada, he certo

que sollicitou o talamo de

Booz: a culpa de Bersabẽ

notoriamente foy adulterio,

a de Thamar incesto, & o da

nossa Rahab cõmercio de si

mesma publico, & vago, co-

mo declara o nome de Ra-

hab meretriz. Pois se em

muitos dos outros ascendẽ-

tes desta larga Genealogia se

achãõ outros peccados de

todo o genero, & não pou-

cos, ainda mais graves: por-

que se faz sõmente memoria

& se trazem só por exẽplo

os que encontraõ, & offen-

dẽm a honestidade? Não

foy a redempçaõ de Chris-

to taõ copiosa, como lhe cha-

ma o Profeta, que nos remio,

& livrou de todos os pecca-

dos, & se foraõ infinitamen-

te mais, & mayores, tambem

nos livraria delles? Sim: &

as mesmas palavras o dizem:

*Ut de peccatoribus nascẽs, om-**nium peccata deleret;* porque

se faz mençaõ logo deste sõ

peccado, quando se diz que

nasce Christo de peccado-

res, porque vem a salvar de

todos os peccados?

259. Porque he tal o

peccado da deshonestidade,

que

Ambr.
Chryf.
Eubi-
mius,
*& alii.**D. Hir*
l. i cõ
ment.
in Mat
thæum

que ou elle só comprehende todos os peccados, ou todos se contêm nelle. Não foy este o peccado da Magdalena? Este foy como todos sabem. E com tudo o Evangelista S. Lucas sem reparo, nem escrupulo lhe chama absoluta-

Luc. 7 mente a peccadora: *Mulier*
37. in Civitate peccatrix. Pois hũ peccado particular em certa especie merece o nome, & censura universal de todo o peccado? Nesta especie, sim, & assim o qualificou o Evangelista; porque o peccado da sensualidade he hũ compendio universal de todos os peccados, & hũa supposiçãõ certa de todos. Por isso se refere no mesmo Evangelho, que Christo lançára do corpo da Magdalena sette Demonios: *De qua ejecerat septem Dæmonia.* E que sette

Marc. 16.9. Demonios.eraõ estes? Eraõ,
Luc. 8 diz S. Gregorio, os sette Demonios, que presidem aos sette peccados capitaes, ou os mesmos sette peccados capitaes peores que os mesmos Demonios, os quaes são cõpanheiros inseparaveis do vicio da torpeza. Os outros vicios pôdem andar separa-

dos huns dos outros, & ainda encontrados; porẽm o vicio da torpeza, ou juntos em si, ou encadeados apoz si, sempre os traz todos consigo, He doutrina, & conclusãõ esta de todos os Padres sem faltar hum só. Ouçamos por todos a Santo Agostinho: *Nulla virtus, nulla bonitas, D. nulla sapientia cum luxuria stare potest, sed omnis pervertitas in ea regnat.* Ninguem cuide, diz Agostinho, que a torpeza he hum só vicio, hũa só maldade, hum só erro, & hũa só ignorancia. Porque? Porque he hum vicio que se oppoem a toda a virtude: *Nulla virtus:* he huma maldade que destrõe toda a bondade: *Nulla bonitas:* he hum erro, & ignorancia, que cega, & escurece toda a sabedoria: *Nulla sapientia* em fim he hum peccado em que dominãõ, & reynãõ todos os peccados: *Omnis enim pervertitas in ea regnat.*

260. E para que fique mais clara esta tão importãte verdade, vejamola com S. Joaõ admiravelmente retratada no seu Apocalypse: Diz S. Joaõ que vio huma
mulher

mulher assentada sobre hum môstro, encubertado de purpura, o qual tinha sette cabeças, & dez pontas: *Vidi mulierem sedentem super bestiam coccineam, habentem capita septem, & cornua decem.*

Apoc. 17. 1. As galas de que vinha veltida a mulher eraõ taõ ricas,

como o costumaõ ser as que se compraõ para o corpo vendendo a Alma: *Circundata purpura, & auro, & margaritis.* Trazia na mão hũa taça de ouro chea de todas as abominações, & delicias torpes: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, & immunditia.* E o que fazia com esta taça, era brindar a todos os Reys do mundo; os quaes, & quantos della bebiaõ, todos perdiaõ o juizo: *Cum qua fornicati sũt Reges terræ, & inebriati sunt qui inhabitant terram de vino prostitutionis ejus.* Quem fosse, ou representasse esta mulher, ninguem haverà que o não tenha entendido. S. Joaõ lhe chama a Grande Meretrice: *Meretricis magnæ.* & ella mesm. publicamente, & sem nenhum pejo trazia escrito na testa hum letreiro,

16. 4. que dizia: *Babylon magna, mater fornicationum.* Eu sou a Grande Babylonia mãy de todas as torpezas. Nota particularmente o Evangelista, que todos aquelles a quem ella brindava, em vez de lhe fazerem a razão, a perdiaõ: *Et inebriati sunt de vino prostitutionis ejus;* porque o primeiro, & mais pernicioso effeito da torpeza he entorpecer, & tirar o juizo a todos os que se lhe entregaõ: *Cum luxuria semel mentem invaserit, nullum bonum cogitare permittit:* diz S. Gregorio Papa. E este he o mystério porque a sensualidade vinha assentada sobre hum bruto, que he o appetite bruto, & irracional, que senaõ distingue della: *Sedentem si per bestiam.*

261. Mas esse mesmo bruto, a cujos passos ella caminhava para a condemnação, como diz o Texto; porque o pintou Deos ao Evangelista com sette cabeças, & dez pontas: *Habentem capita septem, & cornua decem?* Parece que o numero das pontas havia de responder ao das cabeças, & serem sómente

fete pontas : ou o numero das cabeças havia de responder ao das pontas, & serem tambem dez cabeças. Pois se as cabeças eraõ fete, porque eraõ as pontas dez? Bem se mostra ser Deos o Pintor de huma figura tão natural. Nas cabeças eraõ significados os poderes com que a sensualidade domina, & nas pontas as armas com que pelee, & os estragos que executa. A sensualidade entre os fete peccados capitaes tẽ hum sò lugar, que he o terceiro; & contra os dez mandamentos tem tambem hum sò, que he o sexto: mas porque sendo hum sò peccado capital, domina em todos fete; por isso tem fete cabeças: *Capita septem*: & porque oppondo-se a hum sò mandamento, destrõe, & desbarata todos dez; por isso tem dez pontas: *Et cornua decem*. De sorte, que sendo hum sò peccado, & encontrando hum sò mandamento, assim entre os peccados, como contra os mandamentos he hum, que pôde tanto como todos. E como o peccado da deshonestidade he

hum peccado em que se contém, & resumem todos; por isso com grande propriedade faz sò menção o Evangelista dos peccadores deste genero; quando diz que nasce Christo para Salvador de todos os peccados: *Ut omnium peccata deleteret*.

IV

262. **A**tra agora o meu segundo reparo, que não he menos bem fundado que o primeiro. Que se faça sòmente menção do peccado da deshonestidade porque nelle vão compendiados, & resumidos todos os outros, bem está. Mas nesta mesma Genealogia temos Judas, Booz, David, Salamaõ, & a outros muitos homens, que também delinquirão no mesmo peccado. Pois porque sennão introduzem, & allegaõ os exemplos, ou escandalos dos homens, sennão os das mulheres? Porque nas mulheres assim como he mais afrõtofo este peccado, assim he mais perigoso, & mais pernicioso. Consideray todos os
estragos

estragos que tem feito no mundo o peccado da des-honestidade, & achareis que as mulheres foraõ a origem, & as mulheres a causa. Descreve S. Bernardo o vicio da sensualidade assentado em huma carroça, & diz que esta carroça se move sobre quatro rodas, que tiraõ por ella dous cavallos, & que os governa, ou desécaminha hum cocheiro. Eu na applicação destas partes me desvio alguma cousa da idea do artifice; mas creyo que elle o haverà por bem. As quatro rodas sobre que se move a carroça da sensualidade, saõ a abundancia, a gula, a ociosidade, & a delicia. Os dous cavallos fortes, & bem pensados que tiraõ por ella, hũ he o gofsto do presente, outro o esquecimento do futuro. O cocheiro que os governa, he o appetite não sò cego de seu nascimento, mas sobre isso com os olhos vendados. Não leva as redeas na mão, porque aquelles cavallos não soffrem redeas: & sò se serve do açõute incessantemente, com que os esperta, & incita a que cor-

raõ a toda a furia, a que se precipitem, a que se despe-nhem. Nesta carroça pois taõ mal guiada peleja; & por isso mesino vence a sensualidade, & porque raramente he vencida, como diz Santo Agostinho, nella triunfa, & triunfou sempre do mundo desde seu principio.

263. A primeira figura, que apparece neste lastimoso triunfo, he Adão vestido de pelles, lançado do Paraizo, & despojado do imperio do mundo por huma mulher, & essa, não alhea, mas propria. Oh quantos filhos o seguem sem cabeça, porque a não tiveraõ! Mas as mesmas que lha fizeraõ perder, para mayor ostentação, & publicidade as levaõ nas mãos. Dina leva na mão a cabeça de Siquem: Jael a cabeça de Sifara: Dalila a de Sanção: Judith a de Olofernes: Berfabè a de Urias: Thamar a de Amon, filhos ambos de David; & Herodias a mayor cabeça que nasceo entre os nascidos, a do grande Bautista. Mas que muito que cada mulher destas em diferentes idades, ou desse, ou

ocasionasse a morte a cada hum destes homens taõ notaveis no mundo; se a quantos hoje saõ , a quantos foraõ , & a quantos haõ de ser, huma só mulher os matou a todos, Eva ! Admiramo-nos de que huma só Helena com dez annos de cruelissima guèrra abrazasse finalmente a Troya , & não advertimos que em todas as partes do mundo ouve Troyas, & Helenas. Helena foy da Asia Semiramis em Babylonia , Helena da Africa Cleopatra no Egypto; Helena da Europa Lucrecia em Roma, & Helena de Espanha , não Florinda, mas Cava. Aquella com o Cetro de Romulo acabou de hũa vez todos os Reys Romanos, & esta com o de Rodrigo cattivou por oito centos annos o florentissimo dos Godos. E se a intemperança de huma sò mulher, ou voluntaria, ou rendida, faz tamanhos estragos, que fará a de muitas juntas ? Não fallo nos poderosissimos exercitos, nem de Moyfés em Moab , nem de Anibal em Capua , nem de Antioeo nas suas bodas , feri-

dos, & desbaratados desta peste; porque tudo desaparece á vista do que agora vejo. Vejo fluctuar todo o mundo dentro em huma Arca , & todo o genero humano; não nadando, mas affogado debayxo do diluvio. E de hum castigo taõ universal, taõ estranho, taõ horrendo, taõ novo, & nunca repetido, qual seria a causa? A causa, diz o Texto Sagrado, que foy a universal corrupçaõ, que só se podia curar com a universal sepultura: *Omnis quippe caro corruperat viam suam* : & se perguntarmos à mesma Escritura qual foy a causa dessa corrupçaõ? Com a mesma clareza responde que não foy outra senão a descõpostura das filhas dos homens, que corromperaõ a virtude dos filhos de Deos: *Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchræ.*

264. Já não tem mais mundo para onde correr a sensualidade, pois já o assolou, & destruhio todo, & já aqui poderà parar o seu infame, & portentoso triumpho, mas

Gen 6.
12.

Ib. 21

mas

mas quer levar atado às rodas da sua carroça, como o mayor trofeo de todo elle, a fabledoria de Salamaõ em Estatua: com a sua mesma sentença *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* Quem cuidàra, diz o nosso Portuguez Santo Antonio, que aquelle mesmo homem, a quem Deos tinha escolhido para lhe edificar o Templo de Jerusalem, na mesma Jerusalem havia de edificar outros templos, & levantar outros altares aos idolos de suas concubinas, & naõ na mocidade, senaõ na velhice! O na quaõ perigosa està a Fé, onde tanto reyna, & domina este maldito contagio? Por isso os Hereges antigos (& o mesmo fazem os modernos) vendo que naõ podião impugnar a Fé Catholica com força de verdadeiras razões, por traça, & conselho verdadeiramente sahido do inferno, trocàraõ as armas, & lhe fizeraõ a guerra por meyo de mulheres. Assim o fez Simaõ Mago por meyo de Silenne, assim Montano por meyo de Maximilia, assim Apelles por

Vide Baron.

Tom. 5.

meyo de Philomena, assim os Origenistas por meyo de Melania, assim os Arrianos por meyo de Constancia, assim os Priscilianistas por meyo de Agape, & Galla, & assim Marcion, & Nicolao Antioqueno por meyo naõ de huma mulher, ou duas, senaõ de muitas, como escreve S. Jeronymo. Desta maneira os Hereges (assim como a Serpente naõ accommetteo por si mesma a Adaõ, senaõ por meyo de Eva) assim elles passando os seus mesmos argumentos das suas linguas às das mulheres, crvãraõ astutamente as setas, & lhe derã com o doce veneno a força de matar, que por si mesmas naõ tinhaõ.

265. Note porém o fecho feminino (para que se conheça) que aquellas enganadoras tambem eraõ enganadas: & que antes de brindarem a taça de Babilonia, primeiro a bebiaõ. As abelhas picando morrem, & mayor he o dano, que recebem, q̃ o que causãõ. O que fazem padecer, he de fora; o que padecem, de dentro. Que importa que atirem setas de

Q iij fogo,

fogo, se lhes fica o inferno no coração? O carvão que não arde, não queima. Por isso Salamaõ comparou este genero de gente ás brazas:

Prov. 6.27. 28.29 *Nūquid potest homo ambulare super prunas, ut non cōburantur planta ejus? Sic qui ingreditur ad mulierem.* He

fem duvida, que quanto Virgilio escreveo da Rainha Didô foy falso testemunho, & fabula. Mas o que disse do fogo, dos incendios, da inquietação, do desaffoço da perpetua imaginação, & cuidados com descuido, & esquecimento de tudo o mais, eraõ effeitos verdadeiros, & proprios da payxaõ, que suppunha, & descrevia.

E senaõ dispatmos da magestade, & vejamos em fogeito menos indecente. Tanto que a Samaritana conheceo a Christo por quem era, foy logo levar a nova aos da sua Cidade, & as palavras, q' lhes disse, foraõ estas: *Venite, & videte hominem, qui dixit mihi quaecunque feci*: Vinde ver hum homem, o qual me disse tudo quanto fiz em minha vida. O que Christo tinha dito a esta

mulher, foraõ sómente as amizades passadas, em que tinha vivido torpemente, & a ultima, & presente, em que ainda agora continuava: & não lhe disse mais. Pois isto he tudo o que esta mulher tinha feito em sua vida? A palavra *quaecunque* ainda aperta mais a duvida, que se differa *omnia*: porque *omnia* quer dizer tudo em geral, & *quaecunque* não só significa tudo geralmente, senaõ todas as cousas, & cada huma dellas em particular. Pois se Christo não lhe fallou mais que nas suas ruins amizades, como diz que lhe differa quanto tinha feito? Não tinha feito outra cousa em toda sua vida esta mulher?

266. Não. Porque as mulheres de semelhante vida tudo o que fazem, he isto. Tanto que o appetite mulheril se entrega a semelhantes divertimentos, ou se diverte, & empenha o amor em semelhantes cegueiras; isto he o que faz em quanto faz, & isto só, & nenhuma outra cousa. Aqui emprega toda a vida, & toda a Alma; aqui todas as potencias; & todos

todos os sentidos, aqui todos os pensamentos, todas as palavras, & todas as obras. Se obra com a memoria, disto só se lembra: se com o entendimento, nisto só cuida: se cõ a vontade, isto só ama. Se vê, para isto só olha: se ouve, isto só escuta: se converfa, nisto só falla: se dorme, isto só imagina, & com isto sonha. E como não ha alegria sem tristeza, nem desejo sem temor, nem esperança sem duvida; se está alegre, estes são os seus gostos; se triste, estas são as suas lagrymas, & se prevalece no coração qualquer outro affecto, (sempre vario, & sempre o mesmo) estes são os seus cuidados, estes os seus desvelos, estas as suas anxias: sem descanso, sem quietação, sem socgo; ardendo emfim, & penando perpetuamente naquelle fogo infernal cego, & furioso, o qual no coração feminil, como mais brando, prende cõ mayor facilidade, como mais estreito, queima com mayor violencia, & como mais frio, dura com mayor contumacia. Na mesma Sa-

maritana se vio esta differença. O fogo que pegou aos homens, apagou-se, que por isso foraõ cinco os amigos, que já não eraõ: & o feu, em que ella dêtro em si mesma ardia, como fogo do inferno, não se extinguiu, & ainda durava: *Et quem habes, non est tuus vir.* 7o dn. 4
18.

267. Sendo pois o vicio, & peccado da sensualidade em todo o genero humano o mais universal, & no genero feminino o mais pernicioso, com razão deixados todos os outros vicios, & peccados. nos representa o Evangelista particularmente só este, & debayxo destas mesmas circunstancias, quando nos diz que nasce Christo de peccadores para os remir, & salvar de todos seus peccados: *Ut omnium peccata deleter.*

V.

268. **M**As porque não basta ter Christo remido o genero humano de todos os peccados, se nós tornamos a cair nelles, que importará ter mostradaõ

Q. iij larga.

largamente o perigo, senão
 ouver quem nos descubra, &
 nos ensine o remedio? Isto
 he o que agora havemos de
 ver: desenrolando a historia
 de Rahab, a que o mesmo E-
 vangeliſta ſuccintamente ſe
 refere nas poucas palavras,
 que propuz: *Salmon autem
 genuit Booz de Rahab.* Era
 Rahab huma mulher não ſó
 de vida pouco honesta, mas
 publicamente peccadora,
 como já diſſemos: estava
 condenada por ſentença, não
 menos que do mesmo Deos,
 para arder cõ todos os mais
 da Cidade de Jericò; eſca-
 pou com tudo ella ſò da
 morte, & do incendio por
 meyo de hum cordão ver-
 melho, que deſtinguiu a ſua
 casa de todas as outras. E q̃
 cordão vermelho foy eſte?
 Affim como o incendio de
 Jericò toda abrazada em
 chãmas vivas foy figura do
 inferno; & affim como Ra-
 hab condenada a arder nas
 meſmas chãmas, foy figura
 dos que ſe condemnã pelo
 peccado da ſensualidade, af-
 ſim digo que aquelle cor-
 dão vermelho foy figura do
 Roſario da Virgem Senhora

noſſa, por meyo do qual os
 que delle ſe valem, ſe livraõ
 do fogo eterno. Peço atten-
 ção a todos, & muito parti-
 cularmẽte ma: devem dar os
 que tem fundamento para ſe-
 temer deſte vicio.

269. Falla David da
 Virgem Senhora noſſa de-
 bayxo do nome, & metafo-
 ra de Jeruſalem (porque Je-
 ruſalem, & Maria, ambas to-
 raõ morada de Deos) & de-
 pois de tomar por aſſumpto
 quaõ glorioſas ſaõ as mara-
 vilhas, que da meſma Senho-
 ra ſe tem dito: *Glorioſa di- Pf. 86.
 eta ſunt de te, Civitas Dei: 3.*
 aquella que poem (em pri-
 meiro lugar, he prometter a
 Mãe de Deos, que até de
 Rahab, & de Babylonia ſe
 lembrará, ſe ellas a conhe-
 cerem: *Memor ero Rahab, &
 Babylonis ſcientium me.* E em *1b. 4.*
 que deſmereceraõ Rahab, *De na
 & Babylonia a lembrança da*
 Virgem Maria, para ſer taõ *bra
 Rahab
 intelli-
 gunt.*
 glorioſo encarecimento de *S. Au;
 piedade na ſua memoria o*
 lembrarſe dellas? Não ſeraõ *gust.*
 neceſſarias muitas palavras *S.*
 para o declarar, pois já te- *Amb.
 mos dito quem he Rahab, & Theo-
 doret.
 & aliã*
 quem foy Babylonia. Baby-
 lonia.

lonia foy a grande Meretrice que vio S. Joaõ, Rahab tambe[m] foy Meretrice, & naõ pequena: Babylonia foy aquella que trazia elcrito na testa: *Babylon magna, mater fornicationum*: Rahab foy aquella cuja casa na primeira entrada da Cidade de Jericò tinha por insignia; *Rahab meretrix*. E que até dellas duas muheres taõ dissolutas, & depravadas, huma mãy, & outra filha da torpeza, prometta a Santissima, & Purissima Virgem de ter memoria, se ellas a conhecerem: *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me*; naõ ha duvida, Mãy da Divina graça, que entre todas as glorias de vossa benignidade, & grandeza, justamente a conta David (que tambem teve necessidade della) como a primeira: *Gloriosa dicta sunt de te: memor ero Rahab, & Babylonis*.

270. Onde se deve advertir, & ponderar muito aquella palavra *dicta sunt*: na qual nota David, & quem que nõs notemos, que esta açãõ gloriosa da Senhora, naõ he cousa nova, que elle

agora diga, ou haja de dizer, senãõ antiga, & que ja estava ditto: *Dicta sunt de te*. Mas quando estava ditto, & por quem? Estava ditto por Josuè, que floreceo mais de quatrocentos annos antes de David, quando o mesmo Josuè escreveu a historia de Rahab, que he a do Texto do nosso Evangelho, na qual foraõ representadas estas glorias da Virgem Senhora nosa, & do seu Rosario, como agora veremos.

VI.

271. **C** Hegaraõ pois as duas sentinellas dos Hebreos, & entraraõ em casa de Rahab como casa publica: differaõlhe, que eraõ exploradores do Conquistador daquellas terras, a quem o verdadeiro Deos Creator do Ceo, & da terra as tinha dado: & debayxo desta fê (que logo recebeo) concertaraõ com pacto de que depois lhe dariaõ a vida, que ella os encobrisse às rondas dos Cananeos, que já lhe andavaõ nos alcances, & os puzesse em salvo. Fello affirm

Rahab

Josue
2. 18.

Rahab escolhidamēte. E diz o Texto Sagrado, que lançando da muralha (para onde tinha janella) hum cordão vermelho: *Funiculus cocineus*: por elle se desceraõ segura, & occultamente os dous aventureiros, & se salváraõ. Esta foy atèqui a historia; vamos agora à significação, que já himos ensinando o Rosario, ainda que se não veja.

272. Perguntaõ os Santos Padres primeiramente, este cordão, & vermelho (o que facilmente não podia ser acafo) que he o que significava? E respondem S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, & os demais, que o cordão significava a Christo, & o vermelho o sangue da redempção. Bastem por todas as palavras elegantes de Santo Ambrosio: *Vidit hoc meretrix, quæ in excidio civitatis remedia desperaret salutis quia fides vicerat signa fidei, atque vexilla Dominicæ Passionis attollens, coccum in fenestra ligavit, ut species cruoris mystifici, quæ foret mundum redemptura, vernaret.* Foy signifi-

Hier.
Ep. 2.
ad Ne
potian.
Aug.
in Pj.
86.
Amb.
l. 1. de
fide c.
5.

cado Christo S. N. & cõpara-se cõ grande propriedade ao cordão, porque o cordão forte, & bem formado compoemse de tres ramaes, & tal he o composto ineffavel de Christo. Os outros homens cõpoemse sò de duas partes, como de dous fios, que são corpo, & Alma: Christo porèm, que não sò he homem, senão Homem, & Deos juntamente, cõpoemse de tres, q̃ são Corpo, Alma, & Divindade. Assim como Deos em quãto Deos (diz S. Bernardo) he hũ em substãcia, & trino em Pessoas, assim o mesmo Deos feito homem he hum em Pessoa, & trino em substancias: & assim como em Deos nem a Trindade divide a unidade, nem a unidade diminue a Trindade; assim em Christo, nem a Pessoa confunde as substancias, nem as substancias dividem a Pessoa. Finalmente conclue o Santo: *Verbum, & anima, & caro in unam convenere Personam; & hæc tria unum & hoc unum tria.* Não podera dizer mais, nem menos se definira hum cordão de tres ramaes. Assim como

D.
Bern.
serm 3
in V.
gia
Nativ.

no cordão de tres ramaes hũ
 são tres, & tres são hũ; assim
 no Composto Divino, & hu-
 mano de Christo unido o
 Corpo á Alma, & o Corpo ,
 & Alma á Divindade , estes
 tres são hum , & este hũ são
 tres: *Hæc tria unum, & hoc
 unum tria.* Nem esta compa-
 ração, ou este nome he no-
 vo, porque do mesmo Chri-
 sto, como entendem graves
 Apud Authores, fallava Salamaõ ,
 Corn. quando disse , que o cordão
 hic. de tres fios difficultosamente
 se rompe: *Funiculus triplex
 Eccl. difficile rumpitur.* Mas se a
 4 12. uniaõ da Divindade, & Hu-
 manidade em Christo de sua
 natureza he indissolúvel , &
 nunca se rompeo, nem ha de
 romper ; como podia Sala-
 maõ fallar de Christo, quan-
 do admite no cordão rotu-
 ra, posto que difficultosa ?
 Essa mesma he a energia, &
 a mayor graça da compara-
 ção. Porque no Composto de
 Christo ha duas uniões , hũa
 entre a Divindade, & a Hu-
 manidade, que nunca se rõe-
 peo, & outra entre o Corpo,
 & Alma, que se rompeo na
 morte: & como a mayor dif-
 ficuldade daquelle tremen-

do mysterio era poderse rõe-
 per esta uniaõ , & haver de
 morrer Deos ; por isso Sa-
 lamaõ admiravelmente ad-
 mitindo a rotura do cordão,
 lhe chamou difficultosa: *Diffi-
 cile rumpitur.*

273. Rompeo-se o cor-
 daõ na morte, mas logo se
 foldou na Resurreiçãõ. Foy
 porẽm necessario que Chri-
 sto morresse, & derramasse o
 sangue , para que o Corpo se
 tingisse ; & tinto de verme-
 lho, fosse o remedio da re-
 dempção: *Ut species cruoris ,
 quæ foret mūdum redemptu-
 ra, vernaret.* Verdadeiramẽ-
 te, que na circumstãcia desta
 cor bem se vê que era pincel
 Divino o que no remedio ,
 & salvação daquelles dous
 homens pintava já entãõ a
 de todos. Para os dous ex-
 ploradores salvarem as vi-
 das, não importava a cor do
 cordão, pelo qual desceraõ,
 & se salvãraõ ; mas para a
 significaçãõ do mysterio que
 nelles se representava, foy
 taõ necessaria a cor verme-
 lha, como foy necessario o
 Sangue de Christo para a sal-
 vação do genero humano.
 Sendo porẽm Adã , & o
 genero

genero humano hum, parece que tambem havia de ser hũ, & não dous os que aqui se salvãrão por este meyo. Ora vede como ferem os Exploradores dous, foy nova valentia da pintura, & mayor propriedade do myfterio. O genero humano dividio-se em dous Povos, os quaes naquelle mesmo caso concorrião: o Povo Judaico, que eraõ os Hebreos, & o Povo Gentilico, que eraõ os Cananeos. E porque o Messias não só havia de remir o Povo Judaico, como elles cuidavaõ, senão tambem o Gentilico, por isso na liberdade dos dous Exploradores se representou a salvação dos dous Povos.

274. Os dous primeiros Exploradores da terra de Promissaõ, a quem estes segundos succederaõ na mesma conquista; foraõ os dous valentes soldados Josuè, & Caleb, os quaes para demonstração da fertilidade do terreno trouxerão o grande cacho de uvas aos hombros, atravessado em hũ lança. E que significava esta nova pintura? O fruto prodigio-

so pendente da lança significava a Christo pendente da Cruz: os dous que o levavaõ aos hombros significavaõ os dous Povos: o de diante o Judaico, que foy o primeiro, o de detraz o Gentilico, que veyo depois. E diz mais alguma cousa a figura? Ainda falla admiravelmente. O Povo Gentilico, que hia detraz levava o fruto diante dos olhos; porque estimou, & recebeu a Christo: & o Judaico, que hia diante, levava detraz das costas; porq̃ o desprezou, & lhe voltou o rosto, & não o quiz receber:

Duo bajuli duo sunt testamēta: præeunt Judæi, sequitur Christiani: salutem hic ante cõspectum suum gerit, ille post dorsum: hic obsequium præfert, ille contemptum, disse com tanto applauso Santo Agostinho, que lhe trasladrão o pensamento São Ambrosio, S. Cypriano, S. Jeronymo, S. Prospero, S. Bernardo, Ruperto. Estes são pois os dous Povos; em que se divide o genero humano; & se o quizermos não dividido, senão unido em hum só, tambem o temos no mesmo

mo Texto. Quando Rahab os escondeo para que os não descobrissem as rondas, diz assim o original Hebreo ao pé da letra: *Acceperat autem mulier viros illos, & abscondit illum*: levou a mulher aquelles dous homens: & escondeo-o. Se erão dous, havia de dizer, escondeo os, & não escondeo o. Pois porque diz *abscondit illum*, escondeo-o a elle, & não a elles? Porque aquelles dous homens significavaõ os dous Povos, em que se divide o genero humano, & o mesmo genero humano em quanto dividido, são dous; em quanto unido, he hum: em quanto dividido, he elles; em quanto unido, he elle: *Abscondit illum*.

VII.

275. **E**sta foy a propriedade com q̃ na primeira parte da historia de Rahab se representou a Encarnação, & Morte de Christo, & a Redempção do genero humano. Esta he a materia de que a Virgem Senhora nossa formou o seu

Rosario, não mudando, nem accrescentado nada ao mesmo cordão, mas dispondo-o somente de tal modo, que assim como elle tinha sido o instrumento universal da redempção do mundo, assim o fosse particular da salvação dos peccadores. E esta he a segunda parte da mesma historia. Tinha Rahab assentado com os Exploradores, que na destruição de toda a Cidade de Jericó feria exceptuada a sua casa, & que para ser conhecida entre as demais, tivesse por sinal na janella o mesmo cordão vermelho por onde os tinha decido. Fezse assim cõ a pontualidade, & vigilancia de hũa, & outra parte, q̃ o caso, & o perigo pedia: & arrazados os muros sò cõ o som das trombetas de Josuè, entraõ os soldados victoriosos levando tudo a ferro, & a fogo, & no meyo de tão grande tumulto o que se ouvia sómente, era humana voz, que dizia: *Sola Rahab vivat*: morraõ todos, & sò viva Rahab. Assim o dizia a voz, assim o tinha jurado a promessa, & assim se comprio à risca,

Josuè
2. 4.
Text.
Hebr.

Josuè
6. 17.

à risca; porque não ficando da Cidade mais que as cinzas, só Rahab escapou, & viveo, & com a sua familia foy recebido em triumphos arrayaes vencedores.

276. Quando Deos mandou ao Anjo, que degollasse todos os primogenitos do Egypto, havia hum grande perigo, & difficuldade nesta execucao; porque como os Hebreos moravaõ juntamente com os Egypcios, á volta dos Egypcios podia a espada do Anjo levar tambem os Hebreos. E de que modo facilitou Deos esta difficuldade, & os livrou deste perigo? Era o mesmo dia, ou a mesma noite, em que cõforme a ley em todas as familias dos Hebreos se comia a primeira vez o Cordeiro Pascoal: & como huma das ceremonias da mesma cea era, que todos rubricassem as suas portas com o sangue do mesmo cordeiro; observando o Anjo este final, & divisa, matou todos os primogenitos Egypcios, & ficáraõ livres todos os Hebreos. O mesmo succedeo em Jericò dahi a quarenta annos, não

só pelo mesmo modo; mas tambem com a mesma significação. Porque assim como o sangue do Cordeiro, que tingio de vermelho as portas dos Hebreos, significava o sangue de Christo, assim o cordão vermelho, que pendia da janella de Rahab, significava o mesmo sangue. E assim como ella se salvou do incendio universal, em q̄ pereceraõ todos, em virtude daquelle mysterioso cordão, assim digo que se salvarãõ todos os que rezarem o Rosario em virtude do mesmo Rosario, que no mesmo cordão era significado.

277. Esta ultima palavra, que no mesmo cordão era significado, parece difficullosa de provar, mas a prova he tão autentica, que ninguem lhe porã duvida. Falla Christo cõ sua Santissima Mãe no capitulo quarto dos Canticos, & diz assim conforme o Texto dos setenta Interpretes, que he o de que o mesmo Christo usou sempre no Evangelho; *Sicut fuculus coccineus labia tua, & eloquium tuum decorum.* As voſſas palavras; Mãe, & Espoſa

posa minha, são para mim de grande decóro, & respeito; porque na boca de quem as pronuncia são como o cordão vermelho na janella de Rahab. Assim comenta este lugar fallando cõ a mesma Senhora o mais insigne Doutor de seu tempo

Rupertus ibi comēt. in Cās.
to Abbade: Ecce Rahab meretrix dulcis eloquii tui funiculum coccineum in fenestra sua ligavit, dū Ecclesia quondam peccatrix, & idolatriæ meretricio sordida dulce eloquium tuum, pignus salutis, jugiter personat. Quando Rahab a publica peccadora atou da sua janella o cordão, vermelho, o mesmo cordão, Virgem Santissima; era composto das vossas doces palavras, & por isso a Igreja convertida da Gentilidade, (que he a Catholica) em prenda de sua salvação, continuamente as reza. Não podera fallar mais claro, se nomeara o Rosário (que he a mais propria oração da Senhora, & que mais continuamente se reza todos os dias) mas no tempo de Ruperto ainda não tinha este nome. E para que a sua exposição não

pareça singular, a mesma té Theodoreto, Justo Orgeliano, Philo Carpacio, & Rabbi Salamaõ, os quaes todos affirmão, que o cordão vermelho, de que neste lugar falla o Espirito Santo, he o *Funiculus coccineus* de Rahab.

278. E que semelhança tem o Rosário com o cordão vermelho na janella de Rahab para ser significado nelle como em sua propria figura? Não sò huma semelhança, senão todas. Lembremo-nos do que fica dito. Aquelle cordão (como vimos com todos os Padres) significava a Christo, & os mysterios da redempção do genero humano: & desses mesmos mysterios se compoem o Rosário. Aquelle cordão era composto de tres ramaes: *Funiculus triplex*: & esta mesma composição he a do Rosário repartido em tres terços, Gozolos, Dolorosos, Gloriosos. Aquelle cordão era vermelho, não sò pela cor, senão pela substancia do Sangue de Christo: *Funiculus coccineus*; & com o mesmo sangue está rubri.

rubricado o Rosario em todas as tres differenças dos mesmos mysterios ; na primeira com o sangue que Christo tomou nas entranhas da Virgem : na segunda, com o que derramou na Cruz : na terceira , com o que tornou a tomar na Resurreição. Aquelle cordão estava na janella de Rahab :

In fenestra; & que outra coufa he o cordão na janella ,

fenão o Rosario , & a oração na boca , diz Theodoretto ?

*Theod.
in hunc.
locum
Cantic*

Signū hoc sponsus in ore sponsae tanquam in fenestra collocatum intuetur, sicut funiculus coccineus labia tua. Finalmente (& esta he a mayor , & principal semelhança) aquelle cordão era hũa diviza, que distinguia a casa de Rahab de todas as outras , para que no incendio gèral da Cidade, em que todos morrerão , perecraõ , & se abrazarão, lò ella se salvasse & o Rosario he hum dos mais certos sinaes da Predeterminação , por meyo do qual se livraõ dos incendios eternos os peccadores, & muito particularmente os do peccado da sensualidade (co-

mo Rahab) que he o que mais povoa, & enche o inferno. Quando S. João vio aquella infame mulher, em que era representada a sensualidade, disselhe hum Anjo, que viesse ver a condenação da grande meretrice : *Veni ostendam tibi damnationem meretricis magnae* : por-^{17.1.} que todas as filhas daquella máy. & que seguem seus passos, pelos mesmos passos caminhaõ à condenação eterna. E sendo Rahab humadestas, publica, & conhecida por tal : *Rahab meretrix* ; porque estava patrocinada , & defendida da diviza do Rosario: *Funiculus coccineus* ; ella só escapou, & se salvou da condenação universal de todos os mais, & com exceição ; & declaração expressa do nome, & vida de meretrice: *Sola Rahab meretrix vivat.*

279. Hum dos mais notaveis portentos, que se lem nas Escrituras , he mandar Deos ao Profeta Oseas , que se casasse com hũa meretrice, & sobre meretrice adultera : *Vade, sume tibi uxorem fornicationum*; & depois 2. fallanç

fallando da mesma: *Adbuc*
Osee 3 *vade, & dilige mulierem dile-*
1. *Ita* *Et am amico, & adulteram.* O-
Ruffi. bedecce o Profeta, assom-
nus Ri brados todos tanto do pre-
bera, ceito, como da obediencia.
& alj. Porèm a mayor razaõ do

assombro (a qual no exterior
 se não entendi) era, q̄ Oseas
 neste caso significava, & re-
 presentava a Deos, como o
 mesmo Deos logo declara:

Ibid. *Dilige mulierem dilectã ami-*
co, & adulteram sicut diligit
Dominus filios Israel, & ipsi
respiciunt ad Deos alienos. Re-
 cebeo em fim o Profeta por
 molher a meretrice, & adul-
 tera: & porque naquella
 tempo, & naquella naçaõ
 costumavaõ os maridos cõ-
 prar as molheres, como Ji-
 cob a Rachel, & David a
 Michol, diz Oseas, que com-
 prou esta sua por quinze di-

Ibid. *2* *Et emi eam mihi*
Text. *quindecim argenteis* Aqui ef-
Hebr. tá o grande reparo. Não em
 Deos se desposar com huma
 tal peccadora; (que esse he o
 seu amor, & a sua bondade)
 mas em que a compre, & fa-
 ça sua, & não com mayor,
 ou menor preço, nem com
 mayor, ou menor numero,

Tom. 5.

senão cõ quinze dinheiros:
Quindecim argenteis? O pre-
 ço da graça, com que Deos
 chama, converte, & une a sy
 as Almas alongadas de seu
 serviço, & de escravas dos
 vicios feos, & torpes, as faz
 amadas esposas suas, todos
 cremos, & sabemos, que são
 os merecimentos infinitos
 da Vida, Morte, & Sangue
 de Christo. Pois se este preço
 he infinito, porque se reduz
 a numero, & não a outro
 numero, senão o certo, & de-
 terminado de quinze? Por-
 que quinze são determina-
 damente os mysterios, em q̄
 esse mesmo preço da Vida,
 Morte, & Sangue de Chris-
 to está multiplicado no Ro-
 sario, & repartido nelle. E
 he virtude propria; & par-
 ticular do mesmo Rosario,
 de Almas meretrices, &
 adúlteras, como a q̄ cõprou
 para sy, & recebeo por sua
 Oseas, fazer esposas muito
 prezadas, & amadas de Deos.
 Assim explica, & applica este
 lugar hum Autor não muito
 antigo, mas muito deuto, &
 pio. *Deus bone* (exclama elle) *Carta*
quoties Christus Dom. nus in *gena de*
Osea significatus perditissimas. v. *Rosar.*

R

qui-

animas medijs quindecim sanctissimi Rosarij decadibus sibi arctissimo amoris vinculo copulavit? Quer dizer: que por meyo do santissimo Rosario, composto de quinze decadas, & quinze mysterios, traz Christo a sy muitas Almas, naõ só perdidas, mas perdidissimas, & como espólas muito queridas as une, & ata comsigo com hum estreitissimo vinculo. E este vinculo he o cordão mysterioso de Rahab, taõ perdida na vida, como no nome, por meyo do qual, naõ só a livrou, & salvou Christo, mas verdadeira, & realmente aparentou com ella, desposandoa com Salmon do Tribu Real de Judã, de que o mesmo Christo nasceo: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.*

VIII.

280. **E** Para que vejas com os olhos o comprimento destas antigas figuras, naõ em outra pessoa, ou em outro vicio, senão na de hũa famosissima meretrice; passemos de Jericó a outra mayor, & melhor Cidade,

naõ Gentilica, nem só Chriftã, mas cabeça da Chriftandade. Depois do grande fructo, que o grande Prégador da Virgem Senhora Nossa tinha feito em França com o seu Rosario, passou S. Domingos a Italia, & fazendo os mesmos Sermões em Roma como em Cidade Santa, & Corte Ecclesiastica, foy ainda mayor o fructo, & mayor a brevidade com que o colheu. Os Monsenhores, os Bispos, os Cardeaes, & até, mesmo Summo Pontifice o todos se fizeraõ naõ só devotos, mas servos do Rosario. Havia neste tempo na mesma Roma hũa mulher moça, das que lá se chamaõ Cortesãs, a mais famosa, & celebrada de todas as daquella infelice proffissão, dotada por extremo de todos os ornatos da natureza, com que mais se costuma enlouquecer o amor profano. Chamavase esta mulher Catharina; & naõ houve Catilina, nem tyrãno algum de Roma, que tanto a destruisse, & arruinasse, como esta tyrãna a arruinava, & destruhia. Nero poz o fogo a Roma,

mas

mas não lhe abrazou mais q̄ os edificios; esta tyrãna tambem punha fogo a Roma, nas abrazavalhe as Almas. Nero atormentava os Martyres, mas mandava-os para o Ceo, esta tyrãna tambem atormentava os homens, mas mandava-os para o inferno. Nero fazia adorar os Idolos, & violentava os homens, para que o fizessem; esta tyrana, ella mesma era o Idolo, & fazia-se adorar sem violencia. De maneira, que quẽ estivesse em Roma naquelle tẽpo, & visse por huma parte o grande fruto, que fazia nas Almas S. Domingos com sua prẽgação; & por outra o grãde estrago, que fazia nellas esta tyrãna com seu pernicioso exemplo; poderia duvidar com muita razã de qual das duas se havia de admirar mais; ou da astucia do Demonio, que meteo em Roma esta mulher para fazer opposiçã ao Rosario, ou da Providencia particular de Deos, que meteo em Roma o Rosario para fazer guerra a esta mulher? Mas não foy esta a vez primeira, em que as rosas tirãrão sangue a Venus.

281. No meyo deste descuido da Alma, no meyo deste esquecimento do Ceo, no meyo desta desbaratadissima vida, com que aquella pobre mulher corria tanto à redea solta pela estrada larga da perdiçã, no meyo de tantos vicios, & tantas misérias, tinha com tudo huma cousa boa, que era ser inclinada a ouvir Sermões. Como S. Domingos prẽgava em Roma com tanto applauso, achava-se ella sempre às suas prẽgações. E porque o Santo muitas vezes depois do Sermaõ repartia Rosarios aos ouvintes, coubelhe tambem à publica peccadora hũdia o seu Rosario. Já Rahab leva na mão o cordão vermelho, & já eu começo a esperar melhor, & a não ter tanta desconfiança de sua salvaçã. Que vos parece q̄ faria do seu Rosario hũa tão perdida mulher? Por ventura enfiatohia com grande curiosidade, enfiatohia; & enfiatohia com muitos listões de ouro, & prata para o lançar ao pescoço por galla? Tralohia alguns dias dobrado nos dedos, como costu-

mão as de devoção alentada, para depois o dar por prenda a algum dos que a galanteava, & fazer mais hum devoto, não do Rosario, mas feu? Ainda mal, porque ha loucas tão impias, & tão sacrilegas, que até do Rosario da Virgem purissima, de que fogem os Demonios, fazem laços ás Almas! Não o fez assim esta mulher, posto que tão desgarrada, & tão perdida, antes fazia o que eu muitas vezes vos acôselho. Ainda que gastava as vinte, & tres horas, & meya do dia cõ o mundo, com a vaidade, cõ seus gostos, & appetites, todos os dias tomava meya hora para a sua Alma, posto que tão pouco a amasse, & se retirava para o lugar mais escuso de sua casa, & alli se punha a rezar o feu Rosario. Os muros da casa ainda eraõ de Jericò, mas o cordão já pendia da janella.

282. Sahio pois Catharina hum dia a espaço, como dizem em Italia, & indo passeando por huma daquellas fermosas estradas, que se estendem pelos arrabaldes de Roma, vio que hia junta-

mente pelo mesmo caminho o mais gentil homem, o mais ayroso, o mais bizarro mancebo, que vira em sua vida, & por ventura, que nunca se tinha visto no mundo tão grande gentileza. Travaraõ pratica os dous, & quanto Catharina mais via, & ouvia o companheiro, tãto mais se lhe hia afeiçoando, & rendendo-lhe a Alma. Experimentava porèm nesta afeiçoão, & neste amor muito differentes effectos, que nos outros seus: porque era hũa afeiçoão chea de respeito, era hum amor cheo de reverencia, & se bem os affectos eraõ os mayores que podião ser, todos se continhaõ dentro das rayas do coração, nenhũa passava ao appetite. Emfim pedio a Cortezã ao mancebo, que lhe fizesse favor de querer ir cear a sua casa aquella noite, o que elle aceitou, & agradecco, & apartaraõ-se. Não he industria nova em Josuè explorar primeiro por si mesmo a terra, & depois entrar à conquista. Estava a cca preparada como para tão notavel hospede. Veyo elle à hora assinalada:

pozeraõ-se á mesa: & a mulher cada vez mais admirada da gentileza da pessoa, da discriçaõ das palavras, da graça com que as dizia, & sobre tudo da compostura, do recato, & da magestade de todas suas acções. Diffe-lhe: Senhor, se o amor que deveis ter conhecido em mim, merece com vosco alguma cousa, peçovos que me digais quem sois: respondeo o mancebo, que como ficassem sòs, entaõ lho diria. Hiaõ comendo, & tudo o q̄ tocava o hospede, mudava a cor, & ficava tinto em sangue. Já o cordaõ se começa a tingir de vermelho. Pareceo a Catharina que se teria cortado, & querendo acodir ao sangue, & remediar o golpe, respondeo o que de outro bem differente modo estava ferido, que não se cortára, mas que a razão do que via, era, porque tudo o que come o Christaõ, deve ser molhado no Sangue de seu Deos.

283 Levantou-se a mesa, apartáraõ-se os que serviaõ: eis que subitamente o mancebo se converteo em

Tom. 5.

hum Menino Jesus com hũa coroa de espinhos na cabeça, com as mãos, & os pès, & o lado aberto, com huma Cruz mayor que os hombros às costas, inclinado todo, & como gemendo debayxo do pezo della. Com esta figura por huma parte taõ ambrosa & por outra taõ lastimosa, lhe disse assim. Atè quando, irmã minha, atè quando has de continuar em me ofender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que padeci por ti, olha o que me custas. Desde esta idade em que me vez, trouxe sempre por ti esta Cruz às costas, atè que depois de trinta & tres annos me pregaraõ nella. Dizendo isto, o que era menino se converteo em homem, & a Cruz que trazia às costas a suspê-deo nos braços. Estava com os pès, & mãos encravadas, com o peito rasgado, com a cabeça inclinada, com o rosto pallido, com os olhos cerrados, com a boca emudecida. Se com a primeira visãõ ficou assombrada a mulher, com esta segunda ficou muito mais attonita, &

R iij pas-

pasmada. As palavras que ouvio na primeira a magoação, & enternecerao muito, mas este silencio agora lhe penetrava o mais interior da Alma, & lha traspassava toda. Não dizia, não fazia nada, porque não sabia que dissesse, nem que fizesse: só o coração lhe estava rebentando dentro no peito de dor, & de contrição de seus peccados. Hia como outra Magdalena para se abraçar com a Cruz, quando o Crucificado de repente resuscitou, & passando a Cruz das costas à mão direita, como em final de triunfo, appareceu revestido todo de gloria, & mais que humana magestade. As cinco chagas pareciao cinco Sois, o resplandor, & fermosura do rosto não parecia a nada, porque tudo o que ha fermoso na terra, tudo o que ha resplandecente no Ceo, era feyo, & escuro em sua comparação. Posto nesta representação tão gloriosa, tornou a fallar a peccadora, & disse-lhe estas palavras. Acaba já, acaba de ser cega. Olha para mim, & olha para ti: olha para mim,

& olha para os teus amadores; & vê se he razão que pelos buscares a elles, me deixes a mim. Vê bem o que estàs vendo, & acaba de conhecer se he mayor a fermosura do Creador, ou a das creaturas. Deteve-se lã pouco mais, para que a mulher visse bem a differença, & desappareceo.

284. Desappareceo Christo, & ficou só Catharina, ou para o dizer melhor, não ficou, porque tambem desappareceo. Desappareceo, porque a que estava alli, já não era a que fora, senão muito differente do que dantes era. Em nada era parecida a si, em tudo semelhante á Magdalena. Não fallava palavra, porque não era tão pequena sua dor, que lhe coubesse pela boca: partia-lhe o coração de dor, & de arrependimento da vida passada, & assim despedaçado lhe sahia pelos olhos chorando infinitas lagrimas. Sae como huma louca de casa, (que quem fez loucuras pelo mundo, razão he que as faça por Deos) lança-se aos pês de S. Domingos, confeça-se geralmente:

mente de todos seus peccados torna para casa com a resolução que o caso merecia, toma as galas, & as joyas, reparte-as aos pobres, veste-se em hum habito de penitencia: (vede se lhe servia aqui bem o cordão) mette-se entre quatro paredes, sem admittir, nem outra visita, nem outra conversação: & alli só por só com o seu novo Amante, só comfigo, & com o seu Deos (taõ seu) passou os dias, que lhe restavaõ de vida, que foraõ muitos, sem outra companhia mais que a do seu Rosário, que como nelle achàra o remedio, assim nelle tinha todo o alivio. Repassava-o cõta por conta, & na memoria de cada huma lembrava-se do que viraõ seus olhos, & eraõ duas continuas fontes. Desta maneira viveo santa muitos annos, a que tantos tinha vivido taõ peccadora, & chegando-se emfim a hora da morte, assistio-a nella em Pessoa a Virgem Maria, que recebendo lhe a Alma nos braços, a levou comfigo ao Ceo. Ditoza mulher, & ditossissima Alma, pela qual de-

cerão do Ceo hũa vez o Filho de Deos, & outra vez a Mãy de Deos: o Filho de Deos para a converter, a Mãy de Deos para a levar.

IX.

285. **E** Ste foy o caso, Christãos, do qual eu podèra tirar muitos pontos de doutrina, que vos advertir. Poderavos advertir de quaõ rebelde, & obstinado peccado he o da sensualidade, pois para converter huma mulher cativa deste vicio, foy necessario que o mesmo Deos viesse do Ceo à terra. Poderavos advertir de quanto importa o ouvir a palavra de Deos, & não perder nenhũa occasião de assistir a ella, pois não tendo esta mulher outra inclinação, nẽ obra boa, dessa lançou mão Deos para a salvar. Poderavos advertir quaõ divina he a efficacia da devoção do Rosário, & quaõ bem empregada he a meya hora que se gasta em o rezar, pois a meya hora, que esta mulher dedicava ao Rosário todos os dias, foy a que lhe gran-

R iiiij geou

geou a eternidade. Finalmēte poderavos advertir, & encarecer a grande misericórdia de Deos, que taes modos, & taes traças busca, & a taes trásformações se foguei- ta para ganhar voſſas Almas. Para buscar a Magdalena, transformouſe em hortelaão: para reduzir os Diſcipulos de Emaüs, transformouſe em peregrino: para afeiçoar eſta peccadora, transformouſe em amante humano; & tão humano, ſem reparar nos primeiros diſfarces, ou ainda quaſi indecencias deſta me- tafora. Quando Chriſto converteo a Samaritana, diz o Texto que, *Mirabantur Diſcipuli, quia cum muliere loquebatur*: que admiração ſeria a ſua, ſe o viſſem, não na eſtrada, ſenão em caſa; não na fonte publica, ſenão à meſa, não em habito de Profeta, ſenão com galas de amante? Oh bendito ſejais, amor de voſſas Almas, que tanto vos perdeis pelas ganhar.

286. Todas eſtas dou- trinas poderamos colher deſte exemplo; mas eu ſó huma couſa quero perguntarvos. Dizeyme; ſe Chriſto vos

apparecera na fórma, & nas fórmas em que appareceo a eſta peccadora, por mais que eſtejais tão cativos de voſſos vicios, como ella eſtava, ha- vieis de vos converter, ou não? Não ha duvida, que todos eſtais dizendo, que vos havieis de converter. Pois ſabey os que vindes aqui rezar o Roſario, que todos os tres dias ſe vos representa Chriſto interiormente nas meſmas transformações. Em tres fórmas ſe representou Chriſto àquella peccadora: a primeira foy de menino, & eſſes ſão os myſterios da Encarnação, os myſterios Go- zofos: a ſegunda foy de morto, & eſſes ſão os myſte- rios da Payxão, os myſterios Doloroſos: a terceira foy de reſulcitado, & eſſes ſão os myſterios da Reſurreição, os myſterios Glorioſos. Eſtas, eſtas, & tão verdadeiras co- mo aquellas, ſão as transfor- mações em que Chriſto ſe nos mostra nos myſterios do Roſario, ſe nós abrimos os olhos da conſideração para as ver. Nos myſterios Gozo- ſos representaſe-nos menino nas entranhas de ſua Mãe, menino

menino nascido em hum Presépio, & está dizendo a cada huma de nossas Almas: Irmã minha, até quando me has de offender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que me custas, olha o que por ti padeci. Esta lapa, esta mangedoura, esta pobreza, esta humildade; este frio, este desamparo. Nos mysterios Dolorosos mostrale-nos morto, & crucificado, & posto que não falla palavra, aquella mesmo silencio são os mayores brados, com que está dando vozes a nossas Almas. Deos morto, & morto por amor de mim? Deos crucificado, & crucificado por amor de mim? E que tenha eu vida para o offender? Que gaste eu a vida em o não amar? Oh cegueira! Oh loucura! Finalmente nos mysterios Gloriosos mostrando-nos aquella fermosura immorttal, celestial, & divina, ainda confunde mais a loucura; & cegueira de nossos pensamētos. Vê homem, a quem deixas, & por quem. Deixas a fermosura divina pela vileza humana, deixas a fermo-

fura do Ceo pela miseria da terra deixas a fermosura immorttal por aquellas apparencias caducas, que o que são descobre a morte. Olha para hum corpo morto, & ahí verá o que amas: aquella corrupção, aquella deformidade, aquelles horrores, aquelle ferver de bichos, aquelles ossos meyos descarnados, aquella caveira enorme, fea, medonha.

287. Ah Senhor, abri os olhos aos homens cegos, para que vejaõ o que amaõ, & o que deixaõ. E vòs Virgem purissima, que tanta efficacia destes ao vosso Rosario para converter Almas perdidas, & perdidas particularmēte pelo vicio da sensualidade, como a Catharina, que foy a Rahab, de Roma, & a Rahab, que foy a Catharina de Jericò; vede Senhora, quanto arde o mundo naquelle infernal incendio, que já começa, & continua na terra para nunca se acabar, nem extinguir no inferno. Ouvei, Christãos, o que rezervey para estas ultimas palavras, para que o leveis mais impresso na memoria, & se não pôde

de

de ouvir sem tremer. S. Remigio primeiro Apostolo de França, & que a converteo á Fè de Christo, diz assim fallando do vicio da sensualidade. *Demptis parvulis, ex*

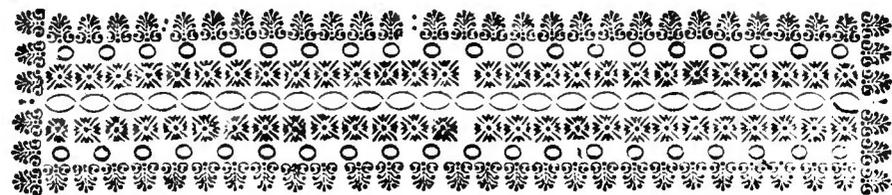
*In cap.
Ep. ad
Rom.*

adultis pauci propter hoc vitium salvantur: tirando os meninos innocentes, dos já adultos, & da mayor idade, são muito poucos os que se salvaõ, & todos os mais se condenão por este vicio. E

*S. Frãc
Xaver
in Ep.*

S. Francisco Xavier escrevendo da India, diz q̄ bema-venturados são là os q̄ morrẽ antes dos quatorze annos, por q̄ os que chegão àquella idade, quasi todos geralmente se perdẽ, & se cõdenão pelo vicio da torpeza. Vejaõ agora os q̄ nascem, ou vivem na America, se se pòdem ter por melhores que os da Asia, & se pela qualidade do clima, pela facilidade das occasiões, & pela dissoluçãõ geral dos costumes, estaõ no mesmo perigo, pòdem temer a mesma sentença. Mas

tornãdome a vós, Virgẽ Santissima Purissima, Poderosissima, ponde, Senhora, vossos misericordiosos olhos em taõ universal, & perigosa cegueira. Chova do Ceo agraça de vosso Divino Espoço, pelo Sangue de vosso Filho, que apague este infernal incendio. Ouvia as vozes dos peccadores, & tambem as destes innocentes, & comunicainos efficaamente os poderosos effeitos de vosso santissimo Rosario, que hũs, & outros todos os dias vos offerecem. Em honra dos Gozofos, daynos, Senhora, q̄ nos gozemos sò das coufas do Ceo, & desprezemos as da terra; em honra dos Dolorofos, que nos doamos com grande, & verdadeira contriçaõ de nossos peccados: em honra finalmente dos Gloriosos, que vivamos com tal pureza de corpo, & Alma, que por meyo da graça nos disponhamos para a gloria. Amen.



SERMAM VIII.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

*Extollens vocem quaedam mulier de turba , dixit
illi : Beatus venter, qui te portavit , & ube-
ra, quæ suxisti. Luc. 11.*

I.

288.



UMA circũstan-
cia de Religiãõ
muy frequente-
mente inculcada
nas Divinas Letras, he que-
rer a Magestade Divina, que
sõ he digna de louvor , ser
louvada na Igreja: *In medio
Ecclesiæ laudabo te : Apud te
laus mea in Ecclesia magna :
laus ejus in Ecclesia Sanctorũ.*
Todos estes Textos, & ou-
tros, são de David. Mas isto
que antigamente se dizia,

*Pf. 21
23.26
Psal.
149.1*

naõ he o mesmo, que hoje
foa. Igreja entre nós significa
vulgarmente Templo : &
no tempo de David naõ ha-
via Templos , porque em
todo o Reyno, & Povo de
Israel naõ houve mais, que o
Templo de Jerusalem, edifi-
cado a primeira vez por Sa-
lamão, filho do mesmo Da-
vid, depois de sua morte. Diz
com tudo David , que lou-
vava, & louvaria a Deos na
Igreja ; porque Igreja naõ
he nome de lugar , senão de
pessoas, & significa ajunta-
mento,

mento, ou congregação de gente, principalmente da mesma Fê, ou crença, ou seja na casa, ou na praça, ou no campo, ou em lugar consagrado a Deos, como este em que estamos.

289. Isto supposto, qual fosse o lugar em que succedeo a historia do nosso Evangelho, não se sabe com certeza, porque o não referem os Evangelistas. Consta porém, que onde quer que succedesse, foy na Igreja; porque foy em hum ajuntamento de muita gente da Judea, q̄ eraõ os fideis daquelle tempo, os quaes em grande numero tinhaõ concorrido a ver o combate de Christo cõ o endemoninhado mudo, q̄ pela resistencia do mesmo Demonio deu tempo á fama, & ao concurso. E este he a multidaõ, de que falla o Evangelho, quando diz: *Quaedam mulier de turba.* Foy pois o caso, que vencida a resistencia do Demonio contumaz, & lançado do Castello, (como disse o mesmo Senhor) em que tão fortificado estava, & se defendia, exceptos alguns Here-

ges, que foraõ os Escribas, & Fariseos, toda a outra Igreja fiel reconheceo, & admirou o milagre: *Et admiratæ sunt turbae.* Mas como esta admiração pouco animosa parasse toda no palmo, & no silencio; entaõ levantou a voz hũa mulher de humilde condição, mas de sublime espirito, a qual louvando o soberano Autor de tão prodigiosa maravilha, & juntamente a venturosa Mãe, que tal Filho trouxera em suas entranhas, & criara a seus peitros, disse: *Beatus vent. r, qui te portavit, & ubera, quæ juxisti*

290. Este foy em summa o fim do successo, & seus effeitos: sobre o qual noto hũa cousa, & duvido outra. O que noto he, que sendo aquella mulher hũa só, deu ella mais gloria a Christo, q̄ toda a multidaõ, ou Igreja presente. Porque a multidaõ só louvou mudamente a Christo com a admiração: *Et admiratæ sunt turbae,* & a mulher levantando a voz sobre todos: *Extollens vocem,* não só disse quanto elles reconheciam, & callavaõ,
mas

mas muito mais , louvando publicamente o Filho , & pelo Filho a Mãe: *Beatus venter, qui te portavit.* Isto he o que noto, ou nota o mesmo texto. E passando daquella Igreja à nossa: o que duvido he, se, assim como neste caso, hũa mulher que era huma pequena parte daquella multidão, fez mais, que a mesma multidão toda junta; assim possa huma só mulher, ou hum só homem em algum caso, não somente igualar, mas exceder o que faz em louvor de Deos toda a multidão dos fieis, que he a Igreja universal? A razão de duvidar he o exemplo do Evangelho. Mas como o exemplo foy obrado em hum canto da Judèa, & a Igreja Universal está estendida por todo o mundo; parece difficultosa cousa admittir, que possa fazer mais hum fiel, que toda a multidão dos fieis: & que haja de louvar mais a Deos hum devoto em particular, que toda a Igreja em commum? Se esta questão se me propuzera antes de aver na mesma Igreja a devoção do Rosario, ha-

via de responder sem mais duvida, que a Proposta era impossivel. Porém na consideração do que he, & do que faz o Rosario; digo que absolutamente não pôde fer, mas em algúas, & em muitas circumstancias, sim. O que determino pois, & espero mostrar neste discurso, he, que comparada a Devoção do Rosario com a de toda a Igreja; em algúas circumstancias muito notaveis della, faz mais hum devoto do Rosario em particular, que toda a Igreja universal em commum. O Assumpto por si mesmo está pedindo a graça. *Ave Maria.*

II.

291. **E**Xtollens vocē. quēdam mulier de turba; dixit illi: *Beatus venter, qui te portavit.* Grande he o assumpto, que prometti. E para eu provar hũa tão grande excellencia do Rosario, onde posso ir buscar a prova, senão a S. Domingos? Huma das mais singulares prerogativas desta Sagrada Religião, como devotif-

votíssima da Virgem Senhora nossa, he, que no mesmo Dormitorio (& antigamente descalços como Moysès diante da Çarça) daõ a primeira alvorada á Aurora, de que nasceo o Divino Sol, cá-tando o feu Officio. Succedeo pois, que ao tempo, em que entoavão o Invitatorio pelo estylo, & rito commum da Igreja Romana, dizendo *Ave Maria gratiã plena*; appareceo em presença de todos os Religiosos a Rainha dos Anjos, & atalhando aquellas vozes com a sua, lhes disse: *Non sic, fratres mei*: não haveis de dizer assim, meus devotos. Pois como, Senhora? *Sed Regem Virginis Filium venite adoremus*: o que haveis de dizer, he: Ao Rey Filho da Virgem vinde, & adoremo-lo. Assim o quiz, & ensinou a mesma Virgem: & desde então se mudou o Invitatorio antigo, & se conserva na Religião Dominicana este segundo, & singular entre todas. A razão desta mudança diremos logo. Mas se aquelle estylo era então, & he ainda hoje o universal de toda a

Igreja, como o variou a Senhora, & não quiz que se fizesse assim, senão por outro modo? Para que entendamos, que na devoção particular de huma Communidade, ou Instituto pôde haver alguma tal circunstância, pela qual Deos, & sua Mãy se sirvão, & agradem mais della, que da universal de toda a Igreja. Tal foy, a q̃ a Mãy de Deos de novo instituhio: & tal he, a que eu hey de mostrar na devoção do Rosario. Mas para que melhor a vejamos, & ponderemos, saybamos primeiro a razão, que a Virgem Senhora nossa teve para fazer aquella mudança.

292. A razão sem duvida foy, como das mesmas palavras se collige, porque quando se dizia *Ave Maria gratiã plena*, louvava-se a Mãy expressamente, & o Filho sò por consequencia: mas quando se diz: *Regem Virginis Filium venite adoremus* louvava-se expressamente o Filho, & tambem expressamente a Mãy. Este he o louvor perfeito, com que a Mãy quer ver louvado a seu Filho

lho, & o Filho ver louvada a sua Mãy. He verdade, como bem diz S. Bernardo, que nos louvores de Jesu, & Maria basta fallar de hum para louvar ambos; porque o louvor do Filho he gloria da Mãy, & o louvor da Mãy honra do Filho. Mas a devoção, q̄ aspira ao melhor, & mayor, não se contêta com essas cõsequencias, como se não cõtentou a devota oradora do nosso Evangelho. A vitoria da Omnipotencia, com que foy vencido o Demonio mudo, & o triunfo da eloquencia, com que ficãrãõ cõvencidos os calumniadores, ambas foraõ ações de Christo sòmente, & não de Christo menino, qual a Senhora cõcebeu em suas entranhas; nem de Christo mudo, & cõ as mãos atadas, qual o criava a seus peitos; senão de Christo homem perfeito, & tão crecido no saber, & poder. Logo o applaudido, o aclamado, & o louvado parece que havia de ser sòmente o Filho, & não a Mãy, ou bastava que a Mãy o fosse por consequencia. Mas a devoção inteira, & não de me-

as, a devoção heroyca, & perfeitissima, qual era a daquelle excellente espirito, não se contenta com consequencias, que são louvores mudos. A voz louvou expressamente o Filho, & a voz expressamente a Mãy: *Beatus venter, qui te portavit. & ubera, quæ suxisti.*

293. Isto he o que fez a Virgem Senhora nossa na mudança da primeyra fachada de seu Officio. E isto o que faz o Rosario, ou o que fez nelle, como em instituto seu, o Ritual da mesma Senhora. Porque deyxadas as duas orações, em que o Filho, & a Mãy são expressa, & distintamente louvados, & invocados; qual he a materia soberana de que o mesmo Rosario se compoem, senão as vidas igualmente de ambos, ordenadas, & distribuidas nos principaes, & mais insignes mysterios? Mas porque os mesmos mysterios, & não outros, da vida de Christo, & sua Santissima Mãy são tambem os que celebra a Igreja universal, & não privada senão publicamente, com toda a pompa, &

& magestade de ceremonias sagradas, santidade de sacrificios, concurso dos fieis, harmonia de vozes nos coros, & eloquencia nos pulpitos; que circunſtancia póde haver na devoção particular do Rosario, que com este culto universal da Igreja, por tantos modos divino, se deva comparar, quanto mais dizerse que o possa preferir? Assim o disse, & torno a dizer, não absolutamente (como já adverti) mas por l.ũã certa, & singular circunſtancia, a qual não só não he vñcida nesta mesma comparação, mas sem controversia incomparavel. E qual he? He que a Igreja universal celebra todos esses mysterios da vida de Christo, & sua Santissima Mãe, mas em hum anno; o Rosario celebra-os cada dia. Some agora quem quizer os dias do anno, & multiplique a differença.

III.

294. **T**Endo Deos decretado hũ grande castigo a todo o Povo de

Israel; para que todos conhecessem o que haviaõ de padecer, ordenou que o Profeta Ezequiel o representasse, & padecesse em si mesmo publicamente onde fosse visto de todos. E porque o castigo havia de durar muitos annos, reduziolhe a Divina Providencia os mesmos annos a dias: de sorte, que o que o Profeta padecesse em hum sò dia, fosse o que todos haviaõ de padecer em hum anno. Assim o medio, & dispoz Deos, & as palavras com que o declarou ao Profeta, foraõ breves mas notaveis: *Diem pro anno. Exce* no, *diem, in quam, pro anno dedi tibi:* Sabe, Ezequiel, que no que te mandey fazer, te dey dia por anno: *Diem pro anno;* & torno a dizer, q̃ dia por anno: *Diem, inquam, pro anno dedi tibi.* Esta repetição na boca de Deos, & este modo de fallar novo, & desusado não pôde deixar de ter grande significação. Não bastava declarar hũã vez ao Profeta, que lhe dava dia por anno: *Diem pro anno?* Porq̃ torna a repetir o mesmo: *Diem, inquam, pro anno,* como

como quem encarecia o mysterio, & queria que elle o entendesse bem, & ponderasse muito? E se o que lhe mandava fazer era verdadeiramente hum grande trabalho, & hũa grave penitencia que lhe impunha; porque diz: *Dedi tibi*, & lhe poem nome de dadiva, como se fora alguma mercè, ou graça muito particular, que lhe cõcedia? Porque verdadeiramente bem entendida a empresa, assim era. Queria Deos que merecesse Ezequiel padecendo em hum só dia o que todo Israel havia de padecer em hum anno: & que sendo os annos muitos, como haviaõ de ser, elle os igualasse todos em outros tantos dias: & não pòde haver mayor industria de obrar, nem mais alto artificio de merecer, que chegar o trabalho particular de hum homem em hum só dia a igualar o universal de todos em hum anno inteiro: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

295. Isto ordenou Deos a Ezequiel, sendo mayor o merecimento que lhe dava;

Tom. 5.

que o trabalho que lhe pedia: & com a devida submissãõ, & reconhecimento, o mesmo que Deos disse ao Profeta, pòde qualquer devoto do Rosario dizer a Deos, quando lho offerece: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.* Neste Rosario, Senhor, em que se cõtêm os mysterios da vida de vosso bendito Filho, & de sua bendita Mãy, vos dou (em quanto huma creatura pòde dar a Deos) não só hũa vez dia por anno, senão duas vezes: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno.* Porque se a Igreja, seguindo o curso do anno natural, celebra pela roda do anno os mesmos mysterios; eu reduzindo o anno natural, & o anno Ecclesiastico á roda do meu Rosario, os medito, & celebro todos em hum só dia. A Igreja celebra os passos da vida de Christo, & sua Santissima Mãy, como Signos verdadeiramente celestes, pelo Zodiaco do Sol, que faz seu curso em hum anno, & eu celebro os mesmos passos, & corro os mesmos Signos pelo Zodiaco do Rosario

S

rio

rio, que faz não outro, fenaõ o mesmo gyro em hum dia : *Diem pro anno dedi tibi.* O anno consta de trezentos & sessenta & cinco dias: & que faça o Rosario em hum dia , o que faz a Igreja em trezẽtos & sessenta & cinco ! Vede se he grande a differença. As Hebdomadas de Daniel eraõ semanas, que se formavaõ de sette annos, computandose os annos por dias. E he cousa notavel, que lhe chame o Profeta semanas abreviadas : *Septuaginta Hebdomades abbreviate.* Parece q̃ se haviaõ de chamar semanas, não abreviadas, senão estendidas ; porque os dias se estendiaõ em annos. Mas chama-lhe o Profeta abreviadas, porque não eraõ os dias os que se estendiaõ , senão os annos os que se abreviavão nelles. Não eraõ dias annos, senão annos dias, como os do Rosario. Porque o que no universal da Igreja são annos, no particular do Rosario são dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

296. Mas se os dias do Rosario são annos abrevia-

dos em dias, constando o anno de tantos dias , segue-se que cada dia do Rosario ha de constar tambem de muitos dias. Conheço a força, & difficuldade da consequencia ; mas eu a concedo , & a provo. Louva David a Deos no Psalmo sessenta & sette, & diz que seja Deos bendito , & louvado no dia cada dia : *Benedictus Dominus die quod tidie.* Todos reparais no ditto. Se diffiera o devotissimo Profeta ; seja Deos louvado cada dia no anno , ou cada hora no dia , bem sentendia este affecto do seu espirito ; porque o anno compoem-se de dias, & o dia de horas ; mas que seja Deos louvado no dia cada dia : *Die quotidie?* Sim : porque ha dias , que se compoem de muitos dias ; & estes são os dias do Rosario. Que haja dias compostos de muitos dias , as mesmas palavras do Profeta o suppoem, porque só nesta supposição se pòde louvar a Deos no dia cada dia : *Die quotidie.* Mas que estes dias sejam os do Rosario, dõde se pòde provar ? Não de outra Escritura buscada, ou tra-

trazida de mais longe , senão do mesmo Psalmo.

297. A materia do Psalmo sessenta & sette, como dizem todos os Padres, & o confirma S. Paulo, he hum cantico triumphal, & profetico, em que se descreve a jornada do Filho de Deos ao mundo, & suas vitorias, & conquistas. Como se levantou do Seyo do Padre; como desceo feito homem à terra; como fez guerra ao peccado; como o desfez cõ sua presença em fumo; como prègou em Jerusaleem; como fertilizou seus montes com o proprio Sangue, que sendo vermelho, os fez mais alvos que a neve; como finalmente carregado de gloriosos despojos, & acompanhado de innumeraveis exercitos de Anjos, levando livres diante de si os cattivos, que tinha resgatado, entrou triumphante no Ceo, donde mandou o Espirito Santo, derramando os dões de sua graça sobre todos os q̄ nelle creraõ. Esta he a ultima clausula da historia, como tambem o foy da vida de Christo, a qual refere S.

Paulo pelas mesmas palavras do Profeta: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus,*

Ephes.
4.8.

298. Supposto pois que na narraçãõ seguida do ditto Psalmo se contêm naõ allegorica, senão literalmente o principio, & fim das divinas, & humanas acções do Verbo Encarnado, desde q̄ sahio do Ceo, & do Seyo do Padre, atè que tornou ao mesmo Ceo, & de lá mandou o Espirito Santo; o que muito se deve notar he, que immediatamente depois desta ultima clausula, entãõ rõpeo David naquelle extraordinario affecto, & nunca ouvida sentença: *Benedictus Dominus die quotidie*: louvado seja Deos no dia cada dia. Chameylhe affecto extraordinario, & sentença nunca ouvida; porque nem em todos os Psalmos, nem em outro lugar, ou Texto da Sagrada Escritura se lê semelhante. Pois que motivo teve David para neste passo (& sò neste passo) dezejar como Santo, & pronunciar como Profeta, que seria Deos louvado no dia cada dia. De

outra melhor razão quem a souber. Mas he certo, que neste passo, & fò neste passo se cerráraõ os ultimos mysterios da vida de Christo na gloria. E tambem he certo, que destes mysterios gloriosos são os ultimos com que se reza o Rosario. Logo o Rosario he aquella unica devoção, em que Deos he louvado no dia cada dia, porque os dias do Rosario não são dias como os outros dias, q se compoem de horas; mas dias como annos, que se cõpoem de dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

IV

299. **M**uito era que fizesse em hum fò dia, o que a Igreja faz em trezentos & sessenta & cinco dias, quantos tem o anno; mas bem repartido este anno, & bem fõ nidos estes dias, tambem fenaõ pòde negar, que a Igreja os não emprega todos em celebrar os mysterios de Christo; & sua Máy. Faz a Igreja nestas solemnidades,

o que notou com grande advertencia o Ecclesiastico que fazia Deos nas antigas. Excita huma curiosa questão este grande Sabio, (que muitos querem fosse o mesmo Salamão) & pergunta, porque haõ de ser huns dias melhores que outros: *Quare dies diem superat?* E a razão de duvidar que elle aponta, he porque todos os dias são feitos pelo mesmo Sol, à *Sole*. Mas declarando que não falla dos dias naturaes, fenaõ dos dias Ecclesiasticos; responde, que a Sabedoria Divina, depois de feito o Sol, he a que fez esta grande differença, & distincão: *A Do- ibid. 8 mini scientia separati sunt, facto sole: & immutavit tempora, & dies festos ipsorum, & ex ipsis exaltavit, & magnificavit Deus, & ex ipsis posuit in numerum dierum.* Deos como Senhor, & Author dos tempos he o que fez esta separação de dias a dias, ordenando, que huns fossem de descanso, outros de trabalho huns festivos, outros feriaes, huns santos, outros vulgares huns honrados, & celebrados, & exaltados sobre todos

Ecc.
33. 7.

dos os outros, & os demais sem honra, nem celebridade, & que sô servem de encher o anno, & fazer numero. Assim o ordenou Deos, & assim o executa fantissimamente a Igreja ensinada, & governada por elle. Daqui he que nos não devemos admirar, se não venerar como disposição divina, quando vemos que os mesmos mysterios da vida de Christo, & sua Santissima Mãe, que o Rosario medita, & celebra todos os dias, a Igreja universal os distribue sómente por certos dias do anno, applicando, & consagrando hum dia a cada hum. Hum dia ao mysterio da Encarnação, outro à Visitação, outro ao Nascimento, outro à Apresentação no Templo, outros, & huma semana inteira aos mysterios da Payxão, outro à Ressurreição, outro á Ascensão, outro à vinda do Espirito Santo, & outro finalmente à Assumpção, & Coroação da Virgem Senhora nossa, que são todos os do Rosario.

300. Declara-se cõ grande propriedade esta distribuição da Providencia Ec-

Tom. 5.

clesiastica com hum exemplo da natureza (de que também Deos he o Author) excellentemente notado por S. Isidoro Pelusiota. Não vedes (diz elle) a ordem, a armonia, & o compasso, com que a natureza distribue os tempos aos frutos da terra, & os mesmos frutos aos tempos? O Janeyro, & o Fevreyro deus os ás sementeiras, & às raizes; o Março, & o Abril ás flores; o Mayo, & o Junho aos frutos temporãos; o Julho, & o Agosto à sega, & ao trigo; o Setembro, & o Outubro ás vindimas; & o Novembro, & Dezembro aos frutos ferodios, & mais duros. E porque repartio assim a natureza os mezes, huns frios, outros temperados, outros calmosos, & não quiz que os frutos crescessem, amadurecessem, & viessem fazoados, todos juntamente? *Nam si cuncta confestim ad vigorem suum pervenirent, profecto agricolæ industria ob temporis brevitatem in angustias veniret.* A razão he (responde o Santo) porque se os frutos viessem todos jutos, affogár-

S iij sehia

fe hia a industria dos lavradores, & impedindo se huns aos outros, feria mayor a perda, que a colheita. Na agricultura espiritual succede o mesmo. O fim para que a Igreja celebra os mysterios da vida de Christo, & da vida da Mãe do mesmo Senhor, ambas fantissimas, & ferteis de divinos exemplos, he para que dellas colhamos os frutos, com que sustentemos as nossas Almas: & para que o possamos fazer fazonada, & pausadamente, sem que a mesma multidão, & grandeza delles confunda, & affogue a estreita capacidade de nossos entendimentos, antes vá penetrando pouco a pouco a dureza, & divertimento das vontades; não sò foraõ convenientes estes espaços intercalares, ou entre meyo, em que a repetição, não continuada, mas nova, de anno em anno, com a mesma novidade nos excite o fervor, & convide à consideração dos mesmos mysterios. Tal he o conselho, & a razão da Igreja universal, tão alta, & bem fundada como sua.

301. Com tudo se houvesse algum lavrador tão industrioso, & diligente, que os mesmos frutos, que a natureza repartio por todos os mezes, ou tempos do anno, elle os presentasse juntos ao Senhor do pomar cubertos de flores; não ha duvida que esta offerta, como de todo o campo metido em hum açafate, & de todo o anno recopilado em hum dia, lhe seria muito agradavel. Assim o fez a El Rey Salamaõ a lavradora do Libano, quando às portas do Bosque Real, chamado, *Saltus Libani*, lhe presentou de huma vez quanto dentro delle nascia em todos os tempos do anno: *In portis nostris omnia poma, nova, & vetera, dilecte mi, servavi tibi.* Aqui vos offereço, Senhor, juntos neste dia todos os frutos de todo o anno, assim os velhos, como os novos, assim os temporãos, como os ferodios. E quem he esta lavradora do Libano, se não a Virgem Senhora nossa a qual quando instituhio o seu Rosario, offereceo a Deos (cuberto de flores, & rosas) & nos ensinou a que nós

3. Reg
10.17

Cant. 7
13.

nós lhe offerceffemos junto em hum dia, tudo o que a Igreja divide, & reparte em hum anno? A Igreja, & o Rosario ambos dão a Deos dia por anno: *Diem pro anno*: mas com grandes differenças. O anno da Igreja dà hum dia a cada myfterio: & quando o Rosario dera sómente hum myfterio a cada dia, era differença quasi incomparavel; porque vay muito de dar tantos dias aos myfterios quantos são os myfterios, ou dar tantos dias aos myfterios quantos são os dias. Mas o Rosario ainda faz muito mais; porque se a Igreja dà hum dia a cada myfterio, o Rosario não só dà a cada myfterio hum dia, senão todos os dias a todos. Isto fim, q̄ sò he dar dia por anno; porque quem não dá todos os dias do anno, não dão anno, dà partes delle sómente.

302. Diz a Igreja, que faz esta variedade por se accommodar ao fastio dos homens: *Qui temporum das tempora, ut allevet fastidium*. Mas se a Igreja reparte os dias, & os myfterios, para se accõ-

modar ao fastio dos homens, o Rosario ajunta os myfterios, & mais os dias, para se accommodar ao goito de Deos. O goito de Deos não he como o nosso. O mesmo comer continuado cada dia, q̄ a nós nos causa fastio, para Deos he o de seu mayor goito. No Capitulo vinte & oito dos numeros mandava Deos aos Sacerdotes, que a elle (isto he, ao mesmo Deos) lhe deffem de comer todos os dias. He texto notavel, & expresso no Original Hebreo: *Oblationem meam, panem meum, ignitiones meas*: *Num.* o que tudo na nossa frase ^{28.2.} vem a ser: *Victimas Deo* ^{Text.} *oblatae, & incensae: hæ enim* ^{Hebr.} *sunt panis, idest, cibus Dei*: como literal, & genuinamente cõmenta o à Lapide. De forte, que o comer de Deos eraõ as victimas, que lhe offerciaõ os Sacerdotes, & quando as mesmas victimas ardiaõ, & as consumia o fogo, entãõ as comia Deos, o qual appareceo em fórma de fogo a Moyés: & por esta causa se praticava entre os Hebreos naquelle tempo, que Deos era fogo,

Deut. que comia: *Deus noster ignis*
 4. 24. *consumens est.* Supposta cita
Hebr. erudição (que para muitos
 12. 19. ferà nova) que vinha a fer
 2. *Ma* o que Deos comia? Ou de
chab 2. o que mandava, que lhe fizef-
 10. sem o prato? O mesmo Tex-
 2. *Pa-* to o diz : *Agnos anniculos*
ralip. 7. *immaculatos duos quotidie,*
 1. *Levit.* *unum mane, & alterum ad*
 9. 24. *Num.* *vesperum.* Eraõ dous cordei-
 29. 34. ros de hum anno, ambos im-
 maculados, hum de manhã,
 outro de tarde, & isto cada
 dia. Pois cordeiro todos os
 dias sem variar,quãdo. Deos
 ordena por si mesmo; o que
 quer que lhe ponhaõ â me-
 sa? Cordeiro de manhã, &
 cordeiro de tarde, & sempre
 cordeiro, & sò cordeiro? Sim.
 Porque aos homens o mes-
 mo comer continuado cada
 dia; ainda que seja o manà,
 causa fastio: & a Deos não
 só lhe não causa fastio com
 a continuação de todos os
 dias, mas ha de ser o mes-
 mo, & continuado cada dia,
 para lhe dar gosto.

303. Que significavaõ
 pois estes dous cordeiros de
 manhã, & de tarde, ambos
 immaculados, ambos de hum
 anno, & ambos de cada dia?

Primeiramente he certo, que
 o Cordeiro significava a
 Christo, Cordeiro immacu-
 lado em quanto Deos, que he
 a santidade por essencia, &
 Cordeiro immaculado em
 quanto homem, que he a
 summa santidade por graça,
 & sempre sem macula de
 imperfeição, ou peccado,
 porque elle he o cordeiro de
 Deos, que tira os peccados
 do mundo. Até aqui não ha
 duvida. Mas se Christo he
 hum sò, porque eraõ os cor-
 deiros dous, hum sacrificado
 de manhã, outro de tarde?
 Porque nestes dous cordei-
 ros, como diz com grande *D.*
 propriedade S. Bernardo, se *Bern.*
 representavaõ os dous esta-
 dos da vida de Christo, em
 que foy offerecido, & sacri-
 ficado a seu Padre. Hum de
 manhã, que he o princi-
 pio da vida, & o tempo da
 infancia, em que foy offere-
 cido no Templo; & outro
 de tarde, que he o fim da vi-
 da, & o tempo da morte, em
 que foy sacrificado na Cruz.
 Porém se a vida, & idade de
 Christo foy de trinta & tres
 annos; o cordeiro, porque
 havia de ser de hum anno.

nomeadamente? Porque todos os trinta & tres annos da vida de Christo, & seus mysterios, queria Deos que se reduzissem a hum anno, dentro do qual todos fossem representados, & celebrados como com effeito os representa, & celebra a Igreja, dentro no mesmo termo, todos os annos. E cõtentou se Deos só com isto? Não. Mas sobre esta representação universal & de todos os annos, quiz q̃ houvesse outra mais particular, & de todos os dias, *Quotidie*: & esta he só (porq̃ não ha outra) a que se faz na devoção do Rosario.

304. E se quizermos saber quanto mais agrada esta circumstancia do Rosario a Deos, só por ser de cada dia; no mesmo sacrificio o acharemos. Tinha tanta dignidade este sacrificio, como consta da Escriptura, só pela circumstancia de ser de cada dia, que elle unicamente preferia a todos os outros sacrificios, que se offerenciaõ a Deos em diferentes tempos, & dias do anno, uinda q̃ pelo numero, & grandeza das rezas, & pela celebri-

dade das festas fossem mais solemnes. Preferia aos sacrificios do sabbado, que eraõ de cada semana, preferia aos sacrificios das Neomenias, q̃ eraõ de todos os mezes; preferia ao sacrificio *Pro peccato*, & ao do Cordeiro Pascal, que eraõ huma vez no anno; preferia em fim aos sacrificios chamados Hostias Pacificas, que eraõ muitos, & varios em qualquer tempo, ainda que fossem dos Sacerdotes dos Reys, & de todo o Reyno, ou Republica. E tal he a prerogativa do Rosario pela circumstancia sómente de ser de cada dia. He verdade que os mesmos mysterios do Rosario se celebrãõ publicamente na Igreja com a grandeza, com a pompa, com a magestade, & despezas; que no Rosario não ha: mas como aquellas solemnidades são de alguns dias sómente, & a devoção do Rosario de todos os dias; basta só a circumstancia de cada dia, *Quotidie*, para nella & por ella ser mais accito, & agradavel a Deos.

305. **M**as porque nesta interpretação não pareça que me aparto da mais commua sentença dos Santos, & mais natural allegoria daquelle sacrificio; tão fóra está elle de contrariar o que digo do Rosario, que antes o confirma mais. Nem podia ser, que quando o divinissimo Sacramento se dignou de authorizar com sua Real presença a celebridade deste dia, fosse para diminuir as prerogativas da mayor devoção de sua Santissima Mãe, senão para mais as engrandecer com o seu exemplo, & mais confirmar com a sua authoridade. S. Jeronymo, S. Irineo, S. Hypolito; Theodoretto, Primasio, & mais communmente os Padres, & Expositores dizem, que naquelle sacrificio foy significado o do Corpo, & Sangue de Christo, que consagrado, & offerecido, he sacrificio, & conservado, como o temos presente, he Sacramento. Prova-se do mesmo Texto; porque o Rito, ou Ceremo-

*Hyer.
Iren.
Hypol.
Theod.
Primasio.*

nia, com que os Sacerdotes sacrificavaõ aquelle cordeiro, era lançandolhe em cima duas quantidades certas, hũa de farinha de trigo, outra de vinho, nas quaes se significavaõ propriissimamente os accidentes do Sacramento, como no cordeiro a substancia. A duraçãõ, & continuação, que o Ritual do Texto prescrevia àquelle sacrificio, craõ tambem as mesmas do Sacramento. Porque quanto á duraçãõ; assim como Christo nos prometteo nelle, que a sua assistencia conosco havia de ser perpetua: *Ecce ego vobiscum sum usque* ^{Mat. 28.20} *ad consummationem sæculi*; assim mandava Deos, que fosse perpetuo aquelle holocausto: *In holocaustum sem-* ^{Num. 28.3} *piternum*. E quanto à continuação; assim como o sacrificio da Sagrada Eucharistia se consagra, & offerece na Igreja todos os dias, assim aquelle tambem se havia de offerecer cada dia, *Quotidie*, ^{Dav. 12.14} & por isso se chamava com nome, que lhe poz o mesmo Deos: *Fuge sacrificium*, sacrificio continuo. Toda esta explicaçãõ, ou applicaçãõ do que

que antigamente foy figura, & hoje he realidade, se declara admiravelmente na profecia de Daniel: o qual diz que o Ante-Christo, quando dominar o mundo, ha de tirar de todo elle o sacrificio continuo: *Cum oblatum fuerit iuge sacrificium*. E como o Ante-Christo ha de fazer guerra a Christo, & á sua Igreja, que isso quer dizer Ante-Christo, & elle se ha de chamar Messias dos Judeos; segue-se que o *fuge sacrificium*, que ha de tirar do mundo, não he o sacrificio continuo da Ley Velha, que era o cordeiro, senão o da Ley da Graça, que he o Corpo de Christo.

306. Assim he com evidencia; mas aqui parece que falta, ou quando menos fraquea a excellencia da nossa comparação. Porque o culto, & veneração dos mysterios do Rosario, sendo na Igreja os mesmos, sô dizemos que preferem no Rosario pela circumstancia de serem nelle de cada dia, & na Igreja de alguns dias sómente. E esta differença parece que não tem lugar; ou exem-

plo no Sacramento; porque se bem he sacrificio de cada dia, ao modo do Rosario, não tem outro mysterio de igual dignidade, com o qual se possa comparar, & ao qual por esta circumstancia deva preferir. Está bem duvidado: mas espero que a solução seja mayor que a duvida. Ouvi o mais que se pôde encarecer, assim no Sacramento, como no Rosario a circumstancia de serem de cada dia.

307. Falla o Profeta Zacharias à letra de Christo Redemptor nosso, & diz assim: *Quid bonum ejus, & quid pulchrū ejus, nisi frumētum electorum, & vinum germinans virgines?* Que cousa fez Christo boa, & que cousa fez fermosa, senão o pão dos escolhidos, & o vinho, que gera virgens? O pão dos escolhidos he o Santissimo Sacramento debayxo de espécies de pão: & chama-lhe o Profeta pão dos escolhidos, porque o outro pão he de todos, ou tenhaõ fê, ou não tenhaõ fê, ou estejaõ em graça, ou não estejaõ em graça: aquelle Divino Pão sô

to he dos que Deos escolheu para a Fé, que são os Catholicos, & entre estes particularmente só he daquelles, que escolheo para a sua graça, porque os que estão fora della, não lhe he licito comer daquelle pão. Do mesmo modo o vinho que gera virgens, he o mesmo Sacramento Santissimo debayxo das especies de vinho: & chama-lhe o Profeta vinho que gera virgens, porque o outro vinho naturalmente he incentivo de appetites torpes, por onde disse S. Paulo: *Nolite inebriari vino in quo est luxuria: & só aquelle purissimo licor, & verdadeiramente divino té virtude de gerar temperança, & castidade. Assim que o que diz Zacharias, & o que conclue expressa, & declaradamente neste grande Epifonema, he, que tudo o bom, & tudo o fermoso, que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento. E se fallára das obras de Christo em quanto Deos, nenhuma dificuldade, nem encarecimento continha este tão resoluto, & absoluto ditto. Todas as cou-*

Ephes.
5.18.

ras que Deos criou, a propriedade universal em que se parecem com seu Author, he em serem boas, & fermosas: & tão boas, & tão fermosas, que porque os homens vem a sua bondade, & fermosura, & não vem a de Deos, por isso deixão ao Creator pelas creaturas. Porque deixou Eva a Deos? Porque vio que o fructo da arvore vedada era bom, & fermoso: *Vidit igitur mulier quòd bonum esse lignum ad vescendum, & pulchrum oculis.* Daqui nascerao as idolatrias do Sol, & das Estrellas, & tantas outras do Ceo abayxo. E posto que os nossos olhos se ceguem tão facilmente com o bom, & fermoso das creaturas, não ha fé de tão fraca vista, que não veja esta mesma cegueira, & que não conheça a infinita ventagem, com que he bom, & fermoso sobre todas as cousas creadas aquelle soberano mysterio, em que toda a bondade, & fermosura, não só humana, mas divina, estão encerradas.

308. Em que está logo a grandeza, & dificuldade do encarecimento? Está em q̃o Pro-

Profeta falla das obras de Christo em quanto Deos, & em quanto Homem, & determinadamente das que o mesmo Senhor obrou nos ultimos dias de sua vida depois que entrou triunfante em Jerufalem; porque o exordio com que começa o que aqui conclue, são aquellas animosas palavras: *Exulta satis filia Sion: Ecce Rex tuus veniet tibi justus, & Salvator: ipse pauper, & ascendens super asinam.* E basta que peguemos na palavra *Salvator*, para pôr ao Profeta hũa objecção, que parece indifolúvel. A obra da redempção do genero humano, & o sacrificio da Cruz, quando menos he tão bom; & tão fermoso, como o do Sacramento. Digo quando menos; porq̃ se o sacrificio da Cruz, & o do Altar, em quanto à bondade he igual, & o mesmo: para conosco o da Cruz foy melhor; porque o da Cruz remio-nos do peccado, & do inferno, & o do Altar não; & o da Cruz deunos a primeira graça, & toda a graça, & o do Altar não nos dá a primeira, por-

que sô foy instituido para augmento della. E se quanto á fermosura, que no Sacramento do Altar está encuberta (como a do Thabor com a nuvem se differ) que no Calvario com os tormentos da Payxaõ: & da Cruz esteve escurecido, & affeada; he certo que para a luz da Fè, & para os olhos do amor nunca esteve Christo mais fermoso. Diga-o Santo Agostinho: *Christus est pulcher in Cælo, pulcher in terra: pulcher in utero pulcher in manibus parentum: pulcher in miraculis, pulcher in flagellis: pulcher invitans ad vitam, pulcher non curans mortem: pulcher deponens animam, pulcher recipiens: pulcher in ligno, pulcher in sepulchro.* Pois se a bondade, & a fermosura do sacrificio da Cruz quãdo menos he igual à do Sacramento, como diz tão affirmativamente Zacharias, que o mesmo Sacramento debayxo dos accidentes da Hostia, & do Caliz he tudo o que Christo fez bom, & tudo o que fez fermoso: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus nisi frumentum ele-*

Zach.
9. 9.

S.
Aug. in
Ps 44.

electorum, & vinum germinans virgines?

309. A razão, que já deve estar entendida, he; porque o sacrificio da Cruz foy sacrificio de hum só dia, o sacrificio do Altar he sacrificio de todos os dias. E he tão relevante circumstancia esta de ser cada dia; que ainda que os mysterios na substancia, & na dignidade sejam os mesmos; os que são de todos os dias avultaão tanto, que os que são de hum só dia quasi desapparecem. Assim parece que não vio, ou não attendeo o Profeta ao mysterio da Cruz, posto que no apparatus das acções, & ainda na utilidade publica fosse mais insigne; porque lhe levcu toda a vista, & toda a admiração o do Sacramento. Logo, ainda que os mysterios, que celebra, & festeja a Igreja com tanta solemnidade, sejam os mesmos que os do Rosario: como a cada hum daquelles se dedica hum só dia, & a todos no Rosario todos os dias; esta circumstancia de cada dia tem tanta bondade, & fermosura nos olhos de Deos,

que não he muito que lhe sejam mais agradaveis. Na principal oração do Rosario nos manda o mesmo Deos, que lhe peçamos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*. E porq̃ para cada dia, & não para muitos dias, ou para alguns quando menos? Porque gosta Deos de que lhe peçamos cada dia, & tem por mais dar menos cada dia, q̃ dar muito por hũa vez. Nem para aqui o desejo que Deos tem, & a estimação que faz deste *Quotidie*. Assim como no Padre nosso quer que lhe peçamos cada dia o sustento para a vida: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*; assim quer tambem na Ave Maria, que peçamos a tua Mãy cada dia o soccorro para a morte: *Ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostræ*. E desta maneira tanto nas orações, & em cada oração, como nos mysterios, & em cada mysterio, sempre segue, & conserva o Rosario a singular circumstancia de ser cada dia.

VI.

310. **D**E todo este curso podemos colher, se quizermos (& he bem que queiramos) hum documento taõ necessario como util, & taõ util como admiravel. Supposto que nos dias do Rosario val tanto para com Deos hum dia como hum anno: *Diem pro anno dedi tibi*; segue-se, que para recuperar os annos perdidos, & mal gastados, não ha meyo mais efficaç, & mais certo, que rezar o Rosario.

311. S. Paulo escrevendo aos Efesios, dalhe hum conselho notavel: *Videte fratres quomodo caute ambuletis, non quasi insipientes.* Meus ir-
Ephes. 5-15. mãos (diz o Apostolo) anday com grande cautella, & vivey como prudentes, & não como nescios. E porque ha varios modos de cautella, & de prudencia entre os homens, em que as cautellas são enganos, & as prudencias ignorancias; a que eu vos ensino, & aconselho he, que trateis de resgatar o tempo, porque os dias de vossa vida atégora tem sido maos:

Redimentes tempus, quoniam ibi dies mali sunt. O sunt aqui he o mesmo que *fuerunt*. Mas como pôde ser, que o tempo que já passou, se resgate? Suppoem S. Paulo, que o tempo que passou, ainda que está morto para a vida, está vivo para a conta. E tambem suppoem, que se foy mal gastado, está cativo, & assim he. Está cativo o tempo passado, ou porque sendo livre, & nosso, nós o vendemos ao Demonio: *Venundatus est ut faceret malum*: ou porque sendo nosso, & muito precioso, nós o não defendemos, & o deixamos roubar, como disse o outro Filosofo a hum amigo, que lhe tomava o tempo sem proveito: *Abi hinc fur temporis*. Supposto pois que o tempo mal gastado está cativo, & se pôde resgatar, como se ha de fazer este resgate?

312. S. Jeronymo dá o modo, & diz assim: *Quando tempus in bono consumimus emimus illud, & proprium facimus, quod venditum fuerat: sicque dies malos in bonos vertimus, & facimus illos non presentis sæculi, sed futuri.*

Quando

3 Reg.
21.25

D.
Hy er.
hic.

Quando gastamos o tempo em boas obras, compramos o mesmo tempo, & tornamos a fazer nosso o que tínhamos vendido. E deste modo os dias q̄ foraõ mãos se convertem em bons, & os que pertenciaõ ao mundo & ao inferno pertencem ao Ceo. O mesmo diz Santo Anselmo. E daqui se segue, que o tempo se resgata dando tempo por tempo, & dias por dias: tempo bem gastado por tempo mal gastado, & dias bons por dias máos. Mas como so tempo, & os dias da vida são incertos nos moços, & nos velhos impossiveis, quem haverá que tenha, ou se possa prometter cabedal seguro para tão comprido resgate? Por isso digo, que só no Rosario he certo: porque nos outros modos de recuperar os annos perdidos, & resgatar os mal gastados, daõ-se dias por dias; no Rosario daõ-se dias por annos: *Diem pro anno*. Grande Texto em Isaias.

1161. 313. *Spiritus Domini*
1.2. *super me, eo quod unxerit Dominus me, ut prædicarem captivis indulgentiam, ut prædi-*

carem annum placabilem Domino, & diem ultionis Deo nostro. Em lugar de *ultionis* le o Original Hebreo, *compensationis*: & quer dizer: Veyo sobre mim o Espirito do Senhor, & ungiome, para que consolasse aos tristes, & prègasse redempção aos cativos, annunciando a todos, que Deos promette indulgencia de hum anno em recompensa de hum dia: *Annum placabilem Domino, & diem compensationis Deo nostro*. Alguns quizerão que fallasse aqui o Profeta em seu nome; mas he certo, & de Fè que fallou em nome de Christo, o qual, como refere S. Lucas, lendo na Synagoga diante de muitos Rabinos este Texto, disse que elle era de quem fallava a profecia de Isaias, & que naquelle dia se cumpria: *Hodie impleta est hæc scriptura* ^{Luc 4.} *in auribus vestris.* De manci-^{21.}ra, q̄ diz Christo, que veyo a resgatar cativos, & declarando o preço do resgate, diz que dará Deos anno por dia. Os cativos, que Christo veyo resgatar, são os homens: logo parece que havia de cortar

cortar o preço dos homens, & não dos annos. Pois porque não diz o preço de cada homem, senão o preço de cada anno? Porque Christo não sò veio resgatar os homens, senão também os tempos. O preço dos homens não o declarou: porque era muito caro, & lhe tocava sò a elle: o preço dos tempos sim; porque era muito barato, & nos pertencia a nós. Era muito caro o preço dos homens, porque cada homem se havia de resgatar por todo o Sangue de Deos: & era muito barato o preço dos tempos, porque se havia de dar a indulgencia, & perdão de hum anno inteiro pela pensão de hum sò dia: *Annum placabilem Domino, & diem compensationis Deo nostro.* E isto he o que fiz hum sò dia do Rosario, & o Rosario cada dia, & todos os dias.

314. Oh se Deos nos abrisse os olhos! Quantos exemplos lemos, & temos ouvido de Almas, que Christo, & sua Santissima Mãe resgatárao do cativoiro de muitos annos, & de toda a

vida sò pela pensão do Rosario de cada dia? Que homem ha, não digo dos velhos, senão de todos, que se lhe offerecerao hum remedio com que tornar a viver os annos de toda sua vida, o não comprasse a todo preço? E se este remedio se puzesse em leilão no Inferno; ou no Purgatorio, que dariao por elle, não sò as Almas, que estaõ ardendo temporalmente, senão as que haõ de arder por toda a eternidade? Pois este remedio he o Rosario, & remedio de cada dia. Tanta he a força das suas orações, & da meditação de seus mysterios. Notificou o mesmo Profeta da parte de Deos a El-Rey Ezequias gravemente enfermo, que morreria sem duvida: *Morieris tu, & non vives,* & vendo-se elle chegado ao ultimo dia, que faria? Oh que boa resolução, & melhor, senão se deixar para taõ tarde! *De mane usque ad vespere finies me: sicut pullus hirundinis sic clamabo, meditaor, ut columba.* Supposto que me não resta mais que hum dia de vida, da manhã até a tarde,

o remedio que só posso ter he meditar, & orar: *Meditabor ut columba, sicut pullus hirundinis, sic clamabo.* Meditou, & orou, que são as duas partes, de que se compoem o Rosario: & deulhe Deos quinze annos de vida, como se fora em honra dos quinze mysterios. O certo he, que fez o Rey proposito (se não foy voto) de continuar a sua oração todos os dias: *Domine, salvum me fac, & psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vitæ nostræ.*

Ibid.
20.

315. Mas estes quinze annos foraõ acrescentados, & futuros. O que eu digo he, que a oração, & meditação faz tornar a viver os passados. Assim o exprimentou neste mesmo caso, & o disse o mesmo Ezechias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ: Domine si sic vivitur.* Supposto (diz o Rey fallando com Deos) que nestes apertos de tempo em que me vejo, não tenho outra cousa com que satisfazer o passado; meditarvoshey, Senhor, todos os annos da minha vida. Aqui

Ibid.

15.16

ponto. E logo acrescentou, já que assim se vive. Notavel razaõ! Ezechias estava morrendo, & parece que havia de dizer, meditarvoshey todos os annos de minha vida, já que assim se morre: pois porque não diz, já que assim se morre, senão, já que assim se vive: *Domine, si sic vivitur?* Porque meditar os annos da vida passada he o unico remedio para os tornar a viver. Chegando o Rey áquelle ultimo, & temeroso dia, desejava o que todos desejaõ de balde, quando se vem nelle. Desejava defandar, se podesse, o caminho, & os caminhos de toda a vida. Desejava tornar a viver os annos vividos & passados, para os viver de outro modo. Mas como isto era impossivel; ao menos, Senhor, (dizia) já que não posso viver os meus annos, quero os meditar, & orar. Quero os meditar, & offerecer vos meditados, que isso he *Recogitabo tibi omnes annos meos:* & quero orar, & pedir vos perdaõ delles; que isso he *In amaritudine animæ meæ.* E quando hia para dizer:

dizer : & assim morrerey ; illustrado com mayor lume do Ceo, differ. & assim viverey : *Domine , si sic vivitur.* Porque o cuidar deste modo , he viver ; & o recuidar, reviver. Elle dizia: já que não posso reviver os meus annos, quero-os recuidar, & o recuidalos era revivelos : *Recogitabo tibi omnes annos meos : Domine , si sic vivitur.*

VII.

316. **P**Ois se cuidar, & recuidar os annos proprios já vividos. meditando, & orando, he tornalos a viver: que será meditar desta maneira, não os annos proprios, & mal gastados, senão os annos purissimos ; & santissimos da Vida de Christo, & de sua Mãy , como se faz no Rosario ? O Rosario não diz : *Recogitabo tibi omnes annos meos*, senão : *Recogitabo tibi omnes annos tuos ; Omnes annos tuos.* fallando com o Filho de Deos, & *Omnes annos tuos*, fallando com a Mãy de Deos. Oh como me arre-

pendo já do pouco que disse, & do assumpto que tome a medo, parecendo-me grande, & muito encarecido , quando comparey os dias do Rosario com os annos da Igreja ! Que muito he, que hum dia do Rosario seja tão grande como hũ anno da Igreja, se he tão capaz , & tão immenso , que abraça todos os trinta & tres annos da Vida de Christo, & todos os sessenta & tres da vida de sua Mãy ? E se os annos que se meditaõ, & tornaõ a meditar se vivem, & revivem em hum dia ; que vidas, & que annos serão os que vive em hum sô dia, o verdadeiro devoto do Rosario, meditando a vida, & vivendo os annos de Christo : & meditando a vida, & vivendo os annos da Virgem Maria ? Christo instituhio o Santissimo Sacramento, para que nós viveffemos pela sua vida, assim como elle vive pela do Padre ; & a Virgem Maria instituhio o Rosario como outro Sacramento, para que nós viveffemos a vida de feu Filho , & mais a sua. E assim como

Christo no Sacramento não contente com viver em nós por graça, quiz também viver em nós por memoria: *In mei memoriam facietis*: assim a Virgem Santissima no Rosario tenão contêto somente com que rezassemos as orações, se não que meditassemos os mysterios, para que por meyo da meditação da vida de seu Filho, & sua, vivessem ambos em nós, & nós em ambos por memoria, & graça.

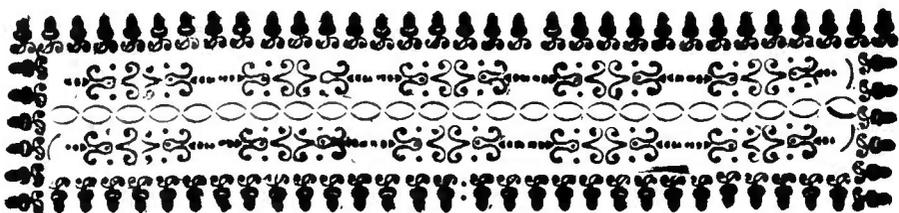
317. Vejaõ agora os que não rēzão o Rosario, ou o rēzão só de boca, & o não meditaõ, que meditações são as dos seus dias, & dos seus annos: *Omnes dies nostri defecerunt: anni nostri sicut aranea meditabuntur*. Passáraõ-se os nossos dias (diz David) & quasi se tem passado os annos, & todas as nossas meditações são como as da aranha. Toda a meditação da aranha he estar ordindo, & tecendo redes. E para que? Para tomar hũa mosca. Pois aranha vá, & altiva, que sempre busca o mais alto da casa, estas são as tuas meditações,

& estes os teus cuidados? Para isto fias, para isto tēces, para isto te desentranhas? Sim. E mais razão tenho eu (diz a aranha) de estranhar as meditações dos homens, do que elles as minhas. Eu medito em tomar hũa mosca com que sustento a minha vida, elles meditaõ em tomar moscas com que perdem a sua. A esta meditação da vaidade de nossos dias, & annos ajunta David no mesmo lugar outra da brevidade delles, que para os que rēzão o Rosario he de casa, porque he da Rosa: *Manè sicut herba transeat manè floreat, & transeat, vespere decidat, induret & arefcet*. De manhã nascida, de dia florente, á tarde murcha, & secca: *De mane usque ad vesperam finies me*, disse El Rey Ezcquias; & o mesmo pôde dizer a Rainha das flores. Pela manhã magestade, ao meyo dia febre, á noite delengano: & tudo isto em hum dia. Boa meditação para quando se toma nas mãos o Rosario. Sobre este conhecimento da vaidade, & brevidade da vida:

da: primeiro, meditar os
nostros annos para resgatar
os passados: depois, meditar
os de Christo, & sua Mãe, pa-
ra multiplicar, & segurar os
futuros. Este he o Rosario
de que falley: & o que não

he este, não he o Rosario da
Virgem Senhora nossa, o
qual não confi te em fallar,
senão em meditar, & orar. A
mesma Senhora se digne de
orar por nós agora, & na ho-
ra de nossa morte. Amen.





SERMAM IX.

Maria de qua natus est Jesus. Matth. 1.

Ascendens Jesus in naviculam, transfreta vit, & venit in Civitatem suam. Matth. 9.

L

328.



OM grande armonia, & natural consonância concorrê estes dous Evangelhos, ambos de S. Matheus, neste dia, neste lugar, & em tal tempo. Digo neste lugar, porque dentro de quatro taboas nos achamos todos no meyo do vastissimo Oceano. E digo em tal tempo, porque temos entrado nos primeiros dias de Outubro, mez tão formidavel a todos os mareantes por suas tempestades, como memoravel por seus naufraga-

gios. Os mesmos nomes dos Santos, a quem nos costumamos focorrer nos trabalhos, não só parece que nos estão avizando, mas ameaçando com elles. No principio do mez, as grandes tempestades, que chamamos de S. Francisco: no fim do mez, as mayores de S. Simão; & no meyo d'elle, as das onze mil Virgens, que em tão pequena travessa como de Inglaterra a Bretanha, arrebatadas da furia dos ventos por aquelle tão estreito, como temeroso canal, foraõ cair nas mãos dos Hunos. No meyo porê m deste

destes temores, de que não ha no mar hora, nem momento seguro, nos animão igualmente as palavras de hum, & outro Evangelho. O primeiro com o nome de Maria, da qual nasceo Jesu: *Maria de qua natus est Jesus*: o segundo com a viagem, que fez o mesmo Jesu embarcado, navegando, & chégando felizmente á sua Patria: *Ascendens Jesus in naviculam, transfretavit, & venit in Civitatem suam.*

319. O nome de Maria (que como tão grande, & tão mysterioso, não tem só huma significação) segundo Santo Ambrosio significa: *Domina maris*; Senhora do mar: segundo Santo Hídoro, significa, *Stella maris*, Estrella do mar. E que navegante haverá, guiado de tal Estrella, que tema o mar dominado de tal Senhora? O mesmo Jesu, que della nasceo: *De qua natus est Jesus*, quer dizer Salvador, & em frase dos mesmos mareantes promete a todos o chegar a salvamento, & a porto de sal-

vação, que he o que todos os dias com estas mesmas palavras lhe pedem. He tão antiga esta frase entre os homens do mar, que já os Discipulos na barquinha, apertados da tempestade, disserão ao mesmo Jesu em seu tempo: *Salva nos, perimus*: & delles a tomou a Igreja no perigo do seu Piloto: *Qui salvasti Petrum in mari, miserere nobis.* Assim que na Virgem Maria, como Estrella, & como Senhora do mar, & como Máy de seu Filho, tem a Ancora da nossa esperança huma amarra de tres cabos fortissimos; com que deste pégo sem fundo nos levará a dar fundo no porto desejado.

320. A viagem, com que Christo Senhor nosso se embarcou, navegou, & chegou prosperamente hoje á sua patria, nos promete a mesma segurança, & nos assegura a mesma felicidade: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam.* Para passar o mar como Creador, & Senhor de todos os elementos,

Matt.
8.25.

mentos, não tinha necessidade de Christo de embarcação.

Assim o mostrou, quando indo socorrer os Discipulos, caminhou sobre as ondas, como por terra solida, & firme. Embarcouse porêm hoje (diz S. Pedro Chrysologo) não porque elle tivesse necessidade do navio, mas porque o navio tinha necessidade de delle: *Non Christus indiget navi, sed navis indiget Christo.* Quanta necessidade tenhaõ de Christo todos os mareantes, os nossos Portuguezes o confessão cada dia cantando ao romper da alva, & repetindo hũa, & outra vez: Não ha tal andar como buscar a Christo: Não ha tal andar como a Christo buscar. E eu acrescento a esta boa doutrina pelo que toca ao perigo em que estamos, que não basta só buscar a Christo, se não se busca tambem a Máy do mesmo Christo. Esta Cidade, que o Evangelista chama *Civitatem suam*, diz o mayor interprete das Escrituras S. Jeronymo, que era a Cidade de Nazareth; porque ainda que Nazareth es-

tava distante do Porto, hia Christo a visitar sua Santissima Máy, que morava em Nazareth. E como a nao em que navegava o Senhor do mar levava a proa na Estrela do Mar, não podia a viagem deixar de ser felicissima.

321. Bem claramente o provou este successo na differença de outro. Duas vezes nos referem os Evangelistas, que se embarcou Christo neste mesmo navio, que era o de S. Pedro, & neste mesmo mar, que era o de Tiberiades. Em hũa viagem porêm, que foy esta de hoje, passou, & chegou o navio com grande bonança, & na outra pa-deceo tão forte tempestade, que quasi a çoçobravaõ, & metião a pique as ondas: *Ita ut navicula operiretur Mat. 8. 24.* Pois se o navio era o mesmo, & o mar o mesmo, & em hũa, & outra passagem hia o mesmo Christo, Senhor do mar, & dos ventos, como foy tão differente o successo? Porque ainda que em ambas as viagens hia Christo na popa do navio, em hũa levava a proa

P. Chrysol ser-gat Christo. Quanta necessidade tenhaõ de Christo todos os mareantes, os nossos Portuguezes o confessão cada dia cantando ao romper da alva, & repetindo hũa, & outra vez: Não ha tal andar como buscar a Christo: Não ha tal andar como a Christo buscar. E eu acrescento a esta boa doutrina pelo que toca ao perigo em que estamos, que não basta só buscar a Christo, se não se busca tambem a Máy do mesmo Christo. Esta Cidade, que o Evangelista chama *Civitatem suam*, diz o mayor interprete das Escrituras S. Jeronymo, que era a Cidade de Nazareth; porque ainda que Nazareth es-

D. Hier. ibi.

proa na Estrella do Mar, & na outra não. Taes são os privilegios, que o mesmo Christo quiz quettivelte sobre o mar (ainda quando elle navega) na Mãe de quem nasceu: *Maria de qua natus est Jesus.* Christo era Senhor do mar, Maria também he Senhora do mar: & para ter, & não correr fortuna no mar, antes navegar, & chegar com prosperidade; parece que quiz entendeffemos o Senhor do mesmo mar, que não basta só o dominio d'elle, senão o dominio, & mais a Estrella. Isto he o que só no nome de Maria se acha junto: *Maria Domina maris, Maria Stella maris.*

322. **A**inda não está dito tudo. Christo na viagem de hoje não só levava a proa, & a vista em sua Mãe, mas em sua Mãe na Cidade de Nazareth: *In Civitatem suam.* Pois a Virgem Maria em Nazareth, & fóra de Nazareth não he a mesma? Sim, &

não. Em Nazareth, & fóra de Nazareth he a mesma; porque he a mesma Mãe de Christo: mas em Nazareth, & fóra de Nazareth não he a mesma; porque em Nazareth he a Senhora do Rosario, fóra de Nazareth, não. Nazareth, quer dizer, *Florida*, Florida: & quando a Senhora está em Nazareth, quando está cercada de flores, & rosas, então he Senhora do Rosario. O mesmo Rosario o diga quanto ao nome, quanto aos mysterios, & quanto às orações de que he composto. O Rosario, quanto aos mysterios, começou no mysterio da Encarnação: o mesmo Rosario quanto às orações, começou na fundação do Anjo S. Gabriel: *Ave gratia plena.* E onde teve principio huma, & outra couza? Ambas em Nazareth: *Missus est Angelus Gabriel in Civitatem Galilee, cui nomen Nazareth.* Em Nazareth teve seu principio o Rosario quanto aos mysterios, & em Nazareth quanto às orações; & por isso também em Nazareth

reth quanto ao nome, porque as flores, & a Rainha das flores lhe deraõ em Nazareth o nome de Rosario, Que muito logo que, quando Christo hoje levava a proa em Nazareth, atravessasse aquelle golfo, & chegasse a tomar porto com maré de rosas: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam?*

323. O mesmo Evangelista S. Lucas, que descreveo o lugar de Galilea, onde teve seus principios o Rosario; dizendo: *Missus est Angelus Gabriel in Civitatem Galilee, cui nomen Nazareth;* escrevendo tambem o lugar, em que succedeo aquella grande tempestade, notou que fora na parte opposta, & contraria à mesma Galilea: *Navigaverunt ad regionem Gerasenorum, qua est contra Galileam.* De forte que ainda historialmente, & sem allegoria, quando os navegantes no mesmo navio, & no mesmo mar, se encaminháraõ ao lugar, onde teve principio o Rosario, navegáraõ prosperamente, & chegáraõ sem perigo; & quando puzeraõ a proa na

parte contraria, & se apartáraõ, & deixáraõ aquella derrota, entaõ padecêraõ a tempestade, de que só por milagre escapáraõ Para que entendaõ todos os que andaõ sobre as aguas do mar, & vejaõ na differença de hum, & outro successo, que he, & foy desde seus principios virtude propria do Rosario: livrar aos que navegaõ das tempestades, & perigos, & levalllos seguros, & com bonança ao porto de seu dezejo.

324. Tambem não ponderámos ainda a propriedade daquella palavra *Transfretavit*. *Transfretavit* deriva-se de *Fretum*, que he hum dos quatro nomes do mar. O mar chama-se, *Mare*, chama-se, *Pontus*, chama-se, *Æquor*, chama-se, *Fretum*: E porque? Os Grammaticos, a quem pertencem estas Ethimologias, o dizem, & distinguem com grande propriedade.

*Cum fremit esse Fretum, dices; Mare cum sit amarum:
Pontus ponte caret; sed ab æquo dicitur æquor.*

Chama-se o mar, *Mare*, porque he amargo: chama-se, *Pontus*, porque he incapaz de Ponte: chama-se *Æquor*, quando está igual, & sereno: chama-se, *Fretum*, quando está bravo, & furioso, & como Leão dá bramidos. Não he isto o que tememos, & o que ameaça os tempos? Sim: Ora vejamos como este mesmo mar; ou este mesmo monstro por virtude do Rosario, por mais que esteja bravo, se amansa; por mais que esteja furioso, se enfrea; & por mais que dê bramidos, se calla; & aquella mesma bocca voraz, com que quer comer os navios inteiros, & tem comido tantos, a cerra, & emudece. Tudo isto quer dizer: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam: &* tudo isto he ser *Maria Domina maris: Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

325. E posto que o curso de hum, & outro.

Evangelho nos tem dado bastante fundamento, para que assim o esperemos, por mais que o tempo, & o lugar promettaõ, ou ameacem o contrario: com tudo, porque o temor he incredulo, & desconfiado, & a materia tão importante, & de sua natureza, duvidosa; para que o temor se anime, a incredulidade se persuada, & a desconfiança se assegure, passemos do mar de Tiberiades a este nosso, & das flores de Nazareth às do Rosario: & na Fè das Escrituras, & experiencia dos exemplos, não sò quero que ouçamos, senão que vejamos com os olhos, quão grandes são os poderes do mesmo Rosario nestes conflicts, & quão certos, & infalliveis seus effectos contra o mar, contra os ventos, & sobre todas as tempestades.

III.

326. **A** Quelle famoso carro de Ezechiél, cujo pavimento era hum Ceo de crystal, fundado sobre quatro rodas, cada hũa de quatro faces, & tirado de quatro animaes, ou monstros, cada hum de quatro rostos, o que principalmente representava, he esta vastissima campanha em que ao presente nos achamos, onde os mais furiosos elementos se dão as batalhas, o mar. Não he consideração, ou interpretação minha, senão do mesmo Texto. Falando das rodas, diz expressamente, que eraõ semelhantes ao mar: *Aspectus rotarum, & opus earum quasi visio maris.* Eraõ rodas; porque o mar não tem quietação, nem consistencia: eraõ azues parte claro, parte escuro; porque esta he a condão do mar, ou pacifico, ou turbado: eraõ de quatro faces iguaes; porque igualmente se move o mar para as quatro partes do mûdo, para onde as leva o vento. Se o vento he Sul, corre o mar

Ezec.
I. 16.

para o Setentriaõ: se Norte, para o Meridiao: se Leste, para o Levante: se Oeste, para o Poente: & isto mesmo diz o Texto: *Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritus, & rotae pariter eleuabuntur.* Os quatro animaes, ou monstros de quatro rostos, tambem eraõ, ou representavaõ o mar. Por isso diz o mesmo Texto, que quando batiaõ as azas, como se batesssem as prayas, o som que se ouuia era de muitas aguas: *Quasi sonum aquarum multarum.* Os quatro rostos eraõ de Homem, de Touro, de Leão, de Aguia; porque he o mar, como lhe chamou Tertulliano traidor de muitas caras, já de homem quando manso, já de teuro, quando bravo, já de leão; quando dá bramidos, já de aguia, quando se levanta ás nuvens: E a causa de todas estas mudanças he a mayor, ou menor força com que os move, ou açouta o cocheiro desta grande carroça, o vento. O mesmo Texto outra vez: *Ubi erat impetus spiritus, illuc gradiabantur.*

ibid.
20.

ibid.
24.

12.

327. Sobre estas quatro rodas,

rodas , & sobre estes quatro monstros estava fundado o pavimento em fôrma de hum Ceo : porque no meyo do mar , como agora estamos, se olharmos em roda para todos os Orizontes, parece que o Ceo por toda a parte se levanta do mar, & que sobre elle estriba, & se sustenta. E nota Ezequiel (cousa muito digna de admiração , & reparo) que sendo o Ceo de crystal , olhando para elle , metia

26.22. medo: *Et similitudo super capita animalium firmamenti, quasi aspectus crystalli horribilis.* Hum Ceo de crystal claro , diafano, & transparente, parece que visto não podia causar horror. Mas diz com tudo o Profeta, que era horrivel, & que visto metia medo , porque era Ceo sobre mar sem se ver outra cousa. E este he o primeiro horror, que exprimem-tamos nelle os navegantes. Quando nos apartamos da vista da terra , & até as torres , & montes mais altos se nos escondem , esta mesma solidão immensa , em que se não vê mais que mar , &

Ceo , ainda que o Ceo citeja limpo, & sem nuvem, & tão claro como hum crystal , naturalmente causa aquelle horror , que per si mesmo se insinua nos corações humanos. Assim o ponderarão sem mais expressão que a da mesma natureza os mais entendidos Poetas. Virgilio : *Maria undique, & undique Caelum.* Ovidio : *Caelum undique, & undique Pontus :* & o nosso com mayor experiencia que todos neste mesmo mar: *Não vimos emfim mais, que mar, & Ceo.*

328. Pois se o Ceo claro, resplandecente , & fermoso , neste lugar em que nos achamos causa horror; que será escuro , feyo , & cuberto por toda a parte, ou envolto em nuvens espessas, & negras, sem que de dia se veja Sol , nem de noite Estrella ? Se o mar quieto , & pacifico, ou encrespado sómente de hũa viração branda, & galerna, he temeroso ; que será affoprado furiosamente do mayor pezo, & impeto dos ventos,

le-

levantando montes que sobem ás Estrellas, & abrindo valles que descobrẽ as areas, & jugando a pella com hũa nao da India, quanto mais com hum lenho tão pequeno, como este nosso? E se em Junho, & Julho, quando parece que os ventos dormem, & os mares descansão, não ha hora, nem momento seguro sobre hũ elemento, & debayxo de outro, ambos tão incôstantes; que se pôde temer na entrada do inverno, quando todos os vapores recolhidos no veraõ se desfataõ em furias, & tempestades? Bem o vio, & experimentou mesmo Profeta na primeira entrada, cõ que se lhe mostrou á vista esta nova; & prodigiosa maquina do seu carro; porque o que trazia diante de sy, era o medo, o terror, o affombro, em hũa tromenta, & tempestade desfeita, de nuvens, de ventos, de fogo, de relampagos, de trovões, de rayos: *Et vidi: & ecce ventus turbinis veniebat ab Aquilone; & nubes magna, & ignis involvens, & splendor in circuitu ejus.*

Ezeq.
14.

329. Este he, amigos, & companheyro, o lugar, o tempo, & o perigo eminente, em que estamos todos cõ muito duvidoso, & fraco socorro na arte: & nas forças humanas. Telohemos porẽm muito poderoso, muito certo, & muyto seguro, como dizia, nas divinas; as quaes vio o mesmo Ezechiel na parte superior, & triunfante da mesma carroça. Sobre o pavimento della vio hum throno de Safiras: *Super firmamentum quasi aspectus lapidis sapphiri* ^{Ibid.} *similitudo throni.* Sobre o throno vio hum homem formado de ouro, & prata por outro nome de Electro: *Et super similitudinem throni quasi aspectus hominis desuper: & vidi quasi speciem Electri.* E em roda do throno, & da magestade que nelle assitia, vio hũa Iris, ou Arco celeste: *Velut aspectum Arcus; cum fuerit in nube in die pluviae: hic erat aspectus splendoris per gyrum.* Este throno pois de Safiras, este Homem de ouro, & prata, & esta Iris, ou Arco celeste, superior tudo, & dominante sobre o mar, & sobre os vêtos, que

^{Ibid.}
28.

que significava? O throno de Safiras significava a Virgem Maria, o Homem de ouro, & prata significava o Filho de Deos, & seu o Arco celeste significava o seu Rosario, & tudo junto significava o poder, & dominio soberano, que tem a Mãe de Deos por meyo do seu Rosario sobre o mar, sobre os ventos, & sobre as tempestades, & perigos dos que nelles navegaõ. Provemos tudo por partes, & descubramos em cada huma dellas as propriedades mysteriosas, que em si encerraõ.

IV.

Aug.
Damm.
Bern.

330. **O** Throno de Safiras he a Virgem Maria Senhora Nossa. Assim o dizem Santo Agostinho, S. Joaõ Damasceno, S. Bernardo, & particularmente S.

Boaventura sobre este mesmo lugar de Ezequiel: *Ipsa est thronus ille sapphirinus, qui sic in Ezechiele legitur super firmamentum exaltatus est.* E chama-se propriamete throno de Safiras; porque as Safiras saõ da cor do mar,

D. Bon
in specu
lo B.
Virg. c.
11.

em que se representa, não sã o nome de Maria, mas a significação d'elle: *Domina maris.* O Homem que se via sobre este throno, he o Filho de Deos feito homem. Assim o diz, & prova além dos outros Padres, S. Pedro Damiaõ: *P. Fecit thronum, uterum vide- Dam. licet intemeratæ Virginis, in serm. quo sedit illa maiestas. Hanc de Nat sessionem Filii, & cognovit, & Virg. probavit Pater, ipso dicente: Tu cognovisti sessionem meam: & thronus tuus Deus in seculum.* E era este Homem formado de Electro, o qual, como dizem os Authores da historia natural, & com elles S. Gregorio, se compoem de ouro, & prata, para que na differença, & uniaõ destes dous metaes, hum mais precioso que outro, se significasse a Divindade, & Humanidade do composto inefavel de Christo. Finalmente a Iris, ou Arco celeste representa o Rosario, não sã por hũa, ou algũas propriedades, senaõ por todas.

331. A materia, & propria substancia do Arco celeste, como concordemente ensinaõ todos os Filozofos, não

não he verdadeiramente outra, mais que os rayos do Sol reverberados nas nuvens. E tal he toda a materia do Rosario, o qual se compoem dos mysterios, & acções do verdadeiro Sol Christo, reverberadas na nuvem de sua humanidade, como feita de vapores da terra elevados á união, & alteza da Divindade. A fôrma do mesmo Arco são as cores, que resultão dos rayos do Sol, & seus reflexos, tantas, & tão varias, como bem as pintou quem disse: *Mille trahit varios aduerso Sole colores*; sendo mais ainda em numero, & variedade as acções prodigiosas de Christo, as quaes por testemunho de S. João não caberiaõ escritas em todo o mundo, como não cabe nelle o mesmo Arco. Mas assim como as cores deste se reduzem particularmente a tres, verde, vermelha, & azul; assim aquelles mysterios se dividem no Rosario com outras tantas differenças, que principalmente os distinguem. Os da Infancia de Christo, que são os Gozolos, & pertencem à

cor verde: os de sua Morte, & Payxão, que são os Dolorosos, & pertencem á cor vermelha, & os de sua Resurreição, & subida ao Ceo, que são os Gloriosos, & pertencem á cor azul.

332. Esta he a materia, & a fôrma do Rosario. E os effeitos quaes são? Os mesmos que havemos mister, & com razão nos tem em tanto cuidado, que são assegurar-nos o mesmo Rosario, com propriedade de verdadeiro Arco celeste, do furor dos ventos, & tempestades, & do temor de seus perigos. Com o mesmo Arco celeste assegurou Deos aos homens de não haver já mais outro Diluvio, que foy a mayor tempestade que houve no mundo: *Arcum meum ponam in nubibus; & recordabor fœderis mei.* E não só

Gen. 9.
13.15

por instituição divina, como naquelle caso; mas tambem por razão natural (como bem notou Santo Thomás) nos assegura o mesmo Arco, de que nem as nuvens, nem o ar, nem o fogo (que são as tres partes elementaes, com que se variaõ as suas cores)

se

se podêrão resolver em tempestade grande. E porque? Porque as grandes tempestades não se fazem senão com nuvens crassas, & grossas, & a Iris não apparece senão em nuvens raras, & leves: & as grandes tempestades cobrem, & escurecem o Sol, & sem Sol, & suas reflexões não pôde haver Iris. Por isso o antiquissimo Pithagoras lhe chamou, *Serenitatis præludium*, Preludio, & prenuncio da serenidade. Assim que na Iris, ou Arco celeste, não só se representa o Rosario, & seus mysterios, senão juntamente o maravilhoso effeito de serenar as tempestades, & nos assegurar de seus perigos.

333. Sò a figura do mesmo Arco parece que he impropria desta significação. Porque o Arco celeste como vemos, & como o descreve Plinio, fórma sòmente hum meyo circulo: *Nec unquam nisi dimidia circuli forma*: & a figura do Rosario he hum circulo perfeito. Mas a esta objecção acòdio maravilhosamente o mesmo Ezequiel, dizendo, que a

Iris, que cercava o throno triumphal da sua carroça, não era formada sòmente de meyo circulo, senão de circulo inteiro: *Velut aspectum Arcus, cum fuerit in die pluvie; hic erat aspectus splendoris per gyrum*. Notay a palavra *Ter gyrum*: à roda, & em roda do throno; & do Senhor, que nelle estava assentado; porque não era só meyo circulo, como o que vemos no Arco celeste, senão circulo perfeito, como o que fórma o Rosario. De sorte, que assim como os Pintores para pintar a Virgem Senhora nossa do Rosario, pintaõ a mesma Senhora com seu bẽdito Filho nos braços, & hum Rosario em roda: assim o Profeta Ezequiel sobre o seu carro, em que se representava o mar movido, & alterado dos ventos, pintou o throno de Safiras; que he a Senhora, & sobre o throno o Homem Deus, que he seu Filho; & em roda de ambos huma Iris, ou Arco celeste de circulo perfeito, que he o Rosario. Nem isto he contra a natureza do mesmo Arco, antes muito con-

forme a ella ; porque assim como o circulo do Rosario se aperfeçoou , & cerrou quando Christo, & sua Mãe subiraõ ao Ceo; assim quando o Sol está no Zenith, o mesmo Arco se estende circularmente por toda a redondeza dos Horizontes, como diz o Ecclesiastico: *Gyravit Cælum in circuitu gloriæ suæ.*

Ecclef.
43.13

334. Sendo pois virtude propria do Rosario da Virgem Maria , segundo a propriedade do seu mesmo nome, *Domina maris*, dominar os mares , moderar os ventos, & serenar as tempestades: posto, que o tempo, & conjunção, em que nos achamos, as promettaõ, & ameaçam grandes ; se por meyo do mesmo Rosario invocar-mos o soberano patrocínio da Senhora do mar, elle nos defenderá tão poderosa, como seguramente de todos seus perigos. E para que a consideração das causas naturaes, & seus poderes nos não desanimem como costumão, saybamos que a mesma natureza, que na materia, na forma, nos effeitos, & na mes-

ma figura do Arco celeste cõ tão exquisitas propriedades, ou pintou, ou ideou o Rosario, tambem se não esqueceo desta circumstancia do tẽpo como a mais temerosa, & formidavel, & de cujo effcaz remedio mais necessitamos.

335. Tudo quanto temos d'to atégora do Arco celeste, he segundo a Filosofia de Plinio, que elle chama manifesta : *Manifestum est radium solis immissum cæli nubibus repulsa acie in solem refringi, colorumque varietatem mixtura nubium, aeris, igniumque fieri. Certè nisi sole adverso non fiunt, nec unquã nisi dimidia circuli forma.* E diz mais este grande Interprete da natureza? Sim, & tão claramente como se hoje, & nesta mesma circumstancia fallára comnosco: *Fiunt autè hyeme, maxime ab æquinoctio autumnali die decrecente.* Quer dizer : que no principio do inverno, depois do Equinocio autunal, quando os dias começão a ser menores, entãõ apparece mais frequentemente o Arco celeste. Tal he pontualmente a cir-

Plin. l.
2. c. 59

cir-

circunstancia , & conjunção do tempo, em que nos achamos. Pouco ha que passou o Equinocio autunal, já entrou o inverno, já começáraõ a minguar os dias, & crescer as noites, & com ellas a ser o tempo, & o mar mais temeroso ; mas nestas mesmas circunstancias ordenou o Ceo, que se intuisse a Festa, & memoria do Rosario, para que elle, como Arco celeste agora mais frequente, nos fere nas tempestades, ou nellas nos assegure dos seus perigos.

336. Denos o primeiro exemplo aquelle mesmo Principe, cuja vitoria no mar deu este dia ao Rosario, como o Rosario lhe tinha dado a vitoria neste mesmo dia.

V.

337. **A** Occasiao por que este dia se dedicou à solemnidade do Rosario, foy como todos sabem, a vitoria que o mesmo Rosario alcançou contra todo o poder Otoma-

no na famosa batalha naval do mar de Lepanto, em que o Principe Dom João de Austria toy o Jofuè que pelejou com a espada, o Papa Pio Quinto o Moysés; que venceu com as orações, & a Senhora do Rosario a vara de Araõ florecente, que na mesma hora da batalha, levada em procissão por todas as Cidades da Christandade, ao passo que dava, a vitoria hia ostentando o triunfo. Mas assim como David tantas vezes vitorioso nas tempestades de sangue se temia mais das tempestades de agua: *Non me demergat ps.68. tempestas aquæ*; assim lhe succedeo ao mesmo Principe Austriaco, não longe do mesmo lugar no mesmo mar Mediterraneo.

338. Passando de Na-
poles para Tunes com grossa armada, foy tal naquella travessa a furia da tormenta, que os pilotos desconfiados de todo o remedio, & industria humana, se deraõ por perdidos. Recorrendo porèm todos aos

Fr.
Mig.
de la
Fuert.
comp.
Hist.
l.4 c.
27.

foccorros do Ceo, & invocando o Catholico, & piedoso Principe a sua singular Patrona, & supplicando-a, que assim como lhe tinha dado vitoria contra os inimigos, lha concedesse tambem contra os elementos: que succedeo? Caso verdadeiramente raro, & com perigo sobre perigo; & milagre sobre milagre, duas vezes maravilhoso. No mesmo ponto cessou a tempestade, mas não cessou o perigo. Cessou a tempestade; porque subitamente ficou o vento calma, & o mar leyte: mas não cessou o perigo; porque o Galeão que levava a Pessoa Real, sendo o mais forte, & poderoso vaso de toda a Armada, visivelmente se hia a pique. Tanta era a força da agua, que nelle tinha entrado, & successivamente hia crescendo; & dominando já as primeira cubertas. As bombas, os baldes, os gamotes, & até os eapacetes dos soldados com que todos trabalhavaõ, nada bastava para vencer;

nem ainda igualar o golpe da corrente, que sem se saber por onde, os hia alagando. Já se vê quaes seriaõ neste ultimo aperto as vozes, & clamores de toda aquella multidaõ militar, & maritima, não havendo quem não chorasse mais a perda de tamanha, & taõ importante vida, que a desgraça, & naufragio das proprias. Mas a soberana Rainha, & Senhora do mar, não sabe fazer mercès imperfeitas. Assim como tinha cessado a tempestade do vento, assim cessou a da agua, que já rebentava pelas escotilhas. Achicáraõ de repente as bombas, o Galeão no mesmo momento ficou estanque, & de alagado, & quasi sepultado, surgingio, ou resurgio boyante sobre as ondas. De que modo porém? Aqui foy a segunda, & mayor maravilha, entaõ não conhecida, nem imaginada a causa, mas depois que chegáraõ ao porto vista de todos com admiração, & afombro,

339. Com a força da tempestade tinha-se aberto hum rombo junto à quilha da náó, por onde a borbo-tões entrava o mar, quando hum peyxe do mesmo tamanho, por instinto da poderosa mão que o governava, se meteo pela mesma abertura, de tal forte ajustado, ou entalado nella, que sem poder tornar atraz, nem passar adiante, cerrou totalmente aquella porta (que com razão se podia chamar da morte) & tanto que não entrou mais agua, foy facil lançar ao mar a que estava ja dentro. Assim se vê hoje pintado em Napoles, & pendente ante os Altares da Virgem Santissima o retrato de todo o successo; a tempestade, o galeão naufragante, & o peixe q̃ o salvou atravessado: em perpetuo trofeo; & monumento do soberano poder, & nome de Maria; como Senhora não só do mar, mas de quanto sobre elle navega; ou dentro nelle vive.

340. No Capitulo quinto do seu Apocalypse ouviu S. Joaõ, que todas as creatu-
Tom. 5.

ras do mundo, as do Ceo, as da terra, & as do mar, não divididas em tres, mas unidas em hum coro, louvavaõ o poder, & gloria do Cordeiro assentado no trono, & lhe davaõ graças: *Et omnem creaturam quæ in Cælo est, & super terram, & sub terra, & quæ sunt in mari, & quæ in eo, omnes audi-vi dicentes sedenti in throno, & Agno; benedictio, & honor, & gloria, & potestas in sæcula sæculorum.* O trono em que está assentado o Cordeiro, já se sabe que são os braços da Virgem Senhora Nossa, & na mesma figura, em que a veneramos debayxo do titulo do seu Rosario. Mas entre as outras creaturas que lhe tributaõ louvores, são notaveis os termos com que o Texto falla nas do mar: *Et quæ sunt in mari, & quæ in eo:* & as que estão no mar, & as que estão nelle. Estar no mar, & estar nelle, não he a mesma cousa? Parece que sim. Pois porque faz esta differença o Evangelista distinguindo as creaturas que estão no mar, das que estão nelle: *Quæ sunt in mari,*

Apoe
5.13

& *quæ in eo*? Porque no
 mesmo mar huns estão den-
 tro nelle, & outros fóra, &
 sobre elle: huns estão den-
 tro, & como moradores, que
 são os peyxes: outros estão
 fóra, & como passageiros,
 que são os navegantes. E
 porque huns, & outros estão
 logoitados ao trono de Deos, &
 ao dominio da Senhora que
 o tem nos braços; por isso
 todos os que vivem, ou sobre
 as aguas do mar, ou debaixo
 dellas, louvaõ, & devem lou-
 var a Senhora do mar, como
 no nosso caso, Os navigan-
 tes, porque os livrou do pe-
 rigo, & os peyxes, porque se
 servio de hum delles para os
 livrar: os navegantes, por-
 que os salvou da morte, & o
 peyxes, porque por meyo da
 sua morte lhes salvou a vi-
 da. Parece que quiz compe-
 tir a Senhora neste milagre
 com o de seu Filho no de
 Jonas; mas ouçamos a Da-
 vid, que ajuntou, & cantou
 hum, & outro admiravel-
 mente.

Psal. 341. *Hoc mare magnum,*
 103. & *spatiosum manibus: illic*
 25.26 *reptilia, quorum non est nu-*
merus. Animalia pusilla cum

magnis: illic naves pertransi-
bunt, Celebra David nestas
 palavras a grandeza do mar
 Oceano, não em toda sua
 largueza, senão no comprim-
 ento, & extensaõ de seus
 braços: *Hoc mare magnum,*
 & *spatiosum manibus.* E diz,
 que alli (isto he nos mesmos
 braços) ha grande multidão
 de peyxes, huns grandes, ou-
 tros pequenos: *Illic reptilia,*
quorum non est numerus, ani-
malia pusilla cum magnis, &
 que alli navegariaõ, & por
 alli passariaõ, & atravessariaõ
 as naos: *Illic naves pertran-*
sibunt. Mas se bem se confi-
 dera este panegyrico do
 mar, parece que deixou Da-
 vid o mais pelo menos, &
 as mayores grandezas, & ma-
 ravilhas, que nelle se vem,
 pelas menores. Deixa a vas-
 tidão do corpo immenso do
 Oceano, & falla só no com-
 primento de seus braços, &
 com particular ponderaçãõ
 de serem muy estendidos: *Hoc mare magnum,* & *spa-*
tiosum manibus? Sim. Por-
 que entre os mayores braços
 do Oceano, o mayor, & mais
 estendido de todos, he o Me-
 diterraneo, & no Mediterra-
 neo

neo succedeo o caso de Jonas, & da Balea, que neste panegyrico se celebrava. Assim o declarou logo o mesmo Profeta, dizendo, que Deos formàra aquelle monstro tão grande para o enganar, & zombar delle: *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei*, Assim foy: porque permittindo Deos á Balea, que comeffe, & engulisse a Jonas, o engano, a zombaria, & o jogo esteve, em que não foy para o digerir, & se sustentar com elle, senão para o salvar do naufragio.

342. Atèqui he o que tẽ excogitado os Expositores. Mas o Prófeta ainda vio, & quiz dizer mais que elles: porque não fallou sò da salvação de hum Jonas, senão de dous. João, & Jonas he o mesmo nome; de que temos não menor interprete, que o mesmo Christo, o qual huma vez chamou a S. Pedro filho de Jonas, & outra filho de João: *Simon Joannis: Simon filius Jona*. E porque o caso do Jonas da Palestina, & do Jonas, ou do João de Austria, ambos succederão no mesmo braço do Ocea-

no, & no mesmo Mediterraneo; esta foy a semelhança, porque a Arpa de David os acordou no mesmo Psalmo, & os cantou juntamente. Por isso não fez menção de hum sò navio, senão de navios: *Illic naves pertransibunt*. E por isso nomeadamente não fallou sò dos peyxes grandes, qual he a Balea, senão tambem, & em primeiro lugar dos pequenos: *Animalia pusilla cum magnis*. Mas porq̃ dos peyxes pequenos em primeiro lugar? Sem duvida, porque comparado hum, & outro caso mais maravilhosa foy a salvação do segundo Jonas por meyo de hum peyxete pequeno, que a do primeiro, & tão celebrada por meyo do mayor de todos. Comer a Balea a Jonas, essa he a sepultura que o mar costuma dar aos homens; mas que estando tantos homens sentenciados a ser comidos dos peyxes, hũ peyxete lhes acudisse, & os livrasse? Quem pôde duvidar que foy mayor maravilha. A Balea salvou hum homem, o peyxete pequeno quinhentos: a

Balea ficando viva, o peyxe perdendo a vida propria para conservar as alheas : a Balea não afogou a Jonas, o peyxe afogou-se a si, para que tantos naufragantes se não afogassem : a Balea suspende a esperança tres dias, o peixe acudio á desesperação da mesma hora. E se a Balea foy figura da sepultura de Christo, o peyxe imitou a morte do mesmo Christo, morrendo pela salvação dos homens. Nem a Balea, nem o peyxe de tanto menor vulto, obrãõ por instinto proprio, senão a Balea governada por Deos, & o peixe por sua Mãy Porém se a traça, ou joga, como lhe chamou o Profeta com que Deos zombou da voracidade da Balea, conservando a Jonas vivo, depois de comido, foy muito propria do seu poder, & da sua fabedoria ; mais engenhosa, & mais subtil foy a invenção, com que a Senhora cerrou a porta a todo o mar com hum pequeno peyxe vivo, & a conservou cerrada com elle morto. Finalmente o Rosario foy a mayor invenção da Senho-

ra, & esta a invenção mais galharda do seu Rosario.

344. Mas passemos do mar Mediterraneo a outro mar tambem meyo entre duas terras.

VI.

345. **N** Avegava para ^{Fr.} Flandes huma ^{Alonf.} não Espanhola, & depois ^{de Es.} de ter embocado o Canal de ^{pinoja} Inglaterra, mais arrimada ^{lib. 5.} pela contrariedade dos ventos á costa de França (onde, ^{del} ainda sem tormenta, he ^{Ros ar.} mayor o perigo) foy tal a força da tempestade, que não a podendo resistir, nem tendo para onde correr, deixado totalmente o governo ao arbitrio dos mares, & à furia da travessia, nenhum duvidou, que ou forvidos das ondas, ou espedaçados em algum penhasco, todos pereciaõ. Hia na mesma não hum grande devoto da Virgem Senhora nossa, chamado Pedro de Olava, o qual no meyo desta ultima desesperação, vendo que o piloto, & marinheiros desmayados nenhuma cousa faziaõ, ^{c. 32.} nem

nem sabiaõ o que fizessem ; já que as nossas mãos, disse, estão ociosas, tomemos todos nellas os Rosarios, invoquemos o socorro da Virgem Maria ; & tenhamos confiança em seu poder, & misericordia, que a terã de nõs. Assim o fizeraõ todos, & era espectáculo por hũa parte lastimoso, por outra muito proprio da Fé, & devoção Catholica, ver a não com as arvores secas, os matreos calados, as vergas abatidas, & prolongadas, já subindo às nuvens, já decendo aos abismos, & os mareantes, & passageiros todos com os Rosarios nas mãos, sem haver quem as puzesse em leme, em vella, ou em corda, nem se ouvindo outras vozes mais que Ave Maria, nem outros clamores mais que misericordia. Bem creyo que se abalariaõ os Anjos do Ceo a lograr de mais perto hũa tão fermosa vista. Mas não foraõ elles sòs. Porque a mesma Rainha dos Anjos cercada de luzes, apparecendo sobre a gavia mayor, se mostrou visivel aos tristes naufragantes. E assim como

seu Filho em semelhante perigo desde a popa da barca de Pedro? *Imperavit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna*; assim a Senhora invocada das vozes, & devoção de outro Pedro, e dos mais que o seguiraõ, com o imperio, & magestade de sua presença serenou em hũ momento o mar, & cessou de repente a tempestade. Oh que mudança tão subita, & tão alegre! Passaõ todos os Rosarios das mãos ao peito, içãõ as vellas, mareaõ as escotas, & as entenas, já o piloto manda, & o leme governa, & a não resuscitada, favorecida em popa de hũa viração branda, & galerna, caminha segura, & triunfante ao Porto. Não parãõ porẽm as vozes dos devotos, & venturosos navegantes, porque os clamores com que pediaõ misericordia à Senhora do Rosario, se trocãõ em acclamações, em vivas, em louvores!, em repetida acção de graças a suas misericordias.

346. Digo misericordias, porque se bem se considera o caso, não foy huma

Math
8.26.

tó a misericórdia, fenaõ duas
 affim como naõ era hum sò
 o naufragio, fenaõ idous. E
 que dous naufragios eraõ?
 Hum em que temiaõ per-
 derse, que era o da não, &
 outro em que já estavaõ per-
 didos, que era o da arte. Af-
 fim o ponderou admiravel-
 mente David, ou em outro
 caso semelhante, ou neste
 que estava vendo como Pro-
 feta. Tinha ditto, como já
 diffemos, que as ondas na-
 quella tempestade subiaõ ao
 Ceo, & deciaõ aos abifmos:
Stetit spiritus procellæ, & ex-
altati sunt fluctus ejus: Ascē-
dunt usque ad Cælos, & des-
cedunt usque ad abyffos: &
 passando a descrever os ef-
 feitos, que a evidencia de
 taõ extremo perigo causou
 nos pilotos, & marinheiros,
 diz affim: *Anima eorum in*
malis tabescebat. Turbati sunt
& moti sunt sicut ebrius: &
omnis sapientia eorū devora-
ta est. Todos defanimados,
 areados, pasmados, & vivos,
 já com a cor, & temelhança
 de defuntos: *Anima eorum*
in malis tabescebat; todos ti-
 tubiando, & não se poden-
 do ter em pè, arremeçados

com o balanço da não de hũ
 bordo para outro bordo:
Turbati sunt, & moti sunt si-
cut ebrius: todos fóra de si
 sem juizo, sem advertencia;
 sem tino; porque toda a sua
 arte, & sciencia nautica se
 tinha já perdido: *Omnis sa-*
pientia eorum devorata est.
 Notay a palavra *devorata*
est, em que a elegancia, &
 poesia de David excedeo à
 de quãtos descreverão tem-
 pestades. Quando o navio
 se vay ao fundo, dizemos q̃
 o comeo o mar: & neste ca-
 so, posto que o navio ainda
 se sustentava emcima da
 agua, a arte, & a sciencia
 nautica já o mar a tinha co-
 mido: *Omnis sapientia eorum*
devorata est: primeyro tra-
 gou a arte, para depois tra-
 gar o navio. Perdemse os na-
 vios no mar, como as Respu-
 blicas na terra. Nenhũa Re-
 publica se perdeo subitamē-
 te, & de huma vez. O pri-
 meiro naufragio he o do go-
 verno, o segundo, & ultimo
 o da Republica. Tal era o
 estado dos tristes naufragan-
 tes, já perdidos no primeyro
 perigo, & esperando por
 momentos a perdição do
 se.

Psal
 106.
 25.26.

1b.27.

segundo. E este foy o dobrado milagre, não de huma só misericordia, senão de duas misericordias, com que a Senhora do Rosario os livrou. Huma, & grande com que os preservou do naufragio em que estavaõ para se perder, outra, & mayor, com que os refuscitou do naufragio em que já estavaõ perdidos: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Tudo disse taõ pontualmente o mesmo David. E para que nenhuma circumstancia lhe faltasse, conclue relatado as orações a que recorreraõ, o remedio com que foraõ soccorridos, & não só huma misericordia senão as misericordias que alcançaraõ. As orações a que

Psal.
1. 6.6

Dominum cum tribularentur o remedio com que foraõ soccorridos: *Et statuit pro-*

cellam in auram, & siluerunt *fluctus ejus;* & não só huma misericordia, senão as misericordias que alcançaraõ: *Confiteantur Domino miseri-*

cordiae ejus, & mirabilia ejus *filii hominum.*

347. **C**Om muita razão equiparou o Profeta neste caso as maravilhas com as misericordias: *Misericordiae ejus, & mirabilia ejus;* porque se as misericordias foraõ dobradas, também foraõ dobradas as maravilhas. Em outra maravilha porèm, & em outra misericordia da mesma Senhora do Rosario, com que quero acabar, veremos que os successos foraõ também dous, mas taõ encontrados, & com circumstancias taõ notaveis, que nenhum Christão haverá dos que trazem a vida, como nós, exposta ao mar; & aos ventos, o qual não affente consigo huma de duas resoluções muito differentes. E quaes? Se no navio em que se acha se reza o Rosario, que navegue com grande consolação, & confiança; & pelo contrario, se nelle se não reza, que vâ em tal navio com grande desconsoção, & temor. Vay o caso digno de toda a attençaõ.

348. Sahiraõ do Porto de Cartagena das Indias duas

Fr. *Alonso Fern. lib. 6. e. 22.*
 duas galês em demanda de certos coffarios, & era capelão da Patrona Frey Bernardo de Ocampo, Religioso de S. Domingos, o qual prègou, & persuadio nella a devoção do Rosario com tal efficacia, & successo, que os Capitães, os soldados, os marinheiros & a chusma dos forçados, todos sem faltar nenhum, ainda quando remavaõ, ao som, ou cõpasso da voga cantavaõ o Rosario da Senhora. Em todos os vasos da navegação são perigosas as tempestades, mas muito mais nas galês. E foy tão furiosa a que sobreveyo a estas duas, sarpando entre hũas Ilhas; que as ondas pareciaõ montes. Passou huma, passou outra, passãraõ nove, & quando veyo a decima, ou decumana, era hũa terra de agua tão alta, & medonha, que dando-se todos por sepultados debayxo della, levantãraõ a voz em hum grito: Virgem do Rosario, valeinos. Nũca se vio no mar mais apertado tranze. Mas a esta voz respondeo logo outra, repetindo tambem a brãdos; orça,

orça. Naõ era o piloto o que isto mandava, mas hũ menino fermosissimo, que com hum Rosario na mão direita appareceo a todos na tolda da proa, & naõ foy mais visto. Orçou o timoneiro, pondo a mesma proa à onda, a qual salvando em claro a galê, descarregou com todo o pezo sobre a segunda, que vinha na sua esteira, & de hum golpe a meteo no fundo, sem escapar pessoa viva, nem apparecer sinal, ou reliquia de tão horrendo naufragio. Oh Maria Senhora do mar, quem haverá dos que andão sobre elle, tão cego, tão ingrato, tão inimigo de si mesmo, que todos os dias vos não saude, & invoque com o vosso santissimo Rosario? E para que a vista de hum caso tão lastimoso não causasse novo temor aos que tinhaõ escapado, o mesmo mar no mesmo ponto os segurou de todo o perigo; ficando de repente tão quieto, sossegado, & sereno, como se toda a sua furia, ou colera a vomitara naquella onda.

349. Chameylhe Decumana,

mana, ou onda decima, por que este he o nome com que os Authores naturaes declarão, ou exaggerão a grandeza desmedida das que prefazem este numero. Tem enfiado a experiencia, que ainda na mayor confusão das tempestades guarda o mar tal ordem, & tal medida nas ondas com que se vay

enrolando, que repartidas de dez em dez, a decima he a que se levanta sobre todas com mayor inchação, & cahe com mayor pezo, & quebra com mayor ruina. Assim o notou, & lamentou o Poeta nas suas tempestades do Ponto, ou mar Euxino.

Ovid. *Qui venit hic fluctus, fluctus supereminet omnes,
Posterior nono est undecimoque prior.*

Daqui se segue, que não só por virtude milagrosa, senão ainda por certa antipatia como natural, tem o Rosario dominio sobre as ondas: & que esta foy hũa das leys cõ que Deos desde o principio fogueitou este elemento indomito, & o subordinou ao imperio de sua Mãy como Senhora do mar. No Capitulo oitavo dos Proverbios, diz a mesma Senhora: *Quando circumdabat mari terminum suum, & legem ponebat aquis, ne transirent fines suos: cum eo eram cuncta componēs.* Quer dizer: que quando Deos nas idéas de sua eternidade andava pondo os li-

mites, & dando as leys ao mar, a Senhora juntamente com o mesmo Deos andava compondo tudo. Deos punha, & a Senhora compunha: Deos punha as leys ao mar, & a Senhora compunha as do seu Rosario na fôrma em que as havia de dominar. Esta he a proporção admiravel porque foy tal a composição, & contraposição do Rosario com o mar, que, porque Deos no mar dividio de dez em dez o curso das ondas; tambem a Senhora no Rosario repartio de dez em dez as fileiras das contas. Deos fez o mar, como todas as outras cousas:

Prov.
8.29.
30.

Sap.
11.21

*In mensura, & numero, & pondere; com conta, pezo, & medida: & a Mãe de Deos, que todas essas cousas compunha com elle: Cum eo eram cuncta componens, tambem compoz o seu Rosario com conta, pezo, & medida: a medida na igualdade dos terços, o pezo na ponderação dos mysterios, a conta no numero das contas. E como Maria Senhora do mar, & do Rosario contrapoz nelle decadas contra decadas, decadas de Ave Marias cõtra decadas de ondas; por isso o seu Rosario he o mais natural, o mais forte, o mais efficaz, & o mais proprio instrumento com que a Senhora do mar o domina, & se mostra Senhora delle: *Maria Domina maris.**

VIII.

350. **D**Aqui fica bem entendida a razão, porque o soberano menino, que ensinou a vencer a soberba, & parar o precipicio da onda Decumana, lhe oppoz, & mostrou o Rosario para que o reverenciasse,

& temesse. Quem sabe que a corrente do Jordaõ crescendo mais, & mais para cima, & feito já o Rio hum monte de agua altissima, a vista sò, & reverencia da Arca do Testamento o suspendeo, & teve mão, para que se não precipitasse; não se admirará de que o mar tão soberbamente levantado naquella onda guardasse o mesmo respeito ao Rosario da Virgem Maria, de quem a Arca do Testamento sò era figura, & sombra.

351. Mas o que excede toda a admiração, & he digno de profundo reparo neste caso, são as outras circumstancias delle. Se o menino que apparecco na galé, era o Filho de Deos, & seu, que a Senhora do Rosario tem nos braços, porque não apparecco alli a mesma Senhora, como pouco ha vimos em semelhante perigo? E se aquella galé se salvou tão milagrosamente, a outra, que vinha na mesma esteira, tambem de Espanhoes, & Catholicos, porque pereceo no mesmo tempo, & não coçobrada de outra onda, senão da

da mesma? E finalmente se o instrumento desta maravilha foy o Rosário, porque o mostrou o menino nomeadamente na mão direita, & não em ambas, ou na esquerda, como rotarão, & jurarão autenticamente todos os que o viraõ? Ora entendamos o que Deos, & sua Santissima Mãe quiz que entendessem na visãõ, & evidencia de todas estas circumstâncias tão particulares.

352. Se ha dia neste mundo semelhante ao dia do Juizo, he o de huma grande tempestade no meyo deste mar. Não he comparação minha, senão do mesmo Profeta, q̄ nos interpretou os outros milagres, fallando literalmente do dia em que Deos virà manifestamente a julgar o mundo: *Deus manifeste veniet, Deus noster, & non silebit: ignis in conspectu ejus exardescat, & in circuitu ejus tempesta validas.* No dia do Juizo escurecerse ha o Sol, a Lua, & as Estrellas, & isto he o que vemos, ou não vemos em huma tempestade. Nem se vê Sol, nem Lua, nem Estrellas: porque

as nuvens espessas, & negras escondem todas as luzes do Ceo, & tudo no mar para mayor horror he hũa escuridade medonha. Mas para que chamo eu ás tempestades semelhantes ao dia do Juizo, se os mayores horrorea daquelle dia feraõ a tempestade d'elle: *Et in terris* Luc.
21.2 *pressura gentium præ confusione sonitus maris, & fluctuum arescentibus hominibus præ timore.* Andaráõ os homens, diz Christo, atonitos, palidos, & mirrados de medo pelo horror, & confusão, que lhes causará o sonido espantoso do mar, & das ondas. Onde he muito para notar, que esta confusão, & temor nunca visto semelhante nos homens, não o attribue o Senhor à portentosa mudança dos Planetas, que verãõ todos escurecidos, senão á tempestade, & roncõs do mar, que ou virãõ furioso, & irado: *Et in terris pressura gentium præ confusione sonitus maris, & fluctuum.* E se tanto horror causará aos que estarão em terra o sonido fõ ao longe do bater, & quebrar dos mares nas prayas, qual

Pf. 49

3.

qual será no meyo do mar, & dentro de quatro taboas ver bater a furia das ondas, não só nos costados, mas quebrar com todo o pezo dentro no mesmo navio? A cada golpe do mar se está alli tragando a morte, & não morte menos fea, menos miseravel, nem menos nova, que a mesma com que acabaráõ os homens no dia do Juizo. Agora morrem os homens huns depois dos outros, ou de doença, ou de velhice; mas no dia do Juizo estando fáos, & robustos & bem dispostos, todos na mesma hora acabarão sem remedio a vida; & isto he o que succede na perdição de hũa tempestade. Os moços, os velhos, os meninos, todos alli enchem a sua idade, & acabaõ juntamente os seus dias. Oh que lastimoso modo de morrer, quando a idade promettia larga vida, & a saude, & as forças parece que a seguravaõ: não fallando no horror, & miseria da sepultura, sem sette pès de terra em que se enterrar, tragados das ondas, comidos dos peyxes.

353. E se qualquer tempestade (para que conheçamos o nosso perigo) he semelhante a hum dia do Juizo, a do caso que imos ponderando, ainda teve outra circũstancia particular muito propria daquelle temeroso dia, & a mayor, & mais principal delle. A mayor, & mais tremenda circunstancia do dia do Juizo he, que naquelle Juizo se dà a sentença final, ou de salvação para huns, ou de perdição para outros: & isto he o que se vio no nosso caso. Todos os que hiaõ em hũa galè se salvarãõ, todos os que hiaõ na outra se perdẽrãõ. E como houve misericordia para huns, & justiça para outros; esta he a differença; & a razão porque não veyo a Mãy de misericordia dar a sentença, senão seu Filho. No dia do Juizo, diz o Texto Sagrado; que apparecerá visivelmente a todos o Filho da Virgem: *Tunc videbunt* ^{Luc.} *Filium hominis venientem.* ^{21.27.} E a Virgem virá tambem, & apparecerá juntamente com seu Filho? Não. Virá o Filho só, sem a Mãy, como aqui

aqui veyo. E porque? Porque o Filho como Juiz livra, & condena: a Mãe, como toda he misericordia, onde ha de haver condemnação, retira-se, & não apparece. Na Parabola das Virgens fahiração as prudentes, & as nescias a receber o Esposo, & a

M. attrib.
25.1.

Esposa: Exierunt obviam sponso, & sponsæ; mas quando foy ao entrar ás vodas sô se faz menção do Esposo, & da Esposa não: Intraverunt cum eo ad nuptias. Pois se he certo, que a Esposa entrou com o Esposo, porque se não faz menção della ao entrar? Porque nesta entrada as Virgens prudentes entraraõ, & salvaraõse; as nescias ficaraõ de fóra, & perderaõse: & onde ha salvar, & perder, onde ha salvação de huns, & perdição de outros, não se acha presente a Esposa, que he a Virgem Maria. Assim o affirma, & ensina Santo Agostinho, dando a razão porque a mesma Senhora não apparecerá com seu Filho no dia do Juizo: *Quia*

Ang. serm.

16. ad frat.

tempus non erit miserendi, & misericordiam impetrãdi jam fugiet janua Paradisi Maria

quæ hoc titulo ab Ecclesia insignitur, janua Cæli, & felix Cæli porta. Allude o grande Doutor á mesma Parabola das Virgens, em que se diz, que se fechou a porta: *Et Matt. clausa est janua.* E como a 25.10 Virgem Maria he a porta do Ceo: *Janua Cæli;* por isso se não faz menção da Esposa, nem appareceo alli, antes fugio, como diz o Santo, de tal lugar: *Jam fugiet janua Cæli Maria;* porque era lugar em que não tinha lugar a misericordia: *Quia tempus non erit miserendi.*

354. Esta he pois a razão, porque no nosso caso desappareceo, ou não appareceo a Senhora do Rosario, & sô appareceo com elle o Filho, que tem nos braços, & com elle nomeadamente na mão direita. No dia do Juizo os que se haõ de salvar estaraõ à mão direita de Christo, & os que se haõ de perder á esquerda: *Oves à Matt. dextris, hædos autè à sinistris: 25.33* & porque alli se haviaõ de salvar huns, & perder outros; por isso o Senhor appareceo na galè dos que se haviaõ de salvar com o Rosario

fario na mão direita. Oh grande privilegio! Oh grande virtude do Rosario, para se salvarem nos dias do juizo do mar, & não se perderem nas tempestades os que o navegaõ! O mayor encarecimento das obras de misericordia, & do singular merecimento que tem diante de Deos he, que no dia do Juizo, callado-se todas as outras virtudes, sò pelas obras de misericordia feraõ sentenciados os da mão direita, & os da esquerda. Aos da mão direita dirà Christo: *Venite benedicti, esurivi enim, & dedisti mihi manducare:* & bastarã sò as obras de misericordia para que se salvem. Aos da mão esquerda dirã pelo contrario: *Discedite maledicti, esurivi enim, & non dedistis mihi:* & bastará sò a falta das obras de misericordia, para que se percaõ. E tal he o encarecimento igualmente verdadeiro cõ que Christo mostrou o Rosario na sua mão direita aos que nesta occasiã se salvãrão. Bem creyo, que entre os que hiaõ nesta galé, haveria outros peccados, & entre os

que hiaõ na segunda haveria outras virtudes; mas como em toda esta se rezava o Rosario, & naquella naõ: esta foy a que se salvou, & a quella a que se perdeu sem remedio: sendo a mesma onda, duas vezes prodigiosa a que executou a sentença da salvaçaõ em huma, & da perdiçaõ da a outra.

355. E que navegante haverà que naõ seja muito devoto do Rosario, & que navio em que senaõ reze todos os dias á vista de hum espectáculo em huma parte taõ venturoso, & alegre, & na outra taõ lastimoso, & formidavel? Se quando por este mar encontramos hum masto, huma taboa, ou qualquer outro final de naufragio, por mais que o mar esteja quieto, & sossegado, naturalmente se faz temer, & causa taõ grande pavor, qual seria o dos que hiaõ nesta galé, vendo em hum momento irse a pique a companheira, çoçobrada, & sepultada da mesma onda de que elles taõ milagrosamente tinhaõ escapado?

356. No dia do Juizo
diz

diz o mesmo Christo que estaraõ dous lavrando no mesmo campo, & que hum se salvará, outro se perderá:

Mat.
24.40

Tunc duo erunt in agro: unus assumetur, & unus relinquetur. Que he este mar, senaõ hum grande campo, & que saõ os navegantes, senaõ os lavradores delle? Com as quilhas, & com as proas o araõ, & com os remos, nas galès, o cavaõ. Deos condemnou o homem a que lavrasse a terra, & a cubiça com se-

Virgil.
Zebul.

gunda maldiçaõ o condemnou a que lavrasse tambem o mar: *Longum maris æquor arandum: latum mutandis mercibus æquor aro.* Vede quanta differença vay de lavar o mar, ou a terra. O que lava a terra, se lava o valle, naõ se lhe faz monte; se lava o monte, naõ se lhe faz valle. Este campo naõ he assim. Vedes essa veiga, ou vargea taõ estendida, vedes essa planicie immensa taõ quieta, & taõ igual; pois naõ vos fieis de sua quietação, nem de sua igualdade, porque debayxo della estaõ escondidos grandes montes. Que excellentemente o no-

tu, & disse S. Jeronymo, & com tanta elegancia, como doutrina: *Licet in modum stagni fusum æquor arrideat.* ^{Hier.} *licet vix summa jacentis elementi terga crispentur, nolite credere, nolite esse securi: mag-nos hic campus montes habet, intus inclusum est periculum, intus est hostis.* Ainda que o mar igual, & quieto (como agora) vos pareça hum tan-que que senaõ move: ainda que o leve movimento com que risonhamente se encrefpa, quasi lhe naõ altere a igualdade; naõ o creais, nem vos fieis delle. Olhay que he hum traydor, que dentro em si tem encubertos os inimigos, & debayxo dessa planicie estaõ escondidos grandes montes: *Magnos hic campus montes habet.* Quando as duas galès começaraõ a lavar este campo, este estava muito igual; mas debayxo dessa igualdade se levantaraõ aquelles grandes montes, & o ultimo mayor de todos, de que hũa fõ se livrou, & outra se perdeu: *Unus assumetur, & unus relinquetur.*

357. Sendo pois o perigo igual, & igual em huns, &

X ij : outros

outros a fraqueza, ou impossibilidade da resistencia; se o remedio, & salvação de huns esteve em rezarem o Rosario, & o naufragio, & perdição dos outros em o não rezarem; quem haverá, torno a dizer, que por não applicar, & se applicar a hum tão facil remedio, se expõha a tão extremo, & invencivel perigo, & em que tantos no mesmo tempo, & lugar em que estamos tem perecido? Que desesperação, & que tormento tão grande será no dia do Juizo o dos que perderão a salvação pela negligencia de meyos tão faccis, & tão leves, como aquelles com que os outros se salvãraõ? E que arrependimento, & desconfortação tão desesperada seria a dos mesmos que nesta occasião se perderão, sabend (como sem duvida lhe seria notificado no Tribunal da Divina Justiça) que se tiverãõ rezado o Rosario, como os companheiros, tambem a elles lhe perdoaria onda que os sepultou, & se salvariaõ?

358. Não exhorto aos que aqui nos ajuntou Deos,

a que offereçamos á Virgem Senhora nossa, & ao milagroso Menino, que sem se apartar de seus braços appareceo com o Rosario na mão aos que quiz livrar, não os exhorto, digo, a que lhe offereçamos este pequeno tributo, & rezemos o seu Rosario, pois todos o fazemos todos os dias, & à vista de tantos, & taes exemplos se não pôde duvidar, que de hoje por diante o faremos com mayor devoção, & affecto. O que só desejo persuadir a todos, he, que quando succeda vermonos em alguma grande, & perigosa tempestade das que ameaça o tempo, & o lugar; nem por isso nos vença, ou desmaye o temor, confiando firmiffimamente, que nos não poderá faltar a misericordiosa protecção da Virgem Senhora nossa; & que por mais que os montes escondidos debayxo desta planicie se levantem até as nuvens, os poderes do seu santissimo Rosario nos livraraõ de todo o perigo. Acabemos de ouvir a David, que não he muito se empenhasse

nhasse tanto neste glorioso assumpto, como tão proprio da Mãe daquelle Filho, de que elle tambem se chamou Pay.

359. *Propterea non time-*
Pf. 45 bimus dum turbabitur terra,
 34. *& transferentur montes in*
cor maris: sonuerunt, & tur-
batae sunt aquae eorum, con-
turbati sunt mōtes in fortitu-
do ejus. Ainda que a tempestade seja tão grande, que pareça que os montes da terra se passãrao ao mar; ainda que as aguas desses montes com sonido estrondoso, & horrendo quebrem hūas sobre as outras; & ainda que a furia, & violencia do mesmo mar seja tão forte, que atire montes contra montes, & os confunda entre si; com tudo isso nenhum de nós temerã, diz o Profeta: *Propterea non timebimus:* & porque? A razão que dà he notavel: *Fluminis impetus letificat Civitatem Dei, sanctificavit tabernaculum suum Altissimus:* porque a Cidade de Deos, em que o mesmo Deos veyo morar á terra, tem hum rio, cujo impeto converte todo o temor em

alegria. Pois contra a força de todo o mar turbado, & levantado em montes: *Conturbati sunt montes in fortitudine ejus,* oppoem David o impeto de hum rio, & de corrente placida, & alegre: *Fluminis impetus letificat Civitatem Dei?* Eu bem ley, & todos sabemos, que ha rios tão poderosos, cuja impetuosa corrente vence o mar, & no meyo delle lhe adoça as ondas; & assim como ha rios, que adocem o mar, não será maravilha, que haja hum rio, que o amanse. Isso mesmo faz a chuva por ser agua do Ceo, que amansa as tempestades. Mas que rio he este, no qual o Profeta reconhece tão extraordinaria virtude? O mesmo Profeta o diz: *Fluminis impetus letificat Civitatem Dei, sanctificavit tabernaculū suum Altissimus.* He o Rio da Cidade de Deos, onde o mesmo Deos veyo morar á terra, que vem a ser a Cidade de Nazareth, como declarãmos no principio, & o disse o nosso Texto: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam.*

360. Que muito logo,
 X iij que

que assim como Christo no mesmo navio (que noutra occasião padeceo aquella grande tempestade) quando levava a proa em Nazareth, chegou ao porto sem perigo, & com bonança; o mesmo experimentem, & com a mesma felicidade escapem de todos os perigos os que navegaõ debayxo da protecção da Senhora de Nazareth; a qual, como tambem deixamos provado, he a Senhora do Rosario, porque em Nazareth começou, & a Nazareth deraõ este nome as flores? E para que ninguem duvide, que estas flores não são outras senão as Rosas, este mesmo Psalmo, em q̄ David celebra a virtude, que té as influencias de Nazareth contra as tempestades, na lingua Hebraea em que foy escrito, tem por titulo: *Pro Rosis*: isto he aqui se cantaõ

os louvores das Rosas. E como a Virgem Maria sempre Senhora do mar por virtude do seu nome: *Maria Domina maris*; em quanto Senhora do Rosario tem mais particular dominio sobre as tempestades: *Propterea non timebimus dum turbabitur terra, & transferentur mōtes in cor maris* Ainda que os montes mais altos da terra se passem ao meyo do mar, onde nos achamos, não temos que desconfiar nem temer, não só esperando, mas crendo firmemente, que debayxo da protecção de Maria: *De qua natus est Jesus*, passaremos felizmente este temeroso golfo, *Transfretavit*, & chegaremos enfim ao porto desejado da nossa Cidade, que por tãtos titulos não he menos sua: *Et venit in Civitatem suam*.



SERMAM X.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ
suxisti. LUC. 11.*

I.

361.



Obre as coufas q̄ se guardavaõ na Arca do Testamento, quaes, & quando ha grande questaõ entre os Expositores Sagrados. Tres porẽm são certas, & de taõ occulto mysterio, como de particular reparo. A primeira he, que ouve tempo, em que na Arca do Testamento sõ estiveraõ as Taboas da Ley; porque assim o diz expressamente o Texto no terceiro Livro dos Reys: *In arca autem non erat aliud, nisi duæ tabulæ lapideæ quas posuerat Moyses* A segunda, que tambem houve tempo, em que esteve na mesma Arca a Ur-

3. Reg
8.9.

na do Maná; porque assim o afirma S. Paulo na Epistola aos Hebreos: *Arca Hebræi Testamenti, in qua Urna aurea habens manna* A terceira, que depois deste tempo a mesma Urna do Maná, que estava dentro da Arca, foy collocada fora, mais junto a ella, no Sancta Sanctorum; porque assim o tinha mandado Deos, como consta do Livro do Exodo, & que sempre estivesse em sua presença: *Repone coram Domino.*

362. Supposta esta verdade da Historia Sagrada: se passarmos a inquirir a razão, & mysterio della, quem haverà que no lo diga literalmente? Se as Taboas da Ley sempre se guardáraõ na Arca, o Maná porque se-

Exod.
16.33

X iiij não

naõ guardou sempre nella? E se o Manà esteve algum tempo dentro na mesma Arca, porque depois se tirou fóra? E se esteve fóra, porque naõ em outro lugar, nem longe, senão junto à mesma Arca? A razão, & mysterio literal desta tão notavel variedade em materia tão grãde sempre esteve occulto até hoje. Hoje porém o descobrio, & declarou, quem? Na parte que pertence ao Manà huma mulherzinha do Povo, q̄ naõ tinha mais sciencia, que a sua devoção, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ sustisti*, & na parte que pertence ás Taboas da Ley, o mesmo Author da Ley, & a mesma Sabedoria Eterna, respondendo: *Quinimo Beati qui audiunt verbum Dei; & custodiunt illud.*

363. Para intelligencia do que digo, havemos de suppor com S. Paulo, que tudo o que succedia pela mayor parte, ou se fazia no tempo dos Patriarcas, & da Ley Escrita, era representação, & figura do que depois havia de ser no tempo da

Ley da Graça: *Hæc autem omnia in figura contingebant illis.* Este he o principio fundamental, porque a muitas cousas daquelle tempo naõ achamos a razão de se fazerem, antes parecem feitas contra toda a razão, ainda entre homens Santos. E a razão de se lhe naõ achar razão, he, porque a razão da figura naõ está na figura, senão no figurado. Se vissemos que hum Pintor pintava hũ Rey passando entre os animaes, & comendo feno: & outro com o braço esquerdo muito curto, & o direito muito comprido; parecer-noshia isto huma grande impropriedade. Mas se o Pintor nos respondesse, que no primeiro retratava a Nabucodonozor, & no segundo a Artaxerxes, que pela desigualdade dos braços se chamou, Longimano; achariamos a razão da pintura, naõ nos retratos, senão nos retratados. Da mesma maneira em outros casos do Testamento Velho. Que cousa mais fóra de razão, que levar Jacob o morgado a Esau, sendo Esau o Primogenito, &

& Jacob o filho segundo? E que mayor femrazaõ outra vez; que servir Jacob sete annos por Raquel, & daremhe em lugar de Raquel a Lia? Mas se olharmos para os originaes destas mesmas figuras, acharemos nelles as razões, que nellas de nenhum modo appareciaõ. Jacob, & Lia representavão o Povo Gentilico, Esaù, & Raquel o Judaico. E levou Jacob o morgado a Esaù; porque o morgado da Fè, & dá Graça, que era do Povo Judaico, que foy o primeiro, se havia de passar ao Povo Gentilico, que he o segundo. E sendo Jacob figura de Christo; que servio pela sua Raquel, que era o Povo Judaico, como elle mesmo disse: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel;* desposouse primeiro cõ Lia, que he o Povo Gentilico, & depois se ha de desposar tambem com Raquel, que he o Povo Judaico; porque como diz S. Paulo: *Donec plenitudo gentium intraret, & sic omnis Israel salvus fieret.*

Matth
15.24

Rom.
11.25
26.

agora. Estar primeiro o Manà dentro da Arca, & depois fõra, & junto a ella; ninguém houve ja mais, que dèsse, ou pudesse dar a razão de huma mudança tão notavel. Mas se puzermos os olhos nos originaes que estas duas figuras representavão, acharemos a razão tão clara, que huma mulher sem letras a entendeo, & publicou ao mundo. A Arca do Testamento era figura da Virgem Maria, o Manà de seu Filho Christo: & primeiro esteve o Manà dentro na Arca; porque primeiro o concebeo a Virgem, & o trouxe em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit* E depois esteve fõra, mas não apartado, senão junto á mesma Arca; porque a Senhora o teve depois em seus braços, & o eriou a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.* E porque razão as Taboas da Ley sempre estiverão na Arca, assim quãdo o Manà esteve dentro nella, como quãdo esteve fõra? A razão, & o mysterio he: porque a mesma Virgem Maria significada na Arca em todo o tempo de

de sua vida, ou tendo dentro em si, ou não tendo dentro em si ao Filho de Deos, sempre teve a Ley do mesmo Deos dentro em si, & a guardou com a mais pura, com a mais perfeita, & com a mais alta observancia, a que poderaõ aspirar homens, nem Anjos. E porque esta foy a mayor, & mais soberana prerogativa da Virgem Senhora nossa; por isso acudio logo seu bendito Filho, declarando, que por ser a mais observante da Ley de Deos, era mais bemaventurada ainda, que por ser Mãe de Deos: *Quinimo Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

365. Explicado assim o Evangelho: que direy sobre elle quanto à festa? O que determino dizer, he, que o Rosario para ser bem rezado, não se ha de rezar só cõ a boca, senão com o coração, & com as mãos. O fundamento, que para esta doutrina (muy necessaria) nos daõ as palavras do Thema, dirã o discurso. *Ave Maria.*

366. **P** *one me ut signaculum super cor tuum, 9.* *ut signaculum super brachium tuum.* Para me agradares inteiramente, Esposa minha, diz Deos, aveisme de trazer estampado no coração, & estampado no braço. Os lugares haõ de ser dous, hum dentro, outro fora: mas a estampa dentro, & fora ha de ser hũa só, & essa minha. Eu estampado no coração; porque eu hey de ser o sigillo de vossos pensamentos: & eu estampado no braço, porque eu hey de ser o caracter de vossas obras: *In corde sunt cogitationes, in brachio operationes: super cor ergo, & super brachium sponsæ dilectus ut signaculum ponitur:* diz S. Gregorio Papa. Mas com quem falla Deos nestas palavras, & a quem dà o seu cuidado esta amorosa instrucção? Em primeiro lugar a sua Mãe, & em segundo a nossas Almas. Antes de ser Mãe de Deos, & depois de ser Mãe de Deos, sempre a Senhora trouxe ao mesmo Deos dentro, & fora, no inte-

interior, & no exterior, no coração; & nos braços; mas por differente modo. Antes de ser Mãe de Deos: porque quanto cuidava, & obrava, tudo era de Deos, em Deos, & por Deos. Os pensamentos, & obras do Filho antes de ser filho, ainda não eram humanas; mas as da Mãe antes de ser Mãe, por imitação do mesmo Filho, já eram divinas: *Super cor Virginis; & super brachium dilectus ponitur ut signaculum* (uz Alano) *quia in cogitationibus, quæ notantur per cor, & in actionibus, quæ per brachium Virgo Filium imitatur.* E se isto foy antes da ser Mãe de Deos, depois de o ser, que feria? Foy o mesmo, mas por modo singularissimo; nem imaginado antes, nem imitavel depois a nenhũa creatura. Teve a Deos dentro, & no coração.: *Ut signaculum super cor tuum*; porque o teve em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit*: & teve-o fóra, & no braço: *Ut signaculum super brachium tuum*; porque o teve em seus braços, & a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.* Af-

Alan.
ibi.

sim commenta o Texto dos Canticos cõ devota, & douta novidade Cornelio, & o concorda excellentemente com o do nosso Evangelho: *Beata Virgo Christum posuit super cor suum, cum eum novem mensibus in utero portavit; super brachium vero, cum eum jam natum in ulnis, & brachiis gestavit.* Cornel in 3.º seu prin cipali de Christi, & B.V.

367. Estes foraõ os dous modos com que a Virgem Senhora Nossa, como exemplar de toda a perfeição imitavel, & como exceção de toda a possivel, observou aquelle Oraculo do Espirito Santo, de quem foy a primeira, & principal Esposa, trazendo a Deos no coração; & no braço, & a Christo dentro em si, & fóra; bem assim como a Arca do Testamento a Urna do Maná. Hum modo foy espiritual; outro corporal; & o corporal com affombro da natureza, & da graça mais divino que o espiritual. Trouxe a Deos corporalmente no coração; & no braço: *Super cor, & super brachium*; porque corporalmente o concebeo, & teve em suas entranhas, & corpo-

corporalmente o criou a seus peitos, & trouxe em seus braços: & esta he a primeira Bemaventurança da Virgem Maria singular, & unicamente sua, & a nenhũa outra creatura cõmunicavel: *Beatus venter, qui te portavit & ubera, quæ suxisti.* E trouxe a Deos espiritalmẽte no coração, & no braço; porque espiritalmente em todos seus pensamentos, & affectos, & espiritalmente em todas suas obras, & acções interior, & exteriormente trouxe sempre a Deos em si, & consigo: & esta he a segunda bemaventurança, na qual posto que a Senhora foy eminentissimamente superior a todas as Almas, he com tudo imitavel, & communicavel a todas, & a que o Senhor preferio à primeira: *Quinimo Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* E como este segundo modo de trazer a Deos interiormente no coração, & nos affectos, & exteriormente nas mãos, & nas obras he o que todos podemos, & devemos imitar; este he o que a Senhora do Rosário pro-

poem hoje, & ensina a todos os seus devotos, exhortando-os com seu exemplo a q̃ não só tragaõ o Rosário na boca, senão tambem no coração, & nas mãos: no coração, imitando do modo que pôde ser o acto de ter a Christo em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit & nas mãos, imitando do mesmo modo, o acto de o ter nas suas quando o criou a seus peitos: Et ubera, quæ suxisti.*

III.

368. **P**ara prova, & entendimento deste ponto tão importante, & essencial á devoção do Rosário, o que noto, & he digno de grande reparo naquella instrução geral do Espirito Santo, he, que só pede Deos as Almas devotas, que o tragaõ no coração, & nas mãos, & não faz menção da boca: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum;* & não diz mais David grande mestre da oração, & da devoção, diz, que sempre trazia os louvores de Deos na boca: *Semper*

Pf. 33
2.

Semper laus ejus in ore meo: pois se Deos deseja, aconfe-
lha, & pede às Almas devo-
tas que o tragaõ no cora-
çaõ, & nas mãos, porque lhe
naõ diz tambem que o tra-
gaõ na boca? Porque Deos
naquellas palavras (como
tambem a Senhora do Rosá-
rio hoje) não exhorta a
orar, mas ensina como se ha
de orar. Suppoem que se
ora, & reza com a boca, &
acrescenta, que ha de ser jun-
tamente com o coração, &
mais com as mãos; porque se
o coração não fórma as ora-
ções, & as mãos as não in-
formaõ; se o coração as não
fôrma com os affectos, & as
mãos as não informaõ com
as obras; por mais que a bo-
ca dê vozes, todas nos ouvi-
dos de Deos são mudas. Af-
fim o profetizou David de
todas as linguas enganofas:
Muta fiant labia dolosa, Mas
se as linguas enganofas tão-
to enganaõ, & tanto fallaõ, &
são as que mais fallaõ, & as
melhor ouvidas, quando, ou
onde, ou diante de quem se
cumpre esta profecia de que
seraõ mudas? As linguas
enganofas de que falla o

Pf. 30.
19.

Profeta, como depois vere-
mos, são as daquelles, cujo
coração, & cujas mãos não
dizem com o que a lingua
diz: & estas linguas por mais
que fallem, & por mais bem
falladas que sejaõ; para com
Deos, a quem ninguem en-
gana, são mudas. Só o cora-
çaõ, & as mãos são as que
dão voz à lingua, & lingua
à oração diante de Deos.

369. Vio S. João no
Apocalypse aquelles vinte
& quatro Anciãos, que assis-
tem ao trono de Deos, & diz
que todos tinhaõ nas mãos
citharas, & redomas cheas
de suavissimos cheiros, & ã
deste modo se prostrarão di-
ante do Cordeiro, que he
Christo: *Et viginti quatuor*
seniores ceciderunt corã Agno
habentes singuli citharas, ^{*Apor.*} *5. 8.*
phialas aureas plenas odora-
mentorum. Não sey se repa-
rais nas mãos, & nos instru-
mentos destes musicos do
Ceo: & digo musicos, por-
que logo acrescenta o Evan-
gelista, que cantavão hũa le-
tra nova: *Et cantabant can-*
ticum novum. Pois se elles ti-^{*16. 9.*}
nhaõ as citharas em huma
mão, & as redomas na outra:
habentes

Habentes citharas, & phialas; como podiaõ tocar as citharas? Saybamos primeiro quaes eraõ as redomas, & ellas nos soltarão a difficulda- de, que não està mal arguida. Ruperto, Bèda, Ansberto, Ricardo Victorino, Hugo Cardeal, Dionysio Carthusiano, a Glossa, & todos concordemente dizem, que as redomas são os corações. E ainda q̄ os corações este- jaõ nas mãos, nem por isso as mãos deixaõ de tocar as citharas: antes quando as mãos, & os corações junta- mente as tocaõ, sò entãõ são as suas vozes agradaveis a Deos; porque defacompan- nhadas dos corações, & das mãos, nem são agradaveis, nem tem consonancia, nem são vozes. Serão vozes para os ouvidos humanos, mas para os Divinos não são ora- ções. O mesmo Texto o de- clara admiravelmente: *Ha- bentes citharas, & phialas ple- nas odoramentorum, quæ sunt orationes Sanctorum* Tinhaõ (diz) em hũas mãos as citha- ras, & nas outras as redomas cheas dos suaves cheiros, que são as orações dos San-

tos. De sorte, que as orações não estavaõ nas citharas, se- naõ nas redomas, porque a oraçãõ não consiſte no som, & n. s. vozes, senaõ nos co- rações, & nas mãos em que as redomas estavaõ.

370. E supposto que a replica do Oraculo de Sala- maõ, *Super cor, & super bra- chium*, foy o Texto de seu Pay David, *Semper laus ejus in ore meo*, diga-nos o mesmo David, se a sua oraçãõ quan- do orava era ló de boca, ou de boca, de coraçãõ, & de mã.s. He Texto que tem que entender, mas bem en- tendido, admiravel: *Eru- Pf. 44. Etavit cor meum verbum bo- 1.2. num, dico ego opera mea Re- gi lingua mea calamus scribæ* Sahio do meu coraçãõ com grande impeto hũa palavra boa: eu digo a Deos as mi- nhas obras: a minha lingua he penna de quem escreve. E que quer tudo isto dizer? Nem mais, nem menos o que eu vou dizendo. Primei- ramente a materia de que falla, & a que chama pala- vra boa, he o Psalmo quaren- ta & quatro, cujo prologo, ou dedicatoria a Deos, he este pri-

primeiro verso. Diz pois David, que tudo o que representa a Deos naquella sua oração, são palavras boas: *Verbum bonum*: & acrescenta, que todas lhe fahiraõ do coração: *Eruñtavit cor meũ*; & do coração não de qualquer modo, fria, ou negligentemente, senão com grãde impeto, & affecto, que isso quer dizer, *Eruñtavit*. E já temos que as palavras cõ que David orava a Deos, não só eraõ de boca, senão de boca, & de coração. Mas estas mesmas palavras boas, & fahidas do coração, quando David falla com Deos, não diz, q̃ são palavras, senão obras: *Dico ego opera mea Regi*. Pois se já lhe tinha chamado palavras, como agora lhe chama obras? Porque a minha lingua, diz elle, he penna de quem escreve: *Lingua mea calamus scribæ*. Não se poderá declarar melhor, nem mais discretamente. A penna he a lingua das mãos: & asfim como a lingua da boca falla palavras, a lingua das mãos falla obras: *Dico ego opera mea*. De maneira, que ajuntando toda esta senten-

ça, que parecia tão defatada; o que nos ensina David com o exemplo da sua oração, he, que quando oramos a Deos não basta que as palavras sejaõ boas; & fahidas; *Verbum bonum*; nem basta, que quando as pronunciamos fallemos com Deos: *Dico ego opera mea Regi*; mas he necessario, que não só fayaõ da boca, senão do coração: *Eruñtavit cor meum*: nem só do coração, senão também das mãos: *Lingua mea calamus scribæ*: & que o fahirem do coração se prove com os affectos: *Eruñtavit*: & o fahirem das mãos se prove com as obras: *Opera mea*.

371. Este he o modo com que digo, ou nos diz, & ensina a Virgem Senhora Nossa, que havemos de rezar o seu Rosario: não com a boca sõmente, senão com o coração, & com as mãos. E para que vejamos que o Psalmo de David, que acabo de explicar, falla com os professores do Rosario propria, & nomeadamente, leamos he o titulo; ou sobredito, que he milagroso, O titulo

Titulo deste Psalmo quarenta & quatro na lingua Hebraica, em que foy escrito, he *Sufanim*, que quer dizer : *Pro Rosis*, para as Rosas. E que tem este Psalmo com as Rosas, ou as Rosas com este Psalmo? Agora o veremos. David quando compunha os seus Psalms, conforme a composiçãõ, & materia delles ordenava juntamente quaes eraõ os instrumentos a que se haviaõ de cantar. Assim consta do titulo de muitos outros. E segundo este uso, dizem graves Expositores, & de grande erudiçãõ, como Mariana, & Tyrino, que a razãõ de dar David tal titulo a este Psalmo, foy, porque o nome do instrumento a q̃ se havia de câtar era derivado de Rosas, assim como as contas por onde rezamos se chamaõ Rosario. Põde haver mayor propriedade? Pois ainda tem outra mayor. Porque a materia, & assumpto de todo o Psalmo não allegorica, senãõ literalmente, como dizem todos os Doutores Catholicos, & o confessaõ os mesmos Rabinos, he hum Epitalamio, ou

poema nupcial do futuro Rey Messias, que he Christo, & da Rainha sua Esposa, que he a Virgem Maria. A primeira parte, que começa: *Speciosus forma præ filiis hominum*: contém os mysterios do Filho de Deos feito homem: a segunda, que começa: *Astitit Regina à dextris tuis*; contém os mesmos mysterios, em que a Mãe Santissima lhe foy sempre inseparavel companheira, & por isso communs a ambos. E porque estes mysterios saõ os mesmos de que se compoem o Rosario; esta foy a razãõ porque o Psalmo, em que se profetizavaõ, se mandou tambem cantar profeticamente, não a outro instrumento, senãõ àquelle, que se chamava das Rosas: *Pro Rosis*.

372. O que agora resta he que todos os devotos do Rosario se conformem com esta profecia, em o trazer, não sò na boca, senãõ no coração, & nas mãos. A Iris, ou Arco celeste com as tres cores mysteriosas, que nelle pintaõ, & distinguem os reflexos do Sol, já dissemos noutra

noutra occasião, que era figura do Rosario: agora nos ensina a Senhora como havemos de usar deste Arco, para que as settas de nossas orações rompaõ as nuvens, penetrem os Ceos, & firaõ o coração de Deos. Notou engenhosamente Santo Ambrosio, que o Arco celeste não foy feito para Deos atirar settas aos homẽs, porque no tal caso havia de ter as pontas voltadas para o Ceo; mas tem as pontas voltadas para a terra, porque foy feito para os homens atirarem settas a Deos. Porém isto não o podiaõ os homens fazer, nem no primeiro, nem no segundo estado do mundo, porque o Arco não tinha corda. E quando a teve? Quando se deu principio aos mysterios do Rosario no primeiro de todos, que foy a Encarnação do Verbo. As duas pontas do Arco eraõ a Divindade, & a Humanidade; & a uniaõ hypostatica foy a corda, que atou huma ponta com a outra. Armado assim este fortissimo Arco, formado dos mysterios de Christo, divinos juntamente

Tom. 5.

& humanos, que são os mesmos do Rosario; as settas, que são as orações vocres, como se haõ de atirar? Haõ se de atirar, como se atiraõ as settas. As antigas Amazonas, cujas armas eraõ arco, & aljava, para poderem atirar mais forte, & mais expeditamente as suas settas, cortavaõ os peitos direitos. Tanto importa para a força, & impulso do tiro, que entre o peito, & a mão não haja impedimento, mas se ajuntem, & unaõ. Pois assim como a setta para adquirir violencia ha de sair da mão, & do peito, assim o coração, & as mãos são as que daõ o impulso ás nossas orações, que doutro modo não teriaõ força. Mas para que buscamos semelhanças, ou exemplos estranhos? O mesmo uso Christoão, muito diverso do modo com que oravaõ os antigos, nos ensina praticamente estes dous preccitos, ou segredos da arte de orar. Que fazemos quando oramos, se queremos orar devota, & efficaçmente? Não levantamos as mãos ao Ceo? Não as applicamos ao peito? Não as po-

Y

mos

mos sobre o coração? E se a dor, ou a necessidade, ou a devoção he muita, não apertamos o mesmo coração com ellas? Pois isto que fazemos no exterior, he o que havemos de obrar interiormente quando oramos, não orando só com a boca, mas ajudando, & acompanhando as nossas orações com o coração, & com as mãos: & não só com o coração, ou só com as mãos, senão com o coração, & com as mãos juntamente. Com o coração, isto he, *Super cor*, & nos affectos, imitando a Virgem Maria quando trouxe a Christo em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit*: & com as mãos, isto he, *Super brachium*, & nas obras, imitando a mesma Senhora quando o teve em seus braços, & a seus peitos: *Et ubera quæ suxisti*:

IV

373. **I**sto he, devotos do Rosario, o que deverão fazer todos os professores deste Santissimo Instituto; mas a causa de muitos o exercitarem com pouco

fruto, muito temo que seja, porque oraõ só com a boca, sem coração, & sem mãos. Isto mesmo que eu tenho prégado, & pelos mesmos termos prégou o Profeta Jeremias à triste Cidade de Jerusaleem, quando chorava suas calamidades: *Consurge, lauda: (surge, ora & obsecra, Thren 2.19. lê o Hebreo) effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini: leva ad eum manus tuas pro anima parvulorum tuorum*. Ora, Jerusaleem, a Deos (diz o Profeta), & ora com o coração, & com as mãos, com o coração postado por terra, & com as mãos levantadas ao Ceo: *Effunde cor tuum, & leva manus tuas*: & deste modo, & nesta postura, que he a mais propria para mover as entranhas de Deos, roga à sua Divina misericordia, se compadeça da miseria de teus filhos. Assim o prégou o Profeta, & o persuadio em parte, mas com pouco, ou nenhum fruto, & sem remedio. Porque? Porque ainda que faziaõ sacrificios, & orações a Deos, os corações, & as mãos não estavaõ com elle,

elle. Ouçamos primeiro as queixas dos corações, & logo ouviremos as das mãos.

Matt.
15.8.
1f 29
13.
Job 38
4.7.
374. *Populus hic labiis me honorat, cor autem eorum longe est à me.* Estas palavras disse antigamente Deos ao Povo de Israel por boca do Profeta Isaias, & depois as repetio Christo por sua sagrada boca ao mesmo Povo, & hoje entre os Christãos faz de nós a mesma queixa, & com mayor razão. Este Povo, diz, louvame com a boca, mas o feu coração está muito longe de mim. Quem cuidára que da boca ao coração havia tão grandes distancias! Deos está em toda a parte, & se os corações destes que louvavaõ a Deos sò com a boca, estavaõ longe de Deos; onde estariaõ? *Ubi eras, cum, me laudarent astramatinam, & jubilarent omnes Filii Dei?* Quando os outros que louvaõ a Deos com a boca, & com o coração estaõ entre os coros dos Anjos: *Cum quibus, & nostras voces;* tu que verdadeiramente o não louvas, & sò fallas com a boca, onde tens o coração? Boa pergunta

era esta para a fazerem a si mesmos, não os devotos, mas os rezadores do Rosario. Homem, que com o Padre nosso, & a Ave Maria na boca, tão divertidos trazes os pensamentos, & mais divertidos os affectos, por onde anda o teu coração no mesmo tempo? He certo; que anda lá por onde andava o filho Prodigio, pastoreando pòde fer o mesmo gado, & sem duvida outro, ou outros tão pouco limpos como elle. Quando o Prodigio sahio da casa do Pay, diz a sua historia, que foy para hũa Região muito longe: *In Regionem longinquam.* E que Região, & que longe he este? O Pay he Deos: o Prodigio saõ os que tem perdido, ou esperdiçado a sua graça: a Região muito longe saõ as Cidades, ou os dezertos, ou os jardins, ou os bosques, ou os montes, ou os mares, ou os orizontes remotissimos por onde, segundo as diversas inclinações, & affectos; trazem divertido o coração do homẽ os vicios, & peccados, que só saõ os longes de Deos, & infinitamente longes. E como

os corações estão tão longe ; esta he a primeira causa porque as vozes da boca não são ouvidas, & vemos tão pouco aproveitados os que assim rezaõ.

375. A segunda causa he, porque ainda que a boca falla, & parece que falla com Deos; se o coração está longe d'elle; tambem está mudo. Mudo, & longe, vede como será ouvido? *Quàm multi sonant voce, & corde muti sūt:* quantos ha que soaõ com a voz, mas com o coração estáõ mudos, diz Santo Agostinho. E notay que não diz o mayor Doutor da Igreja, que estes taes fallaõ com a voz, senaõ que soaõ: *Voce sonant*: entre o fallar, & o soar ha grande differença. O fallar he proprio, & natural do homem; o soar (como balar, & mugir) dos brutos. E he lastima grande, que o rezar, & orar de muitos, por ser sò de boca sem coração, seja tão alheyo de todo o racional humano, que mais se pareça com o soar dos brutos, que com o fallar dos homens. Os homens não só tem obrigação por ley da natu-

reza de fallar como homens; mas pòdem fallar como Anjos, & como Deos. Como Anjos, diz S. Paulo: *Si lingu-^{1. Cor.}is hominum loquar, & Angelorum:* como Deos, diz S. Pedro: *Si quis loquitur quasi sermones Dei.* E ha alguns ^{13 1.} ^{1. Per.} ^{4. 11.} homens que sejaõ tambem obrigados a fallar como Anjos, & como Deos? Se alguns ha, são os que professão rezar o Rosario. Porque a Ave Maria pronunciada por S. Gabriel, são palavras de Anjos, & o Padre nosso composto, & ensinado por Christo, são palavras de Deos. E homens que deveraõ fallar como Anjos, & como Deos, que não cheguem a fallar, se quer como homens, porque as suas vozes são sò de boca, & não de coração! Lastima he outra vez, não sò grande, mas indigna da Fè, & da mesma natureza. Por isso Deos os não ouve, conclue o mesmo Santo Agostinho: & dá a razão: *Quia ad cor hominis aures Dei, sicut aures corporales ad os hominis*: porque assim como para os ouvidos dos homens se fizeram as vozes da boca, assim para

para os ouvidos de Deos as do coração. Como o homem he corporal, & espiritual juntamente; assim como Deos lhe deu dous instrumentos de ver, que são os olhos, & o entendimento, assim o proveo tambem de dous instrumentos de fallar, que são a lingua, & o coração: a lingua para fallar com os homens; & o coração para fallar com Deos. Essa he a discreta energia com que David repetia a Deos o que lhe tinha ditto: *Tibi dixit cor meum*. Não diz: Eu, Senhor, vos disse; senão, o meu coração vos disse: *Tibi dixit cor meum*: porque a Deos só o coração diz, & com Deos só o coração falla. E como o coração he o instrumento, & a lingua de fallar com Deos; assim como os homens só ouvem o que diz a lingua, & não entendem o que diz o coração, assim Deos só ouve o que diz o coração, & não attende ao que diz a lingua. Daqui vem, que se o coração não falla, ainda que o homem diga cento & cincoenta vezes a mesma cousa, como diz quando reza o Ro-

Tom. 5.

sario; para com Deos não diz palavra, & verdadeiramente está mudo: *Voce sonant, corde muti sunt*. E estes são os dous impedimentos certos, porque os que chamey rezadores; não são ouvidos, Huma vez, porque estão mudos, & como mudos só movem os beiços: *Populus hic labiis me honorat*: & outra vez, porque estão longe, & muito longe de Deos: *Cor autem eorum longe est à me*.

376, Allegação porèm, ou podem allegar os que assim rezaõ, que ainda que os seus corações estejaõ longe de Deos, porque são peccadores, & o não amaõ de todo coração, como de veraõ; com tudo não rezaõ sem coração. Porque nõs (dizem) temos muito no coração a devoção da Virgem Santissima, & seu bendito Filho, & se não com todo, ao menos com muito bom coração nos recomendamos em sua graça, & esperamos seus divinos favores. Assim o entendem, & dizem: & deste seu dizer se segue, que estes devotos do Rosario tem dous corações,

Y iij como

como aquelles de quem disse o Profeta: *In corde, & corde loquuti sunt*: hum coração que está longe, outro que está perto; hum coração mudo, outro que falla; hum coração que offende a Deos, outro que se encomenda a elle. E que direy eu a esta replica? Refere Plinio, que as pombas de Passagonia tem dous corações, & o Profeta Oseas fallando da sua terra, faz menção de pombas sem coração: *Quasi columba seducta non habens cor*. E na duvida de dous corações, eu antes quizera homens sem coração, que com dous; porque quem não tem coração, não tem affecto; & quem tem dous corações, pôde ter affectos encontrados. Quem não tem affecto, nem obriga nem offende: quem tem os affectos encontrados, offende, & desfaz com hum o que obriga com o outro. E tães são os affectos daquelles, que confessando tem o coração longe de Deos, dizem com tudo, 'que quando rêmão, ou oraõ, o fazem com muito bom coração. Mas diganos o mesmo Deos, & ouçamos

de sua boca a resposta desta mesma instancia.

377. Primeiramente Deos que formou o homem; & lhe sabe melhor a anatomia, não admitte nelle mais que hum só coração, & por isso diz: *Cor autem eorum longè est à me*. Admittindo porém a supposição dos dous corações, que os homens inventáraõ, distingue hum do outro, não no mesmo, senão em diferentes fugeitos, desta maneira: *In ore fatuorum cor illorum: & in corde sapientium os illorum*. Os nescios, diz Deos, tem o coração na boca, & os sabios tem a boca no coração. Não se podera distinguir, nem declarar melhor a differença dos que oraõ de hum, & outro modo. Os que oraõ com o coração na boca, são os nescios: os que oraõ com a boca no coração, os sabios. Os primeiros, nescios: porque toda a força das suas orações está na boca, & nas palavras; os segundos, sabios: porque toda lhe sabe do coração, & toda a põem nos affectos. Por isso estas orações são as ouvidas, & aquellas não: &

Delectare in Domino, & dabit tibi petitiones cordis tui :

4. Ponde os vossos affectos em Deos, & darvos-ha as petições do vosso coração. Do vosso coração, diz David, & não da vossa boca. Aos que oraõ, & pedem com o coração, ouve, & despacha Deos suas petições, porque os seus affectos estão nelle. E os que oraõ, & pedem só cõ a boca, fahem escuzados, & sem despacho, porque os que haviaõ de ser affectos, são sõmente palavras. Porque são sõmente palavras; *Populus hic labiis me honorat :* & porque fahem sò da boca, & não do coração : *Cor autem eorum longe est à me.*

V.

378. **T** Aõ justamente se queixa Deos de faltar às nossas oraçoens a doce assistencia do coração. Agora veremos se he igualmente justificada a sua queixa por lhe faltar a forte companhia das mãos. Quãdo Josué na jornada do dezerto se poz em cápo contra o po-

der de Amalech, que impedia aos filhos de Israel o caminho da terra de Promissão, subio-se também Moyfès a hũ monte, para dalli encomendar o successo da batalha ao Senhor dos Exercitos, sem cujo favor não ha victoria. Orava o grande Profeta cõ as mãos levantadas ao Cee, as quaes porèm pezadas com a carga dos annos desfaleciãõ pouco a pouco, atè que outra vez as tornava a levantar: & aqui succedeo hum prodigio admiravel; porque neste subir, & descer das mãos de Moyfès (como se ellas foraõ o compasso das armas entre hum, & outro exercito) quando se levantavaõ, prevalecia Josué contra Amalech, & quando se abayxavaõ, ou descahiaõ, prevalecia Amalech contra Josué: *Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel: sin autẽ paululum remisisset, superabat Amalech.* Agora pergunto : & quando as mãos de Moyfès cahiaõ, afroxava elle também o arco da oraçaõ, & cessava totalmente de orar, ou orava menos intensamente ? De nenhum modo.

Exod. 17. 11

Sempre continuava, & perseverava na oração com a mesma efficacia, & com a mesma instancia: antes naturalmente quando via do monte prevalecer o inimigo entraõ orava, & implorava o socorro de Deos com mayor aperto. Pois se na oração não havia mudança, antes crescia, & se atervorava mais ardentemente; porque não seguiã os effectos as instancias da oração, senão os movimentos das mãos? Porque tanto importa que as mãos acompanhem a oração. A oração desacompanhada, & desassistida das mãos, ainda que seja a de Moysés, não consegue o que pretende: antes tem os effectos côtrarios. Vede agora que fruto se pô le esperar do Rosario rezado sê mãos. Mas ainda não está ponderada a mayor circumstancia do caso.

379. Quando Moysés disse a Josuè, que sahisse a pelear contra Amalech, o que acrescentou, foy que elle subiria a orar ao monte levando consigo a vara de Deos: Egressus, pugna contra

Amalech; cras ego stabo in vertice collis habens virgam Dei in manu mea. Isto disse Moysés a Josuè, & a todo o exercito para os animar à batalha: & certamente não podia haver motivo de confiança; que mayores espiritos lhes infundisse, & mayor valor lhes metesse nos corações, pois aquella vara era a mesma, que no principio da mesma jornada tinha desbaratado, & vencido com tâtos prodigios os exercitos de Faraõ, & seus carros, & todo o poder do Egypto muito superior ao de Amalech. Mas quem era esta vara nomeadamente chamada no caso presente não vara de Moysés, ou Araõ; senão vara de Deos: *Habens virgam Dei in manu mea?* Esta vara de Deos era a Mãe do mesmo Deos a Virgem Senhora nossa, como o mesmo Deos depois declarou por boca de Salamão, dizendo *Equitavi meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea.* Assim entendem literalmente este Texto Rupertto, S. Boaventura, S. Pedro Damiaõ, S. Efrem, & outros

outros Padres. Pois se aquella oração não só era de Moysès, senão assistida, & patrocinada da poderosissima protecção, & amparo da Virgem Maria; como não bafitou tudo isto para q̄ supprisse a falta das mãos de Moysès quando afroxavão, & descahião? Oh grande defengano, & exemplo para os que rêsão o Rosario sem mãos! Rêsão sem mãos, & toda a sua confiança poem em que o mesmo Rosario he da Mãe de Deos, que tudo póde: & enganão-le muito enganados. Se as mãos de Moysès não acompanhaõ a sua oração levantadas, mas a desamparaõ cahidas; por mais que tenha consigo a vara de Deos, nem Deos ouvirá a oração de Moysès, nem a vara dará vitoria a Josuè, mas vencerá, & prevalecerá Amalech: *Cum paululum remisisset manus superabat Amalech.*

380. E que mãos levantadas são estas, de que tanto depende a oração? S. Agostinho o disse em tres lugares: basta q̄ refiramos hum. *Per manus debemus opera ac-*

cipere: & quis benè manus levat? Ille utique qui implet illud Apostoli, levantes manus puras. Assim como no coração dissemos que se entendem os affectos, assim nas mãos (diz o Santo) se entendem as obras. E que obras? Aquellas das quaes diz o Apostolo S. Paulo que quando oramos a Deos, levantemos as mãos puras. Supposto que Santo Agostinho se refere, & nos remette a S. Paulo, fuy buscar o texto, que he da primeira Epistola a Timotheo; & confesso que quando o li, fiquei tremendo. Oh quantos são os que rêsão o Rosario, & quão poucos os que oraõ a Deos como devê! Exhorta alli S. Paulo a todos, assim homens como mulheres (huns, & outros nomeadamente) que fação instante oração a Deos com as mãos levantadas, advertindo porém, & recomendando muito, que sejam puras: *Levantes puras manus.* E para serem puras as mãos dos que oraõ, que será necessario? Não declaro o Apostolo o que he necessario para serem puras, mas

1. Ti.
moth. 2

8.

mas

mas declara muito expressamente o que basta para o não serem. Isto he o que me fez tremor, & deve confundir a todos os que por ventura tem em muy diferente conta as suas contas. Vay o Texto: *Volo ergo viros orare in omni loco levantes puras manus sine ira, & disceptatione.*

16.8 9 *Similiter, & mulieres in habitu ornato cum verecundia, & sobrietate ornantes se, & non in tortis crinibus aut auro, aut margaritis, vel veste pretiosa; sed quod decet mulieres promittentes pietatē per opera bona.* Quero (diz S. Paulo, & eu vou construindo as suas palavras hũa por hũa ao pè da letra) quero que os homens orem em todo o lugar sem ira, nem contenda: & que do mesmo modo orem as mulheres vestidas honestamente, & com sobriedade: (o *cum verecundia*, entendaõ-no em Latim) & que não usem de cabellos torcidos com artificio, nem de ouro, nem de joyas, nem de vestiduras preciosas, como he decente a mulheres que promettem piedade, & boas obras. Pois isto he,

Apostolo sagrado; cuja pena quando escrevia era movida, & governada pelo Espirito Santo: isto he o que basta para as mãos que acompanhaõ a oraçaõ não serem puras? Isto, & não diz mais. Eu cuidava que fallando S. Paulo dos homens, trouxesse aqui os homicidios, os roubos, os adulterios, & os outros peccados da primeira plana, & só falla na ira, nas contendas, & emulações que pòde haver sobre os lugares. E estes só defcitos, posto que tão ordinarios, & que no conceito commum do mundo offendem levemente a humildade, & caridade; estes diz que bastaõ para impedir os effeitos da oraçaõ, & para que sejaõ impuras nos olhos de Deos as mãos que levantamos ao Ceo quando assim oramos. Tambem cuidava, que fallando nas mulheres, trouxesse outros desmãchos de mayor escandalo, & mais alheyos da fogeiçaõ, & recolhimento daquelle estado, & só falla nas galas, no ouro; nas joyas, & nos enfeites da cabeça. E posto que estes

estes cuidados, como o mesmo Apostolo diz, não promettao muito sizo, nem muita piedade, & o uso lhes tem concedido taes privilegios, que mais escrupulos causaõ á inveja, que á consciencia; com tudo torna a infiltrir S. Paulo com a mesma asseveração, que as mãos que nestas vaidades se occupaõ; verdadeiramente são impuras, & que as orações que pretendem subir ao Ceo offerecidas por taes mãos, de nenhum modo chegaõ là, nem as admite Deos. Vejão agora cada hum, & cada huma das que rezaõ o Rosario, se são mais puras, & innocentes as mãos por onde o passaõ todos os dias.

381. E se estas impurezas de mãos, que parecem veniaes, tanto offendem a Deos, & o desagradaõ, que seraõ as de outro pezo taõ differente que S. Paulo não nomeou, nem ellas tem nome! Ouçamos aos dous Prophetas mayores David, & Isaias, que com vozes ao parecer encontradas maravilhosamente apertaõ este pôto, & apuraõ esta impureza.

David o que desejava, & pedia para a sua oração, he que ella subisse ao conspecto divino como incenso: *Dirigatur Domine oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* Psalms. 140.2

Pelo contrario Isaias em nome do mesmo Deos protestava, que o incenso para elle era abominação; *Incensum abominatio est mihi.* Pois se David, para que a sua oração fosse agradavel a Deos, desejava que subisse como incenso; como diz Isaias que o incenso, que se offerecia a Deos, lhe era abominavel. Ainda creyo que não percebeis perfeitamente a energia, & força de hum, & outro ditto; porque poucos estareis bem informados de qual era o incenso de que ambos fallaõ. Aquelle incenso não era o que entre nós tem o mesmo nome, & na lingua Latina se chama *thus*: mas era hũa confeição preciosissima de todas as especies aromaticas mais exquisitas, a qual ardia, & se exhalava em suavissimos vapores diante de Deos, & no altar chamado dos Thymias se queimava, & offerecia

recia por mãos dos Sacerdotes. Pois se este Thymiama (o qual também tinha sido instituido por Deos com clausula de que no seu Templo fosse Rito sempiterno) se era, digo, de tanto preço, de tanta suavidade, & fragrancia, & tão aceito, & agradavel à Divina Magestade, que não desejava David outra mayor aceitação para suas orações; porque o detestava Deos, & abominava com tal extremo, que não só lhe chama abominavel, senão a mesma abominação: *Incensum abominatio est mihi.* Não dissemos já que este incenso, ou Thymiama era offerecido por mãos dos Ministros do Templo? Pois esta era a causa de Deos o abominar tanto. Estes Ministros no tempo de Isaias eraõ homens de muito má vida, avarentos, ambiciosos, soberbos, hypocritas, sacrilegos. E posto que as especies aromaticas, de que era composto o incenso, fossem muito cheirosas em si, & de grande suavidade; com tudo eraõ aborrecidas, & abominadas de Deos, por-

que lhe cheiravaõ às mãos dos que as offereciaõ. Não basta que os Thymiamas, os incensos, & as orações sejaõ por si mesmas muito gratas a Deos, se as mãos que as offerecem forem viciosas, inficionadas, & impuras: *Sicut in coronis non satis est flores esse puros, nisi pura sit & manus eos contexens:* diz S. Joã Chrysothom. E isto he o que acontece às orações do Rosario, posto que as suas Rosas sejaõ do cheiro mais celestial, & divino. As especies de que se cõpoem a confeição do Rosario são aquellas q̃ nomea, & de q̃ se nomea a mesma Senhora: *Sicut Cinnamomũ, & balsamum aromatizans odorẽ dedi: quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris.* O Cinnamomo são os mysterios gozofos, a myrrha os dolorofos; o balsamo os gloriosos, & sendo este Thymiama o mais precioso, & odorifero que pode inventar a sabedoria Divina; se com tudo for offerecido a Deos por mãos inficionadas com vicios, & peccados, de nenhum modo lhe ferà aceito, & agradavel, senão aborrecido,

Chryf.

Ecclg.
24.29

recido, & abominado, porque cheirá à às mãos que o offerecerão.

382. E porque a metáfora do incenso, ou Thymia- ma não faça duvida, o mesmo Deos no mesmo lugar se declarou, como se fallára comn íco pelo proprio, & expresso nome de orações, & pelo proprio, & expresso de mãos inficionadas: *Cum*

Is. I.
15.

extenderitis manus vestras, avertam oculos meos à vobis: & cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam. Quando levantardes as mãos a mim, diz Deos, eu voltarey o rosto, & apartarey os olhos de vós: & quando me fizerdes as vossas oraçoens, por mais que as multipliqueis, não vos hey de ouvir. E porque causa, Senhor, ou porque causas (que não podem deixar de fer muitas, & grandes) hum rigor tão extraordinario, & tão alheyo de vossa piedade infinita?

16:

Manus enim vestræ sanguine plenæ sunt: porque as vossas mãos estão cheas de sangue. Acaba de dizer que não ha de ouvir suas oraçoens & não poem o defeito nas ora-

ções, senão nas mãos. Não porque as vossas orações não sejaõ boas, pias, & santas; mas porque as vossas mãos estão contaminadas de suas proprias obras, & cheas de sangue. Vejaõ agora là muitos dos que trazem o Rosário nas mãos, & os mais poderosos (se he que o rezaõ) & olhando para as suas mãos, examinem bem se pôde Deos formar contra ellas hum semelhante libello; *Manus enim vestræ sanguine plenæ sunt:* porque as vossas mãos estão cheas de sangue. E de que sangue? Do sangue da vingança publica, ou secreta: do sangue que derramou a espada, ou a pena do sangue que ainda vive dentro nas veas, & já está destinado a correr dellas: do sangue dos pobres, do sangue dos innocentes, do sangue dos que não tem quem os defenda: do sangue de tantos Martyres quantos a vossa potencia, quantos a vossa soberba, quãtos a vossa cubiça, quantos a vossa crueldade, quantos a vossa pouca fê em commum, & em particular tem tyrannizado,

zado, & tyranniza. E cuidais que o Rosario, ou rezado, ou trazido em taes mãos vos pôde salvar? Enganaifvos: que por isso falla Deos de taes orações, quaes são no uso, & modo de se rezarem as do Rosario sómente, & nenhuma outras. Notay as palavras: *Cum multiplicaveritis orationem*: quando multiplicardes a oração. Nem a Igreja antiga multiplicava, nem na Igreja presente se multiplica a mesma oração, porque se não repete muitas vezes a mesma, mas sempre se varia. Os Psalmos antigamente todos eraõ diversos, & as orações hoje tambem são diversas, & só no Rosario se multiplica a mesma oração cento & sincoenta vezes: *Cum multiplicaveritis orationem*. Assim que resumindo, & atando os dous discursos que dividi, ambos se unem com mayor força com o primeiro, & todos tres nos tem provado o que a Mãe de Deos nos ensina com seu exemplo: que o seu Rosario não se ha de rezar só com a boca, senão com o coração, & com as mãos.

Com o coração, assim como a mesma Senhora trouxe a Christo nas suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit*: & com as mãos, assim como o trouxe nas suas, & a seus peitos: *Et ubera, qua suxisti*.

VI.

383. **S**O' me pôdem dizer (& acabo com satisfazer a esta duvida) sô me pôdem dizer os interessados, ou empenhados na devoção do Rosario, que parece rigurosa, & dura condição esta para os que o houverem de rezar como devem. Para ir ao Ceo, não nos pede Deos mais que a pureza do coração, & das mãos. Assim o mandou a ^{Psalm.} pregoar o mesmo Deos, & ^{23.1.} fixar este seu decreto universal em todas as quatro partes do mundo: *Domini est terra, & plenitudo ejus, orbis terrarum, & universi qui habitant in eo*. Este he o principio, & a prefação do decreto. Logo pergunta quem são aquelles que da terra haõ de subir ao Ceo, & per-

Ib. 3. & permanecer lá eternamente: *Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto ejus?* E responde o mesmo Deos sem exceção de pessoa, nem de estado; que só haõ de subir ao Ceo aquelles que tiverem o coração limpo, & as mãos innocentes: *Innocens manibus, & mundo corde.* Logo

Ib. 4. segundo o que temos ditto, tanto se requiere para rezar bem o Rosário, como para ir ao Ceo? Primeiramente não he muito que se requiera tanto para subir pela escada, como para entrar pela porta antes o entrar he o facil, & o subir o difficultoso: & por isso diz o decreto: *Quis ascendet?* Mas disto mesmo se colhe qual he a dignidade do Rosário. Para receber o Santissimo Sacramento, que se requiere? Estar em graça. E para ir ao Ceo, requiere-se mais alguma cousa? Nenhũa. Grande he logo a dignidade daquelle altissimo Sacramento, que tanto se requiere para o receber, como para ir ao Ceo. E isto mesmo he o que devem inferir os devotos do Rosário quando lhe

prêgamos que para o rezarem como convem, he necessaria a pureza do coração & a innocencia das mãos. Não he condiação dura, senão sublime, não he dura, senão admiravel; não he dura, senão celestial, & divina. E tanto mais divina quanto comparada. Pureza de coração, & innocencia de mãos para subir ao Ceo: pureza de coração, & innocencia de mãos para receber o Santissimo Sacramento: pureza de coração, & innocencia de mãos para rezar como convem o Rosário: *Innocens manibus, & mundo corde.*

384. Seja esta a primeira reposta em louvor grande do Rosário; mas a segunda em igual confusão dos q̄ sem esta disposição o rezaõ, he, que o seu rezar não he rezar, nem o seu Rosário Rosário, senão hum dolo, hum engano, & huma mera, & expressa contradiação de tudo quanto dizem a Deos, ou imaginaõ que dizem: *Exaudi Domine justitiam meam, intende deprecationem meam auribus percipe orationem meam non in labiis dolosis.* Ouvi Senhor,

Senhor, a minha justiça, attendey às petições que vos faço, percebey a minha oração, porque a minha boca não vos falla com engano. Estas palavras são de David, nas quaes suppoem que ha orações justas, & orações injustas; orações que ouve Deos, & orações que não ouve; orações a que attende, & orações a que não attende; orações que percebe, & orações que não percebe. E para que Deos ouça, & attenda: & perceba a sua oração como justa, o que allega, & representa, he, que ainda que ora com a boca, não falla com dolo, nem com engano: *Non in labiis dolosis*. Pois a Deos que tudo vê, que tudo sabe, que nada se lhe pôde encobrir, nem dissimular, allega David que a oração da sua boca não tem dolo, nem engano? Sim: porque muitas orações, que saem da boca, se saõ só da boca, vão cheas de dolos, & de enganos, com que queremos, ou cuidamos, que enganamos a Deos, & taõ encontradas com o que oramos, & pe-

dimos, que o mesmo Deos as não percebe. Tal he o Rosario rezado só com a boca, sem coração, & sem mãos: sem affectos, & sem obras. E se não vede-o.

385. No Padre nosso nomeamos a Deos como Pay: *Pater noster qui es in Calis*, na Ave Maria, nomeamoslo con.o Senhor: *Ave gratia plena, dominus tecum*: & se a estes nomes de Pay, & Senhor não responde o coração, & as mãos; o coração emando-o como Pay, & as mãos servindo-o como Senhor, tudo he dolo, & engano. Ouvi a Deos pelo Profeta Malachias. *Filius honorat patrem, & servus* ^{Ma} *Dominum suum: si ergo Pa-* ^{ch.1} *ter ego sum, ubi est honor meus? Et si Dominus Ego sum, ubi est timor meus?* O filho honra ao Pay, & o servo ao Senhor: & se eu sou Pay, diz Deos, onde está o meu amor? Se eu sou Senhor, onde está o meu temor? Logo se eu sou Pay; & não me amais, & eu sou Senhor, & não me fervis; dolo, & engano he o chamarme Pay, dolo, & engano he o chamarme

marme Senhor : *In labiis dolos*. E se no Rosario rezado só da boca se achão estes dolos , não considerando os nomes com que nelle invocamos a Deos ; que ferà discorrendo pelas palavras verdadeiramente dolosa, cõ que affectamos desejar sua gloria , & muito mais naquellas , com que lhe pedimos , que nos dê, o que não accitamos , nem queremos. Não he dolo dizer : *Sãctificetur nomen tuum* ; quando tantos tomaõ seu São nome na boca temeraria & perjura, & muitos o blasfemão impiamente? Não he dolo dizer : *Adveniat Regnum tuum* ; quando tantos se alistão , & servem debayxo das bandeiras do Demonio , & accrescentão vassallos , & escravos ao Reyno das trevas? Não he dolo dizer : *Fiat voluntas tua sicut in Cælo, & in terra* ; quando tantos , & quasi todos não trataõ mais , que de fazer a propria vontade na terra , & por hum momento de gosto falso , & torpe se condenaõ a perder o Ceo por toda a eternidade? Desta maneira,

Tom. 5.

como se pudemos enganar a Deos fingimos com a boca desejar sua gloria , & honra , quando não só a não desejamos , nẽ procuramos ; mas como se não fora do Deos , que nos criou , & remio , a desprezamos , & por tantos , & tão insolentes modos lhe antepomos a nossa. E que direy do que pedimos para nõs , em que os dolos , & enganos saõ ainda mais palpaveis , & manifestos ? Pedes a necessidade o paõ nosso de cada da : & que Fé ha taõ comedida , que se fic da Providencia quotidiana de Deos , & não deseje , & ajunte paõ para mais dias , & annos do que ha de viver ; ou que cubiça taõ moderada , que o paõ que chama nosso , o não misture , & amasse com o alheyo? Pedes o vingativo a Deos q̃ lhe perdoe assim como elle perdoa , & se Deos o fizer assim , lhe tirará logo a vida , & o meterá no inferno , onde elle meteria se pudesse os que tem por inimigos , & os persegue , & abate , & mette debayxo dos pès em tudo quanto póde. Pedes o deshonesto , que Deos o não deixe

Z

cair

cair em tentação: & elle he o tentador que busca, sollicita, & compra as tentações, não duvidando perder por ellas a faude, arriscar a vida, & dar de contado a graça, que val mais que a mesma gloria. Finalmente pede a Deos que o livre daquelle mal que só he mal, & todo o mal, porque nos priva do summo bem: & elle está tão fôra de se querer livrar, que estima mais o cattiveiro que a liberdade, & por se deixar estar cattivo, & escravo do peccado, renuncia o resgate que o mesmo Deos offerece, sendo o preço infinito de feu Sangue. Este he o modo com que rêsão o Rosario os que rêsão sem pureza de coração, nem innocencia de mãos, & sômente com a boca chea de dolos, & enganos: *In labiis dolosis*; & por isso mais dignos de ser aborrecidos, abominados, & castigados por Deos, que de ser ouvidos.

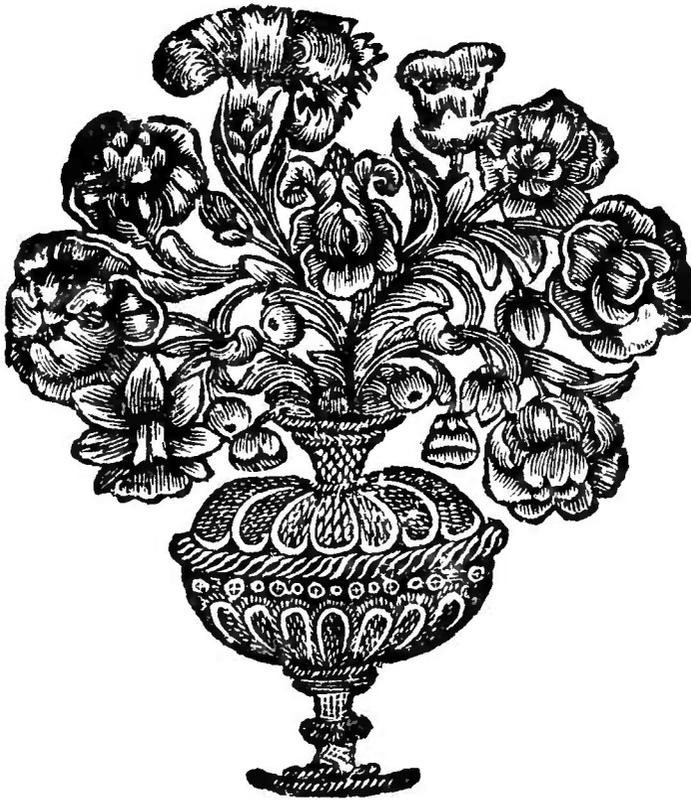
386. Seja logo a conclusão de tudo para os que se achão neste estado, o conselho, & inspiração do Espirito Santo por boca de Jere-

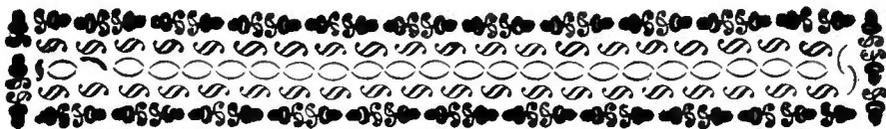
mias: *Scrutemur vias nostras, & Thre & queramus, & revertamur 3.4º ad Dominum.* Examinemos nossas consciencias, busquemos a Deos, & convertamos a elle, supra a contrição o que atêgora tem faltado á vida; & com esta resolução digna de toda a Alma Christã, & que tem fê, que se conseguirà neste mesmo instante? Consegur-se ha, acrescenta o Profeta, que por este modo não só feraõ as nossas orações de boca, senão de ^{16 41} coração, & de mãos: *Levemus corda nostra cū manibus ad Dominum.* E os que por merce de Deos se acharem com esta mesma disposição, continuem, & perseverem nella; porque, como bem diz S. Gregorio Nazianzeno, em nenhuma occupação se podem empregar nossos corações, & nossas mãos, nem melhor, nem mais util, nem mais necessaria, que em acõpanhar as preces, & orações, com q̄ recomendamos nossas Almas a Deos, & lhe pedimos sua graça.

*Non opus est manuum melius
quàm tendere Cælo,
Castas, & toto jungere corde
preces.* Mas

Mas o principal motivo de todos seja cõformarem-se os devotos do Rosario com o exemplo da soberana Instituidora d'elle, assim cõ o coração, como cõ as mãos: cõ o coração, imitando a mesma

Senhora em quanto trouxe ao Filho de Deos em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit*; & com as mãos, em quanto o teve nas suas, & a seus peitos: *Et ubera, que suxisti.*





SERMAM XI.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

Extollens vocem quædam mulier de turba , dixit illi : Beatus venter, qui te portavit , & ubera, quæ suxisti. Luc. II.

I.

387.



Aõ he cousa nova no mûdo, posto que lastimosa, que homens Letrados, & Religiosos degenerassem em Hereges. Taes foraõ antigamente Pelagio , & modernamente Luthero: hum, & outro Letrados de fama, hum, & outro Religiosos de profissão , & ambos Herefiar-cas impiissimos. E se das Escolas, & Claustros da Igreja Catholica faem monstros saõ horrendos, naõ he mara-

vilha que na Synagoga Judaica, & na historia do presente Evangelho os vejamos semelhantes. Os Escribas eraõ os Letrados da Ley, os Fariseos eraõ os Religiosos daquelle tẽpo, & huns, & outros se declarãraõ taõ blasfemamente hereticos no milagre do Demonio mudo , que em huma sã proposiçaõ negãraõ a Christo a Divindade em quanto Deos, & a Santidade em quanto homem, Disseraõ , & ensinãraõ publicamente aos que se admiravaõ do milagre , que era falso , & aparente, & que Christo lançava os Demo-

Luc.
11.15
Demonios dos corpos com poder do Principe dos Demonios : *In Beelzebub Principe demoniorum ejecit demonia.* Em dizerem que obrava com poder alheio, negavãolhe a Omnipotencia ? & em julgarem que esse poder era recebido do Demonio , negavãolhe a Santidade : & a quem ? A'quelle mesmo Senhor a quem os mesmos Demonios confessavaõ por Deos , & por Santo :

Marc.
1.24.
Scio qui sis Sanctus Dei. Convictos porèm neste famoso Acto da Fé , & faindo Escribas , & Fariseos todos com mordanças na boca , emmudecidos pelas razoens com que Christo juntamente Mestre , & Juiz lhes confutou , & condenou as blasfemias ; levantou a vòs hũa mulher acclamando a victoria da Fé , & dando todo o louvor á Mãe de tão glorioso Filho : *Beatus venter, qui te portavit , & ubera, quæ suxisti.*

388. Para Expositor, & interprete deste insigne texto , & seus mysterios elegéo a Igreja entre todos os Doutores sagrados ao Venera-
Tom. 5.

vel Béda ; o qual diz duas cousas notaveis. A primeira que esta mulher do Evangelho foy figura da Igreja Catholica , que nella se representava : *Cujus hæc mulier typum gessit.* E a experiencia tem moltrado a verdade , & propriedade desta exposiçãõ ; pois tomando a Igreja da boca da mesma mulher estas mesmas palavras , não só as authoriza como suas , mas as repete, canta, & celebra como divinas em todas as solennidades da Virgem Senhora Nossa , & com particular eleiçãõ as applica ao dia do seu Rosario. A segunda coula , & mais notavel ainda , que diz o mesmo Béda , he , que nas mesmas palavras , nas quaes se contêm os primeiros mysterios do Rosario sómente, (como são os da Infancia de Christo, *venter, qui te portavit , & ubera, quæ suxisti*) não só estão refutadas, & convencidas as heresias, & blasfemias dos Escribas, & Fariseos (que eraõ os Hereges presentes) senão tambem , & com a mesma evidencia as de todos os Hereges futuros

ros: *Scribis, & Phariseis Dominum tentantibus & blasphemantibus, tanta ejus incarnationem pæ omnibus sinceritate cognoscit, tanta fiducia confitetur, ut & presentium Procerum calumniã, & futurorum confundat Hæreticorum perfidiam.*

389. Isto supposto, que he tudo o que atégora nos tem ensinado a Igreja, eu insistindo na verdade catholica da mesma doutrina, & não me apartando hum ponto da authoridade della (que he na terra a do Ceo) o que determino dizer hoje, he muito mais. Se a verdade do mysterio da Encarnação, que he hum só dos quinze do Rosario, bastou para refutar os Hereges de Judéa, & os que depois delles impugnão o mesmo mysterio; o que accrescento, & digo de novo, he: que todos os mysterios, & orações de que se compoem o Rosario juntos, não só refutaõ, & convencem as heresias de Judéa, senão as de todo o mundo: nem só as dos Escribas, & Fariseos, senão as de todos os Heresiarcas, &

seus sequazes: nem só as daquelle tempo, & do futuro, senão as do futuro, as do presente, & as do passado. De sorte que examinadas naõ em cõmum sómente, senão tambem em particular todas heresias, todas as blasfemias, todos os erros de todas as seitas, de todas as idades, de todas as terras, de todas as nações, & de todos os infieis do mundo, todas no Rosario estaõ detestadas, todas no Rosario condenadas, todas no Rosario confundidas, & todas no Rosario anathematizadas.

390. Isto he o que hey de prégar hoje. E agora Senhor, me dou eu o parabem de que vossa infinita Magestade patente nesse Throno visivel se dignasse de divinizar com sua Real presença a solennidade deste grande dia: & agora reconheço a justa razaõ, & correspondencia com que o mysterio por antonomasia da Fè desce do Ceo a honrar os do Rosario. Não podia faltar a mayor, & melhor parte a este todo, de que o Divinissimo Sacramen-

mento tambem he parte. Nefse Diviniffimo Sacramẽto adora a noffa Fè o mayor myfterio della , no Rosario reconhece, & confessa todos. Nefse Diviniffimo Sacramẽto condena a quantos hereges o negaõ, no Rosario a nenhum perdoa, nem ainda aos que se não atrevêraõ ao negar. No Sacramento detestamos hũa heresia nova, no Rosario as novas, & as antigas: no Sacramento em fim hũa heresia, & no Rosario todas as herefias. Sendo pois o Rosario a mayor, & mais universal protestaçaõ da Fè, & o myfterio da Fè a fonte de toda a graça; não nos poderà faltar com a graça a mesma Senhora, de quem a mesma fonte teve seu nascimento. *Ave Maria.*

II.

391. Hũa das mais notaveis prerogativas, ou a mais notavel, & a mayor que a Igreja Catholica reconhece, & celebra na Virgem Santissima Senhora Nossa, & de que lhe dá o parabem, he aquella famosa antifona: *Gaude, Maria Virgo, cunctas*

hæreses sola interemisti in universo mundo. Quer dizer. Alegrayvos Virgem Maria; porque vòs ió degolastes em todo o mundo todas as herefias. O louvor que encerraõ estas palavras, não pòde ser mayor; mas a difficuldade dellas tambem he grande. Primeiramente São Pedro pelejou contra Simaõ Mago, que foy o primeyro Herefiarca da Igreja, & o derrubou das nuvens, & com os pès quebrados o prostrou aos seus nos olhos de toda Roma. S. Joaõ Evãgelista pelejou contra Ebion, & Cerintho, contra os quaes principalmente escreveo o seu Evangelho. São Paulo não só a hum, ou a poucos hereges, mas a todos os de seu tempo confundio, anniquilou, & fez em cinza cõ tantos rayos quantas foraõ as suas Epistolas. Depois dos Apostolos estas foraõ as batalhas, & as vitorias dos fortissimos Antigonistas de todos os Herefiarcas, os Ignacios, os Polycarpos, os Irineos, os Justinos, os Lactancios, os Epifanios, os Athanasios, os Jeronymos.

os Agostinhos. Como diz logo, & canta a Igreja que a que degollou as heresias, foy a Virgem Senhora Nossa, & ella só, *Sala?* Mais. Estas heresias não foraõ todas, nem de todo o mundo; porque todas nascêraõ na Grecia, & na Italia, donde se estêdêraõ por algũas provincias da Africa, & da Europa: & ainda não tinhaõ sahido do Inferno os Erasmos, os Lutheros, os Calvinos, & tantos outros monstros, em cujas heresias está ardendo hoje a França, a Hollanda, a Inglaterra, a Alemanha, a Dinamarca, & a Suecia, & todo o Septentriaõ enregelado, & duro. Pois se ainda vivem, & crescem, & nascem no mundo tantas heresias, como as degollou a Virgem Maria, & as matou todas: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo?*

Suar.

3. p. 1.

2. disp.

19. see

1. Cor.

mel in

sap. 3.

Genes

2. 15.

392. Trataraõ esta questão dous famosos Au- thores do nosso Seculo, entre os Theologos Suares, & entre os Escripturarios A Lapi- de. E que he o que dizem? O Padre Suares responde

que degollou a Senhora todas as heresias, porque foy Mãe de Christo que he a luz que alumia a todos os homens, & porque depois de Christo foy meistra da Fé, & dos Apollolos, & porque he singular protectora de todos os que a defendem. Mas esta resposta posto que verdadeira, & solida no que diz, bem se vê que não satisfaz inteiramente á difficultade proposta, nem enche os vazios de tamanha prerogativa. O Padre A Lapide mais a confirma com a Escritura do que dá a razão della. Diz que aqui se comprio a sentença fulminada por Deos contra a Serpente de que hũa mulher lhe quebraria a cabeça: & que esta mulher he a Virgem Maria, a Serpente o Demonio, & a cabeça da Serpente todas as heresias: *Beata Maria contrivit serpentem, quia illa fuit semper plena, & gloriosa vitrix aiaboli, omnesque hæreses (quæ caput sunt serpentis) in universo mundo contrivit, ut canit Ecclesia.*

393. Que na cabeça da serpente se entendaõ todas

as heresias , bem ditto está , porque todas sahiraõ daquella astuta , inimiga , & venenoza cabeça. Assim o affirmaçõ Santo Agostinho, *Aug. Chryf. Athan Irin l. 1. c.9. & lib. 2. c.57* São Joaõ Chrysoftomo, Santo Athanasio & primeyro que todos Santo Irineo ; o qual accrescenta que todos

os Heresiarcas tiveraõ Demonios familiares, que eraõ os seus mestres, & lhes ensinavaõ os erros que haviaõ de femear. E esta verdade he taõ certa , que os mesmos Heresiarcas , & os mesmos Demonios a confessaõ.

Luthero o mayor Heresiarca do seculo passado em o Livro que intitoulou de Missa Angulari confessa, ou se gaba de que elle , & o Demonio eraõ taõ amigos , & taõ familiares na conversaçõ , & na mesa , que tinhaõ

Luth. citatus a Corn. in Ep ad Tim cap. 4. v.1. comido juntos mais de meyo alqueire de sal : *Diabololum , & se inter se mutuo familiariter nosse , & plus uno salis modio simul comedisse.* E

Cassian collat 7. c.32. dos Demonios refere Cassiano na collaçõ septima , que em sua presença , & na de outros Religiosos confessára publica , & declaradamente

hum Demonio , que a heresia de Arrio , & de Eunomio elle iha inspirara : *Audivimus apertissime confitentem se inspirasse hæresim Arrij , & Eunomij.*

394 Finalmente sem fair do caso em que estamos, delle consta quem foy o primeiro Heresiarca , & quaes os primeiros hereges. O primeiro Heresiarca foy o Demonio, os primeiros hereges foraõ Adaõ , & Eva. O Demonio foy o primeiro Heresiarca , porque tendo Deos dito a Adaõ , & Eva que no dia em que comessem do fructo vedado , morreriaõ:

In quocunque die comederis, Genes. morte morieris : contra esta 2.17.

proposiçãõ , que por ser de Deos, era de Fê, o Demonio pronunciou , & ensinou a contraditoria em que consiste a heresia , dizendo que de nenhũ modo morreriaõ:

Nequaquam morte moriemini. *Genes. 3.4.* E Adaõ , & Eva foraõ

os primeiros hereges ; porque ambos naõ só duvidaraõ da palavra divina (o que bastava) mas ambos crearaõ mais ao Demonio que a Deos , ambos perderaõ a Fé,

como

Aug. como prova Santo Agostinho; & ambos foram reos, & complices no primeiro crime da heresia. E como a sentença fulminada contra a serpente assentava sobre estas culpas, & tanto em castigo da presente heresia (de que fora o primeiro dogmatista) como em presagio de todas as futuras, que na sua cabeça se haviaõ de maquinar, & della haviaõ de sair; bem se segue que a mulher, que lhe havia de quebrar a mesma cabeça, era a que havia de destruir todas as heresias. Mas ainda que esta exposição do texto declara o verdadeyro sentido da profecia, não concorda porém com o comprimento della, nem com o que canta a Igreja; porque a profecia diz, *Conteret*; & a Igreja diz, *Interemisti*, a profecia falla do futuro. & que se havia de cumprir, & a Igreja falla do passado, & que de presente já está cumprido. E se já está cumprido que a Virgem Maria, & só ella degollou todas as heresias do mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo*; como se verifica

esta verdade tão decantada da Igreja, & quando, ou de que modo obrou a Virgem Senhora Nossa esta tão universal, & tão prodigiosa façanha?

395. Respondo que assim he como o affirma a Igreja Catholica, cuja verdade não pôde faltar: & q̃ o modo, ou instrumento com que a Virgem Maria degollou todas as heresias, foy o seu Rosario. E porque o Rosario he sómente seu, ella só foy a que as degollou quando o instituhio: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo*. Quando a Senhora instituhio o seu Rosario, & o seu primeiro Prêgador o Patriarca São Domingos o começou a publicar pelo mundo, referindo o Papa Gregorio Nono os efeitos maravilhosos da sua prêgação, diz na Bulla da canonização do mesmo Santo estas grandes, & ponderosas palavras: *Dominico sagittante delicias carnis. & fulgurante mentes lapideas impiorum, omnis hæreticorum Secta contremuit*. Como se a prêgação de Domingos fosse

Greg.
IX. in
Bulla
Canoniz.
at. S.
Dom.

fosse hum arco que despedis-
se contra os cora-
çoens de carne; & como se a
sua voz fosse hũ trovaõ do
Ceo, que fulminasse rayos
contra os entendimentos de
pedra, affim fez tremer as
Seytas de todos os hereges :

*Omnes hæreticorum Secta cõ-
tremuit.* Mas se as Seytas dos
hereges tremeraõ tambem
a Igreja Occidental tinha
tremido, diz o Beato Alano
de Rupe, vendo a força, &
progressos com que as mes-
mas heresias se hiaõ esten-
dêdo, & abrazando a Europa.
*Hic verò intremuit Ecclesia
Occidentalis, talium adhuc
inexperta malorum.* Não hou-
ve meyo que a Igreja não in-
tentasse para apagar, ou a-
talhar este incendio; porẽm
todos debalde: *Non arma,
non doctrina deerant, deerat
oratio*: não faltava a doutri-
na fã dos Theologos, não
faltavaõ tambem as armas
dos Principes Catholicos,
mas faltava a oraçaõ. Trou-
xe-a finalmente do Ceo a
Rainha dos Anjos, ensinan-
do a do seu Rosário: & tan-
to que o Rosário se introdu-
zio no mundo, cresceo a o-

raçaõ, & desfalleceo a here-
sia: *Prædicandũ, ac orandi
Rosarium, ut in usum venit,
crevit oratio, decrevit hære-
sis*.

396. Só na Lombardia
converteo São Domingos
por meyo do Rosário mais
de cem mil hereges Albigẽ-
ses. Mas que tem que ver
(torna agora a mesma duvi-
da não já absolutamente, fe-
naõ sobre o Rosário) que
tem que ver os Albigenes
com todos os hereges. E que
proporçaõ tem a Lombar-
dia com todo o mundo? De
que modo logo se póde, ou
ha de entender que por me-
yo do Rosário degollou, &
matou a Virgem Senhora
Nossa todas as heresias do
mundo? Digo que o Rosa-
rio propria, & verdadeira-
mente mata todas as here-
sias, pelo modo proprio,
& verdadeiro com que a he-
resia mata a Fé, & a Fé
mata a heresia. De que mo-
do se mataõ entre si a here-
sia, & a Fé? A Fé, & a he-
resia faõ actos do entendi-
mento com que cremos, ou
negamos o mysterio, & ver-
dade que se nos propoem:

[Alan.
à Rupe
in Hist
Domi-
nic.

& nesta contrariedade , ou guerra dos entêdimentos he q̄ a Fé pòde matar a heresia , ou a heresia pòde matar a Fé. Se a heresia nega o que cre, & confessa a Fé , mata a heresia a Fé ; se a Fé cre, & confessa o que nega a heresia , mata a Fé a heresia : & deste modo por meyo do seu Rosario matou a Virgem Senhora Nossa todas as heresias ; porque tudo o que todas as heresias do mundo negaõ , he o que se cre , & confessa no Rosario. De forte que para o Rosario matar todas as heresias , não he necessario que converta , & convença os hereges , & mate as heresias nelles ; mas basta que as deteste , & as mate em sy mesmo.

397. Excelente, & admiravel prova , & quanto se podia desejar adequada. Antes de Christo vir ao mundo havia entre os Judeos , & os Gentios a mesma opposição , & contrariedade que hoje ha entre os Catholicos , & hereges : & porque Christo Senhor Nosso (por isso chamado Principe da paz) quiz por meyo da sua Fé a-

cabar esta guerra, & fazer de ambos os Povos Judaico , & Gentilico hum só Povo: *Qui fecit utraque unum* , o miel-^{Ephes.} mo S. Paulo , de quem saõ ^{2.14.} estas palavras, diz que Christo matou aquellas inimizades em si mesmo : *Interficiens inimicitias in semetipso* , ut ^{15.16} *duos cõdat in unum, & reconciliet ambos.* Mas quando fez Christo esta uniaõ, & esta reconciliação dos dous Povos inimigos , & quando matou estas inimizades ? Matou-as nos ultimos annos de sua vida quando instituhio a Ley nova , na qual não ha distincão de Judeo , & Gen-^{Rom.} tio: *Non est distinctio Judæi* , ^{10.12.} *& Græci.* Agora entra a grãde duvida. Pois se Christo ha mil & seis centos annos que matou as inimizades q̄ havia entre os Judeos , & Gentios , como perseveraõ ainda inimigos entre si , & por mais que os Gentios cõvertidos querem converter tambem os Judeos , elles cõ tudo perseveraõ obstinadamente na mesma inimizade ? Porque Christo não matou as inimizades nelles, matou-as em si mesmo : *Interficiens inimi-*

inimicitias in semetipso. O mesmo fez a Virgem Senhora nossa por meyo do seu Rosário. Ainda que muitos hereges em todas as partes do mundo se conservaõ obstinadamente hereges; a Virgem Maria por meyo do seu Rosário matou todas as heresias em todo o mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.* Porque o Rosário, ainda que não mate as heresias nos hereges, que se não querem converter, mata-as todas em si mesmo, porque em si mesmo detesta as heresias, & os erros de todos.

III.

398. **D** Ayme agora particular atenção, & assim na parte mental do Rosário, que são os quinze mysterios, como na parte vocal, que são duas orações de que se compoem, vede como nelle detestamos todas as heresias do mundo.

399. Primeiramente no numero, & fundamento dos Quinze mysterios; he mui-

to digno de reparo que os primeiros treze sejaõ todos tirados do Evangelho, & os dous ultimos não. Os dous ultimos mysterios, que são os da Assumpção da Virgem Senhora Nossa, & os de sua Coroação no Throno da Gloria, não constaõ dos Evangelhos, nem de outra Escritura sagrada, senão sõmente por tradição dos Apostolos, & da Igreja. Pois se todos Quinze se puderaõ inteirar de outros mysterios que referem os Evangelistas, porque mete junta, & igualmente com elles o Rosário, os que só cremos por tradição Apostolica, & Ecclesiastica? Porque assim era necessario para a inteira, & completa protestaçaõ da Fè, & detestaçaõ das heresias. Os hereges modernos negaõ a Fé das tradições, & dizem que sõ se ha de crer o que se lê nas Escrituras sagradas: *Neque alia doctrina in Ecclesia tradi, & audiri debet, quã in compurum verbum Dei, hoc est, sancta Scriptura,* diz Luthe-
Luth. ment. c. 1 ad Galat.
 ro taõ inchado, como ignorante. Vem cá, Herege sobre Apostata: na Ley da natu-
 reza

reza houve Fè? sim: & houve alguma Eſcritura? Nenhũa. Na Ley Eſcrita houve muitas Eſcrituras? Muitas. E criaõ-fe tambem as Tradições? Tambem: que a meſma Ley o mandava aſſim. Na Ley da Graça houve ſempre Fè deſde ſeu principio? Sempre. E houve ſempre Eſcrituras? Não. Por que o Evangelho de S. Mattheus, que foy o primeiro, foy eſcrito oito annos depois da Aſcenſão de Chriſto, & o de São João, que foy o ultimo, ſeſſenta & ſeis annos depois. Pois ſe as Tradições em todas as Leys tiverão authoridade de Fè, como es tu tão ſem fè, & ſem Ley, que as negas? E ſe queres ler iſto meſmo nas Eſcrituras ſagradas, lê a São Paulo, onde diz: *Accepi à Domino quod & tradidi vobis*: & outra vez, onde diz: *Laudo vos, quòd ſicut tradidi vobis, præcepta mea tenetis*: & terceira vez, onde expreſſamente declara hũa, & outra couſa: *Tenete traditiones, quas didiciftis ſive per Sermonem, ſive per Epistolam noſtram*. E como as verdades que cre-

mos tanta authoridade tem pela Eſcritura, como pela Tradição; por iſſo os Myſterios do Roſario ſe compuzeraõ de humas, & outras, condenando neſta catholica composição a impia doutrina de Luthero, & dos ſeus quatro Evangeliftas tão falſos como elle, Calvino, Brenicio, Kemnicio, & Hamel-

400. Vindo à ferie dos Myſterios; no primeiro, que he o da Encarnação, confeſſa o Roſario com ſa Fé Catholica que o Filho de Deos encarnou, & tomou a noſſa carne por verdadeira, & real uniaõ da ſubſtancia do Verbo á Humanidade, ficando Chriſto verdadeiro Deos, & verdadeiro Homem com duas naturezas não confundas, ſenão diſtintas; inteiramente divina, & outra perfeitamente humana; & não em duas, ſenão em huma ſò Peſſoa. E com a Fè, & proteſtação deſte Myſterio degolla o Roſario ſinco famoſas hereſias. A primeira de Valentino, de Cedron, de Proclo, & de todos os Maniqueos, & Priscilliani-

Calvo e
Bren.
Kemnic
tius,
Hamel
m au
apud
Bellar
min. d.
Verbo.
Dei
Scripte
cap. I;

Vide
Baro
num,
& Spō
danū
sub iſſ
dem no
minib.
& Sua
rium
diſp. 7.
ſect 2.
& 3.
tom. 1
in 3. p.

1. ad
Cor

11. 23.

Ibid. 2

2. ad

Th. 2.

14.

ffas : os quaes diziaõ que Christo não era verdadeiro homem como nós , senão fantastico , & aparente , & não nascido na terra , senão descido do Ceo. A segunda de Cerintho , de Ebion , de Carpocrates , de Theodoro , Artemon , Paulo Samosatenno , Fotino , os quaes concediaõ que Christo era homem , mas negavaõ que fosse Deos ; & este erro he tambem dos Judêos , & dos Mahomethanos. A terceira de Nestorio , de Elipando , de Bonoso , & outros , os quaes confessavaõ em Christo as duas naturezas divina , & humana ; mas não em hũa só Pessoa , senão em duas , & essas não unidas substancialmente entre si , mas accidentalmente , & só por graça. A quarta de Euthyques , Dioscoro , Philopono , os quaes diziaõ que de tal maneira Deos se fizera homem , que a Humanidade por verdadeira transformação se convertera na Divindade , ficando o que fora homem , não já homem , senão Deos. Aquinta de Polemio , a quem seguirão os Jacobitas , & de Severo , a quem seguirão os

Acefalos : os quaes da natureza humana , & da Divina faziaõ em Christo huma terceira substância , assim como dos Elementos simples se compoem os corpos mixtos. Deixo os erros de Apollinar , & de outros na mesma materia , dos quaes por serem tantos , se convence tambem a sua mesma falsidade , porque para acertar ha hum só caminho , & para errar muitos.

401. No segundo mysterio que foy o da Visitação da Senhora a Santa Isabel , & santificação do Bautista , temos antes de sua degollação a de duas grandes heresias antigas , & modernas. A santificação do Bautista cahio sobre o peccado original , no qual incorrêraõ todos os filhos de Adão como em primeiro Pay , & cabeça universal do genero humano. Elle peccou , & nelle todos , como expressamente *Rom. 5.* diz São Paulo : *In quo omnes peccaverunt.* E com este Texto tão claro , Pelagio , & Celestio negáraõ obstinadamente haver peccado original. O mesmo erro continuáraõ Pedro Abaylaro prí-

primeiro, & depois os Hereges Albigenfes: & quasi em nossos dias o refuscitaraõ Erasmo, Fabro, Zuinglio, & outros môstros com o nome de Christaõs: não reparando, como notou São Agostinho contra Juliano, que quem nega o peccado original, derroca o primeiro fundamento do Christianismo, & quer tirar do mundo a Christo. Por isso o mesmo Christo que reservou o resto da sua doutrina, & milagres para depois dos trinta annos, no mesmo instante em que foy concebido partio logo a livrar do peccado original a hum homem, que ainda não era nascido. E porque foy este homem, ou este menino mais hum filho de Habel, & Zacarias, que outro? Para condenar com o mesmo acto, & desfazer a segunda heresia.

402. Buccero, Calvino, & Bolingero de tal modo admittê o peccado original, que exceptuaõ delle os filhos dos fieis, & dizem que ainda que morraõ sem bautismo, se salvaõ, porque pela Fè de seus pays nascem santos. E

para Christo convencer tambem, & condenar esta heresia, aquelle menino que escolheu entre todos para livrar do peccado original, não só quiz que fosse filho de pays fieis, mas tão fieis, & tão santos ambos como Zacarias, & Isabel. E estas são as duas heresias, que de hum golpe degolla o Rosario no segundo Mysterio.

403. Contra o terceiro *Epiph. heres. 30.* (que he o do Nascimento de Christo) se levantaraõ outras quatro: hũa pertencente ao Filho, & tres à Mãe. Scythiano, Terbintho, Manes, & os Hereges chamados Sampseos, Ussenos, & Helcessêos não só negaraõ haver nascido o Filho de Deos da Virgem Maria; mas differaõ que em Adaõ se vestira exteriormente da nossa carne, da qual logo se despira, & a vestia sómente quando havia de fallar aos Patriarcas, & que nella apparecêra depois quando veio ensinar, & remir o mundo, dando cor a este seu fingimento com as palavras de São Paulo: *Et habitu inventus ut homo.* *Philip. 2. 7.* Pòde haver fabula

Aug.
advers
Julian

Ita
Bellar
min.
som. 2.
lib. 1. c.
6 pag.
233.

bula mais quimerica; & mais ridicula? Mas tão cegos, & tão estolidos como isto são os hereges. Os que crem, & confessaõ a Christo como nascido de Maria Santissima, escurecem, & corrompem ametade desta verdade com tres blasfemias, de que estremecem os ouvidos catholicos. Nòs, Virgem, & Mãy sempre purissima, confessamos que fostes Virgem antes do parto, Virgem no parto, & Virgem depois do parto. E a primeira destas singulares prerogativas negáraõ os Ebionitas, & Theodotianos: a segunda Gualtero, Buccero, Molineo, & outros Protestãtes: a terceira Helvidio, Auxencio, Joviniano, & os hereges Antidicomarianistas: mercedores todos de que o fogo da Çarça, cuja perpetua verdure se conservou inviolavel entre as chãmas, os abraçasse, & consumisse. Mas nós, Virgem das Virgens, & Mãy admiravel, já desde entãõ na mesma Çarça verde antes do fogo, no fogo verde, & verde depois do fogo reconhecemos os tres estados mara-

Tom. 5.

vilhosos de vossa virginal pureza, cantando todos com a Igreja: *Rubum, quem viderat Moyses incombustum, conservatam agnovimus tuã laudabilem virginitatem: & esta he a espada naõ de dous, mas de tres fios, com que o Rosario degolla estas tres herefias.*

404. Esta mesma pureza da Mãy de Deos a izentou da ley da Purificaçãõ (que he o quarto Mysterio) como tambem, & muito mais a seu Filho, por ser o supremo Legislador, & de nenhum modo sujeito a ella. Mas esta immuniade de ambos, exceptuada claramẽte na mesma Ley de Moyfès, negáraõ depois todos os hereges que entãõ havia em Judèa, Fariseos, Saduceos, Dositheos, Hemerobaptistas, Herodianos, comprindo-se nelles a profecia de Simcaõ pregada no mesmo dia, & no mesmo Templo: *Ecce positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum in Israel, & in signum, cui cõtradictur.* Foy Christo para Israel a ruina dos que o negáraõ, & a exaltaçãõ dos

Omses isti citãtur pro eotemp. a Bar. & ex eo a Spõd. in Ap. par. p. 2 & 3. Luc. 2. 34.

Aa que

que o creraõ: *In ruinam, & in resurrectionem multorum in Israel.* E para todos os outros foi hum alvo de contradicção: *In signum, cui contradicetur;* porque todos os que erraõ na Fé, atiraõ contra elle as settas de suas heresias: & pelo contrario todos os que a crem, & professaõ como nõs no Rosario, contradizendo, & refutando effas mesmas heresias, lhe quebramos as settas.

405. E para que isto se veja com maior clareza, sem sair do mesmo Templo, passemos ao quinto Mysterio. Achou a Senhora a seu Filho depois de perdido afentado entre os Doutores, admirados elles de tanta sabedoria em taõ tenra idade, & das repostas que dava a todas as questões que se lhe propunhaõ. E porque o Evangelista diz que tambem ouvia, & perguntava: *Audientem illos & interrogantem* como o ouvir he mais proprio de quem aprende, & o perguntar de quem duvida, ou ignora; daqui tomáraõ occasião muitos hereses para crer, & ensinar

que em Christo podia haver ignorancia, & erro. Assim o creraõ antigamente os Gnosticos, os Themistianos, os Agnoitas, & assim o dogmatizáraõ em nossos tēpos Lutero, & Calvino, & o discipulo destes, & mestre de muitos outros, Beza. Taõ longe esteve porém da bayxeza de semelhante pensamento Apollinar, que sendo tambem herege, errou tanto por alto, que negando à Alma de Christo o entendimento humano, poz em seu lugar o divino. Mas o que ensina a Fè Catholica neste ponto, he, que assim como em Christo ha duas naturezas, assim tem dous entendimētos, hũ divino, outro humano. E a sciencia deste entendimento humano foy taõ perfeita, & consũmada, naõ depois dos doze annos, senão desde o inflāte de sua conceicção, que tudo soube com evidencia, nenhũa couza ignorou, em nenhũa póde errar. E isto he o que em todos os Mysterios gozolos, desde o primeiro até o ultimo, confessa, & protesta o Rosario.

Ita de illis Epiph.

Ita de his Beza larm.

IV

406. **P** Assando aos

Mysterios dolorosos; não só discreta, mas verdadeiramente disse Tertulliano, que a nossa Fè sempre está crucificada entre duas heresias, como Christo entre dous ladrões. Porque huns a impugnaõ de huma parte, & outros da outra não unidos na mesma fètença, ou no mesmo erro, senão contrarios entre si Por isso Santo Ambrosio, & Santo Agostinho comparãõ os hereges às raposas de Sampsaõ, as quaes elle atou não pelas cabeças, senão pelas costas, voltadas humas cõtra as outras: *Caudasque earum junxit ad caudas, & faces ligavit in medio.* Para queimarem a seara unidos, mas tirando cada hum para sua parte, & essas contrarias.

407. O primeiro Mysterio doloroso, & da Paixaõ de Christo foy o do Horto: & que dizem os hereges? Huns dizem que não padeceo o Senhor as penas, & afflictõens que referem os E-

vangelistas: outros dizem que as padeceo muito maiores, & inauditas. Taõ conformes contra a Fè, como negarem todos o Evangelho; & taõ contrarios entre si, quanto vay de padecer Christo a não padecer, & não só encontrados no que dizem, senão tambem nos fundamentos falsos porque o dizem. Menandro, & Saturnino, & Apelles disserãõ que não padecera Christo, porque não tomãra verdadeiro corpo, senão fantastico: Serveto, Memnon, & os Anabaptistas; porque era de materia celestial, & divina: Juliano Alicarnasseo, Caiano, Theodoro, & outros, posto que concedem

que a carne de Christo era como a nossa em tudo o mais, negãõ com tudo que padecesse, ou pudesse padecer, porque era impassivel. Em summa, que todos estes hereges por taõ diversos caminhos vem a concordar em que as penas de Christo não foraõ verdadeiras: por mais que o Evangelho de Isaias esteja clamando: *Verè langares nostros ipse tulit:* & o de

Epiph. *Heresi.*Bellar. *de Christ.* l. 3. c. 2Suar. *p. 1. d.*

32.

sec. 1

Is. 53

4.

Tert. *relat.* *à Mul.* *in cap.* 1. *Ma* 26.D. *Amb.* *in Ps.* 118. *Serm.* 11. *D.* *Aug.* *Serm.* 107. *de temp.**Judic.* 15. 4.

São Lucas affirme que lhe fizeram suar sangue.

408. Isto he o que differença os hereges q̄ não crearam aos Evangelistas. E os que os crearam contentáram-se com isso? Não foram elles hereges, se se accommodaram com a verdade. Foi tão blasfema a lingua, & tão sacrilega a p̄na do impiissimo Calvinho, que se atreveo a pregar, & a escrever, que desde o Horto até espirar na Cruz padecera Christo as penas do inferno: & que affim fora necessario como Redemptor para satisfazer pena por pena, & inferno por inferno, a mesma pena, & inferno a que estavaõ condenados aquelles a quem remia. O mesmo seguirão Melanchthon, & Brencio. Não entendendo a soberba ignorantissima destes blasfemos precitos que bastava a menor gotta de suor de Christo no mesmo Horto, ainda que não fora de sangue, para pagar, & apagar mil infernos. Accrescenta o Heresiarca, que destes tormentos se quiz livrar o Senhor quando disse: *Si possi-*

bile est transeat à me calix iste Mat. 26.39
& Christo accrescentou: *Nō mea voluntas sed tua fiat; pa-* Luc. 22.42
ra deixar confutada outra grande heresia. Machario Antiocheno, Cypro Alexandrino, Sergio Constantino-politano, & todos os que pelo mesmo erro se chamaram Monotelitas, posto que reconheciam em Christo duas naturezas distinctas, não admittiam nella mais q̄ huma só vontade, que era a divina: mas para que cressem, & entendessem todos que assim como as naturezas eram duas, assim eram tambem duas as vontades; por isso distinguio tão claramente o Senhor a vontade humana da divina, dizendo: Não se faça a minha vontade, senão a vossa. E toda esta he a Fè que confessa, & todas estas as heresias que degolla o Rosario na meditação do primeiro Mystério doloroso.

409. No segundo (que he o dos açoutes á coluna) padeceo Christo atado a ella não ja as dores da propria, & interior apprehensão, senão as da violencia, & crueldade

cidade atraz de seus inimigos. E foy tal o deslumbramento da heresia assim neste como nos outros passos da Payxão, que muitos hereges tiverão para si que a Divindade de Christo immortal por natureza, & impassivel, fora a que nelle morrêra, & padecêra. Assim o escreveo no seculo passado tão impudente como ignorantemête Lutherô, resuscitando as antiquissimas heresias de Euthyques, Dioscoro, Sergio, Pyrrho, & Paulo, & de todos os Euthyquianos divididos em tantas blasfemias como Seytas. Não atinava a filosofia cega destes prelumidos idiotas como era possível que sendo Christo Deos, & padecendo Christo, não padecesse a mesma Divindade, pela qual he Deos? Padeceo Deos, & morreo Deos, são proposições catholicas, & de Fê: logo se Deos morreo, & padecceo, como não morreo, nem padecceo a Divindade? A verdadeira Theologia o declara facilmente com a que nella se chama communicação dos Idiomas. Assim

como do mesmo homem se diz com verdade que vê, & ouve: & com a mesma verdade, que entende, & ama; & não se segue por isso que entende, & ama pelos sentidos do corpo, nem que vê, & ouve pelas potencias da Alma; assim de Christo, que he Deos, & homem, se diz verdadeiramente que padecceo, & morreo: mas nem por isso se segue que padecceo pela Divindade, que he immortal, & impassivel, senão pela Humanidade; que he passivel, & mortal. E isto he o que professa o Rosario, & com que facilmente degolla essas blasfemias, & heresias.

410. Em Christo coroadô de espinhos (que he o terceiro Mysterio) & adorado por escarneo com a injuriosa laudação de *Ave Rex Judæorum*; tres foraõ as heresias que entãõ, & depois lhe negãõ este glorioso, & verdadeiro titulo, até por Pilatos, que o condenou, confessado. Os primeiros Dogmatistas dellas foraõ os Escribas, & Fariseos, & os Principes dos Sacerdotes de

Joan. 19.15
 Jerusaleem, quando com as vozes de todo o Povo clamarão: *Non habemus Regem, nisi Cæsarem*; sendo este Cæsar Tiberio. Os següdos foraõ os Herodianos, chamados assim, porque tendo cessado o cetro de Judã, por adularem a Herodes o reconhecerão por Messias, & adoraraõ por Rey dos Judeos. Os terceiros não são da mesma nação, senão também Romanos, foraõ os que applicando as profecias de Christo ao Emperador Vespasiano, o tiveraõ, & acclamaraõ por tal: entre os quaes seguiraõ, & celebraraõ o mesmo erro Cornelio Tacito, & Suetonio, & o que he mais, Josepho que entaõ vivia, com ser Judeo cegueira, & infamia abominavel se assim o cria, & mayor ainda se o escreveu sem o erer. Taõ vil he a dependencia, & a lisonja.

411. Coroado pois de espinhos o supremo Senhor, & verdadeiro Rey não são dos Judeos, mas de todos os homens, & Anjos (como confessa a nossa Fè no terceiro Mysterio do Rosario)

o quarto, em que levou a Cruz às costas, & o quinto, em que foy pregado, & morto nella, de tal forte os envolveo, & ajuntou a heresia, que nem nõs referindo-a os podemos separar. Basilides antiquissimo Heresiarca ensinou à sua Escola q̄ o crucificado, & morto no Monte Calvario não fora Christo, senão Simão Cyrenco, o mesmo que lhe ajudou a levar a Cruz. Assim o escreveu Santo Irineo, Tertulliano, Eusebio Cesariense, Santo Epifanio, & Santo Agostinho. E pois taõ grandes Padres da Igreja julgaraõ que não ficasse em silencio hum taõ fabuloso fingimento, eu o quero referir pelas palavras de seu mesmo Author, que tiradas de Santo Epifanio são estas: *Illum, in eo quod portabat crucem, transformavit in suã speciem, & seipsum in Simonem: & pro seipso tradidit Simonem, ut crucifigeretur. Cum autem crucifigeretur, stabat ex opposito invisibilis JESUS, dividens eos, qui Simonem crucifigebant: ipse vero discessit ad caelestia.* Quer dizer: que

Irineo
Tert.
Eusebio
Epiph.
Aug.

Epiph.
heresi
24. p.
213

que quando Simão levava a Cruz às costas, Christo o transformara em si, & puzera nelle a sua semelhança, & deste modo o entregara para ser crucificado: & que no mesmo tempo o Senhor feito invisivel estava defronte rindo-se dos que crucificavaõ a Simão, cuidando q̃ o crucificavaõ a elle, & q̃ dalli se fora para o Ceo. Tal foy o desatino deste bruto com o nome de racional, ao qual imitou outro da mesma fè, & do mesmo juizo chamado Marcos, & destes se diriváraõ os hereges Basilidianos, & os Marcitas. Tambem negaraõ a morte, & Cruz de Christo todos os já referidos, que lhe attribuirãõ corpo fantastico, ou celestial, ou divino, ou humano, mas impassivel: tendo huns, & outros por menos inconveniente admittir em Christo este fingimento, que a verdadeira morte de Cruz, como se não fora maior indignidade em Deos o enganar que o morrer, pois o enganar he mentir, & o morrer amar. Nós porèm confessando no Rosario, & prè-

gando com S. Paulo: *Christum & hunc crucifixum* não sò degollamos etta fea, & monstruosa heresia, mas a outra ainda maior que nella se encerra com que juntamente negavaõ a salvaçaõ do mundo.

V

412. **N** Os mysterios gloriosos, que saõ os ultimos, tambem tem muito que fazer, ou desfazer o Rosario. O da Resurreiçaõ de Christo foy o primeiro: & os primeiros hereges que o negaraõ, forãõ os Judeos, os quaes assim como lhe tinhaõ comprado a morte, lhe quizeraõ tambem comprar a Resurreiçaõ. Deraõ dinheiro aos soldados que guardavaõ o sepulchro, para que dissessem que estando elles dormindo, vieraõ os discipulos, & o roubaraõ. Tal he a verdade das testemunhas como a fé dos que as compraõ. Ou os soldados dormiaõ, ou não dormiaõ: se não dormiaõ, como o deixaraõ roubar? E se dormiaõ, como viraõ que o

Aa iiij rou

roubàraõ? Já David disse que a maldade se mentia a si mesma: *Mentita est iniquitas sibi*: mas que se minta, & se crea, sô na obstinação da heresia se acha. Todos os hereges que negàraõ a Christo a morte, lhe negàraõ coherentemente a Resurreição, porque quem não morre, não resuscita. Mas o errar coherentemente, não he emendar o erro; he multiplicallo. Hereges na morte, hereges na resurreição, & por isso dobradamente hereges. Atê os que concedem a resurreição de Christo, erraõ nella torpemente. Apelles disse que resuscitára, mas não na mesma carne em que morrera, senão em outra. Outros, que refere Tertulliano, que resuscitára se n corpo: outros que com corpo, mas sem sentidos. Cerintho com nova, & ridicula distincção, diz que o que morreo não foy Christo, senão Jesu, & do mesmo modo, o que resuscitou, também foy Jesu, & não Christo. E para que não houve se circumstancia na resurreição sem sua heresia, os Armenos disseraõ que re-

suscitára ao segundo dia, & não ao terceiro; & os Cerinthianos, que nem ao terceiro dia resuscitára, nem ainda em seu tempo estava resuscitado; mas que resuscitaria depois. Tudo isto disseraõ as heresias; & o Rosario que diz? Diz o que dizem as Escrituras, às quaes só no Mysterio da resurreição, se refere o Symbolo: *Et resurrexit tertia die secundum Scripturas*. Diz pois o Rosario; q̄ resuscitou o mesmo Christo, que morrera, que resuscitou ao terceiro dia, & que se resuscitou a si mesmo como Deos que era. E com estas tres clausulas em que consiste toda a Fè da Resurreição, assim como Christo triunfou da morte, & do inferno, triunfa elle de toda essa farragem de heresias.

413. No segundo Mysterio, que he o da gloriosa Ascensão de Christo, também deliràraõ muito os hereges, & por muitos modos. Alguns, como refere Santo Agostinho, disseraõ que sô a Alma de Christo subira ao Ceo, & o corpo ficára na terra; donde se segue que

ncm

Greg. nem na terra, nem no Ceo
Naz. estaria hoje Christo. Na ter-
orat. ra não, porque Christo não
 51. he corpo sem Alma: no Ceo
Tertul não, porque não he Alma sem
de car- corpo. Os Maniqueos só ad-
neChr. mittiaõ que Christo subio
 e.24. em forma corporal visivel;
Theod. mas atè as nuvens fõmente,
lib. 1. & que alli se resolvera em
Here- ar, & se desvanecera. Erro
ticarũ que depois abraçaraõ Bren-
Fabul. cio, & Illyrico igualmente
 hereticos, & blasfemos. Os
 Seleucianos, & Hermianos,
 partindo a jornada da Ascẽ-
 saõ, fingiraõ que Christo
 subira em corpo, & alma atè
 o quarto Ceo, & que dei-
 xando o corpo no Sol, dalli
Pfal. se partira para o Empyreo.
 18.6. Assim int erpretavão o verso
 de David: *In sole posuit ta-
 bernaculum suum.* aos quaes
 seguiu Hermogenes no mes-
 mo fingimento. Porèm Fa-
 bro com nova fabrica & de-
 pois d'elle Luthero, Brencio,
Apud Vvigando, Musculo, Smi-
Bellar delino, & toda a canalha de
de In- hereges de nosso tempo di-
carnat zem que nem Christo subio,
lib. 3. nem podia subir ao Ceo. O
 6.12. argumento com que o pre-
 tendem provar, he taõ falso,

& taõ heretico como o meí-
 mo assumpto. Subir he dei-
 xar hum lugar mais bayxo,
 & adquirir outro mais alto;
 Deos, a quem está unida a
 Humanidade de Christo, está
 em todo o lugar: logo també
 a mesma Humanidade está
 em todo o lugar, & quem
 está em todo o lugar, não pô-
 de subir, porque não pôde
 deixar hum lugar, & adquirir
 outro. Por este argumento se
 chamaõ estes hereges Ubi-
 quitarios, os quaes cuidan-
 do q̄ dizião huma grãde sub-
 tileza, disseraõ duas finissi-
 mas heresias: huma que sup-
 poem, outra que inferem.
 Suppoem que a uniaõ da
 Divindade communicou à
 Humanidade de Christo o
 attributo da Imensidade:
 inferem que nem subio, nem
 podia subir ao Ceo: & estas
 duas heresias se degollaõ
 quando menos com quatro
 textos expressos. O primei-
 ro de Saõ Joaõ: *Ut transeat Joan.*
ex hoc mundo ad Patrem; o 13. 1
 segundo de Saõ Lucas: *Et*
ferebatur in Cælum: o tercei- *Luc.*
 ro de S. Marcos: *Assump-* 24.5
tus est in Cælum. & sedet à *Marc*
dextris Dei: o quarto do 16. 15
 meí-

70an.
20.1
m. Imo Christo: *Ascendo ad Patrem meum, & Patrem vestrum.* E isto he o que profetisa, & protesta o Rosario.

414. O terceiro Mystério gloriioso he o da vinda do Espírito Santo, cujas linguas de fogo sempre queimárao, & fizerao rayvar os hereges. Cães rayvosos chama Santo Epifanio aos Basilianos, & Georgianos: os quaes mordendo como Arrio a Santissima Trindade, quizerao tirar a Divindade ao Espírito Santo, & lhe chamárao creatura: *Velut rabiosi canes impudenter creaturã ipsi. in penitus decernunt: atque sic affirmant à Patre, & Filio alienum esse.* O mesmo erro ensinou o impiissimo Macedonio, & seus sequazes Eustatio, & Ieuasio, Marathonio, Aëtio, & todos os Semiarrianos, & muito antes delles os Simonianos, & Samaritas. E se perguntarmos a estes, & outros semelhantes hereges, que he o Espírito Santo, supposto que dizem que não he Deos? Macedonio disse que he o primeiro Anjo su-

perior no poder, & authoridade a todos. Hierax, de quem tomárao o nome os hereges Hieracitas, disse que era homem, & não outro senão aquelle que nas Escrituras se chama Melquisedech. Mas esta heresia refutou Machario nos desertos do Egypto com hum argumento, que não tem recposta. Foy là hum herege Hieracita muito erudito, & eloquente a prègar esta falsa doutrina aos Monges, & como elles não scubessem responder porq̃ não tinhao estudado, eu te responderey, disse Machario, que era o Prelado. Mandou vir hum morto em presença de todos: disse ao cadaver frio, que em nome do Espírito Santo recebesse logo espirito de vida: & que succedeo? Levantou-se subitamete vivo: fallou o morto, & emmudeceo o herege. Mas como não bastaõ milagres contra a obstinação heretica; ainda vão as heresias por diante. Pedro Abaylaro disse que o Espírito Santo erãa Alma do mundo: Donato disse que era Deos, mas menor

Epiph.
heresi.
67.

Spond.
anno
Christi
287.

Reli-
qua ex
Baron.
sub iis
dem no
minib.

Baron.
anno
Christi
360.
Idem
in ap-
paratu
loquens
de Sa-
mari-
is.

nor que o Filho, como tam-
bem o Filho menor que o
Padre; & daqui nasceo a he-
retica distincção dos que ao
Espírito São chamaõ *Deus*
magnus, ao Filho *Deus ma-*
ior, ao Padre *Deus maximus*.

Exlay Herefiarca, & Pleu-
do profeta com fabula mais
ridicula, disse que o Verbo,
& o Espírito Santo, ambos
são filhos do Padre; sò com
diferença no sexo. Final-
mente os mesmos Basílidia-

Epiph.
heresi.
19.
53.
Ensch.
6. *Hif-*
toria.
31.

nos, que foraõ os primeiros
hereges contra o Espírito
Santo, reconhecendo o seu
erro, confessãõ que o Es-
pírito Santo verdadeiramen-
te he Deos igual em tudo ao
Padre, & ao Filho, mas que
o Padre, & o Filho, & o
Espírito Santo não são tres
Pessoas distintas; senão hũa
só. Tal he a cega condiçãõ
dos hereges, que ainda quan-
do acertaõ, não sabem emẽ-
dar hum erro sem outro.
Sendo porẽm tantas, & tão
varias as heresias, que o Ro-
sario degolla na confissão
deste sò mysterio, ainda lhe
resta hoje mais que degollar,
porque depois de estar con-
vencida, pacifica, & adora-

da em toda a Igreja a Divin-
dade do Espírito Santo por
mais de mil & duzentos an-
nos, Serveto, & Valentino
Gentil, & com elles Calvi-
no, Beza, Melancthon, &
os outros hereges desta cala-
mitosa idade, ou negaõ a
Divindade ao Espírito San-
to, com que tornaõ a fer
Arrianos, ou lha concedem
com distinta Pessoa, & na-
tureza, com que de novo
são Trietistas.

415. Os mesmos pois
que assim trataõ a Divinda-
de do Espoço, como trata-
rão a gloria da Espoça, que
he a q̃ só nos resta no quar-
to, & quinto Mysterio?
Dos hereges Arrianos que
negavaõ a Divindade ao
Verbo Eterno, & a conce-
diaõ só ao Padre, disse ele-
gantemente Santo Agosti-
nho, que cuidavaõ que não
podiaõ honrar o Pay senão
com afronta do Filho: *Non*
se putant ad unici Patris glo-
riam nisi per unici Filii cõtu-
meliam pervenire. E nõs po-
demos dizer dos hereges de
nosso tempo, que parece
cuidãõ que não pode m'hon-
rar o Filho senão com afron-

Aug.

ras da Mãy, sendo certo que o Filho diminuem a Divindade, & a Mãy tiraõ totalmente a gloria. Lutero, Calvino, Melancthon, Brencio, Buccêro, Loffio, Sarcerio, Culmãno, Schenckio, & os demais (comprindo-lhe nelles a profecia das inimizadas entre a serpente, & a mulher que lhe havia de quebrar a cabeça) todos como inimigos jurados da Mãy de Deos, a publicaçõ blasfemamente por indigna de toda a honra, de todo o culto, de toda a veneraçõ, com que os Catholicos muito menos do que suas prerogativas merecem, a celebramos. Desde o mysterio da Encarnaçõ atè o da Assumpção gloriosa (que são todos os do Rosario) nenhuma acção ha da Soberana Virgem, que não abataõ, que não envileçaõ, que não mordaõ, que não roaõ, & em que não empreguem furiosamente os dentes venenosos estes filhos da serpente infernal. Não deixarey de dizer aqui hũa só cousa que approvou, & lhe pareceo exemplar ao religiofissimo

Luthero. Em hum Sermão da Visitaçõ, diz assim: *Ma-* Luth.
ria non suã causã Elisabe- m. de
tham adiit, nec aliam ob cau- Visit.
sam, quã ut pragnanti in- B.V.
seruaret. Per hoc subruuntur
omnia instituta, & ordines,
qui eo tantum intendunt, ut
sibi, non etiam aliis commodi
sint. Maria (que tão simplesmente a nomea) não foy visitar a Isabel por amor de si, serãõ para a servir a ella. E por esta acção ficão derrocados todos os institutos, & ordens Monachaes, que dentro dos claustros trataõ só de si, & não dos outros. Isto, isto, infame apostata, isto he o que só louvas? Isto he o que só te agrada depois que com o habito despiste a Clausura, a Religiaõ, a Fé, o juizo, a vergonha? Mas vamos ao ponto.

416. Prohibio Lutero todas as Festas da Virgem Senhora Nossa, & Ita Ca-
mais particularmente a de nifus
sua Assumpção. E porque? in pre-
Porque segundo Jos funda fas ad
mentos da que elle chamou lib,
Religiaõ reformada, a mesma Mãy de Deos não teve maior

mayor fantidade que qual-
quer outra creatura humana
ainda que fosse taõ pouco
santa como o mesmo Luthe-
ro. Saõ palavras expressas
suas. *Tam nos sancti sumus*
atque Maria, si modò in
Christum credamus: qualquer
de nõs he taõ santo como
Maria, com tanto q̄ creamos
em Christo. Põde haver
mais atrevida, & mais def-
carada blasfemia? O funda-
mento desta, & das de mais
taõ abominavel como ellas,
he, dizerem as Seytas de Lu-
thero, & Calvino, que o
Ceo não se dà por mereci-
mentos: que pelas boas o-
bras não se adquire graça, ou
fantidade: que sò a Fè, ain-
da que faltem todas as ou-
tras virtudes, faz justos: &
que os justos no Ceo todos
são iguaes, porque a gloria
se dá sò pelo Sangue de
Christo, o qual se derramou
igualmente por todos. Da-
qui se seguem duas conse-
quencias notaveis contra a
Assumpção, & Coroação da
Virgem Senhora Nossa. A
primeira, q̄ a Mãe de Deos
no Ceo não teria mayor
gloria, nem melhor lugar

que qualquer outro Bema-
venturado; porque todos se
lhe igualaõ. A segunda, que
a mesma Mãe de Deos ain-
da não està, nem põde estar
no Ceo; porque tem a Fè
Lutherana, & Calvinistica
(como elles ensinaõ) nin-
guem se põde salvar: & sen-
do a Fè da Virgem Maria
a mayor de todas, he certo,
& de Fè Catholica, que não
teve tal fé como a sua. Mas
não são necessarias conse-
quencias para inferir esta
heresia; porque o mesmo
Luthero, & Calvino dizem
expressa, & declaradamente
q̄ ninguem até hoje entrou
no Ceo, excepta só a Pe-
soa de Christo Senhor Nos-
so, & que todos os outros
estão de fõra esperando pelo
dia do Juizo final, entran-
do tambem nesta conta a
propria Mãe de Christo. Po-
rèm a mesma Senhora que
sabia isto melhor que Luthe-
ro, & Calvino com a expe-
riencia de mil & duzentos
annos, quando instituiu o
seu Rosário; sò com intro-
duzir nelle os dous Myste-
rios de sua gloriosa Assump-
ção, & Coroação: igualmen-
te

Luth.
in post.
Evãg.
domin.
3. post
Epiph.

Hac
omnia
late
Bellar.
in libr.
de gra-
tia, &
in libr
de just
ficatio-
ne, &
bonis o-
perib.

Luth.
in Pra-
lect. in
Genes.
Calv. l.
3. insti-
c. 20.
24. 25

te degollou no mesmo Rosario a temeridade blasfema desta heresia, como a impiedade de todas as outras : *Cunctas haereses sola interemisti in universo mundo.*

VI.

417. **D**esta maneira refuta, & degolla as heresias a parte mental do Rosario, que são os Mysterios : & não com menos efficacia, antes mais declaradamente faz o mesmo a parte vocal, que são as orações de que he composto. E antes que desçamos ao particular de cada huma, digo que as mesmas orações do Rosario por si sò, & geralmente tomadas, são huma protestaçoão universal da Fè Catholica, com que detestão, & condação todas as Seytas, & heresias contrarias. Notay muito a razão deste dito, que sendo evidente, não he vulgar. A razão he; porque toda a Religião, ou Seyta diversa, se funda em differente Fè: toda a differente Fè funda differente esperança: & toda a differente esperança pede differente oração; porque cada hum pe-

de conforme espera, & cada hum espera conforme cre. Porque ensinou Christo Senhor Nosso a seus Discipulos huma taõ diversa, & taõ nova fórma de orar como he o Padre nosso? Por isto mesmo. Porque como instituhia hũa Religião nova, & diversa de todas, era necessario que tambem a forma de orar fosse nesta Religião nova, & diversa. He altissimo pensamento do doutissimo Maldonado da nossa companhia: o qual para mim, se não he o interprete que melhor penetrou as Escrituras, não tem ellas outro q̃ as interprete melhor; *Quisquis unquam Religionem mutavit, & orandi rationem mutavit. Mald. in Luc. c. 11. Nec ulli fuit unquam Religio, quæ non certam supplicandi Deo rationem haberet.* Ninguem mudou nunca a Religião, que não mudasse tambem a oração: & não houve Religião algũa diversa, que não tivesse modo de orar a Deos tambem diverso. Assim o diz este grande Author. E depois de o provar com o exemplo de Christo, & de seu Precursor na mudaçã da Ley

Ley de Moyfès à Ley da Graça, o confirma com a authoridade dos Santos Padres, que affim o advertiraõ, & notáraõ na mudança que fizeraõ todos os Herefiarcas nas orações da Igreja todas as vezes que mudáraõ a Fè. Os Arrianos, como notou Santo Athanasio; os Valentinianos, como notou Santo Irineo; os Marcionistas, como notou Tertulliano; os Manicheos, & Donatistas, como notou Santo Agostinho; & todos finalmente, como notou Santo Epifanio, fazendo hoje o mesmo, como he notorio, os Lutheranos, & Calvinistas. De sorte que as orações do Rosario sò por si mesmas, & por serem proprias da Religiaõ Catholica, são hũa protestaçaõ geral da verdadeira Fè, com que tambem geralmente se confundem, refutaõ, & degollaõ todas as Seytas, & herefias contrarias.

418. Agora desçamos em particular á consideraçaõ das mesmas orações, & vejamos como em todo o Padre nosso, & Ave Maria não ha clausula, ou palavra, em que se não refute alguma, ou muy-

tas herefias. Farey esta demonstraçaõ mais correndo que dilcorrendo, pois a brevidade do tempo não dá lugar a mayor detença.

419. *Pater noster.* Esta palavra com que chamamos a Deos; Pay, ou se póde considerar com respeito á geraçaõ Eterna, ou por ordem á creação temporal, que por isso accrescentamos, nosso. Em quanto á geraçaõ Eterna protestamos que o Eterno Padre tem Filho, que he o Verbo Eterno, & com esta protestaçaõ suppondo já degollados os Atheistas, degolla o Rosario a Praxeas, a Noeto, a Sabellio, a Paulo Samosatenos, a Photino, a Arrio, & a Eunomio; os quaes ou não distinguiaõ a Pessoa do Filho da Pessoa do Padre, ou negavaõ que fosse gerado da mesma Natureza Divina. Em quanto à creação temporal, professa a nossa Fé, & reconhece a Deos por unico Creador do Ceo, & da terra, & de todas as cousas visiveis & invisiveis, não produzidas dealgũa presuposta materia, mas creadas por sua Omnipotencia de nada; &

com

*Citati
ab ipso
Mat.
donat.*

*Aug.
l. 1. d.
Heret.
c. 41.
Hilar.
l. de Synodis.
Theod.
Heret.
Fabul.
l. 4.*

com esta protestaçoõ não só degolla o Rosario os Estoicos, os Platonicos, os Pythagoricos, os Epicureos, que foraõ os hereges da Ley da Natureza, & os Patriarcas de todas as heresias, como lhes chama Tertulliano, mas tambem, & mais particularmente os que depois de Christo os imitaraõ nas mesmas cegueiras, & accresceteraõ outras maiores, os Simonianos, os Menandrianos, os Basilidianos, os Valentiniistas, os Marcionistas, & por varios, & novos erros dogmatizaraõ o contrario: & entre todos os brutissimos Manicheos, que com taõ ignorante fè, como heretica filosofia, dividiraõ a primeira causa em dous principios, ou Deoses, hum a que chamaraõ Author do bem, & outro Author do mal, dizendo que o bom creara a Alma, o mão o corpo: o bom o dia, o mão a noite; o bom a saude, o mão a enfermidade; o bom a vida, o mão a morte.

Epiph.
heres.
s. 6. 7
8.

Cyrill.
Epiph.
Aug.
Athanasius.
Theod.
cit. at. a
Baron.
anno
Christi
277.

420. *Qui est in Caelis.*
Deos tanto està no Ceo como na terra, & em todo o

lugar; mas dizemos que està no Ceo, porque no Ceo como em sua propria Corte se manifesta visivelmente a todos os Bemaventurados. E posto que o Ceo Empyreico seja hum só Ceo, chama-se com tudo Ceos, *in Caelis*, para mayor declaraçõ de sua grandeza, & magestade, assim como Jerusalem, que era a Corte de Deos na terra, se chamava Jerosolymas. E com a propriedade, & significaçõ singular desta palavra, degolla nella o Rosario a heresia de Saturnillo, & Basilides; os quaes diziaõ que os Ceos eraõ trezentos & sessenta & cinco, creados não por Deos, senão por outros tantos Anjos, & que no ultimo, & infimo de todos morava o Deos dos Judeos. Novo erro, & segunda, & mayor heresia; porque o Deos que entre os Judeos se chamava Deos de Abrahaõ, Deos de Isaac, & Deos de Jacob, he o mesmo Deos que os Christãos cremos, & adoramos, entãõ mais conhecido pela unidade da Essencia, como hoje pela unidade da Essencia, & pela

Epiph.
heres.
24.

Trin-

Trindade das Pelloas.

421. *Sanctificetur nomen tuum.* Em dizer que seja santificado o nome de Deos, detestamos a mais atroz, & horrenda heresia com que entre os hereges Septentrionaes he profanado, & blasfemado seu Santissimo nome. Zuinglio, Calvino, & Beza dizem que Deos quer que os homens pequem, & que ab eterno decretou que pequem, & que os obriga a que necessariamente pequẽ, & que naõ possaõ deixar de peccar, ainda que quizessem. Dond e se segue, como douda, & largamente demonstra Bellarmino, que na sentença impiissima destes mais Atheos que hereges, Deos he a causa do peccado, & de todos os peccados, & que quando os homens peccaõ, Deos he o que mais propria, & mais verdadeiramente pecca, que os mesmos homens. E como a santidade, & a purissima, & infinita santidade de Deos he a que mais se oppoem ao peccado, de nenhum modo mais, & melhor se pòde detestar a atrocidade desta

Bellar
de a-
mission
gratia
& stat
peccati
cap. 6.

Tom. 5.

blasfemia, & a maldade mais que diabolica desta heresia, que dizendo, & repetindo, como diz hũa, & muitas vezes o Rosario: *Sanctificetur nomen tuum.*

422. *Adveniat Regnum tuum.* O mais proprio sentido desta petiçaõ he pedirmos que acabe de chegar o Reyno de Christo, que será na tua segunda vinda, quando vier a julgar vivos, & mortos, já todos vivos pela resurreiçaõ universal. Assim o diz em proprios termos S. Paulo: *Per adventum ipsius, & Regnum ejus:* & o mesmo Christo aos Discipulos: *Donec videant Filium hominis venientem in Regno suo.* E a protestaçaõ de este artigo de Fé que fazemos no Rosario, degolla duas insignes heresias mais antigas que modernas. A primeira que negava o Juizo universal, & foy dos Barborianos, Gnosticos, Florianos, Maniqueos, & Proclianitas. A segunda que negava a resurreiçaõ tambem universal, que foy de Hymenco, & Phileto, de Valentino, & Apelles, de Marco, Cedron, & Alma-

2. Th.

4. 1.

Matt. 16. 28

Eph.

Baron.

Alfos.

à Cal.

v. 7m.

discu.

2. Re.

Jaurez.

Bb

rico:

rico: dos Caianos, dos Ophitas, dos Marcionistas, dos Severianos, dos Seleucianos, dos Arconticos, & outros.

423. *Fiat voluntas tua sicut in Cælo, & in terra.* Observa nestas palavras São João Chrysostomo que não dizemos a Deos, fazey, Senhor, a vossa vontade em nós, ou façamos nós a vossa vontade, senão, *Fiat*, seja feita: & com que mysterio? Para confessarmos que o fazer a vontade de Deos, não depende só de Deos, nem só de nós, se não do seu, & do nosso concurso juntamente. Do seu, por meyo da sua graça: do nosso, por meyo do nosso alvidrio; porque como d'outa, & elegantemente disse São Bernardo;

Tolle liberum arbitrium, non erit quod salvetur: tolle gratiam, non erit unde salvetur. E cõ esta proteitaçõ degolla nos de hum go'pe outras duas fortissimas heresias: a dos Pelagianos que negavaõ a necessidade da Graça, & a dos Lutheranos, & Calvinistas q' negaõ a liberdade do alvidrio. E n' negarem o livre alvidrio, negaõ totalmente

o ser humano: & assim era necessario que o fizessẽm em boa consequencia; porque só deixando primeiro de ser homens, podiaõ cair em erros taõ irracionaes, & taõ brutos.

424. *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* Aqui pedimos a Deos como Pay do Ceo o sustento temporal, & espiritual necessario para esta vida, & para a outra: & na confissãõ desta paternal, & universal providencia, detestamos aquella heresia taõ assentada entre os Filozofos Gentios, & não abjurada totalmente entre os Christãos: com que elles criaõ que havia fortuna, & fados; & nós, ainda que o não creamos, nos queixamos della, como se a fortuna, & não Deos fora a que reparte o paõ, dando taõ pouco a huns, & tanto a outros.

425. *Et dimitte nobis debita nostra.* Nesta grande, & importantissima clausula rogamos a Deos que nos perdoe nossos peccados com detestação, & arrependimento delles. E que homem ha-

Zeno,
Philo
Pitag.
Epic.
&c. in
quo er-
ror e
hausto.
ab E-
gyptiis
etiam
fuisse
Phari-
saos ait
ex Jo-
sephe
Spond.
in appa-
ratu n.
VI.

verá com nome de Christão, que negue ser este acto, ou dentro, ou fóra do Sacramento, louvavel, & de verdadeira penitencia? Mas sendo esta a que faz tremor o Demonio, & a que despoja o inferno; foy tão infernal, & mais que diabolico o espirito de Luthero, que se atreveo a dizer que semelhante contração faz ao peccador hypocrita, & mais peccador: *Hæc contritio facit hypocritam, & magis peccatorem.* O mesmo professa toda a escola cega, & torpe deste infame mestre, Malancthon, Beza, Tilemano, Kemnicio, & com seu collega Calvino toda a outra sentina dos hereges de nosso tempo. Acrescentamos para mover a Misericordia Divina a que nos perdoe, o perdão que tambem nós damos a nossos inimigos: *Sicut & nos dimittimus debitoribus nostris:* & sendo este o mayor acto da caridade christã, tambem a esta heroica obra, como a todas as boas, & de virtude, negão os mesmos hereges o valor, & merecimento: chegando a dizer que to-

das são injuriosas à satisfação do mesmo Christo, que nos ensinou a orar assim; cõ que elles, & todas estas heresias ficão degolladas.

426. *Et ne nos inducas in tentationem.* Aqui nos ensinou o mesmo Senhor a desconfiar de nossa fraqueza, & recorrer a seu auxilio, & graça para não cair em tetação. Mas assim como antigamente Pelagio tinha escrito que para resistir às tentações não era necessaria a graça de Deos, & bastavaõ as forças do alvidrio humano: & assim como Joviniano disse que o homem legitimamente bautizado não podia ser vencido das tetações do Demonio, & assim, & com mais abominavel erro, & com furor, & arrojamento verdadeiramente infernal ensinão os mesmos Lutheranos, & Calvinistas, que nem a constancia nas virtudes ajuda, nem a fraqueza, & cahida nos vicios impede a salvação. E se pedirmos a razão a estes brutos (como o bruto de Balaõ lha pedio a elle, que tambem era herege) respondem os Liberti-

Ex
Canis.
& Bel.
Jar. sor.
libr. de
veltit.
& bon.
operib.

Beller.
de gra-
tia. &
l. i. ubi d.
c. 4. &
deinceps.

nos, como discipulos da mesma escola, que as acçoens dos homens todas são indifferentes, & que nellas não ha bem, nem mal. Mas esta estolida heresia degolla como as de mais o Rosario, concludo com a ultima clausula do Padre nosso: *Sed libera nos à malo.*

VII.

427. **P**assando á Oração da Ave

Maria, logo nas primeiras palavras, & como na vâguarda se oppoem contra o sagrado uso, & exercicio della hum exercito de hereges armados de cegueira, de impiedade, de furor, de blasfemia, Calvino, Pomerano, 3. 6. 8. Brencio, Bucero, Pellicano, 9. 10. Bullingero, Marbàchio, Vigando, & outros, todos condemnão aos Catholicos o uso da Ave Maria, dizendo que esta oração he supersticiosa, porque nella louvamos, & engrandecemos tanto a Senhora, que de creatura a fazemos Deosa. As palavras do ultimo que nomecy, são estas: *Qui Ma-*

riam hac salutatione competant. in crimen superstitionis incurrunt: quia contra Dei verbum ex creatura faciunt Deam, & Mariae divinitatem ascribunt. Só o testemunho desta calumnia, em que se conjuravaõ tãtos, basta para conhecer quem são os hereges, & a temeridade, a mentira, & a ignorancia brutal de quanto dizem. De maneira que porque repetimos o que disse o Anjo, & o que disse Santa Isabel à Virgem Maria somos supersticiosos: & porque pedimos à mesma Senhora que rogue por nós a Deos, a fazemos Deosa? Mas porque a futilidade blasfema desta heresia se degolla por si mesma, triunfe sobre ella o Rosario, mais desprezando-a q̄ convencendo-a, & faça cada Catholico raivar tantas vezes cada dia a todos os hereges, quantas são as que nelle se repete a mesma Ave Maria.

428. *Gratiã plena.* Saudamos como o Anjo a Virgem Senhora nossa com o nome de chea de graça; excellencia tão sublime, que tra-

trazendo-lhe a embayxada do Anjo o título de Mãe de Deos, he mayor ainda o nome da foudação, que o título da embayxada. Tres cousas ensina a Fé Catholica à cerca da graça. A primeira, que he hum habito sobrenatural inherente na Alma, & não distincto realmente da caridade; o qual fiz ao homem grato a Deos, & por isso justo, & santo. A segunda, que não consiste a graça na Fé, posto que a suppoem, & muito menos na fiducia, ou confiança posta só nos merecimentos de Christo, a qual de nenhum modo pôde justificar a Alma. A terceira, que só a graça he devida a gloria, & que sem graça ninguem por mais obras moral, ou materialmente boas que faça, se pôde salvar. Isto he o que ensina a Fé, & o que protesta o Rosário: & por isso nas duas primeiras protestaçoens degolla as heresias dos Lutheranos, & Calvinistas, que são as modernas, & na terceira as dos Pelagianos, & Celestinos, que são as antigas.

429. *Dominus tecum.* ©

Tom. 5.

sentido, & energia enfatica, com que o Anjo disse á Senhora estas palavras, diz S. Agostinho que foy etia: *Dominus tecum, sed plusquam mecum*: o Senhor he com vósco, mas muito mais com vósco, que comigo. E porque? *In me enim licet sit Dominus, memetipsum creavit Dominus; per te autem genitus est Dominus*: porque comigo está o Senhor que me creou; & com vósco está o Senhor que vós gerastes. O mesmo dizemos, & confessamos nós quando dizemos na Ave Maria: *Dominus tecum*: & quantas vezes repetimos esta confissão, tantas degolla o Rosário a blasfemia, & sacrilega heresia de Nestorio, o qual não podendo negar a Divindade de Christo; para apartar o Filho da Mãe, & *Canis.* o *Dominus* do *Tecum*, que *l. 3. c. 8* fez? Confessando o mesmo *p. 158.* todo, dividio as partes, & *159.* os tempos; & com invento mais que diabolico veyo a dizer: que o Senhor nascera da Virgem Maria homem, que depois por seus merecimentos no bautismo recebera o ser Christo, & que fi-

Bb iij nal-

Ex
Bellar
& Ba-
ron. su-
pra
sitatis.

nalmente pela morte que padecera alcançara depois da Ressurreição o ser Deos. Isto se atreveo a pronunciar aquella execranda lingua: a qual poré n na vida foy comida de bichos, & na morte não soffrendo a terra em si tão abominavel cadaver, subitamente se sumio nella, & foy sepultado no Inferno.

430. *Benedicta tu in mulieribus.* Aqui dizemos que

Epiph. in Pan. haresi 79. Idem haresi 78. D. Tho. in 3. dist. 4. q. 2. art. 1. Ait. fuisse hares qui B. V. natura cujusdam caelest. seu Ang. assererem. he a Virgem Maria bendita entre todas as mulheres, não só para declarar a excellencia, & dignidade infinita com que excede a todas, mas para confessarmos que foy mulher. E porque razão em cousa tão manifesta? Porque tambem he necessaria esta confissão para degollar duas heresias. A primeira de homens, que foraõ os Coliridianos, os quaes diziaõ que a Virgem Maria não fora mulher, senão Deos: a segunda de mulheres, que foraõ as da Arabia; Thracia, & Scythia, as quaes, como refere Sinto Epiphanio, adoravaõ a mesma Senhora como Deosa, & lhe offerenciaõ sacrificio. Parece que mere-

ciaõ algum perdaõ estas heresias pela devoção, & affecto com que foraõ inventadas; mas onde não ha verdade, não póde haver devoção. Por isso a do Rosario excede facilmente a todas, porque não só he solidamente verdadeira, mas destruidora de todos os erros.

431. *Benedictus fructus D.*

ventris tui Jesu. Neitorio, & Cyril. os hereges geralmente chamados Anticomarianitas, ou Antimarianos, que quer dizer inimigos, ou contrarios de Maria, dizem que morou Deos em suas entranhas como em casa, ou assistio nellas como em templo, no qual porém se entra, & sahe, mas não se recebe delles o ser. Outros como o rayo de luz, que passa sem lezaõ pela vidraça; mas nasce no Ceo, & do Sol. Outros finalmente como a agua no canal, ou no rio, que passa por elle sim, mas tem o seu nascimento na fonte. E por mais que esta heresia se explique por tantos modos plausiveis, & apparentes, todos elles degolla o Rosario, dizendo: *Benedictus fructus ven-*

ventris tui Jesu. Assim como o fruto nasce da arvore, & da substancia da arvore recebe o ser, assim o Filho de Deos, que he o Rio da fonte, & o Rayo do Sol, & o Herdeiro da casa, & o Senhor igualmente do templo, de tal maneira morou nas entranhas de Maria, que dellas como verdadeiro fruto recebeu a substancia, & o ser, & dellas como verdadeiro Redemptor recebeu o sangue, que foy o preço infinito da redempção, pela qual se chama Jesu: *Et benedictus fructus ventris tui Jesu.*

432. *Sancta Maria.* Implacavel he o odio com que os hereges perseguem, & as calumnias com que procurão escurecer a santidade da Virgem Santissima, arguindo peccado onde nunca o houve, nem póde haver, nem a mais venial sombra delle. Assim o fazem em vão Luthero principalmente, & Calvino, & todos os seus discipulos não só impios contra a Fè, mas ingratos á mesma Senhora segundo suas proprias Seytas. Em certo modo mais obrigação tinnão

elles hereges de ser devotos da Virgem Senhora Nossa, que os Catholicos. Porque a Virgem Maria foy Mãe de hum Filho tão benigno, & liberal para com elles (segundo elles dizem) que dando-lhes licença para viverem em todos os vicios, sem mais arrependimento, nem penitencia, com tanto fômente que o creão, lhes promette o Ceo. E para comnoço os Catholicos he tão justo, & severo Juiz o Filho da mesma Senhora, que não bastando a nossa Fè, com ser a verdadeira, para nos salvar, basta hum só peccado sem arrependimento para nos lançar no inferno. Pois se tanto devem os hereges ao Filho desta Mãe, porque a perseguem tanto? Porque conhecem, ainda que o diffimulem, a verdade da doutrina Catholica, & como sabem que o Filho da mesma Senhora os ha de condenar sem duvida, por isso têm tão grande odio à Mãe. Estes mesmos pois que tão blasfemamente querem pôr mancha na santidade sempre immaculada da Virgem

*Apud
Canis.
supra.*

Maria, são também os que tornaram a resuscitar em nossos tempos, & a tirar outra vez do inferno, onde já estava sepultada com elle, a heresia de Nestorio, negando á mesma Senhora a propria, & verdadeira Maternidade do Filho de Deos, & seu. Mas assim como o Rosario degolla aquella heresia, dizendo: *Sancta Maria*; assim torna a degollar esta, acrescentando: *Mater Dei*.

433. *Ora pro nobis peccatoribus*. Esta tão piedosa deprecação impugnaõ também os hereges; & que hereges? Quem esperara tal juizo de huma cabeça coroadã, & da coroa que maior obrigação tem de ser catholica? O Emperado: Constantino Copronino passou hũ decreto, que dizia assim: *Ne*

mereceste na pia o cujo, & infame sobrenome de Copronimo, profanando as sagradas aguas do Bautismo em portentoso prognostico de tuas impiedades, blasfemias, heresias, & artes magicas, chegando a pactear cõ os Demonios de fazer cruel guerra aos Santos. Acabou a vida este monstro abraçado em fogo de suas proprias entranhas, & confessando a gritos que vivo estava já entregue aos incendios eternos pelo que tinha feito contra a Virgem Maria: *Adhuc vivens inextinguibili igni traditus sum propter Mariam*. E porque seus infames ossos não descançassem em melhor sepultura, o Emperador Michael os mandou desenterrar, & em hum dia de grandes festas queimar publicamente. Assim castiga as injurias de sua Mãe o mesmo Deos que tanto soffre, & dissimula as suas. Mas a protervia, & obstinação heretica, nem com a paciencia se abrandã, nem com o castigo se emenda. Constantino não teve a quem limitar mais que a Vigilancio, & teve

Cedr.
relatus
á Bar.
anno
Christi
775.

Georg.
H 1m
& ex
eo Ra-
der.
relat á
Spond.
eodem
anno.

depois 11.

Canil. *Mariae quidem intercessionem*
l. 3. c.
10. p.
399
quisquã petat: neque enim illa
juvare quemquã potest. Ninguem peça a intercessão de Maria, porque ella não pôde ajudar a ninguém. Eis aqui, novo Herodes das Almas, para que Deos te deu esse poder: para que o tirasses a sua Mãe. Não de balde

depois por imitadores os Petrobrosianos, os Catharos, os Taboritas, & em nossos tempos a todos os Calvinistas, & Lutheranos, que tantas, & tão nobres partes da Europa tem inficionado com esta peste, merecedores justamente de que vivaõ, & morraõ nas trevas de sua cegueira, pois prohibem o recurso à fonte donde nasceo a luz.

434. Nós porèm, ó Mãe de Deos, & advogada unica dos peccadores, protestando a verdade desta Fé confirmada com tantos beneficios de vossa poderosissima intercessão, prostrados humilmente a vossos santissimos pès, todos com a voz, & com o coração vos dizemos: *Ora pro nobis peccatoribus.* E acrescentamos: *Nũc, & in hora mortis nostræ*, por que não sò na vida, mas na morte, & depois della reconhecemos dever à mesma intercessão, & amparo vossò a indulgencia das penas do Purgatório, & a gloria eterna do Ceo. Negãrão o Purgatório os hereges Aérios, os Vvaldenfes, os chamados

Apostolicos, os Vviclefistas, os Hussitas, os Albigenfes, & para que em nada deixassem de errar, tambem Lutherò, & Calvino com todos seus sequazes: negãrão a immortalidade das Almas os Saduceos, os Psychicos, os Arabicos, os Hermannianos, & todo o antigo, & bestial rebanho de Epicuro, & o moderno dos Athèos. Porém nós que ensinados não sò da Fé, mas da experiencia, & da razão, cremos que as Almas são immortaes, & que os peccados commettidos na vida, ou se purgão depois da morte com satisfação temporal, ou se castigaõ sem fim com pena eterna. Na mesma claufula com que dizemos á Virgem Santissima: *Ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostræ*, detestamos, & confundimos estas duas perniciosissimas heresias: & com a mesma detestação acaba de degollar o Rosário assim as que pertencem á parte mental do que medita, como á vocal do que reza.

Bellar lib. de Purg. & l. de Beat. & in Sãt. ac. 15

VIII.

435. **M**As posto q̃ as heresias referidas, & detestadas se-
jão tantas, & tão varias; co-
mo a obrigação do meu as-
sumpto le mostrar que a
Virgem Ser hera Nossa por
meyo do seu Rosario não só
matou muitas, serão todas:
Cunctas hæreses sola intere-
misti; parece que contra a
generalidade desta propozi-
ção se estão oppondo nesta
mesma Igreja, & seus altares
tres exceções evidentes: a
das Cruzes, a das Imagens,
& a da real, & verdadeira
presença de Christo no Di-
vinitissimo Sacramento. Con-
fesso que os erros, & here-
sias que encontrão estes tres
actos da Fê, & Religião Ca-
tholica (que são nos Tem-
plos da Christandade os mais
publicos) ainda atégora as
naõ degollou o Rosario, mas
he porque ainda o naõ con-
siderámos todo.

436. Primeiramente
quem vio já mais o Rosario
sem Cruz? Nem ha Rosario
sem Cruz, nem Cruz no

Rosario bem rematada sem
medalha. Com a Cruz de-
golla o Rosario a heresia
dos Paulicianos, dos Bruif-
sianos, dos Wicleffistas, dos
Bogemiles, porque estes co-
mo os Calvinistas, & Pro-
testantes em nossos dias der-
rubão, quebraõ, & deterraõ
as Cruzes, as quaes nós pe-
lo contrario em memoria, &
figura da sacratissima Cruz,
em que Christo padeceo, &
nos remio, adoramos com
summa veneraçãõ. E com as
medalhas, ou sejaõ do mes-
mo Christo, ou da Virgem
Ser hora Nossa, ou de qual-
quer outro São de nossa de-
voçãõ, degolla do mesmo
modo o Rosario a heresia
de Carolstadio, de Vviclef,
de Luthero, de Zuinglio, de
Calvino, & dos mais por isso
chamados Iconomacos, os
quaes negaõ, & prohibem
o culto, & veneraçãõ das
sagradas Imagens, como dâ-
tes o tinhaõ prohibido os
Judeos no Thalmud, & os
Mahometanos no Alcoraõ,
que de taes mestres taes dis-
cipulos. Chamão impiamen-
te a este culto idolatria sen-
do piedade, religião, & par-
te

Vasq.
de Ad-
l. 7. c.
1. Bel.
lar. de
imagi-
nib.
Sanct.
l. 2. c.
26.

té da mesma Fé, definida pelos Concilios; canonizada com os templos, altares, & votos; usada dos Santos Padres em todas as idades, & confirmada com infinitos milagres.

437. Resta só a protesta-ção do Santissimo Sacramento no Rosário, a qual de industria reservey para este ultimo lugar, estando no mesmo Rosário mais expressa que todas: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.*

Matth.
6. 11.

Pedimos nestas palavras o sustento temporal, & espiri- tual para o corpo, & para a Alma: & no espiri- tual; & da Alma o primeiro, & prin- cipal, & mais substancial de todos, que he o Corpo de Christo, o qual verdadeira- mente comemos no Divinif- simo Sacramento. Assim o declarou o mesmo Christo na mesma oração do Padre nosso, dizendo por São Mat- theus: *Panem nostrum su- per substantialem.* Chama-se pão; porque se nos dá de- bayxo de especies, & acci- dentes de pão. Chama-se nos- so; porque he proprio dos Fieis, & filhos da Igreja

Catholica. Chama-se quoti- diano; porque todos os dias se consagra, & offerece no sacrosanto Sacrificio da Mis- sa. E chama-se finalmente so- bresubstancial; porque exce- de infinitamente a todas as substancias creadas, dando se nelle a do mesmo Creador. Isto he o que confessa, & protesta o Rosário expressa- mente naquellas soberanas palavras, não se achando tão expressa protesta-ção do Santissimo Sacramento em nenhum Symbolo da Fé. Os Symbolos da Fé são tres. O dos Apostolos composto por elles no principio da primi- tiva Igreja, que he o que or- dinariamente repetimos: o Symbolo Niceno, decreta- do dalli a trezētos annos no Concilio de Nicèa, em que se ajuntárao trezentos & de- zoito Bispos, que he o que se canta na Missa: & o Sym- bolo de Santo Athanasio, em que se contém a confissão da sua Fé, declarada não muy- to depois, & approvada em Roma; que he o que todos os Domingos se lê na Reza Ecclesiastica.

438. Agora pergunto,
&

perguntarão todos com muita razão : se em todos estes Symbolos, & em cada hum deles se contém o que creê a Fé Catholica : & o Santissimo Sacramento do Altar he por Antonomasia o Myfterio da Fé ; porque se não faz expressa menção dele em algum dos mesmos Symbolos, ao menos no segundo, & no terceiro? A razão he, como consta de todas as Historias Ecclesiasticas, porque tendo reduzido os Apostolos o primeiro Symbolo ao que era sòmente preciso para a prégação universal do mundo; por occasião de algumas heresias que de novo se foraõ levantando na Igreja, foy necessario declarar com maior distincção, & formalidade nos outros Symbolos o que sò virtualmente se continha no primeiro. Não houve porèm esta necessidade (ponto verdadeiramente digno de grãde reparo, & de tanta consolação para os Catholicos, como confusão para os hereses) não houve (digo) esta necessidade na Fé do Santissimo Sacramento : & por-

que? Porque desde seus principios pios esteve taõ firmemente crida, & taõ estabelecida entre todos os Christãos a verdade deste altissimo Myfterio, que em espaço de setecentos annos não houve quẽ o puzesse em questãõ : & nos trezentos & cincoenta annos seguintes sò houve hum homem na Igreja Grega, & outro na Latina, que em diversos tempos o duvidãrãõ: atè que no anno de mil & cincoenta do Nascimento de Christo, o impiissimo Berengario (que commumente se reputa pelo Heresiarca deste erro) se atreveo a querer defender publicamente que o Corpo de Christo não estava no Sacramento. E posto que hũa vez cahido, outra relapso, & de ambas as vezes convencido, abjurou Berengario a sua heresia; assim abjurada por seu proprio inventor, a resuscitãrãõ no seculo passado, & a seguiraõ Luthero, & Calvino, não confòrmes porèm entãõ, senãõ divididos em duas Seytas. Luthero mais moderado confessa que no Sacramento està o

Corpo

Corpo de Christo, mas diz que juntamente está paõ: & Calvino totalmente cego, & impudente só diz que está alli paõ, & de nenhum modo o Corpo de Christo.

439. Estas são as duas heresias que hoje permanecem entre Lutheranos, & Calvinistas com igual injuria, & danno da Christandade, as quaes finalmente degolla o Rosario confessando, & protestando com a Fé Catholica que de paõ não ha no Sacramento mais que os accidentes: & o que dantes era a substancia dos mesmos accidentes, por milagrosa, & verdadeira trãsubstanciação está alli convertida na substancia do Corpo de Christo, que he o que cre nos, & adoramos naquella Hostia consagrada. Assim que o Rosario entendido, meditado, & rezado na fórma em que foy instituido pela Virgem Maria Senhora Nossa, he hũa pro-
testação da Fé Catholica tão universal juntamente, & tão particular; que mais expressamente se refutaõ nelle muitas heresias, & mais ex-

tenivamente todas, que em todos os tres Symbolos da mesma Fé. E desta maneira se verifica gloriosamente do mesmo Rosario que por meyo delle degollou a Virgem Maria, & ella só, as heresias de todo o mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

IX.

440. **T**enho acabado, Fieis, o meu discurso. E pois elle por haver sido tão dilatado, não permite larga peroração, eu a resumo a tres palavras. A primeira, que à vista de tantas, & tão enormes heresias não são alheas da Fé, mas de todo o entendimento, & juizo; conheçamos quanto escurece o lume da razão a cegueira dos vicios (que são as raizes donde todas ellas nascêraõ) & demos infinitas graças a Deos por em tempos tão contagiosos ter livrado a nossa patria desta peste: da qual ella se conservará pura, & sem lezaõ em quanto a licença dos mesmos vicios, que tanto cres-

cem

cem, não provocarem o Céo a semelhante castigo.

441. A segunda, que não saltemos já mais no santo exercício do Rosario, oferecendo-o a Deos, & a sua Santissi na Mãe, não só como tributo da nossa devoção, & piedade, mas como proteção da nossa Fé, & como hum publico sinal, & testemunho della. Quando o Concilio Antioqueno condenou a heresia de Arrio, que tão grande cisma tinha causado na Igreja, tomáráo por empresa os Catholicos para se distinguir dos Arrianos, trazer ao pescoço as definições do mesmo Concilio em sinal da sua Fé. *Tanquam Symbolum Fidei, & ut se Catholicos, & non Arrianos esse profiterentur*, diz, referindo este antigo exemplo, Maldonado. O qual accrescenta pia, & doutamente que ao mesmo fim devemos nós trazer em publico o Rosario, porque só elle basta para proteção da Fé que professamos: *Quemadmodum, si quæ vulgo Rosaria vocant, quibus precari sacram Virginitatem solemus, loco torquis ad*

collum geras, ut ostendas te non hæreticum, sed Catholicum esse.

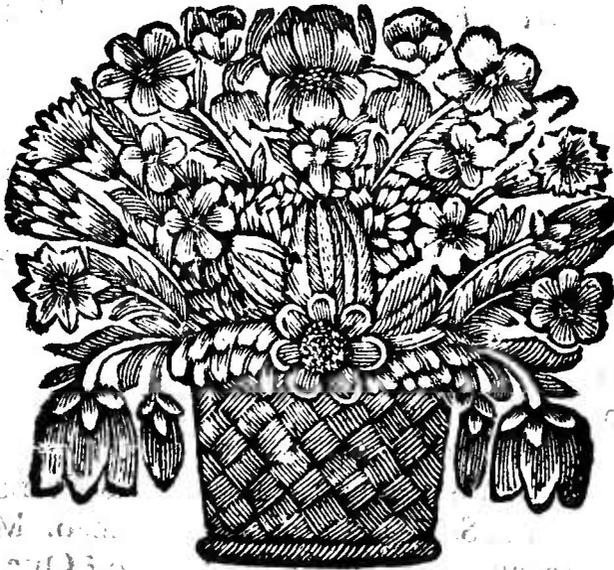
442. A terceira, & ultima palavra he, que estejamos muito confiados, & certos que esta nossa proteção terá a mais agradável a Deos; porque nella mostramos que somos seus, & da sua parte, & seguimos a bandeira da sua Fé em tempo que tantos a negaõ. Porque foy tão estimada a Fé de Tobias? Porque quando os outros hiaõ adorar os Idolos de Jeroboão, elle fazia as suas Romarias ao Templo de Jerusalem. Porque prometteo Christo o Paraíso ao Ladrão, & lho deu de contado no mesmo dia? Porque quando todos o negavaõ, & blasfemavaõ, elle o confessou à vista de todos. E finalmente, porq̃ he tão louvada, & celebrada Marcella a mulherzinha humilde do Evangelho? Porque quando os Escribas, & Fariseos calumniavaõ a Santidade, & Divindade do mesmo Senhor, ella levantou a voz em a sua defesa. Façamos nós o mesmo com o Rosario

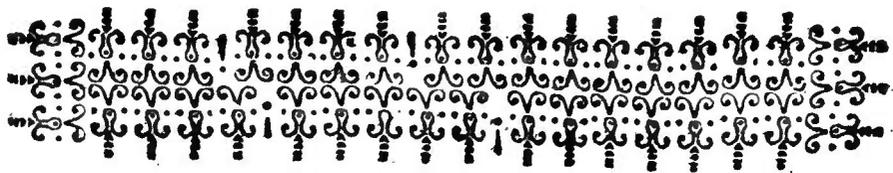
Mald.
in foa
nem c.
I.v.I.

Do Rosario.

rio na boca, no coração, & nas mãos: & com esta publica protestaço da Fè Catholica confundiremos, & degollaremos as heresias passadas, & as presentes, as-

sim como ella degollou, & confundio as presentes, & as futuras: *Ut & presentium procerum calumniam, & futurorum confundat hereticorum perfidiam.*





SERMAM XII.

NA SE' DA BAHIA DEPOIS DA
Armada Real derrotada. Anno de 1639.

David autem Rex genuit Salomonem. Matth. I.

I.

443.



Fim que ha tanto tempo defejaõ as calamidades deste Estado, & os meynos oportunos, & efficazes que ou lhe faltaõ, ou lhe não aproveitaõ, he tudo nem mais, nem menos o que em duas figuras coroadas nos representa São Matheus no texto que propuz. Que he o q̄ padece o Brasil? Que he o que defeja tão longamente? O que padece, he a guerra: o que defeja, he a paz. E quando esta na infelicidade dos successos presentes parece mais desesperada, & sem remedio; para e xemplo do remedio,

& para alento da esperança, opportunamente nos representa o Evangelho a differença de dous Reynados immediatamēte successivos, hum tão famoso no que padecemos, como outro felicissimo no que defejamos.

444. *David autem Rex genuit Salomonem: David* *Matth.*
Rey (diz o Evangelista) 1.6.
gerou a Salamaõ. Mas com que mysterio? Que na serie destas geraçoens tudo he mysterioso. Porque foy David o Pay, & Salamaõ o Filho? Porque Reynou primeiro David, & Salamaõ depois? Não pudēra David succeder a Salamaõ, assim como Salamaõ succedeo a David? Segundo a ordem da

da natureza, fim podêra : segundo a significação do mytherio , não. O Reynado de David todo foy inquieto, & perturbado com guerras, & infestado de inimigos. O de Salamaõ, como elle mesmo diz, não teve inimigo que o inquietasse: *Non est Satan, neque occurfus malus*: todo foi focegado, & opulento na mais alta, & deleitosa paz. Isto mesmo trouxeraõ ecripto no fado de seus nascimentos, ou no prognostico, & profecia dos nomes hum, & outro Rey: David quer dizer: *Manu fortis*: Salamaõ: *Pacificus*. Gerou pois o Rey guerreiro ao pacifico, & o pacifico succedeo ao guerreiro; porque a paz he filha da guerra, & á guerra succede a paz. Muito he que de huma mãy tão fea, & tão descomposta nasça hũa filha tão fermosa, & tão modesta? Mas por isso os Antigos chamãraõ á guerra, *Bellum*, não por irronea, ou antifrasi, como muitos cuidaõ, senaõ porque da guerra nasce a bella paz.

445. Se a alguma guerra se deve legitimamente esta

Tom. 5.

venturosa successaõ, he verdadeiramente á nossa. Não He o mesmo fim o de todas as guerras. Hũa move a vaidade, outra a cobiça, outra a justiça, & necessidade. A que move a vaidade, tem por fim o triunfo, a que move a cobiça, tem por fim o despojo; a que move a justiça, ou he movida da necessidade, tem por fim a paz; & tal he a nossa: *Pacem debet habere voluntas bellum necessitas*: diz Santo Agostinho. A paz ha de ser sempre voluntaria, & a guerra forçada: sò a necessidade ha de obrigar á guerra, mas a vontade sempre ha de de-sejar a paz. Já antes o tinha dito Marco Tullio tão Filosofo como Republico, & tão Republico como eloquente. A guerra, diz, tomada por temeridade, he dos brutos; a forçada, & por necessidade, dos homens. Como homens, pelejamos pela conservação da paz, & não pela ambição da vitoria: como justos, só pretendemos defender o proprio, & não conquistar o alheio: como soldados sò tomamos as

Cc

ar-

armas contra as armas, & se póde dizer com mais verdade dos nossos o que Roma cantava dos seus: *Sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma.* Sendo pois tão justificada, tão racional, & tão innocente a nossa guerra, & sendo a paz filha legitima da guerra, só quando a guerra he legitima, como foram as de David; muita razão tinhamos por certo, não só de desejar mas de esperar, que della, como a de Salomão, nascesse tambem a nossa paz. A guerra nove annos ha já que a padecemos, tempo, & numero bastante para que della nascesse este suspirado parto: do qual porém atêgora não temos outros sinais mais que as dores.

446. Com esta comparação costuma a Escritura encarecer as dores grandes: *Ibi dolores ut parturientis:* & que parte ha neste vastissimo corpo, ou mais vizinha, ou mais remota, que as não padeça grandes, & cada dia maiores? O mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpetuos rebates ameaçadas, as campa-

Pf. 47
8.

nhas taladas, as lavouras abrazadas, as casas despovoadas, & destruidas: as Cidades, & Villas arruinadas, os Templos, & os Altares profanados, as pessoas de todo o estado, & condição de todo o sexo, & idade desacatadas, & por mil modos opprimidas: as prizões, os destellos, as pobrezaas, as fomes, as sedes, huns mortos nos bosques, outros myrrhados nos dezertos; fugindo dos homens para ser pasto das aves, & das feras: as mulheres, & meninos innocentes entregues à furia, & voracidade dos barbaros, & os mesmos cadaveres com horror da natureza incessantemente afrontados: as mortes deshumanas a sangue frio, as traições, as crueldades, as sevicias, os martyrios, & tantos outros generos da heretica tyrannia, contrarios a toda a fê, & direito das gentes, & de nenhum modo comprehendidos debayxo do nome de guerra; esta he a guerra que padecemos. Esta he, torno a dizer, a guerra que padecemos; & estas as dores, cujos gemidos

Crueldades dos he-
reges execu-
tadas por si,
& pelos Barba-
ros na guerra de Per-
nam-
buco.

dos passados por tanto mais chegaõ tarde, & frios à Europa, ou enganada, ou esquecida. A chaga cresce, o veneno estende-se, & já bate às portas do coração, a constancia se não desmaya, não se duvida, & tudo nas experiencias de tantos annos mais promete desespereações, que remedio.

447. Mas, ò Filha de David, & de Salamão, ó Virgem poderosissima do Rosário, que havia de ser de nós, se essas Entranhas de piedade, onde trouxestes a Deos, não fossem o nosso presidio, o nosso amparo, o nosso remedio, & toda a nossa esperança? Isto he o que determino prégar hoje, & não como assumpto meu, Senhora, senão como preceito vosso. No anno de mil & quatro centos & setenta & cinco achandose em grande aperto a insigne, & muy Catholica Cidade de Colonia, bloqueada por todas as partes de hum poderoso Exercito de inimigos hereges, de que naturalmente se não podia defender, devastada já, & occupada toda a campanha, & sem es-

perança de soccorro humano; appareceo a Virgem Santissima a Frey Jacobo Sprenghero Prior do Convento dos Prêgadores, & lhe mandou que logo prêgasse, & exhortasse a todos a devoção do Rosário, & lhes prometteffe em seu nome que por meyo della, não só a Cidade, mas toda a Provincia ficaria livre da oppressão, & temor das armas inimigas. Assim o mandou, assim o prometteo, & assim o comprio a poderosissima Rainha dos Anjos, & o Exercito dos hereges vencido, & desbaratado de outro poder superior, & invisivel, não só não chegou a bater a Cidade, mas deixadas a Campanha, & toda a Provincia, mal se pode recolher fugindo para donde viera. Agora pergunto à Bahia, & a todo o Brasil. A Virgem Maria Mãe da Deos, não he a mesma? Os poderes do seu Rosário não são os mesmos? A nossa Fé Catholica, & Romana não he a mesma? Os intentos das armas hereticas, & inimigas não são os mesmos? Pois se a nossa devoção, & as nossas

orações forem as mesmas; porque não experimentaríamos o mesmo favor, & os mesmos socorros da Senhora do Rosario?

448. Sò me podeis dizer que aquelle Prégador teve revelação, & foy mandado, & eu não. Enganaifvos. Assim como a Virgem Miria mandou àquelle Prégador que prégasse o Rosario a Colonia; assim me manda tambem a mim que o prégue á Bahia. E porque me atrevo a affirmar isto cõtanta asseveração? Porque aos Ministros da palavra de Deos, as revelações que se fazem a hum, são precitos para os outros. Prégando São Paulo, & São Barnabê em Antioquia, como muitos dos Judeos não quizessem receber o Evangelho, differaõ-lhes os dous Apostolos, que supposta aquella sua incredulidade, elles se passavaõ a prégarem aos Gentios, porque assim lho tinha mandado o Senhor: *Sic enim præcepit nobis Dominus.* E quando mandou o Senhor aos Apostolos que não aceitando os Judeos a

sua doutrina, a fossem prégarem aos Gentios? Os mesmos Paulo, & Barnabê o differaõ, & he prodigiosa prova do que eu digo: *Sic enim præcepit nobis Dominus. Posui te in lucem gentium, ut sis in salutem usque ad extremum terræ.* Quer dizer: que o Senhor lhes tinha mandado a elles, que prégassem o Evangelho aos Gentios, porque o mesmo Senhor tinha revelado a Isaias que aos Gentios se havia de prégarem o Evangelho. Pois essa revelação feita a Isaias, he preceito para Paulo, & Barnabê de prégarem o mesmo: *Sic enim præcepit nobis Dominus?* Sim. Porque as revelações feitas a hum Prégador, são preceitos para os outros. Supposta pois aquella revelação, & este preceito, tudo o que hoje differ da virtude do Rosario, & seus poderes, não se deve ouvir como assumpto, ou discurso prégado por mim, senão como mandado prégarem pela mesma Virgem Santissima. E para que a rudeza de minhas palavras não seja totalmente indigna de tão

lobe;

soberano preceito, peçamos à mesma Senhora me assista com a sua graça.

Ave Maria.

II.

449. **D**avid autē Rex genuit Salomonem. Aquelle catastrophe admiravel q̄ os Profetas prometterão ao mundo renovado, quando as lanças se convertessem em arados para cultivar a terra, & as espadas em fouces para segar, & recolher os frutos, nenhũa outra cousa significa aos homens de mayor alvorço, & gosto, que a alegre, & desejada paz depois da triste, comprida, & detestada guerra. Destes antiquissimos, & sagrados exemplares tomáráo a mesma metáfora, & a profeguição elegantissimamente assim os Poetas Gregos, como os

Alcias

Latinos, entre os quaes Alciato (admittido já pelos mais severos juizes ao Collegio do Parnaço) engenhosa, militar, & politicamente adiantou assim o mesmo pensamento. Pintou hum enxame de abelhas que no

Tom. 5.

oco de hum capacete fabricavão os seus favos, & por titulo deste Emblema: *Ex bello Pax.* A letra diz, como diziamos, que da guerra nasce a paz: & o corpo da pintura a nenhũa paz, ou guerra se pôde applicar com mayor propriedade, que á do Brasil. Os favos são os doces frutos desta terra singular entre todas as do mundo pela benção de doçura com que Deos a enriqueceo: *In Ps. 20. benedictionibus dulcedinis:* as abelhas pela maior parte da Ethiopia são os fabricantes dos copiosos favos, que carregão todos os annos tão opulentas, & numerosas frotas: & o capacete, nem usado já, nem guardado para outras occasiões, he o sinal da paz segura, perpetua, & sem receyo, qual foy a do Reynado de Salamaõ, & a que depois de tantas guerras prometteo Deos nelle a seu Pay David: *Filius qui nascetur tibi, erit vir quietissimus faciam enim eum requiescere ab omnibus inimicis suis per circuitum; & ob hanc causam Pacificus vocabitur.*

1. Pars. ralsp. 229.

450. Este he o sentido

Cc iij natu-

natural do myfterio do Evangelho , a que poderaõ ferver de elegante cõmento o capacete, & abelhas do Emblema, fe o capacete for o de David, & as abelhas as de Salamaõ. Não nafce a doce paz de qualquer guerra, fenão da guerra superior, & vitoriofa quaes foraõ as de David. A paz que não elegem, mas aceitaõ os vencidos, ou defesperados, não he de mel, mas de fel: não he doce, mas cheia de amarguras, como as que padecem debayxo do jugo do inimigo os que por não poder resistir, nem fugir, remiraõ com a liberdade as vidas: servidão em fim, & cativoiro, & de nenhum modo paz. Esta he a razão, ou necessidade porque os que discorrem prudentemente sobre o estado presente da nossa guerra, já dizem que escolheriaõ por partido partir o mesmo Emblema pelo meyo. E de que modo? Deixando ao injusto possuidor os favos do já perdido que he Pernambuco, & acodindo a defender com o capacete a cabeça taõ ameaçada,

& perigosa, que he a Bahia. Outros espiritos ha, porẽm não sey se menos considerados, se mais animofos, os quacs de nenhũa forte se cõtentaõ com o Emblema de Alciato partido, fenão com o enigma de Sampsaõ inteiro. Queira Deos que adevinhẽ. O Urfo Septentrional, que nos veyo crestar as colmeas, não he o Leão Belgico? Sim: que assim se pinta, assim se nomea, effas são as suas armas. Pois a effe Leão tirem-felhe da boca os favos, como fez Sampsaõ ao feu: & apregoe-se com trõbetas no mundo Catholico taõ lastimado de nossas perdas, como offendido de suas vitorias: *De comedente exivit ci-^{Judic.}
bus & de forti egressa est* 14.14
dulcedo.

451. Bizarro pensamento por certo, se não fora só pensamento, ou se David, que he o fogeito do nosso assumpto, entrára já nelle com este prelude; que foy o primeiro testemunho do feu valor, & prognostico provavel do feu triunfo. Quando ElRey Saul difficultou a David o combate, & lhe
duvi-

duvidou a vitoria do Gigante; respondeo elle que já tinha morto hum Urso, & hum Leaõ: *Leonem, & ursum interfeci ego servus tuus.* E isto que não he facil nem pouco, he o que muito deverão considerar os Autores desta Boa Esperança, quando tão facilmente se poem no cabo della. Sampsaõ tirou os favos da boca do Leaõ; sim, mas depois de vencido, & morto Não he a mesma cousa hum Leaõ morto, que vivo: & tão vivo, vigilante, & armado, como o que a nossa fantasia não defenganada com tantas experiencias espera, ou presume vencer. Olhemolhe bem para os dentes, & para as unhas. Assim se haõ de conquistar tantas fortalezas no mar, & na terra, tão regularmente edificadas; tão abundantemente providas, tão artelhadas, tão presidadas, & não só nas fortes muralhas, mas nos fossos, nas estacadas, & com todo o genero de fortificaçoens exteriores tão defendidas? Assim se desprezão os Cabos tão experimentados em ou-

tras guerras, & tantos, & tão luzidos regimentos creados, & envelhecidos na disciplina militar, vestidos, & armados, & não despidos, sustentados das praças, & adegas de Amsterdaõ, & não mortos de fome? Finalmente assim se ha de recuperar hũa Provincia mais estendida que muitos Reynos, cujas leguas se contaõ a centos, cujas terras se ganhãõ a palmos, cujos rios a cortaõ, cujos portos a fechaõ, cujos mares abertos a todos os ventos, & o fundo que não soffre amarras, & come as ancoras, a defende, & segura de largo sitio?

452. Calle-se logo toda a presumpção humana, em mu-
deção arbitrios, & discursos faceis de escrever, mas impossiveis de executar: & nõs defenganados, & vencidos pela evidencia dos olhos, conheçamos, & confessemos que só do Ceo nos pòde vir o certo, & infallivel remedio, que he o que a Rainha do mesmo Ceo nos promette glorioso no seu Rosario. O que fizeraõ na sua mayor afflicção os sitia-

pos de Colonia, foy tirar em publico, & levar por toda a Cidade huma Imagem da mesma Senhora do Rosario, rezádo-o todos em alta voz devota, & instantissimamente, & esta que para os cercados era procissão, contra os inimigos foy triunfo. O mesmo succedeo mais perto de nossos dias na famosa batalha naval do mar de Lepanto. Tinha prevenido, & sollicitado o favor da Rainha dos Anjos o Santo Pontífice Pio V com exhortações a toda a Christandade, & novas, & maiores indulgencias concedidas aos devotos do Rosario; & foy cousa notada em todo o mundo Christão, & verdadeiramente milagrosa, que no primeiro Domingo do mez (que então foy o de Outubro) em que os confrades deste sagrado instituto costumão fazer a sua festa particular, nesse mesmo dia se deo com empenho de huma, & outra parte nunca visto a poderosissima batalha: & na hora em que era levada nas procissões a Imagem da Senhora do Rosario

em Roma, & em toda Italia; nessa mesma hora, estando até alli duvidosa, se declarou a vitoria pelos Christãos, triunfando as armas Catholicas de todo o poder, & soberba Otomana.

453. Mas assim havia de ser, & assim será sempre, porque desde a conquista da terra de Promissão se decretaraõ à Virgem Senhora Nossa do Rosario, & a sua sagrada Imagem estes triunfos contra infieis. A fôrma em que marchavaõ os filhos de Israel na entrada da terra de Promissão, era levádo diãte a Arca do Testamento em dous mil passos de distancia; para que de todo o exercito podesse ser vista, & seguida. Nesta mesma ordem acometeraõ a primeira Cidade, que foy a fortissima de Jericó; cujos muros eraõ de marmore, & as portas de ferro, & sem outro combate, bataria, ou assalto, sô com levarem em procissão a mesma Arca do Testamento ao redor dos muros, os muros por si mesmos cahiraõ, & com os muros os animos, o valor, & as esperanças de todos.

todos os que com as proprias forças presumião defender dos Israelitas aquellas terras pizadas primeiro, & habitadas de seus Pays, as quaes Deos por este meyo agora lhes queria restituir. Mas porque concedeo o mesmo Deos esta primeira, & capital vitoria ao seu Povo por meyo da Arca do Testamento sòmente, & não em outro lugar, senão em Jericó? Para que entendamos os Catholicos significados nos Israelitas, que se queremos conquistar, & recuperar as terras que Deos nos deo, & estão em poder de inimigos, & inimigos infieis como os Amorrheos; o meyo unico, & efficaz desta conquista, & o poder, & soccorro de que só devemos esperar a vitoria, he a Virgem Senhora Nossa em quanto Senhora do Rosario. A Arca do Testamento em qualquer parte he figura da Virgem Maria; mas em Jericó particularmente, não só da Virgem Maria, senão da Virgem Maria com o sobre nome do Rosario, que assim lho poz o Espirito Sã-

to: *Quasi plantatio Rosae in Eccl. Jericho.* E quando os Catholicos intentaõ a conquista, & recuperaçõ das suas terras possuidas de infieis, debayxo da conduta, patrocinio, & amparo da Senhora do Rosario; não ha muros, nem fortalezas, não ha portas de ferro, nem machinas de bronze, não ha arte, potencia, nem valor que não tremam; que não caya, que não se renda.

454. O mesmo nos succederá a nós, & assim o devemos esperar nesta conquista, que tambem, & com muita propriedade se pôde chamar da terra de Promissão. Como chamaõ á terra de Promissão as Escrituras sagradas? *Terram fluentem lacte, & melle*: terra que mana leite, & mel. E quem não vê que a Holanda unida ao Brasil; como hoje está em Pernambuco, lhe convem por nossos peccados toda a definiçãõ? Holanda he a terra que mana leite, o Brasil he a terra que mana mel, & junta hũa com a outra, inteira, & propriamente vem a ser a terra de Promissão:

missão: *Terrã fluentem lacte, & melle.* Mas com o favor da Virgem do Rosario, se nós o loubermos sollicitar, & merecer, não estará muito esta segunda terra de Promissão em poder dos Amorreos. Os Pastores dos Paizes Baixos se tornarão aos seus queijos, & à sua manteiga, & o mel ferà de Sampsão, que depois de vencer o Leão Belgico, lhe tirará os favos da boca. Desta maneira à nossa já venturosa, & vitoriosa guerra se seguirá a doce, & segura paz: que não de balde ajuntou o Espírito Santo a Oliveira às Rosas: *Quasi plantatio Rosæ in Jericho: quasi Oliva speciosa in campis.* Não sò a eleição destas plantas, senão a ordem com que estão collocadas, he mysteriosa. Não á Oliveira primeiro, & depois a Rosa, senão a Rosa antes, & a Oliveira depois. Porque a Rosa em Jericó significa a guerra vitoriosa, & a Oliveira nos campos a paz depois da guerra. Se fizermos a guerra debayxo da Bellona do Rosario, primeiro nos dará a vitoria coroada de Ro-

Eccles.
24. 18
19.

fas, & depois gozaremos a paz com grinaldas de Oliveira. Assim se coroaraõ pela mesma ordem primeiro David guerreiro, & vitorioso, & depois Salamaõ Pacifico. Esta he a successão mysteriosa; & ordenada, com que nos diz o Evangelho que David gerou a Salamaõ: *David autem Rex genuit Salomonem.*

III.

455. **T**Odas as duvidas que se nos pódem offerecer na desigualdade desta guerra, seguindo o estado presente; eu ferey o que as proporey em nome do nosso reccyo, & o mesmo David o que as desfará por parte da Senhora do Rosario, como retrato natural de seus milagrosos poderes. E começando pela pouca felicidade com que todos os da Monarquia tantas vezes, & por tantos modos se tem empenhado nesta guerra sempre com effeitos contrarios, parece que daqui se pòde formar hum argumento praticamête evidente,

dente, que Deos não quer a restauração do Brasil. Cuidouse ao principio que com soccorros pequenos mandados frequentemente á defilada, se impediriaõ os progressos do inimigo, o qual se canfaria de luitentar sem lucro hũa guerra mercantil, fundada toda no interesse: mas estas dietas receitadas por intentos particulares, fõ serviaõ de entreter o engano, & não de acodir à necessidade, consumindo-se lãtamente a substancia, & gastando-se por partes inutilmente o que junto podera ser de proveito. Conheceo-se depois com a experiencia (& mais tarde do que fora bem) que as grandes enfermidades não se curão, senão com grandes remedios: veyo hũa armada, & outra armada; mas com que successo?

Arma da de D. Antonio Oquẽd.
A primeira em huma batalha naval de duvidosa opiniaõ, se não ficou vencida, foy derrotada. A segunda chegou a lançar a gahlharda infantaria em terra, veterana noutras guerras, & noutros paizes; mas nova, & bizonha neste, onde a pou-

cos passos de marcha, provocados a batalha campal, a mesma sciencia do general perdeo o exercito, & o exercito perdido, desbaratado, & morto lhe não pode salvar a vida.

496, Na dor de taõ repetidas perdas começou a vacillar a esperanza, & acabáraõ os brados de espertar a Monarquia taõ sensivelmente leza na grandeza, na opulencia, na fama. Deliberouse que as forças navaes de ambas as coroas se unissem em hum corpo taõ poderoso, & formidavel, que o orgulho do mesmo inimigo vitorioso o reconhecesse invencivel. Mas sendo as Ilhas de Cabo verde o meyo termo desta uniaõ, de tal maneira a corromperaõ os ares pestilentes do clima (por se fazer a sezão intempestiva) que diminuida em mais da terceira parte a gente maritima, & militar, foy necessario deixar o theatro destinado á guerra, que havia de ser Pernambuco, & recolheremse ambas as armadas como a hospital commum ao porto desta Bahia, onde convale-

Arma da do Conde da Torre.

Arma da de D. Luis de Roxas.

vale-

valecessem. Recuperada pois a saude, & substituida com novas levas a inteireza das companhias, & terços; cobrio em fim, ou affombrou esses mares aquella multidão confusa de torres navaes, composta de oitenta & sette vasos, muito de extraordinaria grandeza, armada de dous mil & quatro centos canhões, & animada de quatorze mil Europeos, numero que o Oceano Austral já mais tinha contado, nem ouvido. Quem duvidou então, ou poderia imaginar q̄ não navegaria alli a victoria segura, pois bastou a vista só de taõ magnifico, & estrondoso apparatus, para o inimigo desconfiado pactear em terra, & grangear com dadas a graça dos seus mesmos rendidos? Mas è juizos, & conselhos occultos da Providencia, ou ira Divina. Vitoriosas sempre sem controversia as duas armadas em quatro combates successivos na parte superior das ondas; furtadas porèm as mesmas ondas pela parte inferior, & como minadas as naos pelo fundo, & pelas quilhas, de

tal sorte as arrancou do sitio já ganhado a furia das correntes, que por mais que forcejãrão pelo recobrar, nunca lhe foy possível. Assim vécido da sua propria victoria aquelle grande poder, & fugindo sem fugir (porque fugia o mar em que navegava) podendo mais a desgraça que o valor, a natureza que a arte, a força do destino que a dos braços; perderãõ os derrotados, & tristes conquistadores o mar perderãõ a terra, perderãõ a empresa, perderãõ a esperança, & nós que nelles a tinhamos fundada, tambem a perdemos.

457. Este he o estado não digo em que nos consideramos, mas em que nos vemos, não se offerecendo nem ainda à imaginação donde se possa formar outro poder semelhante ao passado quando fosse mais venturoso: & esta ultima desconfiança de remedio, por lhe não chamar desesperação, melhor conhecida nos juizos, & sentida nos corações de todos os que me ouvem, do que eu a soube declarar
com

com palavras, he tudo o que posso representar por parte do nosso receyo. Mas contra elle nos animará, como dizia, David com feu exemplo, ensinando-nos a pôr toda a esperança de nossas armas no Rosario da Virgem Sâtissima, a qual como Mãe de Deos, & a modo do mesmo Deos, quando totalmente faltaõ os meyo, & remedios humanos, entã mostra mais certa, & promptamente a efficacia de seus poderes.

458. Quarenta dias havia que o Gigante apostata armado, arrogante, & senhor do campo sem resistencia, afrontava o exercito do Povo de Deos, não ausente, senão de cara a cara, não se achando em tantos mil Soldados, & Capitaens quem se atrevesse a sair cõtra elle, ou presumisse que podia ser vencido, não sò temerosos todos, mas palmados, que he a ultima exaggeraçã do me-

I. Reg. 17. 11

A. diens autem Saul, & omnes Israelitæ sermones Philisthæi hujuscemodi stupebāt, & metuebant nimis. No meyo porẽm destes medos, &

pafmos, meteo em alvoroço todo o exercito outro pafmo mayor, que foy offerecerse hum Pastorzinho moço, & desarmado a sair a desafio com o Gigante. As condições eraõ terriveis, porque daquella singular batalha dependia a servidaõ, ou victoria de qualquer das partes, ficando sogeitos, & cativos, ou os Filistheos dos Israelitas, ou os Israelitas dos Filistheos: *Si percusserit me, erimus vobis servi; si ego prævalero, servietis nobis.* E tal he, & mayor ainda o perigo a que se vé reduzido hoje o resto do Brasil, sogeita já, & rendida a taõ dura, & indigna servidaõ amctade delle. A' estatura desmedida do Filistheo (da qual fallaremos depois) se ajuntava a desigualdade das armas, a qual por ser notavelmente excessiva, não sò a descreve miudamente a Escritura mas a peza em partes libra por libra: *Cassis ærea super caput ejus, & lorica squamata induebatur. Porro pondus lorice ejus quinque millia siciorum æris erat: & ocreas æreas habebat in cruribus, & clypeus æreus*

Ib. 9.

I. Reg. 17. 5.

æreus tegebat humeros ejus: hastile autem hastæ ejus erat quasi liciatorium texentium: ipsum autem ferrum hastæ ejus sexcentos siclos habebat ferri. O capacete, ou murrião do Gigante era de bronze: a tecedura da faya de malha, & as escamas que a dobravaõ, & fortaleciaõ, de bronze: o escudo que não fò chegava, mas excedia os hombros, de bronze: o de mais que lhe cobria o resto do corpo até os pés laminas de bronze: & fò trazia de ferro o da lança que tinha, diz o Texto, seiscentos siclos de pezo, como a faya de malha cinco mil. De forte que reduzidos estes siclos Hebreos a libras Italianas, quatro onças menores que as nossas, o ferro da lança pezava vinte & cinco libras, & o bronze fò da faya de malha, duzentas & oito.

459. Parece-me que esta descripção tão miuda da Escritura sagrada tanto foy feita para o nosso caso, como para o de David. Todos os nossos discursos, ou temores se occupaõ em pezar, & ponderar a differença, &

excesso do poder com que o inimigo se acha armado. Tãta artelharia de bronze, tanta de ferro no mar, & na terra, tantas Fortalezas, tantas naos tão bem aparelhadas, & fornecidas, as armas manuaes dos soldados tão limpas, tão affacaladas, & tão luzidas, que os canos das suas clavinas, & as laminas dos seus alfanges mais parecem de prata que de ferro comparadas com os nossos. Mas vamos seguindo a Historia sagrada, & ainda acharemos muito mais que admirar nesta comparação. Deliberado El Rey Saul a que David sahisse à singular batalha, despio-se das suas proprias armas, & vestio, & armou a David com ellas. Aqui se me offerece não passar em silencio o muito que deve o Brasil ao zelo, ao cuidado, & à Real grandeza, & providencia de Sua Magestade, que Deos guarde, em nos acodir, & socorrer. No mesmo tempo em que as costas de Hespanha, Flandres, & Italia estaõ tão infestadas de inimigos, & ameaçadas de ma-
yores

yores invasoens, não duvidou Sua Magestade de se desarmar ao perto, & como despirse a si mesmo na Europa, para nos acudir, & locorrer na America com todo o poder naval de sua Monarchia. E se o successo não respondeo ao cuydado, & diligência, permittindo Deos, ou ordenando o contrario, tambem David nos dirá o mysterio desta permissão. Vestido David, & armado com tanta honra pelas mãos Reaes de Saul, escusa-se cortezmente com o defuso, & despe-se das armas, porque conheceo, como nós já temos conhccido, que lhe não haviaõ de servir. Toma outra vez o seu surraõ, & a sua funda, escolhe cinco pedras de hum ribeyro que por alli corria, & com esta prevençãõ de taõ pouca despeza, estrondo, nem apparatus, pranta-se na campanha, faz tiro ao Gigante, derruba-o em terra, cortalhe com a sua propria espada a cabeça, leva a cabeça ao Rey, & a espada ao Templo.

460. Este foy o breve fim da batalha, & esta a vi-

toria, cuja fama não terá fim, da qual se eu formâra hum Emblema, lhe puzera por letra: Fim sem meyos. Porque contra todas as leys da prudencia, & da esperança, o fim se conseguiu aqui sem meyos, antes a mesma falta dos meyos foy o meyo de se conseguir o fim. Quando Saul armou a David, huma peça, & a mais necessaria das suas armas foi a espada que lhe cingio: *Accinctus David gladio super vestem suam*: & posto que se escusou de a levar, dizendo: *Non habeo usum*: depois lhe foy necessario usar da espada, & com effeyto usou da do Gigante para lhe cortar a cabeça: *Tulit gladium ejus, & interfecit eum*. Pois se ao menos das armas do Rey ⁵¹⁻ lhe havia de ser necessaria a espada a David, & o mesmo David sabia que lhe havia de ser necessaria, porque antes de lançar a mão á pedra, disse ao Gigante que o havia de matar, & lhe havia de cortar a cabeça: *Percutiam te, & auferam caput tuum à te*: porque ⁴⁶³ das armas do Rey ao me-

1. Reg.
17-39

ibid.

ibid.

nos não levou comfigo a espada, nem Deos q̄ governava todas as fuas acções quiz que a levasse? O mefmo David deu a razão nas poucas que teve com o Filistheo antes do combate: *Tu venis ad me cum gladio, & hasta, & clypeo; ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel.* Tu vens a mim confiado nas tuas armas, & eu venho a ti fiado só no Senhor dos exercitos o Deos de Ifrael. E como David queria toda a gloria da vitoria só para Deos, & Deos tambem a queria só para fi; por iffo ordenou que David depois de armado fe defarmasse, & que as armas de Saul nenhum ufo; nem exercicio tivessem naquella batalha, para que a vitoria, & a gloria toda fosse de Deos, & nem o Rey, nem as fuas armas tivessem parte nella. Parece, Senhores, que me tenho explicado. Muitas graças a El Rey Saul, muitas graças a Sua Mageftade, que fe defarmou a fi por nōs armar a nōs, & nos mandou as armas, & as Armadas: mas fe effas armas,

& Armadas Reaes nenhum ufo tiverão, nem effeito, entendamos que não foy acafo, nem porque Deos não queira restaurar o Brazil, mas porque he taō zeloso da honra de fua Mãe como da fua, & foy difpondo fem duvida, & ordenando com particular providência, que a vitoria que havia de fer das armas do Rey, feja da funda de David, que he o feu Rosario.

IV.

461. **S**anto Agostinho, Santo Ambrosio, São Gregorio, & todos os Padres concordemente entendem que a famosa funda de David, fe foy maravilhosa pelo que obrou, mais myfteriosa foy ainda pelo que significava. E entre todas as allegorias com que atêgora fe tem declarado feus myfterios, nenhuma lhe quadra melhor, & com mayores fundamentos na mefma Efcritura, que fer figura profetica do Rosario. Seja a primeira razão o numero das pedras. Porque escolheo

colheo David para a tua funda cinco pedras, nem mais, nem menos? Para o tiro bastava hũa, como bastou: & se o tiro se errasse, as outras quatro eraõ superfluas, porque *in bello non licet bis errare*: na guerra não se permite errar duas vezes.

Quanto mais que David sabia não errar como destre, & sabia que não havia de errar como Profeta. Pois porque escolheo cinco pedras, se bastou, & havia de bastar hũa? Escolheo hũa para o tiro, & cinco para o mysterio; porque esse nem mais, nem menos he o numero dos mysterios de que se compoem o Rosario: os gozosos cinco,

1. Reg.
17.49 os dolorosos cinco, os gloriosos cinco, & nem mais, nem menos que cinco em todas as tres differenças.

Daqui he, que sendo a pedra hũa, *tulit unum lapidem*, como levava em si a virtude de todas as tres differenças, tambem causou os effeytos de todas tres: de gozo para o Povo, de dor para o Gigante, & de gloria para David. Mas diga-nos o mesmo David que esta foy a signifi-

Tom. 5.

cação da sua funda, & que nella levou o Rosario não só representado, & meditado, senão já offereciuo.

462. Depois da vitoria do Gigante compoz David hum Psalmo (que he o Psalmo cento & quarta & tres) em acção de graças da mesma vitoria, & em ratificação *Pf. 143.9* de hum voto que tinha feito, & offerecido a Deos antes ^{10.} de entrar na batalha. O voto em estilo profetico foi desta maneira: *Deus, canticum novum cantabo tibi: in psalterio decachordo psalam tibi: qui das salutem Regibus, qui redemisti servũ tuum de gladio maligno.* Se vòs Senhor livrardes a ElRey Saul deste perigo, & afronta, & a vosso servo David da espada maligna do Gigante, eu prometto de vos compor hum *Ibid. 1* cantico novo. Este cantico novo em comprimento do voto foy o mesmo psalmo, o qual começa assim: *Benedictus Dominus Deus meus, qui docet manus meas ad rælium, & digitos meos ad bellum*: Bendito seja o Senhor Deos meu, que ensinou as minhas mãos para a batalha,

Dd

&

& os meus dedos para a guerra. Os dedos, diz nomeadamente, & não só as mãos; porque a funda, & o Rosario ambos são instrumentos não só das mãos, sendo propriamente dos dedos. Mas o que faz mais admiravel a propriedade deste texto, he que na lingua Hebraica, em que David o compoz, em lugar de *Benedictus Dominus Deus meus*: Bendito seja o Senhor Deus meu; está *Benedictus Dominus Petra mea*: Bendito seja o Senhor Pedra minha. Pois a Deus chama David Pedra sua? Neste lugar, & neste caso sim, & com altissimo mysterio. Não em quanto Pedra da funda como funda, senão em quanto Pedra da funda como Rosario. A Pedra da funda como funda, era a Pedra do Rio; a Pedra da funda como Rosario, era Christo, & esta Pedra era Deus: *Deus meus, Petra mea*. Os mysterios do Rosario, ou juntos, ou cada hum por si, todos são de Christo, & assim quando pelejamos contra nossos inimigos com esta

funda, ou a Pedra seja huma, ou cinco, ou todas quinze, sempre a Pedra he a mesma que venceo, & derrubou o Gigante: *Lapis ille quo percussus est Goliath, Christum Dominum figurabat*: diz S. Agostinho. Por isso David quando contrapoz as suas armas ás do Gigante, não disse: Tu vens contra mim com espada, & lança, & eu venho contra ti com pedra, & funda: senão, eu venho contra ti em nome do Senhor dos exercitos, & do Deus dos esquadroens de Israel: *Ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel*. De forte que huma cousa era a Pedra, & outra o nome que lhe dava a virtude; & esse he o nome com que David armou a sua funda; pondo na Pedra o nome de Deus, & dando a Deus o nome de Pedra: *Benedictus Dominus Petra mea*.

463. Posta pois a Pedra na funda, que fez David com as mãos, & com os dedos ensinados por Deus para vencer, & derrubar o Gigante? Diz o texto que dan-

dando volta á funda despa-
rou a Pedra , & que pregan-
dolha na testa o derrubou:
& que cahido elle se poz em
fugida todo o exercito dos
Filistheos : *Tulit unum lapi-*
dem , & fundâ jecit , & cir-
cûducês percussit Philisthæû,
& infixus est lapis in fronte
ejus, & cecidit in faciem suam
super terram. Videntes autem
Philisthimquòd mortuus es-
set fortissimus eorum fugerunt.
Este foi o brevissimo succes-
so , nem esperado, nem ima-
ginado dos que tão temero-
sos estavaõ: mayor que o tem-
or , superior ao desejo , &
só igual ao impulso do bra-
ço , à força da pedra , & aos
poderes da funda. O Gi-
gante cahio de hũa pedrada,
& todo o exercito dos Fili-
stheos sem golpe, nem ferida
fugio , & desamparou o si-
tio , & postos que tinha ga-
nhado, deixado os arrayaes,
& despojos aos ociosos , &
timidos vencedores. Olhay,
olhai agora para o Gigante,
& correyvos do que pouco
ha tão desesperadamente te-
mieis. Aquellas arrobadas de
ferro , & bronze com que se
fazia tão formidavel, só ser-

viraõ de o derrubar cõ ma-
yor pezo em terra. A lança
cahida para hũa parte , o es-
cudo para a outra , o elmo
roto , & inutil a faya de ma-
lha saã , & o vastissimo cor-
po sem vida, naõ armado já,
ou defendido , mas amorta-
lhado em suas proprias ar-
mas. Isto he o que fez tão
brevemente a funda de Da-
vid , & isto he o que faz , &
farà a do Rosario por mais
fortes , por mais armados ,
por mais vitoriosos , & so-
berbos que estejaõ nossos
inimigos. O que muyto nota
o Texto Sagrado, he que Da-
vid volteou a funda para
dar força ao tiro: *Et circum-*
ducens percussit Philisthæum.
Assim o devemos nõs tam-
bem fazer, dando tantas vol-
tas ao Rosario, quantas ba-
stem para o impulso da Pe-
dra. O texto naõ declara
quantas fossem as voltas, que
David deo á sua funda , mas
segundo a arte, em que elle
era tão exercitado, & destre,
sem duvida foraõ tres Assim
o suppoem, & ensina o Prin-
cipe dos Poetas Latinos,
fallando de Mezencio , no
qual com todas suas circun-

stancias parece que descreve a David.

*Virg. Stridentem fundam positis
Mezentius armis
Ipse ter abducta circum caput
egit habena.*

Pondo de parte as armas tomou a funda, & dando-lhe três voltas ao redor da cabeça, a desparou. Assim o fez David, deixando tambem primeiro, & despindo-se das armas Reaes de Saul, as quaes não quiz Deos que tivessem parte na vitoria: que he o estado em que nós de presente nos achamos, não por vontade, & eleição propria, mas por disposição da Providencia Divina. Já estão postas de parte as armas, & armadas Reaes, de que não sabemos parte, pelo que pôdo agora toda a esperança, & confiança nas do Ceo, & na protecção, & poderes da Virgem Santissima; tomemos todos devotamente o feu Rosario nas mãos, demos volta a esta funda todos os dias tres vezes, & todas tres ao redor da cabeça, não só rezando, mas meditando seus sagrados mysterios: na primeira volta os gozofos do

primeiro Terço, na segunda os dolorosos do segundo, na terceira os gloriosos do ultimo. E se assim o fizermos todos com a união, continuação, & perseverança, (que he a que dà força, & efficacia ás oraçoens humanas) eu prometto à Bahia, em nome da mesma Senhora do Rosario, que não só se conservará livre, & segura de todo o poder dos inimigos que por mar a infestaão, & por terra a ameaçaão; mas que este será hum certo, & presentissimo soccorro, ainda que faltem todos os outros, para que todo o Brasil fazendo o mesmo se recupere, & restaure.

464. Dizeime, se cada Rosario fora huma funda de David, & cada conta huma pedra como a que derrubou o Gigante, não vos parece que com estas armas estariamos bem defendidos, & seguros: & que se os inimigos tivessem fé, mais nos deviaão temer, que nós a elles? Ora ouvi, & vereis como esta mesma que parece consideração, he verdade experimentada, & certa. Na guerra

de Tolosa contra o grande poder, & numero dos Hereges Albigenfes, seguia o partido Catholico hum Cavalheiro de Bretanha chamado Alano de Valcoloara, o qual por conselho de São Domingos rezava todos os dias de joelhos o Rosario da Senhora. Aprendaõ deste Soldado os Soldados. Deo-se batalha, em que elle governava algũas tropas, as quaes porèm cercadas por todas as partes da infinita multidaõ dos Hereges, se viraõ reduzidas áquelle extremo aperto em que na guerra não ha outro partido que entregar, ou morrer. Entaõ implorou Alano o soccorro da Virgem Santissima do Rosario: & como vos parece que acudiria a soberana Rainha ás vozes daquelle feu grande devoto? Por ventura mandando legioens de Anjos a cavallo, & armados, que se puzessem da sua parte, como os que vio, & mostrou Eliseu? Não. Desceo a Senhora do Rosario em Pessoa a soccorrer o feu Capitaõ, & o modo ainda foy mais maravilhoso que o soccorro. Trazia na

maõ esquerda o Rosario, & delle hia tirando huma por huma as Contas, as quaes na maõ direita se cõvertiaõ em grandes pedras, que atirava contra os inimigos, & à força daquelle braço, & daquellas balas qual havia de ser o que não cahisse, ainda que fosse Gigante? Por estemodo foy empregando a Senhora toda a municaõ do feu soccorro; & quando se acabou o Rosario, para mayor ostentaçaõ de seus poderes, se acabou tambem a batalha. Mas como se acabou? Não apparecendo em toda a campanha mais que a immensa mortandade dos inimigos, acclamando todo o exercito vencedor: Viva Alano, viva Alano, & ficando por elle, & seus soldados toda a gloria daquelle grande dia.

465. O mayor dia que houve no mudo foy aquelle em que o Sol esteve parado à voz de Josuè; & este em que a Senhora deo a vitoria ao feu Capitaõ com pedras, me parece que declarou hũ segredo da mesma voz de Josuè atègora muy duvidado, mas não sey se decidido.

Jofué
10. 12

Pedio Jofué ao Sol que parasse, & o mesmo pediu também à Lua: *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon.* Esta segunda parte da petição he a duvidosa, ou a duvidada, & com bem fundado reparo. Jofué sô havia mister a luz do Sol para que a vitoria fosse inteira, & os inimigos já rotos lhe não escapassem debayxo da capa da noite. Supposto isto, razão, & necessidade teve de pedir o socorro do Sol; mas o da Lua para que, ou porque? Porque verdadeiramente nesta vitoria mayor parte teve a Lua que o Sol. Vede como toda esta maquina inferior dos elementos he sujeita ás influencias da Lua. As terras, os mares, os ventos, as chuvas, & todas as outras impressões do ar, a Lua he a que as move, altera, suspende, excita. Assim o ensina a Filosofia, & o demonstra a experiencia. Ouçamos agora o que diz a Escritura: *Et mortui sunt multo plures lapidibus grandinis, quam quos gladio percusserrant filii Israel.* Venceo Jo-

ué os cinco Reys Amorreos, & desbaratou inteiramente todos seus exercitos; mas foraõ muitos mais, diz a Escritura, os que morrêraõ dos inimigos opprimidos das pedras que choveo o Ceo, que os que matáraõ os filhos de Israel com as suas armas. E porque a chuva das pedras foi movida, & excitada pela Lua como influencia propria da sua jurisdicção, & imperio; muito maior, & mais importante foy o socorro da Lua que o do Sol para a vitoria. O Sol cõ a luz que teve parada alumiou os soldados de Jofué para que vissem, seguissem, & matasem os inimigos, que foraõ os menos mortos: porém a Lua com as pedras que choveo sobre elles foy a que executou a maior, & principal mortandade, & sem nenhũa dependencia do Sol, porque tanto os havia de opprimir, & matar de noite como de dia. Quem fosse pois, ou significasse a Lua, já na vitoria de Jofué se soube que era a Virgem Santissima; mas quaes haviaõ de ser as pedras, com que

que a mesma Senhora desbaratasse os exercitos dos Infcis, sò na vitoria de Alano se acabou de saber que eraõ as Contas do seu Rosario. E se David sò com huma pedra desta funda derrubou o Gigante, & poz em fugida os exercitos dos Filisteos, que farà o braço poderosissimo da Filha de David, & Mãy de Deos, não com huma pedra, nem com cinco, senão com cento & cincoenta, & com as outras quinze, que são as maiores?

V.

466. **D**Esta manci-
ra respon-
deo, & satisfez David à pri-
meira parte do nosso receyo,
vendo-nos defassistidos das
armas reaes na perda, ou der-
rota de huma, & outra arma-
da. Agora se segue a segun-
da parte do mesmo receyo,
& não menor, fundada na
ausência, & verdadeira per-
da de tantos mil soldados,
que as mesmas armadas nos
levarão, & derrotarão com-
figo. Os Presidios, Regimen-
tos, & Tropas do Inimigo na

tortuna, & desigualdade de
tão lastimoso successo ficã-
rão inteiros: & os nossos pelo
contrario, posto que não en-
fraquecidos no valor, tão
mutilados, & diminuidos no
numero; que em qualquer
caso de invasão nos veremos
naquelle grande perigo, &
aperto, em que se achão de-
cretoriamente os poucos
quando pelejão com os mui-
tos. No mar as maquinas
de madeira, & na terra as de
pedra; no mar as nãos, & na
terra os castellos, por mais
artelhados, & armados que
estejão, nem elles se defen-
dem a si, nem aos homens,
se os homens os não defen-
dem a elles. E faltando o nu-
mero competente dos ho-
mens, o que com elles he de-
fensa, sem elles he despojo.
Já se a necessidade da guerra
nos obrigar a fair em cam-
panha, como bastará hum
contra muitos, senão basta
Hercules contra dous? Sò
nos poderá animar na evi-
dencia deste perigo a breve,
& certa esperança de nos
vermos outra vez tão pode-
rosamente soccorridos, &
com a vanguarda tão segu-

ra como a tivemos no principio deste mesmo anno; mas a dilação natural das nossas resoluções, & impossibilidade pratica de levantar, unir, embarcar, & expedir hum semelhante socorro, he a justa, & racional desconfiança, por lhe não chamar desmayo, deste nosso receyo.

467. Confesso, Senhores, que as razões resumidas neste breve Epilogo ainda são maiores, & mais fortes. Mas antes que David no las desfaça nos mais apertados termos; havendo de ser o Rosario as armas principaes da nossa defenfa, eu de nenhum modo admitto que o numero dos inimigos seja mayor que o nosso, senão o nosso mayor, & muito superior ao seu. As armas do Rosario não são as maneão os soldados, ou os q̄ tem idade, forças, & valor para o ser, se não todos quantos somos (se quermos de qualquer sexo) de qualquer idade, de qualquer estado, ou condição desta grãde, & tão dilatada Republica. Pódem rezar o Rosario os homens, & as mu-

lheres, os velhos, & os meninos, os saos, & os enfermos, os senhores, & os escravos; & se de todos estes se compuzer o nosso exercito, bem se vê quanto excederá no mesmo numero, & multidão as listas dos inimigos. Assim o fez Jerusaleem ameaçada dos poderosissimos exercitos dos Caldeos, assim Bethulia sitiada por Holofernes, & pelo victorioso exercito dos Assyrios, & assim a mesma Ninive gentia não só com a guerra apregoada, mas com a ruina, & total assolação decretada, & notificada por Deos no pregaõ do Profeta Jonas. Mas o exemplo sobre todos admiravel, & irmaõ legitimo do nosso caso he o d'ElRey Josaphat.

468. Vierão conquistar as terras deste Rey (que o era do Reyno de Judá) os Moabitas, Amonitas, & Syros com poder muito superior ao de Josaphat: & como o Bom, & Pio Rey reconhecesse a desigualdade de suas forças, prostrado diante de Deos no templo fez esta oraçãõ publica. Vòs,

Senhor, foy o verdadeiro Deos do Ceo, & da terra, que dominais sobre todas as gentes, & naçoens do mundo, & a cuja infinita potencia ninguem ha que possa resistir. Estas terras pois em que vivemos não são aquellas mesmas que vós promettestes a vosso servo Abrahaõ, nosso Pay, & primeiro fundador deste Reyno vosso? Não lançastes dellas os Gentios que as habitavaõ, & nolas dèstes a nós? E nós depois que tomamos posse dellas não as santificamos com templos, & altars dedicados a vosso divino culto? *Nunc igitur*, sendo isto assim, *ecce filii Amon, & Moab, & mons Seir nituntur eicere nos de possessione. quam tradidisti nobis*: os Amonitas, Moabitas, & Syros nos querem lançar das terras de que vós nos metestes de posse, & fazerem-se senhores dellas. *Deus noster ergo non judicabis eos? In nobis quidem non est fortitudo, ut possimus hinc multitudini resistere*. Não será logo razão, Senhor, que vós nos façais justiça, & pois o nos-

2. Pa-
ral. 20
10. 11

lb. 12.

so poder he tão inferior ao seu, que lhe não podemos resistir, tome a vossa Omnipotencia por sua conta a nossa defença, & o seu castigo? Assim orou a Deos o Rey, como pødera orar hoje o de Portugal, se se achára entre nós. Mas não se contentou sò com isto. Fez que se juntassem, & orassem a Deos todos sem exceção de estado, idade, ou pessoa, os pays, as mãys, os filhos; até os mais pequeninos: *Om- lb. 13: nis verò Juda stabat coram Domino cum parvulis, & uxoribus, & liberis suis*. E que se seguiu deste conselho, & resolução de Josaphat? Couza verdadeiramente maravilhosa, ou mais verdadeiramente muito natural, & sem maravilha. Posto que da parte dos inimigos a multidão dos soldados era muito superior; como da parte dos Israelitas se uniraõ aos soldados os que não eraõ soldados, nem o podiaõ ser, velhos, mulheres, meninos, & toda a outra multidão imbelles, creesceo este numero tanto, que foy mayor que o dos inimigos. E como foy mayor

2b. 21.

mayor o numero, & melho-
res as suas armas, (que eraõ
as da oração) ainda que por
hũa parte foy a vitoria mila-
g. o.õ de foldados a folda-
dos, por outra teve muito
de natural, & sem maravi-
lha, porque os vencedores
foraõ os mais, & os venci-
dos os menos. Por isso o
mesmo Josaphat quando
sahia em campanha contra
os inimigos mandou que os
musicos do templo reparti-
dos em esquadras fossem di-
ante do seu exercito cantan-
do louvores a Deos: *Deditque
consilium populo, & statuit
cantores Domini, ut lauda-
rent eum in turmis suis, & an-
tecederent exercitum.* E isto
para que? Para que se visse,
como logo se vio, que o nu-
mero de seu exercito vito-
rioso não cõstava sò dos sol-
dados que maneavaõ as ar-
mas, senaõ de todos aquel-
les que posto que as não po-
diãõ manear, levantavaõ as
mãos desfarmadas ao Ceo,
& deste modo marchavãõ
juntamente com elles, & os
ajudavaõ a vencer com suas
orações.

469. E se por meyo de-
stas tropas auxiliares com-

postas de mulheres, meni-
nos, & homens incapazes de
tomar armas, accrescentou
Josaphat tanto o numero,
& poder de seus foldados: &
se por meyo das oraçoens
unidas de todos lhe libertou,
& desfassombrou Deos a ter-
ra já meya occupada dos ini-
migos, sepultando nella a
muitos, & lançando della
aos de mais; porque não es-
peraremos nõs da misericor-
dia de Deos, & de sua San-
tissima Mãe os mesmos ef-
feitos, se assim loubermos
multiplicar o numero, &
accrescetar o poder de nos-
sos presidios? Confiadamen-
te torno a afirmar, & pro-
metter que este serà o meyo
infallivel não sò de defen-
der, & segurar esta Cidade
dos presentes receyos, mas
de libertar, & recuperar to-
do o Estado, lançando os
inimigos fóra, & muito lon-
ge della. E para que não ha-
ja quem duvide de me dar
credito, ouçamos todos isto
mesmo da bocca do Profeta
Joel. De quem fallasse o
Profeta naquelle Capitulo
(que he o segundo) não se
sabe ao certo, & por isso cõ
mayor propriedade o pode-
mos

mos applicar ao nosso caso, se as circunstancias da profecia o merecerem.

470. Primeiramente diz Joel que virà sobre a terra de q̄ falla, huma gente estrangeira muita, & forte: *Populus multus, & fortis*: & que o seu exercito entrará armado de fogo assim na vanguarda, como na retaguarda: *Ante faciem ejus ignis vorans, & post eum exurens flamma*: & que por meyo destas armas, & deste fogo a terra que dantes era hum jardim de delicias, ficará a solidão de hum dezerto: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo, & post eum solitudo deserti*. Quem não vê em toda esta profecia a historia de Pernambuco, & o que dantes era, & hoje he Olinda. Confesso que quando a via primeira vez entre a nobreza de seus Edificios, Tēplos, & Torres, ornada toda nos valles, & coroada nos montes de verdes, & altissimas palmeiras; não sō me pareceo digna do nome que lhe deraõ, & de se mandar retratada pelo mundo, mas hum fermoso, & amenissimo jar-

dim o mais agradavel à vista. Assim a achou o Hollandez quando entrou nella: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo*: & depois delle como estã? *Et post eum solitudo deserti*: hum dezerto, hũa solidão, huma ruina confusa sem semelhança do que dantes era. No principio se disse que Olinda se convertêra em Hollanda; mas depois que a impiedade Hollandeza lhe poz o fogo, & ardeo como Troya, nem do que tinha sido, nem do que depois era, se vê hoje mais que o cadaver informe, & hũa triste sepultura sem nome, para que nella se desenganem, & temaõ todas as do Brasil. Depois disto descreve o Profeta com propriedade, & miudeza digna de se ler devagar o modo, & disciplina militar desta gente nas marchas, nas investidas, no bater, & escalar os muros, tudo cheyo de circunstancias temerosas, & ameaças de horrores. Mas a mayor, & mais formidavel de todas he chamarlhe exercito de Deos, & mandado por elle como executor de sua ira:

Ab. 11. *ira: Et Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, & facientia verbum ejus: magnus enim dies Domini, & terribilis valde, & quis sustinebit eum?*

471. Pois Profeta Santo, se este exercito he de Deos, & os seus exercitos, como acabais de dizer, são muitos, & fortes, haverá algum remedio para aplacar a Deos, & fazer opposição a estes exercitos? Sim, & de nenhum modo difficultoso. E qual he? O mesmo em proprios termos que eu tenho dito: *Vocate cætum, congregate populum, sanctificate Ecclesiam, coadunate senes, congregate parvulos: & sugentes ubera: egrediatur sponsus de cubili suo, & sponsa de thalamo suo. Inter vestibulum, & altare plorabunt Sacerdotes & Ministri Domini, & dicent: Parce Domine, parce populo tuo, & ne des hæreditatem tuam in opprobrium, ut dominantur eis nationes.* Supposto que este exercito he de Deos, & tão forte, toquemos nós tambem a arina, diz o Profeta: *Canite tubâ in*

Sion: porque he de Deos, & Deos o governa, & manda, presentemo-nos nós tambem diante de Deos, & não em outro lugar, senão no seu proprio templo: & porque he tão forte, & poderoso, unamos nós tambem todas as nossas forças, & não haja quem não acuda á defença: acudaõ os homens, acudaõ as mulheres, acudaõ os velhos, acudaõ os meninos, & entre elles tambem os de peito, acudaõ os Esposos, & as Esposas, acudaõ os Leygos, & os Ecclesiasticos: orem os Sacerdotes com lagrymas, (que são as balas a que o peito de Deos não pôde resistir) & digaõ todos com elles prostrados por terra: Perdoay, Senhor, perdoay a vosso Povo; & pois esta terra por fer de Catholicos he herdade vossa, não permittais, Senhor, que com afronta de vosso nome, & de vossa Igreja esteja a que ja está, & venha o de mais a poder de infieis. Não diz, nem declara o Profeta que o fizessem assim aquelles a quem exhortou, porque suppoem que em occasião de

tão

Joel 2.
15. 10
17.

taõ grande temor , & perigo, nenhũa creatura haveria taõ dura de coraçõ , & taõ inimiga da Patria , & de si mefma , que não acudiffe a Deos por si , & por todos. O que fõ diz, he que no mefmo ponto fe aplacou Deos , & zelou o remedio, & liberdade da terra como fua : *Zelatus est Dominus terram suam,*
 16. 10. *& pepercit populo suo* : promettendo juntamente , & mandando dizer a todos pelo mefmo Profeta (vede fe ha palavras mais proprias do nofso cafo) promettendo q̄ o inimigo que tinha vindo do Norte , elle o lançaria fóra , & para muito longe : *Et eum qui ab Aquilone est, procul fa iam à vobis, & expellam eum.* De maneira, & em conclusãõ, como dizia , que nos não deve defanimar o successo passado pelos poucos foldados com que nos deixou ; pois fazendo nós o que fez Josaphat , & mandou fazer Joel , com as armas da oraçãõ que podem manear todos, feremos muitos mais em numero que nofso inimigos.

VI.

472. **P**Orém David, que he o que ha de responder ao nofso receyo , como traz na fua funda o Rosario , sem recorrer a este meyo de multiplicar o numero dos combatentes com os que não podem tomar armas ; poem fõ em campanha foldados contra foldados , & promette , & assegura à Bahia , & a todo o Estado , que para vencer o inimigo , & o lançar delle, bastaraõ em virtude do mefmo Rosario os nofso poucos contra os feus muitos. Entre as cousas notaveis que de si disse David, he aquella do Psalmo setenta: *Quoniam non cognovi literaturã introibo in potentias Domini. Literaturam* no Texto original he o mefmo que *numerationem , & computum*. Quer pois dizer David : porque não usey dos numeros, nem dos computos da Aritmetica por isso entrey , & fuy admitido às potencias de Deos. E que defmerecimento tem os computos da Aritmetica

ou que opposição he a sua com as potencias, & poderes de Deos para attribuir David o ser admittido às potencias de Deos, & ser favorecido de seus poderes por não usar dos numeros, & computos da Aritmetica? Fallou David como soldado, & deo a razão das suas batalhas, & vitorias, & de ser tão favorecido, & ajudado nellas do poderoso braço de Deos. E a razão he esta: porque nos computos da Aritmetica o maior numero sempre vence o menor: os tres vencem aos dous, os quatro vencem aos tres, os cinco vencem aos quatro. Porém nas potências de Deos não he assim. Porque quando Deos quer, & ajuda, & os homens se fiaõ do seu poder, o menor numero vence ao mayor como tantas vezes se vio nas batalhas, & vitorias do mesmo David contra os Filistheos, contra os Moabitas, contra os Syros, contra os Idumèos, & outros. Diz pois o grande Rey, & famoso Capitão discretissimamente, que entrou nas potencias de Deos, porque

nunca soube usar da Aritmetica, como se differa: Se eu quando havia de dar a batalha, me puzera a contar, & a computar o numero dos soldados inimigos, & o dos meus, & formára esquadrões contra esquadrões pelos algarifmos; ordinariamente não só não vencera, mas não pelejara; porque elles eraõ muitos mais em numero: mas porque eu me fiava da potencia de Deos, & me aconselhava, & resolvia cõ ella; por isso pelejava com tal ventagem, que ficando o numero dos inimigos, que era o mayor, desbaratado, & vencido; o meu, que era o menor, levava a vitoria.

473. O mesmo fez David no desafio com o Gigante, em que os mesmos olhos viaõ a grande desproporção de hum, & outro combatente, como nõs vemos a nossa. O Gigante diz o Texto Sagrado, que tinha de altura seis covados, & hum palmo: *Altitudo sex cubitorum, & palmi*; David pelo contrario, que ainda estava em ida de de crescer, porque mal chegava a vinte annos, era

era tanto menor, que Saul lhe chamou menino: *Non vales resistere Philisthæo isti, quia puer es.* E que fez o valente menino, que ainda não sabia a taboada: *Quonium non cognovi numerationem?* Por ventura pozse a multiplicar os covados do Gigante, & deminuir os seus? De nenhum modo. Tanto assim, que quando fallou ao competidor, só fez menção da differença das armas, & nenhũa da grandeza, ou estatura dos corpos. Fez pois o tiro com a funda em nome de Deos, & então se vio quem era o maior. Antes do tiro David dava pelos joelhos ao Gigante; depois do tiro o Gigante deo pelos pés a David. Agora fação lá os Aritmeticos a conta, que David não sabe de outras contas mais que as do Rosario que significava a sua funda. Feito pois exactamente o computo, averiguouse que só David sommava dez mil homens. Assim lho disserão os Generaes do exercito, não consentindo que elle sahisse em campanha em hũa occasião em que hia empenhado

todo o poder, & só na reserva da sua pessoa ficava seguro o reparo de qualquer máo successo: *Quia tu unus pro decem millibus computaris:* porque vòs, Senhor, sendo hum só, sois computado por dez mil. E donde se fundou este computo tão excessivo, quanto vay de hũa a dez mil? Fundouse, & fundou-o David na vitoria da sua funda. Assim o cantarão logo as chacótas no mesmo dia daquelle triunfo: *Percussit Saul mille, & David decem millia.* Vede quanto vay de ter o poder de Deos por si, como teve o devoto David, ou ter a justiça de Deos contra si, como teve o blasfemo Gigante. David vencedor foy computado por dez mil, & o Gigante vencido não por dez, senão por mais de cem mil; porque constando de mais de cem mil o exercito dos Filistheos, tanto que virão vencido o Gigante todos fugirão: *Videntes autem Philisthim quòd mortuus esse fortissimus eorum, fugerunt.* De maneira que foy tal o poder, & virtude daquella fun-

2. Reg. 18.3.

1. Reg. 21.11

1. Reg. 17.51

fun-

tenda em multiplicar , ou diminuir hum , & outro exercito , que no exercito dos infieis cem mil foraõ menos que hum só , & por isso vencidos ; & no exercito dos fieis hum só foi mais que dez mil , & mais que cem mil , & por isso vencedores. E se isto fez a funda porque significava o Rosario , que fará o mesmo Rosario significado na funda ?

474. Vejamos a verdade , & experiencia desta illação em hum passo da Escriitura, que já a confirmou maravilhosamente não em outra nação, nem em outra parte , senão em Portugal. O mayor exêplo de vencerem poucos a muitos foi aquelle, em que o Condado de Portugal amanheceo Reyno , vencendo no mesmo dia treze mil Portuguezes quatro centos mil Mouros. E quando Deos revelou a El-Rey Dom Affonso Henriques a vitoria do dia seguinte, diz a historia que estava o Santo Rey de noite na sua tenda lendo a batalha de Gedeão , & esta he a que nos serve. Vieraõ contra os fi-

lhos de Israel os Madianitas acompanhados de outras nações, com taõ numerofo , ou innumeravel exercito , que os compara o Texto Sagrado ás arecas do mar : *Sicut arena. que jacet in littore maris.* ^{Judic. 7.12.} Não havia naquelle tẽpo em Israel Rey , nem Republica formada, que tratasse da defenfa, ou resistencia; pelo que Gedeão eleito por Deos a tomou á sua conta. Ajuntou de todos os Tribus que pode, trinta & dous mil homens , & quando elle reconhecia a desigualdade deste seu exercito , & quam poucos verdadeiramente eraõ contra aquella multidaõ imensa ; o que lhe disse Deos, foy: *Multus tecum est populus* ^{Ibid. 2} *nec tradetur Madian in manus ejus* : Gedeão , essa gente que tens , he muita , & não poderá vencer. Notay a consequencia de Deos. Essa gente não poderá vencer , porque he muita : como se differa , porque he pouca. Tratou conforme isto Gedeão de apoucar, & diminuir o seu exercito : mandou lançar bando que todos os que tivessem medo de ir á guerra

ra se fossem para suas casas :

Judic. *Qui formidolosus, & timidus*
7.3. est, revertatur: &ouve no ex-
 ercito não menos de vinte &
 dous mil q̄ não só tinhaõ no
 coração o ditto medo, mas
 não duvidáraõ, nem tiveraõ
 pejo de o confessar publica-
 mente, & se foraõ. Ficáraõ
 sómente dez mil com Ge-
 deaõ, & já agora parece que
 estará contente Deos, pois
 assaz pequeno he o numero
 de dez mil cõtra huma mul-
 tidaõ innumeravel; mas não
 foy assim: *Ahuc populus*
multus est: ainda saõ muitos,
1b.3. diz Deos; manda-os passar
 o Rio, & só levarás comti-
 go aquelles que beberem lâ-
 çando a agua à bocca como
 cães: *Qui lingua lambuerint*
aquas sicut solent canes lam-
bere. Foraõ os que assim be-
 beraõ trezentos sómente: &
 dividido este pequeno nu-
 mero em tres partes, as ar-
 mas que deo o sabio, & ar-
 diloso Capitaõ a cada hum,
 foy hũa trêbeta para a mão
 direita, & para a esquerda
 hum cantaro de barro tapa-
 do cõ huma luminaria den-
 tro: *Divisit que trecetos viros*
1b.16. in tres partes, & dedit tubas

in manibus eorum, lagenasque
vacuas, ac lampades in medio
lagenarum. Esta foy a larga
 cerimonia com que Deos
 diminuhio os soldados de
 Gedeão, & esta toda a pre-
 venção com que elle os ar-
 mou para a batalha: & qual
 feria o successo? Foy taõ bre-
 ve, que o refere a Escriitura
 em duas regras. Debayxo
 das sombras da noite tomá-
 raõ os trezentos aventurei-
 ros tres postos ao redor dos
 arrayaes dos Madianitas,
 tocáraõ todos ao mesmo tẽ-
 po as trombetas, quebráraõ
 os cantaros, appareceraõ os
 fogos; & foy tal a confusão,
 & perturbação naquelle nu-
 merosissimo exercito, tanto
 mais confuso quãto mayor,
 que imaginãdo-se acometi-
 dos, & entrados por tantas
 partes, sem ordem, sem con-
 selho, & sem se conhecerem,
 huns matavaõ aos seus, ou-
 tros fugiaõ dell'es como de
 inimigos: & atè os que esca-
 pâraõ, seguidos pelo mesmo
 Gedeão, & desbaratados in-
 teiramente por elle, deraõ
 complemento à vitoria co-
 meçada, & acabada na mes-
 ma noite, & dia.

475. Não vos parece que foy grande, admiravel, não esperada, & quasi incrivei esta batalha, & vitoria de trezentos homens? Pois assim mostrou Deos naquella batalha que não só podem vencer os poucos aos muitos, senão os muito poucos aos innumeraveis: & assim nos deixou retratadas desde então naquella vitoria as que depois haviaõ de alcançar os Catholicos contra os Infeis em virtude do Rosario de sua Santissima Mãe. Ponderay todas as circumstancias do caso, & achareis o Rosario retratado em todas. Nas trombetas temos a parte vocal do Rosario, que consiste em vozes: nos cantaros, & lumes occultos a parte mental, que consiste nos mysterios, & mysterios não outros, senão os de Christo, cuja Humanidade era significada no barro de fóra, & a Divindade nos lumes de dentro. Estas foram as armas com que vencerão: mas como, quantos, & quaes? O modo foy dividido em tres partes, que são os tres Terços do Rosario em numero são trezentos,

que he o Rosario dobrado, a que vulgarmente chamais trezentas. E a qualidade, ou differença dos Soldados aquelles que só beberão como cães, que he a figura propria, em que foy profetizado o fundador do Rosario São Domingos, como imitadores seus. Estes, & taes, sendo tão poucos, vencerão a tantos; porque esta he a virtude, & estes os poderes do Rosario vencer a muitos com poucos. Pondevos nas campanhas de França, & vereis muitas vezes o mesmo que no valle de Madian. O Conde Simon de Monfort grande devoto do Rosario, & famoso defensor delle contra os Hereges, era o General dos Catholicos: & que fizeraõ os seus soldados? Huma vez só trinta vencerão a tres mil: outra vez quinhentos vencerão a dez mil: outra vez tres mil vencerão a trinta mil. E isto lhes succedia em todos os encontros, & batalhas, sempre inferiores no numero, & superiores na vitoria.

476. Mas porque a que nós desejas, he huma ultima,

ma, & total em que lance-
mos fóra de nossas terras os
injustos possuidores dellas ;
ouvi o que refere o Beato
Alano aquelle mesmo solda-
do de que fallámos acima ,
o qual trocando o habito
militar pelo de Religiofo, &
sendo Santo , foy depois de
São Domingos o mayor Prê-
gador do Rosario. Hũa Rai-
nha (diz elle) chamada
Benedicta , tendo-lhe occu-
pado os Hereges a mayor
parte dos seus Estados , &
naõ podendo o Rey por ser
muito velho tomar as armas,
pediolhe que supposta a sua
impossibilidade lhe quizeffe
dar mil soldados , porque
ella com este pequeno po-
der confiada no foccorro da
poderosissima Virgem Ma-
ria tinha esperanza de pre-
valecer contra os inimigos ,
& reconquistar tudo o per-
dido. Era esta Princeza Ide-
votissima da Senhora do Ro-
sario, & a primeira cousa
que fez , foy que todos os
seus mil soldados se alistaf-
sem na Confraria da mesma
Senhora , & rezassem o Ro-
sario todos os dias. Bem ex-
ercitados nesta nova disci-

plina , & mais armados dos
seus Rosarios, que das outras
armas , sahio a Rainha em
campanha com este feu ex-
ercito , que mal merecia no-
me de esquadraõ: & que di-
ria à vista delle o inimigo?
O mesmo que disse o Gi-
gante quando vio a David.
Oppozeraõ-lhe os presidios
das primeiras praças mas os
presidios, & as praças foraõ
logo rendidas. Marcha por
diante a Rainha , & taõ de-
pressa vencia como se com
os seus poucos soldados le-
vára tambem a soldo a vi-
toria. Defengana-se o inimi-
go, teme já o poder de que
zombava, & ajuntando todo
o feu em hum grande , &
bem formado exercito naõ
recusaõ a batalha os do Ro-
sario: & estes sendo taõ pou-
cos fizeraõ tal estrago, &
mortandade nos Hereges ,
que fugindo os demais , &
naõ parando , nem nas ulti-
mas rayas do Reyno , o dei-
xáraõ naõ só livre , mas o
que dantes naõ estava, forti-
ficado. Com este successo
taõ conforme à sua esperan-
ça tornou Benedicta naõ só
vencedora, mas verdadei-

deiramente Rainha, & entrou triunfante na sua Corte, dando todos as graças, & os vivas á Virgem do Rosario, que foy a que nelles venceo.

VII.

477.

OH que pouca razão tem a Bahia de temer, se os seus soldados, que considera poucos, militarem debayxo destas sempre vitoriosas bandeiras? Se 16 mil soldados armados com o Rosario recuperarão hum Reyno, & lançarão delle os inimigos tantos, & tão fortificados; a Bahia presidias, ainda hoje com dobrada guarnição, & tão valerosa, porque receará ser invadida, & não terá confiança de outra semelhante, & final vitoria? Verdadeiramente foy circumstancia particular; & muy notavel nesta (para mayor gloria do Rosario) que como Jael, Debora, ou Judith, a alcançasse huma mulher; mas em tempo que as armas de Portugal são immediatamente governadas pela Serenissima Margarita, cuja singular piedade, & devo-

ção com a Rainha dos Anjos he o realce que mais resplandece sobre seu Real, & augustissimo sangue, nem esta gloriosa circumstancia nos falta para que as nossas vitorias possaõ fazer paralelo com as da triunfante Benedicta.

478. Tres cousas conseguio esta devota, & venturosa Princeza. A vitoria dos inimigos, a recuperaçãõ de seus Estados, & a paz delles, que he o suspirado fim da nossa guerra. Este foy, como diziamos, o mysterio de David gerar a Salamão; & tudo isto que tão difficuloso parece a muitos, conseguiremos facilmente em virtude da melhor filha de Salamão, & David, se a funda do seu Rosario forem as nossas armas, como são as suas. *Quæ est ista, quæ Cam. 6 progreditur quasi Aurora cõ- 9- furgens pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis, ut castrorum acies ordinata? Quæ he esta que caminha como a Aurora quando nasce, tão fermosa como a Lua, tão escolhida como o Sol, & tão terrivel, & formidavel*

como hum exercito bem ordenado posto em campo? Esta pergunta fizeraõ as filhas de Siao companheiras da Esposa dos Cantares, que he a Virgem Maria, & a sua mesma pergunta, & duvida ma faz a mim mayor. Quando isto perguntaraõ, & duvidaraõ as filhas de Siao, estavaõ actualmente vendo, & fallando com a mesma Esposa, & louvando-a. Assim o dizem as palavras antecedentes: *Viderunt eam filie, & beatissimam predicaverunt.* Pois se estavaõ vendo, & fallando com a Senhora, & a conheciaõ muito bem, que por isso a louvavaõ com o superlativo de Beatissima, como perguntaõ, & duvidaõ quem he: *Quæ est ista?* Não duvidavaõ da Pessoa, duvidavaõ do officio que exercitava, & do titulo a que haviaõ de attribuir ser terrivel como hum exercito armado. A Virgem Senhora nossa tem muitos titulos, officios, & invocaçoens, com que sendo huma sò, a distinguimos como se foraõ muitas. Assim dizemos a Senhora da Pic-

ib. 8.

Tom. 5.

dade, a Senhora do Socorro, a Senhora da Saude, &c. E nesta fôrma duvidavaõ, & perguntavaõ as filhas de Siao que Senhora era aquella terrivel, & formidavel como hum poderoso exercito. Ellas não tiveraõ quem respondesse á sua pergunta; mas eu respondo que he a Senhora do Rosario, & o provo do mesmo Texto. Antes de dizerem que era como exercito differaõ que era como Aurora, como Lua, como Sol: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora cõsurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol:* & estes são successivamente, & pela mesma ordem os tres mysterios de que se compoem o Rosario. Nos primeiros, que são os da Encarnação, foy a Senhora como Aurora Mãy do verdadeiro Sol o Filho de Deos Encarnado: nos segundos, que são os da Payxaõ, foy como Lua eclipsada na dor, & tristeza do Filho crucificado, & morto: nos terceiros, que são os da Resurreiçaõ, foy como Sol, cercada dos reíplandores, & gloria do mesmo Filho re-

Ec iij susci-

fuscitado. E de todos tres , gozofos , dolorosos , & gloriosos , se cõpoem pela mesma ordem o terrivel , & formidavel exercito do Rosario , que por isso nomeadamente se chama ordenado : *Ut castrorum acies ordinata.* Os Romanos ordenavaõ os seus exercitos repetidos em tres linhas : na primeira os soldados que chamavaõ Rosarios , na segunda os que chamavaõ Accentos , na terceira os que chamavaõ Triarios ; & na mesma fõrma ordenou a Senhora o seu Rosario repartido nas tres partes a que nõs chamamos Terços. E assim como nos exercitos Romanos a cada dez soldados presidia , & assistia hum Cabo chamado por isso Decuriaõ , assim vemos nas contas do Rosario que a cada fileira de dez AveMarias preside , & precede hum Padre nosso. Tão composto , & tão ordenado he este poderosissimo exercito da Senhora , & por isso terrivel , & formidavel : *Terribilis ut castrorum acies ordinata.*

479. De ser tão terrivel , & formidavel o exercito , se segue o não haver quem lhe

resista , & ser sempre vitorioso : & a estas vitorias como às de David se segue a paz como a de Salamaõ. Assim se afirma , & canta no mesmo Capitulo com repetição *Cant. 6.* das mesmas palavras : *Decora sicut Jerusalem , terribilis ut castrorum acies ordinata.* E porque se chama a Senhora formosa como Jerusalem , quando outra vez he chamada terrivel como exercito? Porque Jerusalem quer dizer vista de paz : *Visto pacis* : & o mesmo exercito do Rosario que para os inimigos he vista de terror , para os que elle defende , he vista de paz : vista de terror , pelas vitorias que alcança , & vista de paz , pela paz que ás mesmas vitorias se segue. Pelas vitorias de David foy tal a paz que gozou Salamaõ , que diz a Escritura fallando do seu Reinado , que Jerusalem estava cercada com muros de paz : *Qui posuit fines tuos pacem.* Estendendo-se pois o Brasil por mais de mil leguas de costa com tantos portos , & enseadas abertas , que não bastaõ para as guarnecer todos os soldados de Europa , só com

muros de paz se pôde defender, & estar seguro. E donde poderemos nós achar estes muros de paz, senão na mesma Senhora do Rosario, a qual como para as vitorias he o exercito, tambem para a paz será os muros. Assim o diz milagrosamente fallado da mesma Senhora não outré senão o mesmo Salamão, nem em outro Livro senão no mesmo dos Canticos: *Ego murus, & ubera mea sicut turris. ex quo facta sum coram eo quasi pacem reperies.* Tanto que eu descobrir, & achar esta tão desejada paz, eu mesma, diz a Senhora, ferey o muro, & os meus peitos as torres que vos defendão.

480. Mas para que são outras Escrituras, se na mesma natureza nos deixou a Senhora hum prodigioso testimonho, em que nos promette esta paz vinculada ao seu Rosario. As palavras da Virgem Santissima no Capitulo vinte & quatro do Ecclesiastico são estas: *Sicut Aspalathus aromatum odorem dedi.* Os favores que eu communico aos meus devotos, são como o cheiro do Aspa-

latho. Assim lem este lugar as Biblias Grega, Romana, Syriaca, Rabano, Janzenio, Lyra, & todos os Expositores commumente. E que cousa he o Aspalato, para que entendamos o mysterio das palavras da Senhora, & o que nos quer dizer nellas: Primeiramente o Aspalato, diz Plinio, he hum arvore pequena, cujas flores entre espinhos são como rosas: *In eodem tractu Aspalathus nascitur, spina candida, magnitudine arboris modice, flore roseo.* O lenho do Aspalato dizem Amato, & Ruelio referidos por A Lapide, que he o vulgarmente chamado Rhodio de que se fazem as contas do Rosario: *Amatus, & Ruelius censent Aspalathum esse lignum Rhodium, ex quo globuli prelatorii conficiuntur.* Já temos o Rosario bem significado nas flores, & no tronco do Aspalato. E qual he a propriedade do seu cheiro, em que a Virgem Senhora poem toda a força, & energia da sua comparação: *Sicut Aspalathus aromatum odorem dedi?*

481. Verdadeiramente he milagre da natureza, que
Ee iiij só

Plin. l.
12. c. 4

Amat.
& Ruel.
lius ci-
cati à
Cornel.

Eccles.
24. 20

fô parece criado pelo Author della para prova dos poderes de fua Santiffima Máy, & da paz que nos promettem as vitorias do feu Rosario. Toda a planta, diz Plinio, sobre a qual se inclinou a Iris, ou Arco celeste, tem o cheiro do Aspalato: *Tradūt in quocunque frutice curvetur Arcus celestis eandem, quæ sit in Aspalatho suavitatem odoris existere.* Em descobrir as causas deste segredo trabalhou com todo o feu engenho Aristoteles, mas como o havia de alcançar quem não teve fê dos mystérios de Christo, & mil & setecentos annos antes da instituição do Rosario? A devoção do Rosario he o cheiro do Aspalato, a que a mesma Senhora se comparou: *Quasi Aspalathus aromatum odorem dedi*: a Iris, ou Arco celeste he o sinal da paz que Deos deu aos homens desde tempo do Diluvio: & todas aquellas plantas sobre que se inclina o Arco celeste cheiraõ a Aspalato, porque he tal a virtude, ou a simpatia como natural que tem o Rosario com a paz, &

Arist.

a paz com o Rosario, que a todos aquelles a quem a Senhora communicou a devoção do feu Rosario, não pôde saltar o Ceo em lhes dar a paz. O Arco celeste he Arco sem corda, & por mais armados que estejão os inimigos, o Rosario os desfarrá de maneira, que da mesma guerra nasce a paz, assim como de David guerreiro nasceo Salamaõ Pacifico: *David autem Rex genuit Salomonem.*

VIII.

482. **T**enho acabado o meu discurso mais largo do que o pedia a festa, se a materia não fora tão importante. Concluo com duas palavras aos nossos soldados: não para afrontar o feu valor animando-os, mas para alentar a fua devoção, & Christianidade, sem a qual não ha feuguro valor. A insignia dos soldados antigamente não consistia na espada, senão no que hoje se chama talî, & entãõ se chamava balteo. Os Moabitas para resistirem
aos

aos exercitos de Israel, & Judá, diz o Texto Sagrado que ajuntarão todos aquelles a quem do hombro pendia o balteo, isto he, toda a gente de guerra: *Convocaverunt omnes, qui accincti erant balteo desuper.* Job para significar como Deos abate, & humilha o poder militar dos Reys, diz que lhe tira, & rompe o balteo: *Qui balteum Regum dissolvit.*

4. Reg. 3. 21. Turno quando matou o Principe Pallante, o despojo com que se honrou de suas armas, foy sómente o balteo, que depois lhe custou a vida: *Humero cum apparuit alto balteus.* Joab soberbo com a vingança dos dous Generaes Abner, & Amasa, o que pintou com o sangue de ambos, foy o seu balteo: *Effudit sanguinem belli in pace, & posuit cruorem praelii in balteo suo.* Finalmente para encarecer a Escritura o extremo com que Jonatas amou a David depois da vitoria do Gigante, diz que lhe deu os seus vestidos, a sua espada, o seu arco, & por ultimo encarecimento até o balteo: *Usque ad balteum.* Tal he a insignia, valerosissimos soldados, que eu quizera recebesteis todos não da mão de Jonatas filho d'ElRey Saul; mas da mão da Rainha dos Anjos, & Mãe do Rey dos Reys. O Balteo da Virgem poderosissima he o seu Rosario. Cõ este lançado a tiracólo, (como tambem David levava o seu curraõ pastoril, em que meteo as pedras) posto que o numero dos inimigos seja taõ aventajado como he, & o vosso muito menor, sem duvida vencereis a todos.

483. No anno de mil & quinhentos & setenta & oito quando mais se desafourou a rebeldia heretica nos Estados de Flandres, profanados os Templos, & os Altares, afrontadas, & quebradas as Cruzes, & Imagens Sagradas, & fundidos os sinos em artilharia, como se tem feito em Pernambuco, os Hereges da populosissima Cidade de Gante formãraõ hum exercito de vinte mil combatentes, com que talavaõ os campos, saqueavaõ as Villas, & destrubiaõ todos os Lugares abertos, & sem

tem defenſa dos Catholicos. No meyo porèm deſte laſtimoſo deſamparo excitou Deos o eſpirito do Conde de Egmont, & de outros ſenhores tão fieis, & obedientes à Igreja Romana como a ſeu Rey, os quaes ſe quizerão oppór à furia dos Hereges; mas não puderaõ ajuntar mais que hum pè de exercito de ſette mil ſoldados inferior em dous terços ao dos inimigos. E que fariaõ com tão deſigual poder? Pintáraõ nas bandeiras a Virgem Senhora Noſſa, & todos aſſim ſoldados, como Capitães lançaõ a tiracólo os ſeus Roſarios, & deſte modo armados ſe puzeraõ na câpanha. Os Hereges vendo o pequeno numero, & as novas, & deſufadas bandas dos que ſe hiaõ a contender com elles, chamavaõlhe por deſprezo o exercito do Padre noſſo; mas os Padre noſſos, & as Ave Marias eſforçáraõ de maneira o ſeu pequeno exercito, que mortos cinco mil dos inimigos, os demais fugindo, ſe acolheraõ à Cidade, donde nunca mais ſe atreveraõ a ſair,

& ficou toda a campanha pelos Catholicos. Isto fez entãõ a Senhora do Roſario, & o meſmo farã em todas as occaſioens, ſe os noſſos ſoldados, poſto que menos em numero, ſeguirem nas bandeiras a meſma inſignia, & ſe armarem das meſmas armas.

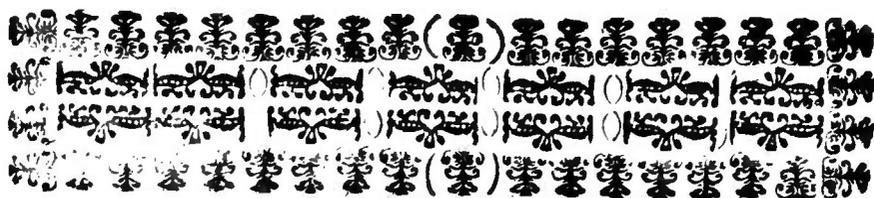
484. E para que vejàõ que não ſó ſaõ offenſivas, ſe não tambeem deſenſivas, que he o primeiro effeito das armas, & o primeiro cuidado, & fim da milicia bem ordenada; ouçaõ breviſſimamête outro caſo não ſó de igual, & mayor maravilha, mas evidentemente milagroſo. Caminhava pelo valle de Alfandech no Reyno de Valença hum Fidalgo por nome Jeronymo Heſpi, & alli o aſſaltáraõ ſeus inimigos muitos, & todos com armas de fogo. Vêdo-ſe ſò, & ſem remedio, invocou o ſocorro da Senhora do Roſario, de quem era muito devoto. E qual feria o ſucceſſo de hum a tão perigofa aſſaltada? Empre-garaõ nelle vinte tiros, de que os veſtidos por differen-

tes partes ficàraõ feitos hum crivo ; mas as balas todas paràraõ entre a roupa , & a carne sem penetrarẽ a pelle , nem lhe tirarem hũa gota de fangue. Tão pouco obràraõ em hum devoto do Rosario vinte tiros , & o mesmo fàriaõ se fossem mil. Oh Virgem poderosissima do Rosario , que agora acabo de entender porque diz Salamão que trazéis ao pescoço mil escudos , como os que estavão pendurados na torre de David : *Sicut turris David collum tuum : mille clypei pendent ex ea.* E que escudos são estes , que a Senhora traz ao pescoço , se-

Cant.
4-4-

naõ as Contas do feu Rosário? As Contas do Rosário não só são cento & cinquenta escudos , senão mil escudos. Vejào logo os nossos soldados quam bem armados iraõ naõ só offensiva , senão defensivamente , se todos levarem a tiracõlo este Balteo militar da Mãy do Senhor dos exercitos. Assim o escreveo Salamão , & assim o demonstra na torre de feu pay David , confirmando ambos tambem por este modo o mysterio , com que disse o nosso Evangelho fallando de ambos : *David autem Rex genuit Salomonem.*





SERMAM XIII.

Assimilatum est Regnum Celorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis. Matth. 18.

Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quae suxisti. Luc. 11.

485.



E alguma cousa faz a vida molesta, se algũa mais que todas faz a morte temerosa, he a conta que todos os homens havemos de dar a Deos. Pouco tinha que temer a morte, se depois della se não seguira o juizo: & facilmente se podia passar a vida, se a não aguardàra no fim o exame riguroso de todos os actos della. Mas como poderà obrar com gosto quem lhe haõ de pedir conta de todas as obras? Como poderà falar com confiança quem lhe haõ de pedir conta de todas as palavras? Como poderà,

nem ainda imaginar com liberdade quem lhe haõ de pedir conta de todos os pensamentos? Isto he o que com temerosas circumstancias nos representa hoje a Igreja no Evangelho proprio deste dia, de que he o primeiro thema, que propuz: *Assimilatum est Regnum Celorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Compara-se Deos nesta Parabola a hum Rey que tomou cõtas a seus servos. E se àquelles que o servem, & de quem se serve, toma contas, não se fiando da fidelidade, & inteireza dos mesmos, de quem confiou

*Matth.
18.23*

fiou feu serviço, vede quam riguroſas ſerão as que tomarã aos que o não ſervem. Servo de Deos era David, & ſervo nascido em ſua caſa:

Pſal.
115.
16.
Ego ſervus tuus, & filius ancille tue: & com tudo tremendo dizia: Non intres in judicium cum ſervo tuo, quia non juſtificabitur in conſpectu

Pſalm.
142.2
tuo omnis vivens; não en- treis, Senhor, em juizo com voſſo ſervo; porque ninguẽ fahirã juſtificado em ſuas contas, ſe vòſhas examina- rades. Servo de Deos era Job, & o ſervo de quem Deos mais ſe fiava, & ſe prezava: Nunquid conſidera- ſti ſervum meum Job? E eſte meſmo Job confeſſava de ſi,

Job 1.
8.
& de qualquer outro homẽ, que ſe entraſſe em juizo cõ- tencioſo com Deos, nenhum haveria que de mil couſas de que Deos lhe pediffe conta, lha deſſe boa de huma só: Si voluerit contendere cum eo,

Job 9.
3.
non poterit ei reſpondere unum pro mille. Assim ſuccedeo neſta Parabola a hum ſervo a quem o Rey tomou contas? Alcançou o não só em mil, ſenão em dez mil talentos; não tendo elle cabedal, nem

remedio para ſatisfazer a menor parte de tamanha di- vida: & eſte he o eſtado em que nos achamos todos.

486. Sò duas Peſſoas houve neſte mundo a quem Deos não alcançou em con- tas, que forão ſeu Filho, & ſua Mã; os quaes nunca contrahiraõ divida, porque nunca peccaraõ. E a felici- dade ſingular deſte meſmo Filho, Chriſto, & deſta meſma Mã, a Virgem San- tiſſima, he o que temos no Evangelho da preſente ſo- lemnidade, de que eu pro- puz o ſegundo thema: *Bea- tus venter, qui te portavit, &*

Luc.
11.27
ubera, quæ ſuſceſti. A razão geral, porque na ſolemnida- de do Roſario canta a Igre- ja eſta breve, & compendio- ſa ſentença, em que os lou- vores do Filho eſtaõ admi- ravelmente tecidos com os da Mã, & os da Mã uni- dos com os do Filho; he porque dos myſterios do meſmo Filho, & da meſ- ma Mã ſe compoem o meſ- mo Roſario. Mas eſta só ra- zão não baſta para dar ſuffi- ciente motivo ao encontro do ſegundo Evangelho com

o primeiro. Se nós formos capazes de nos izentar da conta que Deos toma no primeiro Evangelho, como se izentáraõ della no segundo o Filho impeccavel, & a Máy que nunca peccou; bom reparo nos offerenciaõ as izenções do segundo contra o perigo, & temores do primeiro: mas como todos fomos peccadores, todos entramos na conta dos que a haõ de dar a Deos, & muito rigurosa. Com tudo eu considerando os dous meyo (que logo veremos) com que o fervo do primeiro Evangelho vendo-se taõ alcãçado nas contas, foubé faír bem dellás; acho os mesmos nos mysterios do Filho, & nas intercessoens da Máy, que saõ as duas partes do Rosario, a que o mesmo Filho, & a mesma Máy lançaõ os primeiros fundamentos no segundo Evangelho. Concordados pois hum, & outro, & ajustadas as Contas do Rosario com a conta que havemos de dar a Deos; o assumpto, & titulo do presente Sermão ferá este novo Proverbio. Quem

quizer dar boas contas a Deos, reze pelas do Rosario. A difficuldade do argumento, taõ grande como a novidade delle, necessitaõ de muita graça.

Ave Maria.

II.

487. **C**omeçou o Rey a tomar contas aos criados (diz o Evangelho) & o primeiro a quem as tomou, achou que lhe estava a dever dez mil talentos: *Et cum cœpisset rationem ponere, oblatuſ est ei unus, qui debebat ei decem millia talenta.* Talentos antigamente significavaõ certa summa de dinheiro, grande: hoje os talentos significãõ prestimos; & posto que se lhe mudou a significação, não se variou o significado. Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos, & prestimo para tudo: quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada. E quanto vinhaõ a montar os dez mil talentos, em que o criado do Rey foy alcançado de con-

contas? He cousa digna de affombro, & mais em tempo em que ainda se não tinhaõ descuberto os Potofiz. Segundo a conta Hebrèa, em que Christo fallava, vinhaõ a montar dez mil talentos cento & vinte milhões de ouro da nossa moeda antiga, & de presente duzentos milhões. Pois como he possivel que tivesse taõ grandes thesouros hum Rey, & que hum só criado lhe tivesse roubado tanto? Duas razoens acho no mesmo Evangelho a estes dous muitos, huua da parte do Rey, outra da parte do criado. Da parte do Rey, diz o Evangelho que elle por sua propria pessoa tomava as contas: *Homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis: & cum cœpisset rationem ponere.* E hum Rey que toma as contas da sua fazenda por sua propria pessoa, & não as fia de outrem, não he muito que tenha milhoens a milhares. E se a prova se não pôde ver hoje nos milhoens adquiridos, veja-se nos consumidos, & desbaratados. Da parte do cria-

do diz o Evangelho que o Rey alcançando-o nas contas em taõ enorme quátia, o mandou vender a elle, & a sua mulher, & a seus filhos: *Fussit eum venūdari, & uxorem ejus, & filios.* Isto não o fez o Rey por recuperar o perdido, mas por castigâr o ladraõ; porque depois de tamanha quebra claro està que não havia de haver quẽ dẽsse nada por elle. E porque foraõ tambem vendidos a mulher, & os filhos? Porque a vaidade, & appetites das mulheres, & as larguezas, & loucuras dos filhos faõ hũa das principaes causas, porque os maridos, & pays se endividaõ no que não pòdem pagar, & roubaõ o que não haõ de restituir. E isto baste quanto à historia, & corpo da Parabola.

588. Vindo ao espirito, & interior della, estas dividas faõ os peccados. Assim lhe chamamos no Rosario quando dizemos: *Dimitte nobis debita nostra.* E para hum homem ser devedor a Deos de duzentos milhoens, não he necessario q os peccados se contem a milhares, nem

nem a centos, basta hum só peccado mortal. Esta he a verdadeira, & solida intelligencia da Parabola, & assim a declaraõ sem discrepancia alguma todos os Padres, todos os Theologos, & todos os Interpretes. E que fez o pobrecriado vendo-se tomado, & convencido em tanto excesso de dividas, & não só impossibilitado de cabedal para as satisfazer, mas condenado já pelo Rey a ser vendido, & passar da largueza, & senhorio do estado em que tanto luzia com o alheyo, á miseravel servidaõ de escravo? Valeo-se industriosamente de dous meios, que são os mesmos, (como dizia) de que se compoem as duas partes do Rosario. As duas partes do Rosario mental huma, & vocal outra, compoem-se de mysterios, & orações: nos mysterios valemo-nos dos merecimentos de Christo, nas orações valemo-nos dellas, & da intercessão de sua Santissima Mãe. Aproveitandose pois de semelhantes industrias o servo que tão alcançado se vio nas contas,

com ellas se remio tão inteiramente do que devia, como se as tivera dado muito ajustadas. Vamos ao primeiro Evangelho (que he hum claro, & excellente comentário do que a Igreja, & a festa nos recomenda no segundo) & nelle acharemos huma, & outra industria.

III.

489: **C**onvencido, & condenado o devedor, lançou-se aos pés do Rey, & disselhe estas breves palavras, *Patientiam* Matt. 18 26 *habe in me, & omnia reddam tibi*: Tende, Senhor, paciencia para comigo, & eu vos pagarey tudo o que devo. Isto he letra por letra o que são as palavras, nas quaes se occulta hum mysterio, que descuberto, he altissimo. Parece que este homem havia de pedir misericordia ao Rey, & não paciencia; pois porque não pede misericordia, nem perdaõ do que devia, senão a paciencia do Rey sómente, & de bayxo dessa paciencia lhe promete pagar toda a divida:

da: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi?* Tor- no a dizer que fallou altiffi- mamente. Porque o Rey era Deos, o qual he incapaz de paciencia, porque não pôde padecer: & huma vez que Deos chegasse a pade- cer, & ter paciencia, logo o servo tinha cabedal para lhe pagar toda a divida, & muito mais.

490. Para perfeita intel- ligencia deste grande ponto havemos de fuppor o que resolve, & ensina a Theo- logia sobre duas famofas queftoens. A primeira he se bastava hum puro homem que não fosse Deos para fatisfazer, & pagar de rigor de justiça pelos peccados dos homens? Ao que se ref- ponde com refolução certa, & evidente que não; por- que a paga ha de fer propor- cionada à divida, & o pec- cado pela parte que toca a Deos, a quem offende, he divida infinita. Logo não se pôde pagar com fatisfação de valor infinito, & limitado, qual he o do puro homem; & esta he a razão porque diz o Evangelho que o ho-

mem devedor dos talentos não tinha cabedal para a pa- ga: *Cum non haberet unde redderet.* Supposto pois que homem que ouvesse de pa- gar pelo peccado, necessa- riamente havia de fer Deos; a segunda queftão he, se ba- stava que fosse Deos com carne immortal, & impassivel? Ao que se responde com a mesma certeza que abfolu- tamente bastava; porque as acçoens deste homem Deos, quaefquer que fossem, fem- pre feriaõ de preço, & valor infinito. Supposto porém o Decreto Divino, ensina a Theologia, & a Fè, que de nenhnm modo bastaria: porq̃ Deos tinha decretado de não aceitar outra paga pe- lo peccado dos homens me- nos q̃ a morte, & Payxaõ de feu Filho. E effa foy a razão porque o mefmo Filho de facto incarnou em corpo mortal, & passivel para po- der padecer, como padecco. E como o peccado do ho- mem se não podia pagar fem Deos padecer; por isso o servo devedor vendo-se al- cançado nas contas, & im- possibilitado para a paga,

discreta, & sabiamente disse ao Rey que era Deos: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*: vòs Senhor, que sois impassivel, tende paciencia: & essa vossa paciencia applicaima a mim: *Patientiam habe in me*: que como vòs padecerdes por mim, logo eu terey cabedal para vos pagar quanto devo: *& omnia reddam tibi*.

491. Bem mal cuidey eu, quando dey neste pensamento, que tivesse confirmação para elle; mas depois achey que muitos annos antes o tinha escrito o doutissimo Salmeirão da nossa Companhia, & hum dos primeiros fundadores della. Em fim que se o pensamento não he meu, he nosso. Vão as palavras, que não podem ser mais ade-

Salm. 7. 17. 2. Modus quo quis omnia reddit, est, Deo patiente,

3. *& patientiam habente qui pro nobis in cruce Deo plenè satisfecit.* O modo (diz Salmeirão) com que o peccador paga a Deos as dividas de seus peccados, he só a paciencia do mesmo Deos: porque fazê-lo-se Deos homem passivel, & padecendo pe-

los peccados dos homens; só por este modo pode satisfazer, & satisfas plenariamente por todos. De forte que o nosso descargo todo consiste na sua paciencia: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*. Pois affirmo como o servo do Rey appellou para este unico modo de satisfação, vendose alcãçado nas contas; assim digo que por meyo das contas do Rosario as daremos boas a Deos, porque nellas nos valem do cabedal de sua paciencia, & traspassamos todas as nossas dividas sobre o mesmo Deos feito homem passivel, para que elle as pague por nós com o preço do que padeceo em todos os Passos, & mysterios de sua vida, & morte, que são os que no mesmo Rosario lhe offerecemos.

492. E para que não faça novidade, ou duvida este modo de traspassar as nossas dividas a Christo, para que nós as pagemos nelle, ou elle as pague por nós; ouçamos ao Profeta Nathan. Quando este Profeta arguiu a David do peccado que tinha

2. Reg.
12.13

nha cõmettido contra Deos no adulterio de Bersabè, & morte aleivosa de Urias, como elle arrependido respondeu: *Peccavi Domino*: pequey contra Deos, accrescentou logo o mesmo Profeta: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*: & tãbem Deos, ò Rey, traspassou o teu peccado. Notay a palavra *transtulit*, traspassou..E para onde, ou para quem traspassou Deos o peccado de David? No texto Hebreo ainda está mais claro: *Transire fecit peccatum tuum à te*: fez que o teu peccado passasse de ti. Põis se passou de David, para quem passou? Passou de David para Christo, & este foy o traspasso. A divida era da conta de David, & a paga foy da conta de Christo. No Banco de Amsterdaõ metem alli os Mercadores os seus cabedaes cada hum com a sua conta á parte, & sem se contar dinheiro, sò com hum traspasso se fazem todos os contratos, & se pagaõ todas as dividas, carregando-se na conta de hum o que se tira na do outro. Assim succedeo a

David na divida que contrahio pelo seu peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Pagou a tua divida por via de traspasso, porque a descarregou Deos da conta de David, & a carregou na de Christo. Isto mesmo he o que se faz no Rosario.

493. Mas vejamos primeiro o modo taõ admiravel, como propriamente divino, com que no traspasso de nossos peccados se faz este descargo de nossas dividas. Condenado El Rey Ezequias á morte, alcançou perdaõ de Deos, & os termos, com que lhe rendeo as graças por esta mercè, foraõ taõ extraordinarios como ella: *Tu autem eruisti animam meam ut non periret*, *projecisti post tergum tuum omnia peccata mea*. Eu, Senhor, bem merecia a morte; mas vòs fostes taõ piedoso comigo, que para me livrardes della, lançastes todos os meus peccados detraz de vossas costas. Lançarem-se os peccados de huns às costas de outros, não he cousa nova no mundo, antes a mais

Is. 38.
17.

antiga de todas. Adão lançou a sua culpa ás costas de Heva, & Heva lançou a sua ás costas da Serpente, & todos os filhos de Adão, & Heva para se desculparem a si, lanção as suas culpas ás costas de outros. Isto fazem os homens, & Deos que faz, ou que fez? O que fez a Ezequias só foy huma semelhança do que fez por todos. Para livrar a todos os homens do que lhe deviaõ por seus peccados, tomou os peccados de todos sobre si, & lançou-os ás suas proprias costas. He proposição de Fè definida pelo primeiro Pontifice da Igreja: *Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignū.* Quando Christo levou a Cruz ás costas (diz São Pedro) levou sobre a mesma Cruz todos os nossos peccados para pagar por elles. Daqui se entenderá de passagem a razão, porque Christo ajoelhou com o pezo da Cruz, & o Cyrineo a levou tão facilmente. Porque o Cyrineo levava a Cruz sem os peccados; & Christo levava os peccados sobre a Cruz.

1. *Per*
2. 24

E não he muito que o pezo dos peccados fizesse ajoelhar a Deos, se o fez morrer.

494. Morreo em fim Christo na Cruz, & nella assim como com a morte pagou as dividas dos nossos peccados, assim com o Sangue apagou as escrituras, porque estavamos obrigados ás mesmas dividas. Não he consideração minha, senão testemunho autentico de São Paulo, ou revelação de Christo por boca do mesmo Apostolo: *Delens, 2. 14. quod adversus nos erat, chirographum, & affigens illud cruci.* Quer dizer: que apagou Christo na Cruz as escrituras de nossos peccados, & que assim apagadas as pregou nella. E se alguem me perguntar que escrituras são estas, pelas quaes estamos obrigados ás dividas de nossos peccados? Respondo que alludio São Paulo a hum grande segredo da Providencia, & Justiça Divina metaforico, mas verdadeiro, & he, que todas as vezes que o homem pecca (sem nós o sentirmos, nem saber-

mos.

mos como) escreve cada hum nos livros de Deos o seu peccado como devedor, & por esta escritura fica obrigado à divida, & á paga della. Assim o declara Origenes como taõ verſado nas Letras Sagradas *Unusquisque enim noſtrám in his, quæ deliquit, debitor efficitur, & peccati ſui literas ſcribit.* Estas ſão as Eſcrituras q̄ Chriſto apagou com o ſeu Sangue na Cruz, & estas as dividas dos peccados que tomou ſobre ſi pagando hũas, & apagando outras: *Delens quod adverſus nos erat chirographum.* E como pela paciencia de Chriſto, & pelo que elle padeceo por nõs ſe pagaõ as dividas, & ſe apagaõ as eſcrituras de noſſos peccados, quem eſtiver taõ ſaneado nos livros de Deos quando for chamado a dar contas, como as não hade dar boas?

IV.

495. **I**ſto he o que digo que alcançamos por meyo das contas do Rosario. Mas contra Tom. 5.

esta grande propoſiçãõ te offerece huma grande duvida. A paciencia de Chriſto, & o que elle padeceo foy gèral para todos: & para lograr os frutos deſta ſua paciencia, não baſta que foſſe ſua, he neceſſario que ſeja tambem noſſa. Iſſo quer dizer com ſingular energia aquelle *in me.* Não baſta que Chriſto tiveſſe paciencia, & padeceſſe: *Patientiam habe;* mas he neceſſario que eſta paciencia ſe paſſe a nõs, *in me,* & que ſeja, & a façamos tambem noſſa. Logo reſta o ponto principal, & mais difficuloſo, que he moſtrar como por meyo do Rosario fazemos noſſa a paciencia, & Payxaõ de Chriſto, & com ella como com cabedal noſſo pagamos as dividas de noſſos peccados: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi.* Torno a dizer que bem apertadas as contas do Rosario tudo iſto fazem. Para fazermos noſſos os eſſeitos da paciencia, Payxaõ, & morte de Chriſto, aponta, & requiere São Paulo duas condiçoens: a *1. Co* *1.24*
Ff iij pri-

Rom.
8.17.

primeira a memoria; *in meã cōmemorationem*: a segunda, a compayxaõ; *si tamen compatimur*. De maneira que a nossa memoria fiz nossa a sua Payxaõ, & a nossa compayxaõ faz nossa a sua paciencia. E tudo isto he o que faz o Rosario, ou nõs fazemos nelle; porque o Rosario mental, ou a meditação do Rosario não he outra coufa, senão hũa memoria affectuosa, & compassiva do que Christo padeceo por nõs.

496. Ao Divinissimo Sacramento do Altar canta a Igreja: *O sacrum convivium, in quo Christus sumitur*. E logo declarando o que Christo alli fez da sua parte, & nõs da nossa, diz que nõs repetimos a memoria de sua Payxaõ, & elle nos dà a graça, & a gloria, & a si mesmo em penhor della: *Recolitur memoria Passionis ejus, mens impletur gratiã, & futura gloria nobis pignus datur*. Eu não me admiro que a Cruz de Christo seja huma arvore tão alta, que tendo as raizes, & o tronco na terra, chegue com os ramos ao

Ceo, & là dé os seus frutos; mas he excessõ digno de toda a admiração que para nõs colhermos os frutos da sua paciencia bastem lõas atensões da nossa memoria. O fruto principal da paciencia, & Payxaõ de Christo he o perdaõ dos peccados, que coisiste na graça, & o premio da graça, que coisiste na gloria, huma, & outra adquirida com sua morte, & comprada com seu Sangue: & sendo essa divida verdadeiramente infinita, que nos não peça Christo em paga della mais que a nossa memoria: *Recolitur memoria Passionis ejus?* Aqui veremos a conta em que Deos tem as contas do Rosario. O primeiro acto da meditação do Rosario não he mais que hũa memoria repetida do que Christo fez, & padeceo por nõs: & estima Deos tanto a repetição desta memoria, que nos dà por ella o preço de toda a sua Payxaõ. Christo entra com a sua Payxaõ, & nõs com a nossa memoria: mas he muito para notar que nõs entramos como quem paga,

&

& Christo como quem deve. Provo. Porque o mesmo Christo se nos dá por penhor a si mesmo; *nobis pignus datur*: & quem dá os penhores he o que se confessa por devedor. Logo se entrando Christo com a Payxaõ da sua Cruz, & nõs com a memoria do nõsso Rosario, nõs entramos como quem paga, & Christo como quem deve; vejaõ os que levaõ as suas Contas no Rosario se as daraõ boas, & mais que boas quando lhas pedirem.

497. Comprida a primeira condiçaõ da memoria, segue-se a segunda da compayxaõ: *Si tamen compatimur*. Mas assim como o primeiro acto da meditaçaõ do Rosario he lembrarmõnos do que Christo padeceo por nõs, assim o segundo, & mais affectuoso he compadecerino-nos de suas penas. Saõ Paulo, a quem podemos chamar o Apostolo da Payxaõ, porque sempre prégava a Christo Crucificado, o que nos pede em agradecimento della, he que sintamos em nõs o que Christo sentio em si. Isto fig-

nificaõ aquellas palavras: *Hoc enim sentite invobis, quod & in Christo Jesu, id est, Phil. quod Christus Jesus in se ipso* 2. 5. *sensit*? Assim o declara com mayor expressaõ o Texto Syriaco, & assim o faz o Rosario mental, cuja memoria naõ he só especulativa, & secca, mas pratica, compasiva, & sentida. Sentimos em nõs, & em Christo o que elle sentio em si, & por nõs. E que se segue daqui? Segue-se que compadecendo-nos das suas penas, as fazemos nossas Assim o diz o mesmo Apostolo. No tempo da primeira perseguiçaõ da Igreja huns Christãos estavão prezos para o martyrio, outros estavão livres; & diz Saõ Paulo com authoridade do Espirito Santo que os de fóra eraõ companheiros dos mesmos trabalhos com os de dentro. E porque? Porque os de dentro padeciaõ em si, & os de fóra compadeciaõ-se delles: *In altero autem socii taliter conversantium effecti: nam & vincetis compassi estis*. Notavel razaõ outra vez. *Nam & vincetis compassi estis*. Cõ-

padeceisvos do que padecem os Martyres, pois sois companheiros do seu martyrio, & tão Martyres como elles. Porque elles sendo atormentados, padecem as suas penas, & vós compadecendo-vos delles, fazeis as suas penas vossas. Tal he, & nada menor a energia literal daquella razão: *In illis vos passi estis, quia ipsorum ærūnas, & passiones per compassionem vestras fecistis*, commenta o A Lapide. E se a payxão, & a compayxão reciprocaõ de tal forte as penas que as que são proprias de quem padece, quem se compadecce as faz suas; daqui se segue que a Payxão de Christo na Cruz, & a nossa compayxão no Rosario, ou são divida commua, ou paga cõmua. Se são paga, não devemos; se são divida, não temos que pagar; porque encontrando hũa divida com a outra ficaõ as contas ajustadas, & de qualquer modo as damos boas.

493. Ha mais duvida contra o Rosario? Ainda resta huma neste ponto que mais parece por elle. Os

mysterios do Rosario não são sò os dolorosos, senão também os gozofos, & os gloriosos: logo quem sò disse, *patientiam habe in me*, parece que disse pouco. Não disse pouco, mas quando o dissera, ainda ficava mais seguro ao Rosario o dar boas contas; porque das tres partes do cabedal lhe sobejavaõ duas. Não he menor satisfação das obrigações o *gaudere cum gaudentibus*, que o *flere cum flentibus*. Se nos mysterios dolorosos nos doemos com Christo de suas dores, nos gozofos nos gozamos de seus gostos, & nos gloriosos nos gloriamos de suas glorias, & tudo isto accresce à satisfação das dividas. Mas o certo he, que quem disse sómente; *patientiam habe in me*, não disse pouco, antes comprehendio tudo. Não sò padeceo Christo nos mysterios dolorosos, mas também aos gozofos, & gloriosos se estendeu a sua paciencia; porque nem os gozofos, nem os gloriosos, que he mais, forão em Christo izentos de Cruz. *Qui vult venire post me,*

Rom. 12.15

Matt. 16.24

Corn. ibi

me, tollat crucem suam, & sequatur me: quem quizer vir apos mim (diz Christo) tome a sua Cruz às costas, & sigame. E quando prégou o Senhor este defengano, ou quando lançou por si mesmo este famoso pregaõ, & onde, por ventura em Jerusalelem no dia de sua Payxão quando hia com a Cruz às costas? Não, fenaõ dous annos antes, como consta da chronologia dos Evangelistas. Pois se Christo ainda não tinha tomado a sua Cruz às costas, como diz que a tomem todos os que o quizerem seguir? O Texto de São Lucas ainda aperta mais a duvida, porque diz: *Tollat crucem suam quotidie*: tome a sua Cruz às costas todos os dias. Pois se Christo não tomou a sua Cruz às costas mais que hum sò dia, como diz aos que o quizerem seguir que a tomem a seu exemplo todos os dias: *Tollat crucem suam quotidie, & sequatur me?* A resposta parece difficultosa, mas he muito clara. Porque Christo em todos os dias de sua vida nenhum teve em que

Luc. 9
23.

naõ trouxesse às costas a tua Cruz. Assim o fadou deide o berço o Profeta Ifaias, que logo alli quãdo o annunciou nascido, nolo deu tambẽ menino, mas já com a Cruz aos hõbros: *Puer natus est nobis, & filius datus est nobis, cujus imperium super humerũ ejus.* ^{If. 9} Naõ sò deide Belem atè o Calvario, mas de Belem atè o Ceo sempre Christo, & sempre com Cruz. Com Cruz nos mysterios dolorosos, com Cruz nos gozofos & com Cruz atè nos gloriosos; que por isso levou ao Ceo as Chagas, & de lâ ha de trazer a Cruz.

499. A razão porque Christo reservou as suas Chagas, & as levou ao Ceo, foy para sempre estar allegando por nõs, & com ellas, presentando-as a feu Eterno Padre como justo, & superabundante preço de nossos peccados. Isto dizem communmente os Santos: & battava que o ajustamento das nossas dividas tenha taõ bom Procurador, & com o preço de contado, & em taõ boa moeda, para que sayamos bem das contas. Mas S.

João

1. *Joan*
2. 1.
João Evangelista, que como Aguia sempre voa por cima de todos, ainda o disse com mais alto pensamento: *Hæc scribo vobis ut nõ peccetis, sed & si quis peccaverit, Advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum justum.* Douvos estes documentos (diz o Evangelista na sua primeira Epistola) para que não pequeis; mas se algum peccar, Advogado temos diante do Padre Jesu Christo justo. Notaveis palavras, & he lastima que se não tenha reparado nellas o que mais se deve notar. Anima São João aos que peccarem com a confiança de que tem no Ceo a Christo, que he Advogado justo. E q̃ importa que o Advogado seja justo, se o Reo he peccador? Se hum Reo fosse accusado de ladraõ, ou de homicida, ou de perjuro, seriaõ boas Contraditas do Advogado que o defendesse, dizendo: Provarã que o Advogado do Reo não furtou, provarã que o Advogado do Reo não matou, provarã que o Advogado do Reo não jurou falso. Pois se este modo inaudito

de advogar seria hũa coufa illusoria, & mais de riso, que de defesa, como nos anima São João com dizer que se peccarmos, o nosso Advogado he justo? Que importa que o meu Advogado seja justo, & innocente, se eu sou culpado?

500. Importa tanto, quando o Advogado he Christo, quanto vay de ser culpado a ser justo. E porque? Porque Christo não nos livra pela nossa justiça, senão pela sua. Divinamente São Paulo, como se o Apóstolo cõmentára o Evangelista: *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit, ut nos efficeremur justitia Dei in ipso.* Christo sendo justo, fez-se peccador com os nossos peccados, para que nós sendo peccadores ficássemos justos com a sua justiça. E como os Reos para com Deos se fazem justos, não pela justiça propria, senão pela do seu Advogado Christo, *ut efficeremur justitia Dei in ipso*; por isso São João anima aos que peccarem com a confiança de que o seu Advogado he justo: *Et si*

si quis peccaverit, advocatum habemus Jesum Christum justum Esta he a justiça que elle allega no Ceo, offerecendo a seu Padre em paga das nossas dividas o preço de suas Chagas; & esta he a que nós allegamos em todo o Rosario, offerecendo com as mesmas cinco Chagas não só os cinco mysterios dolorosos, mas também os cinco gozofos, & os cinco gloriosos, em que nós temos tanta parte de justiça, como Christo teve de paciencia. E por isso tão confiados de dar boas contas como quem só pedio a mesma paciencia para as suas: *Patientiam habere in me, & omnia reddam tibi.*

501.

A Tê qui temos visto na parte mental do Rosario a primeira industria com que o servo do Rey alcançado nas contas as deo boas. Passemos agora à parte vocal, & nella acharemos a segunda, se na efficacia igualmente poderosa, na facilidade mais prompta. Foy tão grandioso o Rey, (como quem re-

presentava a Deos) que vendo o servo a seus pés, lhe perdoou graciosamente toda a divida. E porque motivo, que não devia ser pequeno, sendo a indulgencia tão grande? O mesmo Rey o declarou: *Omne debitum dimisi tibi quonia rogasti me,* ^{Matt. 18.32} perdoeyte toda a divida, só porque me rogaste. Não ha motivo mais efficaz para Deos perdoar, que da nossa parte o rogar. Isto he o que fazemos em ambas as orações do Rosario vocal. No Padre nosso rogamos a Deos que nos perdoe as dividas de nossos peccados: *Dimitte nobis debita nostra;* na Ave Maria rogamos à Mãe de Deos que rogue por nós peccadores: *Ora pro nobis peccatoribus.* E para que vejamos com os olhos esta grande efficacia do rogar, combinemos este mesmo passo em que estamos com outro do mesmo genero de Rey a Rey, de servo a servo, & de talento a talentos.

502. Fazendo huma jornada larga este mesmo Rey, encomendou certa quantia de talentos a varios servos seus,

flus, & a hum delles hum só talento. O intento era para que os servos em sua ausencia negociassem com este cabedal, que he a segunda razão de o Rey ser tão poderoso, & tão rico. Rey, & Reyno sem comércio, ou com o comércio defavorecido, nunca será opulento. Tornou da jornada o Rey, & como elle por si mesmo tomava as contas da sua fazenda, chegando ao servo, a que encomendára hum só talento, achou que o tinha muito bem guardado, mas que não tinha negociado com elle. E como o tratou? Não só o reprehendeo aspera, & afrontosamente, mas privado do talento, & do officio o lançou do seu serviço. Ponhamos agora hum caso à vista do outro. Se no primeiro caso este mesmo Rey perdoa tão facilmente a hum servo que lhe tinha roubado dez mil talentos; a estoutro servo que lhe não tinha roubado o talento, que era hum só, antes o tinha muito bem guardado, porque o castiga tão asperamente só por lhe faltar com a ganancia? A

razão consta do Texto. Porque o primeiro servo rogou, o segundo não rogou. O primeiro pedio perdão do seu roubo, o segundo não pedio perdão do seu descuido. E vay tanta differença diante de Deos de quem roga a quem não roga, que a quem roga perdoa o roubo de dez mil talentos, & a quem não roga, nem a ganancia de hum só talento perdoa. Julgay agora se aos que rezaõ o Rosario, & tantas vezes o rogaõ, & lhe pedem perdão das suas dividas cada dia, se lhas levará em conta.

503. O perdoar em Deos, he acto da sua misericordia, & dando-lhe David as graças de lhe ter perdoado seus peccados; diz assim: *Benedictus Deus, qui p. 65. non amovit orationem meam, 20. & misericordiam suam à me.* Bendito sejas, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração, nem a vossa misericordia. Só David que o soube dizer, podera ponderar dignamente este admiravel Epifonema com que acaba o Psalmo sessenta & cinco. De maneira que quando pedimos

dimos perdão a Deos de nossos peccados, & elle nos perdoa, primeiro lhe havemos de dar as graças da nossa oração, que da sua misericordia? Sim. Porque anda tão atada a misericordia com que Deos nos perdoa á oração com que nós o rogamos, que quando nos concedeo a oração para o rogar, já nos seguiu a misericordia com que nos perdo: *Non amovit orationem meam, & misericordiam suam a me.* Não se deixe passar sem reparo a propriedade da palavra *non amovit*, não apartou de mim a minha oração, nem a sua misericordia. E porque diz, *non amovit*, não apartou? Porque quando Deos aparta de nós a sua misericordia porque não nos quer perdoar, primeiro aparta de nós a nossa oração porque o não podemos rogar. Excelente, & formidavel prova no Profeta Jeremias. Tres vezes em tres Capitulos diferentes diz Deos ao Profeta Jeremias estas mesmas pala-

Jerem.

14.11

7.16

13.14

avras: *Noli orare pro populo isto* não queiras orar por este Povo. *Noli orare pro populo*

isto: não queiras orar por este Povo. *Noli orare pro populo isto*: não queiras orar por este Povo. E porque com tantas repetições, & tantas cautelas? Porque Deos, como consta dos mesmos lugares, tinha decretado definitivamente de não perdoar ao Povo, & de o castigar sem remedio, & como tinha apartado d'elle a misericordia, era necessario apartar tambem d'elle a oração. Se Jeremias chegasse a rogar, sabia Deos de si que não podia deixar de perdoar: pois tapese-lhe a boca huma, duas, & tres vezes á oração, para que não possa rogar. Oh que consolação tão grande para os devotos do Rosario, que tantas vezes repetem as suas orações cada dia, & que desconlolação pelo contrario tão tremenda para os que as não tomaõ na boca? Os que oraõ, querlhes Deos perdoar, os que não oraõ, parece que não quer.

504. Certo que não fey que conta lhe fazem, nem que conta esperaõ de dar a Deos os que tendo tantas dividas quantos são os peccados,

cos, se não valem dos the-
souros da misericordia divi-
na, cuja chave he a oraçãõ.
O servo alcançado nas con-
tas, porque se vio sem ca-
bedal para a paga, *cum non*
haberet unde redderet, recor-
rendo à misericordia do
Rey supprio a falta do que
não tinha com o perdaõ da
divida que alcançou. Tão
facilmente paga quem deve
a Deos: & tanto valor tem
diante da suprema Magesta-
de o rogar. Quem não tem
roga, & o mesmo não ter
nos deve dar mayor confian-
ça para orar a Deos; porque
o rogar, & não ter, he orar
duas vezes. Onde o nosso
Texto lê: *Desiderium paupe-*
rum exaudivit Dominus, diz
o original Hebreo com ma-

Pf. 10. yor energia, *vacui a tem pau-*
17. sc- *perum*: que ouviu Deos o
cund. não ter dos pobres. Se Deos
Hebr. ouve o não ter, parece que
o não ter tambem tem voz?
Para os ouvidos de Deos
fim: porque tanto ouve
Deos os silencios do não
ter como as vozes do orar.
Quem ora, roga huma vez:

Matt quem ora, & não tem, duas.
18.32 *Quoniam rogasti me*, foy hũa

oraçãõ do servo: *cum non ha-*
beret unde redderet, foy ou-
tra: & porque se ajuntáraõ
ambas, por isso impetráraõ
com tanta efficacia.

505. Daqui se entende-
rá aquelle singular reparo
com que David celebra a
Providencia, & piedade de
Deos no sustento d s filhi-
nhos dos corvos: *Qui dat* *Psal.*
jumentis escam ipsorum, & *146.*
pullis corvorum invocantibus
eum. Deos, diz o Profeta,
não só sustenta os animaes
da terra, & as aves do ar, se-
nãõ tambem aos filhos dos
corvos que o invocaõ. Nesta
ultima exceiçãõ està o repara-
ro. Se Deos sustenta igual-
mente a todos os animaes
assim da terra, como do ar, &
no numero das aves entraõ
tambem os corvos, que mais
tem não elles senãõ os seus
filhos, para que só destes se
diga que invocaõ a Deos:
Et pullis corvorum invocan-
tibus eum? Sabeis o que tem
demais? Tem o não ter. Os
filhos dos animaes da terra,
em nascendo, tem aparelha-
do o pasto: os das aves tem
o cuidado dos pays que
lho buscãõ, & trazem ao ni-
nho:

inho : só os dos corvos carecem de tudo isto. São Gregorio , & Santo Thomás dizem que os corvos não acodem ao sustento dos filhos , porque ainda os não vem vestidos das pennas negras como as suas. E não será a primeira vez no mundo , em que mais se reconhecem os parentes pelo vestido , q̄ pelo sangue. Aristoteles , & Eliano dizem q̄ he pela crueldade natural do corvo, ou pelo seu esquecimento tambem natural, que não he menor crueldade. Mas sejaõ estas , ou qualquer outra a verdadeira causa , o certo he que os filhinhos dos corvos naquelles dias não tem sustento com que se alimentar, nem tem pays que lho procurem , nem tem outro remedio para a vida. E porque são singulares neste não ter , por isso tambem singularmente se diz delles que sendo irracionaes invocaõ a Deos , & lhe fazem oraçaõ ; porque aquelle mesmo não ter he orar : *Et pullis corvorum invocantibus eum.*

506. E se isto fazem aquelles animaesinhos sem

uso de razaõ, nõs q̄ igualmente reconhecemos as nossas dividas, & o nosso não ter, porque não ajudaremos com elle a efficacia de nossas oraçoens ? E porque não tere-mos grande confiança , que nos acudirá nesta falta aquella immensa Bondade , que acode á dos corvos? Peores são que os corvos os que tiraõ os olhos aos homens pela paga do que lhes devem, & se sustentão, & crescem cõ as usuras do alheyo, & com tudo Christo Senhor nosso diz que tendo hum destes usurarios dous devedores, hum que lhe devia cinquenta dinheiros, & outro quinhentos, a ambos perdeu toda a divida. E porque motivo ? Sem nenhum outro motivo , nem interesse fenaõ porque não tinhaõ com que pagar: *Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisque.* Pois se a razaõ sómente de não ter move tâto as entranhas do mayor avarento, quanto mais as da misericordia , & liberalidade Divina ? Conheçamos pois diante de Deos a miseria do nosso cabedal, & que não

Luc. 7
42.

nao temos com que pagar as dividas de nossos peccados: & logo prostrados diante do Tribunal de tua infinita misericordia, digamos huma, & muitas vezes, como fazemos no Rosario: *Dimitte nobis debita nostra*: & desta maneira suprimdo a paga cõ o perdão, não poderão deixar de ser muito ajustadas as contas que lhe dermos. He verdade que todas as nossas dividas estão lançadas nos livros de Deos, como acima dissemos; mas como diz S. Bernardo, tambem Deos tem outro livro em que manda lançar as nossas oraçoens; porque melhor que nós conhece o preço dellas: *Nemo vestrũm fratres, parvi pendat orationem suam, quia ipse ad quem oramus, non parvi pendit eam. Priusquam egressa sit de ore nostro, ipse scribi jubet eam in libro suo.* Irmãos, diz São Bernardo, nenhũm de vós faça pouca conta das suas oraçoens, porque aquelle mesmo Senhor a quem oramos, faz tanta conta dellas; que primeiro q̃ fayaõ da nossa boca, as manda escrever no seu li-

D.
Bern.
Serm.
5. in
Qua-
drag.

vro. E se quando Deos nos tomar contas defronte do livro das dividas apparecer o das nossas oraçoens; sem duvida ouviremos da boca do mesmo Deos o que ouvio o servo da boca do Rey: *Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me.*

VI.

507.

E Se os rogos, & as oraçoens do servo, (tiremos nõs agora a consequencia) se os rogos, & as oraçoens do servo tanto alcanção da liberalidade do Senhor: os rogos, & as oraçoens da Mãy quanto alcançaraõ da piedade do Filho? Quando rezamos o Rosario depois que huma vez rogamos a Deos que nos perdoe as nossas dividas, *dimitte nobis debita nostra*, logo na Ave Maria rogamos dez vezes à Mãy de Deos, que rogue, & interceda por nõs, *ora pro nobis peccatoribus*, fiando dez vezes mais da sua intercessão que da nossa oração. E note-se que a Deos pedimos nos perdoe as nossas dividas, que são os nossos peccados, & à Mãy de Deos pedimos que rogue por nõs, não como

mo enfermos, ou como pobres, ou como necessitados de qualquer outro remedio, senão sò como peccadores, *pro nobis peccatoribus*; porque sò aqui estã o perigo, & sò este deve de ser o nosso cuidado, & o nosso temor, que tudo o demais importa pouco.

508. Com quanta razão pois insiltimos tanto, & tão repetidamente no Rosario em implorar a intercessão da Virgem Senhora nossa; se eu agora me puzesse ao provar, ou persuadir geralmente, seria materia infinita. Pelo que reduzindo-a toda aos termos precisos em que estamos; digo que nelles mais particularmente devemos pôr toda a nossa confiança na intercessão da mesma Virgem Maria. E porque? Porque sendo o nosso requerimento perdaõ de dividas, se nós fomos devedores a Deos, Deos tambem he devedor à nossa intercessora. O primeiro que sahio a luz com este altissimo pensamento depois seguido de todos, foy o anti-quissimo São Methodio, o

Tom. 5.

qual fallando com a mesma Senhora, lhe diz assim: *Erge* Meth. Serm. de Purificat.
quæ debitorem habes eum, qui omnibus mutuatur; Deo enim universi debemus, tibi v. autem etiam ille debet. Para bem vos seja, Virgem poderosissima, o ser vosso devedor aquelle que dà tudo a todos: porque todos devemos a Deos, & a vòs arê o mesmo Deos deve. E que deve Deos á Virgem Maria? Develhe o ser humano, o qual Deos de antes não tinha, & só o teve (diz o mesmo Santo) depois que vòs, Senhora, lho emprestastes: *Tu enim admirabilem Incarnationem, quam aliquando non habuit, Deo mutuo dedisti.* Idem Meth. orat. ad Hipp. Dom. Emprestastes, diz; & não deistes, com grande energia Methodio, porque o que se dá, faz obrigado, o que se empresta, devedor. Nem se pòde responder que este emprestimo o pagou logo Deos de contado á mesma Senhora, dizendo que se ella deu a Deos o ser de homem, elle lhe deu o ser Mãe de Deos; porque o mesmo ser Mãe, he divida que sempre se deve, & nunca se paga. Por isso

Gg disse

disse Aristoteles que entre todas as dividas só ha huma que se não pôde pagar , que he a que devem os filhos aos pays , porque delles receberam o ser. Sendo pois Deos devedor a sua Mãy , & nós devedores a Deos , que melhor intercessora podemos ter para o perdão das nossas dividas que a unica acreedora de quem Deos he devedor ? Pedir a quem me deve mais he demandar que pedir.

509. Mas não paraõ aqui os motivos da nossa confiança. Ainda se ajunta a elles outro nada menor no mesmo genero ; porque se Deos he devedor a sua Mãy , sua Mãy he nos devedora a nós. E porque titulo ? Por dous. O primeiro, o mesmo que nós allegamos quando dizemos : *Ora pro nobis peccatoribus* ; porque se nós não fomos peccadores , não fora a Virgem Maria Mãy de Deos. O segundo , pela caridade maternal da mesma Senhora com que ella se fez devedora de todos os homens sem excluir a nenhum: *Maria omnibus sapiētibus, &*

insipientibus copiosissima charitate debitrice se fecit , diz São Bernardo. De maneira (recolhamos agora tudo) de maneira que nós somos devedores a Deos: Deos he devedor a sua Mãy , & sua Mãy he devedora a nós. Nós devedores a Deos : *Dimitte nobis debita nostra* : Deos devedor a sua Mãy : *Deus etiam tibi debet* : sua Mãy devedora a nós : *Omnibus debitrice se fecit*. E que se segue daqui ? Que nem a Virgem pôde deixar de pedir o nosso perdão , porque nos he devedora : nem Deos lhe pôde negar o perdão , porque lhe he devedor : nem nós alcançado o perdão devemos outra paga a Deos , de quem eramos devedores. Os Antigos fingiaõ tres Deosas , a que chamãraõ Graças , as quaes com as mãos dadas entre si em hum triangulo , huma pedia, outra dava; outra pagava. E as tres Graças que lá craõ fabulosas , aqui são verdadeiras. A Mãy pede , o Filho dá , & nós pagamos. E se o perdão das dividas he paga equivalente , sendo chamados à conta os devo-

devotos do Rosario com as dividas pagas, vede se daraõ boas contas.

510. Mas ainda nesta somma não entraõ as outras dividas que Deos deve a sua Mãy, & nõs lhe offerecemos no Rosario. Em todos os mysterios do Rosario nenhum ha em que Deos não devesse a sua Mãy, ou sua Mãy não obrigasse a Deos com alguma grande divida. Na Encarnação, não fallando no ser que lhe deu, deveo Deos a sua Mãy a morada de nove mezes dentro em suas entranhas. Na Visitação, a diligencia do caminho, & a aspereza delle. No Nascimento, o leite dos Peitos virginaes, as faxas em que o envolveo, & as palhinhas do berço. Na Presentação ao Templo, a obediencia, a offerta, & a espada de Simeão. No desapparecimento em Jerusalem, o susto, as ancias, & afflicção de tres seculos em tres dias. Na Agonia, & Prisão do Horto, a consideração, & a ausencia. Nos açoutes, & na coroação, a presença, & a vista. Nos Passos da Cruz

às costas, o pezo de a não levar, & a companhia. No Calvario a Cruz de ambos, na morte o ficar com vida, no descendimẽto os braços, & no enterro a sepultura. Na Resurreição a alegria. Na Ascensão as saudades. Na vinda do Espirito Santo os excessos do amor. E na mesma Assumpção, & Coroação, em que parece que pagou o Filho á Mãy todas as dividas, tambem lhe ficou novamente devedor, porque ella só lhe fez mayor theatro no Ceo que todos os Bemaventurados juntos, & porque antes da glorificação da Mãy, nem o Filho esteve inteiramente g'orificado, como bem ponderou Guerrico Abbade: *Nec satis glo-*

rificatus mihi videbor, donec tu glorificeris. *Guer. Serm. 4. de Assup.* Somme agora todas estas dividas a mais rigurosa Arithmetica; multi-

PLICANDO hũas, & deminuindo outras, & depois de contadas nos mysterios do Rosario as que Deos deve a sua Mãy, & descontadas pelo mesmo Rosario as que nõs devemos a Deos, quão certo seja que no encontro de

hũas, & outras contas as daremos boas, não quero que o conjecture o nosso discurso, mas que a mesma Senhora do Rosario nolo ensine, & demostre.

VII.

: 511.

Houve hum Mercador grande usurario chamado Jacob. Não dizem os Annaes Dominicanos em que terra fosse; mas Mercador, & Jacob bem se deixa ver de que nação seria. Esta circumstancia porèm para com a Mãy daquelle Filho, que tambem he Filho de David, & Filho de Abrahaõ, nenhũa differença faz entre os homens. Cada hum diante de Deos não he da lingua que falla, senão da Fè que professa: *Non est distinctio Judæi, & Græci*. Era Jacob Christaõ na Fè, mas mau Christaõ na vida; porque a

Rom. trazia engolfada nas ondas, & *10.12* embarçada nas redes daquelle mar, em que se pesca a fazenda alheya, & não se lava a consciencia propria. Tinha com tudo huma boa

parte, que era ser muito devoto do Rosario, o qual rezava todos os dias. E como cada decada do Rosario consta de dez Ave Marias, & hũ Padre nosso, cada dia offerecia a Deos quinze onzenas: o mesmo que roubava aos homens com as suas usuras. O mayor privilegio que Deos concede aos esmole-res, & aos que emprestaõ o seu dinheiro sem interesses, he que disporaõ as suas contas antes de as darem em juizo. Assim o promette expressamente o mesmo Deos por boca de David: *Jucundus homo qui miseretur, & commodat, disponet sermones suos in judicio*; onde o texto Gre- *Psalm.* gollè, *disponet rationes suas*. *111.5* E he couza maravilhosa que alcance hum onzeneiro o que Deos promette ao esmoler, & que haja de gozar o que não empresta hum real sem usuras o privilegio dos que emprestaõ de graça. Mas estes saõ os poderes do Rosario. Estava Jacob rezando o seu Rosario hum dia, quando ouviu huma voz que lhe dizia, chamando o por seu nome: *Jacobe, redde rationem*

Filio meo: Jacob, dà conta a meu Filho. A meu Filho disse, para que entendesse Jacob que a voz que lhe fallava era da Mãy do supremo Juiz a Virgem Senhora Nossa. Ouvindo aquella voz como se fora hum trovaõ do Ceo, ficou tremendo o devoto usurario, diz a historia, mas como tinha mais entranhada a cubiça que a devoção, ainda que mudou, & melhorou em parte a vida, não restituhio o que devia.

Quando São Paulo prégou ao Presidente Felis a Fè do dia do Juizo, diz o Texto Sagrado que Felis ficou tremendo: *Disputante autem illo de judicio futuro, tremefactus Felix.* E quaes foraõ os effeitos deste tremor? Disse a São Paulo que outro dia fallariaõ, & accrescenta São Lucas) *Sperans quòd pecunia ei daretur à Paulo*: que o intento do Presidente não era para que São Paulo lhe tornasse a fallar na conta, senão para que o peitasse com algum dinheiro. Pois homem não Felis, senão mal aventurado, tremes da conta que has de dar

Tom. 5.

a Deos, & ainda te lembras de adquirir dinheiros injustos? Taõ difficultosa he de arrancar a cubiça onde tem lançado raizes.

512. Adoecco mortalmente Jacob, mas nem com se ver às portas da morte, acabava de restituir. Senão quando em hum paracismo se achou subitamente diante do Tribunal Divino não morto, senão vivo. Este foy o segundo privilegio, ou milagre do Rosario, em que se dispensou com Jacob nas leys univérfaes de todo o genero humano: *Statutum est hominibus semel mori post hoc autem judicium.* O estatuto universal de Deos he que todos os homens morraõ huma sò vez, & depois da morte dem conta em juizo: & aqui se dispensou, & trocou esta ordem com este homem, sendo taõ mau homem, porque foy levado a juizo não depois da morte, senão antes. E parãrão aqui os milagres do Rosario? Não, porque ainda restava o terceiro, & mayor, & mais importante de todos. Assitia ao pè do Throno de

Gg iij Chri-

Christo São Miguel com as balanças na mão, porque as contas alli não se dão por cifras, se não por pezo. E como de hũa parte se puzessem os peccados q̄eraõ muitos, & gravissimos, & da outra não ouvesse boas obras, nem inteira penitencia que suspendesse o pezo delles, cahio a balança para a parte esquerda, & sem o Juiz pronunciar a sentença, se deu o miseravel Jacob por condemnado. Miseravel lhe chamey, não me lembrando já que era devoto do Rosario. Mas como os seus poderes nunca faltaõ nos mayores a pertos, assim se vio neste ultimo por mais que pareceffe desesperado. Não teve tino Jacob para invocar naquelle tranze a Virgem Santissima, mas lembrada a Senhora de quãtas vezes lhe tinha ouvido, *ora por nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostrae*, na mesma hora, posto que não invocada, lhe acodio com o Rosario na mão, & pondo-o na parte direita da balança, como nelle hiaõ os merecimentos de seu Filho, & seus, pezou

mais que todos os peccados da parte esquerda. Neste póto acordou do paracifmo Jacob, & como Deos ainda quando perdoa as suas dividas, não perdoa as que se devem aos homens, nem basta rezar o Rosario sem restituir o alheyo, este foy o ultimo, & mayor milagre do mesmo Rosario, fazer que o usurario avarento restituiffe o que devia. Satisfeitas pois as dividas dos homens, & perdoadas as de Deos, morreo Jacob, & onde iria a sua Alma? O primeiro Jacob vio a primeira escada, mas não subio por ella. O segundo Jacob mereceo ver a segunda, que he a Virgem Maria, & subindo pelos quinze degraos do seu Rosario, entrou pelas portas do Ceo, de onzeneiro justo, de condemnado absolto, de peccador innocente, & de abominado entre os homens, glorificado entre os Anjos. E neste grãde caso se verificaraõ as duas partes do nosso discurso: ficando para a imitação por exemplo, & para a memoria por proverbio: que quem

quem quizer dar boas contas a Deos , reze pelas do Rosario.

§ 13. Os proverbios, que são evangelhos humanos , fellos a experiencia , & conserva-os a prudencia para doutrina , & direcção da vida , & não para descuydo, como acontece aos nescios, senão para cautela. E este he o fim do que por tantos meynos deyxamos provado na materia de mayor importancia. Entre pois cada hum em si , & pergunte á sua propria consciencia, se Deos o chamasse no estado presente para a conta , qual lha daria? Dos verdadeiros devotos do Rosario, que são os que o rézaõ , & meditaõ attentamente , bem creyo eu que excepto o caso de alguma desgraça , em que tão raro he o cair , como facil o levantar , todos os mais se acharão com as suas contas tão ajustadas , que as darão muyto boas. E a estes sómente advirto que dem infinitas graças a Deos , & a sua Santissima Mãe por tão singular merce ; porque lhe não aconteça como ao ser-

vo do Evangelho , que por ingrato veyo a perder o mesmo perdão , & tornou de novo a contrahir toda a divida , & a pagou sem remedio.

§ 14. Aquelles porêm que se não acharem em estado de dar boas contas, considerem que nas Ave Marias que só rézaõ de boca , quando dizem , *nunc* , & *in hora mortis nostræ* , o *hora mortis* , & o *nunc* , tudo pôde vir junto. Dizemos , agora , & na hora da nossa morte , & se a hora da nossa morte for o agora ? Se a hora da morte não for hora , senão este mesmo momento , como acontece aos que morrem subitamente , ou subitamente perdem os sentidos , sem tempo , nem lugar de arrependimento; que contas podem estes dar , ou que se pôde esperar delles ? Logo , dirà alguem , não he verdadeyro o proverbio , que os que rézaõ o Rosario darão boas contas a Deos ? Sim he , se o rezar o Rosario for tambem verdadeyro. Porque ninguem ha que verdadeyramente reze o Rosario, que

nelle, & nos seus mysterios não considere o muito que deve a Deos, & lhe não peça perdão de suas dividas, como pediu o fervo do Rey, que para a sua misericordia isso basta.

515. Se o usurario, que não rezava o Rosario como devia, morrera do mesmo modo, tambem se havia de condenar. Mas o principio, & fundamento do milagre, & a primeira parte da misericordia que a Virgem Senhora Nossa usou com elle, foy lembrar-lhe em vida, & em laude a conta que havia de dar a seu Filho: *Jacobe, redderationem Filio meo.* O mesmo nos está bradando a cada hum de nós a mesma Senhora todas as vezes que tomamos as contas na mão, nomeandonos por nosso proprio nome: Homem, Mulher, Moço, Velho, Official, Ministro, Vassallo, Rey, não te lembres de mim só por costume, quando passas pelos dedos essas contas; mas lembra-te da conta que has de dar a meu Filho. Por meyo desta lembrança, & deste cuidado he que as con-

tas do Rosario farão que as demos boas a Deos, não só alcançando perdão das dividas passadas, mas absten-do-nos de cōtrahir outras de novo, offendendo, como o fervo ingrato, a tão benigno, & liberal Senhor.

516. Ninguem se vio em mais apertada occasião, & tentação de offender a seu Senhor, que Joseph, & porque se conservou fiel, & resistio tão constantemente? Diz o Texto Sagrado que Joseph se tinha recolhido ao seu aposento para tratar hũ negocio: *absque arbitris*: só comsigo. E accrescentão as

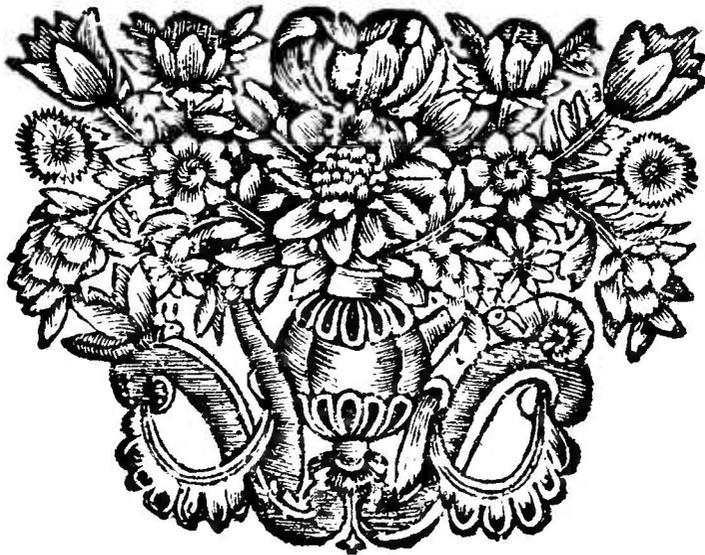
Genes.
39, 11

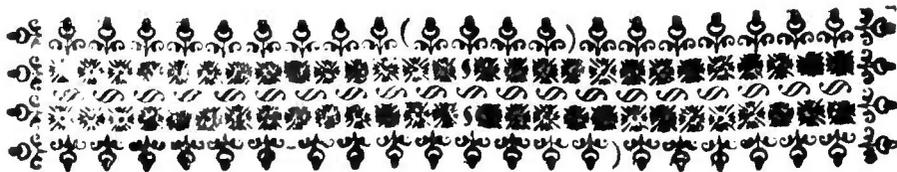
tradições Hebreas que este negocio era rever, & recen-sear as suas contas, como aquelle a quem seu Senhor tinha entregue toda a sua fazenda. Por isso respondeo coherentemente à Senhora, que não era possivel que elle ouvesse de offender a quem tantas obrigaçoens devia. Assim falla, & assim obra quem tem as suas contas diante dos olhos. E se tanta força té a cōsideração de beneficios humanos, qual será a dos divinos, & entre os

divi-

divinos a dos mayores de todos, quacs são os que meditamos no Rosario? Retiremo-nos, como Joseph, só por só comnosco, & com as nossas contas: (que rezar na conversação, ou pelas ruas, ou entre outros divertimentos, he fazer pouca conta de hum exercicio tão sagrado, & do mesmo Deos com quem fallamos.) Consideremos o que lhe devemos em todos, & em cada

hum dos mysterios que obrou por nós. Peçainoslhe com verdadeiro arrependimento nos perdoe as nossas dividas, & com firme resolução de não contrahir outras. E deste modo podemos estar muito certos de sua misericordia, que em qualquer hora que nos chamar, & nos pedir, & tomar contas, com o favor, & protecção de sua Santissima Mãe lhe daremos boas.





SERMAM XIV.

NA BAHIA, A IRMANDADE DOS
 Pretos de hum Engenho em dia de S. Joaõ
 Evangelista, Anno de 1633.

Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
 Matth. 1

I.

517.



Aõ he cousa nova, posto que grande, & singular, que o Evangelista Saõ Joaõ receba em sua casa a Virgem Mãy de Deos, & Mãy sua. Nem he cousa nova que as festas do mesmo Saõ Joaõ as honre, & authorize a Virgem Santissima com a magestade, & favores de sua presença. Nê he cousa nova finalmente que o que havia de ser panegyrico do Evangelista, seja sermaõ do Rosario. Tudo isto que já foy em differêtes

dias, temos junto, & concordado hoje no concurso da presente solêndade. Naõ he cousa nova que o Evangelista Saõ Joaõ receba em sua casa a que he Mãy de Deos, & sua: porque naquelle grande dia em que lhe coube por legado no testamento do Redemptor do mundo, naõ com menor titulo que de Mãy, a que era Mãy do mesmo Christo: *Ecce Mater tua*; logo entaõ *Joan.* & desde a mesma hora rece- ^{19.2;} beo Saõ Joaõ a Senhora em sua casa, para nella a assistir, & servir, como fez por toda a vida: *Et ex illa hora accepit*

cepit eam Discipulus in sua.

E isto he o que torna a fazer hoje o mesmo Evangelista, porque chamando-se em fraze dos sagrados Ritos casa propria de cada hum dos Santos aquelle dia, que a Igreja dedicou à sua celebridade; neste dia, & nesta casa recebe hoje São Joaõ a Senhora, dando-lhe nella o lugar devido, que he o primeiro, & principal. Nem he cousa nova que as festas de São Joaõ as honre, & authorize a Virgem Santissima com a magestade, & favores de sua presença; porque nas bodas de Canã de Galilea o ser São Joaõ o Espoço foy a razão de se achar alli a Senhora: *Et erat Maria Jesu ibi.* E se foy favor da sua piedade, & assistencia a conversão de agua em vinho; não foy menor graça, ou milagre da Virgem das Virgens, que São Joaõ por imitar sua virginal pureza, renunciassse entãõ o matrimonio, & o convertesse em celibato. Finalmente he cousa nova que o que havia de ser panegyrico do Evangelista, seja Sermaõ

Joan.
2.1.

do Rosario; porque como se refere nas historias Dominicanas, indo o Patriarca São Domingos para prègar de São Joaõ em tal dia como hoje, ao tempo que recolhido a huma capella da mesma Igreja se estava encomendando a Deos, lhe appareceo a Virgem Maria, & lhe mandou que deixasse o Sermaõ que tinha meditado de São Joaõ, & prègasse do seu Rosario. Fello assim o grande Patriarca dos Prègadores, & o fruto do Sermaõ, que pelo zelo, & efficacia do Prègador sempre costumava ser grande, pela graça, & virtude de quem o mandou prègar, foy naquella occasião muito mayor, & mais patente com igual proveito, & admiração dos ouvintes.

§ 18. Mas que farà cercado das mesmas obrigações tantas, & tão grandes, quem não só falto de semelhante espirito; mas novo, ou novoço no exercicio, & na arte, he esta a primeira vez que subido indignamente a tão sagrado lugar, ha de fallar delle em publico? Vòs, so-
 Foy o primeiro Sermaõ q̃ o Autor prègou em publico antes de ser Sacerdote.

bera-

barana Rainha dos Anjos, & dos homens, & Mãe da Sabedoria increada, (a quem humildemente dedico as primicias daquellas ignorâncias, que ainda senão podem chamar estudos, como unica Protectora delles) pois o dia, & assumpto he, Senhora, de vossos mayores mysterios, vos dignay de me assistir com a luz, ou sombra da graça, com que a virtude do Altissimo no primeiro de todos vos fez fecunda.

Ave Maria.

II.

§ 19. **T**Emos hoje (por outro modo do que já o disse) tres dias em hum dia, & tres festas em huma festa, o dia, & a festa de São João, o dia, & a festa da Senhora do Rosario, & o dia, & a festa dos Pretos seus devotos. E quando fora necessario termos tambem tres Evangelhos, hum só Evangelho que nos propoem a Igreja, qual he? Posto que largo em nomes, & gerações, he tão breve, & resumido no que final-

mente vem a dizer, que todo se encerra na clausula que tomey por thema: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Se o Sermão houvera de ser do Nascimento de Christo, que he a solenidade do oytavario corrente, não podia haver outro texto, nem mais proprio do tempo, nem mais accomodado ao Mysterio: mas havendo de prégar não sobre este, senão sobre outros assumptos, & esses não livres, senão forçados: & sendo os mesmos assumptos não menos que tres, & todos tres tão diversos; como os poderey eu fundar sobre a estreiteza de humas palavras, q̄ só nos dizem, q̄ Jesu nasceo de Maria: *Maria, de qua natus est Jesus?* Supposto pois que nem he licito ao Prégador (se quer ser Prégador) aparter-se do thema, nem o thema nos offerece outra cousa mais que hum Filho nascido de Maria; multiplicando este nascimento em tres nascimentos, este nascido em tres nascidos, & este Filho em tres filhos todos tres nascidos de Maria Santissima,

ma; esta mesma será a materia do Sermão dividido tambem em tres partes. Na primeira veremos com novo nascimento nascido de Maria a Jesu: na segunda com outro novo nascimento nascido de Maria a São João, & na terceira tambem com novo nascimento nascidos de Maria aos Pretos seus devotos. Dem-me elles principalmente a attenção que devem, & destes tres nascimentos nasceraõ outros tantos motivos com que reconhecçaõ a obrigação que tem de amar, venerar, & servir a Virgem Senhora Nossa, como Mãe de Jesu, como Mãe de São João, & como Mãe sua.

III.

520. **P**Rimeiramente te digo que temos hoje nascido de Maria a Christo Senhor nosso não como nasceo ha tres dias, mas com outro nascimento novo. E que novo nascimento he este? He o nascimento com que nasceo da mesma Mãe daqui a trinta & tres annos, não em Belem, senão em Jerusalem.

Isto he o que diz o nosso texto: & provo. *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*: Maria da qual nasceo Jesu, que se chama Christo. Christo quer dizer unguido, Jesus quer dizer Salvador. E quando foy Christo Salvador, & quando foy unguido? Foy unguido na Encarnaçaõ, & foy Salvador na Cruz. Foy unguido na Encarnaçaõ, quando unindo Deos a si a Humanidade de Christo, a exaltou sobre todas as creaturas como diz David: *Unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis*. E foy Salvador na Cruz, quando por o eyo da morte, & pelo preço de feu Sangue salvou o genero humano, como diz São Paulo: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis: propter quod, & Deus exaltavit illum, & donavit illi nomen, quod est super omnia nomen, ut in nomine Jesu omne genu flectatur*. Logo quando Christo Senhor Nosso nasceo em Belem, propriamente nasceo Christo, mas não nasceo Jesu, nem Salvador: nasceo

Psalm.
44. 8.

Philip.
2. 8.

Christo.

Christo, porque já estava unguido pela uniaõ Hippotatica, com que a Pessoa do Verbo se unio à Humanidade: & não nasceo Jesu, nem Salvador, porque ainda não tinha remido o mundo, nem o havia de remir, & salvar senão em Jerusaleem dahi a trinta & tres annos.

521. Falla o Profeta Isaias do parto virginal de Maria Santissima (como notáraõ São Gregorio Nissenno, & São João Damasceno) & diz assim: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* Na primeira clausula diz que pario a Senhora antes das dores do parto; que isso quer dizer: *Antequam parturiret:* & na segunda diz que pario antes do parto: *Antequam veniret partus ejus, peperit.* Não he necessario que nós difficultemos o passo, porque o mesmo Profeta confessa que disse hũa cousa inaudita, & que nunca se vio semelhante: *Quis audivit unquam tale, & quis vidit huic simile?* Que a bendita entre todas as mulheres sahisse a luz com o

fruto bendito de seu ventre sem padecer dores, privilegio era devido à pureza virginal, com que o conceo, & assim o confessa a nossa Fè; mas que parisse antes do parto: *Antequam veniret partus ejus;* como se pôde entender, senão suppondo na mesma Senhora dous partos do mesmo Filho, & suppondo tambem que o primeiro parto foy sem dores, & o segundo com dores? Assim foy, & assim o diz quem? O nosso Portuguez Santo Antonio, que he bem preceda agora a todos os outros Doutores da Igreja, pois fallamos na sua: *Beata Mariæ Antioduplex fuit partus, unus in carne, alius in spiritu Partus de Pa-*^{nius}
carnis fuit virgineus, & omni^{de Pa-}
gaudio plenus quia peperit si-^{dua.}
nõ dolore gaudium Angelorum. Secundus partus fuit dolorosus, & omni amaritudine plenus, in Filii ejus Passione, cujus Animam pertransiit gladius. Sabeis porque faz mençaõ Isaias de dous partos da Virgem Beatissima, & no primeiro nega as dores, & no segundo não? A razão he (diz o Mestre Serafico)
por-

porque este foy o modo , & a differença com que a Senhora pario a feu bendito Filho não huma , senão duas vezes : a primeira vez sem dores , antes com jubilos de alegria , quando entre cantares de Anjos o pario no Presépio : a segunda vez com dores , & cheya de amargura , quando traspassada da espada de Simeão o tornou a parir ao pé da Cruz. Huma vez nascido Christo em Bellem , & outra vez nascido em Jerusaleem : hũa vez nascido no principio da vida , & outra vez nascido no fim della , huma vez trinta & tres annos antes , & outra vez trinta & tres annos depois : que por isso o Profeta fallando deste segundo parto , disse advertidamente : *Antequam veniret partus ejus* : porque hum parto depois do outro havia de tardar em virtantes annos .

522. E posto que bastava por prova da minha proposta a authoridade de taõ grande Interprete das Escrituras como Santo Antonio , a quem por essa causa chamáraõ os Oraculos de

Roma Arca do Testamento ; diga-nos o mesmo o Evangelista São Joaõ com Texto mais claro que o de Isaias. No Capitulo doze do seu Apocalypse vio São Joaõ aquella Mulher taõ prodigiosa como sabida , a quem vestia o Sol , calçava a Lua , & coroavaõ as Estrellas : & diz que chegada a hora do parto , foraõ não só grandes , mas terriveis as dores com que pario hum Filho v. raõ , o qual havia de ser Senhor do Mundo , & Governador de todas as gentes : *Cruciat Ap. 12. batur ut pariat ; & peperit filium masculinum , qui recturus erat omnes gentes*. Esta Mulher prodigiosa , em cujo ornato se empenharaõ , & dependeraõ todas as luzes do Ceo , era a Virgem Santissima : o Filho Senhor do mundo , & que havia de governar todas as gentes , era Christo Governador do Universo , & Senhor delle. Mas se o parto da mesma Virgem foy izento de toda a dor , & molestia ; que dores , & que tormentos taõ estes com que agora São Joaõ a vio parir não outro , senão o mesmo

Filho? A palavra, *Cruciabatur*, que he derivada da Cruz, bafsa por cõmento de todo o Texto. O Filho era o mefmo, & a Mãy a mefma, mas o parto da Mãy, & o nascimento do Filho não era o mefmo, fenaõ muito differfo. Era o fequndo nascimento do Filho em que por modo superior a toda a natureza havia de nascer morrendo. E porque eite fequndo nascimento foy entre dores, tormentos, & afrontas, & com os braços pregados nos de huma Cruz; por iffo a mefma Cruz do nascimento do Filho foy tambem a Cruz do parto da Mãy: *Et cruciabatur ut pariat.*

523. Nasceo o Filho crucificado na fua Cruz, & pario-o a Mãy crucificada na Cruz do Filho; & fe perguntarmos (que he o que fõ nos resta) porque o Filho no fequndo nascimento nasceo affim, & a Mãy o pario do mefmo modo? A razão, como dizia ao principio, não foy outra fenaõ porque Christo no primeiro parto nasceo propriamente Christo, & neste fequndo

nasceo propriamente Jefu. Esta foy a differença, com que o Anjo antehontem annunciou aos Pastores o nascimento do mefmo Christo: *Quia natus est vobis hodie Luc. 2. Salvator, qui est Christus.* 11. Alegrayvos, porque hoje nasceo o Salvador, que he Christo. Notay que não diffe: *Qui est Salvator*; affim como diffe. *Qui est Christus*; porque o Meifmo nascido já era Christo, mas ainda não era Salvador. Havia de fer Salvador, & para fer Salvador, nascia, mas ainda o não era. Christo fim. *Qui est Christus*; porque ja eitava ungi-do na dignidade de Filho de Deos, mas na de Jefu, & de Salvador ainda não; porque effa não a havia de receber no Presepio, fenaõ na Cruz: *Factus obediens usque ad mortem crucis, ut in nomine Jefu omne genu flectatur.* E aqui he que propriamente nasceo Jefu, & não de outra Mãy, fenaõ da mefma Virgem Maria: *Maria, de qua natus est Jefus.*

IV.

524.

O Segundo Filho da mesma Virgem Maria, & nascido tambem no Calvario, & com novo, & segundo nascimento, foy S. Joaõ. E que seria se dissessemos que tambem deste nascimento se verifica o nosso Texto? O em que agora reparo nas palavras *de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*; he que este *vocatur* parece proprio, & este *Christus* superfluo. O nome proprio do Filho de Deos, & Filho de Maria; he Jetu: este nome lhe foy posto no dia da Circuncisaõ, & assim o tinha revelado o Anjo antes de ser concebido: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum*

Luc. 2 est ab Angelo priusquam in
 21. *utero conciperetur. Logo o*

vocatur applicado não ao nome *Jesus*, senão ao sobrenome *Christus*, parece proprio: & o mesmo sobrenome *Christus* tambem parece superfluo, porque só seria necessario para distinguir hum Jesu de outro Jesu. Por

Tom. 5.

ventura ha outro Jesu, & nascido de Maria que se não chame Christo? Digo que sim. Ha hum Jesu Filho de Maria, que se chama Christo, & ha outro Jesu tambem Filho de Maria, que se chama Joaõ. E por isso o Evangelista para distinguir hum Jesu de outro Jesu, & hum Filho de Maria de outro Filho de Maria, não superflua, senão necessariamente acrescentou ao nome o sobrenome, & não só disse: Maria, da qual nasceo Jesu, senão: Maria, da qual nasceo Jesu, que se chama Christo.

525. Quando o mesmo Christo estava na Cruz, disse a sua SS. Mãe: *Ecce filius tuus*: estas palavras eraõ equi^{Joan.} vocas, & mais naturalm^{te} se^{19.27} podiaõ entender do mesmo Christo que as dizia, do que de outro por quem as disse. E como tirou o Senhor esta equivocação? Tirou-a com os olhos, & com a inclinação da cabeça, que só tinha livre, apontando para Joaõ. Bem. Mas porque não disse, este he outro filho. que vos deixo em meu lugar, senão este he o vosso

Hh filho:

filho: *Ecce filius tuus?* Não ha duvida, responde. Origenes, que fallando o Senhor por estes termos; quiz significar declaradamente q̄ elle, & Joaõ não se distinguiaõ, & que Joaõ não era outro filho da Senhora, senão o mesmo Jesu, que ella gerára, & della nascera. Notay as palavras, q̄ não podem ser mais proprias, & a razão que não pôde ser mais subida: *Nam si nullus est Maria filius præterquam Jesus, dixitque Jesus. Ecce filius tuus: perinde est, ac si dixisset: hic est Jesus quem genuisti.* Pois se Jesu, & Joaõ eraõ dous, & taõ infinitamente diversos: Jesu o Senhor, & Joaõ o servo: Jesu o Mestre, & Joaõ o Discipulo: Jesu o Creador, & Joaõ a creatura: Jesu o Filho de Deos, & Joaõ o filho do Zebedeo, como era, ou como podia ser Joaõ não outro filho, senão o mesmo filho, nem outro Jesu, senão o mesmo Jesu que a Senhora gerára: *Hic est Jesus quem genuisti?* Sa Pedro Damiaõ reconhece aqui hum mysterio semelhante ao do Sacramento; mas eu sem recorrer

a milagre, entendo que tudo isto se descifra, & veresica com ser Joaõ o amado: *Discipulus, quem diligebat.* ^{Joan. 21.10} Era o amado? Logo era outro, & era o mesmo Jesu. Em quanto Jesu, & Joaõ eraõ o mesmo por amor, eraõ hum só Jesu: & em quanto Joaõ por realidade era outro, eraõ dous Jesus.

526. Os Filósofos antigos definindo a verdadeira amizade, qual naquelle tempo era, ou qual devia ser, disseraõ: *Amicus est alter ego:* O amigo he outro eu. Logo em quanto o amigo he eu, *Ego,* eu, & elle fomos hum: & em quanto elle he outro, *Alter;* elle, & eu fomos dous, mas ambos os mesmos, & isto he o que obrou sem milagre por transformação reciproca: o amor de Jesu em Joaõ. A mesma antiguidade nos dará o exemplo. Depois da famosa vittoria de Alexandre Magno contra El Rey Dario, foy trasida a Rainha Máy diante do mesmo Alexandre, a cujo lado assistia seu grande privado Efestião. E como a Rainha fizesse a reverencia a Efestião,

cui-

cuidando que elle era o Magno, por ser mais avultado de estatura, & avifada do seu erro, o quizesse desculpar, acodio Alexandre, como refere Curcio, com estas palavras: *Non errasti mater, nãque; & hic Alexander est*: não errastes, Senhora, porque este tambem he Alexandre. Assim o disse o Grande Monarca, mais como discipulo de Aristoteles que como filho de Philippe. E se o amor (que eu aqui tenho por politico, & falso) ou fazia, ou fingia que Alexandre, & Efestião fossem dous Alexandres. *Nãque & hic Alexander est*; o amor verdadeiro, & sobrenatural da parte de Christo Divino, & da parte de Joãõ mais que humano, porque não farião que Jesu, & Joãõ fossem dous Jesus? Não ha duvida que naquelle passo estavão dous Jesus no Calvario, hum na Cruz, outro ao pé della.

527. Quando Eliseo disse a Elias: *Fiat in me duplex spiritus tuus*: não me posso persuadir que lhe pedisse dobrado espirito do

que era o seu; porque seria demasiada pretupção de discipulo para Mestre: o que quiz dizer, foy que o espirito de Elias se dobrasse, & multiplicasse em ambos, & que Elias o levasse, pois se hia, & o deixasse a Eliseo, pois ficava. E neste caso se o espirito de Elias fosse com Elias, & ficasse com Eliseo, Elias por ventura seria hum só Elias? De nenhum modo, diz São Joãõ Chrylostomo. Dobrou-se o espirito de Elias, & multiplicou-se em Eliseo como elle tinha pedido; mas entãõ não houve hum só Elias, senãõ dous. *D. Elias: Erat duplex Elias il- Chryf. le: & sursum Elias, & de-hom. de orjũ Elias.* Arrebatou o carro de fogo a Elias, & no mesmo tempo, & no mesmo lugar, diz Chrylostomo, se virãõ entãõ dous Elias, hum em cima, outro embayxo; hum no ar, outro na terra; hum no carro, outro ao pé delle: *Et sursum Elias, & deorsum Elias.* O mesmo se vio no nosso caso. O carro triumphal, em que o Redemptor do mundo triumphou da morte, do peccado, & do

Inferno, foy a Cruz: levantado nella o Senhor, partial e o Mestre, & ficava o discipulo: mas como? Como Elias, & Eliseo. E assim como Elias, & Eliseo erão dous Elias: *duplex Elias*, assim Jesu, & João erão dous Jesus: & assim como là hum Elias se via emcima, outro embayxo: *Et sursum Elias, & deorsum Elias*: assim cá tambem hum Jesus estava emcima, outro Jesus embayxo; hum no ar, outro na terra; hum na Cruz, outro ao pé da Cruz. E para que ninguém duvidasse que o milagre com que Jesu se tinha dobrado, & multiplicado em João, era por virtude, & transformação do amor, o mesmo João advertidamente não se chamou aqui João, senão o amado: *Cum vidisset*

Joan. *19.26* *set Jesus Matrem, & Discipulum stantem qui in diligebat.* Sendo pois João por transformação do amor outro Jesu, & Jesu, & João dous Jesus; com razão acrescentou o Evangelista ao nome de Jesu o sobrenome de Christo: *Jesus qui vocatur Christus*; para distinguir hũ

Jesu de outro Jesu.

528. Nem basta por distincção o declarar que era filho de Maria, & de Maria nascera: *Maria, de qua natus est*: porque no mesmo lugar do Calvario, onde Christo em quanto Jesu nasceu segunda vez de sua Santissima Mãe (como dissemos) tambem São João com segundo nascimento nasceu da mesma Senhora, sendo João desde aquelle ponto filho de Maria: *Ecce filius tuus*: & Maria Mãe de João: *Ecce Mater tua*: & por isso no mesmo tempo, & no mesmo lugar Mãe de dous Jesus: hum Jesu que se chama João, & outro Jesu que se chama Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

V.

529.

O Terceiro nascimento de que tambem se verifica as mesmas palavras, he o dos Pretos devotos da mesma Senhora, os quaes tambem são seus filhos, & tambem nascidos entre as dores da Cruz. O Profeta Rey fallando da Virgem Maria de

debayxo da metafora de Jerusaleem (a que muitas vezes he comparada , porque ambas foraõ morada de Deos) diz assim *Homo, & homo natus est in ea* , & ipse fundavit eam *Altissimus*. Naceo nella o homem , & mais o homem : & quem a fundou , foy esse mesmo Altissimo. Estas segundas palavras declaraõ o sentido das primeiras , & de hũas , & outras se convence que o mesmo Deos que creou a Maria , he o homem que nasceo de Maria. Em quanto homem nasceo della : *Homo natus est in ea* : & esse mesmo em quanto Deos a creou a ella : *Et ipse fundavit eam Altissimus*. Assim o diz , & prova com evidencia Santo Agostinho. Mas o Profeta ainda diz mais : porque não só diz que nasceo da Senhora esse homem que em quanto Deos a creou , senão que nasceo della o homem , & mais o homem : *Homo, & homo natus est in ea*. Se hum destes homens nascidos de Maria he Deos; o outro homem tambem nascido de Maria , quem he? He todo o

Tom. 5.

nome que tem a Fè , & conhecimento de Christo , de qualquer qualidade , de qualquer nação , & de qualquer cor que seja , ainda que a cor seja tão diferente da dos outros homens , como he a dos Pretos. Assim o diz o mesmo Texto tão claramente , que nomea os mesmos Pretos por tua propria nação , & por seu proprio nome : *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me: Ecce alienigena, & Tyrus, & Populus Aethyopum hi fuerunt illic*. Nascerão da Mãe do Altissimo não só os da sua nação , & naturaes de Jerusaleem , a que he comparada , senão tambem os estranhos , & os gentios , *Alienigena*. E que gentios são estes? *Rahab*; os Cananeos , que eraõ brancos : *Babylonis*; os Babilonios , que tambem eraõ brancos : *Tyrus*; os Tyrios , que eraõ mais brancos ainda : & sobre todos , & em maior numero que todos : *Populus Aethyopum* : o povo dos Ethyopes , que são os Pretos. De maneira que vòs os Pretos , que tão humilde figura fazeis no munda-

Hh iij do,

do, & na estimação dos homens; por vosso proprio nome, & por vossa propria nação, estais escritos, & matriculados nos livros de Deos, & nas Sagradas Escrituras; & não com menos título, nem com menos foro, que de filhos da Mãe do mesmo Deos: *Et Populus Æthyopum hi fuerunt illic.*

530. E posto que o texto he tão claro, & literal que não admite duvida: ouçamos o commento de Santo Thomás Arcebispo de Valença: *Æthyopes non abjiciuntur, sed amplectuntur ut parvulos, diligit ut filios. Sciunt ergo ipsam matrem etenim quia Altissimi mater est. Æthyopis matrē nominari non dedignatur.* O Profeta poz no ultimo lugar os Ethyopes, & os Pretos; porque este he o lugar que lhes dá o mundo, & a baixa estimação com que são tratados dos outros homens; filhos de Adão como elles. Porém a Virgem Senhora, sendo Mãe do Altissimo, não os despreza, nem se despreza de os ter por filhos;

antes porque he Mãe do Altissimo, por isso mesmo se preza de ser tambem sua Mãe: *Etenim quia Altissimi mater est, Æthyopis matrē nominari non dedignatur.* Saibaõ pois os Pretos, & não duvidem que a mesma Mãe de Deos he Mãe sua: *Sciunt ergo ipsam matrem:* & saybaõ que com ser hũa Senhora tão soberana, he Mãe tão amorosa, que assim pequenos como são, os ama, & tem por filhos: *Amplectitur ut parvulos, diligit ut filios.* Atéqui Santo Thomás.

531. E se me perguntarem os curiosos quando alcançaraõ os Pretos esta dignidade de filhos da Mãe de Deos; respondo que no mōre Calvario, & ao pé da Cruz no mesmo dia, & no mesmo lugar em que o mesmo Christo em quanto Jesus, & em quanto Salvador nasceo com segundo nascimento da Virgem Maria: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Este parece o ponto mais difficuloso desta terceira proposta. Mas assim o diz com propriedade, & circumstancia admiravel:

ravel o mesmo texto de David. Porque os Ethyopes que no corpo do Psalmo se chamaõ nomeadamente filhos da Senhora no titulo do mesmo Psalmo se chamaõ filhos de Corè: *In firmem Filiis Corè pro arcanis.* Esta palavra *pro arcanis* nota, & manda advertir que se encerra aqui hum grande mysterio. E que mysterio tem chamarem-se estes filhos da Virgem Maria filhos tambem de Corè? S. Agostinho na exposiçaõ do mesmo Psalmo: *Magni Sacramenti est, ut dicatur filii Corè, quia Corè interpretatur Calvaria.* Ergo filii Passionis illius, filii redempti sanguine illius, filii Crucis illius. Corè na lingua Hebraea quer dizer Calvario, & chamaõ-se filhos do Calvario, & filhos da Payxaõ de Christo, & filhos da sua Cruz os mesmos que neste texto se chamaõ nomeadamente filhos da Virgem Maria; porque quando no Calvario, & ao pé da Cruz nasceo da Virgem Maria com segundo nascimento seu benditissimo Filho em quanto Jesus, & Salvador do mun-

do, entaõ nasceraõ tambem com segundo nascimento da mesma Senhora todos os outros filhos das outias nações, que o Profeta nomea, & entre elles com taõ especial mençaõ os Ethyopes, que são os Pretos: *Et Populus Æthyopum hi fuerunt illic.* De sorte que assim como no Calvario, & ao pé de Cruz nasceo de Maria cõ segundo nascimento Christo; & assim como no Calvario, & ao pé da Cruz nasceo de Maria com segundo nascimento S. Joaõ; assim ao pé da Cruz nasceraõ tambem com segundo nascimento da mesma Virgem Maria os Pretos, verificando-se de todos os tres nascimentos, por differente modo, o texto do nosso thema: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

532. Estou vendo que cuidaõ algũs que são isto encarecimentos, & lisonjas daquellas, com que os Prègadores costumãõ louvar os devotos nos dias da sua festa. Mas he tanto pelo contrario, que tudo o que tenho dito, he verdade cerra, & infal-

Ang.
in ex.
post
hujus
Psalmo

livel, & não com menor certeza que de Fè Catholica. Os Ethyopes de que falla o texto de David, não são todos os Pretos universalmente, porque muitos delles são gentios nas suas terras; mas falla sómente daquelles de que eu tambem fallo, que são os que por merce de Deos, & de sua Santissima Mãe, por meyo da Fè, & conhecimento de Christo, & por virtude do Bautifmo são Christãos. Assim o notou o mesmo Profeta no mesmo texto: *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me, & Populus Ethiopum, hi fuerunt illic.* Naquelle *scientium me* está a differença de huns a outros. E porque, ou como? Porque todos os que tem a Fé, & conhecimento de Christo, & são Christãos, são membros de Christo: & os que são membros de Christo, não podem deixar de ser filhos da mesma Mãe, de que nasce Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

533. Que sejaõ verdadeiramente membros de Christo, he proposição ex-

pressa de São Paulo não menos que em tres lugares. Deixo os dous, & só repito o do Capitulo doze aos Corinthios: *Sicut enim corpus unum est; & membra habet multa omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus sunt; ita & Christus. Etenim in uno spiritu omnes nos in unum corpus baptizati sumus.* Assim como o corpo tem muitos membros, & sendo os membros muitos, o corpo he hum só; assim (diz São Paulo) sendo Christo hum, & os Christãos muitos, de Christo, & dos Christãos se compoem hum só corpo; porque todos os Christãos por virtude da Fè, & do Bautifmo são membros de Christo. E porque não cuidassem os que são fieis, & senhores, que os Pretos por terem sido gentios, & serem cattivos, são de inferior condição, accrescenta o mesmo São Paulo que isto tanto se entende dos Hebreos, que eraõ os fieis, como dos gentios, & tanto dos cattivos, & dos escravos, como dos livres, & dos senhores: *Etenim omnes in unum corpus*
bap.

I. Cor.
12.12

I. Cor.
12.13

baptizati sumus sive Judæi, sive gentiles, sive servi; sive liberi. E como todos os Christãos, posto que fossem gentios, & sejaõ escravos, pela Fè, & Bautifmo estaõ incorporados em Christo, & faõ membros de Christo, por isso a Virgem Maria Mãy de Christo he tambem Mãy sua; porque não seria Mãy de todo Christo, senão fosse Mãy de todos seus membros. Excellentemente Guilherme Abbade: *In unum Salvatore omnium Jesu, plurimos Maria peperit ad salutem. Eo ipso quod mater est capitis, mulierum membrorum mater est. Mater Christi Mater est membrorum Christi, quia caput, & corpus. unus est Christus.*

534. Não se pôdera dizer com melhores palavras, nem mais próprias; mas eu quero que nolo diga com as suas, & nos feche todo este discurso a Escritura Sagrada. Quando Nicodemos de Mestre da Ley se fez discipulo de Christo, disse-lhe o Senhor tres cousas notaveis. A primeira, que para elle Nicodemos, & qualquer

outro se salvar, era necessário nascer de novo: *Nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre Regnum Dei.* A segunda, que ninguem sobe ao Ceo, senão quem descep do Ceo: *Nemo ascendit in caelum, nisi qui descendit de Cælo.* A terceira, que para isto se conseguir, havia de morrer em huma Cruz: o mesmo Christo: *Oportet exaltari Filium hominis.* Se o Texto se fizera para o nosso caso, não podera vir mais medido com todas suas circunstancias. Quanto á primeira, replicou Nicodemos, dizendo: *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suæ iterato introire, & renasci?* Como he possível que hum homem velho, como eu sou, haja de nascer de novo? Por ventura ha de tornar a entrar no ventre de sua mãy para nascer outra vez? Pareceolhe ao Doutor que esta instancia era muito forte; mas o Divino Mestre lhe ensinou que este segundo, & novo nascimento era por virtude do Bautifmo, sem o qual ninguem se pôde salvar: *Ni-*

si quis renatus fuerit ex aqua & Spiritu Sancto, non potest introire in Regnum Dei. E quanto á máy de que haviaõ de tornar a nascer os que assim fossem regenerados, acrescentou o mesmo Senhor que essa máy era a mesma Virgem Maria Máy sua. Isto querem dizer as segundas palavras de Christo, posto que o não pareça, nem atégora se tenha reparada nelas. Quando o Senhor disse, que ninguem sôbe ao Ceo, senão quem desceo do Ceo, juntamente declarou que este que desceo do Ceo era o mesmo Christo Filho da Virgem: *Nemo ascendit in Cælum, nisi qui descendit de Cælo Filius hominis qui est in Cælo.* Pois porq̃ Christo desceo do Ceo, por isso todos os que sôbem ao Ceo. descerão tambem do Ceo? Sim. Porque ninguem pôde sobir ao Ceo, senão incorporando-se com Christo, como todos nos incorporamos com elle, & nos fazemos membros do mesmo Christo por meyo da Fê, & do Bautismo; donde se seguem duas cousas: a primeira, que as-

sim como elle desceo do Ceo, assim nós por sermos membros seus, tambem desecemos nelle, & com elle: *Nemo ascendit in Cælum, nisi qui descendit de Cælo.* A segunda, que assim como elle desceo do Ceo fazendo-se Filho da Virgem Maria: *Filius hominis qui est in Cælo*: assim nós tambem ficamos sendo filhos da mesma Virgem, porque somos membros verdadeiros do verdadeiro Filho que della nasceo, & finalmente porque este segundo, & novo nascimento não foy o de Belem, senão o de Jerusalem: nem o do Presépio, senão o do Calvario; por isso conclue o Senhor que para este segundo nascimento se conseguir, era necessario que elle morresse na Cruz: *Oportet exaltari Filium hominis.* Vejaõ agora os Pretos se por todos os titulos, ou circunstancias, de Ethyopes, de bautizados, de nascidos com segundo nascimento, de nascidos no Calvario, & nascidos não de outra Máy, senão da mesma Máy de Jesu, se veresca tambem delles como mem-
bros

bro de Christo o nascimento, com que o mesmo Christo segunda vez nasceu de Maria: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

VI.

535. **P**arece-me que tenho provado os tres nascimentos que prometti. E posto que todos tres sejaõ muy conformes às circumstancias do tẽpo: o de Christo; porque continuamos a oitava do seu nascimento: o de São João, porque estamos no seu proprio dia: & o dos Pretos; porque celebramos com elles a devoção da Virgem Santissima Mãe de Christo, Mãe de São João, & Mãe sua; sobre estas tres grandes propriedades temos ainda outras tres muito mais proprias: & quaes são? Que unidos estes tres nascimentos em hum mesmo intento, todos, & cada hum delles se ordenaõ a declarar, & persuadir a devoção do Rosário; & do Rosário particularmente dos Pretos; & dos

Pretos em particular q̃ trabalhaõ neste, & nos outros Engenhos. Não são estas as circumstancias mais individuaes do lugar, das pessoas, & da festa, & devoção que celebramos? Pois todas ellas nascem daquelles tres nascimentos. O novo nascimento dos mesmos Pretos, como filhos da Mãe de Deos, lhes mostra a obrigação que tem de servir, venerar, & invocar a mesma Senhora com o seu Rosário. O novo nascimento de Christo os persuade a que em sembugo do continuo, & grande trabalho em que estão occupados, nem por isso se esqueçaõ da soberana Mãe sua, & de lhe rezar o Rosário; ao menos parte, quando não possaõ todo. E finalmente o novo nascimento de São João lhes ensina quaes são entre os mysterios do Rosário os que mais pertencem ao seu estado, & com que devem aliviar, santificar, & oferecer à Senhora o seu mesmo trabalho Este he o fim de quanto tenho dito, & me resta por dizer; & este tambem o fruto de que mais se serve; &

agra-

pois lhe haviaõ de fazer; afirm a Máy de Deos antevedendo esta vossa fè, esta vossa piedade, & esta vossa devoção, vos escolheo de entre tantos outros de tantas, & tão differentes naçoens, & vos trouxe ao gremio da Igreja, para que là, como vossos pays, vos não perdesseis, & cà como filhos seus, vos salvasseis. Este he o mayor, & mais universal milagre de quantos faz cada dia, & tem feito por seus devotos a Senhora do Rosario.

537. Fallando o Texto Sagrado dos Filhos de Corè, que como já dissemos, são os filhos da Senhora nascidos no Calvario, diz que perecendo seu pay, elles não perecerão, & que isto foy hum grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut Corè pereunte, filii illius non perirent.* Não perecerem, nem morrerem os filhos quando perecem, & morrem os pays, he cousa muito natural, antes he ley ordinaria da mesma natureza porq̃ se com os pays morreraõ juntamente os filhos, acabar-se-hia o mundo. Como diz logo o Tex-

to Sagrado que não morrem, & perecerem os filhos de Corè, quando morreo, & pereceo seu pay, não sò foy milagre, senão hum grande milagre: *Factum est grande miraculum?* Ouvi o caso todo, & logo vereis em que consistio o milagre, & íua grandeza. Caminhando os filhos de Israel pelo dezerto em demanda da terra de Promissaõ, rebelláraõ-se cõtra Deos tres cabeças de grandes familias Dathan, Abiron, & Corè: & querendo a Divina Justiça castigar exemplarmente a atrocidade deste delicto, abrio-se subitamẽte a terra, tragou vivos aos tres delinquentes, & em hum momento todos tres comportento nunca visto foraõ sepultados no inferno. Houve porẽm neste caso hũa differença, ou exceção muito notavel, & foy, que com Dathan, & Abiron perecerãõ juntamente, & foraõ tambem tragados da terra, & sepultados no inferno seus filhos; mas os de Corè não: & este he o que a Escritura chama grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut*

Corè

Corè pereunte, filii illius non perirent. Abriríe a terra não foy milagre? Sim foy: ferem tragados vivos os tres delinquentes, não foy outro milagre? Tambem: írem todos em corpo, & aima ao inferno antes do dia do juizo, não foy terceiro milagre? Sim, & muito mais estupendo. E com tudo o milagre que a Escritura Sagrada pôdèra, & chama grande milagre, não foy nenhum destes, senão o perecer Corè, & não perecerem seus filhos; porque o mayor milagre, & a mais extraordinaria merce que Deos pôde fazer aos filhos de pays rebeldes ao mesmo Deos, he que quando os pays se condenaõ, & vão ao inferno, elles não pereçaõ, & se salvem.

538. Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Ethyopia, & passada ao Brasil, conheçera bem quanto deve a Deos, & a sua Santissima Mãe por este que pôde parecer desterro, cattiveiro, & desgraça, & não he senão milagre, & grande milagre! Dizeyme, vossos pays que nasçeraõ nas trevas da gen-

tilidade, & nella vivem, & acabaõ a vida sem lume da Fè, nem conhecimento de Deos, aonde vão depois da morte? Todos como já credes, & confessais, vão ao inferno, & lá estão ardendo, & arderão por toda a eternidade. E que perecendo todos elles, & sendo sepultados no inferno como Corè, vós que sois seus filhos, vos salveis, & vades ao Ceo? Vede se he grande milagre da Providencia, & Misericordia Divina; *Factum est grande miraculum, ut Corè pereunte filii illius non perirent.* Os filhos de Dathan, & Abiron pereçeraõ com seus pays, porque seguirão com elles a mesma rebelliaõ, & cegueira: & outro tanto vos poderia succeder a vós. Pelo contrario os filhos de Corè, perecendo elle, salvarão-se, porque reconhecerão, venerarão, & obedecerão a Deos: & esta he a singular felicidade do vosso estado, verdadeiramente milagrosa.

539. Sò resta mostrar-vos que este grande milagre, como dizia, he milagre do
Rosa-

Rosário, & que esta eleição, & differença tão notavel a deveis á Virgem Santissima vossa Mãy, & por ser Mãy vossa. Isaac filho de Abrahamão (de quẽ vossos antepassados tomãrão por honra a divisa da circuncisaõ, q̃ ainda conservaõ, & do qual muitos de vòs descendeis por via de Hmael meyo irmão do mesmo Isaac.) Este Isaac, digo, tinha dous filhos, hum chamado Jacob, que levou a bençaõ do Ceo; & outro chamado Esau, que perdeu a mesma bençaõ. Tudo isto succedeo em hum mesmo dia, em que Esau andava pelos matos armados de arco, & frechas, como andaõ vossos pays por essas brenhas da Ethiopia: & pelo contrario Jacob estava em casa de seu pay, & de sua mãy, como vòs hoje estais na Casa de Deos; & da Virgem Maria: E porque levou a bençaõ Jacob, & a perdeu Esau? Porque concorrerãõ para a felicidade de Jacob duas cousas, ou duas causas que a Esau faltãrãõ ambas. A primeira foy, porque Rebecca (que era o no-

me da mãy) não amava a Esau, senão a Jacob, & fez grandes diligencias, & empregou toda a sua industria em que elle levasse a bençaõ. A segunda; porque estando duvidoso o pay se lhe daria a bençaõ, ou não; sentio que os vestidos de Jacob lhe cheiravaõ a rosas, & flores: & tanto que sentio este cheiro, & esta fragrancia, logo lhe deitou a bençaõ. Assim o nota expressamente o Texto: *Statimque ut fessit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens illi, ait: Ecce odor filii mei, sicut odor agri pleni, Genes. 27.23* cui benedixit Dominus: det tibi Deus de rore Cæli, &c. Hũa, & outra circumstancia assim da parte da mãy como do pay foraõ admiraveis, & por isso mysteriosas. Da parte da mãy, que sendo Jacob, & Esau irmãos, amasse com tanta differença a Jacob: & da parte do pay, que hum accidente que parecia tão leve, como o cheiro das flores, lhe tirasse toda a duvida, & fosse o ultimo motivo de lhe dar a bençaõ. Mas assim havia de ser para que o mysterio se comprisse com toda

toda a propriedade nas figuras, & acçoens que o representavaõ Isaac significava a Deos, Rebecca a Virgem Mãy, Jacob os seus filhos recolhidos, que sois vòs, & Esaù os reprovados, que são os que sendo do vosso mesmo sangue, & da vossa mesma cor, não alcançaraõ a bênção que vós alcançastes. Para que entendais que toda esta graça do Ceo a deveis referir a duas causas a primeira ao amor, & piedade da Virgem Santissima vossa Mãy: a segunda á devoção do seu Rosario, que he o cheiro das rosas, & flores que tanto elevaõ, & agradaõ a Deos.

540. Dos sacrificios antigos, quando Deos os accitava, diz a Sagrada Escritura que lhe agradava muito o cheiro, & suavidade delles: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis*. E a razão era, porque naquelles sacrificios se representavaõ os mysterios da vida, & morte de seu benditissimo Filho. E como na devoção do Rosario se contém a memoria, & consideração dos mesmos

mysterios; este he o cheiro, & fragrancia que tanto nelle agrada, & taõ accito he a Deos. Em vòs antes de serdes Christãos, sómente era futuro este cheiro das flores do Rosario, que hoje he presente, como tambem eraõ futuros naquelle tempo os mysterios de Christo: mas assim como o merecimento destes mysterios antes de serem, sómente porque haviaõ de ser, davaõ efficacia áquelles sacrificios; assim a vossa devoção do Rosario futura, & quando ainda não era, só porque Deos; & sua Mãy a anteviraõ com a acção, & agrado que della recebem, vos preferirão, & antepuzeraõ aos demais das vossas naçoens, & vos tiveraõ por dignos da bênção que hoje gozais tanto maior, & melhor que a de Jacob, quanto vay da terra ao Ceo. Para que todos conheçais o motivo principal da vossa felicidade, & a obrigação em que ella vos tem posto de não faltar a Deos, & a sua Santissima Mãy com este quotidiano tributo da vossa devoção.

VII.

541. **E** Stou vendo porèm que o vosso continuo trabalho, & exercicio pôde parecer, ou servir de escuza ao descuido dos menos devotos. Direis que estais trabalhando de dia, & de noite em hum Engenho, & que as tarefas multiplicadas humas sobre outras (que talvez entraõ; & se penetraõ com os Dias Santos) vos não deixaõ tempo, nem lugar para rezar o Rosario. Mas aqui entra o novo nascimento de Christo segunda vez nascido no Calvario, para com seu divino exemplo, & imitação refutar a fraqueza desta vossa desculpa, & vos ensinar como no meyo do mayor trabalho vos não haveis de esquecer da devoção de sua Mãy, pois o he tambem vossa, offerecendo-lhe ao menos algũa parte, quando commodamente não possa ser toda. David (aquele Santo Rey, que tambem teve netos na Ethyopia, si-

Tom. 5.

lhos de seu filho Salamaõ, & da Rainha Sabbá) entre os Psalms que compoz, foraõ tres particulares, aos quaes deu por titulo *Pro torcularibus*: que em fraze do Bra-
 sil quer dizer, para os Engenhos: Este nome *Torcularia*, universalmente tomado, significa todos aquelles lugares, & instrumentos, em que se espreme; & tira o çumo dos frutos, como em Europa o vinho, & o azeite, que lá se chamaõ lagares, & porque estes em que no Brasil se faz o mesmo às canas doces, & se espreme, coze, & endurece o çumo dellas, tem mayor, & mais engenhosa fabrica, se chamaõ vulgarmente Engenhos. Se perguntarmos pois qual foy o fim, & intento de David em compor, & intitular aquelles Psalms nomeadamente para estas officinas? Respondem os Doutores Hebreos, & com elles Paulo Burgenfe, que o intêto que teve o Santo Rey, & fez se praticasse em todo o Povo de Israel, foy, que os trabalhadores das mesmas officinas ajuntassem o tra-

Ps. I.
I.

Ii balho

balho com a oração , & em lugar de outros câtares com que se costumavaõ aliviar , cantassem Hymnos , & Psalmos : & pois recolhiaõ . , & aproveitavaõ os frutos da terra ; não fossem elles este-reis ; & louvassẽ ao Creator que os dà . Notavel exemplo por certo , & de summa edificação , que entre os grãdes negocios , & governo da Monarquia tivesse hum Rey estes cuidados ? E que cõfusaõ pelo contrario será para os que se chamão senhores de Engenho , se attentos sómente aos interesses temporaes , q̃ se adquirem com este deshumano trabalho , dos trabalhadores seus escravos , & das almas daquelles miseraveis corpos , ti verem taõ pouco cuidado que não tratem de que louvem , & sirvaõ a Deos , mas nem ainda de que o conheçaõ ?

542. Tornando aos Psalmos compostos para os Engenhos (que depois veremos porque foraõ tres) declara David o titulo do ultimo quem se jãõ os operarios destas trabalhosas officinas , &

diz que saõ os filhos de Corè: *Pro torcularibus filiis Corè*. Segundo a proprieda ^{p/83} de da historia já dissemos 1. que os filhos de Corè saõ os Pretos filhos da Virgem Santissima , & devotos do seu Rosario. Segundo a significação do nome , porque Corè na lingua Hebraica significa Calvario , diz Hugo Cardeal que saõ os imitadores da Cruz , & Payxaõ de Christo crucificado: *Filiis Corè , id est , imitatoribus Christi in loco Calvariae crucifixi*. Não podera nem melhor , nem mais altamente descrever q̃ cousa he ser escravo em hum Engenho do Brasil. Não ha trabalho , nem genero de vida no mundo mais parecido á Cruz , & Payxaõ de Christo , que o vosso em hum destes Engenhos. *O fortunati nimium sua si bona norint !* Bemaventurados vòs se soubereis'conhecer a fortuna do vosso estado , & com a conformidade , & imitação de taõ alta , & divina semelhança aproveitar , & santificar o trabalho?

543. Em hum Engenho

Hudo,
Car:

nhos foyis imitadores de Christo crucificado : *Imitatoribus Christi crucifixi* : porque padeceis em hum modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padecêo na sua Cruz , & em toda a sua Payxaõ. A sua Cruz foy cõposta de dous madeiros , & a vossa em hum Engenho he de tres. Tambem alli não faltâraõ as canas , porque duas vezes entrâraõ na Payxaõ hũa vez servindo para o cetro de escarneo, & outra vez para a esponja em que lhe deraõ o fel. A Payxaõ de Christo parte foy de noyte sem dormir , parte de dia sem descansar , & taes são as vossas noytes , & os vossos dias. Christo despido , & vòs despidos : Christo sem comer , & vòs famintos : Christo em tudo maltratado , & vòs maltratados em tudo. Os ferros, as prisoens , os açoutes , as chagas , os nomes afrontosos , de tudo isto se compoem a vossa imitação , que se for acompanhada de paciencia, tambem terá merecimento de martyrio. Só lhe faltava á Cruz para a inteira , & perfeyta semelhan-

ça o nome de Engenho ; mas este mesmo lhe deu Christo não com outro , fenaõ com o proprio vocabulo. *Torcular* se chama o vosso Engenho , ou a vossa Cruz , & a de Christo por bocca do mesmo Christo se chamou tambem *Torcular* : *Torcular calcavi solus*. Em todas as invençoens , & instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o feu , que o vosso. A propriedade , & energia desta comparação he , porque no instrumento da Cruz , & na officina de toda a Payxaõ, assim como nas outras em que se espreme o çumo dos frutos , assim foy espremido todo o Sangue da Humanidade sagrada : *Eo quod sanguis ejus ibi fuit expressus, sicut sanguis vuae in torculari*. Diz Lyrano : *& hoc in spineæ coronæ impositione , in flagellatione in pedum , & manuum confixione , & in lateris apertione*. E se entaõ se queixava o Senhor de padecer só : *Torcular calcavi solus* : & de não haver nenhum dos gentios que o acompanhasse em suas

163.
3.

penas: *Et de gentibus non est
vir mecum*: vede vòs quanto
estimará agora que os que
hontem foraõ gentios, con-
formando-se com a vontade
de Deos na sua forte, lhe fa-
ção por imitação tão boa
companhia.

544. Mas para que esta
primeira parte da imitação
dos trabalhos da Cruz o se-
ja tambem nos affectos (que
he a segunda, & principal;)
assim como no meyo dos
seus trabalhos, & tormentos
se não esqueceo o Senhor
de sua piedosissima Mãy,
encomendando-a ao Disci-
pulo amado, assim vos não
haveis vòs de esquecer da
mesma Senhora, encomen-
dandovos muito particular-
mente na sua memoria, &
offerecendo-lhe a vossa. De-
pois de Christo na Cruz dar
o Reyno do Ceo ao Bom
Ladraõ, entã fallou com
sua Mãy; & parece que este,
& não aquelle havia de ser
o seu primeiro cuidado: mas
seguiu o Senhor esta ordem,
diz Santo Ambrosio, para
mostrar segundo as mesmas
leys da natureza, que mais
fazia em ter da propria Mãy

esta lembrança, que em dar
a hum estranho o Reyno;
*Pluris putans quòd pietatis
officia dividebat, quàm quòd
Regnum caeleste donabat*. Ao
Ladraõ deu Christo menos
do que lhe pedio, & à Mãy
deu muito mais do que ti-
nha dado ao Ladraõ; por-
que o Ladraõ pedio-lhe a
memoria, & deulhe o Rey-
no, & á Mãy deulhe muito
mais que o Reyno; porque
lhe deu a memoria. Esta
memoria haveis de offerecer
à Senhora em meyo dos vos-
sos trabalhos à imitação de
seu Filho, & não duvideis,
ou cuideis que lhe seja me-
nos accita a vossa, antes em
certo modo mais: porque?
porq̃ nas Ave Marias do vos-
so Rosario a fazeis com pa-
lavras de mayor consolação,
do que as que lhe disse o
mesmo Filho, conforman-
do-se com o estado presente.
O Filho chamou-lhe Mu-
lher, & vòs chamar-lhe-heis
a Bendita entre todas as
mulheres: o Filho não lhe
deu nome de Mãy, & vòs a
invocareis cento & cincoen-
ta vezes com o nome de San-
ta Maria Mãy de Deos. Oh
quão

10.
abr

quão adoçada ficará a dureza, & quão ennobrecida a vileza dos vossos trabalhos na harmonia destas vozes do Ceo: & quão preciosas serão diante de Deos as vossas penas, & afflicções, se juntamente lhas offerecerdes em uniaõ das q̄ a Virgẽ Mãy sua padecção ao pé da Cruz.

545. E porque a continuação do vosso mesmo trabalho vos não pareça bastante escusa para faltardes com vossas oraçoens a esta pensão de cada dia; adverti que se o vosso Rosário consta de tres partes; estando Christo vivo na Cruz sómente tres horas, nessas tres horas orou tres vezes. Pois se Christo ora tres vezes em tres horas, sendo tão infofríveis os trabalhos da sua Cruz; vós por grandes que sejaõ os vossos, porque não orareis tres vezes em vinte & quatro horas? Dirmeheis que as oraçoens que fez Christo na Cruz, foraõ muito breves. Mas nisso mesmo vos quiz dar exemplo, & vos deixou hũa grande consolação. Para que quando, ou apertados do tempo, ou

Tom. 5.

opprimidos do trabalho não poderdes rezar o Rosário inteiro, não falteis ao menos em rezar parte: consolando-vos com saber que nem por isso as vossas oraçoens abreviadas serão menos accitas a Deos, & a sua Mãy, assim como o foraõ as de Christo a seu Eterno Pay.

546. Agora acabareis de entender porque razão os Psalmos que David compoz para os que trabalhão nos Engenhos foraõ sómente tres. Lede-os, ou leaõ-nos por vós os que os entendem, & acharão que só tres se intitulaõ: *Por torcularibus*. E porque tres, nem mais, nem menos? Porque em tres partes, nem mais nem menos dividio David o seu Psalterio, & a Senhora o seu Rosário. O que hoje chamamos Rosário, antes que as Ave Marias se convertessem milagrosamente em Rosas, chamava-se o Psalterio da Virgem; porque assim como o Psalterio era composto de cento & cincoenta Psalmos, assim o Rosário se compoem de cento & cincoenta saudaçoens Angelicas. Que

Li iij

fez

fez pois David, como Rey pio, & como Profeta? Como Rey pio, que attendia ao bem presente do seu Reyno, vendo que os trabalhadores dos lagares não podiaõ rezar o Psalterio inteiro, & tão comprido como he, recopiou, & abreviou o mesmo Psalterio, & reduzio as tres partes, de que he composto, aos tres Psalmos que intitulou, *Pro torcularibus*. E como Profeta que via os tempos futuros, & o Rosario que havia de compôr a Mãe do que se havia de chamar Filho de David, à imitação do seu Psalterio, introduzio no mesmo Psalterio, já abreviado, & reduzido a tres Psalmos, os tres Mysterios gozofos, dolorofos, & gloriosos em que está repartido o Rosario. Assim foy, & assim se vê claramente nos mesmos tres Psalmos. Porque o primeiro (que he o Psalmo oito) tendo por Expositor a São Paulo, contém os Mysterios da Encarnação, & Infancia do Salvador: *Ex ore infantium, & lactentiã perfecisti laudẽm*. O segundo (que he o Psalmo

Pf. 1.3

oitenta) contém os Mysterios da Cruz, & da Redempção representados na do Egypto: *Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Egypti*. Eo terceiro (que he o Psalmo oitenta & tres) contém os Mysterios da Gloria, & da Ascensão: *Beatus vir, cujus est auxiliũ abs te, ascensionẽ in corde suo disposuit in valle lacrymarũ*.

547. Assim pois, como os trabalhadores Hebréos (que eraõ os fieis daquelle tempo) no exercicio dos seus lagares meditavaõ, & cantavaõ o Psalterio de David recopilado naquelles tres Psalmos, porque não podiaõ todo; ao mesmo modo vòs, quando não possais rezar todo o Rosario da Senhora, ao menos com parte das tres partes em que elle se divide, haveis de aliviar, & santificar o pezo do vosso trabalho na memoria, & louvores dos seus mysterios. Este foy finalmente o exemplo, & exemplar que vos deixou Christo nas tres breves oraçoens da sua Cruz. Porque se bem advertirdes em todas tres, pela mesma

ordem do Rosario se contém os Myſterios Gozofos, Dolorofos, & Gloriofos. Os gloriofos na terceira, em que encomendou ſua Alma nas mãos do Padre, partindoſe deſte mundo para a Gloria:

Luc.
23.46 *Pater in manus tuas commendo Spiritum meum.* Os dolorofos na ſegunda, em que amorofamente queixouſo publicou a altas vozes o exceſſo das ſuas dores: *Deus meus,*

Matt.
27.46 *Deus meus, ut quid dereliſti me?* E os gozofos rogando pelos meſmos que o eſta-
vão pregando na Cruz, & allegando que não ſabiaõ o que faziaõ: *Non enim ſciunt*

Luc.
23.34 *quid faciunt:* porque elles o crucificavaõ para o atormentarem, & elle ſe gozava muito de que o crucificafſem, como declarou São

Hebr.
12.2 *Propoſito ſibi gaudio, ſuſtinuit crucem.*

VIII.

548. **R** Eſta o ultimo, & excellentemente documento de São Joaõ tambem nova, & ſegunda vez nacido ao pé da Cruz: & qual he eſte do-

cumento? Que entre todos os myſterios do Rosario, haveis de ſer mais particularmente devotos dos que ſaõ mais proprios do voffo eſtado, da voffa vida, & da voffa fortuna, que ſaõ os myſterios dolorofos. A todos os myſterios dolorofos (& não aſſim aos outros) ſe achou presente São Joaõ. Aſſiſtio ao do Horto com os dous Diſcipulos: aſſiſtio aos Açoutes com a Virgem Santiffima no Pretorio de Pilatos: aſſiſtio do meſmo modo, & no meſmo lugar à Coroação de Espinhos: ſeguio ao Senhor com a Cruz às coſtas até o Monte Calvario, & no meſmo Calvario ſe não apartou do ſeu lado até espirar, & ſer levado à ſepultura. Eſtes foraõ os myſterios proprios do Diſcipulo amado, que como a dor ſe mede pelo amor, a elle competiaõ mais os dolorofos. Eſtes foraõ os ſeus, & eſtes devem ſer os voffos, & não ſõ por devoção, ou eleição, nem ſõ por condição, & ſemelhança da voffa Cruz, mas por direito hereditario deſde o primeiro

Ethyope, ou Preto que conheceu a Christo, & se bautizou. He caso muito digno de que o saybais.

549. Apareceo hum Anjo a São Filippe Diácono, & disse-lhe que se fosse pôr na estrada de Gáza. Posto na estrada tornou-lhe a apparecer, & disse-lhe que se chegasse a hũa carroça que por alli passava. Chegou, & vio que hia na carroça hum homem preto (que era criado da Rainha de Ethyopia) & ouviu que hia lendo pelo Profeta Isaias. O lugar em que estava, era aquelle famoso Texto do Capitulo cincoenta & tres, em que o Profeta descreve mais claramente que nenhum outro a Morte, Payxaõ, & Paciencia de Christo: *Tanquam avis ad occisionē ductus est, & sicut agnus coram tondente se, sine voce, sic non aperuit os suum, &c.* Perguntoulhe o Diácono se entendia o que estava lendo, & como respondeu que não, & lhe pediu que lho declarasse, foy tal a declaração que chegando depois ambos a hum Rio, o Ethyope pediu ao

Santo que o bautizasse. E este foy o primeyro gentio depois de Cornelio Romano, & o primeiro Preto Christão que houve no mundo. Tudo nesta historia, q̄ he dos Actos dos Apostolos, referida por São Lucas, são mysterios. Mysterio foy o primeyro aviso do Anjo ao Santo Diácono, & mysterio o segundo: mysterio que hum gentio fosse lendo pela Sagrada Escritura, & mysterio que caminhando a fosse lendo: mysterio que o Profeta que lia, fosse Isaias, & mysterio sobre todos mysterioso, que o lugar fosse da Payxaõ, & Paciencia de Christo; porque para dar occasião ao Diácono de prégar a Fè a hum gentio, bastava que fosse qualquer outro. Pois porque ordenou Deos que fosse finaladamente aquelle lugar, em que se descrevia a sua Payxaõ, & os tormentos com que havia de ser maltratado, & a paciencia, sugeição, & silencio com que os havia de sopportar? Sem duvida, porque neste primeyro Ethyope taõ anticipadamente con-

vertido se representavaõ todos os homens da sua cor, & da sua naçaõ, que depois se convertêraõ. Assim o dizem São Jeronymo, & Santo Agostinho, & o provaõ com o Texto de David :

Ps. 67 *Ethiopia præveniet manus*
32. *ejus Deo.* E como a natureza gerou os Pretos da mesma

Maf. cor da sua fortuna: *Infelix genus hominum, & ad servitutem natum;* quiz Deos que nascessem á Fé debayxo do signo da sua Payxaõ; & que ella, assim como lhe havia de ser o exemplo para a paciencia, lhe fosse tambem o alivio para o trabalho. Em fim que de todos os mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ de Christo, os que pertencem por condiçaõ aos Pretos, & como por herança, são os dolorosos.

550. Destes devem ser mais devotos & nestes se devem mais exercitar, acompanhando a Christo nelles, como fez São Joã na sua Cruz. Mas assim como entre todos os mysterios do Rosario estes são os q̄ mais propriamête pertencem aos Pretos; assim entre todos

os Pretos, os que mais particularmente os devem imitar, & meditar, são os que servem, & trabalhaõ nos Engenhos, pela semelhança, & rigor do mesmo trabalho. Encarecendo o mesmo Redemptor o muito que padecêo em sua sagrada Payxaõ, que são os mysterios dolorosos, compara as suas dores às penas do inferno: *Dolores inferni circūdederūt me.* E que cousa ha na confusaõ deste mundo mais semelhãte ao inferno, que qualquer destes vossos Engenhos, & tanto mais, quanto de mayor fabrica? Por isso foy tão bem recebida aquella breve, & discreta definiçaõ de que chamou a hum Engenho de açucar: doce inferno. E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquellas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes: as lavaredas que estão saindo a borbotoens de cada hũa pelas duas boccas, ou ventas, por onde respiraõ o incendio: os Ethyopes, ou Cyclopes banhados em suor tão negros como robustos que subministraõ a grossa, & dura

dura materia ao fogo, & os forcados com que o revolvem, & atição: as caldeyras, ou lagos ferventes com os cachoens sempre batidos, & rebatidos, já vomitando escumas, já exhalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, & tornando os a chover para outra vez os exhalar: o ruído das rodas, das cadeas, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, & gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tregoa, nem de descãço: quem vir em fim toda a maquina, & aparato côfuso, & estrondoso daquella Babylonia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas, & Vesuvios, que he hũa semelhança de inferno. Mas se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem, forem as do Rosario orando, & meditando os mysterios dolorosos, todo esse inferno se converterá em Paraiso; o ruído em harmonia celestial; & os homens, posto que pretos, em Anjos.

551. Grande Texto de

David. Estava vendo David essas mesmas fornalhas do inferno, & essas mesmas caldeiras ferventes, & profetizando literalmente dos que vio atados a ellas, crevêo aquellas difficultas palavras: *Si dormiatis inter medios cleros pennæ columbæ deargentatæ, & posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Cleros quer dizer Lebetes, ou como verte com mayor propriedade Vatablo: *Si dormiatis inter medias caldarias,* ^{balus.} *vasaque plena fuligine.* Diz pois o Profeta: Se passardes as noytes entre as caldeyras, & entre esses grandes vasos fuliginosos, & tismados cõ o fumo, & labaredas das fornalhas; que haveis de fazer, ou que vos ha de succeder? Agora entra o difficultoso das palavras: *Pennæ columbæ deargentatæ, & posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Pennas, & azas de pomba prateadas por hũa parte, & douradas por outra. E que tem que ver a pomba com o triste escravo, & negro Ethyope, que entre todas as aves só he parecido ao corvo? Que tem que ver a pra-

prata, & o ouro com o cobre da caldeira, & o ferro da corrente a que está atado. Que tem que ver a liberdade de huma ave com penas, & azas para voar, com a prisão do que se não pôde bulir dalli por mezes, & annos, & tal vez por toda a vida? Aqui vereis quaes são os poderes, & transformações que obra o Rosario nos que oraõ, & meditaõ os mysterios dolorosos.

552. A pomba na Sagrada Escritura como consta de infinitos lugares, não só he symbolo da oração, & meditação absolutamente, senão dos que oraõ, & meditaõ em casos dolorosos: por isso El Rey Ezequias nas suas dores dizia: *Meditabor ut columba*. E a razão desta propriedade, & semelhança he, porque a pomba com os seus arrulhos, não canta como as outras aves mas geme. Quer dizer pois o Profeta, & diz admiravelmête falando convosco na mais miseravel circumstancia desse inferno da terra: *Si dormiatis iuter me: dias caldarias, vasa que plena*

fuligine; se não só de dia, mas de noite vos virdes atados a essas caldeiras com huma forte cadea, que só vos deixe livres as mãos para o trabalho, & não os pés para dar hum passo; nem por isso vos desconsoleis, & desaniméis: oray, & meditaõ os mysterios dolorosos, acompanhando a Christo nelles, como São João: nessa triste servidão de miseravel escravo tereis o que eu desejava sendo Rey, quando dizia: *Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabor, & requiescam*: Oh quem me dera azas como de pomba para voar, & descansar? E estas são as mesmas que eu vos prometto no meyo dessa miseria: *Penna columbæ de argentatae, & posterior a ejus in pallore auri*: porque he tal a virtude dos mysterios dolorosos da Paixão de Christo para os que orando os meditaõ, gemendo como pomba: que o ferro se lhes converte em prata, o cobre em ouro; a prisão em liberdade, o trabalho em descanso, o inferno em paraíso, & os mesmos homens, posto que

que pretos, em Anjos.

553. Dizeime que cou-
sa he hum Anjo? Os Anjos
naõ são outra cousa, senão
homens com azas; & esta fi-
gura naõ lha deraõ os pin-
tores, senão o mesmo Deos,
que assim os mostrou a Isa-
ias, & assim os mandou es-
culpir no templo. Pois essas
são as azas prateadas, & dou-
radas com que desse vosso
inferno vos vio David voar
ao Ceo para cantar o Rosa-
rio no mesmo coro com os
Anjos. Nem vos meta em
desconfiança a vossa cor,
nem as vossas fornalhas, por-
que na fornalha de Babylo-
nia, onde o Mestre da Ca-
pella era o Filho de Deos,
no mesmo coro meteo as
noites com os dias: *Bene-
dicite noctes, & dies Domino.*
Antes vos digo (& notay
muito isto para vossa conso-
lação) q̄ se no Ceo naõ entrã-
raõ as vossas vozes cõ as dos
Anjos, o Rosario que lá se
canta naõ seria perfeito.
Cõsta de muitas revelações,
& visões de Santos que os
Anjos no Ceo tambem ré-
zaõ, ou cantão o Rosario:
por sinal que ao nome de

Maria fazem hũa profunda
inclinação, & ao nome de
Jesus se ajoelhaõ todos: &
digo que entrando vòs no
mesmo coro, ferà o Rosario
dos Anjos mais perfeito do
que he sem vòs; porque a
perfeição do Rosario consi-
ste em se conformar quem
o reza com os mysterios
que nelle se meditaõ, go-
zando-se com os gozosos,
doendo-se com os dolorosos,
& gloriando-se com os glo-
riosos. E posto que os An-
jos nos gozosos se podem
gozar, & nos gloriosos se
podem gloriar, nos doloro-
sos naõ se podem doer, por
que o seu estado he incapaz
de dor. Isto porèm que el-
les naõ podem fazer no Ceo,
fazeis vòs na terra; se no
meyo dos trabalhos que pa-
deceis, vos doeis mais das
penas de Christo, que das
vossas. Assim que do Rosa-
rio dos Anjos, & do vosso,
ou repartidos em dous co-
ros, ou unidos em hum só,
se inteira a perfeição, ou se
aperfeiçoa a harmonia dos
mysterios do Rosario.

554. Os dolorosos (ou-
çaõ me agora todos) os do-
loro-

Dan.
3. 71.

lorofos são os que vos pertencem a vós, como os gozofos aos que devendo-vos tratar como irmãos, se chamão vossos senhores. Elles mandão, & vós servis: elles dormem, & vós velais: elles descansão, & vós trabalhais, elles gozão o fruto de vossos trabalhos, & o que vós colheis delles, he hum trabalho sobre outro. Não ha trabalhos mais doces que os das vossas officinas; mas toda essa doçura para quem he? Sois como as abelhas, de quem disse o Poeta: *Sic vos non vobis mellificatis apes*. O mesmo passa nas vossas colmeas. As abelhas fabricão o mel; sim, mas não para si. E posto que os que o lograão he com tão differente fortuna da vossa: se vós podem vos foubertes aproveitar della, & conformalla com o exemplo, & paciencia de Christo, eu vos prometo primeiramente que effes mesmos trabalhos vos sejaão muito doces, como foraão ao mesmo Senhor: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera*: & que depois (que he o que só importa), assim

como agora imitando a São João, sois companheiros de Christo nos mysterios dolorofos de sua Cruz; assim o fereis nos gloriosos de sua Ressurreição, & Ascensão. Não he promessa minha, senão de São Paulo, & Texto expresso de Fé: *Hæredes quidem Dei, cohæredes autem Rom. 8 Christi: si tamen comp. ti-17, mur: ut & conglorificemur*. Assim como Deos vos fez herdeiros de suas penas, assim o fereis tambem de suas glorias: com condição porém que não só padeçais o que padeceis, senão que padeçais com o mesmo Senhor; que isso quer dizer, *Compatimur*. Não basta só padecer com Christo, como São João.

555. Oh como quize-ra, & fora justo que tambem vossos senhores considerããbem aquella consequencia: *Si tamen compatimur, ut & conglorificemur*. Todos querem ir à Gloria, & ser glorificados com Christo; mas não querem padecer, nem ter parte na Cruz com Christo. Não he isto o que nos ensinou a Senhora do Rosario

rio na ordem, & disposiçã do mesmo Rosario. Depois dos mysterios gozofos poz os dolorofos, & depois dos dolorofos os gloriosos. Porque? Porque os gostos desta vida tem por consequencia as penas, & as penas pelo contrario as glorias. E se esta he a ordem que Deos guardou com seu Filho, & com sua Mãy, vejaõ os demais o que fará cõ elles. Mais inveja devem ter vossos senhores às vossas penas, do que vòs aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. Imitay pois ao Filho, & á Mãy de Deos, & acompanhay-os com São Joaõ nos seus mysterios dolorofos, como proprios da vossa condiçã, & da vossa fortuna, bayxa, & penosa nesta vida, mas alta, & gloriosa na outra. No Ceo cantareis os mysterios gozofos, & gloriosos com os Anjos, & lá vos gloriareis de ter supprido, com grande merecimento, o que elles não pòdem, no continuo exercicio dos dolorofos.

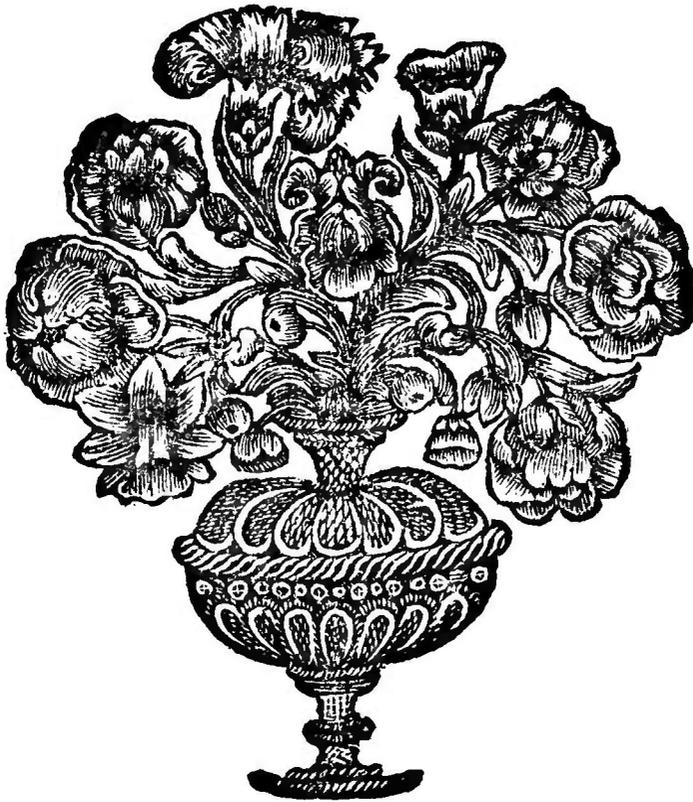
IX.

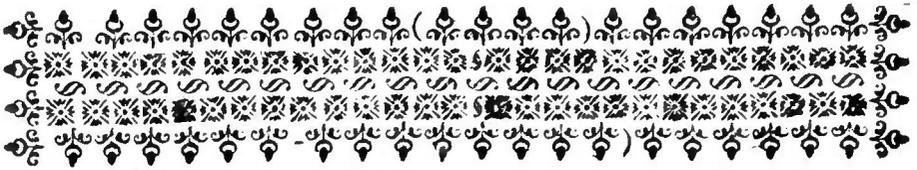
556. **E**stes são, de

votos do Rosario, os tres motivos que nascem dos tres nascimentos que vistes, os quaes se forem taõ bem exercitados como são bem nascidos, nem podeis desejar mayor honra nos vossos desprezos, nem mayor alivio nos vossos trabalhos, nem mayor dita, & ventura na vossa fortuna. A mesma Mãy do Filho de Deos, & de São Joaõ he Mãy vossa. E pois estes tres filhos já nascidos lhe nascerão segunda vez ao pé da Cruz, não falteis na vossa, posto que taõ pesada, nem à imitaçã de taõ honrados irmãos, nem às obrigações de taõ soberana Mãy. Para que assim como a Senhora se gloria de ser Mãy de Christo, & depois d'elle de ser Mãy de São Joaõ, assim tenha tambem muito de que se gloriar em ser Mãy de todos os Pretos taõ particularmente seus devotos. Desta maneira se multiplicou por varios modos o segundo nascimen-

çimento de seu Unigenito
Filho; & desta maneira se
verefica em eterno louvor
de seu Santissimo Nome,
que o mesmo Jesu que se

chama Christo, não só huma
senaõ tres vezes nasceo de
Maria: *Maria, de qua natus
est Jesus, qui vocatur Chri-
stus.*





SERMAM

DE

N. S. DO ROSARIO

Com o Santissimo Sacramento exposto,

No Sabbado da infra Octavam Corporis Christi, & na hora, em que todas as tardes se reza o Rosario na Igreja do Collegio da Companhia de Jesu do Maranhão, & nos Sabbados se conta hum exemplo da mesma devoção, anno de 1654.

Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis. Cantic. 7.

§. I.

204



Aquelle myste-
rioso Livro, cha-
mado vulgarmê-
te dos Cantares,
descreve Sala-
maõ em alto, & metafó-
rico estylo o corpo mystico
da Igreja Catholica, & dis-
corrêdo particularmête por

todos os membros, & partes,
de que se compoem, cõ lou-
vor da fermosura, & decla-
ração do officio de cada hũ,
chega finalmente áquella of-
ficina universal, onde se re-
cebe o alimento, & conver-
tido em sangue se reparte
por todo o corpo, & diz, que
o ventre da Igreja he seme-
lhante a hum monte de trigo,
cercado, ou vallado de
ro-

Cãtic. 7.2. rosas: *Venter tuus sicut acer-
vus tritici, vallatus liliis.* Este
he o proprio, & natural fen-
tido do Texto que propuz,
no qual posto que a palavra
Liliis parece que soa, & quer
dizer, lirios; entendida po-
rêm como se deve entender
na sua original significação,
he certo que significa rosas.

Assim o prova larga, & eru-
ditamente em tratado particu-
lar desta materia Tuccio
Tucc. Lucense: E se confirma de
Lucces. outros dous lugares do mes-
mo Livro. O primeiro no
Capitulo quinto, onde a Es-
posa Santa descrevendo as
feiçoens do seu Esposo, & en-
carecendo sua gẽtileza, diz:

Cãtic. 5.13. *Labia ejus lilia:* E claro estã
que lhe não havia de louvar
o engraçado da boca, por ter
os beiços brancos como li-
rios, senão encarnados como
rosas, em correspondencia
do que o mesmo Esposo ti-
nha louvado nos seus; *Sicut*
vitta coccinea labia tua. O se-

Cãtic. 4.3. gundo lugar ainda he mais
expresso no Capitulo segun-
do: *Sicut lilium inter spinas:*

E a flor que nasce entre espi-
Cãtic. 2.2. nhos, quẽ pòde duvidar q̃ he
a rosa, & não o lirio? Assim

o cõmenta no mesmo verto
a lição, & exposição Chal-
daica, dizendo: *Comparatu*
sũ rosæ quæ inter spinas ger-
minat. Quanto mais que o
nosso mesmo Texto o signifi-
ca bem claramente, porque
havendo de servir estas flo-
res de cercado, ou vallado ao
trigo: *Vallatus liliis:* mal o
podia defender a seve dos
lirios, que são flores innocẽ-
tes, & defarmadas. As rosas
pelo contrario sim; as quaes
como nasceraõ para Rai-
nhas das flores, desde logo
lhes deu a natureza os espi-
nhos, como por archeiros, &
guarda da magestade; por
onde disse Boecio: *Armat*
spina rosam: E assim como
esta as guarda, & defende a
ellas, podia tambem cercar,
& defender o trigo:

205. Supposta esta pro-
priedade, em que só podia
haver alguma duvida, nin-
guem duvida, que o trigo no
ventre da Igreja he o Divi-
nissimo Sacramento do Al-
tar, do qual ella sobrenatur-
almente se alimenta, como
de pão de vida, & por meyo
do qual cõmunica os espiri-
tos vitacs, & os reparte a to-

Osea
14.8.

dos os membros de seu corpo, que são os Fieis Catholicos; dos quaes tinha ditto muito antes o Profeta Osea: *Vivent tritico*. Nem tambem se pôde duvidar, que as rosas, que cercaõ o trigo, sejaõ as do Rosario, pois os mesmos Rosarios, que trazemos nas mãos, fazem hum circulo perfeito, & os mysterios de q̄ o Rosario se compoem, outro circulo. Assim o notou o Profeta David, quando disse: *A summo Cælo egressio ejus, & occursus ejus usque ad summum ejus*. Começa o Rosario no Ceo, donde sahio o Filho de Deos pelo mysterio da Encarnação, & dindo volta por toda a sua vida, & morte, torna a acabar no mesmo Ceo pelo mysterio de sua gloriosa Ascensão; fazendo circularmente hum novo, & maravilhoso Zodiaco de melhores Constellaçoens, & mais fermosas figuras das que visita, & alumea o Sol na volta que dà ao mundo. E porque a Virgem Senhora nossa foy a Authora, & Invétora deste mysterioso circulo (em cujos mysterios todos teve

Ps. 18.
7.

tanta parte) por isso diz, & se gloria de ser ella a que cõ seus passos andou, & aperfeiçoou o mesmo circulo: *Gyrum Cæli circuiuisala*.

206. Sendo pois o trigo *Eccles* do nosso Texto o Santissimo ^{24.8.} Sacramento, & as rosas, que o cercaõ, o Santissimo Rosario; muita razaõ terá a devoção de todos os que com tanta piedade se ajũtaõ aqui nesta hora ao rezar, ou cantar a coros, muita razaõ, digo, terá de querer ouvir, & saber, que conveniencia, ou por porção tem o Rosario cõ o Sacramento, & que utilidades poderãõ conseguir os que unirẽ entre si estas duas grandes devoçoens, a de frequentar o Sacramento, & a de rezar o Rosario? Para eu o poder declarar com o proveito de nossas Almas, que desejo, & espero, no Divinissimo Sacramento temos a fonte da Graça, & na Senhora do Rosario a melhor intercessora.

Ave Maria.

§. II.

*Venter tuus sicut aceruus
tritici, vallatus liliis.*

207. **M**aravilhosa foy a visãõ, q̃ teve em sonhos Faraó Rey do Egypto, quando vio aquellas quatorze vaccas, sete das quales eraõ fortes, corpulentas, & pingues, & as outras sete fracas, seccas, & maciẽtas. E o que muito accrescẽtava a razãõ da maravilha, & ainda do temor que cõcebeo o Rey, foy que todas pastavãõ nos mesmos campos, & ribeiras do Rio Nilo, & effas não seccas, mas verdes: *Et pascebantur in ipsa annis ripa in locis virentibus.* O Nilo da Igreja Catholica he a graça Divina. Esta graça, como o mesmo Nilo, se divide em sette canaes, que são os sete Sacramentos, por meyo dos quaes, como por sette boccas, se communica a nossas Almas: O Sacramento porẽm entre os demais q̃ particularmente as sustenta, he o Santissimo Sacramento do Altar, verdadeiro Corpo

Genes.
41.3.

& verdadeiro Sangue de Christo, que temos presente. E que grande admiracãõ, Fieis, que grande admiracãõ, que grande confusãõ, & que grande temor nos deve causar olhar para as Almas, q̃ se sustentaõ daquelle pasto Divino, & ver a notavel differença dellas? Não fallo das que chegassẽ à Communhaõ em consciẽcia de peccado, porque não quero suppor taõ horrẽdo, & atroz sacrilegio: fallo só das Almas Christãs (que as outras não merecem este nome) & das que a seu parecer commungãõ christãmente. Quantos leigos commungãõ muitas vezes, quantos Sacerdotes celebramos todos os dias: E onde estãõ aquellos effectos de Christo se transformar em nõs, & nõs em Christo: *In me manet, & Joan? ego in illo?* Grande bem do mundo seria, & grande gloria da Igreja, se de cada quatorze Almas, que chegaõ ao Sacramento, fõssẽ sete as que se aproveitassẽ do pasto, & se luzissẽ nellas: mas todas pela maior parte cheas de imperfeicoens, & miserias,

rias, todas fracas, todas secas, todas macilentas, & ainda, como diz o Texto, taes, que faz asco olhar para ellas: *Fœdæ, confectæque ma-*

Genes. cie.

41.3.

208. Ora eu buscando a causa desta differença tão notavel, & qual possa ser o defeito, ou impedimento porque se não lograõ, & luzem em nós os effeitos deste soberano manjar; acho que sem consciencia de peccado, a causa não pôde ser outra, senão a falta de digestão. Comemos a Christo no Sacramento, mas não o digerimos. Christo Senhor nosso disse, que o seu fantissimo Corpo no Sacramento he verdadeira comida: *Cara mea vere est cibus*: E porque? Não só porque foy instituido para alimento de nossas Almas, senão tambem porque no modo de as alimentar tem as mesmas propriedades do mantimento corporal: E o mantimento corporal, que se come, & não se digere, por mais substancial, & exquisito que seja, não faz nutrição, nem se converte em substancia. Lá diz o

Joan.
6.56.

he verdadeira comida: *Cara mea vere est cibus*: E porque? Não só porque foy instituido para alimento de nossas Almas, senão tambem porque no modo de as alimentar tem as mesmas propriedades do mantimento corporal: E o mantimento corporal, que se come, & não se digere, por mais substancial, & exquisito que seja, não faz nutrição, nem se converte em substancia. Lá diz o

atorissimo vulgar da Medicina: *Non quod ingeritur, sed quod digeritur*: que o que alimenta; nutre, augmenta, & dá forças, & vigor ao vivente, não he o comer, que elle toma na bocca, & recebe dentro em si, senão o que digere. No mesmo Corpo Santissimo de Christo Senhor nosso temos o exemplo;

209. Depois de resuscitado o Senhor para prova de que era o mesmo, & que verdadeiramente estava vivo, comeo muitas vezes cõ seus Discipulos. Comeo cõ elles no mesmo dia da Resurreição, como diz S. Lucas: *Co- Luc. 24.43* meo com elles na praya do mar de Tiberiades; como diz S. João. Comeo com *Joan. 21.9* elles outras muitas vezes em Galiléa, de que faz menção *Act. 10.41* São Pedro: E finalmente comeo com elles no ultimo dia, em que se despedio, & subio ao Ceo, como se lê nos Actos dos Apostolos: *Et Act. 1.4* *convescens praecepit eis, ab Jerusalem ne discederent*. Daqui se infere, ou parece se pôde inferir, que Christo Senhor nosso tem hoje no Ceo mais carne, & mais sangue, do

do que tinha quando resuscitou, & por consequencia, que no Santissimo Sacramento recebemos tambem mais carne, & mais sangue daquelle; que o Senhor consagrrou na Cea. Assim o ensinou

Dur. Durando, mas falsa, & *in 4.* erroneamente: porque a humanidade sagrada de Christo nenhuma cousa cresceo, *dist. 1.* nem diminuiu da substancia, *q. 4. ex* ou quantidade corporal, que *confer.* tinha antes de morrer, & depois de resuscitar; mas sempre conservou a mesma inteireza perfeitissima da idade natural, a que tinha chegado. Pois se Christo depois de resuscitado comeo, & comeo tantas vezes, & o comer primeiro se converte em sangue; & depois em carne, como não cresceo, nem se augmentou a carne, & o sangue da Sagrada humanidade, nem a substancia corporal do mesmo Christo recebeu nutrimento, ou acrescentamento algum? A razão he: como ensina a verdadeira Theologia com Santo

Sec. ar. Thomás, porque ainda que *disp.* Christo comia depois de resuscitado, & glorioso, não *47.* *sect. 5.* Tom. 5.

digiria o que comia. Para haver nutrição, he necessario que haja digestão; & para haver digestão, & nutrição, he necessario que o corpo seja alteravel, & passivel: E como o corpo resuscitado, & glorioso de Christo era impassivel, & inalteravel por isso ainda que comia, não digiria o comer, nem se nutria com elle.

210. Esta he a razão Filosofica, & Theologica, porque Christo naquello estado comia, como se não comera: E o mesmo succede a nossas Almas. Assim como o Corpo de Christo resuscitado comia os nossos manjares; & não se nutria, nem augmentava com elles, porque os não digiria; assim nós comemos o Corpo do mesmo Christo, & não se lograo em nossas Almas os effectos de tão soberana comida, porque não digiri-mos. Não sem mysterio se compara o Divino Sacramento no nosso Texto a trigo em monte, & não na eyra, senão no ventre: *Venter tuus sicut acervus tritici.* E qual he o mysterio desta que pa-

rece impropriedade ? O mysterio he ; porque muitas vezes depois de entrar aquelle Divino Paõ no interior de nossas Almas , está tão longe de se digirir , como se ainda estivera em trigo. E por isso mesmo está em monte : *Sicut acervus* ; porque huma cõmunhaõ sobre outra cõmunhaõ , feitas deste modo , fazem monte , mas não fazem nutrição. A nutrição he aquella que reparte por todas as veyas , & membros do corpo a substância , & virtude do que se come , & o mesmo faz aquelle soberano manjar (diz São Pedro Damiaõ) quando se recebe não só no peito do corpo ; senão no estomago da Alma , & nelle se digere : *Hæ epulæ , & mentis nostræ stomachum suaviter replent , & ad præbendas vires per omnium se venarum poros effundunt*. Este soberano manjar , & nectar do Ceo (diz o Santo) não só se recebe com grande suavidade no estomago da Alma ; mas dalli se diffunde por todas as veyas , & reparte , & cõunica ja todos os membros do nosso

Petr.
Dam.
opus.
12.^o
33.

corpo a virtude , & virtudes do corpo , & membros de Christo , que na substancia , & realidade do que comemos , se encerra. Nos olhos do que assim communga , apparece logo a modestia dos olhos de Christo : na lingua , o silencio , & moderação das palavras de Christo : no coração , os affectos , & desejos do coração de Christo : nos pés , a postura , & firmeza dos passos de Christo , nas mãos a innocencia , a mansidão , & a charidade das acções de Christo ; & finalmente em todo o homẽ que comeu a Christo. E qual he a razão , Christãos , porque em muitos de nós depois de cõungarmos huma , & muitas vezes , se não vem os mesmos effeitos , senão outros tão diversos , & totalmente contrarios ? A razão he , como dizia , porque comemos no Sacramento a Christo , mas não o digirimos : *Ingeritur , sed non digeritur*.

211. Supposta pois esta falta de digestão , com que a maior providencia de Christo em prover de tão sobre-

natural mantimento a Republica de sua Igreja, por culpa, & negligencia nossa, se tem feito inutil, ou quasi inutil, como o mesmo Senhor se queixava por bocca de David, quando disse: *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem?* E

Pf. 29. supposto que pela mesma
10. falta se vem as nossas Almas taõ macilentas, & desmedradas, & sem aquella nutrição, & augmentos de espirito, que lhe prometeo Isaias quando nos exhortava a comer no Divino Sacramento toda a substancia do summo bem: *Comedite bonum, & delectabitur in crassitudine anima vestra:* haverá quem dê algũ remedio efficaz á nossa

Jl. 55. debilidade, & fraqueza, com
2. que suprir esta falta de digestão taõ importante? E assim como da parte de Christo temos sempre prompto o Manná de seu Santissimo Corpo para o comer, tenhamos tambem da nossa parte a força, & vigor necessario para o digirir? Bendita seja, & para sempre bendita a gloriosissima Mãe de Deos, que assim como

212.

deu a teu Filho a carne, & sangue, de que compoz esta soberana iguaria, assim tambem compadecida de nossa fraqueza, nos proveo de hũ remedio taõ facil; como efficaz para a inteira, & perfeita digestão della. Esta he, devotos da Virgem Santissima, a devoção, a que tantas vezes vos tenho exhortado neste dia feu; esta a que hoje mais particularmente vos venho inculcar em nome da mesma Senhora, & esta finalmente a proporção, & conveniencia admiravel, que tẽ entre si o Santissimo Sacramento; & o Santissimo Rosario. Sabeis que faz a devoção do Rosario junta com a cõmunhaõ do Sacramento? Faz, que se digira em hum tudo o que se come na outra; porque o mesmo Christo, que no Sacramento se come, no Rosario se digere. Isto he o que vos quero provar, & persuadir hoje.

III.

213. **D**Igo pois primeira-
mente, q̃ Sacramento
he o Rosario indigesto, & o
Kk iij Ro-

Rosario he o Sacramento digirido. O Sacramento he o Rosario indigesto, porque no Sacramento estão todos os mysterios da Redempção reduzidos a hum só mysterio: E o Rosario he o Sacramento digirido, porque no Rosario está o mesmo mysterio da Redempção dividido, & estendido em quinze mysterios. No Sacramento está o Rosario indigesto, porque o Corpo de Christo, que alli está realmente, está vivo, está morto, & está resuscitado sem distincção: E no Rosario está o Sacramento digirido; porque em quanto Christo vivo, está a sua vida distincta em cinco mysterios, que são os gozosos: em quanto morto, está a sua morte distincta em outros cinco mysterios; que são os dolorosos: E em quanto resuscitado, está a sua resurreição distincta em outros cinco, que são os gloriosos. E esta he a razão porque o mesmo Sacramento, quando se consagra, & offerrece a Deos no sacrosanto Sacrificio do Altar, humas vezes se chama mysterio, &

outras mysterios. Mysterio; porque indigesto, & sem distincção he hum só mysterio: mysterios; porque digesto, & distinctamente considerado, he, & encerra em si muytos mysterios.

214. E porque não faça duvida, ou estranheza, dizer q̃ no Sacramento está Christo indigesto; essa he a propriedade, & energia maravilhosa, com que o nosso mesmo Texto chamou ao Sacramento acervo: *Sicut acervus tritici*. Acervo propriissimamente quer dizer cousa indigesta. E porque esta propriedade consiste na significação natural da palavra, ouçamos a hum dos melhores Authores da mesma lingua; o qual com anthusiasmo poetico, não só parece que declarou o mysterio do nosso Texto, mas sobre o significado delle fez juntamente hum panegyrico a Maria Santissima, em quanto Authora, & Inventora do Rosario. Os versos são estes.

*Virg. Non digesta pati, nec acervo
 Aib. condita rerum,
 Sed manifesta notis certa dis-
 ponere sede
 Singula, divini est animi.*

Quer dizer: não consentir que as cousas grandes estejam indigestas, nem escondidas, ou amontoadas na confusão de hum acervo, mas descobrillas, & manifestallas com differença, & distincção de nomes, & por cada huma dellas em seu proprio lugar, tal obra como esta he de animo verdadeiramente divino. Duas particularidades notaveis contém esta judiciosa sentença. A primeyra, que as cousas postas em acervo estão indigestas: *Non digesta pati, nec acervo condita rerum*. E por isso eu digo, que Christo no Sacramento está indigesto, porque os mysterios da sua vida, morte, & resurreição, que alli se contém, não estão repartidos, & digestos, senão juntos indistintamente, & accumulados, como diz o Texto, em hum acervo: *Sicut acervus triticeis*. A segunda parti-

cularidade he, que distinguir, & repartir esse mesmo acervo, & digirir essas cousas indigestas, & por cada huma em seu proprio lugar com notas, ou nomes certos, que as demostrem, he obra de animo divino: *Sed manifesta notis certa disponere sede singula, divini est animi*. E isto he o que fez a Virgem Senhora nossa na maravilhosa architectura do seu Rosário, dispondo, & ordenando os mysterios da mesma vida, morte, & resurreição de seu Filho, & distinguindo a differença delles com as notas, & nomes diversos de gozosos, dolorosos, & gloriosos, & pondo huns no primeiro, outros no segundo, outros no terceiro lugar, assim como succederao, & se foraõ continuando, & todos em numero, & correspondencia igual, para mayor harmonia de toda a fabrica.

216. Agora vede como digirir deste modo o indigesto, he obra verdadeiramente de animo divino: *Divini est animi*. A primeira obra da Divindade, ou a primeira obra divina, em que Deos

mostrou sua sabedoria, & omnipotencia, foy a criação do universo. E como creou Deos este mundo? Primeiro o creou todo, mas indigesto, & depois o digirio, & foy distinguindo por partes, até que ficou consumado, & perfeito. Primeiro o creou todo, & indigesto: porque primeiro creou de nada aquella materia universal, de que depois foram eduzidas, & geradas entrê o Ceo, & a terra todas as creaturas corporeas, a qual materia, bem que de algum modo já informada, porque ainda estava confusa, & indistincta, mais por fama, que por fê, chamáraõ os antigos rude, & indigesta: *Rudis, indigesta que moles.* E depois digirio Deos este mesmo todo, porque dividido em varias partes, & ordenada, & ornada cada hũa dellas com o lugar, & perfeição, que naturalmente lhe convinha; entã ficou o mesmo universo, não só tão fermoso, & admiravel como o vemos, mastãõ util, & necessario à conservação do genero humano, como ex-

Ovid.
meta.
morph.

perimentamos, & gozamos. A mesma luz creada desde seu principio em hum globo informe, & indigesto, tambem a digirio Deos depois, repartida em Sol, Lua, & Estrellas: Ea mesma vida, que com nome de espirito se movia escuramête sobre os abissos, tambem a digirio em tres vidas, vegetativa nas plâtas, sensitiva nos animaes, racional no homem. E posto que nesta vida, & nesta luz primeiro indigesta, & depois digirida em tres partes se nos offerencia hũa boa, & duplicada semelhança para o que diziamos de Christo no Sacramento, que he o pão de vida, & a luz dos homens: *In ipso vito erat, & vita erat lux hominum:* para mostrar a divindade desta obra, ou o divino do animo de Maria nella (*divini est animi*) ainda havemos de subir mais alto.

Joan. 1

217. São Zeno Vero Zeno nense fallando de Deos, não fora de si, como creador, mas dentro de si mesmo, como increado, disse huma proposição singular, & muito notavel; cuja intelligencia tem

tem

tem fátigado variamente os Doutores modernos, & posto que estes lhe tenhaõ dado muitos sentidos, ainda se deseja o proprio, & verdadeiro. A proposiçaõ he esta. *Hic est Deus noster, qui se digessit in Deum*: Este he o nosso Deus, o qual se digirio em Deos. Se Deos se digirio a si mesmo, & digirio em Deos, logo havemos de suppor, & considerar a Deos já indigesto, já digesto: indigesto antes de se digirir, & digesto depois que se digirio. Mas que digestaõ, & indigestaõ he, ou pòde ser esta, que caiba, & se ache em Deos, & em Deos não fóra de sua divindade, senão dentro, nem em tempo, senão *ab aeterno*? Eu acho, que o Santo Padre na proposiçaõ fallou como tão Theologo, na fraze, como tão eloquente, & na metáfora, como quem nos quiz declarar cõ ella o que expressamente ensina a Fè, & o entendimento não alcança, senão escuramente. Não cremos todos que Deos he trino, & uno? Sim: pois em quanto uno está Deos indigesto, & em quanto trino, digesto. Em

quanto uno está indigesto; porque com ser Deos humana essencia immensa, & infinita, he hum acto purissimo, & simplicissimo sem divizaõ, ou distincçaõ alguma: E em quanto trino, está digesto; porque esse mesmo acto purissimo, & simplicissimo sem perder nada da sua unidade, se distingue realmente em tres Pessoas, tão oppostas entre si, que nem a primeira he a segunda, nem a segunda he a terceira, nem a terceira he a primeira, ou a segunda. E quando fez Deos de si, & em si mesmo esta digestaõ, ou como a fez? Quando ab aeterno, & sem principio, nem antecedencia, o Padre gerou o Filho, & o Padre, & o Filho produzirão o Espirito Santo: E multiplicado Deos por este modo ineffavel em tres Pessoas distintas, o mesmo Deos, que estava indigesto, & indistincto na unidade divina, ficou digesto, & distincto na multiplicação da Trindade.

218. Nesta fórma se verifica metaforicamente, mas com excellente propriedade q̃ Deos se digirio em Deos:

Deus

Deus noster se digessit in Deū: porque se digessit in Deum Patrem, se digessit in Deum Filium, se digessit in Deum Spiritum Sanctum. E se Deus se digirio a si mesmo, distinguindo a sua divindade, & multiplicando a sua unidade em tres Pessoas; porque não faria a Mãe de Deus outra obra semelhante em Christo sacramentado, digirindo os mysterios de sua humanidade na ordem, & divisão de outras tres partes distinctas? Santo Ambrosio, cōmentando o nosso Texto, diz, que o trigo, & as rosas ambos foraõ partos da Virgem Santissima: *In Virginis utero simul acervus tritici, & lili floris gratia germinabat, quoniam & granum tritici generabat, & lili.* Ao trigo deu a Senhora, como Mãe, a materia, & às rosas, tambem como Mãe, a fôrma. Ao trigo deu a materia; porque deu a Christo a carne, & sangue de que instituhio o Sacramento: & às rosas deu a fôrma; porque dos mysterios da vida, morte, & resurreiçãõ do mesmo Christo formou, & distinguio o

Rosario. Isso quer dizer: *Vallatus libis*: porque os vallos não só se fizeraõ para cercar, senão tambem para dividir, & distinguir. Formou a Senhora hum vallo de rosas entre os mysterios gozosos, & dolorosos; formou outro vallo entre os dolorosos, & gloriosos, & distinctos, & divididos assim, ficaraõ de tal modo digestos, que nós tambem os possamos digirir nesta unidade, & Trindade humana, assim como se experimentou na Divina.

219. Deus não só se digirio ab eterno, senão tambem em tempo, segundo a menor, ou mayor distincção, & clareza, com que se deu a conhecer aos homens. Na Ley Velha só revelou Deus expressamente ao Povo de Israel a sua unidade, segundo aquelle Texto do Deuteronomio: *Audi Israel; Deus Dominus Deus noster. Deus unus est.* E digo ao Povo; porque Abrahão, Moysès, David, & os outros Patriarcas, & Profetas tambem tiveraõ conhecimento, & fé explicita do mysterio da Trindade; porque conhe-

conhecerão a Encarnação do
 Filho de Deus por obra do
 Espirito Santo, a qual se
 não podia conhecer, sem se
 conhecerem também as tres
 Divinas Pessoas. Porém na
 Ley da Graça, & ao Povo
 Christão de tal maneira lhe
 revelou Deus o mesmo my-
 stério da Trindade, & com
 tal clareza, & distincção, que
 esse he o primeiro principio
 de nossa Fé, tão comum, &
 vulgar a todos, que desde o
 Bautismo, em que começa-
 mos a ser Christãos, o con-
 fessamos: *Baptizantes eos in*
nomine Patris, & Filii, &
Spiritus Sancti. Supposta
 esta differença, caso he digno
 de grande admiração, & re-
 paro, que o Povo de Israel,
 em quanto durou aquella
 Ley, nunca já mais se aquie-
 tasse, nem estivesse firme na
 Fé da unidade de Deus, ido-
 latrando sempre, & crendo
 em muitos Deuses: E que o
 Povo Christão pelo contra-
 rio sem retroceder, nem va-
 ceillar, est ja firmissimo na
 Fé da unidade, & Trindade
 do mesmo Deus, crendo jun-
 tamente que em Deus ha
 tres Pessoas, cada hũa dellas

Matt.
 28.19

Deus, & que esse Deus he
 hum só, & não tres Deuses.
 Conhecer que Deus he hum
 só, he cousa tão clara, que
 até os Filósofos Gentios o
 alcançaraõ, & demonstrarão:
 Pelo contrario crer que o
 mesmo Deus, sendo hum em
 essencia, seja juntamente tri-
 no em Pessoas, he cousa tão
 superior a todo o entendi-
 mento creado, que ainda que
 haja razões para persuadir,
 que não repugna; nenhuma
 ha, nem pô de haver, que con-
 vença, nem demostre, que
 assim he, nem como he. Pois
 se o Povo Christão creê tão
 prompta, & constantemente
 o que he tão sobrenatural,
 & difficultoso; como o Po-
 vo Hebreo não cria, nem se
 aquietava com o que era tão
 natural, & tão facil? A ra-
 zão interior desta differen-
 ça, sendo huns, & outros ho-
 mens racionaes, & huns, &
 outros com lume de Fé, nin-
 guem haverá que a dê cabal-
 mente, porque he reservada
 só a Deus: mas o q̃ a nós nos
 ensina, & demonstra a eviden-
 cia experimental, he, que em
 quanto Deus se deu indige-
 sto, não o poderaõ digerir

os homens ; porém depois que se deu digesto, logo o digiriraõ. Já vimos que Deos em quanto uno era indigesto, & em quanto trino, digesto. E em quanto Deos se deu assim indigesto àquelle Povo, era taõ difficultoso de digirir, que mais facilmente digiriaõ pães, & pedras, quaes eraõ os Deoses porque deixavaõ ao verdadeiro Deos. Porém depois que se deu digesto nas tres Pessoas da Santissima Trindade, de tal maneira o abraçaõ, & digerem, & convertem na propria substancia as Almas Christãs, que antes perderaõ mil vezes a vida, q̃ duvidar da verdade deste altissimo mysterio, quanto mais negallo.

220 Na Fè do Divino Sacramento por merce de Deos nenhum de nòs duvida ; mas quanto aos effeitos da nutriçaõ espiritual, para que foy instituido, a mesma differença, que se experimẽtou em Deos, se experimẽta igualmente em Christo, ou indigesto, ou digirido. Ovi huma sentença de Saõ Jeronymo milagrosa a este

intento. Naquelle famoso milagre dos cinco pães fez Christo Senhor nosso hum como ensayo do que depois havia de fazer na consagraçaõ de seu Corpo: do primeiro diz Saõ Mattheos: *Benedixit, & fregit, & dedit* ^{Mat.} *discipulis panes:* E do segundo o mesmo Saõ Mattheos: *Accipit panem, & benedixit* ^{Mat.} *ac fregit, deditque discipulis:* ^{26.26} Que o Senhor no primeiro caso partisse o paõ, assim era necessario, porque partido se havia de multiplicar, & repartir à multidãõ de tanta gente: mas Christo no Sacramento não se parte: *Non confractus, nõ divisus, integer accipitur:* pois porque partito aqui o Senhor o que já não era paõ, assim como lá partio o paõ? Porque ainda que Christo no Sacramento se não parte, para nòs o havermos de digirir, & elle nos haver de alimentar, convem, & he necessario, que do modo que pòde ser, o dividamos em partes, & sendo hum só mysterio, o repartamos ^{D. Hi-} em muitos mysterios. Ex- ^{eron in} quisitamente S. Jeronymo ^{cap. 14} *In frustra discerpitur, & ejus* ^{Mat.}

in medium mysteria proferuntur, ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.

Quando Christo partio o Paõ consagrado, não se partio a si mesmo, porque se não parte: nem pôde partir no Sacramento; mas o que partio, & dividio em varias partes, foraõ os mysterios,

que naquelle mysterio estaõ occultos, & encerrados, querendo que sahissẽ a luz, & nos fossẽ manifestos: *Infrusta discerpitur, & mysteria in medium proferuntur:* E isto a que fim, ou para que?

Aqui està o milagroso do pensamento: *Ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.* Para que o mesmo Christo, que inteiro, & indigesto não alimentava, partido, & digesto nos mesmos mysterios, alimento, & faça a nutrição, para que foy instituido. Não differa mais, nem melhor o Doutor Maximo, se já em seu tempo ouvera o Rosario, & fallarã del-
le. E isto foy o que finalmente fez a Virgem Santissima, manifestando o que estava occulto, dividindo o que estava inteiro, & digirindo o

q̃ estava indigesto em Christo sacramentado, & distinguindo com as rosas do seu Rosario o trigo, que estava em monte no Sacramento: *Sicut acervus tritici vallatus lilus.*

§. IV.

221. **T**Emos visto em cõmum como o Sacramẽto he o Rosario indigesto, & o Rosario o Sacramẽto digirido, & q̃ assim como por meyo do Sacramẽto comemos a Christo, por meyo do Rosario o digirimos. Resta agora ver como se faz esta soberana digestão, & como nõs havemos de ajuntar o Rosario ao Sacramento, para que por meyo della recebaõ nossas Almas a nutrição, & augmento espirital; para que o mesmo Sacramẽto, & o mesmo Rosario foraõ instituidos. Coufa notavel, & não assaz ponderada he, que entendendose o nosso Texto de Christo sacramentado (como além do já allegado S. Ambrosio, S. Ildelfonso, Ricardo, Honorio, Guilherme, Alano, & outros,

Ambrosio II. de ph Richard. Honor. Guil. Alan.

Entem hoje cõmumente todos os Expositores modernos) coula muito notavel he, digo, que o mesmo Sacramento neste lugar se compara a trigo, & não a pão: *Sicut acervus tritici* Christo Senhor nosso consagrou seu Corpo debayxo de especies de pão, & por isso lhe chama pão em muitos lugares do Evangelho: pois porque razão no nosso Texto, em que se nos representa cercado de roças, se não compara tambem a pão, senão a trigo? Porque assim como o trigo antes de chegar a ser pão, depende de muitas diligencias, que se haõ de obrar, & fazer nelle; porque se ha de moer, amassar, & cozer: assim para que as nossas Almas recebaõ do Divino Sacramento aquella perfeita nutrição, & augmento de virtudes, que o mesmo Senhor dezeja, & de que ellas estão tão faltas, como vimos, & por isso fracas, & macilentas, não basta só que Christo tenha feito para nós este soberano alimento, mas he necessario tambem, que nõs o façamos. Não vos admire a

proposição, porque he certa, & della ficareis entendendo hum lugar difficultoso do Evangelho, que pòde ser não tenhais entendido, nem ouvido.

222. No Capitulo sexto de São João, tratando Christo Senhor nosso largamente do novo, & nũca imaginado manjar, que havia de compor de seu Corpo, & Sãgue para sustento de nossas Almas exhortandonos ao caso, que delle haviamos de fazer, diz assim: *Operamini Joan. non cibum, qui perit. sed qui 6.27. permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* Todos andais occupados em buscar, & fazer de comer para esta vida, que se acaba: o que vos aconselho, he, que façais o comer, que eu vos hey de dar, o qual permanece por toda a vida eterna. Este comer, que permanece por toda a vida eterna, que Christo ainda não tinha dado, mas havia de dar, he o Santissimo Sacramento, de que fallava, & assim o entendem todos os Padres. Pois se este comer era o Santissimo Sacramento, & Christo

*Chryf.
Aug.
Cyr.
Alex.
Eusb.
Theoph.
D.Th.
Bonav
Rupert*
he

he o que o fez, como diz que o façamos nós? *Operamini cibum, quem Filius hominis dabit vobis.* A razão já está dada, & he a que eu dizia. Porque ainda que Christo he o que fez este novo genero de comer, que he sufficiente da vida eterna, & da sua parte já está feito; para as nossas Almas se nutrirem, & augmentarem com elle, quanto haõ mister, he necessario da nossa parte, que tambem nós o façamos. Da parte de Christo já está feito o que a Theologia chama *ex opere operato*; mas da nossa parte he necessario, que nós tambem façamos, o que he, & se chama *ex opere operantis*: *Operamini cibum, qui non perit, sed permanet in vitam eternam, quem Filius hominis dabit vobis.* Assim como o comer corporal por mais feito, & bem preparado que esteja, não basta que o homem o coma, se as potencias interiores do mesmo homem, que são os instrumentos da nutrição, não obrarem; da mesma maneira para as nossas Almas se nutrirem, & cobrarem forças, não

basta que communguem a Christo no Sacramento, se os mesmos mysterios, que o Senhor tem obrado, ellas os não tornarem a obrar com todas as sua potencias. E isto he o que se faz no Rosario.

223. Aristoteles, & Galeno descrevendo a fabrica da nutrição, para a qual formou a natureza varias efficias, & instrumentos, reduzem toda a operação delles a tres potencias principaes, huma que recebendo retém, outra que alterando assemelha, outra que unindo converte. E tudo isto obra o Rosario por meyo das tres potencias de nossa Alma nos mysterios da vida, morte, & Payxão de Christo, de que elle se compoem, & não só em todos, senão em cada hũ. Com a potencia da memoria recebe, & retém o mysterio por meyo da apprehensão: com a potencia do entendimento altera-o, & assemelha a si (ou a si a elle) por meyo da meditação; & com a potencia da vontade converte-o, & une-o em si mesma por meyo da imitação. Parecervos ha por ventura

*Arist.
Galen.*

tura novo modo este de rezar o Rosario; & não he novo, nem modo, senão a verdadeira substancia delle, & o fim para que a Virgem Senhora nossa o ordenou, & instituhio. Não instituhio a Senhora o Rosario para o rezarmos só com a boca; & cõ tanta pressa, como se passaõ as Contas; mas para ter na memoria os mysterios, para os meditar, & cuidar nelles com grande consideraçãõ, & para os tomar por exemplo, & os applicarmos a nossas vidas.

224. Quãto á memoria, esta foy a primeira, q̃ Christo Senhor nosso nos encomendou, quãdo instituhio o Santissimo Sacramento: *Hæc quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis.* Não referem estas palavras os Evangelistas, mas recebeo-as a Igreja, que as poem no Canon da Missa por tradiçãõ dos Apostolos, que se achãõ presentes: & São Paulo, que não esteve presente, as escreveo depois por revelaçãõ do mesmo Christo: *Hoc*
 2. *Cor.* 11. 24. *facite in meam cõmemoratiõnem.* E porque fez mençãõ o

Senhor sómente da memoria? Por ventura porque excluhio as outras duas potencias? Não; mas porque a memoria he aquella, em que se faz a primeira decocçãõ deste soberano manjar. Já São Pedro Damiaõ nos disse: que elle se recebe com grande suavidade no estomago de nossa Alma: *Hæc epu- Petr. la mentis nostræ stomachum Dam. suaviter replent.* E que he o ^{supra.} estomago da Alma? Santo ^{Aug.} Agostinho excellente Filosofo da memoria nõ lo ensinou, & já antes delle o tinha definido Plataõ: *Memoria est animæ ventriculus.* O estomago da Alma he a memoria, porque assim como no estomago do corpo se recebe, & retém o comer corporal, & alli se faz a primeira decocçãõ, assim esta potencia he a primeira, que ha de receber, & recolher dentro em si o Divino Sacramento, lembrando-se não de passagem, senão muito devagar (como se faz no corpo) & representando à Alma quem he o que está presente naquelle mysterio, & os mysterios altissimos, que nelle se

encerraõ. E porque os accidentes sacramentaes nos encobrem, & ausentaõ dos olhos a presença de Christo; a memoria, cuja propriedade he fazer presentes as coufas ausentes, no lo ha de fazer presente.

225. Porque cuidais q̄ disse Christo Senhor nosso, que elle está em quem o come; & quem o come está nelle: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo?* São Bernardino com singular pensamento diz, que não só significou o Senhor nestas palavras o effeito da graça, que nos cõmunica no Sacramento, senão o da memoria, que nos pedia nelle porque o effeito da memoria he levarnos aos ausentes, para que estejamos com elles, & trazellos a elles a nós, para que estejaõ conosco. Lembraif-vos do amigo ausente, que está em Portugal, & no mesmo ponto vòs estais lá com elle, & elle está cá conosco, porque lá vos levou a memoria, & cá o tendes no pensamento. O mesmo faz a memoria no Divi-

no Sacramento, & em todos seus mysterios: *Debemus Christum spiritualiter manducare* (diz o Santo) *incarnationem videlicet, conversationem, & ejus salutiferam Passionem devotè ruminando sicut ipse nos docuit, dicens qui manducat meam carnem, in me manet, & ego in illo.* De forte que estando nós em Christo, & Christo em nós por memoria, em todos os mysterios de sua Encarnação, Vida, Morte, & Resurreição, estamos presentes cõ elle. Se vos lembrais do mysterio da Encarnação, estais com Christo em Nazareth: se do mysterio da Visitação, estais com Christo nas montanhas de Judèa: se do mysterio do Nascimento, estais com Christo no Presèpio de Bethlem: se do mysterio da Apresentação, estais com Christo no Templo de Jerusalem: se do mysterio do mesmo Senhor Menino perdido, & achado, estais com Christo outra vez no mesmo Templo. Passando dos mysterios gozofos aos dolorofos: se vos lembrais de Christo orando, & suando

fangue, estais com elle no Horto de Gethsemani, se de Christo atado a huma coluna, & afrontado com açoutes, estais com elle no Pretorio de Pilatos: se de Christo vestido por escarneo de purpura, & coroado de espinhos, estais com elle em outra parte do mesmo Pretorio: se de Christo com a Cruz às costas, estais com elle nas ruas de Jerusalem: se de Christo crucificado, & morto, estais com elle no Calvario. Finalmente chegando aos mysterios gloriosos, se vos lembrais de sua gloriosa Resurreição, estais com Christo à porta do Sepulchro, no caminho de Emmaus, & no Cenaculo dos Apostolos: se de sua admiravel Ascensão, estais com Christo no Monte Olivete, & sobre as nuvens se da vinda do Espirito Santo com enchente de doens, & graças, estais com Christo à dextra do Padre: se da Assumpção de sua santissima Mãe, estais com Christo acompanhando seu triunfo na entrada do Ceo: & se de sua Coroação, & Exaltação, que he o ultimo mysterio,

estais com Christo coroando a por Rainha dos Anjos na Gloria, & por Senhora, & advogada nossa neste desterro.

227. Isto he o que obra a memoria só com a simples apprehensão dos mysterios: E o entendimento que faz? Olha para elles com grande consideração meditando-os, & por meyo desta vista considerada, & attenta se assemelha ao que vé, que he o effeito da segunda decocção. Assim o diz, & ensina S. Dionysio Areopagita: *Aperiet enim, si cõunionem ejus cupimus, in vitam ejus, quam in carne vixit, intueri, & similitudine sanctitatis ad habitum divine virtutis recurrere.* Dion. Areop. c. de cõmun.

Notay a palavra *intueri*, & a palavra *similitudine*, porque da vista com que o entendimento na communhaõ medita os mysterios de Christo, nasce a femelhança, com que alterando-se a Alma, isto he, mudando-se em outra; os retrata em si, & se assemelha a elles. No Ceo diz São João, que havemos de ser femelhantes a Deos, porque o havemos de ver assim como he:

1. *Joan*
3.2. he: *Similes ei erimus, quoni-*
am videbimus cum sicuti est.
De sorte que Deos visto no
Ceo he como hum espelho
às aveffas: porque não he el-
le o que se ha de fazer seme-
lhante a nós, senão nós os
que havemos de ser seme-
lhantes a elle. E isto que en-
taõ, ha de ser pormeyo da vi-
são beatifica, & vista clara de
Deos, isso mesmõ he o que
agora fazemos por meyo da
meditação, & vista escura
do Sacramento. Oh se vira-
mos, & considerarmos attẽ-
tamente o que debayxo da-
quelle Divino Paõ se encer-
ra, quaõ augmentadas, &
bem nutridas haviaõ de an-
dar as nossas Almas, que ho-
je se vem taõ desmedradas, &
desfalecidas! Comemos com
228 os olhos do entendimento,
& da consideração fecha-
dos, & por isso se não luz,
nem logra o que comemos.
Prov.
20.13 Ouvi a Salamão: *Aperi ocu-*
los tuos, & satura te panibus.
Abri os olhos, & comey de
tal modo o paõ, que fiqueis
abastado, & satisfeito. E que
paõ he este, que não farta,
nem satisfaz, nem se logra, se
se não come com os olhos

Tom. 5.

abertos? Daqui infere Sao
Jeronymo que este Paõ he o
do Santissimo Sacramento,
& não o paõ cõmum, de que
nos sustentamos: *Neque enim*
credendum est, quod præcipi-
tur vescentibus, ut ad come-
dendum hunc panem, quo cor-
pora nutriuntur, oculos aperi-
re debeant. Mas por esta ines-
ma razaõ parece, que nos ha-
via de mandar Deos, que fe-
chassemos os olhos, & não
que os abrissemos: porque o
Sacramento do Altar he por
antonomasia o mysterio da
Fè, & a Fé ha de ser cega, &
crer a olhos fechados. Assim
he. Mas por isso mesmo nos
manda Deos, que abramos os
olhos; porque se não hade
contentar com o nosso en-
tendimento só com crer o
que não vê naquelle myste-
rio, com os olhos fechados,
mas com ver, & considerar
muito attentamente os my-
sterios, que nelle se encerraõ
com os olhos abertos: *Opor-*
tet nanque (diz Euthymio)
non simpliciter eo intueri, sed
aliud quidpiam imaginari, &
interioribus oculis ea aspicere
tanquam mysteria.

229. Assim vê com os

Ll iij olhos

olhos interiores a Alma, & assim contempla, & considera os profundissimos mysterios da Vida, Morte, & Ressurreição de Christo, que naquella compendio de maravilhas não tanto da Omnipotencia, quanto da Bondade Divina estão pelo Sacramento occultos, & pelo Rosario manifestos. E que Alma haverá tão esquecida de seu aproveitamento espiritual, que vendo naquella Divino Espelho humas imagẽs tão differentes da sua, não estranhe, & aborreça a lua fealdade, & se procure assemelhar a ellas: *Vitã, quã in carne*

Dion. vixit, intueri, & similitudine
Areop. ad habitum Divinae virtutis
supr. recurrere? Que Alma haverá tão enferma, ou queixosa da fragilidade da carne, que à vista do Mysterio da Encarnação não conheça, que se quizer, a pòde fazer divina? Que Alma tão envelhecida no peccado, que vendo a Christo hir fantificar ao Bautista, & livralo antes de nascer de hum peccado, que não leva ao Inferno, se não queira emendar dos seus para o resto da vida,

230.

que não sabe quanto ha de durar? Que Alma tão cobiçosa dos bens deste mundo, que à vista do Creador dele na pobreza de hum Prezepe se não contente com a sua fortuna, ainda que lhe pareça escaça? Que Alma tão indevota, & pouco inclinada à Igreja, & Culto Divino, que vendo a Christo menino de quarenta dias apresentado, & offerecido a Deos no Templo, se não venha apresentar, & offerecer diante de seus Altares muito frequentemente? Que Alma tão negligente em ouvir a palavra de Deos, que vendo a Sabedoria Eterna, não sò ouvindo aos Doutores, mas perguntando-lhes, como se não soubera, se não queira achar no lugar da doutrina, onde o mesmo Senhor foy achado? Que direy dos mysterios dolorosos? Que Alma haverá tão pegada à propria vontade, que vendo ao Filho Unigenito do Padre dizerlhe hũa, & tres vezes entre suores de sangue: Não se faça a minha vontade, se não a vossa; não facrifique ao mesmo Padre, & ao

mesmo Filho a sua? Que Alma tão escrupulosa nas materias de honra, que vendo ao supremo Monarca do Univerſo atado a hũa columna, & publicamente açoutado, não tenha pejo de tomar na boca o nome de afrôta? Que Alma tão vã, & altiva de pensamentos, que vendo aquella ſacrosanta, & tremenda Cabeça, que governa com hum aceno o Ceo, & a terra, traſpaſſada de espinhos, ſe atreva ainda a ſer preſumida? Que Alma tão immortificada, & inimiga de padecer, q̄ vendo a ſeu Redemptor com hũa Cruz as costas para a ſalvar, & ajoelhado com o pezo della, recuze fazer algũa penitencia por ſua ſalvaçãõ? Que Alma tão livre em ſuas açoens, ou tão diſſoluta em ſuas liberdades, que vendo ao todo poderoso com os pés, & mãos pregadas em hum madeiro por ſeu amor, ſe não deixe prender do meſmo amor; & ſe ate ao cravo de ſeus pés, para nunca mais ſe ſoltar? E ſe taes effeitos produz a conſideraçãõ dos myſterios doloroſos, que na-

turalmente cauſaõ horror, que tarã a fermofura, & agrado dos glorioſos? Que Alma haverã tão enganada dos ſeitiços deſta vida mortal chea de tantas miſerias, que á viſta de hum Chriſto reſuſcitado, & glorioſo não aspire à immortal? Que Alma tão pezada, & abraçada com a terra, que á viſta do meſmo Senhor ſobindo ao Ceo não queira tambem voar, & ſobir com elle? Que Alma tão fria no espirito, & tão eſquecida de que he Alma, que á viſta do fogo do Eſpirito Santo em chãmas vivas ſe não acẽda em deſejo de ſeus divinos doens, & de crescer em ſua graça? Que Alma em fim tão puſillanime, & pouco generoſa, que á viſta do triunfo da Má y de Deos no dia de ſua glorioſiſſima Aſſumpçãõ, & da ſuprema coroa que recebeu á mão direita de ſeu Filho em premio dos trabalhos com que o ſervio, & acompanhou neſta vida, ſe não aliſte na familia da meſma Senhora ao menos com o foro de eſcravo, de bayxo de hũa obrigaçãõ tão leve como a de rezar o ſeu

Rofario, para ser participãte das mefmas glorias.

232. Desta maneira fe affemelha a Alma ao manjar, que come, com a meditação attenta de feus myfterios, & eftando já femelhante pela operação do entendimento, entra a terceira, & ultima; que he a vontade, na qual fe aperfeiçoa, & consumma a nutrição, unindo-fe o que cômunga, & medita, ao mefmo Christo comido, & meditado, & incorporando-fe nelle. Diganos isto compendiofamente São Bernardino de Sena; porque do que fica declarado na primeira, & fe-gunda decocção fe entende fem nova repetição esta ultima: *Ex tali recogitatione*

Bern. confurgit incorporatio, dum cogitans amorem Christi, reficitur, cui ex charitate conjungitur, e que magis ac magis fimilatur, & incorporatur.

Não podia concluir o Santo, nem com mais propriedade, nem com mayor clareza o que digo. Com a meditação do entendimento cresce, diz elle, o amor na vontade (conforme o Texto de *Psalm. 38.4.* David: *Concaluit cor meum.*

intra me, & in meditatione mea exardescet ignis) & com este calor sobrenatural, que he o instrumento immediato de todas as tres digestões, fe une o que communga por caridade a Christo, & quanto mais fe affemelha pelo entendimento a elle, tanto mais fe incorpora pela vontade com elle: *Eique magis ac magis assimilatur, & incorporatur.*

233. E fe me differdes que cômungais, & não experimentais estes effeitos; effa he a ultima confirmação de tudo o que tenho dito, & da razão que tive para prègar, mais que nenhuma outra, esta materia. E porque não creais a experiencia das vossas tibiezas, ouvi a de São Bernardo. não rara, & fó de algũa vez, ou muitas vezes, fe não de todos os dias: *Quotiescunque ad hoc Sacramentum accedo, decoquor cum immutor, digeror cum transformor, unior cum conformor.* Todas as vezes que chego ao Santissimo Sacramento, diz o devotissimo Bernardo, alli me mudo, alli me affemelho, alli me transformo. E

Berni Sermo 6. in Cant.

porque modo se mudava: porque modo se assemelhava: porque modo se transformava aquella Alma pura? Por digestão, por concocção, & por uniaõ; que são as tres operaçoens com que se aperfeiçoa a nutrição da Alma, como a do corpo: por digestão, *digeror*: por concocção; *decoquor*: por uniaõ, *unior*. E pará que ninguém duvide, que tudo se consegue pela virtude do Rosário, & meditação d'elle, tudo isto disse São Bernardo, cõmentando aquelle lugar dos Cantares, em que se diz, que o Senhor sacramentado se apascenta entre rosas: *Qui pascitur inter lilia*: Que he o mesmo sentido do nosso Texto: *Sicut aceruus tritici, vallatus liliis.*

Cant.
6.2.

§. V.

334 **T**Enhovos mostrando, devotos do santissimo Rosário, a harmonia q̄ elle tẽ cõ o Santissimo Sacramẽto, diante de cujo Sacramentario; & da imagẽ da Senhora o cantais aqui, ou rezais a Cõros todos os dias nesta

hora. O que por conclusãõ vos peço em nome do mesmo Christo sacramentado, & da mesma Virgem do Rosário, he que para conseguir os efeitos daquelle Divino Manjar, vos não contenteis só com as vozes do que rezais, senãõ com huma meditação muy attenta de seus soberanos mysterios. As rezes que Deos escolheo para os antigos sacrificios, em que se representava o de seu Corpo, & Sangue, eraõ sómente aquellas, que depois de comer tornaõ a ruminar, ou remoer aquillo mesmo que comeraõ. E que nos quiz Deos significar nesta escolha, & separaçãõ de animaes, excluindo todos os outros? São Cypriano: *De Cypri. cæna Domini celebrantes sacramenta, cõmonemur, quasi ruminans pecus, revocare ad fauces, quæ sumpsimus.* Quiznos Deos ensinar, & admoestar com esta cerimonia (diz São Cypriano, & o mesmo diz São Gregorio) que todos aquelles, que participaõ da Cea do Senhor, que he o Santissimo Sacramento, haõ de ser como os animaes escolhidos

Lev.
11.

lhidos

Inidos para o sacrificio, & que assim como estes depois de comer tornaõ a remoer muito devagar o que come- raõ; assim nós depois de cõ- mungar havemos de meditar, & considerar com muita attençaõ, de que n he aquelle Corpo, & Sangue, & quaes sãõ os mysterios de nossa redempçaõ, que com elle, & por elle foraõ obrados. Assim o tinha profetizado já no tempo dos mesmos sacrificios o Profeta Oseas: *Super triticum & vinum ruminabunt.* Haõse de pôr a ruminar sobre o paõ, & sobre o

Osee
7. 14.

vinho; sobre o paõ, que he o Corpo de Christo consagrado debayxo de especies de paõ; & sobre o vinho, que he o Sangue do mesmo Christo consagrado debayxo de especies de vinho: & não só diz que o haõ de comer, senãõ q̄ sobre comido o haõ de ruminar: *Super triticum, & vinum ruminabunt.*

235 Dirã porém algum Critico, que parece não fallou o Profeta com propriedade; porque Christo Senhor nosso fallando deste paõ, & deste vinho sacra-

mentado, disse: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem: Quem come a minha carne, & bebe o meu fangue: & o q̄ se ruminat he o que se come, & não o que se bebe.* Mas nesta mesma, que parece impropriedade, declarou o Profeta admiravelmente qual era o paõ de que fallava, que he o Corpo de Christo; & qual o vinho, que he o seu preciosissimo Sangue derramado por nosso amor, & por nosso remedio, & por isto dignissimo de ser ruminado, & considerado com profundissima attençaõ. Olhay quaõ expressamente o disse a Alma Santa, ajuntando o mesmo ruminar com o mesmo vinho: *Guttur tuum sicut vinum optimum dignum dilecto meo adpotandum, labiisque, & dentibus illius ad ruminandum.* Para que se veja que o vinho, de que fallava o Profeta, he o vinho que se bebe, & se rumina: *Ad potandum, & ruminandum.* E declarando Alberto Magno que vinho he este, que se ha de ruminar, & qual he o modo com que se ha de ruminar,

Al-
bert.
Mag.
in hunc
locum.

min ar, diz assim : *Quia diu per cordis, & mentis iterationem debet ruminari Sacramentum saepe ad mentem revocando, & considerando.* De sorte que o vinho, que se ha de ruminar, he o Sangue de Christo, & o modo com que se ha de ruminar, he meditando, & considerando não de passagem, & de corrida, senão muito devagar, & com grande attenção os mysterios do mesmo Sangue, preço de nossa redempção, que são todos os do Rosário: porque na Encarnação tomou o Filho de Deos a nossa carne, & sangue, na Paixão padeceu na carne, & derramou o sangue, & na Resurreição tornou a unir o sangue á carne, que he tudo o que contém no Sacramento o Corpo, & Sangue de Christo, & tudo o que nós no Rosário digesta, & distintamente consideramos.

236. E se me perguntardes quando se ha de fazer esta meditação, & qual he o tempo, em que se ha de ruminar estes mysterios? (que he ponto muito essencial nesta materia) Não faltará

por ventura quem cuide que o tempo he sómente quando acabamos de receber a Christo no Sacramento, & assim parece que o quiz dizer São Cypriano : *Quasi ruminans pecus, revocare ad fauces quae sumpsimus.* Mas eu digo que ha de ser de pois de cômungar, & antes de cômungar, & sempre, & todos os dias. Não deixamos dito, & provado que o mesmo Christo, que se come no Sacramento, se digere no Rosário? Pois assim como o Rosário se reza todos os dias, assim o Sacramento se digere todos os dias, & se ha de ruminar todos os dias. O primeiro, que cômungou o Sacramento, foy o mesmo Christo, quando o instituhio na Cea, que ruminasse o Senhor seu proprio Corpo sacramentado, não ha duvida: porque aquella Cômunhão foy a mais perfeita, & o exemplar das nossas; mas parece que o ruminou pouco tempo, porque depois de cômungar teve poucas horas de vida. Assim o imaginava tambem eu; quando São Paulino cõ-

tempo

temporanco.do mesmo São Cypriano me ensinou o que ultimamente vos disse, com estas admiraveis palavras : *Salvator noster simul hanc nobis escam & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Christo Salvador nosso. (diz o Santo) deunos o Sacramento na hora em que o instituiu, mas ruminou o mesmo Sacramento em todo o tempo que nos ensinou. O tempo em que Christo nos ensinou, foraõ os ultimos tres annos de sua vida, a hora em que instituiu o Sacramento, foy pouco antes da sua morte, & aquelle mesmo Sacramento, que instituiu, & cõmungou hũa só vez, & em hũa só hora, esse andou ruminando tres annos inteiros, em que nos ensinou os mysterios, q̄ nelle estão encerrados : *Nobis & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Quãtas vezes ensinou Christo o mysterio de sua Encarnação, quantas o de sua Paixão, quantas o de sua Resurreição (que são os mesmos do Rosario) & tudo isto antes do Sacramento? Depois de instituir o Sacra-

mento, & se cõmungar a sy mesmo nelle, tudo o que ensinou aos Discipulos, foy hũa repetição dos mesmos mysterios, os quaes tambem reduzio àquelle breve circulo, em que no principio mostrámos recopilados os do Rosario: *Exiivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem* De maneira que antes do Sacramento, & depois do Sacramento sempre o Senhor o ruminou, para nos ensinar a que tambem o façamos assim, não só depois de cõmungar, senão antes, & sempre. Os que cõmungão de oito em oito dias haõ de ruminar aquelles mysterios todos os dias da semana, & os que cõmungão de mez em mez, todos os dias do mez: & isto sem mudar, ou acrescentar outro exercicio, senão meditando, & ruminando attentamente o mesmo Rosario que rezaõ. Dos que só cõmungão de anno em anno, não fallo, porque estes nem são devotos do Rosario, nem do Sacramento; & se pòde duvidar se são Christãos.

238. Finalmente, para que conste a todos, quanta differença vay dos que meditaõ estes sagrados mystérios aos que os não meditaõ, & dos que rumaõ, ou não rumaõ o que commungão, & comem no Divinissimo Sacramento, vejão huns, & outros o diferente foro, em que o mesmo Senhor os recebe quando o recebem. Muito he de reparar, que quando Christo Redemptor nosso entrou neste mundo, não só entrou como humanado, senão como sacramentado, em fê de que elle era o pão vivo, que desceo do Ceo para nos dar vida: *Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendi: si quis mandu-*
6.51. caverit ex hoc pane, vivet in
& 52. æternum. Por isso não nasceu o Senhor em outra Cidade, senão na de Belem, nem em outro lugar de Belem, senão em hum Presépio. Em Belem, porque Belem quer dizer, *Domus panis*; Casa de pão: & em hum Presépio, ou mangedoura, como trigo que nasce entre as palhas. Assim que com verdadeira propriedade po-

demos dizer, que a Lapa de Belem foy a primeira Capella do Santissimo Sacramento, & a mangedoura, ou Presépio o primeiro Sacrario. A hum, & outro lado deste pobre, & riquissimo Sacrario, parece, que haviaõ de assistir dous Querubins, como aos lados da Arca do Testamento, mas já o Profeta Habacuc tinha dito, que não haviaõ de ser senão dous animaes: *In medio duorum animalium cognosceris.* E se perguntarmos a Isaias, que animaes haviaõ de ser, ou foraõ estes, responde, que hum boy, & hum jumento; *Cognovit bos possessorem suum, & asinus Præsepe Domini sui.* Pois se Christo vinha em fórma, ou representação de sacramentado, porque quiz que os animaes, que o assistissem, não fossem da mesma, senão de diferente especie, & hum delles nomeadamente boy, & outro jumento? Para que nesta mesma differença se conhecesse o diferente foro, que tem na Casa do Pão do Ceo, os que de hum modo, & de outro se chegaõ a elle. O

Habacuc
 3. 2.
 LXX.

Isai. 1.
 3.

boy

boy he animal que ruma, o jumento he animal que não ruma: & da mesma maneira entre os que chegam á Mesa do Divino Sacramento ha huns que ruma, & medita aquelles sagrados mysterios, & outros que os não ruma, nem medita. Mas assim como o boy, que ruma, he animal estimado de Deos, & escolhido para o sacrificio, & o jumento que não ruma, reprovado, & excluido; assim estima o mesmo Senhor, & se agrada muito dos que medita, & ruma seus mysterios: & pelo contrario, dos que os não ruma, nem medita, posto que os não exclua, não se agrada; porque mais cõungão como jumentos, que como homens. Veja agora cada hum se quer ficar neste foro.

239. Da Virgem Senhora nossa no Presépio diz o Evangelista, que dentro da sua Alma meditava, & conferia o mesmo mysterio, ponderando todas as circunstancias d'elle: *Maria autem cõservabat omnia verba hæc, conferens in corde suo.* E por-

que o mesmo fazia em todos os outros, & quer que nós tambem o façamos, como Mestre Divina deste soberano exercicio da meditação, & oração, as ajuntou ambas no seu Rosario: para que assim como conta por conta himos rezando as Orações, que lhe offerecemos em cada hum dos passos da Vida, Morte, & Resurreição do seu benditissimo Filho, assim, & com muito mayor vagar, & attenção meditemos parte por parte os mysterios delles, & os vamos trasladando; & imprimindo no mais interior de nossas Almas. Oh ditosas, & bemaventuradas aquellas, q̃ por este modo verdadeiramente celestial, digirirem o pão do Ceo, que recebem no Divinissimo Sacramento: porque assim o converterão, ou se converterão na sua propria substancia, & lograraõ perfeita, & sobrenatural nutrição, que nas tibias, indedotas, & miseraveis se não luz, pelo comerem indigesto.

240. O principal mysterio dos que se encerraõ no San-

Santissimo Sacramento, he o de sua Morte, & Payxaõ, porque se não morrera, não importara o ter nascido, & tambem se não morrera, não resuscitara, nem nos levara consigo ao Ceo. Por esta razão nos encarrega tanto S. Paulo, que quando cõungamos, meditemos a morte

1. Cor. do Senhor: *Quotiescunque*

11.26 *enim manducabitis panem*

hunc & calicem bibetis, mor-

tem Domini annuntiabitis E

esta sacratissima morte de in-

finito preço, se com a medi-

tação, & consideração della

a não digirirmos, aprovei-

tarnosha algũa cousa para a

emenda da vida? Taõ pou-

co, como a nossa mesma

morte, se a tomamos a vul-

to, & indigesta, sem conside-

rar o que he, & o que have-

mos de fer. Ouvi a Saõ Ze-

no fallando de Adam: *Sa-*

cræ arboris pomum malè dul-

ce delibavit, lacrymas repe-

jerim. derit, dolores, & gemitus spinas,

Pat. & tribulos siimet compara-

vit, ultimoque sudore turbatu

posteris hæreditatem indige-

stæ mortis dereliquit. Comeu

Adam da Arvore vedada, &

digirio o Pomo em lagry-

mas. em gemidos, em dores,

em espinhos, & nos fuores, a

que foy condemnado para com-

mer o triste paõ, de que se su-

stentasse, & o peyor de tudo

foy, que a nõs seus descen-

dentes nos deixou por he-

rança a morte indigesta: *In-*

digestæ mortis hæreditatem

posteris dereliquit. E que quer

dizer, que Adam não só nos

deixou por herança a morte,

senão a morte indigesta?

Quer dizer o que elle fez, &

o que nõs fazemos. Quando

Deos notificou a Adam a

sentença de morte no caso

em que comeffe: o que elle

devia fazer, era considerar

muito de proposito, & digi-

rir primeiro consigo, que

cousa era aquella, a que Deos

chamava morte, sendo certo

que se bem o considerara

nunca se atreveria a comer:

mas elle tragando indigesta-

mente a morte, comeu o Po-

mo crù sobre o indigesto, &

porque esta morte assim in-

digesta foy a que elle nos

deixou por herança, por isso

peccamos taõ sem temor, co-

mo elle peccou. O mais ef-

ficaz remedio para não pec-

car, he a consideração da

mor-

morte, por onde havemos de entrar, ou ao Ceo, ou ao Inferno para sempre: *Memorare Novissima tua, & in aeternum non peccabis.* E com tudo vendo nós cada dia morrer a tantos, não deyxamos de peccar. Porque? Porque essa mesma morte vista não a consideramos, nem a digirimos. Pois assim como a nossa morte nos não emenda por falta de digestão, & consideração; assim tambem a Morte, & Payxaõ do mesmo Christo, a quem comemos no Sacramêto, nos aproveyta pouco, porque de tal modo o comem muytos, co-

mo se não estiyera alli.

241 Seja pois a conclusão de tudo, que unindo a meditação do Rosario com o Santissimo Sacramento, & a cõmunhaõ do Santissimo Sacramento com o Rosario, digiraõ as nossas Almas em hum, o q̄ comem no outro; de tal forte, que aquelle Divino Paõ cresça em nós à grandeza de hum monte: *Sicut acervus tritici.* E das rosas, com que a Virgem do Rosario o cerca nesta vida: *Vallatus lilijs*: nos teça na outra, como faz a seus devotos, humã coroa de gloria, &c



I N D E X

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros significao as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

- Cap. 2. v. 15. **V** Operaretur, & custodiret illum, Pag. 167. col. 1.
- v. 17. In quocunque die comederis ex eo, morte morieris pag 371 col. 2.
- Cap. 3. v. 1. Cur p accepit vobis Deus? pag. 167. col. 1. in fin.
- v. 4. Nequaquam morte moriemini, pag 371. col 2.
- v. 6. Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis pag. 294 col. 2.
- v. 8. Cum audissent vocem Dei deambulantis in Paradiso pag. 193. col. 1.
- Cap. 6. v. 2. Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchra pag 254. col 2.
- v. 5. Videns quod .. cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum, pag. 239 col. 2 in prin. & seqq.
- v. 7. Delebo, inquit, hominem... a facie terra pag. 239. col. 2.
- v. 12. Omnis quippe caro corruerat viam suam, pag. 254. col. 2. in med.

Cap. 8. v. 21. Odoratus est Dominus odorem suavitatis, pag 223 col. 1. & pag 506 col. 1 ante fin.

Ibid. Nequaquam nitra maledicam terra propter hominis: sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt pag 239. col. 1 in fin. & seqq

Cap. 9. v. 13. Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum foederis inter me, & inter terram pag. 240 col. 2. & pag 314 col. 2.

v. 14. & seqq. Cumque obduxero nubibus Calum, apparebit arcus meus in nubibus, & c. & videbo illum & recordabor foederis: & c. pag 241. col. 1. in fin. & pag. 314 col. 2.

Cap. 12. v. 1. Dixi autem Dominus ad Abram pag. 100 col. 2.

v. 7. Apparuit autem Dominus Abra, & dixit ei, pag 100. col. 2.

Cap. 13. v. 14. Dixitque Dominus ad Abram, pag 10, col. 2.

Cap. 15 v. 1. & 2. Factus est sermo Domini ad Abram, dicens: & c. Dixit-

- que Abram: Domine Deus, &c. pag. 100. col. 2. in fin.
- Cap. 18. v. 27. Loquar ad Dominum, cum simpulvis; & cinis, pag. 100. col. 2.
- Cap. 27. v. 27. & 28. Statimque ut sensit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens illi, ait, &c. pag. 505. col. 2. in med.
- Cap. 33. v. 4. Currrens itaque Esau obviam fratri suo, amplexatus est eum: &c. pag. 194. col. 2. in fin.
- Cap. 37. v. 7. Putabam nos ligare manipulos in agro: &c. pag. 39. col. 1. in princ.
- v. 9. Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam: &c. pag. 39. col. 1. in prin.
- Cap. 30. v. 11. Absque arbitris. pag. 482. col. 2.
- Cap. 41. v. 3. Fœda, confecta quo macie. Sermon. ultim. pag. 150. col. 1. in princ.
- Ibid. Et pascebantur in ipsa amnis ripa in locis virentibus. Sermon. ultim. pag. 149. col. 1. in med.
- Cap. 40. v. 16. & 17. Pater tuus precepit nobis, antequam moreretur, ut hæc tibi verbis illius diceremus: Obscuro, ut obliviscaris sceleris fratrum tuorum, & peccati, atque malitie, quam exercuerunt in te, pag. 55. col. 2. & seqq.
- Ex Libro Exod.
- Cap. 3. v. 3. Vadam, & videbo visionem hanc magnam. pag. 226. col. 2. post med.
- v. 5. Locus enim in quo stas, terra sancta est. pag. 227. col. 1. in princ.
- Cap. 4. v. 10. Non sum eloquens ab heri, & nudius tertius. pag. 103. col. 1.
- Ibid. Et ex quo locutus es ad servum tuum, impeditoris, & tardioris lingua sum. pag. 103. col. 1.
- Cap. 16. v. 19. Nullus relinquat ex eo in mane. pag. 73. col. 1. in princ.
- v. 20. Dimiserunt quidam ex eis usque mane, & scaterere cepit vermicibus, atque computruit. pag. 73. col. 1.
- v. 33. Repone coram Domino. pag. 337. col. 2.
- Cap. 17. v. 9. Egressus, pugna contra Amalech: cras ego stabo in vertice collis, habens virgam Dei in manu mea. pag. 354. col. 1. in fin.
- v. 11. Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel: fin autem paululum remisisset, superabat Amalech. pag. 353. col. 2. & seqq.
- Cap. 25. v. 31. & seqq. Facies & candidilabrum ductile de auro mundissimo: &c. pag. 30. col. 1. in princ. & seqq.
- v. 34. Sphærule per singulos, & lilia. pag. 31. col. 2. in fin.
- v. 40. Fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est. pag. 182. col. 1. in fin & pag. 226. col. 1.
- Ex Lib. Levitic.
- Cap. 9. v. 24. Et ecce egressus ignis à Domino, devoravit holocaustum, & adipem, qui erant super altare. pag. 290. col. 1. in princ.
- Cap. 20. v. 24. Terram fluensem lacte, & melle. pag. 419. col. 2. & seqq.
- Ex Lib. Numer.
- Cap. 20. v. 11. Percutiens virgâ bis filicem, egressa sunt aqua largissima. pag. 235. col. 1.
- Cap. 21. v. 5. Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo. pag. 74. col. 1.

- v. 8. *Pone eum pro signo. Qui percussus aspexerit eum, vivet.* pag. 226. col. 1.
- Cap. 26. v. 10. *Factum est grande miraculum, ut Core perenne, filii illius non perirent.* pag. 503. col. 1. & seqq.
- Cap. 28. v. 2. *Secundum Text. Hebr. Oblationem meam, panem meum, ignitiones meas.* pag. 289. col. 2.
- v. 3. & 4. *Agnos anniculos immaculatos duos quotidie: & c. unum mane, & alterum ad vesperum.* pag. 290. col. 1 in princ.
- Ibid. In holocaustum sempiternum.* pag. 292. col. 2.
- Ex Lib. Deuteron.
- Cap. 4. v. 24. *Dominus Deus tuus ignis consumens est.* pag. 290. col. 1. in princ.
- Cap. 6. v. 4. *Audi Israel; Dominus Deus noster, Deus unus est.* Serm. ultim. pag. 158 col. 2.
- Ex Lib. Josue.
- Cap. 1. v. 7. *Ut intelligas cuncta, quae agis.* pag. 136. col. 1.
- v. 8. *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo: sed meditaberis in eodibus, ac noctibus.* pag. 136. col. 1.
- Cap. 2. v. 4. *Secund. Text. Hebr. Acceperat autem mulier viros illos, & abscondit illum.* pag. 263. col. 1. in princ.
- v. 18. *Funiculus coccineus.* pag. 260. col. 1. & pag. 265. & seqq.
- Ibid. In fenestra.* pag. 266. col. 1.
- Cap. 10. v. 11. *Et mortui sunt multo plures lapidibus grandinis, quam quos gladio percussorant filii Israel.* pag. 432. col. 1. in fin.
- v. 12. *Locutus est Josue Domino dixitque Sol contra Gabaon ne movearis.* pag. 82. col. 1. & pag. 432. col. 1. in princ.
- Ibid. Et Luna contra vallem Aialon.* pag. 432. col. 1 in princ.
- v. 14. *Obediente Domino voci hominis.* pag. 82. col. 1.
- Ex Lib. Judic.
- Cap. 7. v. 2. *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus.* pag. 442. col. 2.
- v. 3. *Qui formidolosus, & timidus est, reversatur.* pag. 443. col. 1. in princ.
- v. 4. *Adhuc populus multus est.* pag. 443. col. 1.
- v. 5. *Qui lingua lambuerint aquas sicut solent canes lambere.* pag. 443. col. 1. in med.
- v. 12. *Sicut arena quae jacet in litore maris.* pag. 442. col. 9. in princ.
- v. 16. *Divisitque trecentos viros in tres partes, & dedit tubas in manibus eorum, lagenasque vacuas, ac lampades in medio lagenarum.* pag. 443. col. in 1. fin.
- Cap. 14. v. 14. *De comedente exivit gibbus, & de fortegressa est dulcedo.* pag. 416. col. 2.
- Cap. 15. v. 4. *Caudasque earum junxit ad candas, & faces ligavit in medio.* pag. 381. col. 1.
- Ex Lib. 1. Regum.
- Cap. 1. v. 12. *Cum illa multiplicaret preces coram Domino.* pag. 7. col. 1.
- v. 13. *Tantumque labia illius movebantur, & vox penitus non audiebatur.* pag. 7. col. 1.
- Cap. 3. v. 7. *Porro Samuel necdum sciebat Dominum, neque revelatus fuerat ei sermo Domini.* pag. 135. col. 1. in fin.

- v. 10. *Loquero, Domine, quia audis servus tuus, p. 135. col. 2.*
- Cap. 8. v. 6. *Da nobis Regem p. 226. col. 1.*
- v. 20. *Et egreditur ante nos, p. 226. col. 1.*
- Cap. 10. v. 5. *Venies in collem Dei. obviam habebis gregem Prophetarum descendentium de excelsis: &c. p. 197. col. 2. & seqq.*
- v. 6. *Insiliet in te Spiritus Domini: &c. & mutaberis in virum alium. p. 197. col. 1 in fin. & col. 2. & seqq.*
- v. 10. *Insiliet super eum Spiritus Domini, & prophetavit in medio eorum. p. 198. col. 2. in princ.*
- Cap. 17. v. 4. *Altitudinis sex cubitorum, & palmi, p. 440. col. 2 in fin.*
- v. 5. & seqq. *Cassis area super caput ejus, & lorica squamata induebatur. Porro pondus loricae, &c. p. 423. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 9. *Si percusserit me erimus vobis servi: si autem ego praevaluerim, servietis nobis p. 423. col. 2.*
- v. 11. *Audiens autem Saul, & omnes Israelita sermones Philisthai hujusmodi stupabant, & mesuebant nimis, p. 423. col. 1 in fin.*
- v. 33. *Non vales resistere Philisthao isti: quia puer es, p. 441 col. 1.*
- v. 36. *Leonem, & ursum interfeci ego servus tuus p. 417. col. 1 in princ.*
- v. 39. *Accinxit David gladio ejus super vestem suam, p. 425 col. 2.*
- Ibid *Non usum habeo, p. 425 col. 2.*
- v. 45. *Tu venie ad me cum gladio & hasta, & clypeo, &c. pag 426. col. 1, & p. 428. col. 2.*
- v. 46. *Percutiam te, & auferam caput tuum a te, p. 425. col. 2 in fin.*
- v. 49. *Tulit unum lapidem, & juncas jecit &c p. 427. col. 1. & 429 col. 1.*
- v. 51. *Tulit gladium ejus, & interfecit eum p. 425. col. 2.*
- Ibid *Videntes autem Philisthaim, quod moriens esset fortissimus eorum, fugerunt, p. 429. col. 1. & p. 441. col. 2. in fin.*
- Cap. 18. v. 4 *Usque ad balteum, p. 451. col. 1. in fin.*
- Cap. 21. v. 11. *Percussit Saul mille, & David decem millia, p. 441. col. 2. in med.*

Ex Lib. 2. Reg.

Cap. 12 v. 13. *Peccavi Domino, p. 461. col. in princ.*

Ibid. *Dominus quoque transtulit peccatum tuum p. 461. col. 1. & 2.*

Cap. 18 v. 3. *Quia tu unus pro decem milibus computaris p. 441. col. 2.*

Ex Lib. 3. Reg.

Cap. 2. v. 5. *Effudit sanguinem belli in pace & posuit cruorem praelii in balteo suo, p. 451. col. 1.*

Cap. 5 v. 4 *Non est Satan, neque occursum malus p. 411. col. 1.*

Cap. 8 v. 9 *In arca autem non erat aliud; nisi dua tabulae, quas posuerat in ea Moyses p. 337 col. 1 in fin.*

Cap. 10. v. 17. *Saltus Libani, p. 288. col. 2.*

Cap. 21 v. 25. *Venundatus est, ut faceret malum p. 297. col. 2.*

v. 29. *Nonne vidisti humiliatum Achab? p. 225. col. 2. in princ.*

Ex Lib. 4. Reg.

Cap. 2. v. 9. *Fiat in me duplex Spiritus tuus p. 493. col. 1. in fin.*

Cap. 3. v. 21. *Convocaverunt omnes, qui accincti erant balteo desuper, pag. 451. col. 1.*

Cap. 21. v. 12. *Ut tinniant aures ejus, p. 13. col. 2. in fin.*

Ex Lib. 1. Paralipom.

Cap. 16. v. 8. *Confitemini Domino, & invocare nomen ejus: notas facite in populo ad inventiones ejus. p. 157. col. 1 in princ.*

Cap. 22. v. 9. *Filius, qui nascetur tibi, erit vir quietissimus: faciam enim eum requiescere ab omnibus inimicis suis per circuitum: & ob hanc causam Pacificus vocabitur. p. 415. c. 2 in fin.*
Ex Lib. 2. Paralipom.

Cap. 7. v. 1. *Ignis descendit de Celo, & devoravit holocausta, & victimas, pag. 290 col. 1 in princ.*

Cap. 20. v. 10 & 11. *Nunc igitur ecce filii Ammon & Moab, & mons Serr: & c. nituntur eicere nos de possessione quam tradidisti nobis. p. 335. c. 1.*

v. 12. *Deus noster, ergo non judicabis eos? In nobis quidem non est tanta fortitudo, ut possimus huic multitudi- ni resistere. p. 435. col. 1 in fin.*

v. 13. *Omnis vero Juda stabat coram Domino cum parvulis & uxoribus, & liberis suis. p. 435. col. 2 in med.*

v. 21. *Deditque consilium populo & statuit cantores Domini, ut laudarent eum in turmis suis, & antecederent exercitum. p. 436. col. 1 in med.*

Ex Lib. Judith.

Cap. 4. v. 10. *Et clamaverunt ad Dominum Deum Israel unanimiter, ne darentur in predam infantes eorum, & uxores eorum in divisionem, & c. p. 18. col. 2 in fin. & seqq.*

Cap. 9. v. 11. *Erige brachium tuum, sicut ab initio: & allide viri utem aliorum in virtute tua: cadat virtus eorum in iracundia tua, p. 17. col. 1 in princ.*

Tom. 5.

& pag. 18. col. 1. in princ.

Ibid. *Qui promittunt se violare sancta sua, & polluere tabernaculum nomi- nis tui, & deicere gladio suo cornu altaris tui. p. 17. col. 1. in med. & p. 18. col. 1 in princ.*

Ex Lib. Esther.

Cap. 2. v. 9. *Invenit gratiam in conspectu illius. p. 238. col. 1 in med.*

v. 17. *Adamavit eam Rex plus quam omnes mulieres. p. 238. col. 1.*

Cap. 5. v. 3. *Quid vis? ... Etiam si dimi- diam partem Regni petieris, dabitur tibi, p. 47. col. 1.*

Cap. 15. v. 8. *Ipsa autem roseo colore vul- tum perfusa, & gratis, ac nitentibus oculis, p. 238. col. 2. & seqq.*

v. 13. *Non pro te, sed pro omnibus hoc Rex constituta est. p. 238. c. 2 in princ.*

Ex Lib. Job.

Cap. 1. v. 8. *Nunquid considerasti forum meum Job? p. 455. col. 1 in med.*

Cap. 4. v. 12. *Et quasi furtive suscepta au- ris mea venas susurri ejus. p. 104. col. 1 & 2.*

v. 10. *In Angelis suis reperis pravitatem, p. 248. col. 1.*

Cap. 6. v. 2. & 3. *Utinam appenderentur peccata mea, quibus iram merui, & calamitas quam patior, in statera. Quasi arena maris hac gravior appareret. p. 104. col. 2 in fin. & seqq.*

Cap. 8. v. 13. *Spes hypocrisis peribit, pag. 224 col. 2 in med.*

Cap. 9. v. 3. *Si voluerit contendere cum ea, non poterit ei respondere unum pre mille. p. 455. col. 1.*

Cap. 11. v. 2. *Nunquid qui multa loqui- tur, non & audiet? Aut vir verbo- sus justificabitur? pag. 99. col. 2 & seqq.*

- v. 5. *Utinam Deus loqueretur tecum, & aperires labia sua tibi, p. 92. c. 2. & seqq.*
- Cap. 12. v. 18. *Balteum Regum dissolvit. pag. 451. col. 1.*
- Cap. 38. v. 4. *Ubi eras? & c. pag. 349. col. 1.*
- v. 7. *Cum me laudarent simul abraham, tuta, & jubilarent omnes filii Dei? Pag. 349 col. 1.*
- Ex Lib. Psalmor.
- Pfal. 2. v. 1. *Meditati sunt inania, pag. 224. col. 1. in fin.*
- v. 7. & 8. *Filius meus est tu: ego hodie genui te. Pectus a me, & dabo tibi Gentes hereditatem tuam, p. 46. col. 1. & seqq.*
- v. 9. *Reges eos in virga ferrea, p. 231. col. 1. & pag. 234. col. 2. in fin. & seqq.*
- Ibid. *Et tanquam vas figuli confringes eos, p. 231. col. 1. & p. 235. col. 1. in fin. & seqq.*
- v. 10. *Et nunc Reges intelligite: erudimini qui iudicatis terram, p. 231. col. 1. in princ.*
- Pfal. 3. v. 5. *Voce mea ad Dominum clamavi: & exaudivit me de monte sancto suo, p. 5. in fin. & p. 6. in princ. & col. 2. in fin.*
- Pfal. 7. v. 8. *Exurge, Domine, in precepto, quod mandasti: & synagoga populorum circumdabit te pag. 184. col. 1. & seqq.*
- Pfal. 8. v. 1. *Pro torcularibus p. 507. col. 2. in princ. & p. 511. col. 2.*
- v. 3. *Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem pag. 512. col. 1. in fin.*
- Pfal. 10. v. 17. *Desiderium pauperum*
- exaudivit Dominus, p. 472. col. 1. in med.*
- Pfal. 11. v. 3. *In corde. & corde locuti sunt. pag. 352. col. 1. in princ.*
- v. 7. *Argentum igno examinatum purgatum septuplum, pag. 189. col. 2. in med.*
- Pfal. 16. v. 1. *Exaudi, Domine, justitiam meam: intende deprecationem meam. Auribus percipe orationem meam, non in labiis dolosis, p. 361. col. 2. in fin. & seqq.*
- Pfal. 17. v. 6. *Dolores inferni circumdederunt me. p. 515. col. 2.*
- v. 26 & 27. *Cum Sancto Sanctus eris, & cum viro innocente innocens eris, & c. p. 232. col. 2. & seqq.*
- Pfal. 18. v. 6. *In sole posuit tabernaculum suum p. 387. col. 1.*
- v. 7. *A summo Caelo egressio ejus, & occursum ejus usque ad summum ejus. Sermon. ultim. p. 148. col. 1.*
- Pfal. 20. v. 4. *In benedictionibus dulcedinis, p. 415. col. 2.*
- Pfal. 21. v. 23. *In medio Ecclesia laudabo te, p. 277. col. 1.*
- v. 26. *Apud te laus mea in Ecclesia magna, p. 277. col. 1.*
- Pfal. 23. v. 1. *Dominus est terra, & plenitudo ejus: orbis terrarum, & universi qui habitant in eo, p. 360. col. 2. in fin.*
- v. 3. *Quis ascendet in montem Domini? Aut quis stabit in loco sancto ejus? p. 361. col. 1. in princ.*
- v. 4. *Innocens manibus, & mundo corde p. 361. col. 1. & 2.*
- v. 7. *Attollite portas, Principes, vestras; p. 38. col. 2. in princ.*
- Pfal. 26. v. 8. *Tibi daxis cor meum, p. 351. col. 1.*

- v. 12. *Menita est iniquitas sibi*, p. 386. col. 1. in princ.
- Pfal. 28. v. 1 & 2. *Afferre Domino Filii Dei: afferre Domino filios arietum. Afferre Domino gloriam, & honorem, &c* pag. 114. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 3. & seqq. *Vox Domini super aquas: &c. Vox Domini in virtute: vox Domini in magnificentia, &c.* p. 115. col. 2.
- Pfal. 29. v. 10. *Qua utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptio-nem? Sermone ultim p 153. col. 1.*
- Pfal. 30. v. 19. *Muta fiant labia dolosa* p. 343. col. 1. circa fin.
- Pfal. 31. v. 9. *An cameo, & frano maxillas eorum constringe, qui non approximant ad te*, pag. 177. colun. 1. in princ.
- Pfal. 32. v. 1 & 2. *Exultate iusti in Domino: rectos decet colludatio &c In psalterio decem chordarum psa hie illi.* p. 179. col. 2.
- Pfal. 33. v. 2. *Semper laus ejus in ore meo,* p. 343. col. 1. in princ. & p. 344. col. 2.
- Pfal. 35. v. 5. *Iniquitatem meditatus est in cubili suo* p. 134. col. 2 in princ.
- Pfal. 36. v. 4. *Delectare in Domino, & dabit tibi petitiones cordis tui.* p. 353. col. 1. in princ.
- v. 7. *Subditus esto Domino, & ora eum.* p. 82. col. 2. in princ.
- v. 30. *Os iusti meditabor sapientiam, & lingua ejus loquetur iudicium* p. 101. col. 2.
- Pfal. 37. v. 13. *Dolos tota die meditaban-tur* p. 134. col. 1 in fin.
- Pfal. 38. v. 4. *Concaluit cor meum intra me, & in meditatione mea exarde-scet ignis*, p. 111. col. 2. & seqq. & Sermone ultim pag. 170 col. 1. in fin.
- Pfal. 39. v. 7. *Sacrificium, & oblationem noluit: aures autem perfecisti mihi,* p. 116. col. 1 & seqq.
- Pfal. 44. v. 1. *Secundum Text. Hebr. Pro Rosis.* p. 346 col. 1. in princ. & seqq.
- v. 2. *Eruit aut cor meum verbum bonum: dico ego opera mea Regi.* pag. 102. col. 1. & pag. 344. col. 2. & seqq.
- Ibid. *Lingua mea calamus scribe,* pag. 344. col. 2. & seqq.
- v. 3. *Speciosus forma pra filiis hominum,* p. 346. col. 2. in princ.
- v. 4 & 5. *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime &c* pag. 227 col. 1. & seqq.
- v. 8. *Unxit Deus, Deus tuus oleo latitiae pra consortibus tuis* p. 487. col. 2. in med.
- v. 10. *Altit Regina a dextris tuis,* pag. 194. col. 1. & p. 346. col. 2.
- Pfal. 45. v. 1. *Secundum Text. Hebr. Pro Rosis* p. 336 col. 1. in fin.
- v. 3. & 4. *Properea non timebimus, dum turbabitur terra. & transferentur montes in cor maris. Sonuerunt, & turbatae sunt aquae eorum &c* p. 335. col. 1 & seqq.
- v. 5. *Fluminis impletus latificat Civitatem Dei: sanctificavit tabernaculum suum Altissimus,* pag. 335 col. 1. in fin.
- Pfal. 46. v. 6. *Ascendit Deus in jubilatione, & Dominus in voce tubae,* p. 198. col. 1. in fin.

- Pfal. 47. v. 8. *Ibi dolores ut parturientis.*
pag. 412. col. 1.
- Pfal. 48 v. 21. *Homo cum in honore ef-*
feci, non intellexit; comparatus est
jumentis insipientibus, & similis fa-
ctus est illis, pag. 69. col. 2. & p. 173,
col. 2.
- Pfal. 49. v. 3. *Deus manifeste veniet: Deus*
noster, & non silebit. Ignis in con-
spectu ejus exardesciet: & in cir-
cuitu ejus tempestas valida, p. 329,
col. 1.
- Pfal. 50 v. 2. & 3. *Miserere mei, Deus,*
secundum magnam misericordiam
tuam: & c. p. 230. col. 1. & 2.
- v. 15. *Docebo iniquos vias tuas: &*
impii ad te convertentur, pag. 230.
col. 1. in med.
- Pfal. 54. v. 6. *Quis dabit mihi pennas si-*
cut columbae: & volabo, & requies-
cam? pag. 517. col. 2. in med.
- v. 18. *Vespere. & mane, & meridie*
narrabo: & c. p. 95 col. 1.
- v. 23. *Facta super Dominum curam*
tuam, & ipse te enutriet, pag. 71.
col. 2. in fin.
- Pfal. 62. v. 4. *Melior est misericordia tua*
super vitas: labia mea laudabunt te.
p. 221. col. 1. in princ.
- v. 7. *In mausinis meditabor iute, pag.*
95. col. 1. in fin.
- v. 11. & seqq. *Ipsi vero in vanum*
quesierunt animam meam, & c. pag.
221. col. 1. in fin.
- Pfal. 65. v. 20. *Benedictus Deus, qui non*
amovit orationem meam, & miseri-
cordiam suam à me, pag. 470. col. 2.
& seqq.
- Pfal. 67. v. 14. *Si dormiat is inter medi-*
culos, penna columbae de argente,
& posteriora dorsi ejus in pallore au-
ri, p. 516 col. 2. & seqq.
- v. 20. *Benedictus Dominus die quo-*
tidie pag. 284. col. 2. & seqq.
- v. 31. *Aethiopia praeveniet manus ejus*
Deo, pag. 502, col. 2. in princ. & p. 515.
col. 1.
- Pfal. 68. v. 16. *Non me demergat tempe-*
stas aqua, p. 317. col. 2.
- Pfal. 70. v. 14. *Adjiciam super omnem*
laudem tuam p. 203. col. 1. & seqq.
- v. 15. & 16. *Quoniam non cognovi li-*
teraturam, introibo in potentias Do-
mini, p. 439 col. 2. & seqq.
- Pfal 71. v. 9. *Coram illo procedent Aethio-*
pes. p. 502. col. 1. in fin.
- Pfal. 75. v. 3. *Factus est in pace locus ejus;*
& habitatio ejus, pag. 184. col. 2. in
princ.
- Pfal. 80. v. 1. *Pro torcularibus, p. 507. col.*
2. in princ. & p. 511. col. 2.
- v. 9. *Ego sum Dominus Deus tuus, qui*
eduxi te de terra Aegypti, p. 512.
col. 2. in princ.
- Pfal. 82. v. 19. *Tu solus Altissimus in omni*
terra p. 9. col. 2.
- Pfal. 83. v. 1. *Pro torcularibus filiis Corè.*
p. 508. col. 2. in princ. & p. 511. col.
2.
- v. 6. *Beatus vir, cujus est auxilium*
abs te, ascensiones in corde suo dis-
posuit, in valle lacrymarum, pag.
512. col. 2.
- Pfal. 84. v. 8. & 9. *Ostende nobis, Domi-*
ne, misericordiam tuam: & saluta-
re tuam da nobis. Audiam quid lo-
quatur in me Dominus Deus. p. 96
col. 1. in fin. & seqq.
- Pfal. 86. v. 1. *In finem Filius Corè pro ar-*
canis, p. 497. col. 1. in princ.

- v. 3. *Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei p. 258. col. 2. & seqq.*
- v. 4. *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me p. 258. col. 2. & seqq. & p. 495. col. 2. & seqq.*
- Ibid. *Ecce alienigena, & Tyrus, & populus Ethiopum, hi fuerunt illic, p. 495. col. 2. & seqq.*
- v. 5. *Homo, & homo. natus est in ea: & ipse fundavit eam Altissimus, p. 495. col. 1.*
- Pfal. 89. v. 6. *Mane sicut herba transeat, mane floreat, & transeat: &c pag. 302. col. 2.*
- v. 9. *Omnes dies nostri defecerunt. Anni nostri sicut aranea meditabuntur, p. 302. col. 1.*
- Pfal. 93. v. 1. *Deus ukionum, &c. p. 234. col. 1. in fin.*
- Pfal. 102. v. 10. *Benedicite Domino omnes Angeli ejus: potentes virtute facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus, pag. 66 col. 1.*
- Pfal. 103 v. 25. & 26. *Hoc mare magnū, & spatiosum manibus: illic neptili, quorum non est numerus. Animalia pusilla cum magnis: illic naues pertransibunt, pag. 320. col. 1. in fin. & seqq.*
- Ibid. *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei, p. 321. col. 1.*
- Pfal. 106. v. 6. *Clamaverunt ad Dominum cum tribularentur. p. 325. col. 1,*
- v. 25. & 26. *Stetit spiritus procelle: & exaltati sunt fluctus ejus. Ascendunt usque ad Calos, & descendunt usque ad abyssos. p. 324. col. 1.*
- Ibid. *Anima eorum in malis tabescebat, pag. 324. col. 1.*
- v. 27. *Turbati sunt, & moti sunt sicut ebrius: & omnis sapientia eorum devorata est. Pag. 324. col. 1. & seqq.*
- v. 29. *Ei statuit procellam in auram: & siluerunt fluctus ejus, pag. 325. col. 1.*
- v. 31. *Confiteantur Domino misericordia ejus, & mirabilia ejus filiis hominum p. 325. col. 1. in fin.*
- Pfal. 111. v. 5. *Fecundus homo, qui miseretur, & commodat, disponet sermones suos in iudicio, pag. 478. col. 2.*
- Pfal. 113 v. 16. *Calum Cali Domino, p. 6. col. 2.*
- Pfal. 115. v. 4. *Simulachra gentium, argentum, & aurum, opera manuum hominum, p. 85. col. 1. in med.*
- v. 16. *Ego servus tuus & filius ancille tue p. 455. col. 1. in princ.*
- Pfal. 118. v. 4. *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis, p. 180. col. 1.*
- v. 5. *Utinam dirigantur via mea ad custodiendas justificationes tuas, pag. 180. col. 1, in fin.*
- v. 6. *Tunc non confundar, cum perplexero in omnibus mandatis tuis, p. 180. col. 2.*
- v. 8. *Justificationes tuas custodiam: non me de relinquant usquequaque. p. 174. col. 2. in med.*
- v. 59. *Cogitavi vias meas: & converti pedes meos in testimonia tua, p. 140. col. 2.*
- v. 74. *Videbunt me, & letabuntur: quia in verba tua super speravi, pag. 226 col. 1.*
- v. 131. *Os meum aperui, & attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam.*

- rabam p. 171. col. 1. & 2.
- v. 137. *Iustus es, Domine: & rectum iudicium tuum* p 214. col. 1.
- v. 146. *Clamavi ad te, saluum me fac: ut custodiam mandata tua*, pag. 186 col. 2. & seqq.
- v. 164. *Septies in die laudem dixi tibi* p. 95 col. 1.
- v. 169. *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*, p. 8 c 1. in princ.
- Pfal. 120. v. 4. *Non dormitabit, neque dormiet qui custodit Israel*, p. 184 c. 1. in fin.
- Pfal. 125. v. 25. *Qui seminant in lacrymis, in exultatione metent* p. 228. col. 1 ante med.
- Pfal. 134 v. 6. *Omnia quacunque voluit Dominus fecit in Caelo. & in terra.* p. 59. col. 1.
- Pfal. 138. v. 12. *Sicut tenebra ejus ita & lumen ejus* p. 184. col. 1. in fin.
- Pfal. 140. v. 2 *Dirigatur, Domine, oratio mea, sicut incensum, in conspectu tuo* p. 357 c 2.
- Pfal. 142. v. 2. *Non intres in iudicium cum seruo tuo: quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis uiuens.* p. 455. col. 1.
- v. 5. *Meditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar* p 95. col. 2. & p. 97. c 1.
- v. 8. *Auditam fac mihi mane misericordiam tuam*, p. 94 col. 2. & seqq.
- v 10. *Doce me facere voluntatem tua, quia Deus meus es tu* pag. 66. col. 1. in fin.
- Pfal. 143. v. 1. *Benedictus Dominus Deus meus, qui docet manus meas ad primum, & digitos meos ad bellum* p 427. col. 2 in fin & seqq.
- v. 9. & 10. *Deus, canticum nouum cantabo tibi, in psalterio decachordo psallam tibi. Qui das salutem Regibus* & c p 427. col. 2.
- Pfal. 146. v. 9. *Qui dat iumentis escam ipsorum, & pullis coruorum inuocantibus eum*, p. 472. col. 2 & seqq.
- Pfal. 147. v 14. *Qui posuit fines tuos pacem* p 448. col. 2. in fin.
- Pfal. 149 v 1. *Laus ejus in Ecclesia Sanctorum*, p. 277. col. 1
- Ex Lib. Proverb.
- Cap. 3 v. 32 *Cum simplicibus sermocinatio ejus*, pag 100 col. 1. in fin.
- Cap. 6. v 27. *Nunquid potest homo abscondere ignem in sinu suo, ut vestimenta illius non ardeant?* p. 113 c. 2 in princ & p. 256. col. 1 in princ.
- v. 28 & seqq. *Aut ambulare super prunas, ut non comburantur plantae ejus? Sic qui ingreditur ad mulierem* & c p 256 col. 1 in pr.
- Cap. 8. v 29. & 30. *Quando circumdabat mari terminum suum, & legem ponebat aquis, ne transirent fines suos,* & c p. 327. col. 1. in fin. & sequentibus.
- v. 34 *Beatus homo, qui audit me*, p. 98 col. 2 & pag. 99. col. 1.
- Ibid *Qui vigilat ad fores meae quosidie & obseruat ad pestes ostii mei,* pag 97. col. 2. in fin. & pag. 99. col. 1.
- Cap. 17 v. 19 *Meditatur discordias*, pag. 134 col. 1. in fin.
- Cap. 20. v 12. *Aperi oculos tuos, & saturare panibus. Serm. ultim.* p. 167. col. 1. in fin.
- Cap. 24. v 2. *Rapinas meditatatur*, p. 134 c. 1 in fin.

Ex Lib. Ecclesiastes.

Cap. 4. v. 12. *Funiculus triplex difficile rumpitur. p. 261. col. 1. in mod. & p. 265. col. 2.*

Ex Lib. Cantic.

Cap. 1. v. 9. *Equitatus meo curribus Pharaonis assimilavi te amica mea. p. 354. col. 2. in fin.*

v. 10. *Genae tuae sicut turturis. p. 106. col. 2. in fin. & seqq.*

Ibid. *Collum tuum sicut monilia. pag. 107. col. 1. in princ. & sequentibus.*

v. 11. *Mureculas aureas faciemus tibi vermiculatas argento. pag. 107. col. 1. & seqq.*

Cap. 2. v. 2. *Sicut liliam inter spinas. Sermon. ultim. pag. 147. col. 1. in fin.*

Ibid. *Secundum Versu Chaldaic, Comparata sum rose, quae inter spinas germinat. Sermon. ultim. p. 147. col. 2. in princ.*

Cap. 3. v. 11. *Egredimini, & videte, filiae Sion, Regem Salomonem in diadema te quo coronavit illum mater sua, p. 36. col. 2.*

Cap. 4. v. 3. *Secundum Septuaginta. Sicut funiculus coccineus labia tua, & eloquium tuum decorum, p. 264. col. 2. in fin. & seqq.*

Ibid. *Sicut vitula coccinea labia tua. Sermon. ultim. pag. 147. col. 1. in fin.*

v. 4. *Sicut turris David collum tuum. Mille clypei pendent ex ea. p. 453. col. 1. in fin.*

v. 15. *Puteus aquarum viventium, p. 177. col. 2.*

Cap. 5. v. 2. *Vox dilecti mei pulsantis:*

Aperi mihi, soror mea, amica mea, columba mea, immaculata mea. p. 109. col. 1. & seqq.

Ibid. *Quia caput meum plenum est rore, & cincinni mei guttis nocturnis, p. 110. col. 1.*

v. 13. *Labia eius lilia. Sermon. ultim. p. 147. col. 1.*

Cap. 6. v. 2. *Qui pascitur inter lilia. Sermon. ultim. pag. 171. col. 1.*

v. 3. *Decora sicut Jerusalem: terribilus ut castrorum acies ordinata, pag. 448. col. 2.*

v. 8. *Viderunt eam filiae, & Beatissimam predicaverunt. p. 447. col. 1. in med.*

v. 9. *Qua est ista, quae progreditur, quasi Aurora consurgens? pag. 446. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Pulchra ut Luna. p. 238. col. 2. in med. & p. 248. col. 2. & p. 446. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Electa ut Sol. pag. 248. col. 2. & p. 446. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Terribilus ut castrorum Acies ordinata. p. 446. col. 2. & seqq.*

Cap. 7. v. 2. *Venter tuus sicut acervus vitici, vallatus liliis. Sermon. ultim. p. 146. & seqq. per tot. Sermon.*

v. 9. *Guttur tuum sicut vinum optimum, dignum dilecto meo ad potandum, &c. Sermon. ultim. p. 172. col. 2. in med.*

v. 13. *In portis nostris omnia poma nova, & vetera, dilecte mi, servavi tibi. p. 288. col. 2.*

Cap. 8. v. 6. *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum, p. 340. col. 340. col. 2. in princ. & seqq.*

- v. 10. *Ego murus : & ubera mea sicut turris , ex quo facta sum coram eo quasi pacem reperiens , p. 449. col. 1.*
- Ex Lib. Sapient.
- Cap. 2. v. 8. *Coronemus nos rosis , antequam marcescant , p. 195 col. 2. in med.*
- Cap. 4. v. 11. *Raptus est , ne malitia mutaret intellectum ejus , &c p 70. col. 1. in fin.*
- v. 14. *Placita enim erat Deo anima illius : propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum , pag. 70. col. 1. in fin.*
- Cap. 11. v. 21. *In mensura , & numero , & pondere , p. 328. col. 1 in princ.*
- Ex Lib Ecclesiastici.
- Cap. 7. v. 45. *Memorare novissima tua , & in aeternum non peccabis. Sermon. ultim. p. 310. col. 1. in princ.*
- Cap. 19 v. 2. *Mulieres apostatare faciunt sapientes p. 255. col. 1. in princ.*
- Cap. 21. v. 29. *In ore fatuorum cor illorum : & in corde sapientium os illorum , p. 352. col. 2.*
- Cap. 24. v. 5. *Ego ex ore Altissimi prodixi p. 94. col. 1.*
- v. 8. *Gyrum Celi circuvivola Sermon. ultim. p. 148. col. 1. in princ.*
- v. 18. *Exaltata sum ... quasi plantatio Rose in Jericho , p. 247 col. 1. & p. 419 col. 2. in princ. & seqq.*
- v. 19. *Quasi Oliva speciosa in campis , p. 420 col. 1.*
- v. 20. *Sicut cinnamomum , & balsamum aromatizans odorem dedi : quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris p. 398. col. 2.*
- Ibid. Secundum Version. Græc.
- &c. *Sicut Aspalathus aromatizans odorem dedi p. 449 col. 1. in fin. & seqq.*
- Cap. 33 v. 7. *Quare dies diem superas? p. 286 col. 2.*
- v. 8. *A Domini scientia separati sunt , fatto Sole , p. 286. col. 2.*
- v. 9. *Et immutavit tempora , & dies festos ipsorum p. 286. col. 2.*
- v. 10. *Ex ipsis exaltavit , & magnificavit Deus , & ex i. sis posuit in numerum dierum p. 286 col. 2.*
- Cap. 43. v. 13. *Gyavit Calum in circuitu gloria sua , p. 3161*
- Ex Prophet. Isaia.
- Cap. 1. v. 3. *Cognovit bos possessorem suum , & asinus Praesepe Domini sui. Sermon. ultim. p. 177. col. 2.*
- v. 13. *Ne offeratis ultra sacrificium frustra : incensum abominatio est mihi , p. 223. col. 1 & p. 357. col. 2. & seqq.*
- v. 15. *Cum extenderitis manum vestras , avertite oculos meos a vobis : & cum multiplicaveritis orationem , non exaudiam , pag. 359. col. 1. & seqq.*
- Ibid. *Manus enim vestrae sanguine plene sunt p. 359 col. 1. & seqq.*
- Cap. 5 v. 20. *Ve , qui dicitis malum bonum , & bonum malum p. 24. c. 2. in fin.*
- Cap. 6 v. 3. *Sanctus , Sanctus , Sanctus : &c p. 154 col. 1. & seqq.*
- Cap. 9. v. 6. *Parvulus natus est nobis , & filius datus est nobis , p. 27. col. 2. & p. 467. col. 2. post princ.*
- Ibid. *Cujus imperium super humerum ejus , p. 467. col. 2.*
- Cap. 29. v. 13. *Eo quod appropinquat populus iste ore suo , & labiis suis glorificat*

- ficat me: &c. p. 349. col. 1. in princ. & seqq.*
- Cap. 33. v. 14. *Possedit tremor hypocrytas. Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis? p. 224. col. 1.*
- Cap. 38. v. 1. *Morieris tu, & non vires, pag. 299 col. 2.*
- v. 13. *De mane usque ad vesperam finies me pag. 74. col. 2. in med. & pag. 299 col. 2. in fin & p. 302. col. 2.*
- v. 14. *Sicut pullus hirundinis sic clamabo, meditabor ut columba, pag. 299. col. 2. in fin & seqq. & pag. 517. col. 1.*
- v. 15 & 16. *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anima mea. Domine, si sic vivitur p. 300. col. 1. & seqq.*
- v. 17. *Tu autem eruisti animam meam, ut non periret, projecisti post tergum tuum omnia peccata mea, pag. 461. col. 2.*
- v. 20. *Domine. sabuum me fac, & psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vita nostra, pag. 300 col. 1. in med.*
- Cap. 48. v. 9. *Lauda mea infrenabo te, ne intereas. p. 177. col. 1. in med.*
- Cap. 53. v. 4. *Vere languores nostros ipse tulit, pag. 381 col. 2. in fin.*
- v. 6. *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum, pag. 208. col. 1. in princ.*
- v. 7. *Oblatus est, quia ipse voluit, & non aperuit os suum: &c. pag. 514. col. 1.*
- Cap. 55 v. 2. *Comodite bonum, & deletabitur in crassitudine anima ve-*
- stra. Sermone ultim. pag. 153 col. 1. in med.*
- Cap. 60. v. 11. *Aperientur porta tua iugiter: die, ac nocte non claudentur. p. 184 col. 2. in princ.*
- Cap. 61. v. 1. *Spiritus Domini super me: &c. p. 298 col. 1. in fin & seqq.*
- v. 2. *Ut predicarem annum placabilem Domino, & diem ultionis Deo nostro, p. 298 col. 1. in fin & seqq.*
- Cap. 63. v. 3. *Tortular calcavi solus, pag. 509. col. 2.*
- Ibid. *Et de Gentibus non est vir mecum pag. 510. col. 1. in princ.*
- v. 16. *Tu enim Pater noster, & Abraham nescivit nos, & Israel ignoravit nos, p. 52. col. 2. in fin & seqq.*
- Cap. 64 v. 1. *Vitiam dirumperes Calos, & descenderes p. 38 col. 2.*
- Cap. 66. v. 7. *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum, p. 488. col. 1. & seqq.*
- v. 8. *Quis audivit unquam tale? Et quis videt huic simile? p. 488. col. 1. in fin.*
- Ex Prophet. Jerem.
- Cap. 7. v. 16. *Noli orare pro populo hoc; p. 471. col. 1. in fin.*
- Cap. 11. v. 14. *Noli orare pro populo hoc p. 471 col. 1. in fin.*
- Cap. 14. v. 11. *Noli orare pro populo isto. p. 471. col. 1. in fin.*
- Cap. 19. v. 1. *Lagunculam figuli testeam p. 236 col. 1.*
- v. 11. *Sic conteram populum istum... sicut conteritur vas figuli, quod non potest ultra instaurari p. 236. col. 1. in med.*
- Thren. Cap. 2. v. 19. *Consurge, lauda: (secun-*

- (Secundum Text. Hebr. Surge, ora, & obsecra) effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini: &c. pag. 348. col. 2.
- Thren. Cap. 3. v. 40. Scrutamur vias nostras. & queramus, & revertamur ad Dominum pag. 364. col. 2. in princ.
- v. 14. Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum pag. 364. col. 2. in med.
- Ex Prophet. Ezechiel.
- Cap. 1. v. 4. Et vidi, & ecce ventus turbinis veniebat ab Aquilone: & nubes magna, & ignis involvens, & splendor in circuitu ejus. pag. 312. col. 1. in fin.
- v. 12. Ubi erat impetus spiritus, illus gradiebantur p. 310. col. 2. in fin.
- v. 16. Aspectus rotarum, & opus earum quasi visio maris. pag. 310. col. 1.
- v. 20. Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritu, & rote pariter elevabantur pag. 310. col. 2.
- v. 22. Et similitudo super capita animalium, firmamenti, quasi aspectus crystallo horribilis. pag. 311. col. 1.
- v. 24. Quasi sonum aquarum multarum pag. 310. col. 2.
- v. 26. Super firmamentum: &c. quasi aspectus lapidis sapphiri similitudo throni. pag. 312. col. 2.
- Ibid. Et super similitudinem throni similitudo quasi aspectus hominis desuper. pag. 312. col. 2.
- v. 27. Et vidi quasi speciem Electri. pag. 312. col. 2.
- v. 28. Velut aspectum Arcus, cum fuerit in nube in die pluvia, hic erat aspectus splendoris per gyrum. pag. 312. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 3. v. 17. Fili hominis, speculato rem dedisse domui Israel. pag. 245. col. 2.
- Cap. 4. v. 6. Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi pag. 282. col. 2. & seqq.
- Cap. 33. v. 11. Nolo mortem impii: &c. pag. 189. col. 2. in princ.
- Ex Prophet. Daniel.
- Cap. 2. 29. Tu Rex cogitare coepisti in stratis tuis: &c. pag. 39. col. 1. in princ.
- Cap. 3. v. 71. Benedicite noctes, & dies Domino pag. 518. col. 1.
- Cap. 6. v. 12. Nunquam non constituisti, ut omnis homo qui argeret quemquam de Diis & h. minibus... nisi te, Rex, mitteretur in lacum leonum? pag. 84. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 16. col. 2.
- v. 15. Scio Rex quia rex Medorum, atque Persarum est ut omne decretum, quod constituerit Rex, non liceat immutari p. 237. col. 2.
- Cap. 7. v. 3. Et quatuor bestiae grandes ascendeabant de mari diversa inter se p. 39. col. 1. ante med.
- Cap. 9. v. 24. Septuaginta Hebdomades abbreviatae sunt. pag. 284. col. 1. in med.
- Cap. 10. v. 13. Princeps autem Regni Persarum restitit mihi viginti & uno diebus. Et ecce Michael: &c. pag. 63. col. 1. in princ.
- Cap. 12. v. 11. Cum ablatum fuerit iuge sacrificium. pag. 292. col. 2. in fin. & seqq.
- Ex Prophet. Osee.
- Cap. 1. v. 2. Vade, sume tibi uxorem fornicam.

... n... pag. 266. col. 2. in fin.
& seqq.

suam, & pepercit populo savp. 439.
col. 1.

Cap. 3. v. 1. *Aahye vade, & dilige mu-*
lierem dilectam amico, & adulte-
ram. p. 267. col. 1. in princ.

v. 20. *Et eum, qui ab Aquilone est,*
procul faciam a vobis, & expectam
eum. p. 439. col. 1. in med.

Ibid. *Sicut diligit Dominus filios Is-*
rael, & ipsi respiciunt ad Deos alie-
nos. p. 267. col. 1.

Ex Prophet. Habacue.

v. 2. *Secundum Text. Hebr. Et*
emi eam mihi quindecim argenteis.
p. 267. col. 1.

Cap. 2. v. 1. *Super speculam meam stabo*
& figam gradum super gyrum, &
contemplabor: &c. pag. 128. col. 1.
in fin. & seqq. & pag. 137. col. 2. in
fin.

Cap. 7. v. 11. *Quasi columba seducta,*
non habens cor. p. 352. col. 1.

v. 14. *Super iruicum, & vinum ru-*
minabunt. Sermon. ultim. pag. 172.
col. 1.

Cap. 3. v. 1. *Oratio: &c.* pag. 131. c. l. 1.
& seqq. & 133. col. 2 & seqq. &
pag. 135. col. 2. & seqq.

Cap. 14. v. 8. *Vivent tritico.* Sermon. ul-
tim. p. 148. col. 1. in princ.

v. 2. *Secundum Septuagint. In-*
terpret. Domine, audivi audicio-
nem tuam, & timui: &c. pag. 131.
col. 1. & seqq.

Ex Prophet. Joel.

Cap. 2. v. 2. *Populus multus, & fortis.* p.
437. col. 1.

Ibid. *Secundum Septuag. Inter-*
pret. In medio amorum notum fa-
cies: in medio duorum anim alium
cognosceris. pag. 132. col. 1. & Serm.
ultim. pag. 175. col. 2.

v. 3. *Ante faciem ejus ignis vorans, &*
post eum exurens flamma. pag. 437.
col. 1.

v. 4. & 5. *Cornua in manibus ejus:*
ibi abscondita est fortitudo ejus, &c.
p. 132. col. 1. in fin.

Ibid. *Quasi hortus voluptatis terra co-*
ram eo, & post eum solitudo deserti.
pag. 437. col. 1. & 2.

v. 8. & 9. *Suscitans suscitabis arcum*
suum: &c. pag. 132. col. 2.

v. 11. *Et Dominus dedit vocem suam*
ante faciem exercitus sui. &c. pag.
438. col. 1. in prin.

Ex Prophet. Zachar.

v. 13. *Scindite corda vestra, & non*
vestimenta vestra. pag. 225. col.
1.

v. 15. *Canite tuba in Sion.* pag. 438.
col. 1. in fin.

Cap. 9. v. 9. *Exulta satis filia Sion: ..*
Ecce Rex tuus veniet tibi Justus,
& Salvator: ipse pauper, & ascen-
dens super asinam. p. 295. col. 1.

v. 15. 16. & 17. *Vocate eorum, con-*
gregate populum; sanctificate Ec-
clesiam: &c. pag. 438. colun. 1. in
med.

v. 17. *Quid bonum ejus, & quid*
pulchrum ejus, nisi frumentum ele-
ctoru, & vinum germinans vrgines?
pag.

v. 18. *Zelatus est Dominus terram*

pag. 293. col. 2. & seqq.

Ex Prophet. Malach.

Cap. 1. v. 6. *Filius honorat patrem, & servus dominum suum: Si ergo Pater ergo sum, ubi est honor meus? Et si Dominus ego sum, ubi est timor meus?* pag. 362. col. 2.

Ex Lib. 1. Machab.

Cap. 3. v. 59. *Melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostrae,* pag. 61. col. 2.

v. 60. *Sicut autem fuerit voluntas in Caelo, sic fiat,* pag. 62. col. 1. in princ.

Ex Lib. 2. Machab.

Cap. 2. v. 10. *Sicut & Moyses orabat ad Dominum, & descendit ignis de Caelo, & consumpsit holocaustum,* pag. 289 in fin & seqq.

Ex Evangel. D. Matth.

Cap. 1 v. 5. *Salmon autem genuit Booz de Rahab,* pag. 245. & seqq.

v. 6. *David autem Rex genuit Salomonem,* pag. 410. & seqq.

v. 16. *Jacob autem genuit Joseph virum Mariae, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus,* pag. 34. col. 1. in princ. & pag. 284. & seqq. & pag. 304. & seqq. & pag. 484. & seqq.

Cap. 2 v. 12. *Responso accepto in seminis, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in Regionem suam,* pag. 139. col. 2.

Cap. 5 v. 3. *Beati pauperes,* p. 206. col. 1. & seqq.

v. 4. *Beati mites,* pag. 206. col. 1. & seqq.

v. 5. *Beati qui lugent,* pag. 206. col. 1. & seqq.

v. 7. *Beati misericordes, quoniam ipsi*

misereticordiam consequentur. pagin. 206. col. 1. & seqq.

v. 44 & 45. *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos... ut sitis filii Patris vestri, qui in Caelis est.* pag. 48. col. 2.

Ibid. *Qui Solem suum oriri facit super bonos & malos,* pag. 233. col. 2. in med.

v. 48. *Estote ergo vos perfecti, sicut & Pater vester caelestis perfectus est,* p. 58 col. 1. in fin & col. 2.

Cap. 6 v. 6. *In autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio ora Patrem tuum in abscondito:* & c. pag. 49. col. 2.

v. 7. *Orantes autem, nolite multum loqui,* pag. 102. col. 2.

v. 9. *Sic ergo vos orabitus:* & c. pag. 49. col. 2. in fin. & p. 160. col. 1. & p. 162. col. 2.

Ibid. *Pater noster, qui es in Caelis,* pag. 5. col. 2. & pag. 7. col. 1. in fin. & pag. 8. col. 1. in med. & pag. 9. col. 1. & 2. & pag. 10. col. 1. & 2. in fin. & pag. 11. per tot. & pag. 12. col. 1. & 2. & p. 26. col. 2. & pag. 34. col. 2. & seqq. & pag. 36. col. 2. & pag. 42. col. 2. & pag. 48. col. 2. & p. 49. col. 1. & 2. & pag. 55. col. 1. & 2. & pag. 56. col. 1. & 2. & pag. 57. col. 1. in princ. & pag. 160. col. 1. & pag. 362. col. 2. & p. 393. col. 2. & seqq.

Ibid. *Sanctificetur nomen tuum.* p. 14. col. 2. in fin. & pag. seqq. & pag. 17. col. 2. in fin. & pag. 18. col. 1. & pag. 29. col. 1. in fin. & pag. 363. col. 1. & pag. 395. col. 1.

v. 10. *Adveniat Regnum tuum,* pag. 14. in fin. & seqq. & pag. 17. col. 2. in fin.

flu. & p. 18 col. 1. & p. 29. col. 1. in
fin. & p. 36 col. 1. & p. 47. col. 2. in
princ. & p. 363. col. 1. & p. 395.
col. 2.

Ibid. *Fiat voluntas tua sicut in Celo,*
& in terra p 15 col. 1. in princ &
seqq. & p. 18 in princ. & ante fin.
& p 29. col. 1. in fin. & pag. 57.
col. 2. in princ. & in med & p. 58.
col. 1. & 2. & p 59 col. 1. in princ.
& in med. & p. 60. per tot & seqq.
& pag. 62. col. 1 & p. 64. col. 1. &
p. 55. col. 1 & seqq. & p 363 col.
1. & p. 396. col. 1.

v. 11. *Panem nostrum quotidianum*
da nobis hodie, p. 18. col. 2. & pag.
66 col. 2. & p. 67. col. 2. & p. 76. c.
1. in princ. & col. 2. & p. 87. col. 2.
in fin & p 146. col. 2. & p. 296.
col. 2. & p. 396. col. 2. & p. 405.
col. 1.

Ibid. *Panem nostrum super substantialem*
da nobis, p. 27 col. 2. & p.
29. col. 1.

v. 12. *Dimitte nobis debita nostra,* p.
18. col. 1. & p. 19. col. 2. & p. 29.
col. 2. in princ. & p. 67. col. 2. & p.
146. col. 2 & p. 396. col. 2. & pag.
457. col. 2. in fin. & p 469. col. 2.
& p. 474 col. 1. & 2 & p. 476.
col. 2.

Ibid. *Sicut & nos dimittimus debito-*
ribus nostris, p. 19. col. 2 & p. 21.
col. 2. & p 48 col. 2 in fin. & pag.
397 col. 1.

v. 13. *Et ne nos inducas in tentationem*
p. 18. col. 1. & p. 21. col. 2. & p. 22.
col. 1. & p. 29. col. 2. in princ.
& pag. 67. col. 2. & pag. 397. col.
2.

Tom. 5.

Ibid. *Sed libera nos a malo.* p. 18. col.
1. & p. 24. col. 2 & p 26. col. 2. &
p. 27 col. 1. et princ. & p. 29. col. 1.
in princ. & p. 67. col. 2. & p 69. c.
1 in princ. & col. 2. & p. 146. col. 2
& p 398 col. 1.

v. 34. *Nolite solliciti esse in crastinam*
p. 71. col. 2. in med.

Cap. 8. v. 24. *Ita ut navicula operiretur*
fluctibus p. 306. col. 2.

v. 25. *Salvatos, perimus* p. 305. col.
2.

v. 6 *Imperavit ventis, & mari, & fa-*
cta est tranquillitas magna p. 323.
col. 2.

Cap. 9. v. 1. *Ascendens Jesus in navica-*
lum, transfretavit, & venit in Ci-
vitatem suam, p. 304. & seqq.

v. 13 *Misericordiam volo, & non sa-*
cificium. p. 116. col. 2.

Cap. 10. v. 19. *Nolite cogitare quomo-*
do aut quid loquamini: dabitur
enim vobis in illa hora, p 41. col. 1.
in princ.

v. 10. *Non enim vos estis qui loquimi-*
ni, sed Spiritus Patris vestri, qui
loquitur in vobis, p. 43. col. 2.

Cap. 11. v. 30 *Jugum meum suave est*
p. 175 col. 1.

Cap. 14 v 19. *Benedixit, & fregit, &*
dedit discipulis panes. Sermon. ult,
p. 160. col. 2.

Cap. 15. v. 8. *Populus hic labiis me*
honorat: cor autem eorum longe est
a me, pag. 349 col. 1. in princ &
seqq.

v. 24. *Non sum missus nisi ad oves,*
que perierunt, domus Israel. pag.
339. col. 1.

Cap. 16v. 24. *Siquis vult post me veni-*
re,

- re, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me. pag. 466. col. 2. in fin & seqq.
- v. 28. Donoc videant filium hominis venientem in Regno suo, p. 395. col. 2.
- Cap. 18 v. 10 Semper vident faciem Patris, qui in Calis est. pag. 6. col. 1 in fin.
- v. 23. Assimilatum est Regnum Calorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis p. 454. & seqq.
- v. 24. Et cum cepisset rationem ponere, oblatuſ est ei unus, qui debebat ei decem millia talenta p. 456. col. 2. & seqq.
- v. 25. Cum non haberet unde redderet p. 459. col. 2. in princ. & pag. 472. col. 1 & seqq.
- Ibid. Iussit eum venundari, & uxorem eius, & filios p. 457. col. 2.
- v. 26. Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi p. 458. c. 2. & seqq.
- v. 32. Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me p. 469. col. 2. & p. 472. col. 1 in fin.
- Cap. 20. v. 1. Qui exiit primo manè conducere operarios in vineam suam p. 216. col. 1.
- v. 4. Ite & vos in vineam meam. p. 15. col. 2. in fin. & p. seqq.
- Ibid. Quod iustum fuerit, dabo vobis. p. 217. col. 2 in med.
- v. 8. Dicit Dominus vinea procuratoris suo p. 216. col. 1. & seqq.
- v. 11. Accipientes murmurabant adversus patrem familias p. 214. col. 1. in fin.
- v. 12. Hi novissimi una hora fecerunt,
- & pares illos nobis fecisti, qui portaverimus pondus diei, & astus? pag. 214. col. 2. in med.
- v. 13 & seqq. Amice, non facio tibi injuriam nonne ex denario convenisti mecum? Tolle quod tuum est, &c. p. 215. col. 1.
- v. 22. Neoitis quid petatis, p. 160. c. 1
- v. 23. Nō est meū dare vobis. p. 16. c. 1
- Cap. 23. v. 8. Omnes autem vos fratres estis p. 54. col. 1.
- v. 9. Patrem nolite vocare vobis super terram unus est enim Pater vester qui in Calis est p. 51. c. 2 & seqq.
- v. 13. & seqq. Va vobis hypocritæ. va vobis hypocritæ: &c p. 223. col. 2. in med.
- Cap. 24. v. 40. Tunc duo erunt in agro: unus assumetur, & unus relinquetur p. 333. col. 1. in princ.
- v. 51. Divides eum, partemque ejus ponet cum hypocritis. Illic erit fletus, & stridor dentium p. 224. col. 1. in med.
- Cap. 25. v. 1. Exierunt obviam sponſo, & sponſe p. 331. col. 1.
- v. 10. Intraverūt cum eo ad nuptias, p. 331. col. 1.
- Ibid. Et clausa est janua. pag. 331. col. 1.
- v. 33. Oves à dextris, hados autem à sinistris, p. 33. col. 2. in fin.
- v. 34 & 35. Venite benedicti Patris mei possidete, &c. Esurius enim, & dedistis mihi manducare, &c. pag. 206. col. 2. in princ. & seqq. & pag. 332. col. 1.
- v. 41 & seqq. Discedite à me maledicti, &c. Esurius enim, & non dedistis mihi manducare, &c. p. 206. c. 2. in

2. in med & seqq & p 323. col 1.
- Cap. 26. v. 26. *Acceptit panem, & benedixit, ac fregit. deditque discipulis suis Sermon. ultim. p 160. col 2.*
- v. 39. *Pater, si possibile est, p. 13 col. 1 & p. 382. col 2. in princ.*
- Ibid *Transseat à me calix iste, pag. 382 col. 2 in princ.*
- Cap. 27 v. 24. *Innocens ego sum à sanguine justis hujus, pag 208. col. 1 in princ.*
- v. 29 *Ave Rex Judaeorum, p. 383. col. 2. in fin.*
- v 46. *Eli, Eli, lamma sabacthani, p. 13. col. 2.*
- Ibid. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? p. 13. col. 1. in fin. & p 513. col. 1.*
- Cap. 28 v 19 *Baptizantes eos in nomine Patris & Filii, & Spiritus Sancti Sermon. ult. p. 159 col. 2.*
- v. 20 *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi, p. 292. col. 2.*
- Ex Evang D. Marc.
- Cap. 1 v. 24. *Scio qui sis, Sanctus Dei. p 367. col. 1.*
- Cap. 16 v. 9. *De qua ejecerat septem demonia p. 250. col 1.*
- v. 19. *Assumptus est in Caelum, & sedet à dextris Dei, p. 387. col 2. in fin.*
- Ex Evang D. Lucae.
- Cap. 1. v. 10. *Et omnis multitudo populi erat orans foris p. 77 col. 1.*
- v. 13. *Exaudita est deprecatio tua, & uxor tua Elisabeth pariet tibi filium p. 77 col. 1.*
- v. 26. *Missus est Angelus Gabriel à Deo, &c. p. 92. col. 2. & seqq. & p. 307. col. 2.*
- v. 28. *Ave gratia plena, Dominus tecum p. 25. col. 1. & p 32 col. 2. in fin. & seqq & p. 146 col. 1. & pag. 178 col 1. & p. 280 col. 1. & seqq. & p. 307 col. 2 & seqq & p 362. col. 2 & pag 398 & seqq.*
- Ibid. *Benedicta tu in mulieribus, pag. 238. col. 1. p. 400. col 1.*
- v. 29. *Cogitabat qualis esset ista saluatio, p. 93. col. 2.*
- Ibid *Benedicta tu in mulieribus, p 33. col. 1. in princ. & p. 146. col. 1.*
- v. 30. *Ne timeas Maria, p. 32. c. 2. in fin.*
- Ibid. *Invenisti gratiam apud Deum, p. 238 col. 1.*
- Ibid *Paries Filium, pag. 32. col. 2. in fin.*
- v. 31. *Et Filius Altissimi vocabitur: p 32 col. 2. in fin.*
- v. 38. *Ecce ancilla Domini, p. 194. col 1. in princ.*
- Ibid. *Fiat mihi secundum verbum tuum, p 93. col. 2.*
- v. 78. *Per viscera misericordiae Dei nostri p. 208. c. 1. circa fin. & seqq.*
- Cap. 2 v. 11 *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus, p. 490. col. 2.*
- v. 12. *Invenietis infantem, p. 139. col. 2. in princ.*
- v. 19. *Maria autem conservabat omnia verba haec, conferens in corde suo Sermon. ultim. pag. 176. col. 1. in fin.*
- v. 21. *Vocatum est nomen ejus Iesus, quod vocatum est ab Angelo priusquam in utero conciperetur. pag. 491 col. 1.*
- v. 34. *Ecce positis est hic in ruina, &*

- in resurrectionem multorum in Israel, & in signum, cui contradicetur, p. 379. col. 2 in fin & seqq.*
- v. 46. *Audientem illos, & interrogantem p. 380 col. 1.*
- Cap 4. v. 21 *Hodie impleta est haec Scriptura in auribus vestris, pag. 298 col. 2.*
- Cap 5. v. 21. *Quis potest dimittere peccata nisi solus Deus? p. 20. col. 2. in princ.*
- Cap. 6. v 24 *Va vobis divitibus, pag. 69 col. 2 in fin.*
- v. 3. *Dimittite, & dimittimini, p 20. col. 2.*
- Cap 7. v. 37. *Mulier in Civitate peccatrix, p 250. col. 1.*
- v. 42 *Non habemibus illis unde redderent, donavit utrisque, p. 473. c. 2. ante fin.*
- Cap. 8. v. 7. *Et simul exorta spina suffocaverunt illud, p. 72 col. 1.*
- v. 26. *Navigaverunt ad regionem Gerasenorum qua est contra Galilaam, p 308, col. 1.*
- Cap. 9 v. 23. *Tollat crucem suam quotidie & sequatur me p. 467. c. 1.*
- Cap. 10 v. 2. *Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam p. 15. c. 2. in princ. & pag. seqq.*
- v. 24. *Disco vobis quod multi Prophetarum, & Reges voluerunt videre qua vos videris, & non viderunt, & c. pag. 97. col. 1 in fin.*
- Cap 11 v. 1. *Domine, doce nos orare. sicut docuit, & Joannes discipulos suos p. 151. col. 1. in princ.*
- v. 3. *Panem nostrum quotidianum*
- da nobis hodie, p. 66. col. 2.*
- v. 8. *Si non dabit illi surgens, eo quod amicus ejus sit propter improbitatem tamen ejus surget, & dabit, p. 184 col. 2 in med.*
- v. 9. *Et ego dico vobis: Petite, & dabitur vobis p. 161. col. 2. & seqq. & p. 184 col. 1.*
- Ibid. *Quarite, & invenietis: pulsate, & aperietur vobis, p. 184. col. 1.*
- v. 10 *Omnis enim qui petit, accipit, p. 161 col. 2 & seqq.*
- v. 14. *Et admirata sunt turba, pag. 278, col 2*
- v. 15 *In Beelzebub Principe demoniorum ejicit demonia p 367 col. 2. in princ.*
- v. 23 *Qui non est mecum, contra me est p. 192 col. 2.*
- v. 27. *Loquente Jesu ad turbas, extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi: Beatus veni qui te portavit, & ubera qua suxisti. pag. 1. per tot. & p. 2 col. 1. & 2. & pag. 4. col. 1 & 2. & p 5 per tot. & pag. 7 col. 1 in fin & p. 9. col. 1 & p. 10. in princ. & p. 11. col. 1. ante med. & p. 14. col. 2 in med. & pag. 19 col. 2. & pag. 21 col. 2. in med. & p 24. col. 1. in fin. & pag. 27. col. 1. & p 32. col. 1. & p. 33. col. 1. & p. 38. in princ & pag. 40. col. 1 & 2. & p 42. col. 1 & pag. 57. col. 1 & p. 66. col. 2. & p. 78. col. 2. & p. 87 col. 1 in princ & p. 91 & seqq & p. 127 & pag. 141 & seqq & p. 167. col. 2. in fin. & seqq. & p. 2 3. & seqq. & p. 277. & seqq & p. 337, & seqq. & p. 366. & seqq. & p 454. & seqq.*

Ibidi

- Ibid.** *Factum est autem: cum hac diceret; exsollens vocem quadam mulier, &c. pag. 2. col. 1.*
- v. 28. *At ille dixit: Quinimo huius, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud, p. 1. per tot. & p. 2. col. 1. & 2. & p. 4. col. 1. & 2. & p. 42. col. 1. & p. 89. & seqq. & pag. 99. col. 1. & p. 127. & p. 140. col. 2. & p. 167. & seqq. & p. 203. & seqq. & p. 338. col. 1. & seqq.*
- Cap. 12. v. 19.** *Anima habes multa bona posita in annos plurimos: requiesce, comede, bibe, epulare, pag. 14. col. 2. in fin.*
- v. 20. *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt a te, p. 74. col. 2. in fin.*
- v. 40. *Ignem veni mittere in terram: & quid volo, nisi ut accendatur? p. 113. col. 1.*
- Cap. 15. v. 13.** *In Regionem longinquam, p. 349. col. 2.*
- v. 18. *Surgam, & ibo ad Patrem meum, p. 43. col. 1. & seqq.*
- Ibid.** *Peccavi in Calum, & coram te, p. 9. col. 1. & seqq.*
- Cap. 18. v. 1.** *Oportet semper orare, p. 102. c. 2. & p. 171. c. 2. & seqq.*
- Ibid.** *Et non deficere, p. 171. col. 2. & seqq.*
- v. 13. *A longe stans, p. 8. col. 2.*
- Ibid.** *Nolebat nec oculos ad Calum levare, p. 9. c. 2. in fin.*
- v. 14. *Descendit hic iustificatus ab illo, p. 8. c. 2.*
- v. 19. *Nemo bonus nisi solus Deus, p. 248. c. 1.*
- Cap. 21. v. 25.** *Et in terris pressura gemitum pro confusione sonitus maris, Tom. 5.*
- & fluctuum, arescentibus hominibus pro timore, p. 329. c. 2.*
- v. 27. *Tunc videbunt Filium hominis venientem, p. 330. c. 2. in fin.*
- Cap. 22. v. 42.** *Non mea voluntas, sed tua fiat, p. 382. c. 2. in princ.*
- v. 43. *Et Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis decurrentis in terram, p. 110. col. 2.*
- Cap. 23. v. 34.** *Pater, dimitte illis, p. 13. col. 1.*
- Ibid.** *Non enim sciunt quid faciunt, p. 513. c. 1.*
- v. 46. *Pater, in manus tuas commendo spiritum, p. 13. c. 1. & p. 513. c. 1.*
- Cap. 24. v. 15.** *Ibat cum illis, p. 114. c. 1. in fin.*
- v. 32. *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis, dum loqueretur in via? & c. p. 114. c. 1.*
- v. 43. *Et cum manducasset coram eis &c. Serm. ult. p. 150. col. 2.*
- v. 51. *Et ferebatur in Calum, p. 387. c. 2. in fin.*
- Ex Evangel. D. Joann.**
- Cap. 1. v. 4.** *In ipso vita erat, & vita erat lux hominum. Serm. ult. pag. 156. col. 2.*
- v. 6. *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes, p. 152. col. 2. in fin.*
- v. 12. *Dedit eis potestatem filios Dei fieri, p. 13. col. 1. in princ. & pag. 115. col. 1. in med.*
- v. 18. *Unigenitus, qui est in sinu Patris, p. 12. col. 1.*
- v. 29. *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi, p. 115. col. 1.*
- v. 42. *Simon filius Jonæ, p. 321. c. 1.*

- Cap. 2. v. 1. *Et erat Mater Jesu ibi, p. 485. col. 1.*
- Cap. 3. v. 3. *Nisi quis renatus fuerit de-
nuo, non potest videre Regnum Dei
p. 499. col. 2. in princ.*
- v. 4. *Quomodo potest homo nasci, cū
sit senex? Nunquid potest in vētrē
matris suae iteratō introire, & re-
nasci? p. 499. col. 2. in med.*
- v. 5. *Nisi quis renatus fuerit ex aqua,
& Spiritu Sancto, non potest introi-
re in Regnum Dei, p. 499. in fin.
& seqq.*
- v. 13. *Nemo ascendit in Caelum, nisi
qui descendit de Caelo p. 499. col. 2
& seqq.*
- Ibid. *Filius hominis, qui est in Caelo,
p. 500. col. 1. in med.*
- v. 14. *Exaltari oportet Filium homi-
nis, p. 499. col. 2. & seqq.*
- v. 16. *Sic Deus dilexit mundum, ut
Filium suum unigenitum daret, p.
145. col. 2. in princ.*
- v. 18. *Qui non credit, iam judicatus
est p. 223. col. 2. in fin.*
- v. 31. & 32. *Qui est de terra, de ter-
ra est, & de terra loquitur. Qui de
Caelo venit, super omnes est, &c. p.
152. col. 1. & seqq.*
- Cap. 4. v. 11. *Neque in quo haurias ha-
bes, & patens alius est p. 177. c. 2.*
- v. 18. *Et quem habes non est tuus
vir, p. 257. col. 1.*
- v. 27. *Mirabantur Discipuli, quia
cum muliere loquebatur, p. 274.
col. 1. in med.*
- v. 29. *Venite, & videte hominem, qui
dixit mihi omnia quaecunque feci,
p. 256. col. 1. in fin.*
- Cap. 6. v. 27. *Operamini non cibum,
qui perit, sed qui permanet in vitā
aeternam, &c. Sermon. ult. im. pag.
162. col. 2. & seqq.*
- Ibid. *Hunc enim Pater signavit
Deus, p. 147. col. 2.*
- v. 51 & 52. *Ego sum panis vivus,
qui de Caelo descendi. Siquis man-
ducaverit ex hoc pane, vivet in
aeternum. Sermon. ult. p. 175. c. 1. in
med.*
- v. 56. *Caro mea verē est cibus Sermon.
ult. p. 150. col. 1. in med.*
- v. 57. *Qui manducat meam carnem,
& bibit meum sanguinem. Sermon.
ult. p. 165. col. 1. & eod. Sermon. pag.
171. col. 2.*
- Ibid. *In me manet & ego in illo. Sermon.
ult. p. 149. c. 2. & eod. Sermon. p.
165. col. 1.*
- Cap. 7. v. 16. *Mea doctrina non est
mea, sed ejus qui misit me, p. 148.
col. 2. & seqq.*
- Cap. 8. v. 34. *Qui facit peccatū, servus
est peccati p. 195. col. 2. in fin.*
- Cap. 11. v. 3. *Ecce quem amas infirma-
tur, p. 218. col. 2. in fin.*
- v. 21. *Domine, si fuisses hic, frater
meus non fuisset mortuus, p. 218.
col. 2. in fin.*
- v. 22. *Et nunc scio, quia quaecunque
poposceris a Deo, dabis tibi Deus,
p. 83. col. 2. in fin.*
- v. 26. *Credis hoc? p. 83. c. 2. in fin.*
- v. 27. *Utique Domine, ego credidi,
quia tu es Christus Filius Dei vi-
vi, p. 84. col. 1. in princ.*
- v. 28. *Magister adest, & vocat te, p.
219. col. 1.*
- Cap. 12. v. 25. *Si mortuū fuerit, multū
fructū affert, p. 228. c. 2. in princ.*

- Cap. 13. v. 1. *Ut transeat ex hoc mūdo ad Patrem, p. 387. col. 2.*
- Cap. 16. v. 28. *Exivi a Patre, & veni in mūdum, iterum relinquo mūdum, & vado ad Patrem. Sermon. ultim p. 174. col. 2.*
- Cap. 17. v. 1. *Pater, & c. p. 13 col. 1. in princ.*
- v. 4. *Ego & c. p. 13 col. 1 in princ.*
- v. 6. *Manifestavit nomen tuum hominibus. p. 13. c. 1 in princ.*
- v. 15. *Non rogo, ut tollas eos de mūdo sed ut serues eos a malo, p. 25. col. 2 & p. 26 col. 1. in fin.*
- Cap. 19 v. 10. *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te, & potestatem habeo dimittere te? p. 23. c. 1. in fin.*
- v. 15. *Non habemus Regem, nisi Cæsarem, p. 384. col. 1. in princ.*
- v. 26. *Cum vidisset Iesus Matrem, & Discipulum stantem quem diligebat, p. 494. col. 1.*
- Ibid Mulier ecce filius tuus, p. 194. col. 1. & p. 491 col. 2. & seqq.*
- v. 27. *Ecce mater tua. p. 484. c. 2.*
- Ibid Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua. p. 484. c. 2. in fin. & seqq.*
- Cap. 20. v. 17. *Ascendo ad Patrem meum, & Patrem vestrum. pag. 388 col. 1 in prin.*
- Cap. 21. v. 9. & seqq. *Ut ergo descenderunt in terram: & c. Sermon. ult. p. 150. c. 2.*
- v. 17. *Simon Joannis, p. 321 col. 1.*
- v. 20. *Discipulum quem diligebat p. 492 col. 2. in prin.*
- Ex Lib. Actuum Apost.*
- Cap. 1. v. 4. *Et convalescens: & c. Sermon. ultim p. 150. col. 2.*
- Cap. 7. v. 22. *Et Eruditus est Moyses omni sapientiā Aegyptiorum: & erat potens in verbis p. 103 c. 1.*
- Cap. 8. v. 29. *Accede, & adjuuge te ad currū istum. p. 175. col. 2.*
- v. 32. *Tanquam ovīs ad occisionem ductus est, & c. p. 514. c. 1.*
- Cap. 9. v. 1. *Saulus adhuc spirans minarum, & cedis in Discipulos Domini, & c. p. 176. col. 2.*
- Cap. 10. v. 41. *Nobis, qui manducavimus, & bibimus cum illo. Sermon. ult. p. 150. col. 2.*
- Cap. 13. v. 22. *Inveni... virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas, p. 60 c. 2. in pr.*
- v. 47. *Sic enim praecepit nobis Dominus. Posui te in lucem Gentium: ut sis in salutem usque ad extremum terre p. 414 col. 1. & seqq.*
- Cap. 17. v. 23. *Ignoto Deo. p. 40 c. 1.*
- v. 32. *Audiemus te de hoc iterum, p. 39 col. 2. in fin.*
- Cap. 24. v. 26. *Disputante autem illo... de iudicio futuro, tremefactus Felix p. 479. col. 1. in med.*
- v. 26. *Sperans quod pecuniae ei daretur à Paulo p. 479. col. 1.*
- Ex Epistol. D. Paul. Apostol. ad Roman.*
- Cap. 5. v. 12. *In quo omnes peccaverūt p. 377. col. 2 in fin.*
- Cap. 8. v. 15. *Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore; sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus. Abbā Pater. p. 2. col. 1. & 2. & p. 14. col. 1 in fin & col. 2.*
- v. 17. *Heredes quidē Dei, coheredes autem Christi, & c. p. 519 col. 2.*

- Ibid. *Si tamen compatimur* p. 464. col. 1 in princ. & seqq. & p. 519. col. 2.
- Ibid. *Ut & conglorificemur*, p. 519. col. 2.
- v. 16. *Quid oremus, sicut oportet, nescimus* p. 157. col. 2. & seqq. & p. 160. col. 2. in med. & seqq.
- Cap. 9. v. 21. *Aliud quidem vas in honorem, aliud vero in contumeliam* pag. 236 col. 2. in med.
- v. 22. *In vasa ira, apta in interitum*. p. 236 col. 2.
- Ibid. v. 3. *In vasa misericordia, que preparavit in gloriam* p. 236. col. 2.
- Cap. 10 v. 12. *Non est distinctio Judaei, & Græci* p. 374 col. 2. in med. & p. 478 col. 1.
- Cap. 11. v. 25. & 26. *Donec plenitudo gentium intraret, & sic omnis Israel salvus fieret*. p. 339. col. 1. in fin.
- Cap. 12. v. 2. *Que sit voluntas Dei bona, & beneplacens, & perfecta*, p. 60. col. 1.
- v. 15. *Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus*, p. 466. col. 2.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Corinth. 1.
- Cap. 2 v. 2. *Christum, & hunc crucifixum*, p. 385. col. 2. in princ.
- Cap. 2. v. 11. *Omnia in figura continebantur illis*, p. 16. col. 2. in fin. & p. 338. col. 2. in princ.
- v. 13. *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari, supra id quod potestis*, p. 22 col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 11. v. 2. *Laudo vos, ... quod sicut tradidi vobis, precepta mea tenetis* p. 376. col. 1.
- v. 23. *Accepi à Domino quod & tradidi vobis* p. 376 col. 1.
- v. 24. *Hoc facite in meam commemorationem* p. 464. col. 1. in princ. & Sermon. ultim. p. 164 col. 1. in fin.
- v. 26. *Quotiescunque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis*. Sermon ultim. p. 177. col. 1.
- Cap. 12. v. 12. & 13. *Sicut enim corpus unum est, & membra habet multa, & c.* p. 498. col. 2. & seqq.
- v. 31. *Emulamini charismata meliora*, p. 165. col. 1. in fin.
- Cap. 13. v. 1. *Si linguis hominum loquar, & Angelorum*, p. 350. col. 2.
- Cap. 15. v. 10. *Non ego, sed gratia Dei mecum*, p. 176. col. 2.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Corinth. 2.
- Cap. 1. v. 3. *Pater misericordiarum*, p. 234 col. 1. in fin.
- Cap. 5. v. 21. *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit: ut nos efficeremur justitia Dei in ipso*, pag. 467. col. 2. & seqq.
- Cap. 12. v. 8. & seqq. *Propter quod ter Dominum rogavi, & c.* p. 161. col. 1.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Ephes.
- Cap. 2. v. 14. *Qui fecit utraque unum*, p. 374. col. 2. in princ.
- v. 15. & 16. *Interficiens inimicitias in semetipso, ut duos condat in unum & reconciliet ambos*, p. 374. col. 2.
- Cap. 4. v. 8. *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem: dedit dona hominibus*, p. 285. c. 2. in princ.
- Cap.

- Cap. 5. v. 2. *Et tradidit semetipsum pro nobis, p. 145. col. 2.*
- v. 15. *Videte fratres, quomodo cautè ambuletis. Non quasi insipientes, p. 297 col. 1.*
- v. 16. *Redimentes tempus, quoniam dies mali sunt, pag. 297. col. 2 in princ.*
- v. 18. *Nolite inebriari vino, in quo est luxuria p. 294. col. 1.*
- Cap. 6. v. 12. *Non est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinè sed adversus Principes, & Potestates: &c. p. 23. col. 1.*
- Ex Epistol. D. Paul. ad Philippenf.
- Cap. 2. v. 5. *Hoc enim sentite in vobis, quod & in Christo Jesu: &c. pag. 465. col. 2 in princ.*
- v. 7. *Et habitus inventus ut homo, p. 378. col. 2. in fin.*
- v. 8. 9. & 10. *Factus obediens usque ad mortem: &c. p. 487. col. 2. & pag. 490. col. 2.*
- Ex Epistol. D. Paul. ad Colofensf.
- Cap. 2. v. 14. *Delens quod adversus nos erat chirographum, & affigens illud cruci, p. 462 c. 2. & seqq.*
- Ex Epistol. B. Paul. Apost. ad Theffal. 1.
- Cap. 5. v. 17. *Sine intermissione orate. p. 172. col. 1 in med.*
- Ex Epistol. B. Paul. Apost. ad Theffal. 2.
- Cap. 2. v. 14. *Tenete traditiones, quas didicistis, sive per Sermonem, sive per Epistolam nostram. p. 376. col. 1 in fin.*
- Ex Epistol. 1. D. Paul. ad Timoth:
- Cap. 2. v. 8. 9. & 10. *Volo ergo viros orare in omni loco. levantes puras manus, sine ira, & disceptatione Similiter, & mulieres. &c. p. 355. c. 2 & seqq.*
- Ex Epistol. 2. D. Paul. ad Timoth.
- Cap. 4. v. 1. *Per adventum ipsius. & Regnum ejus p. 395. col. 2.*
- Ex Epistol. D. Paul. ad Hebr.
- Cap. 1. v. 3. *Purgationem peccatorum faciens sedet ad dexteram maiestatis in excelsis, p. 189. col. 2.*
- Cap. 3. v. 13. *Donec Hodie cognominatur ut non obduretur quis ex vobis p. 75. col. 2.*
- Cap. 7. v. 3. *Sine patre, sine matre, sine genealogia. &c. p. 30. col. 2. in fin.*
- Cap. 9 v. 4. *Arcam Testamenti in qua urna aurea habens Manna, pag. 337. col. 2.*
- v. 17. *Statutum est hominibus semel mori, p. 218 col. 2. in princ, & p. 479 col. 2 in med.*
- Ibid. *Post hoc autem iudicium, p. 479 col. 2 in med.*
- Cap. 10. v. 33. & 34. *In altero autem socialiter conversantium effecti. Nam & vinctis compassi estis, p. 465. col. 2. in fin.*
- Cap. 12. v. 2. *Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem. p. 513. col. 1.*
- v. 24. *Melius loquentem, quam Abel p. 96. col. 1.*
- v. 24. *Deus noster ignis consumens est, p. 290 col. 1 in princ.*
- Ex Epistol. D. Jacob. Apostol.
- Cap. 1. v. 2. *Omne gaudium existimate, cum in tentationes varias incideritis, p. 22. col. 2.*
- C. 2. v. 13. *Super exultat misericordia iudic-*

- judicium, p. 211. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 4. v. 3. *Petitis, & non accipitis: eo quod male petatis.* p. 70 col. 2. Ex Epist. B. Petr. Apost. 1.
- Cap. 1. v. 12. *Spiritu Sancto misso de Calo,* p. 145 col. 2.
- Cap. 2. v. 24. *Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum,* p. 462 col. 2. in med.
- Cap. 4. v. 11. *Si quis loquitur quasi sermones Dei,* p. 350 col. 2. Ex Epistol. D. Joann. 1.
- Cap. 1. v. 8. *Si dixerimus quonia peccatum non habemus sibi nos seducimus & veritas in nobis non est,* p. 58. col. 1. in princ.
- Cap. 2. v. 1. *Hec scribo vobis, ut non peccetis. Sed si quis peccaverit advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum,* p. 468. col. 1. in princ.
- Cap. 3. v. 2. *Similes ei erimus: quonia viaebimus eum si uti est.* Serm. ult. p. 167 col. 1. in princ. Ex Lib. Apocalypf.
- Cap. 1. v. 16. *Et de ore ejus gladius utraque parte acutus exhibat pag. 220. col. 1. in fin.*
- Cap. 2. v. 21 & 22. *Non vult poenitere a fornicatione sua. Ecce mittam eam in lectum* p. 70 col. 1. in med.
- Cap. 3. v. 15 & 16. *Utinam frigidus esses aut calidus: sed quia tepidus es, & nec frigidus nec calidus, incipiam te evomere ex ore meo,* p. 192. col. 1. in fin.
- Cap. 5. v. 8. *Sanctus, Sanctus, Sanctus,* &c p. 154. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 5. v. 8. *Et viginti quatuor seniores*
- cecidere coram Agno, habentes singuli citharas & psalteria aureas plenas odorum suorum* p. 343 col. 2. & seqq.
- Ibid. *Quae sunt orationes Sanctorum,* p. 344. col. 1. in fin.
- v. 9. *Et cantabant canticum novum,* p. 343. col. 2. in fin.
- v. 12. *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem & Divinitatem* p. 86. col. 1. & seqq.
- v. 13. *Et omnem creaturam, quae in Calo est, & super terram, & sub terra, & quae sunt in mari, & quae in eo: omnes audivi dicentes, Sedens in throno & Agno, benedictio, & honor, & gloria, & potestas in saecula saeculorum* p. 3. 9. col. 2.
- Cap. 8. v. 1. *Et factum est silentium in Calo, quasi veedi: hora* p. 154 col. 1. in fin. & seqq.
- v. 3. & 4. *Et alius Angelus venit & stetit ante altare: &c* p. 154. c. 2. & seqq.
- Cap. 12. v. 2. *Cruciabatur, ut pariat,* p. 489. col. 2. in med. & seqq.
- v. 6. *Et peperit filium masculum, qui rectorum erat omnes Gentes,* pag. 489 col. 2. in med.
- Cap. 17. v. 1. *Veni ostendam tibi damnationem meretricis magna,* p. 222 col. 2. & p. 251. col. 1. in fin. & p. 266. col. 2.
- v. 2. *Cum qua fornicati sunt Reges terra, & inebriati sunt, qui inhabitant terram de vino prostitutionis ejus* p. 251 col. 1.
- v. 3. *Vidi mulierem sedentem super vestem coccinea. habentem caput septem,*

Lugares da Sagrada Escritura.

27

Septem, & cornua decem. p. 24 l. c. 1. & seqq.

v. 4. Circundata purpura, auro, & margaritis. p. 25 l. col. 1.

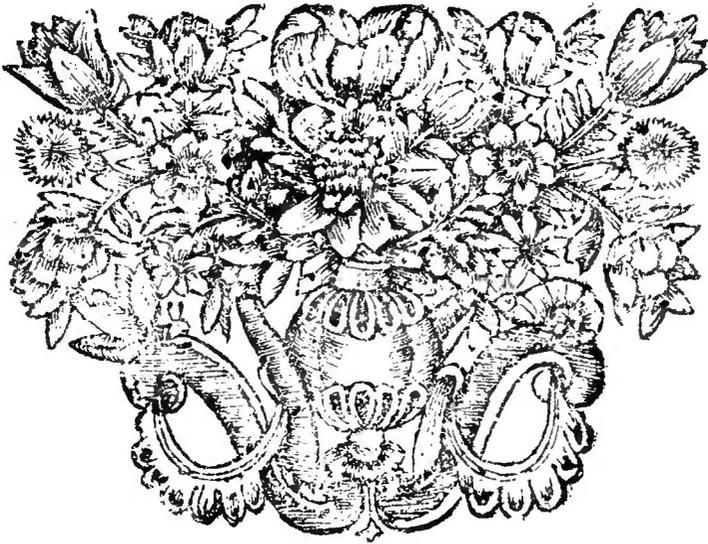
Ibid. Habes poculum aureum in manu sua, plenum abominatione & immunditia. p. 25 l. col. 1. in med.

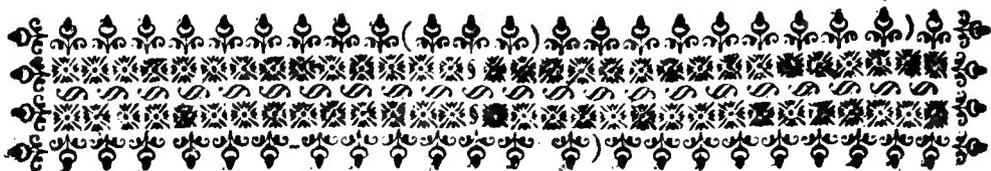
v. 5. Babylon magna, mater fornicationum. p. 25 l. c. 2. in princ. & p. 259 col. 1.

Cap. 19 v. 13. Verbum Dei. p. 92. c. 1.

Cap. 21. v. 1. & 2. Vidi Calum novum & terram novam, & c. & Sanctam Civitatem Jerusalem novam, descendentem de Calo. p. 64. col. 2. in med.

v. 4. Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum, & mors ultra non erit, neque luctus. & c. p. 65. col. 1.





I N D E X

Das coulas notaveis.

O primeiro numero significa o Sermão, o segundo Paragrafo do mesmo.

A

Alvedrio. **O** Alvedrio he deão, & a graça ovelha, & porque? 5. 3.

Amigo. O amigo diz o Proverbio, *est alter, ego:* em quanto he *ego*, elle, & eu lo nos hum, & em quanto he *alter*, eu, & elle somos do is. 14. 4.

Amor. O Amor transforma os que se amaõ. 14. 4.

Arca. A Arca do Testamento sempre teve dentro em si as 7 boas da Ley: em algum tempo teve dentro em si o Manná, & em outro tempo fora, mas junto a si. E com que mysterio. 10. 1.

Arco. O Arco celeste não foy feito para Deos atrair setas aos homens, senão para os homens as atirarem a Deos. Antigamente não tinha corda, & hoje já tem, & qual he. 10. 3.

Ave Maria. Na Ave Maria invocamos a intercessão da Virgem Senhora Nossa por tres titulos, de Santa, de Mãe, de Mãe de Deos. 1. 10. Qual delles he mais poderoso? *Ibid.* Porque na Ave Maria invocamos a Senhora como Mãe de Deos, & não como Mãe nossa? 1. 10. Não pedimos nada determinadamente, & este he o mais primo modo de pedir. 2. 8. Pedindo sómente que peça sem determinar cousa alguma, não só queremos que a intercessão seja sua, senão também a eleição. 2. 8. Podendo a Senhora dar sem pedir; he motivo de mais estimarmos o que nos der sendo pedido. *Ibid.* Rogando a Senhora por nós dá a Deos o ser Divino, tendolhe dado só o humano. *Ibid.* No Padre nosso pedimos a Deos o paõ para cada dia, na Ave Ma-
ria

ria pedimos à Mãe de Deos sua intercessão para cada hora, & para cada instante, 2.9. A Ave Maria foy obra do Padre, & do Espirito Santo, como o Padre nosso do Filho 4.3. A Santissima Trindade no Ceo diz *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum.* 3. 3. A segunda Ave Maria no Rosário he a que dá efficacia à primeira, & a terceira à segunda, & assim as de mais, & porque. 5.5.

Advogado. As partes que devem concorrer com hum Advogado para ser excellente na sua profissão, 6.11. Vide Christo.

B

Baltheo. **A** Insignia dos soldados antigamente não consistia na espada, ou lança, senão no baltheo militar. 12. 8. O baltheo do Soldado Christão he o Rosário da Virgem Senhora Nossa. O qual levado a tiracolo lhe dá victoria contra os inimigos. *Ibid.*

Barro. O vaso de barro antes de ir ao fogo se se quebra pôde-se reformar, depois de ir ao fogo não. 6.9.

C

Ceo. **E** Ste Ceo, que vemos, he o Ceo da terra, o Ceo onde esta Deos, he o Ceo do Ceo. 1. 3. Como se faz a vontade de Deos

no Ceo, & como o podemos nos imitar na terra. 2. 5.

Christo. Quando Christo tornou para o Ceo em quanto homem coube pelas portas, quando sahio de lá em quanto Deos foi necessario que os Ceos se rompessem. 2. 1. Todas as obras de Christo fallão, porque Christo he o Verbo, & palavra do Padre, & a palavra não obra trinao fallando. 3. 2. Pilatos lavou as mãos na morte de Christo, & o Eterno Padre não as pôde lavar. 6.2. Em nenhum vicio resplandece tanto a virtude de Christo contra o peccado, como no vicio da sensualidade. 7.3. Foi Christo significado no cordão vermelho, por meyo do qual se livrãõ os dous exploradores de Jericò. A cor vermelha significava o Sangue da Redempção, & os dous exploradores os dous Povos remidos Judaico, & Gentilico. 7. 6. Tambem foi significado no cacho de uvas da terra de Promissão, que trouxeraõ suspenso em hũa lança os dous primeiros exploradores, representando o de diante o Povo Judaico, que lhe virou as costas, & o de detraz o Gentilico, que o ama, & traz nos olhos. *Ibid.* Christo he trino, & hum, & por isso lhe chamou Salamão cordão de tres ramaes, que difficulosamente se rompe. 7. 6. Conlístio esta difficuldade em morrer sendo Deos. *Ibid.* He tão fermoso na Cruz, & na sepultura, como na Transfiguração 8. 5. Chri-

5. Christo não só veio remir os homens, senão também os tempos.

Ibid Pela memoria da Payxão de Christo, & compayxão de suas penas fazemos nosso o preço dellas. 13. 4. He tal Advogado Christo, que porque o nosso Advogado he justo, não importa que nós sejamos Deos. 13. 4. Quão devedor he Christo a tua Mãe. 13. 6.

Christo nasceo segunda vez da Virgem Maria na Cruz 14. 1. No Presépio nasceo em quão Christo, na Cruz em quanto Jesus.

Ibid, Por meyo da Fè, & do Bapuzismo todos os Christãos são membros de Christo, & pelo mesmo titulo filhos da Virgê Maria. 14.

5. Comendo Christo muitas vezes depois de resuscitado não se lhe augmentou a Carne, nem o Sangue. E porque. 15. 2. Vide Cruz.

Comunidade. E quão difficultoso seja de reformar hũa comunidade relaxada 5. 6. E quanta efficacia tenha a devoção do Rosario para a reformar 5. 6.

Contas. As do Rosario se convertem em pedras contra os inimigos da Fè. 12. 4. Quem quizer dar boas contas a Deos reze pelas do Rosario. 13. per totum. O lavor do Candelabro era torneado em côrtes, & esculpido em rosas. 1. 9.

Coração. Ha homens, que não tem coração dentro, senão fóra de si. 3. 6.

Crueldade. Crueldade, que por meyo dos Barbaros, & por si executá-

ráo os Heréges nas guerras de Pernambuco. 12. 1.

Cruz, Christo em todos os dias de sua vida sempre trouxe a Cruz às costas. E até ao Ceo a levou consigo, donde a ha de trazer no dia do Juizo. 13. 4.

D

Dar. **M**uito dezeja dar quem pede que lhe peçaõ. 2. 3.

Domínio. Nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome, que no fastio. 2. 7.

Deos. O que Deos faz de huma vez não o manifesta de hũa vez; porque no fazer obra segú lo as medidas de sua Omnipotencia, & no manifestar segundo a capacidade de nossa vista. 2. 1. Fez Deos a seu Filho homem para ter hum Filho, que lhe pedesse pedir, & a quem elle pedesse dar. 2. 3. Alexandre quando se fez filho de Jupiter não quiz q o nomeassem por filho de Philippe Rey de Macedonia; porque até entre os gentios, & no gentio mais soberbo quem toma a Deos por pay, não toma na bocca outros pays. 2. 4. Sò Deos he o verdadeiro Pay, porque só elle, & não os pays da terra nos dá o ser. & só elle conhece a quem dá. 2. 4. Não nos concede Deos muitas cousas, que lhe pedimos, porque nos não cõvem. 2. 6. Dânos o necessario, & não

naõ o superfluo, porque nos quer bem mantidos, mas naõ entastados. 2. 7. Porque gosta D. os de conversar com os simples? 3. 4. O effeito de fallar de Deos he fazer mudos aquelles, com quem falla. *Ibid.* Em todas as suas obras imprime Deos o sigillo, ou caracter da Santissima Trindade. 4. 3. Antes de Christo ser conhecido por Deos, para conciliar a autoridade à sua doutrina, disse que naõ era sua, senaõ do Padre. 4. 4. Sobre o que Deos diz ninguem pòde acrescentar. Porque Deos quando ensina diz tudo, & sobre tudo naõ ha nada. 4. 6. Depois de Deos se fazer homem, nem a razaõ, nê a semenzaõ humana tem pretexto algum para naõ obedecer a tudo o que Deos lhe manda. 5. 4. Deos para conceder o que se lhe pede que se importunado. 5. 5. 4. A misericordia de Deos entaõ he grande, quando parece injustiça. 6. 2. per totum. He melhor que muitas vidis. 6. 5. Deos naõ sô he bom com os bons, senaõ tambem com os maõs. 6. 8. Perverte a sua misericordia às leis de sua justiça. Onde se explica com novidade o verso *cum perverso perverteris, Ibid.* Porque se chama Deos, Deos das vinganças, & naõ Deos senaõ Pay das misericordias, 6. 9. Deos pelos mesmos motivos, por q. cõdena como justo, absolve como misericordioso. 6. 9. Atê a Deos import. õas depêdências humanas 6. 1. 1. O Padar de Deos naõ he co-

mo os dos homês. Aos homês o mesmo comer cõtinuado, ainda q. seja o Manná, causa fastio, a Deos para lhe dar gosto hade ser continuado, & o mesmo todos os dias. 8. 4. Os homens ouvem as vozes, Deos os coraçõens. 10. 4. Se Deos naõ padecera naõ podiaõ os homens pagar ao mesmo Deos as dividas de seus peccados. 13. 3. Mas depois que Christo padeceo por nòs, as nossas dividas se traspassaõ a elle. *Ibid.* Sem pagarmos as nossas dividas aos homens naõ nos pòde Deos perdoar as tuas. 13. 8. Em que sentido pode dizer S.õ Zeno Veronense que Deos se digerio. *se digessit in Deum?* 15. 3. Antes de Deos se digerir manifestando sòmente aos homens a unid. de da sua essencia, mais facilmente digerio. õs homês paos, & pedras, que a Deos; porêra depois que se digerio, manifestada a Trindade, & distincçaõ das tres Pessoas Divinas, logo o digeriraõ, & converteraõ em Substancia. 15. 3.

Dependencia. Atê a Deos importaõ as dependencias humanas. 6. 11. *S. Domingos.* Com os terços do Rosario combatia os vicios, & vencida, & triunfava dos mais obstinados. 5. 6. Foy figurado em Gedeõ, & nos seus toldados os devotos do Rosario. 12. 7. Os Religiosos de S. Domingos significados no Coro dos Profetas, a q. se ajuntou Saul mudado em outro homem, 5. 7. *Multa alia passim*

E

Engenho. **D** Escreve-se hum Engenho de açucar . & a semelhança , que tem com o Inferno. 14. 8. Para os que trabalhão. nos Engenhos escreveo David tres Psalmos, que intitidou Pro torcularibus. 14. 7. Aos Pretos, que servem nos Engenhos, pertencem do Rosario os mystérios dolorosos. 14. 8. E quaõ semelhantes são os seus trabalhos aos da Payxaõ de Christo , com cuja memoria os devem santificar. *Ibid.* 7. Rezando o Rosario nestes infernos não sã podem acompanhar os Coros dos Anjos, mas aperfeiçoar o Rosario , que elles cantaõ no Ceo. E porque, 14. 8

Exterior. Tem grande pezo diante de Deos os exteriores dos Reys, ainda quando lhe falta o interior da virtude. 6. 7.

F

Filho. **Q** ue os filhos não imité a seus pays na vida, & na morte he grande milagre. 14. 6.

Fome. A fome hãse de medir com o estomago. 2. 7.

G

Galas. **B** astaõ as galas , & as joyas para que as orações da mulher não sejaõ puras. 10. 5.

Grandezza. O não caber he argumento de grandeza. 2. 1. Não basta que as cousas, que se dizem, sejaõ grandes, se quem as diz não he grande. 4. 1.

Graça. He como a Ovelha, & o alvedrio como o Leão ; & o alvedrio como o Leão ; & porque. 5. 3.

Guerra. O fim da guerra he a paz. 12. 1. 2.

H

Heresia. **O** Primeiro Heresiarca do mundo foy o Demonio , & os primeiros Heres Adam, & Heva. 11. 2. Tod^{os} os Hereses foraõ ensinados pelo Demonio, & muitos tiveraõ Demonios familiares. 11. 2. Como mata a Fé a heresia , & a heresia a Fé. *Ibid.* Os Hereses negaõ as tradições. 11. 3. Heresias que se refutaõ, & confundem nos mystérios do Rosario. 11. 3. 4. 5. Heresias confutadas nas suas oraçoens. 6. 7. Vide Rosario.

Hypocrisia. Quaõ grave peccado seja. 6. 6. No cithlo da Curia de Deos hypocrita, & condemnado significa o mesmo. *Ibid.*

Hoje. Hoje he sobrenome do homẽ.

Ha

Ha homens de hoje ; homens de amanhã, & homens de nunca. Estes são os de amanhã. 2 7.

I

Igreja. **O** Que faz toda a Igreja em commum, pôde fazer qualquer homem em particular : & como. 8. 1. Ainda pôde fazer mais. *Ibid.* O que faz a Igreja em hum anno ; fazem os devotos do Rosario cada dia. 8. per tot. Razões, que tem a Igreja para não celebrar os mysterios de Christo todos juntamente, senão divididos por dias em diversos tempos do anno. 8. 4.

Intercessão. Vide Maria.

João. São João, diz Origenes, que foy o mesmo Jesu, que a Virgem Maria gerou. E em que sentido se pôde verificar este dito. 14. 4. Crucificado Christo havia no Calvarião dous Jesus, hum na Cruz, outro ao pé della. E este era São João. 14. 4.

Juiz. Mais injusto juiz foy Pilatos pelo dictame, com que condenou a Christo, que pela sentença, em que o condenou. 6. 8. Porque o Juiz não pôde condenar, & absolver pelos mesmos autos. *Ibid.*

L

Ley. **P**orque se chama a Ley de Deos, joga, tendo dous os
Tom. 5.

que levo o jugo ; & hum o que guarda a Ley? 5. 3.

Louvor. Como disse David, que foy bre todos os louvores de Deos ainda havia de accrescentar? 6. 1.

Luthero. Gabava-se Luthero de que elle, & o Demonio tinhaõ comido ambos a mesma-mesa mais de meyo alqueire de tal. 11. 2. Elle, Calvino, & outros de nosso tempo quaõ capitaes inimigos forão da Virgem S. nhoa nossa. 11. 7.

M

Mandamentos.

Quaõ difficul-tosa seja a guarda dos Mandamentos depois do peccado de Adão. 5. 1. O meyo mais effcaz para os guardar he a oração. 5. 2. Adão não guardou o Preceito Divino porque foy hum homem tão bruto, que em tantas occasioens de orar, nunca orou. 5. 3. Para guardar os Mandamentos he necessario da parte de Deos o influxo, & concurso da sua graça, & da parte do homem o concurso, & consento do seu alvedrio. 5. 3. Porque meyo, sem antecedente guarda dos Mandamentos de Deos, se pôde alcançar a salvação 6. per tot.

Mão. Para que as mãos, que levantamos a Deos quando oramos, não sejam puras, quaõ pouco basta nos homens, & muito mais nas mulheres. 10. 5. Quem ora

com as mãos cheias de sangue não ora: & de quantos modos estão cheias de sangue as mãos. 10. 5!

Mar. He significado no carro de Ezequiel. 9. 3. Quam temeroso seja o mar nos mezes do Inverno. Ainda manso, & quieto he temeroso. E basta não ver mais que mar, & Céo para causar horror. 9. 1. 2. Tem quatro nomes com outras tantas significações. 9. 2. 3. Nos naufragios do mar como nos da Republica, primeiro se perde a arte, que o nívio. 9. 6. Quaes são as ondas do mar, que se chamaõ decunanas. 9. 7. Hum dia de tempestade he como o dia do juízo. 9. 8. O mar quieto he traidor, & debayxo da planicie etconde grandes montes. *Ibid.*

Maria. Quam poderosa he a intercessão da Virgem Maria como Mãe de Deos. 1. 10. Intercede com Deos, & pelos peccadores: & he Santa, como Maria, & como tão chegada a Deos, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deos: & tão chegada aos peccadores, por quem intercede, que só lhe falta o peccado. *Ibid.* He filha de peccadores por natureza, & Mãe de Deos por graça: mas por tal modo de graça, que a mesma natureza, que recebeu dos peccadores para ser sua filha, foy a segunda natureza, que deo a Deos para ser sua Mãe. 1. 10. Invocamos a Senhora como Mãe de Deos, & não como Mãe nossa, porque deste modo a empenha-

mos mais em nosso favor. *Ibid.* Em certo modo mais devemos a coroa da gloria à intercessão da Virgem, que á mesma graça de Deos. *Ibid.* Roga a Senhora por nós, como lhe pedimos, & se gerando, a Christo lhe deo o ser humano, rogando-o dalhe o divino. 2. 8. Em todos os mysterios de sua vida pode Christo parecer somente homem, mas quando Maria o roga não se lhe pôde negar o ser divino, E porque. 2. 8. A Virgem Maria concebeo o Verbo no ventre; & na mente, & quanta parte tiverão em huma, & outra conceição os ouvidos da Senhora. 3. 2. Porque apparecco a Senhora a São Filippe Benisi em huma carroça pela qual tirava hum leão, & huma ovelha. 5. 3. Christo purga o mundo com rayos, a Virgem Maria com rozas. 5. 6. He tal a misericordia desta Senhora que parece injustiça. 6. 3. Não sô os Demonios, & os condenados, mas os mesmos Bemaventurados parece se podem queixar dos excessos de sua misericordia. 6. 4. Ninguem se salva, senão por meyo da Virgem Maria. 6. 4. A misericordia de Deos excede o justo, a de sua Mãe até o injusto excede. 6. 4. Assim como Maria não pôde fazer nada sem Deos, assim Deos não faz mercês sem Maria. 6! 5. Em todas as suas leys geraes dispensa Deos, quando assim o quer sua Mãe. 6. 4. 5. 6. Maria pôde tirar os homens da sepulcra,

firã; & tambem do inferno. 6. 5. A' sua misericordia não tã se deve a vida, se não as vidas. *Ibid.* Faz que Deos perverta as suas leys. & como. 6. 9. No tal caso he a misericordia filha inteira de Pay, & de Mã; porque he filha do Pay das misericordias, & da Mã; da misericordia. *Ibid.* Como na Virgem Senhora nossa se revogãrão todas as leys, assim por amor della as revoga Deos todas. 6. 10. Em quanto Senhora do Rosario he representada na Iris. E nesta representação assegura os homens de que Deos lhes perdoará, ainda, que tenhaõ as mesmas culpas, porque deverãõ ser castigados. *Ibid.* Sendo o Juiz tão justo como Christo, & a parte tão astuta como o Demonio, & a causa tão desesperada como estar condemnado ao Inferno, he tão excellente Advogada a Virgem Maria, que ainda nos taes casos prevalece. 6. 11. He descendente de Rahab natural de Jericò. 7. 2. Na genealogia da Virgem sã se contaõ mulheres peccadoras, & não as santas, porque a mesma Senhora asfurece as santas, como o Sol as Estrellas, & allumia as peccadoras, como a Lua as trevas. 7. 2. A mayor gloria da Virgem purissima he lembrar-se de peccadores sensuaes para os salvar. 7. 5. Não se contenta a Senhora que nos louvores que lhe damos seja tambem louvado seu filho por consequencia, senão expressamente. 8.

2. Instituiu o Rosario para offrecer, para que nós offreceamos a Deos juntamente cada dia o que a Igreja lhe offrece dividido em diversos tempos do anno. 8. 4. Maria significa Estrella do mar, & Senhora do mar. 9. 1. Em quanto Senhora do Rosario exercita mais particularmente este dominio, serenando as t' mpestades, & livrando seus devotos de todo o perigo, & naufragio. 9. 4. 5. &c. Prova-se com admiraveis exemplos. *Ibid.* Não sã domina os que navegaõ o mar, que sãõ os homens, senão tambem os que vivem dentro nelle, que sãõ os peixes. 9. 5. Quando Christo vem a salvar, & a castigar juntamente, não vem sua Mã; com elle. 9. 8. Foy figurada a Virgem na Arca do Testamento em todos os seus tempos, & estados. 10. 1. Como se verifica na mesma Senhora o que della canta a Igreja: *Cuncta haereses sola interemisti in universo mundo.* 11. 2. 3. 4. &c. Na cabeça da Serpente pizou a Virgem Senhora nossa, & sopeou todas as Heresias. 11. 2. Na Cruz foy tres vezes Mã;: Mã; de Christo, Mã; de São João, & Mã; dos Pretos. 14. 2. 3. 4. Foy Mã; de Jesu, que se chama Christo, & Mã; de Jesu, que se chama João. 14. 4. Foy Mã; dos Pretos, & de que modo. 14. 5. Nos myst'rios do seu Rosario digerio a Senhora o Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo, & o invento d'isto di-

gestão foy obra verdadeiramente divina. 15. 3. 4.

Meditação. Não ha homem tão rude, que não saiba meditar, & não medite 3. 8. Devemos meditar os nossos annos, & quão agradável he a Deos o offercimento desta meditação. 8. 7. E não só devemos meditar os nossos, leaõ tamb m os de Christo, & sua Mãy. *Ibid.* A meditaçoens da aranha são menos vans que as nossas. 8. 7.

Melchisedech. Sem Pay, nem Mãy, foy figura de Christo, que não teve Mãy no Ceo, nem Pay na terra. 1. 9.

Misericordia. Então he mayor a misericordia, quando as accões da misericordia se parecem com as da justiça. 6. 2. Se a misericordia prevalece contra a justiça, como a exalta, segundo o texto; *Misericordia superexaltat iudicium* 2. 6. 3.

Modo. A sabedoria consummada não só consiste nas cousas, que se dizem, se não no modo, com que se dizem. 2. 2. O modo no dizer consiste no meyo de dous extremos, emendando o defeito para que não diga menos, & moderando o excessõ, para que não diga mais. 2. 2. No louvar, & no pedir he muito difficultoso guardar o modo devido. *Ibid.*

Mulheres. Estragos que fizeram no mundo as mulheres pelo vicio do amor profano. Descrevem-se os effeitos do mesmo amor, & co-

mo não deixa potencia na alma, nem sentido no corpo que não domine. 7. 4. Razaõ, porque he mais violenta, & contumaz esta payxaõ nas mulheres. Dellas usã. raõ os Hereges passando os seus falsos argümentos às suas linguas; para que hervadas as setas com este doce veneno, tivessem a força de matar que por si mesmos não tinham. *Ibid.* Mulheres, & filhos são os que empenhaõ os Pays no que depois não podem pagar. 13. 2. Bastaõ as galas, & as joyas, para que as mãos, que a mulher levanta a Deos quando ora, não sejam puras. 10. 5.

N

Navio. **E**Mbarcou-se Christo algumas vezes, não porque elle tivesse necessidade de navio, mas porque os navios tem necessidade deste. 9. 1.

Nutrição. Descreve-se a fabrica natural della. Donde se inferem as causas porque tendo o Santissimo Sacramento o mantimento mais excellente, ou não nutre, ou muito pouco. 15. 4.

O

Olhos. **S**E o que se semea em lagrymas frutifica muito, muito mais frutifica o que se semea nos olhos. 6. 7.

Oração. He colloquio, prática, & conversação do homem com Deos. 1. 1. Divide-se em vocal, & mental. 1. 1. Na vocal fallamos nòs com Deos, na mental falla Deos conosco. 1. 1. Vide Ouvidos. Quanto o que ora se poem mais longe de Deos, tanto a sua oração-chega mais perto d'elle. 1. 3. Na oração de Christo na Cruz: *Deus meus, ut quid dereliquisti me:* porque diste Deos, & não Pay: & porque se poz esta oração em lingua Hebraica. Dase a razão literal. 1. 4. A oração perfeitissima não he aquella, em que pedimos a Deos para nòs, senão aquella, em que pedimos a Deos para Deos. 1. 5. A verdadeira ordem de orar he pedir primeiro para Deos, & depois para nò. 1. 5. Quem na oração pede para todos, alcança para si o que deseja, ainda que o não pega; & ainda que não alcance o que pede para todos. 2. 7. Diferenças da oração mental, & excellencias, que tem sobre a vocal. 3. 1. Na oração mental meditando os mysterios, ouvimos o q nelles nos falla Deos, & concebemos na mente o Verbo, ou palavra divina, ao modo com que o Eterno Padre o concebe, & gera. 3. 2. A hora de pela manhã he a propria da oração mental, em que Deos nos falla, & falla em nòs, & nòs o ouvimos. 3. 2. As orações de que se compoem o Rosario excedem as de todos os Santos, & de todos

Tom. 5.

os Anjos. 4. 4. Por isso os Evangelistas não quizerão escrever as que fez São João Bautista; & os Anjos, quando ellas se offerecem a Deos, emudecem com as suas. 4. 5. 6. Afeiçoarem-se muitos a outras orações he engano: & em que consiste. 4. 6. A oração he petição de cousas decentes, assim a Deos, que as ha de dar, como ao homem, que as ha de receber. 4. 7. Por isso ordenarão muytos Filozofos em suas seitas, que ninguem pudesse orar a Deos tenão em voz alta. *Ibid.* A vantagem, que faz a Virgem S. N. aos outros Santos, fazem as orações do Rosario a todas as outras orações. 4. 8. Quem bem ora, bem vive. E assim como ninguem pôde viver sem respirar, assim não pôde viver bem sem orar. 5. 2. A oração he a respiração da alma. Donde se segue, que he necessario orar sempre, & sem intermissões, porque a oração intermitente, como a respiração intermitente, he morte. A efficacia da oração consiste na perseverança. 5. 5. O remedio para recuperar em poucas horas os annos da vida passada, he meditar, & orar. 8. 6. Estambem para acrescentar os melmos annos. *Ibid.* Só o coração, & as mãos são as q dão voz à lingua, & lingua ao coração diãte de Deos. 10. 3. Não ouve Deos as orações de muitos, porq os seus corações estão longe, & são mudos. 10. 4. Quão pouco basta nos

c ij

ho

homens, & muyto mais nas mulheres; para que as suas oraçoens não sejaõ puras. 10. 5. Toda a diferente Fe, ou Seita tem tambem diferente modo de orar, & diferentes oraçoens. E porque. 11. 6. Quando Deos quer apartar de nos a sua misericordia, aparta primeiro de nós a nossa oraçaõ. 13. 5. O não ter per si só he orar, & o orar, & não ter he orar duas vezes. 13. 5. Ninguem estime pouco a sua oraçaõ; porque Deos a estima muito, & a manda logo escrever nos seus livros. *Ibid.*

Ouvidos. Como se pôde, & deve rezar o Rosario pelos ouvidos. 3. per tot. Os ouvidos saõ as balanças do entendimento. 3. 5.

P

Padre nosso. **S**E Christo nos não mãdara dizer *Pater noster*, fora grande soberba chamarmos a Deos Pay nosso, & ainda depois de nolo mandar he grande ouzadia. 1. 4. Quando dizemos, *qui es in Calis*, sobe a nossa oraçaõ no Ceo até o Throno de Deos: quando dizemos *Pater noster*, sobe em Deos até o Seyo do Padre. 1. 4. Chamar a Deos Pay nosso he prerogativa propria da Ley da Graça. 1. 4. Entre as sete petiçoens do Padre nosso, porque he a quarta, & a do meyo

panem nostrũ quotidianum da nobis?

1. 8. Vide Sacramento. Na oraçaõ do Padre nosso só allegamos a Deos o seu Pay sem outra prefaçaõ, ou titulo da nossa parte, nem da sua, porque todas as allegações juntas não chegaõ a comprehender o que diz esta palavra Pay. 2.

3. Quando pedimos a Deos o seu Reyno, porque não dizemos que nolo dê, senão que venha a nós.

2. 5. Dizer *Sicut & nos dimittimus* não he allegar merecimentos, mas justificar q̄ somos filhos do mesmo Deos, a quem chamamos Pay. 2. 3.

Porque dizemos ainda quando oramos privadamente, Pay nosso, & não Pay meu? 2. 4.

Porque advertimos que todos somos irmãos, & nos estimemos como taes. E os que affirmo não fazem, não podem dizer a Deos

Padre nosso, ainda q̄ sejaõ Reys, & Emperadores. *Ibid.* Quão grande perfeiçaõ encerra em si dizermos a Deos *fiat voluntas tua sicut*

in Celo, & in terra. 2. 5. per totum. Ha tanta differença entre fazer Deos a tua vontade, ou ser feita,

que fazendo-a pôde fazer Anjos, & só sendo feita pôde fazer Bãaventurados. *Ibid.* Nas petiçoens do Padre nosso se contem tudo o que podemos pedir, & appetecer.

2. 6. Na ultima petiçaõ *sed libera nos a malo* se contem as petiçoens das honras, riquezas, &c. 2. 6.

Porque nos ensina Christo no Padre nosso só pedir o pão de hoje 2. 6. per totum. O Padre nos-

fô foy obra do Pefloa do Filho, como a Ave Maria do Padre, & do Espirito Santo. 4.3. São Paulo, porque pedio fóra do Padre nofso; nem elle foubepedir, nem Deos lhe concedeo o que pedia. 4.7. A promeffa de Chritto *petite, & accipietis, omnis enim qui petit accipit, &c.* Entende-fe propriamête dos q̄ frequentão a oração do Padre nofso, da qual o Senhor actualmente fallava. 4.7. No Padre nofso chamamos a Deos Pay, & na Ave Maria Senhor, & nem o amamos como filhos, nem o reverenciamos como Senhor. 10.6. E quãto no Padre nofso dizemos com as palavras, negamos com as obras. 10.6. Soldados do Padre nofso por levarem ao tiracolo o Rosario vitoriosos contra o fuperior poder dos inimigos, que por desprezo lhe puzeraõ efte nome. 12.8.

Pay. Efte nome comprehêde mais por fi q̄ todos os titulos, ou motivos, que fe pòdem allegar juntos. 2.3. Nem a liberalidade de Rey, nem o amor de efpofo obriga tanto a dar como o nome de Pay. *Ibid.* Só Deos he o verdadeiro Pay, & as razões porque. 2.4. Quem tem a Deos por Pay não toma na boca outros Pays. 2.4.

Paõ. O Paõ de cada dia he paõ do Ceo. Comido com cuidados, nem fe digre, nem causa bons humores; ha de fe medir com a vida para não parecer pouco. 2.7.

Naõ fe ha de meter no mefmo celloiro o paõ, & os annos. 2.7. Aos mefimos q̄ té mu to he neccetario q̄ Deos lho de hoje. *Ibid.*

Peccado. Entre todos os que o mundo chama males fô o peccado he verdadeiro mal. 1.8. Dêfte fô livrou Chritto aos feus discipulos, & Deos a feu filho. *Ibid.* Para hũ homem dever duzentos milhões a Deos, não he neccetario q̄ cometa os peccados amilhare, nem a centos, basta hum fô peccado. 1.3.2. Pelos peccados vendemos o tempo, & o tornamos a fazer proprio pela boa vida. *Ibid.* Meditar, & chorar os annos da vida passada he o unico remedio para os tornar a viver. Recuidalos he revivelos. 1.6.

Pedir. Não ha mais nobre modo de pedir que não pedindo. 2.8. Pedir por efte modo he pedir, & dar. E porque. *Ibid.* Pelo contrario pedir determinadamente o que queremos, he pedir, & mandar juntamente, & querer que Deos nos obedeça a nõs, & não nõs a elle. 2.8. Mais devo a quem me dá o que pede, que a quem me dá o que pòde. E muito mais fe podendo pede. *Ibid.*

Perdoã. Quem perdoa as offensas que lhe fizeraõ os inimigos, perdoa-fe a fi mefmo as que tem feito a Deos. 1.6. E fallo Deos Senhor de fi mefmo, ifto he do mefmo Deos. E em que sentido fe verifica efte propofiçãõ. *Ibid.*

Pernambuco. Dificuldades de sua recuperação depois da Armada Real derrotada. E perigos da Bahia no mesmo estado. 12. 2. Consideraõ-se estas difficuldades pela differença do poder marítimo, & da terra, & pela desigualdade do numero dos soldados. *Ibid.* 3. 5. Promete-se à Bahia a defenfa, & a Pernambuco a recuperação por meyo do Rosario da Virgem Senhora nossa. *Ibid.* Olanda, & Olanda juntas debayxo do mesmo dominio eraõ a terra de Promissão, & porque. *Ibid.*

Prêgador. Os Prêgadores são as centinelas da Republica, os Pulpitos as guaritas, os Templos as fortalezas, 7. 1. Quão grande he o perigo do Prêgador se não prêga o que deve: & quão grande o dos ouvintes se prêgãdo o que deve o não executãdo. 7. 1. O que revela a hum Prêgador manda a todos que o prêguem. 12. 1.

Pretos. Os Pretos, ou Ethiopes são filhos da Virgê Maria, & alcãçãõ esta dignidade no Calvario, 14. 5. O que se entende não dos gentios, senão dos convertidos à Fè, & quantas graças devem a Deos, & à mesma Senhora por este grande beneficio. 14. 6. Vide Engenho.

Principe. Não ha de dar tudo em hũa dia para poder dar todos os dias. Dando tudo cuidãdo que ganhãdo a muitos, & perdê a todos; porque não ha Fè sem esperança, né firmeza sem dependencia. 2. 7. Vide Rey.

Peixe. Hum mais admiravel que a Balea de Jonas com notaveis circunstancias. 9. 5.

R

Razaõ. **Q**uem tendo razoens para negar não nega, não ha de ter razoens para conceder. 2. 3.

Rey El Rey David entre os grandes cuidados da Monarquia o teve da devoção, & salvação dos trabalhadores. 14. 6. **O Rey** q̄ toma as contas de sua fazêda por sua propria peffoa terã milhões a milhares. 13. 2. **Rey** côvertido por meyo Rosario q̄ não rezava. 6. per tot. Se os Reys não sabem ser bõs Reys, ao menos taibaõ fazer bons vassallos, & como. 6. 21. Para promover o culto Divino. & o serviço de Deos, são mais aptos instrumentos os Reys ainda que sejaõ mãos, que qualquer Ecclesiastico por muito bom q̄ seja. 6. 11. Da-se a razaõ disto. *Ibid.* Tem grande pezo os exteriores dos Reys ainda que lhes falte o interior da virtude. 6. 7. Porque do que os subditos vem nos Reys, tirãõ elles, & Deos grandes utilidades. *Ibid.* São os Reys como a Serpente de Moyses, que sô com servista saravaõ os que a viaõ, & são como o fogo da Çarça, que a mesma Çarça onde estava não queimava, & a terra onde não estava, santificava. *Ibid.*

Rogar. Se ha algũa coula que possa dar divindade não he outra senão o rogar. 2. 8. Vide *Maria*.

Rosa. Liliu no Livro dos Cantares, & geralmente na Sagrada Escritura segundo a propriedade Hebraea significa Rosa. 15. 1. A Rosa heprêgadora da brevidade da vidaa. 2. 7. Christo purga o mundo com rayos, a Virgem Maria com rosas. 5. 6. Sô as Rosas de Jericò eraõ compostas de dez folhas. 7. 2. Dos espinhos da primeira Heva colheo rosas a segûda 5. 1. O lavor do cãdelabro era esculpido de rosas, & torneado de contas. 1. 8. As rosas do Rosario rezado com mãos impuras cheiraõ mal a Deos. 1. 0. 5. Co-roas de rosas postas sobre a cabeça dos devotos do Rosario. 5. 6.

Rosario. Compõe-se de Oração vocal, & mental. 1. 1. A voz, ou oração vocal do Rosario he alta & altissima na consideração do que pede, a quem pede, & por quem pede, 1. 2. Anna Mãy de Samuel foy figura dos que rezaõ o Rosario. 1. 3. E tambem, & com maior perfeição Judith. 1. 5. A voz, ou oração vocal do Rosario sendo altissima no que diz, ainda he mais alta no modo, cõ que o diz 2. pertot, O Rosario só cõ seu nome he prêgador da brevidade da vida. 2. 7. Como se põe, & se deve, & se ha de rezar pelos ouvidos. 3. per tot. Rózar o Rosario pelos ouvidos não só he mais conveniente, & mais

util, senão totalmête necessario, sobpena de não ser Rosario. 3. 4. 5. 6. Rezar sô vocalmente, & não meditar he genero de descortesia, porq̃ conversando com Deos, he fallar tudo, & não ouvir. 3. 4. Os que assim rezaõ não são devotos: quando muito são rezadores, & por isso ou cegos, ou mercieiros. *Ib.* O q̃ mais agrada a Christo no Rosario he a meditação dos seus mysterios. 3. 5. O Rosario he collar de perolas enfiadas, mas se não se reza pelos ouvidos, faltaõ he à Espôsa as arreçadas. 3. 5. Quão efficaz seja a meditação dos mysterios do Rosario para Christo trazer a si as almas posto q̃ negligentes. 3. 5. O effeito desta meditação he acender os coraçõens em amor de Deos. 3. 6. O modo de meditar o Rosario he ver, o que Deos me diz em cada mysterio, & o que me argue, & reprende com elle. 3. 7. Praxe desta meditação. *Ib.* Não saber meditar, ou ter muitas occupações são as duas escuzas, porq̃ se deixa de meditar o Rosario. 3. 8. Ambas se convencem. *Ibid.* Todas as orações, que se rezaõ não por obrigação, mas por eleição propria, se devem converter em Rosarios. 4. 2. O Autor das orações, de q̃ se cõpõe o Rosario, he Deos, & de tal maneira se empenhou nesta grande obra todo Deos, q̃ todas as Pessoas da Santissima Trindade as repartiraõ entre si. 4. 3. O Rosario he

hum collar em fôrma de triângulo com rosas de tres folhas feitas de pedras preciosas em confirmação de ser obra da Santissima Trindade. *Ibid.* Daqui se segue q̄ nenhuma oração quacquer, & de quem quer que se jiã, se pôdem comparar com as do Rosario. 4. 4. Os que tezaõ o Rosario, nem podem errar no que pedem a Deos, nem Deos lhe pôde negar o que pedem. 4. 7. Razens porque Deos não pôde negar o que lhe pedimos no Rosario. 4. 7. 8. A vantagem, que faz a Virgem Senhora Nossa aos outros Santos, faz a oração do Rosario ás outras orações. 4. 8. Assim o declarou a mesma Senhora. *Ibid.* A devoção do Rosario he o meyo mais efficaç para guardarmos os Mandamentos de Deos. 5. per totum. O Rosario he freyo para o alvedrio, & roda de alcruzuzes para a graça. 5. 3. He composto de oração vocal, & mental: vocal, para pedir a graça: mental, para persuadir o alvedrio. *Ibid.* A virtude, que tem o Rosario para reduzir os homens a guarda dos preceitos divinos, prova-se nas pessoas particulares, nas familias, nas comunidades, & no mundo todo. 5. 6. Mudanças de vida por meyo do Rosario. significadas na de Saul. 5. 7. Ha pouca obliervancia dos Mandamentos de Deos, porque ha poucos devotos do Rosario; & posto que haja muitos que rezem, ha poucos, que o

meditem. 5. 7. Os louvores do Rosario são como os de Deos; que depois de se dizerem todos, ainda ha mais que dizer, & louvar. 6. 1. He tal a virtude, & efficaçia do Rosario, que não só faz Bemavêtuizlos os que guardaõ os Mandamentos de Deos, senão tambem os que os não guardaõ. E como. 6. per totum. O Rosario até não rezado pôde salvar peccadores. Exemplo raro. 6. 3. Ainda q̄ o Rosario seja de calãbucos, & as suas contas rosas, se os q̄ o rezaõ são mãos, não cheira bem a Deos. 6. 6. Arvore, que dava por frutos Rosarios, & como se pôde semear estas arvores mais por meyo do exemplo, que dos exemplos. 6. 7. He singular privilegio da Virgem Maria em quanto Senhora do Rosario revogar Deos por seu amor, & respeito todas as suas leys. 6. 10. O Iris de tres cores he figura do Rosario, & seus mysterios. 6. 10. Como tâbê as rolas de Jericò compostas de 50. folhas. 7. 2. Taõbem o cordão vermelho, cõ q̄ Rahab livrou os exploradores de Josuè. 7. 5. A boca dos q̄ rezaõ o Rosario he a janela, de q̄ o cordão estive pendente, & assim como Rahab, & os exploradores se livrãraõ da morte por meyo daquelle cordão, assim se salvaõ os q̄ se valem do Rosario. 7. 6. 7. Té o Rosario particular virtude para salvar meretricas, por isso Ocas, que representava a Deos, por manj

mãdado do mesmo Deos se ca-
 bou com hũa, & a comprou com
 quinze dinheiros, que significaõ
 os quinze mysterios do Rosario.
 7.7 Cõfirmase tudo com hum
 notavel exemplo. 8. O que faz a
 Igreja universal cada anno, faz o
 Rosario todos os dias. 8.2. 3. per
 totum. He o Rosario hum Zo-
 diaco, em que a volta, que o Sol
 dà em hum anno, dà elle em
 hum dia. São os dias do Rosario
 annos abreviados, & cada dia dos
 que o tezaõ composto de 375.
 dias. 8.2.3. A Igreja dà tantos
 dias aos mysterios de Christo,
 quantos são os mysterios, & o
 Rosario, quãtos são os dias. 7.4.
 A Igreja reparte os dias, & os my-
 sterios para se accommodar ao fa-
 stio dos homens, & o Rosario
 ajunta os mysterios, & mais os
 dias para se accommodar ao gosto
 de Deos. 8.4. Para recuperar os
 annos perdidos, & mal gastados
 não ha meyo mais efficaç, q̃ rezar
 o Rosario. 8.6. Qual deva ser a
 nossa primeira meditação, quan-
 do tomamos nas mãos o Rosario
 8.7. O Rosario assim quãto aos
 mysterios, como quanto às ora-
 ções nasceo em Nazareth. 9.2.
 Quão particular virtude tem cõ-
 tra as tempestades, & perigos do
 mar, 9.4.5.6. &c. Dividio-se em
 decadas, porque assim se dividem
 as ondas, quando mais furiosas.
 9.7. Para ser o Rosario bem re-
 zado não só se ha de rezar com a
 boca, senão com o coração, &

com as mãos. 10. per totum. As
 duas pontas do Arco celeste são
 Divindade, & Humanidade de
 Christo; a corda he a uniaõ hipo-
 statica, & dos mysterios huma-
 nos, & divinos, de que se com-
 poem o Rosario, se formaõ as
 settas, com que as nossas mãos, &
 os nossos corações ferem o de
 Deos. 10.3. Defeitos do Rosario
 rezado só com a bocca, & sem o
 coração. 10.4. Defeitos do mes-
 mo rezado só com a boca, & sem
 as mãos. 10.5. Os que rezaõ o
 Rosario tem obrigaçaõ de fallar
 como Deos, & de fallar como
 Anjos. 10.4. As rosas do Rosario
 rezadas com mãos impuras chei-
 raõ mal a Deos. 10.5. Tanta pu-
 reza se requer para rezar perfei-
 tamente o Rosario, como para
 entrar no Ceo, & para receber o
 Santissimo Sacramento. 11.5.
 Rezaõ o Rosario com dolo os
 que dizem nelle hũa cousa, & fa-
 zem outra. 10.6. O Rosario he
 hũa universal protestaçaõ da Fè,
 & nelle se refutaõ, & confundem
 todas as heresias. 11. per totum.
 Heresias confutadas nos seus
 mysterios. 11.3.4.5. Heresias
 confutadas nas suas orações. 11.
 6.7.8. Heresias confutadas na
 sua Cruz, & medalhas. 11.8. Cõ
 mayor extenãõ se confutaõ to-
 das as heresias no Rosario, que
 em todos os tres symbolos da Fè.
Ibid. Porque os Heresges sãõ con-
 tessaõ as Escrituras, & negaõ as
 tradições, consta o Rosario, &
 seus

seus mysterios de tradiçoens, & Escrituras. 11. 3. O Rosario he a funda de David: prometese por meyo delle a paz, & vitoria dos Portuguezes no Brasil, com a defenſa da Bahia, & recuperaçõ da Pernambuco. 12. per totum. As contas do Rosario se convertem em balas contra os inimigos da Fè. 12. 4. O Rosario supre, & acrescenta o numero dos soldados, & de que modo. 12. 5. As armas do Rosario pò jem nas menear todos, homens, mulheres, velhos, meninos, &c. 12. 5. E quando o numero dos soldados he inferior, faz que os poucos vençaõ aos muitos. *Ibid.* 6. 7. 8. Os soldados de Gedeão toraõ figura dos que rezaõ o Rosario: & Gedeão do seu fundador São Domingos. *Ibid.* 7. Quem quizer dar boas contas a Deos reze pelas do Rosario. 13. per totum. No Rosario mental valemo nos dos merecimentos de Christo, no vocal valemonos das orações, & intercessã de sua Mãy, & com estes dous cabedaes nos desempenhamos com Deos de todas as nossas dividas. 13. 2. Christo he devedor a sua Mãy em todos os mysterios do Rosario, & como elle he devedor a sua Mãy, & sua Mãy devedora a nõs, & nõs devedores a Deos, nos encontros destas dividas naõ podemos deixar de dar boas cõtas das nossas por sua intercessã. 13. 6. Prova-te com hum notavel exemplo,

Em previsaõ de q os Pretos haviaõ de ser devotos do seu Rosario os livrou Deos, & a Virgem Maria das brenhas, & cegueira da gentildade, em que morreraõ seus pays. 14. 6. Christo na Cruz naõ deu a Senhora nome de Mãy, & os devotos do Rosario a invocaõ nelle cento & cincoeta vez: scõ o nome de Mãy de Deos. 14. 7. Assim como Christo na Cruz orou tres vezes, mas brevemente; assim os q tẽ muito trabalho pò jem rezar o Rosario abreviado. *Id.* Aos Pretos, q servẽ nos Engenhos de açucar, pertencem do Rosario os mysterios dolorosos. 14. 8. Vide Engenho. O Corpo de Christo, q no Sacramento se come, no Rosario se digere. 15. 2. O Sacramento he o Rosario indigesto, o Rosario he o Sacramento digerido. 15. 3. O invento desta digestãõ foy obra verdadeiramente divina. *Ibid.*

S

Sacramenta. O Santissimo Sacramento he paõ sobre substancial, & nosso. E por q 1. 9. Entre as sette petiçoens do Padre nosso pedimos o Santissima Sacramento, para q posto como entre dous Emysterios nos fortaleça, assim nas tres primeiras que pertencem a Deos, como nas tres ultimas, que nos pertencem a nõs. 1. 9. He como o Solente

entre os sette Planetas, que posto no quarto Cbo allumia os tres de bayxo, & os tres de cima. *Ibid.* O Candelabro do Templo de Sala-
mão foy figura do Santissimo Sa-
cramento, & não se faz menção
da baze, porque estão nelle os ac-
cidentes sem foyeito. 1. 9. Christo
ho Sacramento falla, & mais quer
ser ouyido, que commungado, por-
que ouvido obra com mayor effi-
cacia. 3. 6. Christo no Sacramen-
to he sacrificio de cada dia, & por
esta circumstancia muito mais a-
gradavel a Deos. 8. 4. Excede
nesta circumstancia ao sacrificio
da Cruz, porque o da Cruz foy
de hum só dia, & o da Eucaristia
he de todos os dias. *Ibid.* Sendo o
Santissimo Sacramento por anto-
nomasia o mysterio da Fè, porque
não está expresso em nenhum dos
tres símbolos della? 11. 8. A cau-
sa porque em muitos que com-
mungaõ frequentemente se não
vem os effeitos do Santissimo Sa-
cramento, he, porque comemos
a Christo, mas não o digerimos.
15. 2. Commungado verdadeira-
mente o Corpo de Christo, dalli se
diffunde por todas as partes do
nosso, & lhe communica as suas
virtudes. 15. 2. O que no mesmo
Sacramento está indigesto, se di-
gere nos mysterios do Rosário.
15. 3. E para a nutrição da al-
ma he necessaria esta digestão. 15.
4. A memoria, entendimento, &
vontade são as tres potencias, com
com que se faz, & aperfeioa no Sa-

cramento a nutrição das almas.
15. 4. Antes de commungar, & de-
pois de commungar se haõ de medi-
tar, & rumar os mysterios do
Sacramento. 15. 5. Os que os me-
ditão, & rumião são só dignos de
o receber, os que os não medi-
tão, nem rumião, indignos. 15. 5.
Sensualidade. Os outros vícios podem
andar separados, & ainda encon-
trados, os da sensualidade, ou jun-
tos em si, ou encadeados apoz si,
sempre os traz todos consigo. 7. 3.
Esta he a besta do Apocalypse,
que tinha sette cabeças, & dez
pontas: sette cabeças, porque sen-
do hum só peccado domina em
todos sette, & oppoõdo-se a hum
só mandamento destrõe todos 10.
Ibid. Descreve-se a carroça da sen-
sualidade, em que vence, & tri-
unfa do mundo. 7. 4. Nas mulhe-
res assim como he mais afrontoso
este vicio, assim he mais pernicio-
so. 7. 4. Vide Mulher. Não está
segura a Fè, onde reina a sensua-
lidade. *Ibid.* Pelo peccado da sen-
sualidade, dos que chegaõ a ida-
de de o cometer são poucos, os que
se salvão, 7. 9.

T

Talento. **T** Alentos antigamente
significavaõ dinheiro,
& hoje o dinheiro he todos os ta-
lentos. 13. 2.

Tempo. Como se pôde relgatar o pas-
sado

fado, & recuperár o perdido. 86.
Vendemo-lo pelo peccado, & tor-
namolo a fazer noffo pela boa vi-
vida. *Ibid.*

Tentaçãõ. Porque não pedimos a
Deos que nos livre das tenta-
çoens, senão que nos não deixe
cair nellas. 1. 7. Como modera
Deos as forças do Demonio, &
tentaçãõ, para que a possamos
vencer. *Ibid.* Tenta Deos, tentão
os homens, & tentão os Demo-
nios, & para noffo mayor pro-
veito. *Ibid.*

V

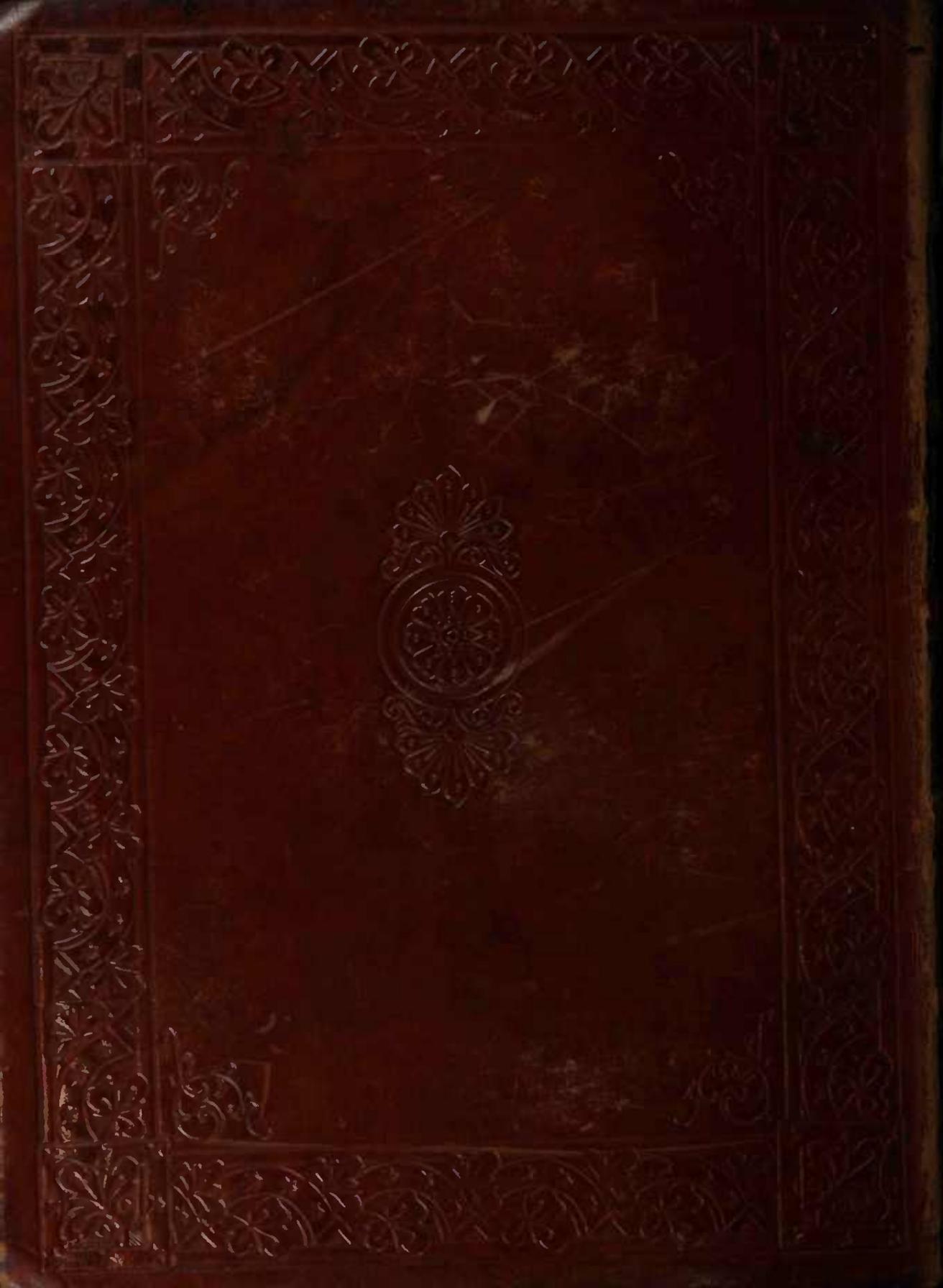
Vitoria. **M**Ais importou para a
vitoria a Josuè a Lua,
que o Sol, & como? 12. 4.

Vontade. Como se faz a vontade de
Deos no Ceo, & como o podemos
nós imitar na terra. 2. 5.

Voz. A vista tem mayor esfera, que
a voz, com que fallamos, mas a
voz, com que oramos, tem ma-
yor esfera, que a vista. 1. 3. Onde
chegão os Anjos com a vista, che-
gão os homens com a voz. 1. 3.

LAUS DEO.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).